



wu **无名** ming

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

54

WU MING





CONRAD EDITORA DO BRASIL LTDA.

CONSELHO EDITORIAL

André Forastieri

Cristiane Monti

Rogério de Campos

GERENTE DE MARKETING/PRODUTO

Dirceu Darim

GERENTE DE PRODUTO

Kate Souza

CONRAD LIVROS

DIRETOR EDITORIAL

Rogério de Campos

COORDENADOR EDITORIAL

Alexandre Linares

COORDENADORA DE PRODUÇÃO

Bete Abreu

DIREITOS INTERNACIONAIS

Luciana Veit

ASSISTENTES EDITORIAIS

Mateus Potumati, Jae HW,

Ameris Mari Saito e Alexandre Boide

REVISOR DE TEXTO

Lucas Carrasco

EDITOR DE ARTE

Marcelo Ramos Rodrigues

ASSISTENTES DE ARTE

Ana Solt, Jonathan Yamakami e Paolo Lembo

Copyright © 2002 Giulio Einaudi editore s.p.a., Torino
Copyright desta edição © 2005 by Conrad Editora do Brasil Ltda.

É consentida a reprodução parcial ou total desta obra e sua difusão por todos os meios eletrônicos para uso pessoal do leitor, desde que não tenha fins comerciais.

Capa: Harry Benson (foto)
Tradução: Romana Ghirotti Prado
Preparação de texto: Maria Cristina Simi Carletti
Revisão: Renato Potenza Rodrigues
Diagramação: Cláudio Luiz da Silva
Produção Gráfica: Priscila Ursula dos Santos (Gerente), Leonardo Borgiani, Alberto Veiga e André Braga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wu Ming
54 / Wu Ming; [tradução de Romana Ghirotti Prado]. — São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.
Título original: 54
ISBN: 85-7616-028-5

04-8370

CDD-410.92

CONRAD LIVROS
Rua Simão Dias da Fonseca, 93 — Aclimação
São Paulo — SP 01539-020
Tel.: 11 3346.6088 / Fax: 11 3346.6078
livros@conradeditora.com.br
www.conradeditora.com.br

A Gilberto Centi



Não existe essa história de “pós-guerra”.

Os tolos chamavam de “paz” o simples distanciamento do *front*.

Os tolos defendiam a paz apoiando o braço armado do dinheiro.

Atrás da primeira duna, os embates prosseguiam. Presas de animais imaginários cravadas nas carnes, o Céu repleto de aço e fumaça, culturas inteiras extirpadas da Terra.

Os tolos combatiam os inimigos de hoje alimentando os de amanhã.

Os tolos estufavam o peito, falavam em *liberdade, democracia*, em *nosso meio*, comendo os frutos de invasões e saques.

Defendiam a civilização contra sombras chinesas de dinossauros.

Defendiam o planeta contra simulacros de asteróides.

Defendiam a sombra chinesa de uma civilização.

Defendiam um simulacro de planeta.



I

Frente Iugoslava, primavera de 1943

SOLDADOS ITALIANOS!

O povo esloveno iniciou uma luta definitiva contra a ocupação. Muitos de seus companheiros de armas já tombaram nessa luta. E vocês continuarão tombando, dia após dia, noite após noite, enquanto forem instrumentos nas mãos dos nossos opressores, enquanto o último pedaço do solo esloveno não for libertado.

Seus governantes querem convencê-los de que o povo esloveno gosta de vocês, e só uns "pouquíssimos comunistas" estão oferecendo resistência. Isso é uma grande mentira. Na luta contra os ocupantes, todos nós, como Eslovenos, estamos unidos. Sob a direção do Comitê Nacional Esloveno de Libertação, todo o nosso povo está organizado em uma única e invencível Frente Libertadora.

SOLDADOS ITALIANOS!

Os seus superiores lhes escondem a terrível condição em que Mussolini deixou o "Império italiano", vendendo-o a Hitler. Escondem

que a Abissínia, pela qual Mussolini fez derramar tanto sangue de seus compatriotas, já escapou das mãos italianas. Escondem a situação sem saída das suas tropas em todas as colônias italianas na África. Escondem as baixas que essas mesmas tropas sofreram nos Bálcãs, o fato de que agora a Sérvia ocidental, Montenegro, a maior parte da Bósnia-Herzegóvina, Lika e áreas da Dalmácia são terras livres. Escondem as terríveis perdas e os sofrimentos impostos às tropas italianas, na frente russa, pela superioridade esmagadora das armas inimigas e pelo seu insuportável inverno. Escondem as desordens que surgem nas cidades italianas por causa da escassez crescente de mantimentos, pelos contínuos bombardeios da aviação inglesa, e o crescente descontentamento do povo italiano quanto à política do fazedor de guerras Mussolini, que está jogando a Itália no abismo.

SOLDADOS ITALIANOS!

Entendam vocês também que o povo italiano está cada vez mais consciente de que Hitler os empurra para todas as frentes — África, Bálcãs, França e URSS — a fim de que não ofereçam resistência em sua própria casa quando ele atacar a Itália “aliada” como atacou a “aliada Iugoslávia”. Entendam vocês também o que hoje qualquer cego consegue ver: que a Itália associada à Alemanha só pode ir ao encontro de uma terrível derrota no mar, na terra e no ar, imposta pelas forças unificadas da Rússia, da Inglaterra e de todos os povos do mundo que amam a liberdade.

Entendam, soldados italianos, que a única salvação para vocês, e para todo o povo italiano, é voltar as armas contra os que só causaram desgraças a vocês e a nós: a corja fascista de Mussolini! Não adianta só dizer que também condenam a bestialidade de Hitler e Mussolini, que também desejam o fim do fascismo e da guerra. É preciso provar com atitudes o amor que têm à liberdade e à paz, o ódio que sentem pelos opressores, que são

nossos e de vocês também, ou então fiquem esperando, como eles, a ruína.

SOLDADOS ITALIANOS!

O Partido Comunista da Eslovênia lhes diz:

Não obedçam às ordens de seus superiores, não atirem nos eslovenos, não persigam os *partigiani*^[1], mas rendam-se a eles, não imponham obstáculos à nossa luta libertadora!

Ataquem e desarmem a milícia fascista, os agentes da OVRA^[2] e todos os que incitam à luta contra o povo esloveno!

Destruam as forças armadas italianas, os depósitos de armas e mantimentos enquanto não puderem entregá-los à resistência, destruam os meios de transporte do exército italiano — caminhões, motos, cavalos, estradas, ferrovias etc!

Oponham-se ao envio de tropas italianas à frente russa, porque morrerão por causa do louco Hitler e seus serviçais. Peçam que as mandem de volta para casa!

Desertem do exército italiano, o nosso povo os ajudará com prazer! Entreguem as armas e munições à resistência e à Defesa Popular!

Juntem-se às unidades da resistência eslovena e ajudem com as armas em punho a abreviar a absurda carnificina da guerra, e poderão antecipar a volta às suas casas, às suas mães, mulheres e filhos, pobres e abandonados, e lá instituir uma verdadeira soberania popular.

VIVA A LUTA CONJUNTA DE TODOS OS POVOS CONTRA AS BARBÁRIES FASCISTAS!

VIVA A URSS E SEU INVENCÍVEL EXÉRCITO VERMELHO, DEFENSOR PODEROSÍSSIMO DA LIBERDADE E DO PROGRESSO!

VIVA STALIN, O GUIA DOS POVOS E DOS TRABALHADORES DE TODOS OS PAÍSES!

VIVA O PARTIDO COMUNISTA DA IUGOSLÁVIA!
MORTE AO FASCISMO — LIBERDADE PARA O POVO!

Comitê Central do
Partido Comunista da Eslovênia

No muro descascado, alguém tinha escrito SMRT FAŠIZMU com tinta vermelha.

Puseram-nos bem ali na frente, enfileirados.

De seus rostos, nada transparecia. Fechados, ausentes. Como as janelas do lugarejo.

O capitão gritou a ordem à companhia. Os militares italianos em formação, fuzis nos ombros. Quase todos reservistas. O oficial era o mais jovem, bigodes bem cuidados e o quepe cinza inclinado sobre a testa.

* * *

Os condenados ergueram os olhos para observar os rostos dos carrascos. Para ter certeza de que eram homens como eles. Estavam habituados à morte, até a própria, costume adquirido no decorrer de milhares de gerações.

Do outro lado, olhares baixos, sensações refletidas no espelho.

As duas fileiras se defrontaram imóveis, como estátuas abandonadas em um gramado.

Um dos condenados esfregou um pé na perna, gesto automático e grotesco.

O capitão se voltou para as casas e ordenou ao intérprete que se aproximasse.

— Os habitantes deste lugarejo abrigaram rebeldes comunistas! Os mesmos que ontem à noite assassinaram covardemente dois soldados italianos!

O intérprete traduziu.

— Vocês foram avisados! Quem der cobertura aos bandidos,

quem lhes oferecer proteção e os acolher é culpado de colaboração e pagará com a vida!

O oficial deixou que o intérprete traduzisse.

— Hoje, dez habitantes deste lugarejo serão fuzilados. Que isso sirva de exemplo para os que ajudarem os bandidos que infestam estas montanhas!

Quando o intérprete terminou, o capitão permaneceu parado, as botas plantadas no barro, como se esperasse uma resposta do grupo de casas mudas.

Nenhum sinal de vida. Até o ar estava parado.

Berrou:

— Companhia! Preparar!

Um movimento confuso percorreu a fileira de soldados, como se só alguns deles tivessem entendido a ordem e os outros estivessem apenas os imitando. Um fuzil escorregou de uma mão.

— Ordem, que diabo! Ordem!

Naquele momento, três soldados trocaram um sinal entre si e viraram os fuzis. Um para a cabeça do capitão, os outros dois para os camaradas dele.

— Parem todos! Aqui ninguém vai atirar.

O capitão empalideceu:

— Capponi, que porra você está fazendo? Farina! Piras! Mando vocês pra Corte Marcial!

Os outros soldados olhavam estupefatos. Os ombros se encolhendo, desconcerto geral.

— Capitão, jogue a pistola no chão.

— Isto é deserção, vocês enlouqueceram!

— Jogue a pistola, ou o Farina atira no senhor.

O oficial ficou imóvel, a arma apontada para a sua têmpora, os dentes cerrados de raiva. A velocidade dos pensamentos oprimindo o seu cérebro.

— Capitão, se jogar a pistola, nós o deixamos ir embora.

E o outro falou, sibilando:

— Capponi, eu sempre soube que você era um comunista de merda. E o que você pretende fazer? Diga! E vocês, que diabo estão fazendo aí plantados? Estão querendo ser fuzilados também?

Nenhuma resposta. Olhares se cruzaram sem encontrar nada a que se apegar. Nada que desse indicação sobre o que fazer. Só sabiam que, se desarmassem os companheiros, teriam que fuzilá-los com os outros.

A fileira se desfez, ficaram um pouco afastados, incertos sobre o que iria acontecer.

Os homens contra o muro mantinham os olhos arregalados na cena.

— Jogue a pistola.

O oficial estava com o maxilar tão cerrado que nem conseguia falar. Tirou a arma do coldre e a deixou cair.

Capponi a apanhou e enfiou no cinto.

— Pode ir — e voltou-se aos condenados: — Vocês também.

Fez um gesto com a mão e eles, incrédulos, um atrás do outro, começaram a correr na direção da montanha.

— Ouçam bem, vocês todos. Quem quiser ir também, eu, Farina e Piras vamos subir atrás dos rebeldes. Façam como quiserem, mas, como disse o capitão, se forem pegos pelos nossos, talvez sejam fuzilados por terem ficado só olhando. E fizeram muito bem, porque matar essa gente é coisa de canalhas.

Os três pegaram as mochilas e as colocaram nas costas.

— Espere aí, Romagna^[3], você nos colocou nesta situação, agora vai ter que nos tirar dela.

— Não, romano. Quem colocou você nesta situação foi o *Cavalier* Benito Mussolini. Agora cada um decide por si.

— E nós aqui, pra onde vamos?

Farina passou ao lado dele com uma caixa de munições tirada do caminhão que os tinha trazido:

— Podem ir lá pra cima também.

— Lá com os bandidos? Eles vão atirar na gente!

Capponi abanou a cabeça:

— Não se preocupe, eles não vão atirar. Venham atrás de mim.

— É, não se preocupe, ele diz — e se encaminhou, xingando, para o caminhão.

— O que você vai fazer? Vai com eles? — perguntou um dos

outros.

O romano encolheu os ombros:

— E eu vou ficar aqui? — apontou para o capitão. — Eu não confio nele. Na melhor das hipóteses, ele nos põe atrás das grades. É capaz até que sejamos fuzilados. Além do mais, nunca fui com a cara dele.

Pegou a mochila:

— Se a minha mulher me visse... Pro inferno com ela, o pai dela e... — enquanto virava, percebeu um movimento rápido do capitão, que arrancava alguma coisa do cinto do intérprete.

— Opa!!!

Vittorio Capponi atirou primeiro e o capitão voou ao chão, com a cabeça estourada. Uma coisa escura rolou ao lado dele.

— É uma granada!

Todos se lançaram ao chão, com as mãos na cabeça, sem respirar.

Não aconteceu nada.

Dali a pouco, alguém abriu os olhos.

Depois esticou o pescoço.

No fim, criou coragem e se aproximou.

Ficaram todos imóveis, como se estivessem encantados, contemplando o ponto em que jazia o corpo do oficial que poderia ter acabado com a vida de todos eles.

Alguém agradeceu a Nossa Senhora do Carmo o fato de as armas do Duce serem uma porcaria.

Outro cuspiu.

O intérprete ficou sentado com os braços erguidos:

— *No atirar, italianos! No atirar, mi innocente!* — mas ninguém lhe deu atenção.

Farina fez um sinal a Capponi para se mover:

— Vai, Romagna, vamos embora.

Os três entraram em largas passadas na trilha para o morro, com o sardo^[4] à frente.

O romano, sem convicção, foi atrás, tropeçando e virando várias vezes para espiar o cadáver, como se esperasse vê-lo se

levantar.

Os outros não disseram nada. Gestos desconsolados. No fim, um atrás do outro, pegaram as próprias mochilas e seguiram em fila indiana atrás dos primeiros.

II

Território livre de Trieste, 5 de novembro de 1953

O arquiteto e poeta Carlo Alberto Rizzi saiu de casa às dez da manhã. A barba negra perfeitamente aparada, altivo como se estivesse posando para um monumento eqüestre, olhou ao redor por um instante, ajeitou a tricolor^[5] enfiada sob o casaco e, finalmente, tomou o caminho para S. Antonio Nuovo onde, dali a pouco, os estudantes estariam reunidos.

O vento trazia um vozerio de longe, gritos e cantos. Era uma manifestação da cidade contra os abusos do general Winterton e pela restituição de Trieste e todos os territórios ainda não recuperados pela Itália. Os desfiles haviam sido organizados na noite anterior, com mensageiros correndo de porta em porta, fugindo do controle dos anglo-americanos que ocupavam a cidade há nove anos.

Nove anos, durante os quais Rizzi tinha enviado cartas aos jornais, apresentado pedidos às autoridades, declamado ardentes poemas patrióticos em teatros e cafés.

Rizzi, 46 anos, definia-se como “um daqueles liberais dos quais já se perdeu o molde”, e sofria com a sina da sua cidade, ocupada pelos alemães em 1943, por Tito em 1945 e pelos anglo-americanos pouco depois.

As grandes potências não queriam que os povos da Venezia Giulia, Ístria e Dalmácia escolhessem livremente o próprio destino, de italianos entre italianos. Trieste havia se tornado um limbo, chamado com desprezo de ridículo "Território Livre". Nem de um lado, nem do outro, nem carne, nem peixe: a cidade e os territórios ao norte haviam sido entregues ao Governo Militar Aliado e denominados "zona A"; ao sul dos confins comunais, a "zona B", administrada pela Iugoslávia. A humilhante imposição era sancionada pelo chamado "Tratado de Paz" de 1947. Mas paz de quem?

As ruas de Trieste eram patrulhadas pela polícia civil do GMA, cuja unidade móvel era apelidada "quinta coluna de Tito" pela violência com que reprimia as manifestações dos italianos. Quanto à zona B, Tito usava mão de ferro para apagar todo rastro de identidade itálica.

Era tempo de reconquistar a dignidade perdida. Talvez aquele 5 de novembro ainda se tornasse o dia da verdade.

Sem sono, incapaz de interromper suas reflexões, tinha esperado o amanhecer à janela do seu quarto.

Em 8 de outubro a esperança quase renasceu, com a promessa de devolver à Itália a zona A. Mas, em 3 de novembro, 36º aniversário da libertação de Trieste, o general John Winterton proibiu qualquer manifestação patriótica e comemorativa. Apesar da proibição, o prefeito Bartoli içara a tricolor no telhado do Paço Municipal. Winterton fez com que fosse arriada e apreendida, negando-se depois a devolvê-la à Prefeitura.

Em 4 de novembro, aniversário da vitória na Grande Guerra, Rizzi foi à manifestação de Redipuglia, primeiro lugarejo além da "fronteira". No cemitério militar, o povo reunido em grande número comemorava a libertação do domínio austríaco e aclamava o fim da submissão aos eslavos. Com os olhos marejados, Rizzi observara as delegações das cidades não recuperadas: Zara, Cherso, Lussino, Isola... Inesquecível. À noite, homens e mulheres, voltando de trem a Trieste, em vez de se recolherem imediatamente, desfilaram pelas ruas em pequenos grupos, que depois confluíam para uma grande manifestação espontânea. Na praça da Unidade, mais de mil pessoas

estavam paradas entre o Paço Municipal e o Café dos Espelhos. Saindo pelo portão da Prefeitura, um oficial inglês da polícia civil agrediu violentamente o porta-bandeira do grupo, arrancando-lhe das mãos a tricolor. Exatamente naquele momento chegou a unidade móvel, capas pretas e rifles, que havia levado os manifestantes. Estes últimos, incluindo Rizzi, defenderam-se arrebetando as cadeiras e as mesas do café e usando as pernas como porretes. No meio da confusão, Rizzi conseguiu recuperar milagrosamente a tricolor do porta-bandeira, que agora a carregava dobrada entre o paletó e o casaco.

Os tumultos prosseguiram diante do monumento a Verdi na praça San Giovanni, na praça Goldoni e avenida XX de Setembro, onde o povo havia invadido um cinema reservado aos oficiais ingleses. Por causa da grande desordem, uma caminhonete da polícia colidiu com um ônibus elétrico: dez policiais feridos.

Na rua das Torres, cujo asfalto estava sendo substituído, os manifestantes haviam tentado erguer uma barricada usando cavaletes e um rolo compressor. Às pedradas, os policiais responderam atirando para o alto, para em seguida romper o bloqueio com dez jipes e ainda contar com o reforço de furgões carregados de policiais.

Os confrontos se estenderam até os pórticos de Chiozza.

Ao todo, vinte pessoas ficaram feridas. Dezesseis foram detidas.

Os estudantes, e não só eles, decidiram descer até a praça na manhã seguinte. Todos os grupos se juntaram na frente do comando da polícia.

* * *

Em virtude das obras em andamento, a rua em frente à igreja estava toda arrebetada. No lado dos manifestantes havia carrinhos de mão, sacos de cascalho, algumas picaretas e vários pedaços de calçamento. Duas ruas desembocavam na praça, a XXX de Outubro e a Dante. O posto policial, na esquina da rua XXX de Outubro,

ficava perigosamente perto.

Entre os duzentos destemidos cercados pela unidade móvel, havia estudantes de segundo grau, universitários, algum velho irredentista^[6] e vários cidadãos apolíticos. Havia também ex-fascistas, mas, enfim, não eram italianos também?

A unidade móvel estava posicionada com jipes protegidos por redes metálicas, blindados, no mínimo trezentos homens com capacete de aço, cassetete, fuzil e bombas de gás lacrimogêneo. O aspecto deles era ameaçador, mas... era ou não era o momento da verdade? Rizzi desfraldava a tricolor e soltava gritos de arrebentar a garganta.

Em um determinado momento, um dos comandantes saiu da formação, aproximou-se do povo exatamente diante de Rizzi, olhando fixamente em seus olhos e agitando um chicote. Sem sombra de dúvida, era o mesmo provocador da noite anterior. Pálido feito um trapo, uma expressão mais fria que o vento gelado do inverno. O silêncio tomou conta. Sem desviar o olhar, Rizzi colocou o pano em seus ombros. Com uma pronúncia sofrível, o homem disse:

— *Estow é a únicow adwertência, não hawrá outras: despe'sem-se e vowtem pwa casa!*

Rizzi deu-lhe um tapão no peito que o fez cair para trás. Os policiais não conseguiram atacar imediatamente, porque os manifestantes os detiveram com uma salva de pedras e punhados de cascalho. Viu-se também uma picareta voando, que por poucos centímetros não atingiu o capô de um jipe. Aí o confronto começou, e o choque foi duríssimo.

Rizzi se viu correndo entre pontapés, socos, pauladas, coronhadas, insultos como "Son of a bitch!" (de significado desconhecido) e "Seu Deus é um cachorro!" (isso ele entendia bem), xingamentos em esloveno e sangue para todo lado. Junto com outras pessoas, conseguiu entrar em uma igreja e fechar as portas. Eram mais de trinta, ofegantes.

Lá estava também Enrico Pinamonti, magro e de óculos, professor do ginásio com idéias anarquistas. O que estaria fazendo aí? Rizzi mal o conhecia, nunca tinham passado do bom-dia e boa-

noite, e agora estavam sitiados juntos.

— Bom dia, Pinamonti.

— Olá, Rizzi. Tomara que seja mesmo um bom dia. Quem sabe!

Lá fora o barulho continuava — gritos, sirenes, pancadas contra a entrada da igreja. O pároco apareceu, ofegante.

— Mas o que está acontecendo?

A resposta partiu de um homem de meia-idade, com um lenço tricolor amarrado no pescoço:

— Padre, esta não é a casa do Senhor? Precisa nos dar abrigo, pois os que estão lá fora são piores que os alemães e os capangas de Tito juntos!

O sacerdote foi até a porta e gritou:

— Ouçam, eu sou o pároco. Aqui é território da Santa Sé, consagrado a S. Antônio Taumaturgo. É a casa do Senhor. Ao derrubar estas portas, vocês se tornarão profanadores. Suspendam as hostilidades e eu conversarei com as pessoas aqui dentro a fim de persuadi-las a sair sem mais violência.

— *O caralho que eu saio daqui se eles lá não forem embora!*

— disse um jovem de cabelos compridos.

— *Se é pra levar paulada, vou descer o cacete também!* — disse um outro, agarrando um longo candelabro de bronze e segurando-o como uma lança.

— O que você está fazendo? Ponha já isso no chão! Por que não ficou lá fora, se é tão valente? — gritou o sacerdote.

Do lado de fora, não se ouvia mais nada...

... Exatamente naquele instante, as portas foram arrombadas por um possante carro-pipa e um jato d'água atingiu logo os sitiados, abrindo caminho com força ainda maior. Vendo a igreja alagada, o padre ficou roxo e, se não fosse um religioso, com certeza teria blasfemado. Começou a gritar:

— Onde está o chefe de vocês? Quero falar com o seu superior! Imediatamente!

Ninguém o escutava, o massacre já havia começado. Dois estudantes tiveram o crânio rachado pela coronha dos fuzis. O sangue se misturou à água. O jovem que não se conformava em

apanhar sem bater rodou o candelabro no ar, depois baixou uma pancada no ombro de um policial, acertou outro no estômago e no fim foi dominado por pelo menos sete policiais, jogado ao chão e atacado a pontapés até parar de se mexer.

Todos os sitiados foram detidos e arrastados para fora. Todos menos Rizzi e Pinamonti.

Um instante antes da entrada da polícia, o arquiteto e o professor haviam se escondido em um confessionário. Escaparam da pancadaria e da detenção por muito pouco. Ficaram na sacristia falando do acontecimento, enquanto o sacerdote ia reclamar no Comando de Polícia, dizendo que a igreja havia sido profanada e que, mesmo que o mundo acabasse, ele a consagraria novamente naquela mesma tarde, diante dos fiéis e de todos os cidadãos.

— Bem esperto esse padre! — observou Pinamonti, e olhando para Rizzi, acrescentou: — Até que foi boa aquela bordoadada que você deu no comandante.

— Não foi bordoadada, foi um empurrão — esclareceu Rizzi, que já estava novamente mal-humorado.

Depois de um minuto de silêncio, Rizzi suspirou e declamou em voz baixa:

— *Pobre Pátria, dobrada pelos abusos de poder / de gente infame que não sabe o que é pudor.*

— Ah, claro, o senhor é poeta. Simpático, mas eu não fui à praça pela "pátria", por mais que isso possa parecer estranho. Eu sou internacionalista, não acredito em pátrias.

— Estava de fato me perguntando por que o senhor...

— Não posso ficar alheio a um protesto contra a violência policial. É só isso, porque não sou irredentista nem filo eslavo, e muito menos apoio Togliatti, que cada dia muda de idéia sobre Tito, de acordo com as diretrizes de Moscou.

— Acho que não entendi. Então, de que lado o senhor está? — perguntou Rizzi, piscando um pouco os olhos e passando a mão na barba.

— Na minha opinião, fique a cidade com quem ficar, continuará sempre a luta contra os patrões, de eslovenos e italianos, todos juntos.

— Então o que o senhor quer para Trieste? — perguntou Rizzi, curioso diante de um ponto de vista tão incomum.

— Em primeiro lugar, mandar embora Winterton e todo seu bando. Depois, sustentar a fraternidade internacionalista entre trabalhadores de língua italiana e eslava e rechaçar toda e qualquer reivindicação étnica ou patriótica. Já se falou até demais sobre tolices perigosas como solo e sangue, antes e durante a guerra. Sei que o senhor não concorda.

— E como poderia? O senhor compara os delírios do Führer sobre a pureza ariana ao legítimo desejo de reunificar as gentes italianas em um só país! Sou um velho liberal, sempre fui antifascista. Certamente não é por culpa minha que palavras como “pátria” foram desmoralizadas pelo uso que os demagogos fizeram delas. Pergunte aos cidadãos de Pola ou de Zara se não querem se libertar de Tito! Existem famílias desmembradas, diáspora... — A voz ficou estrangulada em sua garganta e Pinamonti aproveitou:

— Vamos deixar a Bíblia de lado! Palavras como “diáspora” só alimentam uma questão artificial. Os rancores afastam povos que, pelo contrário, deveriam se aliar na luta contra quem os explora. Meu caro Rizzi, não tenho dúvidas quanto à sua honestidade, mas a pátria que o senhor quer reunificar é a da burguesia, dos democratas-cristãos e dos patrões, que ontem eram todos fascistas e depois se cobriram com uma demão de democracia. Além disso, a polícia italiana não age melhor que a do GMA, muito pelo contrário. O senhor pensa que seria um progresso para nós, triestinos, se os que dão pauladas estivessem sob o comando de Roma, em vez do GMA? Isso é irracional. E, aliás, vou dizer que é exatamente graças a essas irracionalidades que o GMA administra melhor a repressão.

— Como assim? — interrompeu Rizzi. Ele queria ver até onde iria o acrobático raciocínio de Pinamonti.

— Trieste está dividida entre uma maioria italiana irredentista, uma minoria eslovena e uma minoria italiana “independentista”: uma boa razão pra enfiar na polícia italianos de outras províncias,

eslovenos e triestinos independentistas. Assim, policiais italianos reprimem as manifestações filoeslavas, enquanto eslavos e independentistas, como acabou de acontecer, batem nos italianos. É exatamente o ódio racial, que o senhor chama de “patriotismo”, o combustível da máquina do GMA, e talvez de qualquer outra máquina estatal.

— Mas o que o senhor é, um anarquista? Faz parte de que espécie de organização?

Pinamonti colocou a mão sob o casaco, tirou um jornal dobrado e o entregou a Rizzi. Era um periódico quinzenal, chamado *O Programa Comunista*. Rizzi o folheou, deu uma lida rápida, detendo-se por alguns minutos sobre o resumo de uma reunião do Partido Comunista Internacionalista, do qual Rizzi nunca tinha ouvido falar, realizada exatamente em Trieste no verão.

— O que é este Partido Comunista Internacionalista? O senhor por acaso é membro?

— Não exatamente, mas eles têm idéias muito parecidas com as minhas. Não estão do lado de Moscou, nem de Belgrado, odeiam Stalin e acreditam que a Rússia é um país capitalista.

— Estranho. Quem é o cabeça?

— Não tem nenhum cabeça, mas o expoente de maior prestígio é aquele Amadeo Bordiga que, em 1921, fundou o PCI, do qual foi expulso depois de alguns anos.

— Acho que já ouvi falar dele. De qualquer forma, meu caro Pinamonti, eu estava lá quando a Quarta Armada de Tito atirou no povo italiano, em 5 de maio de 1945. Suas análises são muito bonitas, mas, quando se trata de vida ou morte, é preciso assumir uma posição e acredito que Ístria, Fiume e a Dalmácia preferam ficar conosco, que falamos a mesma língua, em vez daqueles bandidos que se expressam com grunhidos e jogam as pessoas nas valas. Continue pensando como quiser, e eu continuarei usando as palavras que prefiro, inclusive “Pátria”.

Pinamonti permaneceu em silêncio por alguns segundos, depois encolheu os ombros e disse:

— Meu caro Rizzi, faça o que quiser, mas, porque é uma boa pessoa, quero avisá-lo que quem banca o patriota, aqui e agora, só

leva na bunda.

E, com esse forte comentário, a discussão terminou.

* * *

Às quatro da tarde, os sinos de S. Antônio chamavam o povo. O pároco reconsagrava a igreja ensangüentada. A escadaria e as ruas adjacentes estavam repletas de gente, o clima estava tenso e os jipes da polícia por perto. Depois de meia hora, o pároco saiu em procissão e, levantando a cruz, começou a benzer os muros externos. Silêncio. Os homens tiraram o chapéu. Todos fizeram o sinal-da-cruz.

Rizzi e Pinamonti, confusos entre o povo, observavam os ingleses, seus ares de desprezo, os dedos que tamborilavam nas armas. O oficial de sempre — segundo alguns, um tal de “major Williams” — ordenou a dissolução do “ajuntamento”. Nova chuva de cascalho, os fiéis procurando pôr um fim na confusão e o pároco tentando continuar a cerimônia. De uma rua lateral, rajadas de metralhadora para o alto... depois na altura dos homens!

Pânico: na correria geral, os feridos eram carregados nos ombros, mas a polícia mandava parar, para bater nos que prestavam socorro. Nos degraus viam-se grandes manchas de sangue. Pároco e fiéis fugiram para a igreja, mas a perseguição prosseguiu até o altar, os hidrantes inundaram a nave, ouviram-se gritos: *Tem gente morta! Tem gente morta e Malditos, eles querem nos matar.*

Rizzi perdeu Pinamonti de vista, depois perdeu a tricolor. No fim, levou um tiro na zona perianal, que atravessou sua nádega direita e saiu rente à ligação do fêmur. Pinamonti se deu bem levando só uma paulada e alguns chutes nos rins.

Morreu um rapaz de 16 anos, com um tiro no coração. Chamava-se Pierino Addobbati, diziam que era filho de um médico exilado de Zara. Todos se lembraram de sua fita tricolor na lapela encharcada de sangue. Morreu também Antonio Zavadil, camareiro de navio de 60 anos, de proveniência checa naturalizado triestino. Doze sofreram ferimentos graves e uns quarenta foram detidos. A

polícia destruiu as sedes do MSI^[7] e da sociedade esportiva "La fiamma", para fingir que havia reprimido uma manifestação neofascista.

Os correspondentes italianos dos jornais britânicos, em suas reportagens, falaram de "ações de desordeiros" e de "gangues neofascistas".

De Roma, o presidente do Conselho Pella encorajou os triestinos a "manter a calma dos fortes".

No dia seguinte foi proclamada uma greve geral. A tensão cresceu até que, em torno das dez da manhã, recomeçaram os confrontos e o tiroteio. Na esquina da rua Mazzini com a rua Milano, os manifestantes tombaram e incendiaram um jipe da polícia. Sedes de associações eslovenas e independentistas foram invadidas e destruídas. Alguém lançou uma granada contra a Prefeitura. Na rua do Teatro, a polícia abriu fogo até contra as pessoas debruçadas às janelas. Naquele 6 de novembro, a polícia matou outras quatro pessoas e feriu trinta.

Quando Rizzi soube dos acontecimentos, estava de bruços em uma cama de hospital, humilhado e prostrado e, mais que na pátria, pensava em sua bunda.

Aquele Pinamonti ou era um profeta, ou dava azar.

III

Ao redor do mundo, 25 de dezembro de 1953

Substância que relaxa coração e esfíncter, néctar que acalma rebeliões nos músculos, conto de fadas para ossos e articulações. Fruto imaturo de *Papaver somniferum*. Mão de turco, mão de laosiano, mão de birmaniano. Pulso firme, lama que entalha, látex que exposto ao ar coagula. Pasta marrom que gruda nos dedos. Filamentos e pontas de dedos, crianças que brincam com resina de pinho.

Chandu, ópio preparado. Tijolos que enchem caixas, que abarrotam veículos, que chegam aos aviões ou navios à espera. Agentes alfandegários complacentes, olhos fechados de exércitos e Estados, investimentos através de bancos. Um quilo de ópio vira 100 gramas de morfina, que viram 120 de heroína pura, que é misturada a talco, pó de gesso, e sabe-se lá o que mais.

Cada dólar gasto em ópio rende 5 mil.

Mercadoria com a qual todo comerciante sonha, aditivo pelo qual todo sistema circulatório anseia.

Rotas cruzadas. Da Turquia à Sicília através da Bulgária e Iugoslávia. Da Sicília a Marselha. Da Indochina a Marselha em navios dos Legionários. De Marselha à Sicília.
Do Mediterrâneo à América.

"A Operação França"

A gravata aperta o braço. A agulha enfiada rapidamente na cavidade do cotovelo rasga a veia, bem visível debaixo da pele escura. Esguicho de plasma, eritrócitos, leucócitos, inúteis plaquetas pulando para o mundo exterior. O xingamento chama à causa o Criador. Ninguém o escuta.

Deixe o Criador pra lá.

E as baratas, atrás dos rodapés.

Mas o Criador, será que existe mesmo? E as baratas não têm ouvidos.

Corpo: invólucro de tremores e sobressaltos, nem um músculo que cumpra o próprio dever sem se queixar. Sangue de morto em pé, cheiro de gengivite aguda, suor frio.

O músico aperta um lenço sobre o furo. Suspira. Amarra a gravata no outro braço. É difícil apertar o êmbolo da seringa. A mão que você menos usa parece pertencer a outra pessoa. O cérebro não sabe comandá-la. "Calma, calma, respire e tente outra vez."

Pronto, sem problemas. Soro quente iniciando a corrida.

Euforia e bem-estar, um polegar depois o outro.

Solta a gravata comprada na Brooks Brothers.

Silencioso peido de beatitude. Sorriso. "Feliz Natal."



PRIMEIRA PARTE

ŠIPAN.

Capítulo 1

Nápoles, Hipódromo de Agnano, domingo, 3 de janeiro de 1954

Magione foi o primeiro a sair para o cânter, o desfile de apresentação, com o cavaliariço que vestia as cores azul e ouro do haras. Começou a girar, abanando o pescoço, como querendo aliviar a tensão. Quatro anos de puro-sangue ruivo, focinho delgado e sutil. Em 53 tivera uma boa temporada, muitas classificações e duas vitórias. Em seguida, os cavaliariços introduziram os outros animais, soberbos, um metro e oitenta até o cangote, o hálito que se perdia no ar pungente da tarde. Giuseppe Marano acariciou o pescoço de sua Ninfa, favorita absoluta, mesmo sabendo que ele era o mais nervoso dos dois. Lançou um olhar de interrogação aos espectadores, depois completou a volta controlando os acabamentos pela enésima vez. A égua bufou a poucos passos de Lario: não simpatizava com os machos. Depois Verdi, Augusta e Redipuglia, todos também muito bonitos, mas candidatos no máximo a uma classificação, exceto Augusta, que em chão pesado poderia se sair bem. Até o dia anterior, antes do céu aberto daquele domingo de inverno, em Nápoles tinha chovido muito e a pista continuava enlameada. Monte Allegro, o mais nervoso do grupo, chegou bufando e repuxando as rédeas, sem atender ao chamado do treinador, que parecia estar sussurrando alguma coisa para acalmá-lo. Nenhuma novidade: Monte Allegro era daqueles animais difíceis

de controlar, que devoram os primeiros mil metros e chegam se arrastando à reta de chegada.

Na tribuna, Salvatore Lucania acendeu um cigarro e observou o vento levar embora a primeira baforada de fumaça. Tinha tirado as luvas e agora estava quase arrependido: o frio era intenso. Virou-se para o *Cavalier De Dominicis* e disse:

— Mas esta não é a cidade *d’o sole*^[8]? Caralho, até parece que estamos em Nova York, de tanto frio!

O *Cavaliere* riu, e o grupo ao redor lhe fez eco. Lucania se fechou no casaco de camelo e continuou a fumar.

Os dois repórteres se aproximaram com o bloco na mão.

— Senhor Lucania, dizem que Eduardo está interessado em fazer um filme sobre sua vida. O senhor esteve com ele?

— De Filippo? Não. Ótima pessoa, grande artista, mas não vão deixar que faça aquele filme. Eu sei disso.

— Diga, quem o senhor escolheria para interpretá-lo na tela?

Lucania arrumou os óculos.

— Cary Grant, *of course*. Entre os italianos, gosto do Amedeo Nazzari.

Foi um olhar explicitamente sinistro que convenceu a imprensa a parar por aí. O responsável pelo olhar era Stefano Zollo, com seu pescoço de boi apertado na gravata estreita, ao lado de Victor Trimane, preocupado que o vaivém das pessoas pudesse aborrecer o chefe.

— Os cavalos estão entrando na pista — anunciou o locutor nos alto-falantes.

Os jóqueis, já na sela para o aquecimento, fizeram os cavalos mexer as pernas para experimentar a pista. Ninfa parecia uma princesa branca no meio dos mouros. Marano prendeu o chicote ao pulso e enterrou o boné na testa. Lario sentiu cheiro de fêmea e sacudiu a cabeça. Depois passaram Verdi e Magione, em seguida Augusta e Redipuglia. Por último, Monte Allegro: o cavalo negro mantinha a cabeça erguida, dentes à vista e Cabras, o jóquei sardo, penava para mantê-lo tranqüilo: conversava com ele e o acariciava, sem obter muito êxito.

Saverio Spagnuolo esperou que o rapaz voltasse com as cotações das apostas. Ele chegou feito uma bala e sussurrou aos seus ouvidos:

— Savé, Ninfa está pagando metade.

Spagnuolo aprovou e se voltou para o sujeito perto dele:

— Compadre, Ninfa é favoritíssima, posso dá-la a você a setenta por cento, não mais. Mas tem outros cavalos, se quiser, e lá as cotações são altas.

O sujeito, apertando-lhe a mão, passou um maço de notas enroladas:

— Está querendo me fazer de bobo? Setenta por cento está bom. Na vitória de Ninfa.

— Às ordens. Fique tranqüilo.

O *bookmaker* clandestino olhou novamente os cavalos que batiam pernas na pista e se lembrou das ordens: manter as cotações baixas, o máximo possível.

Rabiscou o caderninho de anotações com alguns hieróglifos convencionais e o colocou no bolso. Depois mandou o rapaz voltar às apostas.

— Vinte mil em Ninfa a quatro quintos.

— Setenta por cento.

— Mesmo com pista lenta? — questionou o apostador, para convencê-lo a subir a pule.

— Setenta por cento, um bom negócio. Se não quiser, nas apostas oficiais é cinqüenta por cento, metade.

Spagnuolo pegou as notas e as contou rapidamente, rabiscou mais alguma coisa e rasgou uma tira de papel.

— Cinco mil em Ninfa.

O juiz da corrida deu o sinal para encaminhar os animais até o partidor. Magione entrou primeiro, seguido de Augusta. Marano segurou Ninfa até que Lario entrasse. Monte Allegro ainda estava disperso, dando um pouco de trabalho ao jóquei. O nervosismo contagiou também Verdi e Redipuglia, que começaram a bufar e repuxar as rédeas.

Gennaro Iovene fechou a maleta com os instrumentos veterinários, encaminhando-se para a saída da estrebaria. A intensa

luz do lado de fora o ofuscou. Hesitou por um instante, depois foi pela alameda à direita, na direção das pistas, vendo ao longe os cavalos que entravam no partidor. O homem de casaco preto, mãos no bolso, estava de costas para o circuito.

Iovene se limitou a acenar com a cabeça e, quando o outro acendeu um cigarro, soube que o sinal tinha chegado a seu destino.

Continuou sem virar, ouvindo o barulho do público que ia crescendo.

— Já vai ser dada a largada. Um minuto para o fechamento das apostas no totalizador — ecoaram os alto-falantes.

Marano segurou Ninfa com firmeza. A fêmea esticou o focinho para fora dos portões. Estavam todos dentro, menos Monte Allegro, que ainda opunha resistência. Com fortes golpes nos flancos e a ajuda de alguns serventes, Cabras conseguiu fazer com que entrasse.

Cassazione estava batendo com os pés no chão quase como o cavalo moreno que entrara por último. Nervoso, não parava de fungar. Ao lado dele, Kociss não se sentia tranqüilo, com todo aquele dinheiro no bolso. Era mais do que ele já havia contado em seus vinte anos de vida. Fizeram um sinal aos que os esperavam diante das mesas de apostas, passando-lhes rapidamente o dinheiro. Os quatro partiram em unísono, enfiando-se entre as pessoas que assediavam os *bookmakers*. Kociss esticou um maço de notas:

— Cem mil em Monte Allegro!

O *bookmaker* esticou o pescoço:

— O quê?

Mais alto:

— Cem mil em Monte Allegro!

O mesmo aconteceu nas outras três mesas. Os *bookmakers* viraram-se em um só movimento para reescrever a cotação nas lousas. De sete a dois e meio. Tinham conseguido.

Kociss partiu feito um rojão para o totalizador, dentro do edifício coberto, empurrando alguns apostadores. Chegou ao guichê no último segundo:

— Cem mil no número seis, Monte Allegro.

A caixa nem piscou e entregou a pule. No totalizador, a

cotação de Monte Allegro baixou de 180 liras para pouco mais de noventa.

Kociss sorriu para Cassazione.

— *Iamm*^[9].

Os portões se abriram com um único rangido metálico, lançando os animais na pista.

— Partiram! — trovejou o locutor.

Saverio Spagnuolo os viu passar em disparada. Apertou o dinheiro amassado nos bolsos e pediu em oração à sua mãe no céu que tudo acabasse bem.

Magione abriu rapidamente dois corpos de vantagem, logo na entrada da curva. Marano o deixou ir, mantendo Ninfa um pouco afastada, em seu rastro. Verdi vinha logo atrás, com Redipuglia ao lado, na frente de Lario e Augusta, Monte Allegro beirando a cerca.

Iovene parou a poucos metros do portão. Disse a si mesmo que era por curiosidade de assistir à corrida, mas sabia muito bem que era medo. Medo de que alguma coisa desse errado. A cada momento tinha a sensação de que a maleta estava escorregando da sua mão suada, ou que alguém a estivesse arrancando dele. A seringa lá dentro valia 250 mil liras. Engoliu em seco.

Nos mil metros, Ninfa começou sua recuperação, perseguindo Magione, que continuava na ponta beirando a cerca, até alcançá-lo. Augusta e Lario começaram a perder metros, não encontrando terreno para o galope. Cabras manteve Monte Allegro próximo da cerca, encurtando a distância dos primeiros e ultrapassando Verdi por dentro. Marano se virou para controlar a situação e viu o cavalo negro ganhando terreno até ficar logo atrás de Magione. A única coisa que conseguiu pensar, a quatrocentos metros do disco final, foi: AINDA NÃO.

Kociss e Cassazione estavam plantados na linha de chegada, prendendo a respiração.

A duzentos metros do disco, Ninfa, lançando-se à frente, abriu levemente para a esquerda, já com mais de um corpo de vantagem sobre Magione. Cabras, feito um raio, enfiou o focinho de Monte Allegro no vão que se abria. Marano percebeu que o momento era

aquele, agitou os cotovelos como se pedisse o máximo da égua, mas na verdade conteve o seu impulso. Viu Monte Allegro aparecer ao lado e colocar o focinho à frente, até cruzar o disco final com uma cabeça de vantagem.

Salvatore Lucania recebeu o avanço final com um sorriso contido enquanto todos, ao redor e também lá embaixo, na arquibancada, enlouqueciam de raiva e incredulidade. Monte Allegro em primeiro, seguido por Ninfa, Magione e Redipuglia.

O *Cavalier* De Dominicis aplaudiu:

— Meus parabéns, Don Salvatore, ganhou outra vez.

Lucania concordou, serenamente:

— O que posso fazer, todos gostam de mim. Até a sorte!

O grupinho ao redor aplaudiu e riu em uníssono.

Stefano Zollo permaneceu impassível. Só se mexeu quando Lucania decidiu que havia chegado o momento de descer.

Após terem retirado um monte de dinheiro, Kociss e Cassazione sentiram que o nervosismo já ia baixando e relaxaram com uma risada que os impediu de falar por alguns bons segundos. Ao alcançar o grupo, voltaram a ficar sérios. Zollo pegou os maços de notas e fez sinal de desaparecer, mas o chefe interveio:

— Não... por quê? São bons *guaglioni*^[10], não é assim que se diz? Bons *guaglioni*! Vamos dar a eles um belo presente, Steve, eles fizeram por merecer!

O guarda-costas foi passando o dinheiro aos dois jovens, olhando para o *boss*, até que este parou de concordar.

Os dois garotos de recado olharam para as notas sem coragem de segurá-las. Cinco mil liras. Cada um. Zollo disse:

— Sumam.

Caíram fora, entusiasmados com o dinheiro e pelo fato de o grande chefe ter lhes concedido a honra de sua atenção.

Enquanto o *Cavaliere* se despedia com várias reverências, Zollo entregou o envelope ao homem de casaco preto, dizendo:

— A cada um a sua parte.

Foi naquele instante que a bofetada aconteceu. Zollo a percebeu pelo canto do olho, vinda de um cachecol branco e

chapéu. O homem jovem, menos de 30 anos, bem vestido, tinha metido a mão na cara do chefe. Não foi uma bofetada violenta, e sim um gesto de desafio, de insulto. Virou-se para agarrá-lo, para acabar com aquele louco idiota, mas dom Salvatore Lucania, conhecido no mundo inteiro como Charles “Lucky” Luciano, o fulminou com o olhar: não reaja.

Ficou imóvel, os olhos fixos no idiota que estava brincando com fogo. Gravou aqueles rostos na memória. Eram dois e ainda tinham a coragem de fitar Luciano diretamente nos olhos, antes de serem afastados pela intervenção de todo o séquito.

Lucky Luciano esboçou um sorriso. Um sorriso que Zollo conhecia bem, aquele com o qual podia convidar alguém ao próprio funeral:

— *Don't worry*, é molecagem, coisa à toa! Saber perder é coisa que se aprende com a velhice, amigos. Vai ver que a sorte gosta mais dos velhos aposentados como eu!

Palavras que dissiparam a tensão apenas parcialmente.

Zollo cerrou os dentes enquanto saíam.

Capítulo 2

Bolonha, Zona de S. Donato, 4 de janeiro

De um frio como esse, só os mais velhos lembram. É coisa de bem antes da guerra, quando muitos de nós eram recém-nascidos. Em todos os bares de Bolonha, o termômetro é o assunto da vez. Longas discussões, para não dizer brigas, sobre o inverno mais frio do século, como se falar disso perto do fogareiro afastasse os arrepios e a gripe.

No bar Aurora, até outro dia, a maior parte de nós afirmava que, apesar de tudo, os primeiros dias de fevereiro de 32 tinham sido os mais frios de que os homens podiam se lembrar. Mas, ontem, o *Carlino* escreveu que há setenta anos não se registravam treze graus abaixo de zero em Bolonha. De imediato, alguém tentou contestar dizendo que o *Carlino*, como todos sabem, quando não tem notícias, as inventa. Além do mais, *L'Unità* não mencionava nada disso. Da sala do bilhar alguém gritou que viessem contar a ele aquela história, porque em 32 a porca dele tinha morrido de frio, e aquilo significava que a temperatura era, no mínimo, de quinze graus abaixo de zero.

No fim, Garibaldi, um dos mais velhos e que com seus 75 anos ainda não está esclerosado, resolveu a questão.

— Treze graus, eu me lembro bem, tinha uns 7 anos. Dizíamos “Um frio de Matar”, por causa da Morte, no Tarô, o treze. Se a porca

do Bortolotti morreu em 32, é porque, antes da guerra, ele estava em Vergato e lá faz mais frio que na cidade.

Quanto ao frio, portanto, chegamos a um veredicto. Então, de uns dias para cá os discursos passaram a se concentrar na neve, porque isso significa julgar o trabalho de limpeza urbana e, conseqüentemente, da administração pública. Aí, não depende de ser comunista ou qualquer outra coisa: é evidente para todos que as ruas estão em um estado deplorável, e alguém sempre acha um jeito de expor sua opinião sem pôr a culpa no prefeito Dozza. Isso porque, no fundo, ninguém gosta de dar o braço a torcer aos reacionários do *Carlino*, que a cada dia arrumam a foto de alguma rua e colocam em cima um título sensacionalista.

— Vou dizer uma coisa, porque minha memória ainda é boa — diz Gaggia, enquanto arruma as quinze cartas. — O inverno de 27 foi bem pior, me lembro dos pórticos que pareciam galerias, com a neve amontoada de um lado chegando até os arcos.

Garibaldi abana a cabeça, fecha as cartas e termina o último gole de grapa. Depois ergue o olhar e o copo vazio na direção de Capponi, do outro lado do balcão, que não vê porque está muito ocupado na briga com o irmão.

— Deixe a memória pra lá — retruca Bottone. — É que em 27 ainda existia alguém que tirava a neve com a pá. Experimente amontoá-la agora, na rua Saragozza, e verá que só com aquela você monta o pórtico de San Luca do outro lado da rua também!

Bate a mão na mesa diante de Walterún, que não decide o que descartar:

— Vamos lá, meu caro, que esta rodada vai ser nossa.

E, de fato, assim que o outro baixa as duas cartas na mesa, Gaggia, parceiro de Bottone, mostra quatro rainhas e parte com 28 pontos declarados.

— Precisa ter muita coragem! — diz Bottone enquanto corta o jogo a dinheiro. — Diga, o que o prefeito tem a ver com a neve pela rua? Não, me deixe entender, é ele quem escolhe os que devem amontoar a neve?

Gaggia ameaça responder, mas Bottone desata a falar:

— Não, porque aqui parece que só tem gente do Partido. Mas

todos sabem que quem ajeita a neve é uma cambada de vagabundos, bons pra mandar queimar, que não querem fazer coisa nenhuma — concentra-se no jogo, depois recomeça. — E por que se admirar? Ainda existe alguém neste mundo que faça bem o próprio serviço? Não. Nós somos quase todos honestos aposentados, e temos que agradecer pelas 5 mil liras por mês, enquanto outros ganham meio milhão pra ficar esquentando a cadeira.

O tom da voz aumenta, a voz treme, os olhos claros vão ficando arregalados.

— A sorte deles é que somos velhos, meu bom Deus — neste ponto, como sempre, o dedo começa a tamborilar na mesa —, se eu tivesse um botão, apertaria e faria detonar uma bombinha atômica pra acabar com todos eles. Pode ser que atinja algum inocente também, mas eu apertaria assim mesmo, com certeza — ele está quase berrando, lança na mesa o rei de copas, que Garibaldi pega.

No baralho, Bottone é um dos melhores do bar. Todos nós sabemos que é quase impossível que ele erre uma jogada, e o jeito é esperar que fique nervoso, porque quando começa com o discurso da bomba atômica e do botão, pode ser que desperdice uma mão inteira. É um discurso que surge pelo menos uma vez ao dia e que ele encaixa, com o dedo tamborilando na mesa, nos mais variados assuntos: o do cogumelo atômico anulando as injustiças. Eis por que Rino Gualandi é conhecido como Bottone^[11].

Quanto à neve, o único que não dá palpite é Walterún. Um pouco porque precisa se concentrar nas cartas, já que não é exatamente um campeão, mas acima de tudo por ter vivido dezessete anos em Manfredonia, perto de Bari, depois trinta em Milão como operário, vindo para cá só há doze anos. A opinião dele conta, claro, mas só como conversa, porque quanta neve havia na praça do Duomo^[12] em 28 só nos interessa por curiosidade. Além disso, é preciso dizer que suas histórias de Milão não são sempre claras, assim como aquela de quando era jovem e atravessava o povoado de bicicleta indo ao trabalho e os outros rapazes o cumprimentavam berrando “Walterún, Walterún” e nós pensamos que podia ser alguma coisa como Waltão, porque o Walter

Santagata tem dois ombros deste tamanho e pelo menos um metro e oitenta de altura. Mas, quando ele conta o caso, percebemos uma certa amargura e não conseguimos entender se é saudade ou alguma outra coisa.

De qualquer forma o tempo, o passado ou a temperatura é o assunto dos velhos que fazem do bar Aurora uma segunda casa, seja para um carteadado ou para jogar conversa fora. Os que ainda trabalham vão à sala de bilhar e falam de esportes e mulheres. Mas não importa o que se discute, ou quem participa, basta observar sempre a Regra: é proibido falar em voz baixa. Se quiser cochichar em um canto, que vá até o padre para confessar e não venha aqui, porque não interessa a ninguém. Aqui a conversa é sempre a três, a quatro, às vezes o bar inteiro participa, porque há questões como o ciclismo ou a política que inflamam os ânimos e fazem levantar a voz. E são raras as vezes em que alguém se aborrece e não aparece por algum tempo: nós nos lembramos de todas, assim como daquelas, ainda mais raras, em que alguém bebe um pouco a mais, levanta a mão, dá um empurrão, uma bofetada e os mais sóbrios precisam intervir. Como quando, em 48, Stalin expulsou Tito do Cominform^[13] e ficamos todos aqui discutindo, com a porta baixada pela metade, até o dia clarear.

Os mais jovens, pelo contrário, nunca falam de nada. Fingem aparecer por acaso, de passagem, por isso nem tiram o casaco, mesmo quando não vão a lugar algum. Bom, alguns vão, os *filuzzi*^[14] que chegam dando a impressão que saíram de um filme americano, com capa de chuva e fumando cigarro sem tocá-lo com as mãos, dando a impressão que vão pedir um uísque, mas no fim tomam um simples aperitivo nacional. Eles sim, depois vão dançar e alguns fazem até apresentações, coisa de envergonhar Fred Astaire. Nós gostamos quando eles passam por aqui para tomar um gole, antes de ir dançar, e nos sentimos todos um pouco como aqueles homenzinhos com as toalhas nos ombros que massageiam os pugilistas antes da luta. Isso porque Robespierre Capponi, para todos Pierre, é o melhor bailarino das redondezas, do bairro, e talvez de Bolonha. E Nicola fica uma fera quando volta tarde e na manhã

seguinte não consegue acordar, mas sabe que temos orgulho do fato de o Rei da *Filuzzi* ser do nosso bar e nos servir a bebida.

Nicola Capponi, para nós sempre e somente Capponi, com aquela voz de além-túmulo, é melhor não deixá-lo puto. Quando chega a hora de fechar, grasna alguma coisa, espana a poeira e começa a pôr as cadeiras viradas em cima das mesas. Então os que ficaram até tarde se levantam e vão para casa, mas quase com tristeza. Se o bar não fechasse nunca, acho que ficaríamos lá para sempre.

Capítulo 3

Base aliada de Agnano, Nápoles, 6 de janeiro

Chegou pouco antes do Natal. Um presente para a tropa, o ponto alto do novo clube. Depois *Merry Christmas, Happy New Year*, a volta para casa, férias: os trabalhos foram suspensos e ele ficou aí, fazendo companhia a duas poltronas, uma mesa, uma velha *jukebox* e a foto do presidente pendurada na parede.

Mas que merda de situação! Ficar sem fazer nada era realmente enervante. Dúvidas e hipocondrias diminuía a própria confiança. Será ainda capaz de fazer o que deve direito? Conseguirá funcionar aqui, tão longe de casa? Voltará a divertir as pessoas, a informá-las com o noticiário, a comovê-las? McGuffin não tinha respostas. Seu consolo era pensar nas glórias passadas e, de vez em quando, para não deixar morrer a esperança, espiava pela porta esperando que alguém viesse cuidar dele.

Terminada a sua montagem em 16 de fevereiro de 1953 nas fábricas da McGuffin Electric, em Pittsburgh, Pensilvânia, foi um dos primeiros modelos *Deluxe* produzidos pela empresa. No fim do mês, a família Bainton o comprou em uma loja de eletrodomésticos de Baltimore. Desde o início, McGuffin se revelara um televisor fora do comum. Em 5 de março, com menos de um mês de vida, tinha surpreendido o dono da casa com a sensacional notícia da morte de Iosif Visarionovich Djughashvili, mais conhecido como Stalin. Graças à

tela de luminosidade fisiológica, ninguém da família tinha cansado os olhos seguindo a interminável transmissão ao vivo da sentença contra Ethel e Julius Rosenberg, acusados de espionagem a favor da União Soviética e condenados à morte. No cinescópio retangular de 17 polegadas, até a vovó Margareth, que passava dos 80 anos e estava meio cega, conseguiu distinguir as poucas imagens da assinatura do armistício em Pan Mun Jon, na Coréia. Era o dia 27 de julho. Nem um mês depois, McGuffin tinha anunciado que Moscou possuía bombas termonucleares do mesmo gênero daquelas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. Aquele foi o seu último furo de reportagem. Depois, mais nada. Foi desligado uma noite, em meados de agosto, para não ser ligado nunca mais.

Revendido pelo simples fato de não ser adequado aos móveis de estilo sueco da nova sala, mudou de mãos, acabou em um navio que transportava imigrantes italianos indo passar as festas em casa, foi carregado em uma moto *Paperino* e, depois de alguns dias, chegou à base militar na véspera de Natal. Naquele lugar ele parou. Nem tiveram a iniciativa de ligá-lo à corrente elétrica.

A luz fraca de uma bicicleta deslizou pela tela vazia de McGuffin. Um jovem, certamente não militar, passava lentamente sob os pontos de iluminação, olhando ao redor com ar furtivo. A bicicleta não era do tipo normal: sobre a roda dianteira, no bagageiro, estava acomodada uma prancha bem larga, de madeira.

A luz foi enfraquecendo até apagar. Pela fresta da porta, McGuffin conseguia enquadrar dois braços e um guidom. Captou no ar uma estranha eletricidade. Sentiu algo mexendo internamente com ele, apesar de não estar com a tomada plugada. O jovem. A bicicleta. A prancha. Eis uma rota de fuga daquele lugar escuro, onde todos pareciam ter esquecido que ele existia. Mas como ele poderia chamar a atenção? Por mais que fosse um modelo *Deluxe*, não havia sido projetado para funcionar sozinho. Além disso, com a tomada solta, era impossível sair da letargia.

Rangidos, e a fresta da porta foi aumentando. A cara do jovem apareceu.

McGuffin queria ter um jeito de gritar “me leve embora com você!”.

Mas o jovem pareceu não precisar de convite.

Capítulo 4

Bolonha, 7 de janeiro

O espelho era muito pequeno para que Pierre pudesse se olhar por inteiro. Mas os movimentos já eram automáticos: podia fazer o nó da gravata de olhos fechados, cuidar que a barra virada da calça ficasse perfeita, a abertura das costas do paletó bem alinhada e os botões brilhantes.

Apertou bem o cadarço dos sapatos, não gostava de ter que parar no meio da dança para amarrá-lo. Quando isso acontecia, sentia-se ridículo e vulnerável.

Naquela quarta-feira também, Sticleina foi o primeiro a chegar. Parou um pouco na soleira, examinou o ambiente com olhar intenso, deu uma longa e pensativa tragada, depois jogou fora a ponta do cigarro fechando a porta atrás de si, um instante antes que Garibaldi gritasse:

— Feche essa porta direito! Está deixando o frio entrar!

Capponi olhou de soslaio o amigo do irmão, enquanto ligava a cafeteira para servir-lhe o café *espresso corretto*^[15].

— Aí, qual é o programa pra hoje? — perguntou Gaggia, da mesa perto do fogareiro.

— Acho que o Pratello.

— É? E, tem coisa boa naquele salão?

Sticleina respondeu com um falso lamento:

— Tem, mas o pessoal do Pratello nem deixa encostar nas mulheres de lá. É melhor dizer que nós só vamos porque o Trio Bonora vai tocar.

— Algum dia vocês me levam junto? Tenho certeza de que ainda posso fazer um belo papel.

— É, um belo papel de trouxa — apressou-se a comentar Walterún, apoiado por Bégato.

Pierre contemplou a si mesmo longamente: fitou os olhos escuros, como os de sua mãe, iguais aos da fotografia de noiva que mantinha no criado-mudo; o arco das sobrancelhas, o nariz reto, o rosto magro. Do alto da estante, tirou a foto de Cary Grant e a enfiou entre a parede e o espelho. Deu um passo para trás e procurou assumir a mesma indescritível expressão.

Uma rajada de ar gelado atravessou o lugar, e a batida da porta indicou a chegada de Gigi, o *umarein ed gamma*, o homem de borracha, que chegou até o balcão rodopiando como um bailarino, quase se deitando sobre Sticleina, com os braços estendidos sobre a cabeça.

— Capponi, traga-me um amargo, vamos — pediu, enquanto os aplausos diminuía.

— Então — disse Sticleina oferecendo-se ao olhar do recém-chegado — não está notando nada em especial?

Gigi franziu as sobrancelhas para observar melhor o amigo.

— *Minha nossa!* — esticou os dedos para tocar o casaco. —

Quem lhe deu, a Befana^[16]?

— É camelo, comprado em Milão. Claro que foi a prazo.

— Sorte sua que ainda mora com os pais, senão poderia esquecer de coisas assim.

Sticleina levou um cigarro à boca e esticou o maço a Gigi. Tragou pensativo e soprou a fumaça com uma certa hesitação.

— Na verdade, não sei se vou ficar em casa por muito tempo.

— O que você está querendo dizer?

— Meu pai quer que eu me case. Ele diz que não é possível enrolar uma moça por tanto tempo.

— Bom, e o que diz a sua mãe?

— Diz que eu precisaria terminar a escola de enfermagem, que de outra forma não tenho perspectivas, e uma mulher precisa de segurança, antes de tudo.

Gigi aproveitou o espelho do outro lado do balcão, aquele onde está escrito "*Martini*", para examinar se os cabelos cheios de brilhantina estavam bem assentados ao longo das têmporas, lisos e brilhantes até os pequenos cachos atrás da nuca.

— Os velhos dizem sempre que pra nós é tudo mais fácil, mas acho que as coisas são bem complicadas. Se você tem uma garota, depois de algum tempo precisa se casar com ela. Pra casar, precisa ter um bom salário. Então, precisa esperar pra casar. E então, como fica?

O sorriso de Cary Grant era formal, elegante e, ao mesmo tempo, natural. Aquele sorriso era uma contradição. Pierre se esforçava para imitá-lo, mas era exatamente por esse motivo que não conseguia. Saía-se melhor no andar e também na maneira de manter as mãos no bolso, que era quase perfeita.

Brando chegou quando o relógio da igreja dava os últimos toques.

— Então, ainda não estão prontos?

— É o Pierre que está demorando muito.

— Vamos lá, Pierre, que você é lindo de qualquer jeito!

Puxou o paletó para baixo, para que a caída nos ombros ficasse

perfeita e aparecesse a ponta dos punhos brancos da camisa, um centímetro, não mais, senão seria coisa de camponês.

Saiu já empinado dos fundos do bar e os encontrou, juntos, como os três mosqueteiros. Porque era assim que ele os via, como no livro de Dumas: Athos, Porthos e Aramis. E ele era D'Artagnan, o fanfarrão, o melhor.

— Vamos?

— Haja paciência! Estamos aqui só esperando você! — resmungou Brando.

Gigi fez uma careta de deboche:

— Vamos, então, que já é tarde.

Pierre cruzou o olhar com o de seu irmão Nicola, duríssimo como sempre, como era toda vez que ele saía para dançar. Observou que já estava vermelho e segurava a raiva. Aquele olhar não lhe concedia mais que alguns minutos de autonomia, para cumprimentar todos, e pretendia utilizá-los até o último segundo. Deu a volta no balcão e atravessou o lugar lentamente, elegante e maneiroso. Parou ao lado da mesa do baralho:

— Até mais, Bottone, eu já vou. Vê se não ganha demais.

— Até mais, desgraçado.

Cumprimentou Gaggia e Walterún, e esperou pelo olhar de Garibaldi, como uma bênção antes de ir para a arena.

Bortolotti, Melega e os outros do bilhar se contentaram com um aceno de despedida geral.

A cara de Nicola já estava roxa, pronta para estourar: já era hora de levantar o acampamento. Viu que esfregava o balcão cada vez mais depressa e decidiu parar com a provocação.

— Vamos!

Os quatro saíram enfileirados, aprumados para a festa, prontos para qualquer façanha, como heróis que entram em campo para ofuscar todo mundo.

Um minuto depois estavam no selim, na rua, com os casacos dobrados sob o traseiro para que não acabassem no meio das rodas. Cada um tinha um detalhe de elegância particular: Brando o chapéu, Gigi as luvas de pelica, Sticleina o relógio com corrente do pai e Pierre um cachecol branco de *mohair*.

Gigi Mazzoni pedalava na frente, altivo, peito estufado, a risca à direita, o queixo quadrado. Durante o dia era metalúrgico em uma fábrica, sempre coberto de óleo escuro e um cheiro de máquina que se podia sentir de longe. Mas à noite era outra pessoa: a habilidade na dança e os movimentos soltos e rápidos lhe haviam assegurado o nome artístico de "Umarein ed gamma", homem de borracha.

Atrás vinha Giuseppe Branca, barbeiro, que depois de *O Selvagem* ser exibido no cinema ganhou o apelido de "Brando" pela semelhança, ainda que discreta, com o ator. Isso, obviamente, o deixou orgulhoso e, daquele dia em diante, o amigável apelido "Pippo" foi posto de lado para dar lugar ao vistoso "Brando", que impressionava as moças. E coitado de quem o chamasse de outra forma.

Logo à frente de Pierre pedalava Aristide Bianchi, o mais tímido, que para ele era Aramis. Ele dizia a todos que era enfermeiro, mas na verdade ainda era atendente no Santa Úrsula. Muito magro, raramente tirava as mãos do bolso, mas tinha uma elegância própria e, quando andava pelas ruas do bairro, sua silhueta era inconfundível. Por essa razão era chamado "Sticleina", palito.

Depois vinha ele, Piero Capponi, chamado "Robespierre". O pai dele, Vittorio, tivera que registrá-lo como Piero, porque na época do fascismo os nomes estrangeiros eram proibidos. Mas desde pequeno era Robespierre para todos, porque aquele era o seu nome verdadeiro, porque os nomes verdadeiros são os que você escolhe e prefere, não aqueles que estão nos documentos. Depois acabou ficando "Pierre", mais simples e com aquele toque exótico que tanto agradava. Tinha 22 anos, oito a menos que o irmão, mas Nicola parecia ter o dobro, tamanha era a diferença entre eles.

A ligação com Brando, Gigi e Sticleina era mais que uma amizade. Era uma aliança de propósitos, reforçada pelo hábito. Os quatro formavam um time, eram os melhores dançarinos do bairro, consideravam quase uma missão fazer os outros comer poeira. Era como combater os soldados de Richelieu e mostrar a eles que não era possível enfrentar os *filuzzi* do bar Aurora.

Naquele momento, enquanto se dirigiam a Pratello, sentiam-se

invulneráveis e unidos. Exatamente como os mosqueteiros.
Mosqueteiros comunistas, é claro.

O ingresso no salão do Pratello custava 300 liras, mas Pierre e seus amigos entravam de graça, porque tinha gente que vinha só para vê-los quando surgiam boatos de que eles dançariam.

Com o Trio Bonora eles se entendiam bem. Os músicos sabiam quais eram as músicas preferidas dos bailarinos e as tocavam com prazer. A primeira era sempre uma mazurca, não muito rápida, para aquecer. Pierre começou em par com Brando, e Sticleina teve que fazer suas evoluções com Gigi.

A mazurca encheu a pista, incluindo as mulheres, que geralmente não conseguiam acompanhar os turbilhões daquelas danças. Na segunda e terceira volta, o ritmo começou a aumentar. O órgão de Nino Bonora, acompanhado por contrabaixo e violão, parecia não querer parar. Na sexta música, só os mosqueteiros do bar Aurora permaneciam na pista. Das mesas saíam gritos de incentivo e aplausos pelas evoluções mais complicadas. Sticleina, acentuando a sua dança "feminina", começou a rebolar.

Terminada a seqüência de músicas, o violonista Aroldo Trigari foi até o microfone para anunciar:

— Segurem-se agora, que esta polca é um verdadeiro terremoto!

Bonora começou em um tempo aceleradíssimo e os quatro *filuzzi* seguiram a música cada um por si, cruzando e combinando novamente os pares em cada volta. Desenvolveram quatro figurações diferentes, uma após a outra, e, na quinta, o salão inteiro deu um único suspiro. As moças se agarraram às mesas com medo de serem arrastadas, tamanha era a energia com que Robespierre Capponi executava o famoso remelexo arqueado, um jeito de dançar em que só ele e Raffaele Neri, chamado Felino, do Burgo San Carlo, rivalizavam.

A *polca terremoto* era o último número da primeira sessão. Depois disso, a orquestra iniciou uma valsa muito tranqüila. O meio

da noite, para os apaixonados, era mais próximo ao *liso* romanholo que à verdadeira *filuzzi*. Mas ninguém se queixava, porque era uma oportunidade de convidar para dançar alguma bela moça, motivo pelo qual a maioria das pessoas tinha comparecido.

— Vamos ao ataque? — perguntou Gigi, arrumando a gravata depois de toda aquela dança.

Pierre passou o lenço na testa.

— Deixe-me respirar um pouco, antes. Vamos tomar um gole, depois a gente vê.

— Fique aí, então. Nós vamos fazer um reconhecimento do terreno.

Gigi e os outros sabiam muito bem que os olhos negros do Capponi encantavam mais de uma jovem e preferiam sair antes dele à escolha das suas parceiras de dança.

— A senhorita dança? — inclinou-se Sticleina diante de uma morena vigorosa, com ares de conquistador experiente.

— Sabe dançar como homem também?

— Sem dúvida, e não só isso.

Pierre ficou no balcão durante umas três ou quatro danças, saboreando um vermute. Ele sabia que uma moça estava esperando por ele. Mesmo agora, enquanto ela dançava com outro, olhava para ele com doçura cada vez que virava para o seu lado. Aliás, era, dentre todas, a que tinha os melhores movimentos. Pierre pensou que poderia ser boa também na *filuzzi*. Terminada a dança, deixou o cigarro cair e o esmagou com o sapato. Atravessou a pista como se cruzasse a Piazza Maggiore em uma manhã de domingo, mantendo a mão no bolso da calça, sob o paletó, mais Cary Grant que nunca. Chegando diante da moça, ofereceu-lhe o braço e a convidou com o olhar e esboçando apenas um sorriso.

Depois do primeiro rodopio, perguntou:

— Qual é o seu nome?

— Agnese Bernardi.

— Mora aqui em Pratello?

— Moro sim, aqui perto.

Pierre se lembrou da regra. Se convidar uma moça de outro bairro para dançar, depois da primeira volta, largue-a e se esqueça

dela pelo resto da noite. O segundo convite já seria “insistência”.

Assim, quando a música parou, Pierre já ia se despedir. Exatamente naquele momento, com um movimento pensado ou por acaso, o sapato da moça saiu do pé. Apoiando-se ao cavalheiro para acomodá-la, Agnese Bernardi desta vez deu a impressão de estar demorando mais que o necessário. A orquestra recomeçou quando ainda estavam enlaçados, um número rápido que prenunciava um *gran finale filuziano*. A moça de Pratello começou a se mover no ritmo da música e Pierre, depois de um momento de hesitação, esquecendo-se da regra, começou também a se mexer. Pulos, arrastamentos, evoluções e rodopios: o par se destacava dentre todos pelo compasso e agilidade. Ao redor, o burburinho crescia. Ela sorria, era simpática, e se saía muito bem, mesmo com o ritmo mais acelerado. Pierre a testou e ela respondeu à altura. Reencontraram-se na terceira dança sem perceber, pelo puro prazer de dançar. Para ele era a oportunidade de experimentar os ritmos mais rápidos com uma moça, em vez do Brando de sempre. Deixando a amizade de lado, aquilo era outra coisa.

Foi então que, além da música, ouviu-se uma voz masculina sobressaindo das outras, interrompendo a magia da dança:

— Agora chega, vou quebrar a cara dele!

Apesar de concentrado no ritmo, Pierre percebeu que alguma coisa estava errada, que o burburinho crescente não era só de admiração e que a frase que acabara de ressoar pelo salão não era promessa de nada de bom. Aproveitou-se de um rodopio para se virar e olhar. Um sujeito parrudo estava naquele momento se livrando de duas pessoas e vinha ao seu encontro com ar ameaçador. O rei da *Filuzzi* prolongou o rodopio por um giro e meio e acabou exatamente em cima dele, aproveitando-se do efeito surpresa e do impulso para derrubá-lo ao chão. A confusão começou. Brando levou um soco no olho, sem sequer saber quem o tinha desferido. Gigi aplicou uma gravata em um baixinho, enquanto Sticleina já estava rolando no chão com alguém muito maior que ele. Os pacificadores de sempre tentavam acalmar os ânimos, colocando-se no meio, segurando os mais exaltados.

— Vamos, rapazes, não é pra tanto!

— Parem com isso, a gente veio aqui pra se divertir.

— Calma, Pirein, o Pompetti vai chamar a polícia!

A pancadaria não durou mais que dez minutos, tempo suficiente para os mais exaltados darem e receberem pelo menos uma bofetada, mas necessário para que os mais tranquilos convencessem os mosqueteiros do bar Aurora a tomar o caminho de casa e o pessoal de Pratello a se acalmar.

— Você devia ter apanhado mais.

Nicola sempre teve o sono leve. Talvez fosse aquela coisa que o desgastava por dentro e o mantinha sempre alerta. Talvez a guerra. Da soleira da porta, ele o olhava ao mesmo tempo com desprezo e compaixão.

Pierre afundou ainda mais na poltrona, afrouxando a gravata:

— É? Eles que tentem outra vez. Filhos-da-puta.

Com o lenço, tampou a ferida no lábio.

— Se a nossa mãe estivesse aqui, você ia ver. Sempre se metendo em briga por causa de mulher.

Pierre estava cansado demais para discutir, mas, cada vez que resolvia ficar quieto, a raiva vinha à tona:

— Deixa a nossa mãe fora disso, entendeu!?

— Chegar a esta hora da madrugada com a boca arrebitada, e amanhã fica quase morrendo atrás do balcão. Se a tia Iolanda não me tivesse pedido pra cuidar de você, eu daria um belo pontapé na sua bunda e adeus!

— Deixa a tia Iolanda fora disso também, certo?

A voz rouca de Nicola se encheu de amargura:

— Elas se mataram de trabalhar pra criar a gente e veja agora que belo consolo. É melhor mesmo que a mamãe esteja morta!

Pierre explodiu:

— Cala a boca! O que você sabe? O que você está sempre dizendo? Sempre me julgando, sempre tagarelado. Gosto de mulher, sim, e daí? Gosto de dançar, sou bom nisso e todos me admiram, sabe? Olham para mim. E isso não é bom? Olhe pra você,

sempre cuidando do bar, sempre bravo. Parece que tem 90 anos!

— É o bar que nos sustenta, meu caro, se você não gosta de trabalhar, pode ir. Vai embora, vai pedalar, vai visitar o papai na Iugoslávia, lá sim você vai ter um bom trabalho, quebrando pedra! Vai, até que seria bom você servir um pouco o exército, sopra no coração o quê! Você tem sopro é na cabeça!

— Vai à merda, vai. Como é que poderia ir visitar o papai? Desde março ele não dá notícia, nem sabemos se ele está vivo. Mas você não está nem aí, né? Precisa trabalhar, é sério, você...

Nicola desapareceu na escuridão do quarto e Pierre ficou ali, sentado, quase deitado na poltrona. Estava com o corpo doído e cansado e não sentia mais o lado direito da boca. Começou a sentir uma grande tristeza, como acontecia cada vez que brigava com o irmão. Não o odiava, sabia que ele não era mau de propósito. Segundo a tia Iolanda, ele tinha medo de gostar das pessoas, medo que depois elas o abandonassem. Quando era criança, via Nicola como um herói, uma pessoa de quem podia se vangloriar diante dos outros:

— Meu irmão estava na Trigésima-Sexta.

Ainda se lembrava de quando os alemães atiraram no irmão e ele chorou de raiva e de orgulho. Nicola foi operado e desde então os estilhaços na perna ficaram como marca indelével da guerra. Com o passar do tempo, os conflitos foram surgindo. Pierre sentia que, se não fosse embora de casa, aquela situação não se resolveria.

E assim ele ficou na poltrona, apertando o lenço contra a boca, imaginando para onde poderia ir, sem um tostão, sem passaporte, e com um conhecimento do mundo restrito ao trecho entre Modena e Marina di Ravenna.

Capítulo 5

Declaração prestada em 08/01/1954 ao comissário de P.S. Pasquale Cinquegrana sobre o desaparecimento de um caríssimo aparelho de televisão de marca americana da base militar das Forças Aliadas de Agnano, Nápoles.

Meu nome é Salvatore Pagano, nasci em Nápoles no dia 21 de julho de 1934. O nome de minha mãe era Carmela, mas todos a conheciam como Nennella, especialmente nos Vergini. O bairro, quero dizer. No Bairro Vergini.

Do meu pai, eu não sei, não tenho nada a dizer.

Mas eu, meus amigos, os cavalariços de Agnano e os outros amigos me conhecem como Kociss. Bom, também como Totore `a Maronna, mas mais como Kociss. Não entendeu? Kociss, com "k", está bem, nas nossas letras não tem "k", mas naquelas americanas e estrangeiras tem. O "k", estou falando. Como, não conhece o grande jogador de futebol húngaro? Kociss!

Se eu sou jogador de futebol? Não, mas o que quero dizer é, número um, sei jogar bola de verdade, mesmo tendo quase 20 anos e, se eu tivesse mais sorte, poderia chegar lá, mas não faz mal, porque a história do nome não tem nada a ver com o futebol, bom, tem a ver sim, mas é outra coisa. Enfim, lembra daquele grande time da Hungria, e que este ano vai ganhar de todo mundo na Copa do Mundo se jogar na Suíça? Enfim, na Hungria tem cada jogador e

tem um que marca uns gols de cabeça, como é que eu vou dizer, certos. Uma sentença. Ele e Puskas marcam gols de sacolada, impressionante. E este aqui faz quase todos de cabeça, nunca se viu coisa igual. Kociss.

Bom, o senhor precisa saber que, enfim, alguns amigos e mais outros amigos, o senhor sabe como são os amigos, são malucos, bom, me chamam assim porque eles dizem que quando discuto com um mau caráter que não sabe levar a vida, coisa que quase nunca acontece, que isso fique claro, bom, aquela única vez que acontece e que depois do como é que é, é você, quem sou eu, depois a gente fala da mãe e dá no que dá, o senhor entende, bom, aí eles dizem que eu vou pra cima de cabeça, mas isso só aconteceu uma vez, duas no máximo, sabe como são os amigos, eles dizem que ponho os caras pra dormir, e aí me deram esse apelido. Mas isso não tem importância, desculpe, porque, em primeiro lugar, preciso dizer que com esse raio de encrenca da televisão eu não tenho nada a ver.

Capítulo 6

Palm Springs, Califórnia, 18 de janeiro

Afiar a lâmina na tira de couro presa à parede, derreter o sabão na vasilha com água quente, tirar as cerdas soltas do pincel de pêlo de texugo, ensaboar o rosto, passar o barbeador devagar perto da covinha no queixo, remover os resíduos de sabão com o pano quente, inspecionar o rosto à procura de pêlos remanescentes. Cary se barbeava com a mão direita, saboreando cada instante daquela liturgia matinal, que antecedia a colocação do vestuário sacramental: roupa e camisas encomendadas ao Quintino de Beverly Hills, gravata combinando com as meias, nada de liga, porque as meias de Cary *não se atreviam* a escorregar pela canela, um Derby ou Full-Brogues nos pés.

Archie, que era canhoto, encostou a mão esquerda, encolhida em forma de concha, ao rosto. Dois dias sem se barbear e sem vontade de fazê-lo. A pelugem embranquecida, eriçada, incômoda.

Permanecendo naquela pose, sentiu contra o lábio inferior o que restava de um dos velhos calos de acrobata, cavidade de quase trinta anos de tecido seco e esbranquiçado.

Toda semana as manicures aplainavam e lixavam, colocavam unguentos, amaciavam as mãos de Cary, mãos que qualquer mulher do mundo teria gostado de sentir debaixo das saias ou ocupadas em desabotoar-lhe a blusa, mas o calo voltava a crescer, lembrança da

vida que antes levava Archibald Alexander Leach.

Mãos no chão em centenas de cambalhotas, atrito nas cordas em milhares de rodopios, bagagem carregada de uma cidade à outra, centenas de teatrinhos e *music halls*, maquiarse, pular. *Bob Pender's Nippy Nine Burlesque Rehearsal*. Acrobatas, palhaços e mágicos, todas as noites e matinês diante da classe trabalhadora do Reino.

Pender lhe dizia: “Vamos, rapaz, você tem que ganhar o seu pão. Não basta saber andar sobre as mãos pra fazer teatro!”.

Dos bastidores, enquanto no palco se exibia o extraordinário mágico Devant, Archie se encantava olhando para os olhos do público mais jovem, vibrantes no reflexo das lâmpadas. Archie lia naqueles olhos a surpresa, o sonho, a fuga temporária de uma vida de merda e trabalho. Olhos de jovens já traídos pelo próprio futuro, mas prontos a reagir encolhendo os ombros e dizer um “foda-se”, metidos em sua melhor roupa um pouco gasta, nem um pouco rígidos ou engessados, atrevidos e com um sorriso debochado na fila das entradas, voltando a ser criança diante dos saltimbancos e dos truques de um ilusionista.

Os olhos do garotinho de Bristol que, em uma fatídica tarde de agosto de 1910, foram hipnotizados pelas exhibições de mímicas e acrobacias de Bob e Doris Pender, a ponto de querer segui-los, tornar-se ator, afastar-se de um pai evasivo e do vazio de uma mãe desaparecida. Teatro Empire-and-Hippodrome, as luzes se apagam...

O inglês com remendos na bunda tinha cruzado o Atlântico para uma aventura titânica: escalar a montanha mais alta dando a impressão de estar enfrentando uma mísera colina, aliás uma lombada, um degrau, pondo um pé atrás do outro e sem a preocupação de pensar no assunto.

Cary Grant.

Como ficara atônito, no fim dos anos 30, o homem do novo século! A surpresa unia-se à conscientização: quem não teria desejado aquela perfeição, arrancar do mundo celestial das idéias

imutáveis e eternas a de “Cary Grant”, doá-la a este nosso mundo para fazê-lo mudar, e no fim perder-se na Terra transformada, perder-se para nunca mais ascender? A descoberta de um estilo e a utopia de um mundo para cultivá-lo.

No mesmo momento, fazia carreira e conquistava adeptos um pintor austríaco frustrado, de bigodinho a Carlitos, cujos discursos penetravam como golpes de martelo no coração do *Volk*, e um longínquo e ruidoso engatilhar de armas prenunciava o pior: o choque de dois mundos.

Contra o mundo de Cary Grant, o pintor frustrado iria terminar desonrosamente perdido, em uma poça de sangue e fezes.

Sem dúvida, foi também mérito do inverno russo, mas uma coisa era certa: o Homem Novo, ao menos por enquanto, não teria as calças enfiadas em botas de couro de meio metro de altura, para marchar feito pato.

O Homem Novo, no mínimo, se espelharia em Cary Grant, perfeito protótipo do *Homo Atlanticus*: civilizado, mas não chato; moderado, mas progressista; rico, claro, talvez riquíssimo, mas não insensível e muito menos balofo.

Até alguns dos mais acirrados inimigos do capitalismo, dos EUA, de Hollywood, estavam dispostos a concordar que, afinal, um pouco de exceção não faz mal a ninguém.

Cary Grant, nascido proletário, com um nome ridículo, tinha desafiado a sorte com o ímpeto dos melhores expoentes da sua classe. Ele havia renunciado à sua condição de proletário e agora fazia sonhar milhões de pessoas. O que um indivíduo tinha conseguido talvez estivesse ao alcance de todo o resto da classe operária.

Cary Grant era a prova da existência do progresso, que caminhava na direção certa, pelo menos desde o Homem de Cro-Magnon. O socialismo teria coroado a impressionante série de resultados com a justiça social, a harmonia entre os seres humanos e a libertação de toda energia criativa. Na sociedade sem classes, todos poderiam ser Cary Grant.

Bom, não exatamente. Isso poderia ser assunto de uma rodinha de intelectuais. Nem os proletários nem os burgueses

estavam muito interessados no materialismo histórico. Admiravam Cary Grant, simplesmente, e queriam ser como ele.

Naquele dia Archie Leach completava 50 anos. Os últimos dois tinham sido os piores.

E como tinham sido duros para Cary. Três fracassos de bilheteria consecutivos. A decisão de sair de cena. Nem as férias no Extremo Oriente com Betsy tinham revigorado suficientemente suas forças. A exaustiva procura de paliativos, a ioga, novas leituras, a perene intoxicação do *self-improvement*, mas sem o momento da verdade, sem o comparecimento no *set*. Uma relação difícil com Archie, que usava o mesmo corpo e voltava a reclamá-lo nos períodos de crise e desorientação. Uma relação difícil com Elsie, que tinha reaparecido de surpresa quinze anos antes.

Betsy estava loucamente apaixonada por ele. Esforçava-se ao máximo para animá-lo, tinha-o hipnotizado para que parasse de fumar, era decididamente a melhor esposa que já tivera. Mas não bastava. Nunca bastava.

Depois de um ano e meio, que lhe pareceu interminável, começou a aflorar, cauteloso, o desejo de voltar à cena, lançar olhares cúmplices aos espectadores, improvisar novamente aquelas falas soberbas. Mas o desejo batia de frente com os efeitos de uma longa depressão, com a ausência de roteiros interessantes e, acima de tudo, com o desgosto de Archie com relação às incursões de Joe McCarthy e seus serviçais. Sentimento de culpa e de embaraço pela própria indiferença, por não ter protestado, defendido o mundo livre como fizera quinze anos antes, contra os alemães.

Para Archie, os americanos agora eram os alemães de si mesmos. Chaplin exilado. Os melhores escritores na lista negra.

Cary não era certamente um radical. Comunista, nem pensar. Mas como suportar todas aquelas invasões da privacidade das pessoas, em suas idéias políticas, "nunca se inscreveu em tal partido, em tal sindicato, em tal associação...?" O que tinha acontecido com todo mundo? A pessoa sabia ou não sabia fazer o

próprio trabalho, era ou não era um bom roteirista, ou diretor, ou ator. Se as falas eram divertidas, se as cenas de amor eram apaixonantes, se a história tinha começo e fim, e preferencialmente o primeiro antes do segundo, então o resto não tinha importância.

Mais ou menos um ano antes, Archie tinha voltado a se remoer sobre Frances Farmer, de cujo destino ele culpava todos, Cary também, e especialmente Cliff.

Depois de algumas semanas, Frances tinha voltado a visitá-los. As discussões com ela, dos quais saíam devastados, eram angustiantes. Não, não a Frances de 54, esgotada pelo manicômio. Era a Frances de 37, a nova atriz, belíssima e selvagem, a jovem que não acreditava em Deus e tinha estado na Rússia.

— Sabe, Cary, eu não consigo entender você. Tudo o que faz, a maneira como se mexe, como fala com aquele sotaque que não é nem inglês, nem americano... Vejo que você trabalha duro no seu personagem... Não, não o personagem deste filme, falo de um personagem que você terá que interpretar todos os dias, pelo resto da vida. Sinto que você quase chega lá, mas... é uma coisa que não me convence, sabe?

Falava assim durante os intervalos para o café de *O Ídolo de Nova York*, dirigindo-se a Cary, mas falando com Archie, flor em botão prestes a desabrochar.

— Esperam a mesma coisa de mim, imagino, minha mãe espera, Hollywood espera, mas... Não consigo. Por que não podemos ser simplesmente nós mesmos?

Pobre menina de Seattle. Uma colcha de retalhos feita por todos eles juntos: os produtores, os politiqueros, a polícia, a imprensa sensacionalista, os psicanalistas... e naturalmente Cliff. O grande dramaturgo Clifford Odets, muito amigo de Cary, intelectual do caralho. Ele a tinha seduzido com uma conversa-fiada, as causas justas (desde que longe de casa e antes de McCarthy), o busto de Lenin no criado-mudo, citações de livros. Ele a seduziu e depois a enxotou, abandonando-a às vinganças de Hollywood, às bisbilhotices

das colunas de Edda Hopper e Louella Parsons, a uma mãe tratante que a internaria.

No manicômio, exatamente como Elsie.

Archie não tinha paz e fazia com que Cary se sentisse culpado.

Como dezessete anos antes, os mesmos cabelos louros, as sobrancelhas aparadas, o corpo ainda não violado, envolvida em uma espécie de sudário. Voltava para eles sorrindo, mas lamentando que não tivessem dito uma só palavra contra os seus perseguidores.

Capítulo 7

Bar Aurora, 19 de janeiro

— É que na Itália não são os italianos que decidem, é isso aí. Se fosse por mim, você sabe pra onde eu mandaria os Aliados... Vai dizer que em 48 nós perdemos as eleições. Claro, com todo aquele dinheiro que os americanos deram aos democratas-cristãos e todos os *terroni* que vão atrás dos padres. Aqueles lá do Sul, os *terroni*, preferem assim. Estão acostumados desse jeito: vivem com o mínimo, não é Walterún? Diga você, que nasceu e cresceu lá.

Walterún, que observa perplexo as cartas, não dá atenção à pergunta de Melega. Quando se fala de política, Walterún quase nunca participa, tanto que alguém já chegou a desconfiar de suas tendências. São só comentários maldosos, é claro, mas a verdade é que não dá pra saber a opinião dele sobre muitas questões importantes, como Trieste italiana, a Alemanha ou a chegada da televisão.

Hoje é Trieste que domina a discussão, ou melhor, é o Mauro Melega, o melhor do bar no jogo de *boccette*^[17], falando como sempre em voz alta e obrigando todos a escutá-lo, até os que prefeririam pensar na própria vida. A gente já sabe o que acontece depois: começa com isto e aquilo e aí vai ao *urbi et orbi* também das coisas mais graves e no fim nem se sabe mais de que assunto se

falava.

— São todos democratas-cristãos por conveniência, os *terroni*, porque sabem que os americanos e os padres dão um presente de vez em quando. Que seja chocolate ou um par de sapatos, e é sempre assim: agradeça e cale a boca. Os americanos e o Vaticano é que mandam na Itália, é assim a menos que a gente chegue ao governo, já que afinal nós é que sabemos o que é melhor para a Itália. E temos sempre que agir por todos. Vejam que zona eles fizeram em Trieste no fim do ano. Eles vão contra os americanos e os ingleses, querem que saiam de lá, e têm razão, coitados, você não pode ficar com o estrangeiro na sua casa a vida inteira. Mas os Aliados estão com medo que Tito tome Trieste e não confiam nos italianos. Moral da história: há dez anos eles se mantêm firmes. E os triestinos só levando naquele lugar.

Walterún levanta a cabeça das cartas e estica o pescoço:

— Você me explica mais uma vez aquela história do Tito, que de vez em quando eu esqueço. Como ele é fascista? Quero dizer, é um comunista fascista, é isso?

Melega suspira, com aquela expressão de quem quer dizer: “O *terrone* ignorante de sempre”:

— Escute bem, porque não vou falar mais. Nem todos os que se dizem comunistas são comunistas de verdade. Senão já teríamos ganhado no mundo inteiro! Tito, por exemplo, vai atrás dos americanos, age feito puta, dá pra todos. Quer fazer um socialismo do jeito dele, como convém pra ele, não quer escutar ninguém, muito menos os russos, que fizeram a revolução antes dele. Mas, digo eu, se alguém fez bem as coisas antes de você, é melhor ouvir o que ele tem a dizer, não é? Porque ele tem mais experiência! Mas os eslavos são uma gentalha, não dá pra confiar, são ciganos, todos eles, pior que os *terroni*. Só nós, só nós é que ficamos bancando as sentinelas, tomara que a gente também não tome naquele lugar.

Depois, tendo que lançar a bola, Melega se inclina sobre a mesa de bilhar, fica um pouco calado e concentrado no jogo. Estando de costas para a porta, não percebe que Benfenati, do Comitê do Partido, entra para a visita de sempre. Assim que marca o ponto, está pronto para continuar o discurso, especialmente as

ofensas contra os ciganos, os *terróni* e os vagabundos, mas é salvo por Bortolotti, que diz em alta voz:

— Mauro, o Benfenati está aqui, por que não pedimos a ele que nos explique esse assunto do Tito?

Melega por pouco não morde a própria língua, arregala os olhos como quem acaba de passar por um perigo, estica a cabeça e cumprimenta o recém-chegado. Ele precisa agradecer a Bortolotti, que o salvou de uma bronca, e nós também precisamos, senão teríamos que agüentar a aula sobre Gramsci e a questão meridional. Não que Benfenati seja má pessoa, aliás, pelo contrário, é um bom companheiro, mas tem o defeito de se intrometer em qualquer assunto para explicar o que o Partido pensa a respeito. Em questões como o fascismo e Tito, pode até ser, porque interessam a todos, mas às vezes só queremos jogar conversa fora, e ele entra assim mesmo com a aulinha, ainda que o tema seja futebol ou o divórcio de algum ator. Alguns dizem que ele faz isso por instinto, que quer sempre ser o primeiro da classe, mas outros juram que o Partido o orienta assim, “a militância começa na família, no posto de trabalho, no bar...”. Ou alguma coisa do gênero.

— ... e no pós-guerra Tito mandava espionar até os técnicos russos, enviados pra ajudar na reconstrução, entendeu? Bela solidariedade internacional dos trabalhadores! Ele é um nacionalista, trata a União Soviética como um estado burguês qualquer e, além disso, é arrogante, ambicioso, presunçoso, tem o jeito típico dos trotskistas e contra-revolucionários.

Bottone concorda, convencido que o tal Tito parece mesmo um canalha, enquanto Garibaldi, do contra como sempre, começa a soltar suas opiniões:

— Em resumo, conversa vai, conversa vem, você está dizendo que os comunistas iugoslavos viraram fascistas porque Tito e Stalin não se dão, é isso?

— Não, Garibaldi, não foi nada disso que eu disse! Claro que existem sérios motivos ideológicos! — Põe as mãos para fora e prende o indicador de uma ao polegar da outra: — Primeiro, no PC iugoslavo não tem discussão, coitado de quem critica, não se elegendem os dirigentes, existe um controle policial sobre os militantes e um

verdadeiro despotismo turco. Segundo — os dedos indicadores se encontram e formam uma cruz — Tito diz que os camponeses são a base mais sólida do estado iugoslavo, ignorando Lenin e a hegemonia do proletariado. Mas nos campos ele não faz nada de marxista, e um dia deixa o pequeno produtor rural agir como no capitalismo, no dia seguinte banca o demagogo, ah, quer pôr pra fora todos os camponeses ricos, nacionalizar a terra, assim, tudo de uma só vez. Terceiro — a mão toda agarra o dedo médio — quer atrair os comunistas do Território Livre de Trieste, se lá não houvesse alguém como o companheiro Vidali, que...

— Eh, Vidali, Vidali... — como de costume, Stefanelli, que joga em parceria com Barone, contra Melega e Bortolotti, abana a cabeça, e parece insinuar algo como “ah, se soubessem”, ou “pobres ingênuos”, mas na verdade ninguém entende o que ele quer dizer.

Melega anda ao redor da mesa, faz pontaria e joga a bola. Dá para perceber que está querendo falar, mas com Benfenati ali, não se atreve. E, de fato, assim que ele se despede de todos e toma o caminho de casa, o outro aparece no salão grande com o dedo em riste e olhar de caubói:

— Vejam, pra mim basta que Togliatti diga claramente: rua! E eu vou. Pego a minha Sten^[18] e começo a derrubar todos eles, um por um. Junto todos em um grupo só: democratas-cristãos, americanos, iugoslavos, e depois, fogo! Porque de outro jeito eles não entendem!

A voz grossa de Garibaldi chega da mesa de carteados:

— Pra você não bastou a última guerra? Quer fazer outra?

Melega se vira na direção dele e agita o indicador no ar, como um sabre:

— Não banque o pacifista comigo, Garibaldi, eu sei muito bem quantos fascistas você matou na Espanha. E aqui foi a mesma coisa: se nós comunistas, em 43, não tivéssemos pegado em armas e não tivéssemos matado um bom número de fascistas e de alemães, agora estaríamos todos falando inglês! É que não nos deixaram fazer a grande jogada, porque não era a hora. Bom, sabe o que vou dizer? Sorte minha que aquela não era a hora.

— Vamo lá — diz Bortolotti, dando-lhe uma leve cotovelada, meio aborrecido —, vê se joga logo essa bola, que já tô cheio de ficá esperando.

— Já vou, já vou.

Melega vira para estudar o jogo, e logo Walterún estica o pescoço na direção de Garibaldi e fala baixo, para que os da sala ao lado não ouçam:

— Ô, Garibaldi, sabe como é, será que sou eu que estou ficando velho ou o Tito é mesmo um comunista fascista? É que eu sempre pensei que a gente ou é comunista, ou é fascista. Não entendo como é que fica essa história...

— Vê se cala a boca e joga. Todos esses discursos já me encheram o saco.

Capítulo 8

Nápoles, 21 de janeiro

Não dá pra confiar e pronto.

Precisa levar logo embora os caminhões daquele inferno de carrinhos e “criaturas”, verdadeira horda de cães famintos e errantes, de gritos incompreensíveis voando de um lado ao outro e da fedentina de gordura, misturada ao adocicado da fruta podre. É arrumar a carga e ir embora, sem hesitação, nada de paradas, ele na frente e Palmo atrás, até doze horas seguidas. Não tinha nada a ver com um lugar assim e com as suas histórias de guerra. Ou melhor, tinha sim, e como tinha, bastava olhar ao redor, todos os sinais da Frota, todos aqueles militares, mas tinha de outra forma, que ainda precisava entender. Disseram que era como Calcutá, e ele acreditou. Mas quem é que tinha visto Calcutá? Ettore certamente não, porque o que ele já tinha visto muito bem eram puteiros, merda e tiros de fuzil, mas essa tal de Calcutá do *Mezzogiorno*^[19], Nápoles, o impressionava, e Palmo o deixava preocupado, mas quem é toda essa gente andando por aí? É bom ir embora logo, sorridentes e amigáveis, mas logo. Não tinha balas nem chocolate, sei lá, alguma coisa. Todas aquelas crianças que pulavam, gritavam, corriam endiabradas naqueles carrinhos de madeira com rodinha de ferro embaixo, pregadas de qualquer jeito, o deixavam enjoado, algo

sutil, como o mal que tinha levado embora parte de sua família e muitos companheiros, que nem a Thompson^[20] bem guardada debaixo do assento do motorista conseguia acalmar.

Cigarros americanos, isqueiros a gás líquido recarregáveis Ronson, uísque de várias marcas e relógios ordinários com os quais os malandros da rua Emilia teriam aliviado as carteiras de muitos simplórios. Aquela era a carga de Ettore em Nápoles, coberta de fardos de palha e bastante pano de saco. Era a primeira vez que viajavam em dois veículos, grandes e com lona, herança da guerra, que soltavam mais fumaça que o vulcão ali na frente.

Não podia se distrair.

O homem que todos, respeitosos e submissos, chamavam de Vic, dirigia aquele caos um tanto imóvel, dentro de um paletó de dupla abotoadura azul-escuro que o deixava ainda mais parrudo, uma rocha em estado bruto com os cabelos puxados para trás pela brilhantina e o topete saliente. Dali a pouco, Vic daria o sinal com a cabeça e, ele na frente e Palmó atrás, rumariam para a saída do porto.

Deu uma buzinada no meio daquela algazarra e, por um instante, viu a expressão pouco inteligente de Palmó reagir, por apenas um instante, antes de colocar a cara fora da janela.

— Assim que nos liberarem, fique colado na minha bunda e não pare de jeito nenhum! — disse Ettore, em voz alta. Palmó concordou sem muita convicção.

Depois de longos minutos e dois tocos de cigarro, o homem que todos conheciam como Vic ergueu o braço direito e, com três movimentos secos de mão, indicou que a carga estava completa, que podiam dar meia-volta e se dirigir à saída pelo caminho que beirava o cais. Poucos metros percorridos em fila indiana, em baixa velocidade, atrás de outros caminhões, carroças puxadas por cavalos magros, mulheres que ofereciam água fresca, frutas e todo tipo de alimentos fritos. Depois os pequenos macacos, sujos e pestilentos, que não paravam de pular e andar em volta.

Na entrada da rua Marina, longo caminho adjacente ao porto que deveria levá-los para fora da cidade, o caos atingiu o clímax, por

causa da passagem do bonde, com corre-corre de carroças e cavalos e, quando o vão se abriu, Ettore entrou decidido, abrindo caminho para a rua desimpedida.

Atrás dele, o barulho da freada do caminhão de Palmo e os gritos enlouquecidos anunciaram que a merda que ele temia já estava feita.

O garoto se contorcia sob as rodas traseiras, ou melhor, entre as rodas e o carrinho no qual era puxado pelos companheiros, berrando feito louco, enquanto outro, agarrado ao pára-brisa, também gritava:

— *L'accis'! L'accis'*^[21]! — e logo uma multidão se juntou ao redor.

Quando viu Palmo, roxo, descer do veículo com o fuzil no braço, entendeu que já não tinha mais jeito.

— Santo Cristo, Palmo! Fique aí, não desça, Palmo! Pelo amor de Deus!

Mas Palmo já tinha descido e depois disso bastaram poucos segundos: os garotos fizeram Palmo cair de pernas pro ar. Um deles, que não tinha mais que 12 anos, assumiu o volante, outros três ou quatro foram para a carroceria, e o vazio repentino atrás do caminhão permitiu a rápida meia-volta e a fuga, apesar dos tiros que Ettore, furioso, disparava para o alto.

Um dos garotos do bando não tinha conseguido fugir e se debatia enquanto Palmo voltava blasfemando para o caminhão, fuzil na mão e o pestinha preso pelo braço.

Ettore só pôde ficar olhando, a menos de quinze metros de distância. Se tivesse descido, teria perdido o caminhão também.

— Você é um cretino, Palmo — disse assim que o outro entrou com o garoto, que estava tentando se soltar e berrava:

— *Lassam'! Lassam'*^[22]!

Ettore deu-lhe um safanão. Ele parou.

— E agora, o que vamos fazer? — perguntou Palmo, ofegante e agitado.

— Vamos voltar ao cais, pra matar ou morrer.

Nenhuma das duas opções estava nos planos de Ettore, mas

ele estava muito bravo, e disse aquilo para assustar Palmo e aquele pequeno filho-da-puta. Tinham roubado o caminhão dele, Cristo! O que ele ia dizer a Bianco?

— *I'm sorry, goombah*^[23]. Esses pivetes são endiabrados, *these fuckin' brats*, são uns demônios...

— Ouça, americano, sem o caminhão e a carga não vou embora, e sei que vou me dar mal e o meu sócio também, mas antes nós também vamos nos divertir.

— Escute, amigo. Agora vou ver o que dá pra fazer. Mas não faça besteiras aqui. Guarde as armas e peça ao seu sócio que solte o moleque, que ele não serve pra nada, porque aqui tem um monte iguais a ele. Senão chega a *Military Police*.

Ettore olhou para ele, irado:

— Você acha que não sei que aqui a polícia só vê o que quer? Quero o caminhão. Sem o caminhão vai ser uma carnificina.

Victor Trimane bufou umas duas vezes, *troubles every fuckin' day*. Arrumou a gravata, olhou ao redor, fez um sinal para um dos que estavam aí por perto.

Trocou algumas palavras com um sujeito pequeno e magro que gesticulava muito e antes fazia que não com a cabeça, depois, resignado, pareceu concordar. Enquanto o sujeito se afastava, Vic gritou:

— Diga a ele que depois eu vou até lá com o Steve Cimento. Diga isso, Antonio, e ande logo!

Virou-se para Ettore com um sorriso esticado.

— Amigo, agora vamos resolver tudo. Espere aqui e não faça nenhuma besteira.

Depois chegou perto de Palmo, tirou o moleque dele e o mandou embora com um pontapé na bunda.

Ettore acendeu outro cigarro, tinha que esperar e torcer para que tudo corresse bem, que não estivessem brincando com ele e com aquele sócio imbecil que agora estava se recompondo.

Palmo, ao lado dele, permanecia mudo e com o rosto

vermelho, tremia e ainda não tinha soltado o fuzil.

Ettore passou-lhe um cigarro:

— Fume um cigarro e guarde a arma, rápido.

Depois de uma hora, Antonio reapareceu dirigindo o caminhão entre os berros e a algazarra da multidão que não parava de falar no assunto.

Ettore se sentiu mais leve, mas o caminhão também estava.

Diante da carroceria vazia, olhou para Vic com ar de interrogação.

Ele encolheu os ombros:

— E o que eu posso fazer, amigo? São uns animais. A miséria os torna animais. Não conseguimos trabalho pra todos. Não deixam nem a gente trabalhar. Ouça o que lhe digo, você se deu bem. Conseguiu o caminhão de volta e pode acreditar que teve sorte, porque aqui já desmontaram porta-aviões e venderam navios americanos inteiros. *Listen to me*: vou providenciar um pequeno ressarcimento. Vou colocar aí outras cinco caixas de cigarros e uma de uísque, pra não deixar o caminhão vazio. E você volta pra casa feliz com a bênção de dom Luciano. *Ok, goombah?*

Ettore olhava para o bico dos seus sapatos, com o toco de cigarro aceso entre os lábios. Precisava aceitar o papel que lhe cabia, porque, apesar de estar furioso, não tinha mais o que fazer. O caminhão, isso sim era fundamental.

Levantou o olhar, mantendo-o por alguns segundos nos olhos do americano. Fez um sinal a Palmo, que não parava de andar ao redor do caminhão para conferir se estava inteiro.

— Vamos embora.

Iam voltar para Bolonha, ao encontro de Bianco.

Capítulo 9

Bolonha, 22 de janeiro

Um palacete do fim do século XVIII, transformado em condomínio. Rua San Mamolo, bairro de classe alta aos pés das colinas. Atrás do portão maciço, cheiro de tabaco aromatizado no conhaque e notas sinuosas de jazz descendo pelas escadas.

Pierre subiu correndo e o encontrou à sua frente, no patamar, alto e ainda esbelto, cachimbo nos lábios e olhar absorto.

— Desculpe o atraso, professor, meu irmão não parava mais.

— Não importa, Pierre, tome fôlego e por enquanto vai se acomodando, que o chá está esfriando.

Renato Fanti abriu caminho pelo corredor. Comprido e estreito, depois da porta de vidro, dava para o salão. Só aquele cômodo, com sofá florido e móveis escuros, era mais ou menos do tamanho de todo o apartamento dos irmãos Capponi. Pierre não parava de admirar a decoração elegante, as cortinas bordadas, a estante cheia de livros, o velho piano que ninguém tocava. Na mesa oval, como toda sexta-feira, a chaleira fumegante e biscoitos com uvas passas.

— Este é um Darjeeling, um dos melhores chás do mundo. É produzido na Índia, a 1.800 metros de altitude — explicou o professor.

Cada semana um chá diferente.

Pierre encheu as xícaras e acrescentou algumas gotas de leite,

à moda inglesa. Antes da aula, havia sempre um tempo para as últimas notícias.

— O senhor leu sobre o processo contra Djilas? Incrível, não? Um mês antes, ele se torna presidente do Parlamento iugoslavo, agora o destituem e o expulsam do Partido.

— Você sabe que não leio muito jornal. Mas ouvi falar muito — e indicou o rádio, velho trambolho, atrás dele. — Acontecem coisas esquisitas na Iugoslávia, é verdade. O que diz o seu pai?

— Meu pai... meu pai não diz nada. Ele conhece Djilas, sabe? Teria o que falar dele, mas há quase um ano não manda notícias. Deveria ter escrito no Natal, mas nada.

Fanti notou a expressão de Pierre:

— Um mês de atraso pode ser culpa do correio, não? A Iugoslávia parece perto, mas nunca se sabe. Por isso eu prefiro os pombos.

— Mas, veja — respondeu Pierre, sem levantar o olhar — é toda uma série de acontecimentos. A última carta chegou em março, só algumas linhas, uma má notícia... Depois dez meses de vazio e agora isso sobre Djilas.

— Seu pai estava do lado dele?

— É, mais ou menos, apesar de nos últimos anos vir implicando um pouco com todos. Dizia que o tinham demitido do cargo, que um italiano em um cargo importante incomodava.

O professor prensou o fumo no cachimbo. A chama do isqueiro reavivou a brasa e os lábios estalaram em rápidas baforadas:

— Você não acha que ele teria voltado à Itália se as coisas estivessem muito ruins?

— Bom, aqui não seria muito melhor, pelo contrário.

— O que você está querendo dizer?

— É que, enfim, ele é um "traidor", entende? Na frente iugoslava, em 43, ele largou o exército, matou um oficial e foi se juntar à resistência. Aqui na Itália, ele seria preso. Se ele ao menos tivesse um partido pra apoiá-lo, descontaria alguns anos, mas não, ele é um *titofascista*, como dizemos, e os companheiros daqui o deixariam atrás das grades até apodrecer.

O jazz terminou com o ruído da agulha nos últimos sulcos

vazios. Fanti se levantou para virar o disco e, depois de um momento de indecisão, a orquestra de Count Basie recomeçou. Fora tinha começado a nevar.

— Quanto ao Partido — retomou o professor — Togliatti e Tito vão fazer as pazes logo, agora que Bigodudo saiu de cena. Essa história do Djilas é uma prova: Tito quer reatar com os russos e deixa pelo caminho os que criticam a União Soviética.

— Resumindo, meu pai nunca está do lado certo — comentou Pierre com um meio sorriso. Com dificuldade, sorveu o último gole de chá. Tirou da pasta as folhas e a caneta-tinteiro que Angela havia lhe dado de presente. Uma lambida no dedo, à procura das últimas anotações.

— Está aqui, *we go to the cinema and after we have a drink*, grifei o *after*, mas agora não lembro o porquê.

— Porque é um erro: você deveria dizer *and then we have a drink*. Escreva o certo, pra se lembrar da diferença.

Renato Fanti sabia inglês perfeitamente. Viveu em Londres por mais de dez anos e voltou só em 47, depois que a Itália se tornou República, três anos depois do falecimento da esposa. Agora lecionava em um liceu científico, mas antes da guerra havia sido professor de Literatura na Universidade de Bolonha. Eles se conheciam desde o tempo dos cursos noturnos que Pierre tinha freqüentado para conseguir o diploma de segundo grau. Aquele senhor elegante e pouco convencional o havia impressionado imediatamente. Conhecia o mundo, o cinema, a música. Tinha interesses estranhos, quase maníacos. Era a paixão que o fazia lecionar em um curso como aquele. Com certeza, não era por necessidade. Por isso Fanti admirava a vontade que Robespierre tinha de emergir, de conhecer, de abraçar a vida.

Pierre se lembrou de quando, no curso, falando de *Um Bonde Chamado Desejo*, Fanti se surpreendera ao descobrir que alguém conhecia o filme, e do dia em que lhe tinha oferecido a entrada para *Rashomon*. Depois tinha surgido a idéia das aulas de inglês e a descoberta que o professor tinha perdido a esposa exatamente como ele tinha perdido a mãe. A mesma doença: tuberculose.

No Comitê do Partido não aprovavam a amizade dele com o

professor. Um antifascista, certamente, porque havia sido afastado da universidade por amar excessivamente a literatura norte-americana e bem pouco a camisa preta. Mas o chamavam de burguês e *qualunquista*^[24].

Claro, Fanti não era um companheiro, nem pertencia à classe operária. Não estava do lado de Moscou, e muito menos dos imperialistas. Talvez fosse anarquista, quem sabe, e era quase certeza que não votava. Em matéria de livros, as argumentações dos autores não chegavam a assustá-lo, e era grande admirador daquele John Fante que o *Rinascita* taxava de meio nazista.

Acabando de ler Dos Passos, ele ia pedir emprestado.

Capítulo 10

Bolonha, domingo, 24 de janeiro

Debruçou entre os assentos e indicou ao taxista a avenida arborizada à direita.

Os troncos dos olmos estavam afundados na neve amontoadada em ambos os lados da rua e as rodas do carro lançavam jatos de barro nos vidros laterais. Angela tinha colocado de propósito os sapatos de salto alto, para ter uma desculpa e poder convencer Ferruccio a desistir do passeio.

O porteiro reconheceu a senhora Montroni assim que a viu entrar e logo mandou chamar o enfermeiro que cuidava do irmão.

Angela não gostava muito da Villa Azzurra, mas pelo menos não era um manicômio. Depois da guerra, nos primeiros meses de 48, Ferruccio tinha ficado duas semanas internado em um hospital psiquiátrico. A lembrança daquele lugar ainda lhe dava arrepios. Gritos, corpos encolhidos em posições absurdas, poças de urina no chão, cheiros de virar o estômago. Até que um dia entrou no quarto do irmão e o viu amarrado com correias à cama. Foram necessários três atendentes para segurá-la e impedir que o soltasse. Mais um pouco e ela também teria sido internada, porque não parava de chorar e gritar. No dia seguinte tinha convencido o noivo, Odoacre, a assinar o termo de responsabilidade. Ferruccio voltou para casa.

— Então, como vão as coisas? — perguntou Angela ao

enfermeiro, como se fosse uma fala decorada. Ela perguntava sempre, mesmo sabendo a resposta: “Nada mal, senhora Montroni, estamos progredindo”.

— ... demora um pouco pra dormir, acorda, quer tomar o café-da-manhã às três da manhã, insiste que quer cigarros, depois durante o dia fica tranqüilo e quase não dá trabalho.

“Fica tranqüilo”. “Não dá trabalho”. A forma de dizer que o novo calmante surtia efeito. Na Villa Azzurra eram competentes, e o cunhado do doutor Montroni, claro, era tratado com todo cuidado. Notava-se que Marco, o enfermeiro, ótima pessoa, gostava de Ferruccio. Mas não tinha jeito: ali dentro, “estar bem” significava “não dar trabalho”. Se o irmão ficasse alterado e desse uma bofetada em alguém, então estaria mal. Se ficasse no jardim, com três graus abaixo de zero, olhando para as nuvens, então tudo certo, estaria bem.

— Se não estiver no balanço perto do poço, podemos encontrá-lo debaixo de uma árvore, na cadeira de sempre — disse o enfermeiro, escancarando a porta de vidro que abria para o parque.

Alguns velhos estavam desafiando o frio. Passeavam pela alameda das estátuas amparados por filhos ou netos. Uma senhora idosa, com metade do rosto envolvido em vendas, dedicava-se a improváveis trabalhos de jardinagem, enquanto dois homens conversavam sentados em um banco de pedra, debaixo de uns arbustos salpicados de neve. Ao passar ao lado deles, Angela percebeu que estavam todos falando sozinhos.

— Oi. Você tem um cigarro? — perguntou Ferruccio sem se virar quando as pisadas nas folhas secas anunciaram a chegada da irmã.

— Olá, Fefe — Angela o abraçou por trás e o beijou no rosto.
— Venha, o táxi está lá fora esperando por nós.

— Vamos dar o passeio?

— Meus sapatos não são adequados, Fefe, temos que passar lá em casa.

Um braço chicoteou o ar para afastar a proposta:

— Não, não. Vamos ficar aqui então. Vamos ficar aqui.

— Mas você fica aqui todos os dias, sempre fechado —

retrucou Angela, depois entendeu o motivo da resistência do irmão. — Veja bem, o Odoacre não está em casa, ele foi se encontrar com um amigo, saiu.

— Você tem um cigarro? — perguntou Ferruccio levantando e imitando com a mão o gesto dos fumantes. Angela lhe entregou o maço.

— Posso ficar com ele, né?

Angela concordou, resignada. Precisava sempre esperar um pouco até que Ferruccio relaxasse. Pelo menos uma hora, depois ele se distraía, deixava de lado as cismas, parava de pedir cigarro, ou perguntar a hora, ou o porquê de ter ido buscá-lo. Então era como estar com uma pessoa normal, deixando de lado o fato de que às vezes não respondia de acordo ou mudava de assunto de repente.

O taxista tinha adormecido. Angela bateu no vidro e ele teve um sobressalto, como se o tivessem acordado no meio da noite. Ergueu a mão pedindo desculpas e saiu rapidamente para abrir a porta.

— Já falei pra minha mulher não fazer frituras quando tenho que trabalhar, mas ela não entende. Algum dia, ainda vou provocar um acidente e então, não, não é isso, é só modo de dizer, só faltaria essa, quando dirijo fico bem acordado, mas quem sabe, posso perder minha freguesia.

— Você tem um cigarro? — perguntou Ferruccio ao se sentar.

— Cigarro? Claro, como não.

— Mas que cigarro, Fefe? — interveio Angela. — Eu já dei um maço inteiro pra você!

Mas o outro já tinha esticado o Chesterfield por sobre o ombro e Ferruccio tinha imediatamente se apossado dele. O curioso é que ele não fumava. Todas as segundas-feiras, na Villa Azzurra, ele dava uma volta pelos quartos e oferecia cigarros aos internos, aos enfermeiros e aos médicos. Todos sorriam, agradeciam, e ele se sentia feliz.

— Por que você veio me buscar hoje? — tornou a perguntar.

— Porque é domingo. Eu não venho todo domingo?

— É, mas da outra vez, sua amiga também veio.

— A Teresa? Ela não pode vir sempre.

— Não pode? Que pena, porque gosto muito dela. Você precisa dizer isso a ela. Ela é gentil, sabe? Por mim, você pode ficar em casa, se tiver o que fazer, mande a Teresa pra cá, vamos ao cinema, tomamos um chocolate, e eu fico muito bem, muito bem mesmo.

Estava quase gritando, agitado com o assunto. Angela teria ficado chateada por causa daquele discurso se não soubesse qual era o verdadeiro motivo de Ferruccio. Não era que ele preferisse Teresa. Na verdade, ele sabia bem o que acontecia nos domingos em que Angela o deixava com Teresa. E, como não simpatizava com o cunhado, gostava que a irmã se divertisse um pouco.

— Então você diz a ela, diz?

— O quê?

— Que gosto muito dela, da sua amiga. Você tem que dizer.

— Está bem, Fefe, vou dizer sem falta.

Permaneceram em silêncio por alguns minutos. Um grande grupo de pessoas conversava na frente da igreja dos Servos, enquanto outras, sob o pórtico, se encaminhavam apressadas à missa. As crianças brincavam atirando bolas de neve sob as árvores mirradas da praça Aldrovandi enquanto os pais entravam afoitos em uma doceria. Chegando às torres, o táxi virou à esquerda e entrou na rua Castiglione.

A casa de Odoacre era mais adiante, no ponto em que a rua ficava mais larga e já deixava entrever a ponta da velha muralha. Além daquele limite, o caminho subia por entre as colinas, refúgio dos mais ricos, nas mansões luxuosas, e dos namorados, fechados nos carros ou deitados na grama.

Angela pagou a corrida e se apressou na direção do portão, enquanto Ferruccio já parava a vizinha do andar de baixo para pedir o enésimo cigarro.

O sol tinha aparecido um pouco e o frio tinha diminuído. Pensou que sim, talvez pudesse mesmo trocar os sapatos e levar o irmão até os Jardins Margherita. Um domingo sem uma caminhada ao ar livre não o deixava de muito bom humor. E não era porque precisasse andar e tomar ar, nesse caso o parque da Villa Azzura seria mais que suficiente. Mas é que, sem um belo passeio no meio

das pessoas, como é que Fefe poderia juntar aqueles quarenta, cinquenta cigarros para oferecer na segunda-feira?

Capítulo 11

Declaração prestada no dia 25/01/1954 ao delegado da S.P. Pasquale Cinquegrana por Salvatore Pagano, de pai desconhecido, suspeito do furto de um caríssimo aparelho de televisão de marca americana da base militar das Forças Aliadas de Agnano, Nápoles.

Certo, entendi. O senhor diz que uma pessoa me viu lá pelos lados da base. Estou falando de Agnano. A base dos Aliados em Agnano. E daí? Ela pode estar errada, o senhor sabe o que acontece quando está escuro, quando acha que viu um amigo, mas é alguém que não tem nada a ver. Pronto, é o que deve ter acontecido. O que o senhor acha? Tem mais de uma pessoa que pode dizer que eu estava na festa. Da outra vez, já falei da festa, aquela da Befana. No orfanato Santa Teresa. Claro, dando presentes àquelas crianças, como não? Pode perguntar à irmã Giuliana, se quiser, lá não estava escuro, ela me viu bem, enfim, a gente até conversou. A irmã Maddalena também estava lá, pode perguntar pra ela também. O senhor acha que duas freiras vão mentir, elas que são as esposas de Cristo, o senhor conhece as freiras, orações e obras de caridade, nem sabem o que é uma mentira, ou seja, elas sabem, mas pensam que se alguém diz uma, Nossa Senhora chora, verdade, elas falavam assim, vocês sabem o que acontece quando falam mentiras?

Elas me criaram. As freiras, quero dizer. A irmã Giuliana e a irmã Maddalena, juntas. Pode conferir. Até à idade de 13 anos morei

na Casa da Criança de Santa Teresa, porque sabe, minha mãe mal tinha dinheiro pra viver, coitada, e com o trabalho dela, não sei se estou sendo claro, uma criança seria um fardo. Quanto ao meu pai, não tenho nada a dizer. Irmãos, irmãs, talvez eu tenha muitos, mas ninguém nunca me contou.

E, aproveitando, quando for visitar as freiras, pergunte pra elas se sou um delinqüente, como o senhor diz. Elas não mentem, o senhor sabe. Salvatore Pagano? É *'nu bravo guaglione*^[25], é, sempre perto dos cavalos, das apostas, mas o que o senhor quer, ele precisa viver. Porque elas, as freiras, não gostam muito de apostas. Se alguém aposta muito, faz Santa Teresa chorar. É o que elas diziam. Cada pecado tem um santo que chora e, quanto mais grave o pecado, mais importante é o santo. Mas, desculpe, eu estava falando das freiras. Salvatore Pagano? Nunca roubou nada, elas diriam, a não ser alguma bala, certo, também algum cigarro e, uma vez, só uma vez mesmo, uma garrafa de vinho do porão, mas uma televisão, isso é demais, e onde ele deixaria uma televisão? Não, não, Totore é *'nu bravo guaglione*, isso é o que diriam.

E, veja, para provar que com o senhor quero ser sincero de coração, como em um confessionário, além das balas e dos cigarros e da garrafa de vinho, naquela vez, mas só uma vez só, viu? Tem também uma outra coisa. E isso eu não acho que as freiras contariam porque, bom, elas também, neste caso, o senhor entendeu, não? E aquela é exatamente a coisa mais feia que eu já fiz, para o bem, claro, uma coisa justa, sim, senhor, senão as freiras não teriam deixado, eu ainda meio que morava com elas, naquele tempo. É, mais ou menos, enfim, metade, um pouquinho, de dia ficava por minha conta e à noite voltava lá pra dormir. Eu tinha 13 anos.

Já falei, certo, que tenho uns amigos, mas poucos, e mais outros amigos, que me conhecem também como Totore *'a Maronna*^[26]? Não, não, não fique nervoso, não estou mudando de assunto outra vez. Isso tem a ver com aquela coisa feia, mas justa, que fiz muito tempo atrás, aquela das freiras. Bom, como eu dizia, me chamam assim, Totore *'a Maronna* por causa que eu, não

exatamente sozinho, aliás, com outras pessoas, fiz Nossa Senhora chorar. Mas, espere, onde entram aí as mentiras? Aquilo é um modo de dizer. Não, essas Nossas Senhoras não fiz chorar por causa de mentiras. Elas choravam de verdade. Quer dizer, de verdade não, não era um milagre mesmo, era uma mentira, mas choravam, e como. Não entendeu? Vou explicar melhor: essas outras pessoas com quem eu estava davam uma mão a algumas outras pessoas, gente importante, peixe grande. Esses peixes grandes visitavam muitas vilas perto de Nápoles, como Acerra, Marano, Afragola, falavam das coisas deles, faziam propaganda, contavam os projetos deles. Quando eles iam embora e o povo ainda estava lá, perto do palanque, porque os peixes grandes falavam em cima de palanques, nós íamos pra lá. Isto é, aquelas outras pessoas e eu. Eu não tinha muito trabalho, eles me mandavam à igreja do povoado, junto com o pároco, que também estava do nosso lado, e de repente eu tinha que correr para fora, feito louco, dizer que tinha visto Nossa Senhora chorar, que era um milagre, corram! E que uma velhinha que estava comigo tinha desmaiado de susto. E algumas vezes aquelas outras pessoas que estavam comigo tinham colocado uma bombinha de água dentro da estátua da Nossa Senhora, e ela chorava mesmo, isto é, não mesmo de verdade, não era um milagre, mas parecia que chorava. Mas às vezes nem precisava, pro povo bastava o que este *guaglione* e a velhinha diziam, que tinham visto Nossa Senhora chorar bem no momento em que aquele peixe grande falava que precisava votar nele, porque senão, que Nossa Senhora o quê, que Itália o quê, viriam aqueles que *se magnavano 'e criature*^[27] e... Não quer ouvir essa história? Já conhecia? Tá bom, tá bom, não falo mais nada, eu avisei que era uma coisa feia, que queria contar tudo ao senhor, como no confessionário, mas aquela gente eu conheci por meio das freiras, e me falaram que, bom, tem mentiras e mentiras, aquela era uma mentira para o bem, o senhor também já deve ter dito mentiras boas, essa era assim, e era tão boa que, de tanto repetir, parece que salvamos a Itália em 48, eu e aquelas outras pessoas... E tá bom, não interessa, já tinha entendido, vou parar já, de qualquer forma, é por isso que alguns amigos, mas poucos, e

mais outros amigos me chamam *Totore 'a Maronna*. Se bem que gosto muito mais de Kociss.

Mas, se não quiser ouvir essa história, repito que não tenho nada a ver com essa encenca de televisão americana. E o caso da Nossa Senhora é o maior que já aprontei.

As 5 mil liras? Que 5 mil liras? Estavam no meu bolso? Bom, claro, 5 mil liras, mas aquelas são minhas. E o senhor acha que se tivesse vendido a alguém uma televisão americana ia pedir só 5 mil liras? Ela vale vinte vezes mais, no mínimo. E o senhor acha estranho que alguém como eu ande por aí com 5 mil liras no bolso. Tá bom, eu já falei que as freiras não gostam, mas eu aposto nos cavalos, Santa Teresa que me perdoe, e quando ganho, recebo alguma coisa. Além disso, o senhor sabe, estou sempre no hipódromo, e limpa daqui, leva isto pra lá, faça o jogo pra este senhor que quer ficar na comodidade, sempre dá pra tirar algum. Mas pouquinho, 400, 500 liras no máximo. As 5 mil eu ganhei mesmo. No Grande Prêmio de domingo, acho que tínhamos três, apostei em Monte Allegro, todo mundo dizia que Ninfa ia vencer, mas quem venceu foi Monte Allegro. Sabe, Agnano é a minha segunda casa, aliás, talvez a primeira, e eu conheço bem os cavalos, e Ninfa, um dia antes, estava com uma cólica terrível e Monte Allegro estava em boa forma. No totalizador estavam dando a 100 liras, pode conferir, e eu apostei todas as minhas economias, 500 liras, isso mesmo.

Uma grande aposta, *delega*, nunca vi tanto dinheiro na minha vida!

Capítulo 12

Palm Springs, Califórnia, 30 de janeiro, à tarde

No sofá estilo *chippendale*, exatamente na frente de Cary, estava sir Lewis Chester Kennington, alto funcionário do MI6^[28], vindo de Londres há poucos dias. Ao lado dele, Henry Raymond, superintendente em solo norte-americano da mesma estrutura de *intelligence*. Rígidos, em suas roupas cinzas, perfeitas. Lã penteada, *grey pinstripe*, dois botões, colete, provavelmente Anderson and Sheppard, e as camisas tinham o inconfundível corte Turnbull & Asser da Jermyn Street. Nos pés, os dois calçavam Oxford pretos. Mas o *ensemble* era vestido com pouca personalidade, típico dos ingleses, que, em detrimento da boa aparência, preferem combinar suas roupas com as paredes dos escritórios.

Sir Lewis, cerca de 1,80 m, mais ou menos 60 anos. Os cabelos brancos penteados para trás, bigodinhos pretos, bem cuidados.

Raymond era talvez dez anos mais jovem e uns doze centímetros mais baixo. Cabelos ruivos e finos, risca à direita. Os dois tinham o sotaque típico dos membros de famílias de classe alta, e olhos muito claros, daqueles que em branco e preto parecem desbotados e pouco sinceros.

Os olhos de Cary eram escuros. Podiam “atravessar a tela” e

transmitir qualquer emoção.

O agente do FBI, louro, porte médio, 30 e poucos anos, que tinha se apresentado como “Bill Brown”, permaneceu em pé, ao lado da lareira de mármore. Paletó esporte azul desabotoado, camisa vermelha, gravata com nó torto, óculos de sol (armação pesada demais para os traços dele). Só tinha pronunciado duas palavras, mas Cary reconheceu nelas o *twang* da fala texana, o mesmo de seu amigo Howard Hughes.

Colocando um fio de leite na xícara de chá, sir Lewis disse:

— Mr. Leach, o senhor certamente estará se perguntando por que o governo de Sua Majestade vem procurá-lo.

Cary, cidadão americano desde 1942, concordou, calado. Seu baixo astral dos últimos dias não dava espaço à curiosidade. Ninguém o chamava de “Mr. Leach” havia mais de vinte anos.

Sir Lewis, escolhendo o caminho da adulação, fez referência aos “serviços do passado” prestados a Sua Majestade, ao patriotismo demonstrado na guerra, aos interesses da Coroa.

— A sua ajuda foi muito preciosa, Mr. Leach. A gratidão de Sua Majestade e de todos nós supera muito a homenagem que lhe foi dispensada...

— ... Com bons anos de atraso. — concluiu Cary. Tinha recebido a King’s Medal só em 1946, oficialmente, por ter doado à pátria natal em guerra todo o pagamento por *Núpcias de Escândalo e Este Mundo é um Hospício*.

Raymond foi pego de surpresa:

— Desculpe?

Sir Lewis esboçou:

— O senhor entende que precisávamos esperar algum pretexto, um outro motivo para conceder a King’s Medal, para não expor o seu papel e o de outros preciosos informantes.

— Senhores, não pretendo me deter a polêmicas inúteis, que isso fique claro. Não fiquei ressentido na época, imaginem então no ano de graça de 1954, mas o meu amigo e colaborador Alexander Korda recebeu o título de baronete^[29] em 1941. Estou errado?

Quem estava falando? Archie ou Cary? A fagulha da lembrança

tinha reacendido a chama do orgulho ferido, que trazia consigo uma curiosidade ressentida. O que o MI6 poderia querer dele? Se estavam ali, em sua casa, em sua sala, para pedir algum favor, ah, era preciso ter muita coragem!

— Mr. Leach, esperamos sinceramente que o senhor não duvide de nosso profundo reconhecimento...

Então Cary não se conteve:

— Senhores, vamos deixar pra lá. A questão pode ser resumida de um modo muito simples: eu queria alistar-me já em 39, como fez David Niven, mas Lord Lothian disse que eu seria mais útil em Hollywood, de onde faria um relatório sobre os simpatizantes do nazismo na indústria cinematográfica. Por que não? Havia nazistas por toda a parte, até a minha segunda esposa conhecia alguns, meu professor de espanhol era um espião do Eixo, isso para não falar na maldita condessa de Frasso. Os senhores têm idéia da quantidade de encontros intermináveis que precisei agüentar com gente desagradável entre 39 e 43? Fiz a minha parte, também com o maldito Hoover e todo o maldito FBI, que procurava sempre me colocar em situação embaraçosa, querendo saber o que estaria querendo este inglês em nosso território? Será que não somos capazes de descobrir sozinhos os nazistas? Depois informo sir William Stephenson que Errol Flynn conhece agentes alemães e, como súdito britânico, é culpado de alta traição. Puxa vida, eu informei! E o que faz o MI6? Nada. Aliás, durante todo o período de guerra, Flynn representa o herói na tela, e eu levo as alfinetadas de jornalistas de quinta categoria de Londres, que me chamam de covarde porque não me alistei como David Niven! Depois, quando a guerra acabou, me dão aquela maldita medalha e eu, que aliás já sou cidadão americano, deveria me derreter todo de satisfação, é isso?

Quem estava falando, Archie ou Cary?

— Um momento, por favor — interrompeu sir Lewis, em tom paciente mas irritante de professor de primeiro grau. — Vamos considerar ao que levaria uma acusação contra o Mr. Flynn por alta traição ou espionagem: a um processo longo e tortuoso, exposto à obra de desinformação inimiga, e quem estaria na berlinda? Um

popular astro do cinema. Um dos homens mais amados pelas mulheres do mundo inteiro. Correríamos o risco de transformar Flynn em mártir.

— É verdade — prosseguiu Raymond. — Permita-me citar um exemplo mais... contemporâneo, a mesma coisa poderia acontecer hoje com os suspeitos de “atividades antiamericanas”. É arriscado mover todos esses processos para identificar um punhado de bolcheviques. Na Grã-Bretanha, preferimos táticas mais sutis e menos ruidosas, mas os Estados Unidos são um país ainda tão *naïf* e superficial. — Virou-se para Brown e acrescentou: — Com todo o respeito, é claro.

Brown permaneceu impassível, não deu demonstração de ter entendido uma só palavra. Pode ser, pensou Cary, que não saiba o que é “bolchevique”.

— Se, pelo contrário, deixássemos Mr. Flynn à vontade, como aliás fizemos — prosseguiu sir Lewis — a sua conhecida impulsividade nos levaria, mais cedo ou mais tarde, à descoberta de outros elementos da rede de espionagem e, de fato, seus imprudentes deslocamentos no México foram, no mínimo, reveladores. Quanto à desagradável experiência do senhor em relação à opinião pública britânica, poderia ter sido pior. É nosso dever, se necessário para a segurança e a prosperidade da Coroa, *dar de comer* à opinião pública os nossos agentes reais ou presumidos, para distraí-la. Como o senhor deve se lembrar, para proteger o trabalho de *intelligence* do seu amigo Mr. Coward, fizemos circular o boato que o MI6 o tinha liberado do cargo por falta de discrição. Era a única forma de os alemães não tentarem infiltrações.

— Quanto ao Flynn — retomou Raymond — havia outras maneiras de nos livrarmos dele, não preciso acrescentar mais nada.

Sir Lewis se virou para Raymond nitidamente contrariado. Quase ao mesmo tempo, Raymond e Brown viram Cary Grant arquear a sobrancelha esquerda em uma expressão de surpresa já exibida na grande tela. Nos poucos instantes de constrangimento que seguiram, Cary refletiu rapidamente. “Como pude não entender isso?”

Em 1942, Flynn tinha sido detido sob a acusação de abuso de menores, ligada a quatro episódios ocorridos em seu iate, o *Sirocco*. As duas supostas vítimas, umas tais Betty e Peggy, não aparentavam ter menos de 23 anos, alguém as tinha deflorado bem antes de Flynn e eram mais que viajadas, mas no processo a acusação fez com que se vestissem como garotinhas, de meia soquete e trancinhas... Flynn foi absolvido, mas a fama de esturador permaneceu. Entrou em declínio, como ator e como homem, o alcoolismo, as drogas, a autodestruição.

Uma operação do MI6!

Cary ficou aborrecido: táticas “mais sutis e menos ruidosas”!

— Senhores, não sei o que querem de mim, mas acho que esta conversa durou até demais e...

— Mr. Grant — sir Lewis ergueu as mãos em sinal de rendição: tem razão, agora vamos ao ponto. Nada mais de “Mr. Leach”, finalmente. Tinham entendido que de pouco adiantava falar em lealdade à Coroa. — Mr. Grant, os governos da Aliança Atlântica precisam de sua ajuda para uma delicada questão de importância internacional. Pode lhe parecer um paradoxo, mas nos dirigimos ao senhor como ator e como... homem elegante.

Raymond apertou os lábios, tentando reprimir um sorriso. A sobrancelha de Cary ficou novamente arqueada (e permaneceria naquela posição por uma boa parte da hora seguinte). O rosto de Raymond foi tomado por uma expressão hilária, como se suas ações da Union Pacific Railroad tivessem acabado de subir vinte pontos.

Capítulo 13

Entre Nápoles e Caserta, 30 de janeiro

Os sapatos bem lustrados afundaram na lama e lá de baixo veio um cheiro de merda e estábulo. Um local improvisado plantado no lodo no meio das moitas, homens que se moviam entre búfalos e vacas, uns vinte carros estacionados por perto e o zumbido das moscas, às vezes mais alto que o mugido dos bovinos. O mercado de gado de Marcianise, perto de Caserta.

Zollo avistou o conversível do idiota. Só um filho de uma boa família viria a um lugar como esse com um carro de luxo. Zollo deu os parabéns a si mesmo por ter deixado o seu na garagem de casa. Trimane chamou a atenção dele para um fulano bem vestido, chapéu, cachecol e casaco, no meio da multidão de criadores de gado e caipiras. De onde eles estavam não dava para distinguir o rosto, mas era ele.

Desceram do morro onde estavam plantados, blasfemando por causa da lamaceira que chegava a sujar a barra das calças. Alcançaram o caminho de terra que descia até o povoado. Uns 100 metros abaixo, encontraram o Fiat 1900 que haviam pegado emprestado para a ocasião. Entraram. Trimane acendeu um cigarro.

Disse:

— E aí, está vendo esta estrada?

— Estou.

— Na Itália, as estradas não são boas. Se não têm barro, têm poeira, sem poeira, buracos, sem buracos...

— Buracos sempre, Vic. *And no highways.*

Zollo espiou pelo retrovisor para ver se tinha alguém chegando. Queria acabar logo e voltar para Nápoles. O silêncio do campo o deixava estranhamente agitado.

— Nada de estradas boas, nada de carros bons. Só carroças.

— *Jeezus!* Caixotes feitos de lata com quatro rodas, fazem mais barulho que um *tank*, fedem mais que um navio petroleiro e no verão parecem um forno.

O atraso italiano também era um dos assuntos preferidos de Lucky Luciano. Quando tinha sido agraciado pelos seus não muito bem explicados esforços de guerra e o tinham despachado para o outro lado do oceano, Salvatore Lucania esperava encontrar alguma coisa a mais no país de origem. Para Stefano Zollo, o efeito não foi diferente. Tinha ouvido dizer, repetidamente, que os italianos levaram o crime organizado para a América, mas até nesse aspecto o país parecia um tanto antiquado. Será que em Nova York alguém seria idiota a ponto de dar uma bofetada em dom Luciano? Alguém assim, nos EUA, já estaria de molho na Baía de Hudson, com dois cômodos sapatos de concreto. Um sistema seguro e limpo de ocultar cadáveres que valeu a Zollo o apelido de “Steve Cimento”.

O clima e as mulheres eram o que a Itália tinha de bom. Mas isso também era apenas parcialmente verdadeiro, como estava demonstrando o frio intenso daquele mês de janeiro. As mulheres, certo, eram muito bonitas, mas, como dizia dom Luciano, ficavam muito em casa e os seus vestidos procuravam esconder, em vez de mostrar.

— O que me diz, Vic, você prefere a Marilyn ou as atrizes italianas?

— Ah, meu caro, as italianas têm uns peitos! Quando cheguei, no caminho vi uns cartazes com uma moça toda suja de barro, uma camponesa, de *pants* bem curtinhas e a camiseta apertada. Até perguntei o nome dela... Mango, Mogano, não lembro.

Por trás, o ruído de um carro chegando. Victor olhou pelo retrovisor e concordou mexendo a cabeça. O conversível do idiota.

Steve saiu, apanhou uma grande chave inglesa do capô aberto, simulando um defeito, e a embrulhou em um exemplar do *Il Mattino*. Depois foi até beira da estrada. O idiota e o companheiro dele riam de contentamento. Tinham fechado bons negócios.

Zollo deu um passo à frente.

Parou com a mão levantada, o jornal apertado na outra, encostado ao corpo.

O carro do idiota diminuiu e parou bruscamente.

Zollo se aproximou do passageiro.

Ele disse:

— Posso dizer uma coisa a você?

O outro o olhou com ar de interrogação.

A chave inglesa baixou em sua cabeça duas vezes, com força. Apesar do chapéu e do jornal, Zollo ouviu o ruído do crânio sendo esmagado. O companheiro também ouviu e, assim que esboçou uma reação, viu Trimane, em pé ao lado do Fiat 1900, apontando para ele.

— Se você conhece mais alguém que queira dar bofetadas por aí, conte o que aconteceu ao seu amigo.

Zollo deu um passo para trás e o carro, derrapando na lama, foi embora.

Trimane deu a partida e Zollo o alcançou.

— Vamos passar na minha casa, Vic. Preciso trocar essa porra de sapato.

Capítulo 14

Palm Springs, Califórnia, 30 de janeiro, à tarde

Bill Brown pigarreou. Só naquele momento Cary notou os mocassins, *penny loafers* de cor marrom que não combinavam em nada com o que ele vestia. Na verdade, o conjunto todo era uma lástima: as calças e as meias pretas eram muito curtas e deixavam à vista os pêlos das pernas. Santo Cristo, é possível que o tio Sam deixe os seus homens andarem por aí tão mal arrumados? Mas os agentes do FBI não vestiam todos roupa escura, camisa branca e gravata preta? Talvez aquele sábado fosse o dia de folga de Brown e o tivessem convocado inesperadamente. Mas nem nas horas de *relax* deveríamos nos deixar levar por um mau gosto desse tipo.

O americano tirou os óculos escuros, tentou assumir uma expressão solene e disse:

— Mr. Grant, antes que meus colegas... — Cary notou o horror e a sensação de superioridade estampados nos olhos dos dois ingleses — antes que meus colegas prossigam, é meu dever fazer-lhe algumas perguntas em nome do governo dos Estados Unidos. Em primeiro lugar, o que o senhor pensa do país que lhe concedeu a cidadania? O senhor se considera um bom americano?

— E o senhor? — rebateu Cary sem hesitar.

— Peço-lhe que me responda, Mr. Grant — disse Brown.

Sir Lewis e Raymond encararam Cary. O incômodo pela

presença do americano e a urgência de explicar o motivo da visita estavam estampados no rosto dos agentes ingleses. Com alguns sinais vagos, deram a entender que tinham feito o melhor que podiam para poupá-lo daquele constrangimento, mas eram hóspedes do governo federal e precisavam deixar Brown à vontade.

Cary se esforçou para evitar expressões vulgares:

— O que é, outra daquelas investigações de que vocês tanto gostam? Espera que eu apele para a Quinta Emenda, *na minha casa*, para que o senhor conclua que tenho algo a esconder, que não sou “anticomunista”? — Os dois ingleses quase podiam ver a fumaça saindo dos ouvidos do ator. — Brown, assim como o deixei entrar, posso enxotá-lo daqui. Já está em pé, basta colocar um diante do outro até chegar à maldita porta.

— Mr. Grant, estou fazendo essa pergunta porque é notório o fato de o senhor ser amigo de Clifford Odets, escritor simpatizante do socialismo que financiou os comunistas espanhóis durante a guerra civil...

— Financiou *os republicanos*, agente Brown. Não eram todos comunistas. Do outro lado, estavam os fascistas, o senhor sabia?

— Mr. Grant — prosseguiu o agente — em um relatório do FBI de 44, o senhor aparece em uma lista de pessoas ligadas a comunistas.

— Mr. Brown — interveio Raymond — para nós ficou claro que, como há pouco foi dito em palavras mais cautelosas, Mr. Hoover não via com bons olhos as atividades de Mr. Grant como representante da Coroa Britânica. O MI6 está convencido de que o Federal Bureau of Investigation tenha deliberadamente exagerado...

— Raymond — explodiu Brown — não gosto de ser interrompido, *okay?* Eu não interrompi as suas cerimoniosas gracinhas, então feche o bico e me deixe acabar! O seu Mr. Grant esteve diretamente envolvido na realização de um filme de esquerda, e no ano passado defendeu Charles Chaplin.

Cary levantou da poltrona e deu alguns passos na direção do agente federal.

— Mr. Brown, agora é oficial: estou expulsando o senhor daqui. Se quiser que eu acrescente também um pontapé na bunda,

ficarei bem feliz em agradá-lo. E aproveitando a oportunidade, diga a...

— Senhores, por favor! — exclamou sir Lewis, enquanto ambos os ingleses se levantavam para se colocar entre os dois.

— Você quer me dar um pontapé na bunda, é? Experimente! — rosnou Brown.

— Agradeço por ter dado licença, mas acho que vou preferir fazer com que engula alguns dentes — respondeu Cary.

— Senhores, um pouco de compostura, por Júpiter! Estamos aqui para falar de uma missão...

Enfim, os dois ingleses conseguiram restabelecer um ambiente de tranqüilidade.

Sir Lewis ajeitou o paletó, depois anunciou em tom solene:

— Mr. Brown, a ajuda de Mr. Grant é solicitada formalmente pelo governo britânico. O MI6 tem provas incontestáveis da lealdade democrática de Mr. Grant, e está disposto a transmitir a documentação relativa à sua agência, para que Mr. Grant não precise se submeter a inquéritos inoportunos, que nesta fase interfeririam nos interesses do Reino Unido e também do *seu* governo, ao qual eu mesmo relatarei o incidente. Assumo pessoalmente a responsabilidade pela decisão de afastá-lo desta casa, e quero que isso conste do seu relatório. Se Mr. Hoover não considerar suficientes tais garantias, poderá enviar uma reclamação oficial a Londres.

— O que pensa que está fazendo? Cary Grant não é mais cidadão britânico e...

— Pelo amor de Deus, quer sair daqui antes que eu perca a paciência? Fora!!! — gritou sir Lewis, sem abrir muito os lábios, quase sem mover um músculo da face. Cary ficou estupefato, mas não a ponto de perder a chance de despachar Brown da maneira apropriada: — Aproveitando, diga à Edgardina que pare de espalhar boatos sobre a *minha* presumida homossexualidade: o púlpito não está à altura do sermão.

Sir Lewis se acomodou novamente no sofá, enquanto Raymond acompanhava Lewis, que praguejava sem parar, até a porta de saída.

— Qual é o motivo de o MI6 ter que vir acompanhado de um homem de Hoover? — perguntou Cary.

— Como o senhor mesmo mencionou, Mr. Grant, J. Edgar Hoover o detesta desde quando sentiu a própria jurisdição sendo invadida por suas e nossas atividades de *intelligence*. Além disso, o senhor tem amizade com liberais conhecidos e defendeu Mr. Chaplin, que talvez seja a pessoa mais odiada pelo chefe do FBI. Falando abertamente, Mr. Grant, Hoover é um grande chato e o *bureau* dele é a coisa mais parecida com a Gestapo que já vi. O presidente Eisenhower também alimenta um profundo menosprezo por ele e seus métodos. Coisas assim seriam inimagináveis na Inglaterra.

— Realmente, os cavalheiros da velha escola exercem pressões e acalmam desavenças com métodos bem mais sutis e delicados. Talvez usando “menores” de hábitos complacentes... — disse Cary piscando.

Sir Lewis parou por um segundo e retomou com um pouco de dificuldade:

— É diferente, Mr. Grant, Errol Flynn *realmente* simpatizava com o nazismo, e descobrimos isso graças ao senhor. O modo como o enfrentamos pode lhe parecer desleal e desagradável, mas Flynn era um traidor e, além disso, um idiota. Muito pelo contrário, uma boa parte das pessoas extorquidas ou arruinadas por Hoover *nunca* foi simpatizante do bolchevismo. Por quatro anos o FBI apoiou oficiosamente o senador McCarthy, fornecendo-lhe documentação sobre a vida particular de políticos e intelectuais. Mas o que é demais, desanda: McCarthy não é mais tão popular e Hoover não quer acabar na lama com o compadre, começa a se afastar, mas ao mesmo tempo quer provar que os vermelhos estão *realmente* infiltrados na vida americana. Assim que ficou sabendo que o MI6 pretendia contatar o senhor, o FBI se intrometeu, apresentando-se como a agência mais idônea para “testar” o seu americanismo. O MI6 protestou, mas Hoover tem muito poder.

— Então os senhores terão problemas.

Ouvia-se a voz de Brown, vinda do saguão, que bradava *son-of-a-isto, son-of-a-aquilo*.

— Nada que não possa ser contornado — respondeu sir Lewis.

— Apesar de tudo, qualquer balança poderá atestar que a Commonwealth^[30] tem mais peso que Hoover.

— Isso é verdade.

Raymond voltou para a sala e ficou em pé ao lado da lareira, onde Brown permanecera até poucos minutos antes.

— Vamos ao nosso caso — disse Sir Lewis. — Mr. Grant, o senhor está a par da situação geopolítica mundial?

— Er... se estiver falando do fim da guerra na Coreia, estou, ouvi dizer. Sei também que no ano passado morreu Joe Stalin — respondeu Cary, sarcástico.

— Espero não abusar da sua paciência: temo que a minha explicação não será curta. Procurarei não falar demais, vou lhe dar depois alguns documentos nos quais poderá encontrar o que deixei passar. Posso continuar?

— Preciso admitir que, finalmente, o senhor me deixou curioso. Pro inferno o chá, quer alguma coisa mais forte? — Cary se esticou na poltrona e puxou o carrinho do bar. — *Scotch?* Conhaque? Um martíni?

Depois de servir os dois ingleses e a si próprio, Cary foi todo ouvidos.

— É, a guerra na Coreia acabou, mas a fria continua, e posso lhe assegurar que nunca foi tão intensa. O Ocidente corre o risco de perder terreno estratégico, os soviéticos são muito aguerridos e movem batalhas de oposição em cada oportunidade de confronto diplomático. Há menos de seis meses, a inoportuna execução do casal Rosenberg^[31], aqui na América, exacerbou o tom das acusações recíprocas. Além disso, o senhor deve saber que há dois anos a União Soviética também possui a bomba H. O que ficou instaurado em âmbito mundial é um equilíbrio do terror, e na mesa há pelo menos quatro questões cruciais, espinhosas, de cuja solução diplomática depende o destino do mundo inteiro. Isso lhe parece um exagero?

— Bom, quem não tem medo da bomba atômica? — disse Cary.

— Isso mesmo. E, infelizmente, também no país do qual o

senhor se tornou cidadão, tem gente que ameaça usá-la com demasiada leviandade. Há uma semana está em andamento a conferência de Berlim, da qual participam os Estados Unidos, Reino Unido, União Soviética e França. Na ordem do dia estão: a guerra da Indochina, a divisão da Coreia e o rearmamento da Alemanha Ocidental. Vamos deixar a Coreia de lado, porque já podemos dizer que a febre por lá está baixando. A situação mais explosiva está na Indochina, onde o exército colonial francês enfrenta as sérias dificuldades impostas pelos comunistas de Ho Chi Minh^[32]. Quanto ao problema alemão, é certo que a Alemanha Ocidental fará uma emenda em sua constituição para permitir a reorganização de um exército nacional, e vai aderir à Aliança Atlântica até o fim do ano. O senhor pode imaginar qual será o contragolpe no Kremlin.

— Imagino que vão dizer que um novo exército alemão chamaria de volta os mais variados malucos nazistas — argumentou o ator.

— Realmente, esse é um dos assuntos preferidos deles. Mas a Alemanha não representa mais um risco: a administração aliada, o Plano Marshall e a divisão territorial estabilizaram a situação. E vou dizer mais: o anticomunismo do efetivo militar alemão é um recurso precioso, porque hoje a Alemanha Ocidental é um dos nossos pilares contra a cortina de ferro.

— O senhor quer dizer que, para controlar os russos, a Europa se apóia em gente que até anteontem ostentava a suástica no braço? — perguntou Cary.

— *À la guerre comme à la guerre*, Mr. Grant. Repito que não existe risco de *revival* hitleriano, mas os russos têm a bomba H e estão conquistando novos territórios. Aceitar a Alemanha Ocidental na Aliança Atlântica é uma passagem decisiva para a Guerra Fria.

Cary interrompeu:

— O senhor falou em *quatro* questões cruciais, mas disse que em Berlim estão discutindo três.

— Preciso admitir que o senhor é um bom ouvinte — disse sir Lewis com um leve sorriso. — A quarta é relativa à cidade de Trieste.

— Trieste, na Itália?

— A questão é exatamente essa: no momento Trieste não é nem território italiano, nem foi anexada à Iugoslávia comunista. A denominação oficial é “Território Livre de Trieste”. A administração está há nove anos nas mãos das polícias militares britânica e norte-americana, os governos italiano e iugoslavo ainda não chegaram a um acordo, e no momento a cidade tem sido palco de embates sangrentos. O MI6 está plenamente convencido de que, mais que do rearmamento da Alemanha Federal, é dos futuros acordos sobre Trieste que dependerão as relações entre Leste e Oeste. Como o senhor deve saber, o comunismo iugoslavo é uma coisa à parte: não obedece a Moscou, tanto que foi “excomungado” do Cominform em 48.

— O Cominform?

— É o órgão de referência de todos os partidos comunistas no mundo. De todos, é claro, exceto da Liga dos Comunistas Iugoslavos.

— E por que os russos excluíram os iugoslavos?

— Porque não aceitaram se submeter à autoridade de Stalin e por causa de decisões consideradas pouco ortodoxas com relação à política externa. Em outras palavras, a Iugoslávia escapa da lógica dos blocos e deserta da Guerra Fria. Por exemplo, demonstrou total indiferença em relação ao conflito na Coreia. Veja, entre 41 e 45, os iugoslavos se libertaram da ocupação ítalo-alemã sem a ajuda de ninguém. O Partido Comunista Iugoslavo foi que conduziu a luta. Enfim, os comunistas iugoslavos fizeram sozinhos a própria revolução socialista, e por isso podem se dar o luxo de não reverenciar Moscou. Além disso, eles já têm um líder supremo, o marechal Josip Broz, conhecido como Tito, herói da resistência e grande estrategista militar. Quando a guerra acabou, não era possível a coexistência de dois cultos de personalidade, não seria possível venerar Tito e Stalin.

Cary cruzou as pernas elegantemente, sem desarrumar o vinco das calças e simplesmente anuiu:

— O meu colega Sterling Heyden falou uma vez nesse Tito, acho que ele o conheceu pessoalmente durante a guerra.

Sir Lewis abriu um discreto sorriso:

— Já vamos chegar à personalidade de Tito, é um assunto que vai interessá-lo mais do que o senhor imagina.

Cary encheu novamente os copos.

Raymond molhou os lábios no *scotch* e cruzou os braços, esperando que seu superior prosseguisse.

Sir Lewis retomou a palavra com extrema calma:

— Não quero deixá-lo entediado com uma detalhada descrição técnica sobre questões econômico-políticas, Mr. Grant. É suficiente lembrar que, quando falamos da Iugoslávia de Tito, não estamos pensando em algo como a União Soviética.

O rosto de Cary assumiu uma expressão irônica, como se estivesse prestes a encenar uma fala de um roteiro de filme:

— Sir Lewis, o senhor está dizendo que existem *bons* comunistas?

Raymond, vermelho de vergonha, olhou para Sir Lewis, que não se abalou:

— Não chegaria a afirmar algo assim. Mas certamente existem comunistas que poderão ser úteis para nossos objetivos. Tito é um deles.

O funcionário do MI6 fez uma pausa, esperando que Grant dissesse alguma coisa, mas Cary permaneceu calado, saboreando sua bebida.

— Em relação ao Marechal, o Reino Unido está em uma condição de diálogo privilegiada. O senhor precisa saber que, durante a guerra, nos aproximamos da resistência iugoslava para verificar a possibilidade de fornecer ajuda a Tito. Washington também tentou alguma coisa assim: como o senhor acabou de lembrar, Mr. Grant, alguns oficiais de relações internacionais americanos, entre os quais o seu colega Heyden, tiveram contato com os iugoslavos. Mas, nos últimos anos, o trabalho da Comissão McCarthy tornou totalmente impensável qualquer forma de aproximação com os países comunistas. Ainda mais a idéia de se aproveitar, para isso, de pessoas que já estiveram perto deles durante a guerra. Pelo que sei, Mr. Heyden teve problemas com a Comissão exatamente por causa de seu passado militar.

Cary desabafou:

— Deixe de lado os eufemismos, sir Lewis. Heyden foi investigado por McCarthy como simpatizante comunista, foi acusado de antiamericanismo e fizeram com que perdesse qualquer chance de trabalhar em Hollywood. Isso é muito mais do que “ter problemas”, o senhor não acha?

Sir Lewis concordou, irritado:

— Sem dúvida. Mas o que conta é que o Reino Unido não tem um McCarthy. Nós temos uma margem de manobra diferente.

— Para fazer o quê, sir Lewis? — perguntou Cary, cansado das explicações intermináveis.

Sir Lewis trocou olhares com Raymond. Este concordou e disse:

— Arrastar a Iugoslávia para o nosso lado.

A sobancelha esquerda de Cary Grant desenhou um arco jamais visto antes, nem mesmo na tela do cinema.

— O senhor não acabou de dizer que Mr. Tito é comunista?

Raymond procurou novamente a permissão do superior, e prosseguiu:

— Certamente. E ninguém pensa em fazê-lo mudar de idéia. Mas um país como a Iugoslávia poderia ser... *amansado*, e isso bastaria para fazer com que dê preferência a nós, em vez dos russos. Não seria uma questão de interferir no sistema político do país, mas de estabelecer sólidas relações econômicas e diplomáticas. É um processo que já se iniciou há alguns anos, existe uma parceria comercial, Sua Majestade até recebeu Tito no palácio de Buckingham.

Com um sinal, sir Lewis interrompeu a exposição de Raymond e recomeçou a falar:

— Veja, desde que Stalin morreu, muitas coisas estão mudando na Rússia. Em outras palavras, existe um perigo real de reaproximação entre Moscou e Belgrado. De nossa parte, por outro lado, ampliar o diálogo com a Iugoslávia significaria lançar o alicerce de uma ponte para o Leste Europeu. Apoiando a escolha autonomista de Tito, dando-lhe crédito internacional, mostraríamos uma via de escape também aos outros países satélites da União Soviética.

Cary deu uma leve tossida:

— Ah, senhores, tudo isso é muito interessante, mas a pergunta óbvia é: “Onde é que eu entro nessa história?”

Sir Lewis endireitou as costas:

— Em resumo, Mr. Grant, nossa proposta é que nos ajude a mudar a atitude da opinião pública ocidental em relação à Iugoslávia de Tito. Não precisa convencer o povo de que a União Soviética não é o inferno, basta convencê-los de que nem todos os países socialistas são iguais e, principalmente, que a Iugoslávia não é. Para isso, é necessário dar ao mundo uma imagem nova daquele país, do seu líder e da sua história. E nós temos que fazer isso, porque os americanos neste momento estão pensando ainda na melhor forma de se livrar de McCarthy e seus inquisidores.

Cary sorriu, sem conseguir disfarçar a ironia:

— Isso sim é falar claro, sir Lewis. E agora, por favor, antes que eu volte à leitura dos mitos gregos, em que consistiria essa ajuda?

— Na realização de um filme sobre a vida do marechal Tito e a Resistência Iugoslava. Um filme que chamaria a atenção para o caráter antinazista da luta partidária, em vez da conotação comunista, e que exalte o orgulho nacional iugoslavo, o esforço coletivo, tudo isso sem se esquecer da relação com os Aliados.

— E o senhor acha que um filme bastaria?

Sir Lewis cruzou os dedos, apoiando-se ao espaldar da poltrona:

— Os filmes podem servir, e como, Mr. Grant. Não sei se Hollywood já foi um “covil de vermelhos”, como diz o senador McCarthy, mas certamente, até os Estados Unidos entrarem na guerra, era um clube de simpatizantes dos nazistas. Errol Flynn, Gary Cooper, Walt Disney, Howard Hughes... Do ponto de vista bélico era gente tão perigosa quanto as tropas de Hitler que invadiam a Europa. Porque o cinema é a fábrica de sonhos do mundo livre, Mr. Grant, a sua consciência e a sua imaginação. Se Hollywood naquele tempo tivesse decidido fazer com que o mundo democrático gostasse de Hitler, teria conseguido. Por isso o trabalho do senhor foi tão útil. Agora nós gostaríamos de empregar um

daqueles sonhos, Cary Grant, para vencer uma batalha importante da guerra em andamento: a Guerra Fria. Em poucas palavras, Mr. Grant, pedimos mais uma vez que sirva à causa do mundo livre, como já fez no passado.

Cary ficou, por um instante, sem saber se deveria rir ou não. Enfim, escolheu o sorriso mais incrédulo de seu repertório, estendeu-se na poltrona, segurando o cotovelo com uma mão, o queixo entre o polegar e o indicador:

— Continue me surpreendendo, sir Lewis, posso lhe assegurar que não perderia o resto da história por nada.

A ironia não despertou nenhuma reação do funcionário dos serviços secretos, que permaneceu impassível:

— Agora Mr. Raymond vai falar do marechal Tito.

O subalterno pigarreou, removeu migalhas invisíveis da manga do paletó e começou:

— Josip Broz, o Tito, é um personagem singular e sem dúvida interessante, Mr. Grant. Pode ser difícil de acreditar, mas a indicação do nome do senhor veio dele.

A reação do ator se limitou a um sorrisinho *à la Cary Grant*.

Raymond prosseguiu:

— Tito tem uma autêntica admiração pelo senhor, assistiu a seus filmes e o estima. Quando ventilamos a hipótese de confiar a um produtor anglo-saxão a realização de um filme sobre a vida dele, disse explicitamente que a participação do senhor o deixaria lisonjeado. E foi o próprio Marechal quem sugeriu o personagem que deveria interpretar. Em 43, dois oficiais ingleses saltaram de pára-quedas nas montanhas iugoslavas com a missão de se aliar a Tito. Eles se juntaram à Resistência e partilharam por alguns meses do seu destino, a ponto de um deles ser morto durante um bombardeio alemão. Se aceitar a nossa oferta, propomos que interprete o papel do oficial sobrevivente, que aliás está à disposição para ajudar na construção do personagem.

Cary levantou a mão:

— Um momento, Mr. Raymond, deixe-me entender. Quem seria o produtor? Quem seria o diretor? Qual é o orçamento do projeto?

Raymond deu uma leve tossida:

— Isso ainda não foi definido.

O ator desviou o olhar por um instante, depois voltou a encarar Raymond:

— Em outras palavras, estão propondo que eu participe de um filme ainda sem produtor, diretor, sem definição de verba e ainda sem enredo. — Arregalou os olhos. — Que diabo aconteceu na Inglaterra enquanto eu estava ausente? Os alcoólatras tomaram o poder?

Os dois funcionários do MI6 baixaram os olhos, embaraçados. Sir Lewis foi o primeiro a intervir:

— Veja, Mr. Grant, ainda é um projeto hipotético.

— Pode falar abertamente.

— Na verdade, não viemos fazer um recrutamento. Não é o nosso trabalho. Mas o Marechal Tito pediu um encontro com o senhor. Podemos dizer que esta é quase a condição preliminar de toda a operação.

A testa franzida de Cary levou sir Lewis a insistir:

— Por isso estamos aqui. Certamente não será o MI6 que vai lhe propor a participação no projeto, e sim talvez a MGM, a seu tempo. Gostaríamos que falasse com o marechal Tito, na qualidade de embaixador da indústria cinematográfica ocidental. É óbvio que, se o próprio Tito não tivesse expressado esse desejo, não teríamos ousado vir até aqui incomodá-lo, Mr. Grant.

Sir Lewis passou a palavra a Raymond. Cary ficou se perguntando se havia um esquema de divisão das falas, ou se a ordem era casual.

— O MI6 pode fornecer o apoio logístico para uma viagem sua à Iugoslávia. Obviamente o senhor permaneceria incógnito: os russos não podem saber dessa aproximação, porque poderiam adotar contramedidas desagradáveis. Além disso, ninguém quer expor o seu nome sem a certeza da realização do projeto.

Cary descobriu que aquela situação absurda o tinha fascinado. Por um instante, chegou até a pensar que, de uma hora para outra, David Niven sairia da sala ao lado para revelar que aquela situação toda era apenas mais uma de suas piadas.

— Para não despertar suspeitas — retomou Raymond — poderíamos arranjar um sósia, Mr. Grant, que durante a sua ausência se deixasse fotografar de longe, ao lado de sua esposa, para satisfazer a mídia. Quanto a isso, seríamos beneficiados pelo fato de que seu afastamento do cenário e da vida social de Hollywood oferece uma enorme margem de manobra.

— Um sósia?

Raymond tirou do bolso interno do paletó uma fotografia e a entregou a Cary, que a ficou observando por alguns instantes.

— Estão brincando, não é? Esta é a pessoa que os senhores querem que me substitua? — Cary explodiu em uma gargalhada libertadora. — Este almofadinho careca e de barba malfeita é parecido comigo? Vai ficar no meu lugar? Senhores, acho que beberam demais!

— É claro que vai precisar de alguns retoques...

— Mas não parece comigo em nada!

— A maquiagem faz milagres, Mr. Grant. Um ator como o senhor sabe disso muito bem.

— Milagres assim também não! Terão que fotografá-lo de cima do Empire State Building para que alguém acredite que esse aí sou eu!

Com um fio de orgulho na voz, sir Lewis o tranqüilizou:

— Este é o nosso trabalho, Mr. Grant. Quando em 43 os nossos agentes nos informaram que Hitler tinha um plano para assassinar Winston Churchill, arrumamos um tal George Howard Foster para personificar o primeiro-ministro em várias aparições públicas. Ninguém jamais notou a diferença.

— E este aqui, quem é? Ele é ator também? — perguntou Cary, sem tirar os olhos da fotografia.

— Não. Vende carros usados em Montreal, no Canadá. O nome dele é Jean-Jacques Bondurant. Às vezes imita o senhor em festas religiosas e representações natalinas.

Cary riu outra vez.

— E para quando seria essa *missão diplomática*?

— Na primavera. O senhor viajaria em um vôo militar até Londres e de lá para a Iugoslávia.

Houve uma longa pausa, durante a qual sir Lewis parecia pensar sobre o que diria em seguida.

Finalmente encontrou as palavras:

— Mr. Grant. A última mensagem que o almirante Nelson enviou à frota inglesa, antes da batalha de Trafalgar^[33], foi: “A Inglaterra espera que cada homem cumpra seu dever”. — Suspirou e acrescentou: — Pedimos que pense seriamente na nossa proposta. Seria um serviço inestimável para a causa do mundo livre.

Cary sorriu e pensou que o tom da frase era pomposo demais. Uma retórica totalmente adequada para um discreto funcionário do serviço secreto de Sua Majestade.

Capítulo 15

Bolonha, 31 de janeiro

Sutis traços de luz do dia se misturavam à escuridão. O apartamento de Brando era no primeiro andar e a janela, exatamente sobre a calçada, não era um primor em matéria de privacidade. Mas Angela teria problemas até no alto da Torre degli Asinelli.

— Se o seu marido perguntar qual foi a melhor cena do filme, o que vai dizer?

Pierre juntou as roupas espalhadas no chão e se virou para lhe entregar a blusa. Angela estava calçando as meias. Foi até ela, começou a beijá-la no pescoço e acariciá-la.

Angela vestiu a saia e se sentou na beirada da cama. Olhou para Pierre na penumbra, entretido com a gravata.

— Nunca perguntei por que você e o Nicola não foram para a Iugoslávia também.

Pierre não gostava de falar nisso. Mas com Angela ele não tinha segredos:

— Sabe — começou — meu irmão já era crescido, tinha um trabalho, participou da Resistência na Itália e não é um tipo que gosta de mudanças. Eu só tinha 13 anos. Tia Iolanda me criava desde os 5, eu me sentia bem com ela e tinha começado a trabalhar em uma fábrica. Meu pai não sabia se eu me daria bem na Iugoslávia. Ele e tia Iolanda pensaram em deixar a escolha pra mim,

quando crescesse, e que isso seria o certo.

Na rua, risadas de mulheres. Paradas exatamente debaixo da janela. Angela ficou tensa e parou de falar. As inquilinas do prédio poderiam ficar desconfiadas, ouvindo vozes desconhecidas na casa de Brando. Elas estavam quase berrando. Depois de desatarem a rir mais uma vez, ouviram-nas se afastando. Angela relaxou e recomeçou as perguntas:

— Depois você não foi mais visitar o seu pai?

— Se eu pudesse! — Pierre abriu os braços. — Estou guardando dinheiro desde criança. Mas não me dão o passaporte. E, ainda por cima, já faz quase um ano que não temos notícias dele.

Angela percebeu que tinha tocado em uma ferida.

— Me desculpe, mas, como assim?

— Antes ele escrevia, mantinha contato, mesmo que raramente, era alguma coisa, era uma forma de sentir que ainda tenho um dos pais. Ele perguntava, se interessava por nós. Depois, de repente, mais nada.

— Você acha que pode ter acontecido alguma coisa?

— Veja bem, se ele tivesse morrido, um amigo teria tomado a iniciativa de avisar os filhos, não é? Não acho que ele tenha morrido, mas certamente está com algum problema.

Com barulho repentino, a geladeira começou a zunir.

— Meu marido e os amigos dele dizem que Tito é um traidor.

— É o único comunista que largou Stalin.

— Seu pai teve algum contato com ele?

— Claro, recebeu a condecoração de Herói do Povo do próprio Marechal.

A escuridão apagava os contornos do quarto. À luz de um fósforo, o rosto de Pierre ficou iluminado por um instante, depois só restou a brasa do cigarro. Dias curtos. No meio da tarde, o sol ia embora, a iluminação pública espalhava na neblina uma luz amarelada e as rodas das bicicletas ficavam iluminadas pelos faroletes que se acendiam.

— Agora preciso ir.

— Quando a gente se vê?

— Não me pergunte, Pierre. Pode ser que Odoacre vá para

Roma na terça-feira, não sei.

— Está bem. Se for possível, faça com que a Teresa me avise, para que eu possa pedir a casa ao Brando.

Foram até a porta de entrada e Pierre a ajudou a vestir o casaco. Abraçou-a, acariciou seus cabelos e trocaram um longo beijo, quase como em um filme. Depois Angela saiu e ele ouviu seus passos descendo os poucos degraus até o portão. Pela fresta da janela, viu que passava apressada, com a bolsa apertada sob o braço. Despediu-se dela do lado de dentro, acendeu a luz e arrumou a cama.

Antes de sair, passou pelo banheiro e usou a brilhantina de Brando para pentear os cabelos. Olhou-se no espelho. Em que situação ele tinha se metido. A jovem esposa do grande e benemérito camarada Montroni.

Lá fora já fazia menos frio e a neve ia derretendo em um lamaçal imundo.

Capítulo 16

Declaração prestada em 02/02/1954 ao delegado de S. P. Pasquale Cinquegrana por Salvatore Pagano, de pai desconhecido, detido sob acusação de ter tirado um caríssimo aparelho de televisão de marca americana da base militar das Forças Aliadas de Agnano, Nápoles.

Desculpe, mas desta vez não entendi mesmo. Que história é essa da bofetada? Claro, conheço dom Luciano. E quem não conhece? Já falei que Agnano é a minha segunda casa, aliás, quase a primeira, e dom Luciano também vai muito lá, e a gente conhece, claro, pergunte nas cocheiras, nas apostas, ao pessoal do bar, aos empregados. Todos o conhecem. E o senhor está dizendo que alguém deu uma bofetada nele, bem no dia em que eu estava lá, 3 de janeiro, quando ganhei as 5 mil liras na aposta em Monte Allegro? O senhor tem certeza? Veja que isto aqui não tem nada a ver com aquele outro assunto, aquele da televisão americana, digo, se eu soubesse alguma coisa, falaria com gosto, mas sinto muito, não vi nada disso e nem ouvi falar, porque lá em Agnano teriam falado muito, pode ter certeza. E quem é que daria um tapa em dom Luciano? Todo mundo gosta dele.

Um tapa? Ouça o que vou lhe dizer, se alguém desse um tapa em dom Luciano, não teria tempo pra vir contar ao senhor, não sei se fui claro. Não entendeu? Bom, veja, dom Luciano, só conheço ele de vista, vamos dizer assim, e é uma pessoa muito boa, mas outras

peessoas são contra ele e dizem que faz as piores coisas, só porque é estrangeiro, quer dizer, é italiano, mas vem de Nova York, e é muito fácil implicar com ele. Então os amigos dele, aqueles que lhe dão uma mão na vida, se encheram, aliás, ficaram muito bravos mesmo, porque gostam de dom Luciano. E, no fim, se alguém lhe dá mesmo uma bofetada, aqueles lá se aborrecem, e o senhor sabe como acabam as coisas, pode ser que vão atrás dele, do *mão solta*, pra dizer que não pode mais fazer isso, que aquilo deixa eles muito bravos, e se o cara começa a dar uma de valente, e vocês quem são, e as mães de vocês quem são, e quem é dom Luciano. Aí já viu, pode ser até que usem as mãos, não sei, quando podiam ter conversado tranqüilamente, e quem está sozinho apanha, porque os outros estão em maioria. Depois, acho que o cara não viria aqui contar pro senhor, número um, porque foi ele que começou, que deu a bofetada e provocou os que foram tirar satisfação com ele. Segundo, porque agora ele também ficou bravo e, se tiver alguns amigos, vai mandar eles falarem diretamente com os amigos de dom Luciano, não com o senhor, e vão tentar resolver as coisas entre cavalheiros.

Eu entendo. Os amigos de dom Luciano, segundo vocês, já foram até o *mão solta* que deu o tapa, mas o senhor está dizendo que, em vez de falar, usaram meios pesados, chave inglesa, o senhor diz, cabeça rachada. E por que está contando isso pra mim, que estou aqui por causa daquela televisão americana?

Se conheço Stefano Zollo? Já falei, no hipódromo a gente conhece um pouco todo mundo, aqueles que vão muito lá. Mas não é bem conhecer mesmo, a gente sabe que alguém se chama de um certo modo e tem uma certa cara e, quando encontra com ele, às vezes, como vai, como não vai, fique numa boa, e é só isso. Zollo, é, acho que eu conheço, um grandalhão, mas não tenho certeza. Isso é tudo que sei, pode acreditar.

Cassazione? Bom, ele também, é outro daqueles que ficam em Agnano, ele também faz uns trabalhinhos, como eu. Ele também tinha 5 mil liras no bolso? Vai ver que ele também fez uma boa aposta. Não, ele é um mentiroso. Não acredite em uma só palavra que ele diz, ouça o que eu digo. O senhor acha que aquele Stefano

Zollo ia dar dinheiro pra gente, 5 mil liras cada um porque fizemos uma aposta pra dom Luciano? Esse cara inventa tudo, mistura tudo, vai ver que ganhou o dinheiro numa aposta não muito limpa e não quer contar ao senhor. Veja que ele é chamado assim, Cassazione, porque um dia ele diz uma coisa e no outro diz o contrário, muda de opinião, como faz o juiz da Cassazione^[34], quando diz que outro juiz errou, que precisa refazer o processo. Resumindo, ele é a *cassazione* de si mesmo, faz e desfaz, diz e contradiz, é famoso por isso, pergunte por aí, não dá pra acreditar nele, nunca, amanhã vocês pegam ele de novo e ele diz que a princesa Soraya, aquela bela senhora, deu as 5 mil liras de esmola, e no outro dia ele conta que rezou a São Gennaro e, pronto, o dinheiro apareceu por milagre no bolso dele.

Não, eu nunca trabalhei pra dom Luciano, juro, ele é uma pessoa importante demais, imagine se confiaria em alguém como eu pra fazer apostas. E ainda por cima, 5 mil liras de presente? Ele não é milionário, dom Luciano, o que o senhor está pensando? Tem sorte nos cavalos, mas nada mais. Tá, ele também deve ter apostado em Monte Allegro naquele dia, o senhor se informou bem. Vai ver que ele também conhece bem os cavalos, quem sabe se tem amizade com um amigo cavaliço que avisou que Ninfa estava com uma cólica terrível. Não era só eu que sabia disso, os boatos circulam, o senhor sabe como é.

Desculpe, mas o senhor não queria saber daquela televisão?

Capítulo 17

Palm Springs, Califórnia, 1º de fevereiro

A empregada apoiou na mesinha da sala de estar a bandeja com as xícaras de porcelana Wedgewood e a chaleira fumegante, esperou pelo sinal e se afastou em silêncio. O chá era o único componente de uma refeição tradicional que tinha sobrevivido às novas convicções alimentares de Betsy. Em vez de ovos com bacon, suco de laranja e pão torrado com geléia de cerejas, havia flocos de aveia, farelo, brotos de soja e uma bebida vegetal à base de salsão, cenoura e banana. Na verdade, nem o chá era o mesmo, e o velho Earl Grey tinha sido substituído por um tipo de chá chinês, esverdeado, comprado em Hong Kong. Como sempre, Cary tinha acolhido a novidade com entusiasmo, procurando aprender tudo sobre o assunto. Depois seu interesse foi diminuindo e agora tinha decididamente entrado em crise quando o liquidificador enlouquecido, em vez de produzir o suco de cenoura para o amigo Niven, tinha espalhado pela cozinha uma papa alaranjada.

Betsy Drake desviou o olhar do jornal da manhã, e viu o marido, pijama azul e chambre de seda da mesma cor, abanando a cabeça enquanto virava algumas páginas datilografadas.

— Alguma coisa errada, querido?

— Não, nada. Só a impressão de que o velho Hitch talvez não esteja bem. Este roteiro não é típico dele.

— O que tem de errado, não convence?

— Não posso recomeçar minha carreira com isto aqui. Por favor, uma historinha melosa, extraída do romance de um tal David Dodge. Um ladrão aposentado que precisa provar a própria inocência capturando o verdadeiro responsável por uma série de furtos. Uma jovem belíssima tenta testá-lo com as próprias jóias e se apaixona por ele. No fim, ele acha o culpado e casa com a moça. Mas, não sei...

O chá estava quente demais. Os brotos de soja não tinham gosto nenhum, a aveia com o iogurte formava uma bola gosmenta, o farelo não lhe apetecia e bastava olhar para as verduras batidas no liquidificador para sentir na boca o gosto delas e ficar desconsolado. Cary levantou e ficou andando de um lado para o outro no quarto. Até com aquela *mise* ele poderia se apresentar no jornaleiro sem que ninguém pudesse duvidar da sua elegância. Betsy nunca o tinha visto deixar o quarto de dormir sem um chambre.

— Querido, tenho a impressão de que você não sabe exatamente o que quer.

Sem parar, um pensamento em voz alta:

— Não posso recomeçar minha carreira com isto aqui, droga!

— Uma coisa posso dizer com certeza, recomeçar seria bom pra você!

— Seria bom. Mas com o quê? Já me propuseram um filme sobre Tito, o presidente da Iugoslávia. Vê se pode?

Betsy arregalou os olhos e endireitou as costas, surpresa:

— E quem está querendo fazer um filme desses? Clifford?

— Não, o MI6.

— Eme o quê? E o que é, uma nova produtora?

As almofadas macias do sofá o atraíram. Cary afundou nelas, braços soltos e pernas estendidas.

— *Military Intelligence* — pronunciou as palavras em tom solene. — O serviço secreto britânico. Depois a CIA e os governos da Aliança Atlântica. Ontem dois ingleses vieram aqui, agentes secretos de Sua Majestade, nada a ver com o fascínio dos espões, pareciam funcionários de banco. Querem que eu vá visitar Tito na Iugoslávia pra discutir sobre um filme da vida dele. Até deixaram aqui uma

extensa documentação sobre ele.

Betsy tomou o suco de cenoura como se fosse um remédio e ficou calada, esperando que o marido continuasse. Apertando os olhos com os dedos, procurando se concentrar, Cary prosseguiu:

— Um filme sobre Tito. Na Iugoslávia. Alguma coisa que o retrate como herói aos olhos do Ocidente, para que ele se torne um aliado aceitável. Ele pediu expressamente que me dessem uma participação, e gostaria muito de se encontrar comigo. Entendeu? O filme ainda não tem roteiro, diretor. Nada de nada.

— Mas pelo menos eles disseram...

— Espere um pouco, que agora vem a melhor parte. Antes de ir pra Iugoslávia, teria que passar por Londres, enfim, ficaria longe de casa por algumas semanas. Mas eles não querem que isso seja divulgado, então eu viajaria incógnito. E sabe qual é a idéia genial pra manter tudo em sigilo? Um sócia, um sujeito que eles dizem que é igual a mim, um franco-canadense com um nome absurdo, que viria até aqui para personificar Cary Grant. Vê se pode?

O silêncio se manteve por um bom minuto. Depois o ruído do papel de jornal dobrado e o sopro da poltrona se libertando do peso de Betsy. Agora era ela quem andava pelo quarto:

— Querido, não entendi, explique melhor. Eles querem que um estranho venha morar em nossa casa?

— Eu também tinha entendido assim, Betsy, mas eles não são tão malucos. Esse homem, esse indivíduo que dizem ser parecido comigo, não ficaria sempre aqui. Viria de vez em quando para aparecer, sair e comprar uma loção pós-barba, voltar pra casa, levar você pra dar um passeio, para que todos pensem que Cary Grant não saiu de Palm Springs.

Betsy ofereceu ao marido o suco de vegetais: não permitiria que ele o deixasse ali. A proposta do serviço secreto era um tanto sedutora. Claro, não era o retorno que sonhara para Cary, um filme que lhe devolvesse a vontade de trabalhar e a confiança em si mesmo. Nem era para reconquistar o público e o sucesso. Mas pelo menos se tratava de voltar à ativa, de encontrar gente nova, países novos, sair de casa por dois meses. Umas férias para ela também: Cary estava ficando cada vez mais nervoso e deprimido, e Betsy

sofria as conseqüências.

— Respondi claramente que você nunca aceitaria uma situação como essa. “Sua esposa vai entender, Mr. Grant”, eles repetiam. Absurdo, eu disse, sair com um estranho, um que deveria parecer comigo, enquanto eu estou longe, e nem a trabalho, mas em uma missão especial espetacular. Vê se pode?

A empregada apareceu à porta e Betsy lhe fez sinal para entrar.

— Deixe os brotos de soja, Jenny. Querido, coma pelo menos os brotos.

Esperou que ela saísse e quis esclarecer as últimas dúvidas:

— Ainda não entendo o porquê de tudo isso ter que permanecer em segredo. Você seria simplesmente um ator famoso que visita um chefe de Estado.

— Não é tão simples assim. Esse Tito é um comunista, mas não está do lado dos russos. Então os ingleses procuram atraí-lo para o lado deles. Só que por enquanto não querem que isso transpareça, porque ainda não têm certeza. Os russos, especialmente, não podem ficar sabendo.

Uma tigela cheia de brotos de soja substituiu o copo vazio do suco de vegetais. Cary olhou para a mulher, olhou para a tigela, levantou os olhos para recusar e encontrou à sua frente um garfo, que acabou pegando. Começou a engolir a contragosto.

— “Sua esposa vai entender, Mr. Grant”. Absurdo, não?

— É, querido, talvez a missão seja absurda, mas, no fundo, é o que todas essas questões políticas são. Nós podemos entender até um certo ponto. Por outro lado, não seria bom pra você tentar algo diferente? Algo que não fosse representar, e nem ficar aqui se remoendo todo santo dia? Se tiver que ir pra Londres, bom, pode aproveitar e passar em Bristol, visitar a sua mãe. E depois? Iria ao encontro de um homem importante, interessante, que trataria você com toda a atenção. Faria um favor à América e a todos os outros. Não me parece tão inaceitável, pelo contrário.

Cary encurvou a sobrancelha com um gesto automático:

— E a história do sócia? O tal que dizem parecer comigo, o franco-canadense?

— Não venha dizer que não está curioso para encontrá-lo. Pelo menos pra ver se parece tanto assim com você.

— Sobre isso não tenho dúvidas. Eles me mostraram uma foto e, se eu tivesse pedido pra ficar com ela, você também poderia julgar. Um careca, sem porte nenhum.

Betsy parou de andar e se juntou ao marido entre as almofadas do sofá.

— Vou confessar, querido, que fiquei mesmo muito curiosa. Enfim, eu me adaptaria. Um passeio de vez em quando com um desconhecido, o que é que tem?

— Vou pensar, Betsy, vou pensar. Os senhores agentes secretos acham que bastaria um pouco de maquiagem para transformar um vendedor de automóveis em Cary Grant. Mas seria um trabalhão: mostrar-lhe o modo de andar, de vestir, de sorrir. Eu teria que dar umas aulas a ele. Senão seria um desastre: ele não se parece nada comigo. Nada!

Capítulo 18

Bolonha, 11 de fevereiro

Perto da hora do almoço, o bar Aurora está sempre meio vazio. Entre nós, poucos são os que ficam para o almoço. Seríamos mais, talvez, se Capponi se esforçasse em oferecer alguma coisa diferente do mesmo pão com mortadela de sempre, não sei, talvez um belo prato de macarrão, mas ele diz que pra cozinhar precisa uma licença especial, que Benassi não quer saber de pedir, porque custa muito. Mas, no fim, mesmo que tirassem a licença, quem tem família prefere ir pra casa, que o talharim da mulher vai ser sempre melhor que o do Pierre. Assim, lá pela uma hora, só ficam os solteiros, os viúvos sem filhos, e aqueles como Gaggia ou Brando, que trabalham perto daqui e não têm vontade de ir pra casa.

Mas, depois de uma hora, uma hora e meia no máximo, o bar volta a ficar animado, como um gato que depois do cochilo dá uns bocejos e está pronto pra outra. O primeiro a chegar é Bottone, com o filho, Massimo, de lambreta, cambaleando um pouco no assento de trás. Massimo é um daqueles que participaram da prova *Dez Mil Quilômetros em Lambreta*, na qual um estudante de Bolonha, que foi até o deserto e depois até o Cabo Norte, ficou em terceiro lugar. Mas ele chegou a Paris, conheceu uma garota e se esqueceu da prova.

Quando Bottone já está sentado ao lado de Gaggia e

embaralha as cartas do tarô, entram Walterún e Garibaldi, que moram no mesmo prédio e ainda andam de bicicleta. Depois, aos poucos, vão chegando os outros, exatamente na mesma ordem, e o único que a gente nunca sabe quando vai aparecer é Melega, porque, se ele tem alguma notícia pra dar, espera que o bar esteja cheio, pra impressionar mais. Quando não tem, depois do trabalho, é sempre um dos primeiros.

— Então, o que me contam? — começa logo Walterún. — Agora que o Scelba voltou, não vamos ter muito motivo pra alegria.

Do outro lado da mesa, Gaggia faz uma careta e tenta mudar de assunto.

— Vocês ouviram na sexta-feira? Interrogaram aquela moça que sabe tudo da morte da Montesi.

— Apareceu cada uma — comenta com a xícara na mão um motorneiro que passa sempre por aqui pra tomar café.

Walterún insiste com a notícia dele:

— É, mas com aquele Scelba, rapidinho você vai ver que, se o assassino dessa Montesi for um sujeito importante, não vai dar em nada.

Uma batidinha debaixo da mesa chega até a canela do nosso emigrante. Gaggia sacode a cabeça, nervoso, e faz sinais na direção de Bottone, que ainda não distribuiu as cartas. Quer que Walterún entenda que a questão do primeiro-ministro Scelba é uma daquelas que precisa deixar pra mais tarde, durante o jogo, como se fosse um curinga a ser usado no momento da necessidade, porque pode ter certeza que, com um assunto desses, Bottone vai apelar pra bombinha atômica e dá pra jogar a partida. Mas Walterún não quer saber.

— Aquele lá não é democrata-cristão coisa nenhuma, é um fascista, resolve os problemas com o cassetete! Vocês lembram da lei-fraude? Cada paulada!

— Por quê? Fanfani por acaso é melhor? Com aqueles bigodinhos *à la Führer*?

— Mas dizem que Fanfani é mais de esquerda — o carteiro se intromete enquanto bebe o digestivo.

— Não, não, ouçam o que eu digo — a voz do Bottone faz com

que todos se calem — esquerda nada, aqueles lá são todos iguais!
— Faz uma pequena pausa, e Gaggia tenta o impossível.

— Certo! Por exemplo, aquele Fanfani sabia das coisas sobre a Montesi...

— O único democrata-cristão bom é aquele que já morreu! — Outra vez Bottone, rosto vermelho, uma batida de mão na mesa. — Fanfani, De Gasperi, Pella. Mas Scelba é de outra categoria, que é muito mais numerosa. São daqueles que, antes do armistício, gostavam muito do Benito, depois eram todos anti, e agora estão outra vez aí, fazendo o número novo deles. Pra esses as balas não bastam, precisa alguma coisa a mais. — O dedo começa a metralhar. — Se eu tivesse um botão pra acionar uma bela atômica que os apagasse da face da Terra, sem que percebessem, ah, pode acreditar que eu apertaria... e, buuum...

O único resultado é que Bottone está novamente com dezoito cartas e precisa refazer a distribuição. Gaggia sacode a cabeça, desconsolado, e Walterún tenta pedir desculpas.

— Ô, Gaggia, que negócio é esse que Fanfani sabia das coisas?

Uma olhada por sobre a mesa, a bronca por ter acordado tarde demais.

— É, parece que essa moça que sabe de tudo, aquela que interrogaram, já tinha contado algumas coisinhas ao Fanfani em dezembro, seguindo os conselhos do pároco dela.

— Os padres, os padres... — anuiu misterioso Stefanelli, ele também entretido com um licorzinho.

— Escute, Gaggia — diz Garibaldi enquanto baixa um rei de copas — eu não entendi. Como é que essa Anna Maria foi falar com o Fanfani em vez de procurar os *carabinieri*^[35]?

— Sei lá! Vai ver que pensou que eram coisas importantes demais, que envolviam todo mundo, nobres, políticos, gente muito lá de cima. Por que, desculpe, se você soubesse de alguma coisa desse tipo, iria contar à polícia?

— Claro que não. Mas nem ao Fanfani. Iria para a redação do *L'Unità* e já arrumava um bafafá dos bons.

— Bom, eu acho que, como o Fanfani era ministro do Interior, eles pensaram que seria melhor assim.

A porta do bar se abre de repente: todos viram e param de falar, porque Melega não costuma chegar nesta hora e os outros ainda estão trabalhando. A careca de Adelmo Castelvetti aparece, brilhante como seus sapatos de pelica. A roupa, pelo contrário, dá sinais de desgaste: cotovelos puídos, cores um pouco desbotadas, um botão diferente dos outros, mas sempre muito elegante, como Pierre, que à noite vira um fenômeno no *baladur*^[36]. É um tipo estranho: um pulo no bar, entre a manhã e a noite, ninguém tira dele, mas é daqueles que não têm horário, chega assim, de repente, e por causa desse costume que tem, muitos se perguntam o que faz exatamente na vida, porque você não diz que ele tem 40 anos, e é jovem demais pra ser aposentado. Não vive de renda, Bottone conhece o pai dele e diz que não pode ser. Mas ele tem dinheiro, roupas caras e uma lambreta também. Parece até que o dinheiro entra e sai do bolso dele em ondas: chega de roupa nova, depois a usa todos os dias por alguns meses e diz que assim fica mais personalizada, e ele gosta mais. Mas ninguém acredita e dizem as más línguas que está metido em negócios escusos. E não chegamos a um acordo sobre quais negócios poderiam ser: uns dizem apostas, outros combustível contrabandeado, ou fraudes mesmo. E ele? Ele diz que é um intermediário e um — como é que ele diz? — “corretor de negócios”, sempre aconselhando as pessoas sobre a melhor forma de gastar as economias, pôr pra render, o que convém comprar e onde, qual é a oportunidade do momento. Mas ele não consegue nos enrolar sempre, tanto é verdade que o apelido dele, Gás, vem daquele caso do gás para isqueiros que fez muitos de nós perderem 3 mil liras. E Garibaldi, que perdeu mais que todos, ficou com bronca, e desde então não deixa passar mais nada.

— Então, Gás — ataca logo — você não dizia que era pra investir em relógios, que hoje leva a dez e daqui a uns anos revende pelo menos a cinquenta? — O tom é de acusação. Quem estava falando de outra coisa pára e espicha as orelhas.

— Bom, calma — ele responde na defensiva, com o primeiro

tinto já no copo — depende do tipo de relógio, não funciona pra todos, senão... precisa saber distinguir.

— Você tem razão, veja, anteontem, em Vergato, um fulano entregou 50 mil liras em troca de uma tranqueira que valia no máximo mil. Quem sabe se daqui a uns anos ele não consegue revendê-la por 100 mil, o que você acha?

— Walterún, verifique — intervém Bottone, antes que o outro possa rebater — vocês deviam fazer 121, que a Grande nós já *arrebentamos* de jeito.

Enquanto Walterún coloca na mesa as cartas de pontos, e Castelvetri se aproxima para explicar melhor a Garibaldi seu ponto de vista sobre os relógios, a porta se abre novamente e eis Melega, eis a novidade do dia.

— Vocês viram o Montroni? Quem é que ainda quer criticá-lo por trabalhar na Villa Azzurra?

— Bom, e o que ele fez? — pergunta logo Bortolotti.

— Você não leu o *L' Unità* de hoje? Alguém leu?

Toda a atenção do bar está em cima dele. Melega tira o jornal da estante e vira as folhas, molhando o dedo:

— Ouçam aqui: “O doutor Odoacre Montroni, vice-secretário da Federação Bolonhesa, diretor da clínica Villa Azzurra, organizou uma equipe de jovens médicos voluntários que, com ele, desenvolverão um programa de vacinação gratuita na nossa província. Existem muitas aldeias e lugarejos — explicou Montroni — afastados das capitais e da maior parte dos ambulatórios. Em muitos deles existe o risco de contágio, et cetera, et cetera”.

— Tem foto? — pergunta Garibaldi que, sem os óculos, tem dificuldade para ler.

— Montroni é um grande companheiro, isso sim. — comenta Cappone detrás do balcão.

Na sala de bilhar, entre os estalos das bolas, é possível imaginar Stefanelli dizendo:

— Eh, Montroni, Montroni...

O exemplar do *L'Unità* passa de mão em mão, junto com os comentários. Tem foto também, Montroni com os seus óculos minúsculos, atrás de uma grande mesa cheia de papéis.

— E então? — provoca Melega. — Onde estão os que diziam que um companheiro doutor não deveria trabalhar para os particulares? Continuam aí? Ei, Walterún, você que dizia que um comunista não ganha dinheiro com a saúde das pessoas, veja só, que companheiro, este Odoacre Montroni!

Walterún não responde, já que, pelo fato de ter a mesma idade de Melega, pode deixar de lhe dar atenção. No entanto, se o outro fosse só um pouquinho mais jovem, ele teria que dar alguma resposta, pra não ficar de cara no chão. Ele vira pro lado do Garibaldi e abana a cabeça. Bottone procura consolá-lo, falando baixo:

— Estamos velhos, Walterún, não ligue. Tempos atrás, pra ser camarada nosso precisava ir à Espanha, acabar com os fascistas, mas agora...

E pode ter certeza que, se não fosse por causa de Melega, girando pelo salão todo empertigado, Bottone lançaria com prazer sua bombinha atômica.

Capítulo 19

Bolonha, Cinema Imperial, 14 de fevereiro

O filme tinha começado há menos de quinze minutos e Pierre já estava desafiando uma série de críticas. Angela deu-lhe uma cotovelada para que ele mantivesse a discrição, já que estavam ali escondidos de todos. Na verdade, eram poucos os espectadores presentes que não soltavam gargalhadas ou respondiam ao filme com piadinhas em dialeto, no meio de uma batalha de pipocas, gentilezas e tagarelices, tudo já mastigado.

Angela se sentia embaraçada. Pierre sabia disso, mas era mais forte que ele: o filme era terrível, chato, estúpido, e reacionário também. Duas horas jogadas na privada, porque Brando tinha pegado uma gripe no último momento e não era possível usar a casa dele. Nenhum outro lugar para fazer amor. “Por que não vamos ao cinema?” Angela tinha proposto. Está bem, só para agradá-la e ficar com ela, além disso, no escurinho do Imperial eles poderiam se beijar, se tocar, bastava se sentar atrás para evitar os olhares indiscretos e sair antes dos outros.

Mas Angela tinha insistido em assistir a *Nós, as Mulheres*, aquele mesmo, porque diziam que ela se parecia um pouco com Alida Valli. Pierre perguntava a si mesmo onde teriam encontrado tal semelhança: Angela era mais bonita, e tinha os olhos escuros e os cabelos pretos.

Atrizes que interpretavam elas mesmas na vida cotidiana. Mulheres pobres de ricas que fingiam se lembrar com emoção da “vida simples” e *invejavam* os pobres. Pierre não conseguia se conter.

— Mas este Zavattini que escreveu o filme não era um companheiro? O que ele quer dizer com “a gente estava melhor quando era pior”?

No começo, aparecia uma tal de Anna brigando com a mãe e indo para Cinecittà^[37] para participar de um concurso chamado *Quatro atrizes, uma esperança*. Centenas de moças da Itália inteira disputavam quatro pequenos papéis em um filme importante que, veja só, era exatamente o *Nós, as Mulheres*.

Estava bem claro que os diretores queriam despertar a compaixão do público. Havia uma moça de Mântua, chamada Emma. Era a primeira vez que ia para Roma, e batiam um pouco demais naquela tecla: sentia a falta do pai, nunca tinha se afastado tanto de casa *etc.*

— Oh, eu também nunca fui a Roma. Quase todos os que eu conheço nunca foram a Roma. Agora, por que alguém que não esteve em Roma deve ser necessariamente um coitado, digno de dó? Além disso, aquele não é o sotaque do povo de Mântua, tenho certeza.

Angela conhecia Roma. Tinha ido com Odoacre, em viagem de lua-de-mel. Odoacre ia para lá duas ou três vezes ao ano, por causa do Comitê Central. O estômago de Pierre quase virava quando falavam de Odoacre, e infelizmente no bar ele era lembrado dia sim e outro também, que bom companheiro é o Montroni, Montroni tem colhões, e por aí vai. Quanto mais o tempo passava, mais o assunto o incomodava. Gostava de Angela e ela com certeza gostava dele, mas a situação estava ficando difícil. Se naquela tarde tivessem feito amor, ele talvez teria ousado falar com franqueza, perguntando dos sentimentos dela, do que pensava, do que lhe parecia correto fazer. É, mas tinham vindo ao Imperiale.

Qual era mesmo a palavra que Fanti usava com freqüência? ah, sim: “alienação”. No primeiro episódio, Valli tinha uma forte

alienação, coitadinha, não tinha tempo para fazer nada que a deixasse feliz, porque precisava correr de uma festa à outra, se encontrar com milionários, que cansada devia ser, e como se queixava, como vivia mal neste mundo. Tinha inveja da sua massagista e das famílias proletárias. E assim a coisa caminhava, até que se ouviu uma voz saindo das primeiras filas:

— Vai trabalhar na fábrica, vai lá! — e outros propuseram algumas atividades típicas da “vida simples”, desde colher tomates a amarrar enxertos, a ser servente de pedreiro, a semear.

O segundo episódio não fazia sentido, não dava para assistir. Direção de Rossellini, sobre o qual Fanti tinha expressado uma opinião forte e clara: “Um apalermado”. Ingrid Bergman corria atrás de uma galinha que tinha comido as rosas. Pierre tinha visto centenas de galinhas, e nenhuma que comesse rosas. Bergman berrava: “Fenha, fenha, pekeno galo!” capturava a galinha e a escondia em uma despensa, depois a dona a descobria e ela ficava com uma cara de bunda.

— O que significa isso? Que palhaçada é essa?

Angela respondeu que também não estava entendendo, e acrescentou:

— Pierre, se você quiser, nos levantamos e vamos embora, mas pagamos o ingresso, podemos pelo menos ver os outros dois episódios. Mas, se vamos ficar aqui, por favor, tente se controlar.

Terceiro episódio, de mal a pior: Isa Miranda, com sua interpretação toda forçada, provocava risos na platéia. Sempre o mesmo refrão: minha vida é vazia, oh, de quantos simples e pequenos prazeres tive que abrir mão. Seria melhor se eu tivesse outro trabalho, mas agora não posso voltar atrás. E ainda tinha uma criança, um *fedelho*, de braço machucado que repetia “Oh deus, ohdeusdeusdeus, oh deus, oh deus” e das fileiras do meio saiu um berro:

— Acaba logo com ele, assim pára de sofrer!

Depois apareceu Anna Magnani, que entrou em um táxi segurando no colo uma porra de um cachorro. Pierre teria gostado de estrangular com as próprias mãos alguém como ela que faz quem trabalha perder tempo, e não paga nem uma mísera lira de hora

extra.

Pierre mudou de tom, murmurando com a voz sufocada pela indignação:

— Pô, vai à merda!

Foi o último comentário dele. Pierre e Angela levantaram e saíram sorratamente do cinema. Magnani nem tinha acabado de cantar.

* * *

No centro, nunca andavam lado a lado: Angela ficava do outro lado da rua, uma das muitas coisas que entristeciam Pierre. Mesmo de longe, percebia-se que estava aborrecida. No fim da rua Indipendenza, Pierre se aproximou.

— Veja, sinto muito, não estou culpando você. Não tivemos sorte: Brando está com gripe, nós escolhemos um filme ruim e, claro, eu queria ficar com você, mas só nós dois. Enfim, fiquei nervoso. Desculpe.

— Pierre, você fala muito palavrão — disse Angela olhando ao redor. O que mais enervava Pierre eram os sobressaltos e afastamentos dela, cada vez que ouvia passos no corredor, chaves nas fechaduras, buzinas na rua. O clima mudava bruscamente para pior, abraços apaixonados interrompidos pela volta à realidade.

Angela pegou nas mãos dele. Nunca fazia isso em público.

— Sei que não é fácil. Pra mim é mais difícil ainda, o que você acha? Ah, ia quase esquecendo, temos uma boa notícia.

Pierre a interrogou com o olhar. Angela sorriu ao ver a curiosidade que se estampava no rosto dele.

— No fim de abril, Odoacre vai ficar fora de Bolonha por umas duas semanas, vai a um congresso. Teremos todo o tempo que quisermos pra ficarmos juntos, imagine, muito mais do que já tivemos até agora! Está contente?

Faltou pouco para que se beijassem ali, na frente de todos. Angela desviou um pouco e encostou o nariz nos lábios dele. Depois se afastou e sorriu mais uma vez:

— Gosto muito, muito de você! Tchau, preciso ir, mas prometa que vai telefonar depois de amanhã, vou estar em casa sozinha a tarde toda.

— Está prometido — respondeu Pierre. Angela tomou o caminho de casa (“a casa do Odoacre”, como ela dizia), na rua Castiglione. Pierre pensou, podem falar o que quiser, um beijo no nariz não é uma foda. Decidiu tomar um chocolate quente, antes de fazer uma visita a Brando. Já tinha pensado na piadinha:

— Você fica doente, e quem leva o supositório no rabo sou eu.

Capítulo 20

Bolonha, zona Cirenaica, menos de meia hora depois

— Estou com 38,5 de febre, dor no corpo, diarréia, não vou poder ir à loja sabe-se lá por quantos dias, imagine se estou preocupado se você hoje não pôde trepar com a mulher do Montroni!

Brando cuspiu no penico aos pés da cama, depois prosseguiu:

— ... que aliás, entre parênteses, se alguém vê vocês entrando ou saindo da minha casa, acaba o mundo, escuta o que estou dizendo, Pierre, está na hora de deixar isso pra lá, ele é o chefe, todos falam bem dele, se descobrirem, ninguém, ninguém mesmo, vai ficar do seu lado, seu irmão corre atrás de você com a Bren^[38], e o que você pode oferecer à Angela? Era órfã, era sozinha e com um irmão pouco normal, Montroni salvou a vida dos dois, até internou o oligofrênico, e está tratando ele às próprias custas, e ela vai ficar com você, que é garçom meio período e a única coisa que sabe fazer bem é um *remelexo gingado*? Além disso, a Angela e o Montroni estão casados há muito tempo, e você não é mais moleque, e nem eu tenho vontade de bancar o cafetão, caralho, vocês se vêem às escondidas na minha casa, e eu não tenho nada com isso, você acha que pode continuar assim? Passe o roupão pra cá, vamos, que vou fazer um café com leite pra mim. E limpe a boca, tem um resto de chocolate.

Pierre sorriu e obedeceu. A piadinha dele tinha provocado o desabafo de Brando, que já estava de mau humor por causa de seus próprios problemas. De pijama remendado e chinelos gastos, sentado na beira da cama com os cabelos desarrumados caindo nos olhos, barba de três dias no mínimo, Brando não tinha mais tanta semelhança com o ator, pelo contrário, parecia um pobre-diabo.

Até que ele tinha razão, mas não gostava quando chamavam Ferruccio, o irmão mais novo de Angela, de “oligofrênico” ou “pouco normal”. Brando era assim mesmo, gostava de debochar dos loucos, dos mutilados, dos inválidos. Talvez por ser barbeiro — com tantas horas ouvindo conversa fiada, lamentações e invenções de todo tipo — acabou ficando azedo e, se já tinha inclinação natural para isso, imagine como ficou. Na rua Líbia, a poucos metros da casa de Brando, morava um quitandeiro sem mãos, perdidas no *front* russo, em seu lugar tinha agora algo parecido com ganchos. Com a ajuda da mulher, conseguia fazer todo o trabalho, transportar os caixotes, pesar a fruta, colocá-la nos saquinhos, até contar o dinheiro e dar o troco, segurando e entregando nas mãos dos fregueses as moedas apertadas entre os dois ganchos. Era uma boa pessoa e ninguém nunca o ouviu se queixando, mas Brando tinha cismado com ele, e lhe pôs o apelido “Houdini^[39]”, porque dizia que, se fosse algemado, ele podia se libertar em um piscar de olhos. Às vezes, enquanto cortava os cabelos de alguém, contava rindo alguns casos imaginários de “Houdini”, do nariz dele com sangue sempre escorrendo, porque tirava as melecãs com o gancho, e outras besteiras assim. É, às vezes Brando era insuportável. Mas era um amigo.

* * *

Ferruccio tinha a mesma idade de Pierre. Dez anos antes, a mãe dele e de Angela tinha morrido durante um bombardeio. Ele foi salvo por milagre, depois de muitas horas embaixo dos escombros, abraçado naquele corpo sem vida que ia esfriando e enrijecendo. Angela não estava, tinha ido buscar farinha com o cartão de

racionamento.

O pai, internado já havia algum tempo em um sanatório, morreu de tuberculose poucos meses depois. Ferruccio nunca se refez daqueles trágicos acontecimentos. Ficava nervoso à toa, tinha medo de trovão, uma vez chegou a dar uma bofetada em Angela e em certas épocas não levantava da cama e não falava com ninguém. Durante o dia, Angela trabalhava, fazia limpeza no hospital S. Orsola e à noite voltava para o pequeno apartamento da Prefeitura, onde ficava sozinha com Ferruccio, às vezes ausente por completo, outras aborrecido, irritadiço. Um sonho ruim, do qual não conseguia acordar.

Um dia, no fim de 47, conheceu Odoacre, médico de renome. Antifascista desde sempre, de família liberal, durante a Resistência tinha tratado às escondidas de *partigiani* feridos. Depois da Libertação, inscreveu-se no PCI, entrando diretamente para o Comitê Regional de Bolonha.

Tinha boas maneiras, Odoacre. Trinta e oito anos, distinto e ainda solteiro. Angela era uma bela moça na miséria. Ele tinha começado a cortejá-la, até que começaram a namorar e se casaram em 48, pouco antes das eleições. Na casa da rua Castiglione, num quarto no andar térreo, tinha acomodado o pobre Ferruccio. Mas Ferruccio não gostava de Odoacre, respondia mal, ficava de cara amarrada, às vezes agressivo, o chamava de "delinqüente" e dizia que só pelo fato de ter dinheiro, estava se aproveitando de sua irmã. Odoacre nunca perdia a paciência, tentava fazer com que o cunhado raciocinasse e se acalmasse, e às vezes conseguia, mas Angela ficava terrivelmente abalada. Antes que ela também enlouquecesse, Odoacre internou Ferruccio na Villa Azzurra, lá pelos lados de S. Lazzaro, e desde então tomava conta dele.

Isso tudo tinha acontecido no começo do ano 50. Ferruccio só saía da clínica aos domingos, quando Angela ia buscá-lo para levá-lo ao cinema ou passear. No Natal e durante o verão, Ferruccio ficava com Angela e Odoacre por uma semana ou dez dias seguidos. Seus surtos de fúria eram mais raros, porque Odoacre lhe dava um remédio de nome complicado, um comprimido moderníssimo que o deixava mais calmo.

Nos últimos três ou quatro meses, Angela ficava com o irmão só dois domingos por mês, porque nos outros se encontrava com Pierre. Para que Odoacre não suspeitasse, apanhava Ferruccio de táxi, depois o deixava com uma amiga, Teresa Bedetti, que era para Angela o que era Brando para Pierre, amiga e cúmplice. Ferruccio tinha problemas nervosos, não era nenhum retardado, pelo contrário. Sabia de tudo, mas ficava contente em saber que Angela corneava o marido. Ele, sabe-se lá por que, continuava a detestá-lo, mesmo já tendo parado com as agressões verbais. Teresa, por outro lado, assim como Brando, não concordava muito, mas ajudava a amiga.

Ferruccio ia ao cinema com Teresa, depois marcavam um encontro e todos juntos preparavam a história que contariam a Odoacre.

* * *

— Oh, Brando, a situação é complicada. Eu gosto da Angela. Pra você, é fácil julgar, porque está do lado de fora, mas eu sei que ela não ama o Montroni. O que ela sente é gratidão, e depois é como você mesmo diz, é por falta de opção. Mas o que eu posso fazer, renunciar assim, sem dizer nada?

— E o que você teria pra dizer? Não tem esperança nenhuma. Quem tem dinheiro vai para San Marino, porque na Itália não tem divórcio e você sabe o que dizem das mulheres separadas.

Brando molhava o pão no leite, sentado à mesa na qual Pierre e Angela tinham feito amor uma vez. Pierre estava à janela: lá fora já estava escuro.

— Mas se até Togliatti se casou com uma e está com outra!

— Togliatti é Togliatti, o que ele tem a ver com esta história? A Angela não vai largar o Montroni, não vai jogar o irmão no meio da rua e não vai voltar a passar fome só porque você é bom de cama e o Montroni pelo jeito não é.

— Mas eles nem podem ter filhos! Ela falou que o Montroni é estéril...

Brando ficou em silêncio. Esfregou as mãos no queixo áspero, certamente mais proeminente que o do ator. Pierre mordeu os lábios e chamou a si mesmo de idiota. Não devia ter revelado um detalhe tão íntimo. Brando não era diferente dos outros, dos camaradas do Comitê Distrital ou daqueles como Melega: estimava Montroni, a quem colocava em um pedestal e o via como intocável, e era mesmo, tanto quanto pode ser um grande expoente do Partido na maior cidade vermelha da Itália. Aquela referência à vida sexual dele tinha seguramente desnortado e horrorizado Brando. Com certeza ele nunca havia pensado em Montroni na intimidade do quarto, aquele senhor sempre elegante e distinto, um pouco sério demais até, que sorria sem mostrar os dentes. Difícil de imaginar vestindo pijama, ou lembrar que ele também, como todos os mortais comuns, cagava e mijava todos os dias.

Foi Brando quem interrompeu o silêncio, embaraçado:

— Pierre, vou repetir: é melhor que pare com isso, antes que aconteça alguma coisa grave.

Pierre olhou para a frente, além do vidro da janela.

Viu só uma grande extensão de escuridão.

Capítulo 21

Palm Springs, Califórnia, 15 de fevereiro

As sobrancelhas dele eram grossas demais, quase juntas, e a covinha do queixo quase imperceptível.

Jean-Jacques Bondurant atravessou a sala em longas passadas. Sorriso forçado, mão direita afundada no bolso, lembrava um vendedor no primeiro encontro de negócios. Esforçava-se para demonstrar desenvoltura, como nos teatrinhos paroquiais de Montreal, mas a casa de Palm Springs não era a mesma coisa. Nem o público.

Cary ficou observando enquanto ele chegava à estante de livros, no outro lado do cômodo e saiu do sofá para detê-lo.

— Peço desculpas, Mr. Bondurant, mas andando assim não pareceria Cary Grant nem para quem só tivesse ouvido falar nele. E logo teria que jogar fora os sapatos.

— Como, Mr. Grant, os sapatos? Não entendi.

Falava com um sotaque impossível, arrotado e nasal e a gola do paletó cobria o colarinho da camisa.

— Veja — interveio Betsy, apesar do seu papel de observadora —, para andar como o meu marido, precisa se esforçar em pensar como ele. Idéia fixa: não gastar os sapatos. Método Grant: evitar dobrar o pé.

A sobrancelha arqueada de Bondurant era quase perfeita, a

mesma expressão desvanecida do original. Uma pequena depilação e ninguém perceberia a diferença.

— Minha esposa quer dizer que não tem que tirar o pé do chão em duas etapas, calcanhar e depois ponta, é de uma vez só, calcanhar e ponta juntos.

Isso impede que os sapatos dobrem no meio, assim.

O andar de Cary Grant: modelo de elegância desenvolta, prelúdio de mil conquistas. O sócia estudou alguns passos, depois se aproximou do original. Pernas rígidas, mas ágeis e decididas, joelhos leves. Idéia fixa: os sapatos. Não era simples, precisava pensar nos pés sem observá-los, nem de leve, distribuindo ao redor olhares de simpatia.

Betsy bateu palmas e encorajou o canadense:

— Muito bem, Mr. Bondurant, o senhor tem o dom de aprender depressa.

A mão no bolso tinha algo de exagerado e o rosto estava um tanto pálido.

O sócia sorriu. O sorriso de Bondurant.

— Será preciso um pouco de treinamento, Mr. Bondurant. Sugiro treinar o jeito de andar.

— Certo, Mr. Grant.

— Bom. Agora, satisfaça uma curiosidade minha, Mr. Bondurant. Como o senhor pensa em resolver o problema do seu inglês?

— Como assim o meu inglês?

— Seu sotaque. O senhor acha que vai conseguir falar como eu, uma hora dessas?

A sobancelha arqueada funcionava. Precisava lembrar-lhe que devia ser usada com parcimônia.

— Disseram que eu quase não teria que abrir a boca. Seria só aparecer, passear, pedir o jornal, cumprimentar sua esposa ao sair de casa. Ninguém notaria a diferença.

Os caras do MI6 deviam estar loucos. Certo, o jornal e o passeio. Mas e se alguém se aproximasse para um autógrafo? Talvez um jornalista? Como o sócia iria se virar? Claro que não poderia fingir um problema qualquer com as cordas vocais, chamaria mais a

atenção, os fotógrafos, as notícias nos jornais. Justificar a pronúncia estranha como teste para interpretar um novo personagem, pior ainda. Mais curiosidade pela volta de Grant à grande tela.

Cary esvaziou o copo de *scotch*. O sócia olhava ao redor, constrangido. O nó da gravata dele era mais largo que o necessário e sua peruca não escondia totalmente a careca.

Problemas do serviço secreto de Sua Majestade. Se alguém descobrisse o truque, eles teriam que se virar. Não havia por que se preocupar com isso. Mas Bondurant precisava funcionar, para que ninguém pensasse que Cary Grant tinha perdido o estilo, que tivesse ficado relaxado, usando paletós de corte imperfeito e sapatos amassados no meio.

— O que o senhor está vestindo, Mr. Bondurant, é uma roupa de Cary Grant?

— Como? Não, Mr. Grant, não poderia ter me apossado de um de seus ternos tão...

Vendo o marido em dificuldades, Betsy interrompeu o sócia, para evitar que o relacionamento dos dois ficasse abalado:

— Não, não, vocês não se entenderam. Meu marido perguntou se a roupa que está usando é uma daquelas escolhidas para parecer com ele, ou se é um terno que o senhor usa regularmente.

— Ah, sim. Claro, claro. Pediram que eu mesmo cuidasse do guarda-roupa. Claro. Mas avisaram também para seguir à risca os seus conselhos, sem preocupação com as despesas, que ficariam por conta deles.

Cary reprimiu um impulso de nervosismo e extraiu do bolso um maço de folhas dobradas.

— Resumi aqui as características que deverão ter os seus ternos, Mr. Bondurant. Peço que siga cuidadosamente estes conselhos. Deixei claro ao Sir Lewis do MI6 que não darei um só passo fora de Palm Springs sem antes ter controlado pessoalmente as suas roupas.

Pela terceira vez a sobancelha de Bondurant arqueou, enrugando a testa. As mãos dele não eram bem cuidadas, e usava um anel de ouro horrível. Cary se sentiu como um diretor com um ator imposto pela produção para interpretar um papel além das suas

possibilidades.

— Levante-se, Mr. Bondurant. Vou lhe mostrar o que eu entendo por *inspecionar* uma roupa.

O sócia apoiou o copo na mesinha e colocou-se em pé. Era pelo menos seis centímetros mais alto que o original.

— O senhor vai encontrar tudo escrito nas folhas que lhe dei. Porém, só como exemplo, vou citar três detalhes de sua aparência que são inaceitáveis para Cary Grant.

Andou ao redor do sócia e puxou a gola do paletó com dois dedos.

— O colarinho da camisa deve sempre sobressair do paletó por mais ou menos dois centímetros — terminou a volta e parou na frente dele. — O nó da gravata deve ser mais apertado, assim, e esconder o último botão. Enfim, as mangas da camisa precisam ser mais compridas, o punho deve alcançar a base do polegar.

A aula de elegância tinha restaurado o bom humor de Cary. Cruzou os braços e observou o sócia, inclinando o busto para o lado, como um escultor diante da própria obra.

Tinha uma pequena pinta ao lado do nariz e o esmalte dos dentes estava um pouco amarelado.

— Bem, Mr. Bondurant. Acho que com um pouco de exercício, lembrando bem de todos os conselhos e evitando abrir a boca, acabará enganando o bairro inteiro. Dê notícias assim que seu guarda-roupa estiver pronto, para darmos uma olhada.

Betsy também levantou do sofá e estendeu a mão a Bondurant.

— Não se preocupe, Mr. Bondurant. Embora normalmente seja meu marido quem faz comentários sobre o meu modo de vestir, procurarei aconselhar o senhor da melhor maneira.

O telefone interrompeu as despedidas. Betsy se dirigiu para o aparelho, enquanto o marido acompanhava o sócia até a porta.

— Oh, Alfred! Como vai? Já vou passar pro Cary, que está se despedindo de um hóspede. — Encostou o fone no peito e gritou na direção da porta de entrada. — Querido, é pra você. É o Alfred!

Cary voltou para a sala em longas passadas, arrumando a gravata como se fosse ao encontro de alguém.

— Hitch!... Sim, vamos indo. Você está bem?... Mmm, sim, já li... Veja, não estou muito convencido. Não é bem por causa do roteiro. É uma história boa, mas acho que deveria ter mais suspense. Não, é que ainda não sei se seria o caso de recomeçar... Claro, por favor, você é o único que poderia me convencer, eu sempre disse... É que tenho também umas coisas pra resolver. Vou estar ocupado até maio. É, é, os negócios de sempre... Ah, sem dúvida a Côte d'Azur é um lugar atraente. Claro, a gente poderia ir um pouco ao cassino... É, isso... Não é a única coisa atraente? O que tem mais, não banque o misterioso... Ah, nossa... É, fascinante mesmo, sim... Claro, eu a vi em *Mogambo*. Sim, já me contou que estava fazendo um filme com você, é, até dois... Fantástica, não?... Ah, você me deixa curioso, verdade... Bom, ouça, vou pensar, sim... Vou entrar em contato daqui a uns dez dias, está bem? Mas, de qualquer forma, não antes de junho... Claro, claro, a gente se fala. Até mais.

Ficou com a mão no fone, distraído em seus pensamentos. MI6, Iugoslávia, o sósia, o filme com Hitchcock. A vida ativa estava reclamando a presença dele. Talvez estivesse mesmo precisando disso. Dois meses longe de casa, um compromisso bastante peculiar, depois a volta às telas. Sim, poderia funcionar. A atriz preferida de Hitch, linda, um sucesso garantido. A volta de Cary Grant e a consagração definitiva de Grace Kelly.

— Boas notícias? — perguntou Betsy, interrompendo seus pensamentos.

Cary percebeu que tinha permanecido apoiado ao telefone o tempo todo.

— Nem boas, nem más. O velho Hitch está tentando me convencer: a Côte d'Azur, seu novo filme, *Janela Indiscreta*, que certamente será um sucesso, o cassino de Montecarlo, aquelas coisas de sempre.

Bom, não exatamente de sempre. Grace Kelly tinha um fascínio realmente incomum. Fria e magnética ao mesmo tempo. Se ele fosse Clark Gable, em *Mogambo*, Cary não teria hesitado na escolha entre ela e Ava Gardner.

Hitchcock tinha marcado um ponto a favor. Conhecia bem Cary

e conhecia bem Archie também. Sabia como cutucar os dois.

Capítulo 22

Entre Nápoles e Pompéia, 21 de fevereiro

Zollo tinha mais no que pensar, mas não conseguia. Isso era impossível quando dom Luciano decidia ser sociável, porque seus discursos fluíam ininterruptos, uma frase depois da outra, acabavam envolvendo seu raciocínio e você começava a acompanhá-los, mesmo sem querer. O chefe não falava como os mortais comuns: só aparentemente podia parecer um falar só por falar, mas na verdade as palavras eram calculadas, escolhidas, e no meio do falatório existia sabedoria e uma boa dose de *savoir faire*. Monopolizava o discurso sem ser indelicado, pelo contrário, abrandava o interlocutor e o forçava com habilidade a acompanhar o raciocínio.

— A Itália é um país ainda por fazer, *my friend*. De vez em quando, parece que estou no faroeste. Como um pioneiro, é claro. Precisa construir tudo, com grandes possibilidades para os jovens que tem cabeça e *cugghiuni*^[40]. Eu, como vocês sabem, agora sou um pobre aposentado que, se à tarde não dou uma cochilada, não agüento chegar até a noite. Mas quem tem sangue fresco, tem muito que fazer. Em Nápoles o povo é hospitaleiro. Ainda mais agora, que tem mais americanos que italianos... Marinheiros, oficiais, médicos,

jornalistas. Parece que estamos lá na nossa terra! Os italianos, *my dear*, não falam muitas línguas, mas os napolitanos sim, falam todas! Vocês conhecem a história desta cidade? Não? Por aqui passaram todos: franceses, espanhóis, piemonteses, alemães e agora os americanos. Os napolitanos não estão acostumados a ficar sozinhos. Sempre alguém em casa, sempre gente diferente, línguas diferentes, caras novas. E têm o jeitinho deles, *very funny*, tudo na rua, tudo em público. Levo uma vida reservada, quem vocês querem que venha discutir com um velho? Mas observo tudo da minha poltrona. Eu a coloco no terraço de casa e de lá de cima observo a vida de Nápoles correndo lá embaixo. É melhor que *cinemascope*!

Lucky Luciano estava afundado no banco traseiro do Plymouth conversível e falava, sorria generoso à moça sentada na frente, que não conseguia torcer o pescoço o suficiente para concordar com os discursos do velho.

O jovem Anastasia parecia um janota sentado em alfinetes, limitando-se a rir das piadinhas e fazer algum comentário esporádico sobre a Itália. De vez em quando Luciano o cutucava com o cotovelo, quando a piscadela ou a alusão ficava mais picante. Mas sem exagerar, só encostando, como se fossem amigos havia muito tempo. Não perdia a oportunidade para frisar a relação íntima de amizade e estima que o unia ao tio Anastasia. Era o estilo de quem conhecia toda uma história. Sem exagerar.

— A cidade esconde umas jóias, *'u sapite*^[41]? Igrejas, praças, castelos. A História passou por aqui, amigos, e se alguém com cabeça decidisse dar uma arrumada, os turistas chegariam em bandos, até dos States. Lá na nossa terra acham que aqui é a África. Mas eu lhes digo que eles não sabem o que estão perdendo, porque é só ter um tempo pra sentar e esperar, nem precisa sair pra descobrir a cidade, Nápoles é que descobre você! Ela vem ao seu encontro e chama em voz alta.

Zollo segurava o volante com as duas mãos e permanecia calado. De vez em quando, o olhar recaía sobre as pernas da moça, quando uma curva um pouco fechada desarrumava a saia dela. Belas pernas, sem dúvida. Os Anastasia continuavam na vida boa. O jovem sobrinho era para ser tratado na palma da mão. Eis o porquê do passeio a Pompéia. Além disso, era um belo dia.

Mas Zollo nunca gostou do campo. Quando você nasce no Brooklin e se cria entre uma calçada e a outra, não tem como se sentir à vontade no meio do mato. A não ser por duas viagens a Chicago, nunca tinha saído de Nova York até o dia em que o maioral dos Anastasia tinha decidido “dá-lo de presente” a Luciano, que estava de partida para a Itália. Não teve do que reclamar, seria até bom mudar de ares, visto que aquele procurador judeu tinha cismado em mandar dragar a Baía de Hudson. Aquele rabino do caralho tinha feito um dos portuários contar tudo, depois o escondeu no cu do diabo, colocando-o sob a mais forte proteção. O infame tinha mencionado até o nome dele, “Steve Cimento mandou vários para o fundo da Baía, uma meia dúzia, talvez mais”. Não que tivesse conseguido se sair bem, o filho-da-puta. Mesmo trancado em uma espécie de fortaleza blindada, guarnecida como o Fort Knox^[42], não conseguiram livrá-lo de uma boa limonada com estricnina. Mas aí a merda já estava feita e para o bom Steve tinha chegado o momento de ficar na geladeira até que os equilíbrios políticos voltassem ao normal. Pensando bem, a história dele não era diferente daquela de dom Luciano. Depois ficou esperando que os Anastasia o chamassem de volta, o que não aconteceu, tanto que já nem pensava mais nisso.

— O que vocês querem? Agora tenho meu negócio e vivo *accussi*^[43]. Mas se fosse mais jovem, teria muito que fazer aqui, certo, Steve? Não falta nem uma bela moça para cortejar! Não tão bonita como a senhorita, *miss*, mas as napolitanas também se

defendem muito bem. *Procaci*^[44], é assim que se diz? Gosto dessa palavra: *procaci*! Lá na América eu tinha me esquecido dela, e fui redescobri-la aqui. Faz você pensar em prosperidade, em generosidade da natureza. É bom pronunciá-la: *procaci*. Soa bem, enche a boca, vocês não acham? O italiano é um idioma que flui como um rio. Um idioma que precisa de tempo pra ser falado. É uma língua que tem uma história. Como esta cidade. Como o país. Vocês ainda se viram com o italiano, mas os seus filhos talvez já não aprendam, isso é uma pena. Porque o americano é uma língua boa *for business*, pros negócios, e pra pedir cerveja. Só isso. Mas aqui, as palavras têm um sentido particular: enchem a boca. *Procaci*, estão ouvindo? Não servem só para conseguir alguma coisa, são ditas por dizer, pelo prazer de falar.

Zollo não podia se conformar. Não gostava da Itália. Era um país atrasado, grosseiro. Belas mulheres, sem dúvida, mas não tinham idéia do que é feminilidade. Nada a ver com as nova-iorquinas. Aquelas sim, eram mulheres de classe, ele lembrava muito bem: os *night-clubs*, os bordéis de luxo. Em Nova York as coisas eram feitas com estilo: seja trepar ou fazer alguém sumir. Em Nápoles não: berros, tumultos, escândalos por uma coisa à-toa. Ele não agüentava isso e se sentia vítima de um roteiro de filme em que todos tinham um papel e ele nem sequer uma fala. No entanto, era obrigado a andar no gigantesco palco da cidade. Ele se sentia afundando a cada dia naquele ritmo lento, sem nenhum dinamismo. Stefano Zollo merecia algo melhor, com certeza. No fundo, ele sempre foi bom em seu trabalho. Limpo, ordenado. Nunca cometeu erros. Nunca mereceu censuras. Uma ocasião, um sujeito para quem ele tinha acabado de confeccionar um par de sapatos de concreto lhe pediu que levasse quinhentos dólares à namorada, porque não tivera tempo de se despedir dela. E ele fez isso. Podia ter colocado no bolso, gastado com um belo presente para uma das amantes, mas não, foi àquele endereço e entregou o dinheiro à mulher. Limitou-se a dizer: "É da parte do Sal. Teve que partir às pressas

para uma longa viagem". Nada mais. Impecável. Estilo puro. Sempre fez questão.

Em Nápoles, a discricção não era habitual. Em Nápoles berravam. Escândalos e gritos por qualquer coisa. Todas aquelas brigas por migalhas — insuportável.

Por isso, havia alguns meses tinha decidido agir. Chega de ficar só remoendo, mudando de planos todo mês, toda semana. Desta vez a idéia era boa mesmo. E, como qualquer boa idéia, precisava de paciência e perseverança, e era também muito arriscada. Mas, aos 35 anos completos, Zollo sabia de sua disposição em correr riscos, só para não mofar naquele golfo pestilento, servindo de motorista a um velho gângster impune. Assim tinha decidido se lançar na cartada definitiva.

Olhou pelo espelho retrovisor para ter certeza de que o outro carro ainda estivesse atrás deles, depois virou à direita na direção das escavações.

Do outro carro desceram, na ordem, Victor Trimane, uma moça da boa sociedade napolitana convocada para a ocasião e um janota amigo do jovem Anastasia com a respectiva amiguinha. Foram caminhando pela trilha que levava à cidade romana, Luciano na frente com seu convidado. As escavações estavam fechadas, mas nenhum dos guardas impediria a visita de dom Luciano e seu amigos.

— Estão vendo quanto espaço, *my friends*? E as ruas. E estas pedras grandes entre um lado e o outro da rua? Eram como as nossas faixas para pedestres, isso aí. Pra atravessar a pé, sem se sujar no barro. E as rodas dos carros passavam no meio. Que idéia, não? Os antigos romanos sabiam das coisas. Pompéia era um lugar de passeio, os ricos vinham até aqui pra descansar, longe da grande cidade. Bom clima, o mar por perto, terra boa pro vinho e pras oliveiras. Os romanos gostavam da vida boa, dos amigos, sabiam escolher os lugares.

Uma das moças ficou ao lado do velho:

— Deve ter sido horrível quando o vulcão explodiu e soterrou tudo.

Luciano cruzou as mãos nas costas:

— Este é o fascínio de Pompéia, minha cara. Aqui o tempo parou. De repente. E ninguém mexeu em nada. Tal e qual. Vejam isto: era uma taberna. Nestes buracos mantinham o vinho e o vendiam em copos, assim.

Luciano fez o gesto de pegar um cálice de vinho da cavidade que se abria ao longo do muro baixo.

— Que civilização! Imaginem esta rua cheia de gente, de escravos carregando coisas, de liteiras e carroças. E os vendedores gritando. Lá adiante está o Fórum: onde os notáveis falavam de política e de *business*.

O grupinho se lançou no meio das ruínas.

Uma das moças parou em uma encruzilhada:

— O que está escrito aqui?

— *Advertisement*. Como dizem aqui, *la réclame*.

A jovem olhou o velho *boss*, perplexa:

— Propaganda?

— Da profissão mais antiga do mundo, *darling*.

A jovem ficou vermelha, enquanto os dois jovens americanos levantavam o nariz, curiosos.

— *It's a whorehouse*. Os clientes satisfeitos faziam propaganda das *bottane*^[45]!

Os dois motoristas mantinham alguns passos de distância. Zollo acendeu um cigarro e deu uma olhada ao redor.

— Sabe, Vic, nunca gostei de coisas antigas.

— Nem fale disso comigo, *goombah*.

Luciano se encaminhava para a casa de Príapo, depois de pegar no braço do jovem Anastasia:

— É, amigo, os romanos sabiam muito bem gozar a vida, não como nós, que só pensamos em negócios. Conquistaram o mundo, mas sem morrer de cansaço. E essas *bottane* deles deviam ser *very*

professional, muito boas. Não estragavam as mãos em trabalhos domésticos, certamente.

— Mas não deixavam de ser putas — comentou o jovem.

— Claro, mas o ponto não é esse — Luciano tornou a cruzar as mãos nas costas. — O fato é que através das *fimmine*^[46] é que se mede o nível de civilidade de uma sociedade. É por isso que eu vendo eletrodomésticos. É uma missão de civilidade — disse, soltando uma risada debochada.

Anastasia balançou a cabeça:

— Não entendo.

— Vou explicar. Qual é a diferença entre as *fimmine* americanas e as mulheres italianas?

— O bem-estar social?

Luciano sorriu e falou em voz baixa, como se estivesse revelando um grande segredo:

— Os eletrodomésticos.

Zollo o observava com uma certa admiração. Tinha algo de genial. Como um rio em época de cheia que não transbordava. Fantástico, lembrando que nem precisava abrir a boca para ordenar a morte de alguém, administrar o tráfico de drogas do Mediterrâneo ao Pacífico, ou comprar todas as corridas de cavalos do mês seguinte.

— As *fimmine* americanas — prosseguiu dom Luciano — têm os eletrodomésticos que fazem os trabalhos de casa pra elas. Então têm tempo pra cuidar da aparência, ler as revistas, seguir a moda. São *nu poco cchiu'*^[47] livres, amigo, portanto mais bonitas e inteligentes. É por isso que mexem com a sua cabeça. As *fimmine* italianas, pelo contrário, são donas de casa e *matri*^[48] de família sete dias por semana. Depois, no sábado à noite, se enfeitam e tentam convencer o marido de que se casou com uma grande dama. Mas são um pouco patéticas. A culpa não é delas. Os homens italianos querem em casa uma boa lavadeira, uma dona de casa durante a semana toda, e depois pretendem que vire a Silvana Mangano ou até Marilyn Monroe. O resultado é que os maridos se cansam logo, as mulheres não se sentem admiradas e param de se

cuidar. Moral da história: engordam, perdem a forma e aos 30 estão boas pra jogar fora. E todos são infelizes!

Esse raciocínio deixou Zollo desconcertado: nunca tinha pensado a respeito, mas era isso mesmo. O que o deixava irritado era o jeito de provinciana e o cheiro de sujeira mal lavada que as jovens italianas deixavam atrás de si. O esforço em se parecer com as artistas de cinema. Piores ainda eram os maridos delas, obtusos e ignorantes. Sentia arrepios só de pensar. Ficava triste.

O guarda queria impedir o acesso das jovens à casa. Luciano fez um gesto imperceptível, Zollo enfiou a mão no bolso interno do paletó, passou pelo cabo de madeira da “alternativa”, para pegar com a ponta dos dedos a cédula sempre pronta. Enquanto a passava ao guarda, lembrou-se do velho Anastasia que dizia: “Nunca terá outra escolha na vida, Steve: pagar ou atirar. Você precisa saber fazer as duas coisas, senão, não importa quanta brilhantina perfumada puser na sua cabeça, será sempre um *picciotto*^[49] piolhento”.

É que era proibida a exibição às mulheres do membro enorme de Príapo, deus da potência sexual, e dos afrescos obscenos. As duas jovens riram fingindo estar escandalizadas, enquanto os jovens americanos trocavam piadinhas em voz baixa.

E Zollo se lembrou novamente das pernas da moça, que tinha visto rapidamente no carro e sentiu um repentino movimento nas calças. Amaldiçoou os baixos instintos que colidiam frontalmente com seu humor e virou de costas para o grupo, fingindo acender um cigarro, na esperança que ninguém notasse que estava de pau duro.

Il Resto del Carlino, 17/02/1954.

INCIDENTES EM ROMA E MILÃO DURANTE
MANIFESTAÇÕES DISPERSADAS PELA
POLÍCIA

Seiscentos ativistas de extrema esquerda
detidos na capital, onde o destacamento
montado da S. P. dissolveu passeatas
comunistas

Dois delegados atingidos por pedradas e
vários policiais feridos

Um manifestante morreu

Il Resto del Carlino, 18/02/1954.

O gabinete Scelba se apresenta hoje no
Parlamento

ACIONADA A MANOBRA COMUNISTA PARA
INSUFLAR O POVO CONTRA O GOVERNO

As esquerdas pretendem desmobilizar o novo
Ministério antes mesmo que este inicie seu
trabalho de combate à miséria. Especulando
sobre incidentes que elas mesmas
provocaram, tentam criar divisões na
máquina governamental

Graves incidentes na província de
Caltanissetta

QUATRO PESSOAS MORTAS PELO POVO QUE
FOGE DE UMA INCURSÃO DA POLÍCIA

Em Mussomeli os agentes da ordem foram forçados a utilizar bombas de gás lacrimogêneo

Il Resto del Carlino, 20/02/1954.

Depois da conferência dos quatro

UMA DECLARAÇÃO EM COMUM DOS TRÊS
MINISTROS OCIDENTAIS

Os governos reafirmam que um ataque a Berlim Ocidental será considerado como ato de guerra contra os Aliados

L'Unità, órgão oficial do Partido Comunista italiano, 28/02/1954.

Depois da capitulação do ministro do Exército
OS AMERICANOS COMEÇAM A SE
ENVERGONHAR DOS "TRAFICANTES DO
MEDO E DA CHANTAGEM"

Duro ataque do gen. Lehman aos
"inquisidores" do Senado e da Câmara

L'Unità, 07/03/1954.

Gravíssimas acusações de Anna Maria Caglio
no tribunal
REVELAÇÕES SENSACIONAIS SOBRE AS
RELAÇÕES ENTRE UGO MONTAGNA,
PICCIONI E O CHEFE DA POLÍCIA
Depois da morte da Montesi, Caglio foi com
Montagna e Piccioni ao Viminale. Depois do
encontro Montagna disse: "Já arrumei tudo"

L'Unità, 11/03/1954.

Sensacional documento sobre a corrupção do
regime clerical
CARABINIERI CONFIRMAM AS ACUSAÇÕES
CONTRA MONTAGNA, SEU PASSADO SUJO E
SUAS RELAÇÕES COM OUTROS ENVOLVIDOS

Il Resto del Carlino, 11/03/1954.

MONTAGNA JÁ FOI ACUSADO DE ESPIÃO DO
OVRA E DOS NAZISTAS

L'Unità, 12/03/1954.

MCCARTHY INCRIMINA O CIENTISTA
EINSTEIN?

L'Unità, 14/03/1954.

EINSTEIN CONVOCA OS AMERICANOS A
NÃO COOPERAR COM OS TRIBUNAIS DO
INQUISIDOR McCARTHY

Thomas Mann e Bertrand Russell aplaudem a
coragem do grande cientista

Capítulo 23

Bolonha, 9 de março

Pierre sonhava muito com a mãe. Nos sonhos ela falava com ele, mas as palavras desapareciam de sua mente no momento em que acordava. Então ele ficava mal-humorado pelo resto do dia, irritado por ter se esquecido de um detalhe importante. O rosto dela era o da foto de família, em que ele era uma criancinha de olhar arrogante. As lembranças não bastavam para conferir-lhe uma forma real, ela aparecia fora de foco, em branco e preto, sobre um fundo cinza-escuro. Mas ela dizia alguma coisa, disso ele tinha certeza. Mas o quê?

Ele tinha 6 anos quando a mãe morreu tuberculosa. A segunda gravidez, exatamente a de Pierre, a tinha debilitado demais. Talvez, como dizia Fanti, um sentimento de culpa lá no fundo dava corpo à lembrança, associado ao pouco que tinha permanecido em sua mente. Uma tentativa desesperada de mantê-la viva.

Lembrava-se dela sorrindo, um sorriso modesto e angelical, olhar dirigido para ele, para murmurar uma frase, alguma coisa que abrandasse a impetuosidade de uma criança precoce e agitada. Apenas uma sensação.

Rosa Montanari tinha sido uma mulher magra e belíssima. Vinda de uma família pobre de Solarolo, casou-se com Vittorio Capponi em 1920, aos 18 anos. O pai de Pierre, trabalhador braçal e

depois operário em Lugo, nascido em 1901, era veterano dos tumultos do biênio vermelho^[50], e trazia na pele as marcas do destino que tinha escolhido: as pauladas dos ruralistas, a adesão ao recém-nascido Partido Comunista, o nome do primeiro filho, nascido poucos dias depois da morte de Lenin e chamado Nicola em homenagem ao grande revolucionário. Aliás, pensava Pierre, Nicolai Lenin não se chamava assim. Seu verdadeiro nome era Vladimir Ilitch Ulianov. E Josef Stalin também tinha um nome muito comprido e complicado, do qual ninguém conseguiria se lembrar. Para entrar na História, os nomes precisam ser simples, curtos e fortes.

Robespierre, nascido em 32, era “Piero” no registro de nascimentos fascista. A família estava passando por um momento difícil. O pai não tinha tirado a carteirinha do *fascio*^[51] e essa escolha saiu muito cara. A miséria estava perseguindo os Capponi havia uma década, com poucos momentos de trégua.

Rosa morreu em 38. Pierre tinha poucas lembranças daqueles momentos: o pai com as mãos na cabeça e Nicola correndo escada acima. Nada mais.

De vez em quando aquela lembrança voltava nos sonhos de Pierre. Ao acordar, fantasiava, perguntava a si mesmo como teria sido sua vida se a mãe tivesse sobrevivido. Desde aquele dia, Nicola se fechou em um silêncio fúnebre. O temperamento dele mudou, ficou arredo, tomado de uma irritação de dar medo. Vittorio tinha chorado por dias, maldizendo Deus e blasfemando contra o céu, enlouquecido pela dor. Disso ele se lembrava muito bem.

Naquela época, uma noite, um bêbado que louvava Stalin na praça do lugarejo havia sido agredido por fascistas, sete contra um. Vittorio tinha entrado de cabeça na confusão, derrubando alguns, mas depois foi vencido e surrado com paus até sangrar.

Assim Pierre aprendeu a odiá-los.

Poucos dias depois, Vittorio chamou os dois filhos e, com um olho ainda roxo e meio fechado, transmitiu-lhe a lição mais categórica e incisiva de sua vida, algo para associar para sempre à imagem de Vittorio Capponi. Olhou para eles e disse:

— Não dá pra ficar sempre só olhando.

Depois os Capponi mudaram para Ímola, no apartamento que tia Iolanda tinha encontrado exatamente na frente do dela. A família se manteve em pé graças a ela. Tomou conta de tudo, sem ser intrometida. Dedicou-se aos sobrinhos de corpo e alma, sem confundi-los com os filhos que não chegou a ter. Amparou o irmão sem bancar a esposa.

Pai e filhos nutriam uma forte afeição por aquela mulher ativa e cheia de atenções. Nicola só se abria com ela, Vittorio a envolvia em todas as decisões importantes e Pierre fazia qualquer coisa para agradá-la.

Quando, em abril de 41, Vittorio Capponi foi chamado como reservista para lutar na frente iugoslava, a presença de Iolanda o desobrigou a pedir dispensa: é verdade que os filhos eram órfãos de mãe, mas o maior trabalhava e a irmã dele "supria toda as necessidades".

As necessidades dos sobrinhos não impediram que Iolanda se engajasse contra o fascismo. Em 29 de abril, ela foi à praça com as mulheres de Ímola, em 13 de maio socorreu os feridos do bombardeamento, alguns meses depois hospedou dois *partigiani* e deixou que Nicola os acompanhasse de volta às montanhas.

Ele tinha 20 anos. Estava agüentando os abusos havia tempo demais. Não podia continuar só olhando.

Pierre só voltou a vê-lo depois que a guerra acabou, mancando, magro como um palito, olhar fuzilante.

Um dia, em 45, veio uma carta da Iugoslávia e Pierre descobriu que o pai era um herói de guerra. Pouco depois da chegada à Croácia, Vittorio Capponi tinha matado o vice-comandante da sua guarnição e estava ao lado da Resistência Iugoslava. Depois de 8 de setembro de 43, centenas de militares italianos dispersos tinham passado para as fileiras dos guerrilheiros de Tito. Tinha participado da libertação de Zagreb, recebendo do Marechal em pessoa uma condecoração por seu valor militar.

Pouco depois, Pierre, Nicola e Iolanda o abraçaram pela última vez.

Voltou como clandestino, feito ladrão, escondido por duas noites no porão de um velho amigo.

Na Itália se arriscava a ser duramente condenado: acusações de insubordinação e homicídio. Além disso, era membro do Partido Comunista Iugoslavo, havia um país a ser construído, um país socialista, uma revolução a fazer. Não podia recuar.

Pierre escutou o que Vittorio e Iolanda diziam a respeito do seu futuro. Se lhe tivessem perguntado, não saberia o que decidir: ir com o pai ou ficar em Ímola. Só por isso deixou que escolhessem por ele. Nicola escolheu ficar.

Pierre também ficou. A Iugoslávia não oferecia garantias suficientes. O pai prometeu que se encontrariam pelo menos uma vez por ano. Nunca mais voltou: era perigoso demais. Continuaram trocando correspondências no ritmo que os correios permitiam: uma carta a cada cinco ou seis meses.

Através delas, Pierre e Nicola receberam as notícias mais importantes: o pai tinha conseguido um cargo de prestígio, tinha se casado novamente com uma iugoslava companheira do Partido, tinha escolhido ficar ao lado de Tito também depois de 48 e da ruptura com Stalin.

As duas últimas escolhas fizeram ferver o sangue de Nicola. Mandou o mundo à merda e não quis saber mais nada do pai.

Nesse meio tempo, tinha recebido uma proposta para tocar um bar em Bolonha. Nicola Capponi era um inválido de guerra, herói da Resistência, e o Partido tinha pressionado o companheiro Benassi para que lhe entregasse a administração do bar Aurora. Assim, Pierre também pôde largar a oficina, despedir-se de tia Iolanda e se mudar para a cidade.

* * *

Pierre se sentou à mesa. Gás degustava o vermute imerso em seus pensamentos. Olhou para o jovem com ar de interrogação. Depois entendeu que queria alguma coisa. O sexto sentido de homem de negócios lhe permitia ler a alma dos outros. Pelo menos, era o que pensava. Esticou-se na cadeira e fez o isqueiro americano estalar algumas vezes. A fumaça do cigarro envolveu a careca brilhante.

Pierre permaneceu sério, não estava ali para comprar isqueiros.

Disse:

— Se tocar no assunto com alguém, vou atrás de você e quebro as suas pernas.

Gás sorriu e soltou alguns anéis de fumaça.

— Tenho que manter o sigilo profissional, você deveria saber. Sem discricção, nada de confiança. Sem confiança, nada de negócios. Teria que fechar a barraca num piscar de olhos.

Ficava satisfeito quando podia expor as suas teorias filosóficas mercantis.

Olharam-se por mais um longo minuto.

Depois, Pierre perguntou:

— Como eu faço pra ir à Iugoslávia?

Gás anuiu, pensativo, tragando algumas vezes mais, como se lhe tivessem proposto uma questão existencial.

— Como corretor de negócios, posso encaminhá-lo às pessoas certas. Mas preciso avisar que se trata de gente da pesada. Gente que você não pode fazer de trouxa, não sei se estou sendo claro.

— Estou falando sério.

A careca brilhou debaixo da luz de neon.

— Depois de amanhã tem a luta do Cavicchi. Na Sala Borsa. Vai até lá e pergunta pelo Ettore. Diz que fui eu que te mandei. Se existe alguém que pode te dar uma mão, é ele. Mas eu não garanto nada.

Pierre levantou:

— O vermute é por minha conta. Que seja bem pago.

Capítulo 24

Da conversa de Salvatore Pagano com o defensor público, nomeado pela Procuradoria Distrital do Tribunal de Nápoles, Dr. Carlo Ercolino, em 10 de março de 1954.

Até que enfim, um advogado! Até que enfim, já estava pensando que iam me deixar apodrecer neste inferno!

E como, doutor, como posso ficar calmo, aqui é o inferno, já são mais de dois meses, não dá pra imaginar como a gente vive aqui dentro. Doutor, já tem mais ratos de esgoto no meu braço que no porto inteiro, e o senhor sabe o que tem de rato no porto, nossa mãe! E a comida daqui nem se fala, com todo o respeito, é merda, *seu dotô*, nos dão merda, fora daqui nem os cachorros comeriam, acho que nem as ratazanas do porto, que situação!

E depois, inocente como criança no altar, entende doutor, o senhor tem noção?

Certo, certo, desculpe, *seu dotô*, entendi, vou ficar calmo, mas aqui a gente esquece como é que se vive, depois o frio, *nu fridd' 'e cane*^[52], e com um cobertor todo sujo e meio comido pelos ratos, minha nossa, que situação, mas agora estou mais calmo, desculpe, mas me deixe dizer outra coisa. O senhor com certeza deve ser um grande homem, sim, um grande homem, não se diminua, porque só um grande homem poderia aceitar o trabalho de cuidar de um pobre

desgraçado sem um tostão como Salvatore Pagano. Porque, que fique claro, doutor, eu não tenho um tostão, o senhor entendeu?

Diz que é sua obrigação? Que foi nomeado como defensor público? E o que isso quer dizer, não importa, é um grande homem assim mesmo, gente como o senhor devia viver cem anos, e sem que lhe aconteça nenhuma desgraça.

Diz que precisamos ser rápidos, por quê, o senhor tem outra coisa pra fazer? Claro, com certeza, o senhor precisa me desculpar, mas eu não entendo mais nada, pra mim aqui dentro o tempo é a única coisa que não falta, aliás até sobra, não passa.

Claro, está certo, o senhor me diz que sabe daquela maluquice da televisão, e eu gostaria de saber o que, exatamente, eu faria com uma coisa assim, pode crer que já expliquei, chorei até em chinês, *seu dotô*, mas ele nada, não acredita em mim.

Quem? Como quem!?

O delegado Cinquegrana, *seu dotô*, quem mais? O cara cismou comigo, resolveu me deixar cair duro aqui dentro, deu ouvidos pra sei lá que mentiroso, sei lá que grandessíssimo filho de boa mãe, falando com todo respeito, enfim, pra ir atrás da conversa de algum safado que decidiu me prejudicar. Porque agora já estou arruinado, isto ficou claro, doutor. Expliquei, contei tudo ao delegado, mas tudo mesmo, até a história da Nossa Senhora de 48, não ponha as mãos no rosto, *seu dotô*, não vou contar ao senhor, não se preocupe. Falei pra ele que estava lá nas freiras em Santa Teresa, distribuindo presentinhos às crianças menos afortunadas, depois algumas horas com minha Lisetta, que eu, *dotô*, sou louco pela minha Lisetta, às vezes quase que ela me manda mesmo pro hospício, agora nem sei onde ela anda, veio me visitar um mês atrás e desde então, quem viu, viu. Mas não, aquele cabeça de vento, as coisas entram por um ouvido e saem pelo outro, o cara lá de que estou falando. O delegado Cinquegrana, quero dizer.

E o que eu ia fazer com uma televisão? E se não bastasse aquilo, ele ainda vem com perguntas sobre dom Luciano, falando com todo respeito, e aquele outro, que ninguém conhece, o morto matado, e eu sei lá?

O senhor diz que precisamos pensar na televisão, está bem,

vamos pensar. O senhor diz que na polícia insistem que me viram naquele dia perto da base americana de Agnano, que eles têm certeza? Puxa vida, *seu dotô*, puxa vida, eu sou um pobre azarado!

Por quê? O azar ataca sempre os pobres cristos, é como se diz, o cão morde o esfarrapado.

O senhor diz que eu preciso ser mais claro, que não entende aonde eu quero chegar. Tá bom, puxa vida!

O meu azar é que eu, naquele dia, fui mesmo lá perto pra levar minha Lisetta... não, não, *dotô*, não precisa pôr as mãos no rosto, que não vai pegar cólera. Eu precisava contar, não é? Eu a levei dos Vergini até lá com o carrinho de pedalar, uma canseira, *dotô*, que não dá pra acreditar, mas para a Lisetta eu faria qualquer coisa, que talvez seja mesmo essa a minha desgraça. A Lisetta precisava ir até lá, na base americana, e eu a levei com o carrinho, é isso aí.

Pra fazer o quê? Eu? Mas acabei de dizer, ah, o senhor quer dizer a Lisetta. Mas que perguntas são essas, *dotô*?

Capítulo 25

Bolonha, 11 de março

Entre lavar os copos, consertar a torneira e moer o café, Pierre acabou se atrasando.

Remexeu nos bolsos para ter certeza de que o ingresso estava lá, pulou na bicicleta e partiu na direção da rua Ugo Bassi. Não era só para conseguir um bom lugar. Na última luta do Cavicchi, houve tanto empurra-empurra que a polícia deixou de fora até quem pagou.

Uma multidão agitada se espremia na entrada da velha Sala Borsa. Encostou a bicicleta ao muro e se lançou lá no meio, decidido a entrar a qualquer custo.

Franco Cavicchi, conhecido como Checco, o gigante de Pieve di Cento, era um ídolo para Pierre. O seu pugilista preferido. Grande como uma montanha, determinado e generoso. Todos os dias percorria sessenta quilômetros de bicicleta para ir a Bolonha treinar na mítica Sempre Avanti da rua Maggia, sociedade de gloriosas origens socialistas.

Três policiais já enchiam o saco, diziam que a sala estava lotada, que precisava parar de empurrar.

Pôs os cotovelos para a frente e com dois movimentos dos quadris conquistou várias posições, em meio a reclamações generalizadas.

Estava sozinho. Os outros mosqueteiros tinham desistido por causa do preço. Pierre não perderia o grande Cavicchi por nada neste mundo. E o encontro ainda incluía Ettore, aquele dos caminhões, que poderia dar alguma dica sobre a forma de chegar à Iugoslávia.

Agora ele estava na porta. Os policiais, que já eram seis, apertavam os flancos da massa humana como uma tesoura, para cortar fora os últimos espectadores. Pararam em formação exatamente quando Pierre tinha certeza de que conseguiria entrar.

— Chega, voltem para casa, aqui não entra mais ninguém.

Gritos e xingamentos das dezenas de excluídos. Pierre reconheceu o policial que o tinha surrado na passeata pelas vítimas de Mussomeli. Não pensou duas vezes, tomou impulso com o tórax, apoiando-se nos que estavam trás, e partiu de cabeça abaixada para romper o bloqueio. Pegos de surpresa, os guardas tentaram agarrá-lo, mas era tarde demais. Um levou uma joelhada, outro a mão na cara, depois Pierre conseguiu se misturar aos que já estavam dentro, enquanto atrás dele se formava um grande tumulto.

Encontrou um lugar para se sentar nos camarotes mais altos. O sujeito ao lado dele não parava de comer sementes de abóbora torradas. Ao redor dos pés, tinha um tapete de cascas. Entre uma semente e outra, lhe dirigiu a palavra:

— Viu só quanta gente? Que basquete nada! É bom que levantem logo o Palasport novo, mas por causa do Cavicchi, e não do Virtus^[53].

— Se continuar assim — acrescentou Pierre — o ginásio municipal não vai dar conta. Em dois anos ele vai ser campeão da Europa.

Os dois primeiros lutadores da noite entraram no ringue. Bernardi vinha de Ferrara, e colhia as vaias dos bairristas, na onda do ódio futebolístico entre o Bologna e o Spal. Malavasi, pelo contrário, tinha nascido na região, mas muitos se lembravam dele com o uniforme da Brigada Negra. Os insultos dos companheiros

eram todos para ele. O juiz do combate era o senhor Cinti, de Ancona.

Combate? Pura força de expressão. Depois dos dois primeiros assaltos, o “semente de abóbora” começou a se queixar com Pierre.

— Mas isso por acaso é boxe? Esses dois me dão nojo.

Empurrões, abraços, puxões e nem um soco, nenhum mesmo.

No quarto assalto, depois de duas advertências do juiz, o público começou a vaiar. Havia quem gritasse que o de Ferrara era mais indicado para criar enguias e quem se oferecesse para subir no ringue e dar uma lição no fascista. Assim a violência, que ia se apagando no ringue, foi se acendendo nas arquibancadas.

Um fulano baixo e atarracado, vermelho na cara como a bunda de um babuíno, chegou perto de Pierre com ar ameaçador.

— E você, belo menino, diga ao pessoal do seu bar que o Malavasi tentou lutar e o outro não.

— Que lutar que nada! — disse alguém a um palmo do nariz dele. — Vocês fascistas são bons só com balas.

O gancho chegou feito raio na lateral do rosto do cara das sementes de abóbora. Quem havia falado nem tinha sido ele, e sim um outro, com ombros enormes, grande demais para aquele fascista de merda. Pierre foi direto no provocador, dando-lhe uma tremenda cotovelada na mandíbula. O cara caiu para trás e Pierre caiu em cima dele, enquanto ao redor a confusão ia crescendo.

Na outra frente, o juiz suspendia a luta. Renato Torri, da Sempre Avanti, agarrou o microfone para pedir calma ao público, ameaçando interromper imediatamente o programa.

Com medo de perder a luta de Cavicchi, Pierre largou o adversário, deixando-se segurar pelos muitos braços que tentavam separá-los. Levou um pontapé feio no estômago, exatamente enquanto se afastava. Respondeu com uma cuspada, acertou na careca do baixinho, que também foi imobilizado e levado embora enquanto continuava a berrar.

— Você é o Pierre, do bar Aurora, certo? Irmão do Nicola Capponi?

O fulano que tinha ameaçado o fascista estava em pé atrás dele. Pierre se levantou e respondeu:

— Sou, sim. E você, quem é?

— Me chamo Ettore. Sei que queria falar comigo.

Palmas estrondosas saudaram a chegada de Cavicchi. Pierre esqueceu de aplaudir:

— Falamos agora ou deixamos pra quando acabar?

— Melhor esperar — respondeu o outro — Vamos ver o que o Checco vai aprontar, depois a gente vai tomar um gole.

O primeiro assalto acabou com o alemão Wiese nas cordas. Cavicchi o soterrava sob uma avalanche de socos, esperando o momento de descarregar o famoso gancho de esquerda. Pierre olhava admirado a ação fluida e demolidora, procurando preparar um discurso, com a cabeça cheia de idéias e porradas.

No intervalo entre o quarto e o quinto assaltos, virou-se para dizer alguma coisa ao Ettore, mas ele já tinha se afastado alguns metros e discutia animado com duas pessoas.

Ao soar o gongo, concentrou-se novamente no ringue. Sua agitação crescia. Não pela luta, que Cavicchi dominava, mas pela conversa com Ettore e suas conseqüências. Acharia uma forma de chegar à Iugoslávia? E onde arrumaria o dinheiro para pagar a viagem? Seria muito arriscado? E Angela? Ficar longe por uns tempos tornará a relação com ela ainda mais séria ou vai convencê-la de que o melhor seria acabar com tudo? E Nicola? O que ele vai dizer?

Com menos perguntas, o treinador de Wiese jogou a toalha no sexto assalto.

Pierre entendeu que tinha perdido alguma coisa. Olhou ao redor. Ettore o estava chamando com um gesto da mão. Abriu passagem e chegou até ele.

* * *

Durante o caminho trocaram poucas palavras, só o suficiente para escolher aonde ir.

A taberna perto das Torres estava um pouco cheia, apesar da hora. Encontraram uma mesa em um canto, minúsculo e afastado, sentaram-se e pediram dois conhaques.

Ettore largou o corpo no encosto, acendeu um cigarro e deu duas tragadas.

Pierre pigarreou e decidiu ir logo ao assunto.

— Preciso ir à Iugoslávia, e o Gás, o Castelvetri, disse...

— Calma, calma — interrompeu Ettore. — Não gosto de fazer negócio com quem eu não conheço. Vamos conversar um pouco e, se você for um sujeito legal, só tem a ganhar, eu ajudo com toda a boa vontade.

Em uma mesa mais afastada, uma moça riu alto, acima do burburinho de vozes. A chegada do garçom tirou Pierre do embaraço. Agarrou o copo, virou na palma da mão, cheirou o conhaque e o engoliu de uma vez.

Ettore recomeçou a falar:

— O seu irmão estava na 36ª, certo?

— Certo, na companhia de Kaki.

— E você?

— Eu nada — respondeu Pierre com a garganta em chamas — eu era praticamente uma criança. Tenho 22 agora, mas se em 44 tivesse pelo menos 16, teria ido com certeza, porque este é um vício de família.

— Também tive, mas é um vício ruim quando somos muito jovens. Aos 16 não vale a pena arriscar a vida.

Pierre fitou Ettore diretamente no rosto. Por um instante, teve a impressão de que estavam sozinhos naquele lugar. Inclinou-se para a frente e abaixou novamente o olhar:

— Meu pai dizia que não dá pra ficar sempre só olhando.

Das mesas mais próximas, alguém lançou uma olhada.

Pierre ergueu os cotovelos da mesa e inclinou a cadeira contra a parede.

— Seu pai também esteve nas montanhas, certo? — perguntou Ettore.

— Sim e não. Ele acabou lutando na Croácia, com o exército italiano. Depois a companhia dele se amotinou e passou pro lado do

Tito. Meu pai fez parte da Resistência lá, entre Zagreb e a costa, depois decidiu ficar, porque lá o socialismo venceu e ele até conseguiu cargos importantes.

Disse aquela frase sem muita cautela. Mas Ettore não era daqueles que começam a discutir se Tito é fascista ou companheiro, traidor ou não. Ficou calado, acabou o conhaque em um só gole e acendeu outro cigarro. Pierre fez a mesma coisa. Por meia hora falaram sobre outros assuntos. Das ilusões dos *partigiani* e das diretrizes de Togliatti, do time do Bologna e de Cavicchi. Quando Ettore voltou a falar do pai dele, Pierre entendeu que estava na hora de tratar dos negócios.

— Sempre desejei abraçar novamente o meu pai — começou — mas as dificuldades são muitas: a viagem, o dinheiro, os documentos. Por muitos anos me satisfiz com as cartas. Depois, silêncio, mais nada por meses, e agora as minhas cartas voltam. Então decidi: preciso ir, descobrir o que aconteceu, achar uma resposta a muitas perguntas. Por isso estou me dirigindo a você.

— Uma viagem, mesmo se for clandestina.

— Isso mesmo.

— É arriscado. Se o pegarem, acaba na cadeia por alguns anos.

— Só os burros acabam lá — sentenciou Pierre, com ar de durão.

— Então talvez você esteja fazendo uma burrada.

— Tá certo — Pierre tentou sorrir, mas só conseguiu levantar um canto da boca. — Digamos então que vale a pena. Como valia a pena quando você, meu irmão, meu pai e todos os outros cumpriam o próprio dever no momento certo. Às vezes, vale a pena.

Ettore retribuiu um sorriso pleno que se apagou quase imediatamente.

— Você não seria o único a se arriscar, e o risco dos outros precisa ser pago.

Pierre olhou para ele. Queria perguntar se tinha passado no exame, mas se conteve.

— Quanto?

— Não vamos falar sobre isso aqui — cortou Ettore, vendo que

o garçom estava chegando. — Vou marcar um encontro através do Gás e aí vamos discutir melhor. Mas não crie ilusões: não sei se vai ser possível organizar a coisa. Procure não pensar muito sobre isso, em dez dias você vai saber.

O garçom chegou perguntando se queriam mais alguma coisa. Ettore pediu mais dois conhaques, viu a expressão de preocupação de Pierre e disse:

— Este é por minha conta — e piscou os olhos, irritados pela fumaça.

Mas talvez fosse um sinal de acordo.

Capítulo 26

Bolonha, bar Aurora, 12 de março

No bar Aurora, as sextas-feiras são dedicadas ao “volante”. Em Bolonha, especialmente no centro, existem bares onde você chega, pega o impresso, fica em um canto de mesa e começa a preencher as colunas um, do meio ou dois. Aqui no nosso bar não pode, só os estranhos fazem isso, porque o volante interessa a todos, é uma cerimônia em comum, para dar bons resultados precisa da sorte de muitos e da experiência de alguns.

A sorte, a gente sabe, é uma coisa que você pode ter ou não, mas alguns detalhes podem ajudar, como, por exemplo, quem vai ao estádio com a mesma gravata que usou quando o Bologna ganhou da Inter. E, se você fizer ele se lembrar de que no último jogo em casa o Roma meteu duas bombas na nossa rede, ele diz que sem aquela gravata teríamos levado pelo menos o dobro e não há quem seja capaz de tirar isso da cabeça dele.

Assim, o volante da Sisal^[54] é preenchido pontualmente à uma hora. Enquanto nos ocupamos disso, aqueles poucos que não se interessam podem seguir jogando bilhar ou conversando, mas sem incomodar. Ninguém pode, porém, pegar no baralho, porque também é um jogo em que a sorte intervém e, no momento do volante, a boa estrela do bar Aurora não pode se distrair. Isso quer

dizer que até nisso nós, comunistas, somos contrários à propriedade privada.

— O que você me diz, Melega, Triestina e Juve, vamos na dois? — pergunta Barone, mordendo a caneta.

O perito analisa o caderno de anotações, depois dá seu parecer:

— A Juve está sem o Hansen, apesar de não ser lá um grande desfalque, e o Trieste no primeiro turno não ganhou nenhuma. Pra mim dá empate, no máximo a do meio e a dois.

Barone pensa por um instante e depois baixa a cabeça e escreve. Os outros concordam e marcam a coluna do meio. Walterún ainda não se decidiu. Pierre, apoiado sobre o balcão, tenta fazer as contas, porque cada um faz seu jogo e escreve o que quer, mas o volante do bar, aquele em comum, que se der certo vamos comprar uma televisão, é ele quem preenche, depois que todos chegam em um acordo.

— O que eu faço, jogo na do meio?

— Isso mesmo — diz Stefanelli, o outro perito.

E, como ninguém contesta, o empate é considerado um bom palpite.

No bar Aurora, para todo assunto existe um especialista. Para o Totocalcio^[55] existem dois: Melega e Stefanelli. São dos que lêem o *Stadio* todos os dias e anotam as notícias importantes em uma caderneta, para ter certeza de que não vão se esquecer de nada. Sabem quais são os jogadores contundidos e aqueles que estão em melhores condições, conhecem os resultados dos jogos dos últimos vinte anos e dizem há quanto tempo um time não consegue ganhar de outro. Geralmente até têm opiniões parecidas, mas, nas vezes em que não concordam, a discussão não tem fim. Isso aconteceu há alguns meses e faltou pouco para que não saísse uma pancadaria entre os que davam razão a um e os que eram a favor do outro. Capponi, para que todos se acalmassem, decidiu preencher uma coluna a mais. Acabamos acertando oito, e tchau e bênção.

— Já acabaram com esse volante? — pergunta Gaggia, mostrando-se à porta e ainda com a mão na maçaneta.

— Faltam os jogos dos aspirantes e da série C. — Melega, com os olhos na caderneta, faz gestos convidando aquela voz ao silêncio.

— Então eu vou dar os palpites. Vocês nunca acertam mesmo. Vai ser coluna um, estou com um pressentimento.

— Ora, Gaggia, vá acabar de arrumar sua loja — reclama Bottone, visto que Gaggia, às sextas, nunca aparece antes das duas, com a desculpa de precisar arrumar suas ferramentas e organizar seu trabalho de sapateiro, mas o verdadeiro motivo é que não gosta de futebol, não entende nada, e tem gente que diz que ele dá azar, que ele até viria, mas os outros é que não o querem, e talvez sejam as duas coisas.

— Aposto que ainda não abriram o jornal, suas bestas! — Uma olhada ao redor, nenhuma reclamação, permissão para prosseguir: — Temos novidades no caso Montesi: instituíram uma comissão parlamentar para investigar a moralidade dos deputados.

— Bom, e o que isso tem a ver com a Montesi? — pergunta Garibaldi, depois de ter liquidado o Sanbenedettese e Arstaranto com uma aposta na coluna do meio. — Por que não deixam em paz aquela pobre moça?

— Concordo — começa outro, mas não consegue prosseguir porque Gaggia, com uma olhada de impaciência, faz com que todos fiquemos calados como se fôssemos um bando de alunos ignorantes.

— Como é? Vocês estão brincando? Parece que a tal moça foi morta por dois, com ou sem drogas. Um, o Montagna, é meio traficante e grande amigo de políticos, o outro, Piccioni, é filho do ministro democrata-cristão. E vejam só no que deu, a polícia acabou pondo panos quentes dando a entender que havia sido um acidente. Mas agora chega, já passou das medidas, precisamos tirar as coisas a limpo, essa é a oportunidade de trazer à tona todos os podres dos políticos.

Gaggia pára, com ar de satisfação, e espera que nós partilhemos de seu entusiasmo. Mas muitos de nós estão coçando a cabeça, até que Walterún diz:

— Eu não entendo mais nada. É uma zona total. Quem é que matou aquela pobre moça?

— Você está me ouvindo, ou não? Foram eles, Montagna e Piccioni, eles a drogaram pra trepar com ela, e os chefes da DC tentaram esconder tudo, mas não conseguiram, e agora você vai ver que os podres deles aparecem todos de uma vez!

— É, já estava na hora — comenta Bottone. — E você, Garibaldi, o que diz dessa história da Montesi? Será que desta vez conseguimos envolvê-los?

O velho Garibaldi já colocou o volante de lado e estava sentado à mesa folheando o jornal, como se não estivesse nem um pouco interessado no caso da Montesi.

— O que aconteceu? — pergunta Pierre detrás do balcão.

— Aconteceu que Ho Chi Minh decidiu mandar os franceses pra casa de uma vez por todas!

— Como é que é ? — pergunta Bottone incrédulo, enquanto coloca os óculos para ler as letras minúsculas do jornal. Até os mais fanáticos do Totocalcio levantam a cabeça e escutam curiosos, porque na sexta, a essa hora, ninguém leu o jornal ainda.

Garibaldi confirma, angelical:

— Sim, senhor. Os vietnamitas atacaram o quartel-general das forças francesas.

Bottone lê em voz alta:

— “Em 10 de maio as tropas vietnamitas deram início ao assédio do campo entrincheirado de De bem...”

— Dien Bien Phu, burro! É onde os franceses concentraram o exército — intervém Garibaldi para corrigi-lo. — Desta vez eles vão pra casa com o rabo entre as pernas, porque o general Giap^[56] não é nenhum babaca, aquele sim sabe fazer guerra, é um herói popular.

Walterún tenta ler o artigo por cima do ombro do Bottone, que desabafa:

— Esses vietnamitas são pequeninos, mas são maus, não? Parecem ser meia-boca, mas ninguém pisa em cima deles não. Muito bem!

O motorneiro Lorini intervém com o seu palpite, enquanto paga o café:

— É justamente porque são tão pequenos que se enfiam em

todo lugar e você nem percebe, enquanto os franceses, grandes e fortes, são alvo fácil.

Garibaldi levanta os olhos para o céu e abana a cabeça:

— Veja só quanta besteira eu tenho que ouvir. O que tem a ver o tamanho dos vietnamitas? — Depois, como se quisesse nos dar uma aula de História, diz: — É que os franceses são todos mercenários da Legião Estrangeira, é gente que faz guerra por dinheiro. Mas os vietnamitas lutam pelo próprio país, pra se libertar do colonialismo, como aqui lutamos contra os alemães. E a gente por acaso era pequeno?

Pierre acaba de arrumar as xícaras no balcão:

— Então vamos tomar um café à saúde do companheiro Ho Chi Minh.

— Saúde! — diz o Bottone, erguendo a xícara.

— Se os comunistas vencem lá também — diz Garibaldi, depois de tomar o café —, pegamos a Ásia inteira. A União Soviética, a China e a Indochina.

Todos nós concordamos enfaticamente.

— E nós? — pergunta Walterún.

— Nós depois. Uma coisa de cada vez!

A resposta seca de Bottone fecha o parêntese político. Às sextas, não tem assunto que consiga se manter, os americanos podiam lançar a bomba atômica, mas depois de alguns comentários, voltaríamos a falar de futebol.

E, de fato, Melega e Stefanelli já estão lá, no bilhar, e o estalo das bolas encobre a discussão sobre o destino do Bologna, que contra o Atalanta precisa se recuperar do 3 a 1 contra o Palermo. Capponi faz a conta da semana para entregar ao proprietário, Pierre confere o nível dos líquidos nas garrafas e os do carteadado brigam por uma chance.

Capítulo 27

Bolonha, 14 de março

— Não posso largar o Odoacre.

Angela quebrou o silêncio que os tinha envolvido depois de fazer amor. Nenhum dos dois tinha falado por vários minutos. Estavam ali, lendo pensamentos, sem precisar dizer nada.

Pierre abanou a cabeça. Nunca tinha pedido que se decidisse, mas ela sabia que a clandestinidade da relação começava a pesar. Quanto tempo? Cinco, seis meses. É, começavam a pesar, para ela não era fácil, era uma loucura, mas também um pouco de novidade, de alegria e de paixão. Odoacre não tinha idéia do que fosse paixão. Era bom, atencioso e velho. Não era só a idade, era o caráter; quando jovem, não devia ser diferente. Generoso, altruísta, sério, sempre empenhado em uma boa causa, sempre seguro do que precisava fazer.

— Angela, estou apaixonado por você — a voz de Pierre estava cansada.

Ela não teve coragem de olhá-lo no rosto.

— Estou apaixonado por você e estou cheio disso tudo.

— Sei, é como viver escondido.

— Não, não é só por nós dois. É que não vejo futuro pra mim. Pra nós. Mais cedo ou mais tarde, vamos ter que parar, antes que a gente se apaixone demais, antes que a saudade fique insuportável

quando estivermos longe um do outro. É um jogo que já começou perdido. E fico me perguntando se isso está correto.

O olhar de Pierre se dirigia ao nada. Alisou os cabelos. Ela acendeu um cigarro e passou para ele.

— A vida não é justa, não é como uma polca no salão, é dura. Comigo ela foi dura, se não tivesse encontrado o Odoacre, quem sabe o que seria de mim agora?

Mas que saco, quantas vezes ela tinha repetido aquela ladainha? A resignação de Angela o deixava puto, mas Pierre não tinha nenhuma resposta para oferecer.

Disse:

— Só isso? Não tem mais nada? A gente tem que se contentar com isso? Trabalhar e esperar pelo domingo?

— E o que você quer? — explodiu Angela, como se estivesse lidando com uma criança. — Por acaso somos ricos? Aquele Renato Fanti fica te contando um monte de coisas bonitas, mas pra ele é fácil, é de boa família, viajou, esteve no exterior, fala várias línguas. Mas quem somos nós, Pierre?

— Pés-rapados, é isso o que somos. Pra nós está tudo bem. Tudo bem quanto aos ricos, aos pobres, a trabalhar como mulas, a ter a cabeça rachada pela polícia quando vai às ruas, a ver dois jovens que se amam e não podem contar a ninguém.

— Você e eu é que vamos mudar o mundo? Mesmo se eu largar o Odoacre e ignorar tudo o que ele fez por mim e pelo meu irmão, o que fazemos depois? Vamos embora de Bolonha, porque aqui seríamos mortos a pedradas, você sabe. E me chamariam de puta, porque troquei o doutor Odoacre Montroni pelo Rei da *Filuzzi*. Um pobre que trabalha como garçom. Aonde iríamos?

Angela percebeu que tinha levantado a voz e parou de repente. Acariciou a cabeça de Pierre, mas ele permaneceu impassível.

— Você é esquisito. Tem alguma coisa que não entendo. Precisamos aproveitar estes momentos sem pensar em coisas tristes. Sei que mais cedo ou mais tarde vamos ter que parar com nossos encontros, mas, até lá, me abrace e procure ser feliz. Por favor.

Pierre apagou o cigarro e a abraçou, sentiu a respiração quente dela contra o peito, beijou-lhe o rosto, depois viu as lágrimas.

— Não chore. Na hora certa, eu sumo sem fazer barulho. Talvez eu vá mesmo embora.

— Pra onde? — ela perguntou, assoando o nariz.

— Ainda não sei. Talvez pra Iugoslávia, encontrar meu pai.

Angela procurou o olhar dele:

— Você quer mesmo ir embora?

— Tem essa história do meu pai, as cartas que voltam. Desde os 13 anos eu quero revê-lo e visitar um país diferente, um país socialista, onde nós vencemos.

— O Odoacre diz que a Iugoslávia é um país social-fascista.

Pierre não agüentava mais ouvir falar em Montroni.

— Bom, pelo menos eles fizeram a revolução. Além disso, eu não confio no que dizem Odoacre, Benfenati e todos os outros. Pra eles, só vale o que o Partido diz. As pessoas precisam ver com os próprios olhos pra poder julgar. Meu pai não é fascista, mas ficou lá. Deve ter um motivo, não?

Angela concordou com ar de desconsolo:

— Isso é o que o Fanti diz, não é?

— Não, Jesus Cristo, é o que eu penso! — Deu um pulo e ficou em pé, depois segurou o ímpeto, parou no meio do quarto, encurvado pelos pensamentos. Dirigiu-se à janela e espiou através das persianas encostadas.

Ela ficou observando a sombra esbelta recortada contra a lâmina de luz que filtrava.

Falou de costas para ela:

— Quero conhecer outras coisas, Angela. Quando penso que minha vida vai se limitar ao salão de baile e o bar Aurora, quase morro. Quando apanho nas manifestações, não me sinto um herói. Meu pai, meu irmão e todos os outros lutaram por uma boa causa, mas só deixaram aos da minha idade as histórias dos *partigiani* e as armas enferrujando no porão, pra sonhar com uma revolução que nunca chega. O que nos resta fazer? Achar um bom trabalho, uma boa moça pra casar, ter filhos e esperar que cheguem à idade certa

pra ouvir as *nossas* histórias, de quando apanhávamos da polícia? Fico me imaginando aos 70 anos jogando baralho com Brando e Sticleina. Sinto muito. Não quero acabar como o pessoal do bar.

Angela sentiu um baque por dentro, como alguma coisa quebrando, as lágrimas voltaram a embaçar os olhos.

Pierre prosseguiu:

— Pensar na revolução, pegar nas armas. Tudo isso os outros já fizeram, antes e durante a guerra, quando a gente ainda era criança. Mas, apesar de ficarem contando vantagens aos amigos, eles sabem que perderam. Eu também tenho carteirinha, mas não quero ver o mundo com os olhos do Montroni ou do diretor do *L'Unità*. — Virou-se para ela:

— Quero ir pra ver e julgar por mim mesmo. Quero algo mais.

Angela enxugou os olhos:

— Eu passava fome antes de me casar com o Odoacre, e o Ferruccio... você sabe. A vida não é como nos filmes, não acontece isso do Cary Grant conhecer você em um trem, se apaixonar e levá-la pra América. Vá pra Iugoslávia se quiser, depois conte se é muito melhor do que aqui.

Pierre foi abraçá-la e a apertou com força. Aninharam-se no sofá e ele a embalou com doçura, tentando adormecê-la:

— Shiu. Vamos fingir que somos duas lebres na toca, e fora tem neve e faz muito frio, temos bastante suprimento pro inverno, e aquecemos um ao outro com as nossas peles.

Enquanto falava e passava a mão em seus cabelos, sentiu que a respiração dela ia ficando mais pesada.

Ela tinha razão, ele era esquisito. E tinha alguma coisa difícil de entender.

O pai, a Iugoslávia, os titofascistas.

O sono chegou para apagar as preocupações.

Capítulo 28

Palm Springs, Califórnia, 15 de março

Jean-Jacques Bondurant se esforçava para manter os olhos na tela.

Mal conseguia manter as pálpebras abertas, e suave, *Nom de Dieu!* Se tivesse arqueado as sobrancelhas, a peruquinha teria caído nos olhos. Que calor ali dentro.

Agora passava na testa a ponta dos dedos da direita e apertava a têmpora com o polegar, tentando prevenir uma dor de cabeça que já dava sinais de querer se instalar. Pouco antes, explorava com o indicador a zona úmida acima do nariz. Até o dia anterior as sobrancelhas eram unidas por uma pequena ponte de pelos. O esteticista tinha dito: "Arranque! Arranque tudo! Aqui não tem como resolver com um simples retoque!".

Mais estranha ainda era a superfície plana deixada pela remoção da pinta. Ia demorar para se acostumar.

O que mais? Dentes clareados, anel de ouro tirado (com muito custo) do dedo...

Se alguém pudesse vê-los, sentados um ao lado do outro, veria duas réplicas do mesmo rosto na luz trêmula. Bondurant, exausto pela interminável matinê de comédias grantianas. Grant muito atento, braços abandonados nas coxas, nádegas na beira da poltrona. Mais ninguém na saleta.

Naquele momento, no filme em branco e preto, uma terceira

versão (mais nova) de Cary Grant estava sentada de pernas e braços cruzados, no rosto um sorriso tranqüilo, o de um homem que saboreia até o fundo o próprio triunfo.

— *Stop!* — gritou, erguendo um braço, uma das duas versões em cores, aquela não suada.

Fotograma parado, uma das cenas culminantes de *Cupido é Moleque Teimoso*, de 1937.

— Experimente o senhor agora! — ordenou Cary ao sócia. — Mas antes melhore seu aspecto, pelo amor de Deus! Está ensopado de suor!

Bondurant passou o lenço e ajustou a *moumoute* no cume do crânio.

— Não precisa ficar tão agitado, já falei que está progredindo! Vamos, quero vê-lo naquela pose, o mesmo sorriso, o mesmo ar de satisfação.

Bondurant cruzou as pernas, pegou os cotovelos nas mãos, depois curvou as costas para trás e tentou imitar aquele sorriso.

— Não funcionou, Mr. Bondurant. Falta a postura. Vou dizer mais: falta o sentimento. Tentarei predispor o seu ânimo da forma correta. O senhor tem 43 anos, certo?

Bondurant concordou com demasiado entusiasmo, e teve que arrumar mais uma vez a *perruque*. Grant percebeu e explodiu:

— Ora, onde encontraram esta peruquinha que só fica escorregando? Numa loja de fantasias?

Tirou do bolso um caderninho forrado com pelica preta, rabiscou uma anotação, depois continuou:

— Vamos voltar a nós: em seus 43 anos de vida, houve um momento em que disse a si mesmo: “O mais importante está feito”?

Em que s... Ah! Claro! *Le plus gros est fait!* Tinha entendido. Grant estava se referindo a um momento de satisfação, em que *il se la coula douce*.

— Claro, quando a guerra acabou e voltei do *front* italiano.

— Está bem, Mr. Bondurant. Quando voltou para Montreal, fizeram uma festa, ou estou errado?

— Fizeram, e fiquei bem feliz. Depois de quase cinco anos vi novamente Charlotte, minha namorada.

— Muito bem. Feche os olhos.

Bondurant obedeceu.

— Imagine que está naquela festa. Acabou de dançar com sua Charlotte. Agora foi sentar à beira da pista de dança. Sente no peito o calor da comunidade congratulando-se com o senhor. Cumpriu seu dever. Está finalmente leve, depois de longos anos que pareciam não acabar, pense nos dias que virão. O corpo inteiro é inundado pela expectativa e pelo desejo de uma vida feliz.

Enquanto Grant falava, o sócia respirava profundamente. Um novo sorriso começou a se formar.

— Está bem, Mr. Bondurant. Agora, desta posição firme, pense em Hitler!

— *Pardon?* — Bondurant reabriu os olhos.

— É, em Hitler. Quem venceu a guerra foram vocês, Mr. Bondurant, e os nazistas perderam. O senhor está vivo, enquanto aquele filho de uma cadela de bigodinho morreu. Venceram os bons, graças também à sua contribuição. O senhor e Charlotte têm céus azuis sobre a cabeça, Hitler e Eva Braun estão dois metros embaixo da terra. O senhor está do lado do futuro, esmagou o inimigo e está feliz, é, Mr. Bondurant, está feliz, toca o céu com um dedo. A guerra acabou. Os maus foram derrotados. Quero vê-lo sorrindo, porque tem esse direito! E quem teria mais que o senhor? Está naquela festa, e sorrindo!

Oui, je suis aux anges! Zut! Je suis aux anges, et je souris!

Bondurant reabriu os olhos, triunfante. A guerra tinha acabado. Hitler não existia mais.

Grant o encarou.

— Nada mal.

— Bom, Mr. Bondurant. Como minha esposa disse, o senhor tem o dom de aprender depressa. E agora me parece apropriado mostrar-lhe uma seqüência de *A Noiva Era Ele* em que...

Bondurant se abateu na poltrona. Quanto tempo mais ia durar?

Capítulo 29

Nápoles, 16 de março

Escolheu um bar do outro lado da cidade. Podia ser uma precaução inútil, mas era sempre bom dar importância aos detalhes. A experiência ensina que são exatamente as coisas insignificantes que acabam gerando problemas. Tinha conhecido tanta gente de valor que se deu mal por ninharias. Uma palavra a mais dita a uma puta, uma foda não adiada, uma anotação esquecida no bolso do paletó, um pneu muito gasto que fura na hora errada. Você teria apostado neles cem vezes em cem, só que cometeram um pequeno erro. E acabaram com a cara de frente para as luzinhas azuis ou para os peixes do fundo da baía. Alguns ele mesmo teve que pegar, e ficou surpreso com a meticulosidade e a astúcia de planos tão bem arquitetados. Acabaram se fodendo por causa de um detalhe. Talvez fosse a lei universal do acaso, válida para os que põem em jogo a sorte toda em uma única mão, sabendo da possibilidade de perder, sabendo que não terão outra chance.

Zollo entrou e pediu um café. Depois perguntou onde tinha um telefone.

O barman indicou o aparelho.

Tirou o fone do gancho e discou o número do serviço telefônico.

Atendeu uma voz de mulher jovem:

- Pois não?
 - Preciso fazer uma ligação internacional.
 - Para onde?
 - Paris.
 - O número, por favor.
- Zollo ditou os números, dando tempo para que ela anotasse.

Em um ponto da Rue des Abesses, em Paris, o telefone tocou três vezes, antes que um homem gordo e suado levantasse o fone.

— *Allô?*

A voz clara da telefonista disse:

— Ligação da Itália. Aguarde, por favor.

Entrou um sotaque ítalo-americano:

— Toni, o lionês, *please*.

— Toni? *Attendez, monsieur*.

O gordo apoiou o fone no balcão e atravessou o salão na penumbra, massageando o pescoço. Passou pela porta que dava para os fundos e entrou em um pequeno cômodo enfumaçado. Quatro pessoas estavam sentadas ao redor da mesa redonda. O pano verde estava cheio de *fiches* e queimaduras de cigarro. Os tocos já tinham enchido dois cinzeiros de vidro e caíam para fora.

O gordo se dirigiu a um dos jogadores:

— Toni. *Téléphone*.

Um fulano seco e esmolambado, cigarro equilibrando nos lábios e olhos meio abertos, respondeu com um grunhido. Olhou as cartas: dois ases e dois oitos. "A mão do morto". *Merde*. Uma olhada para o montinho de *fiches*. Já estava com menos de 10 mil e era a vez dele falar. Juntou tudo que estava na frente dele para depositar no meio da mesa. Fechou as cartas e levantou. Os músculos adormecidos atenderam com um certo atraso: deviam ser mais ou menos dez da manhã. Estavam jogando há doze horas.

Ao se aproximar do telefone, teve um ataque de tosse que o deixou sem fôlego. Cuspiu no lenço e, quando o dobrou, viu que estava sujo de sangue. Ouviu os que estavam no outro cômodo

trocar comentários inúteis: “Aquele louco devia se cuidar”, “Se continuar assim, acaba mal”, “Devia parar de fumar feito um turco”. Uns hipócritas de merda. Depois de terem tirado tanto dinheiro dele, estavam preocupados com sua saúde.

Foi para trás do balcão, serviu-se uma abundante dose de conhaque, só então pegou o fone.

— *Ouais?*

— Toni, o lionês?

— *C'est moi.*

— Zollo.

— *Zollò*, já estava na hora de dar sinal de vida.

Tirando o sotaque, o italiano dele era bom. Tinha se relacionado com mais imigrantes que uma puta belga.

— Ainda está interessado no negócio?

Toni terminou o conhaque, que desceu queimando suas entranhas como chumbo derretido.

— Claro. Depois do que aconteceu no pôquer, preciso de alguma coisa pra me refazer.

— O que está dizendo?

— *Rien*, nada. Quanto tempo vai levar pra ficar pronto?

— Dois meses. O dinheiro tem que estar completo. Limpo.

— *Pas possible. Non.* Não tenho esse dinheiro todo. Mas, se eu receber uma amostra da mercadoria, posso avaliar com um fulano que conheço e que está interessado no lote todo. Ele está disposto a pagar o que você pede.

Do outro lado do telefone, o silêncio. Toni teve a impressão de que ouvia o pensamento de Zollo.

— *Zollò*, ninguém compra às cegas, você sabe. A tal pessoa confia em mim. Arrume uma amostra e eu vou fazer com que você receba o dinheiro.

— Estarei em Marselha daqui a uns dois meses por conta do Luciano. Eu levo a amostra.

— Em *Marseille* não, é arriscado demais, lá até as paredes têm ouvidos.

— Onde, então?

— Em Cannes.

Silêncio novamente.

Depois:

— Ok, daqui a dois meses em Cannes. Mas diga ao seu amigo que o preço é aquele. Não quero saber de conversa.

— Não se preocupe, já falei, ele tem muito dinheiro. Se é coisa boa, ele paga.

— Ligo pra você no mesmo número, daqui a exatamente vinte dias.

— *Bon*, estarei aqui.

Desligaram.

Toni, o lionês, bebeu um segundo copo e voltou à mesa de pôquer.

Alguém tinha visto o jogo dele.

Descobriu o duplo par.

O outro baixou uma trinca de dez. Óbvio.

Toni segurou a tosse, sentindo na boca o gosto de sangue. O rosto cinzento contemplou as cartas sem nenhuma expressão particular. Lembrou por que era chamada de “a mão do morto”. A história relatava que, quando um garotinho à procura da fama atirou pelas costas no famoso pistoleiro Wild Bill Hickock, este estava sentado à mesa verde e tinha nas mãos dois ases e dois oitos. Quem sabe por qual razão, naquele dia estava de costas para a porta.

Levantou, colocou o paletó, depositou o dinheiro na mesa e saiu sem cumprimentar ninguém. Enquanto levantava a porta ondulada e a luz da manhã lhe queimava os olhos, ouviu que diziam, em voz baixa.

“Ele vai durar pouco”, “Devia ser internado”, “Não pode continuar assim”.

Azarentos de merda. Foi andando pela rua e desapareceu na primeira esquina.

Capítulo 30

Bolonha, 23 de março

O depósito era colado ao canteiro de obras do novo hospital que, quando ficasse pronto, seria o maior da Europa.

A entrada estava obstruída pela carroceria de um caminhão. Pierre se enfiou na estreita passagem entre a carroceria e o muro. Fazia calor lá dentro, cheirava a umidade e gasolina. Dois rapazes um pouco mais velhos que ele descarregavam grandes tambores de metal que iam acomodando perto da parede.

— Olá — cumprimentou Pierre — gostaria de falar com o Ettore.

— Ettore? Estava aqui há uns dez minutos, depois saiu, mas deve voltar logo.

— Posso ficar esperando aqui?

— Fique à vontade — respondeu o mais jovem e, sem parar de trabalhar, indicou uma cadeira no fundo do galpão.

Perto da cadeira, dois homens falavam e estudavam alguns papéis. Pierre preferiu não incomodá-los e se encostou à parede. Acendeu um cigarro, para enganar a espera, mas logo teve que admitir que estava fazendo uma idiotice, quando um dos carregadores o fez notar que os tambores continham combustível, e fumar perto deles não seria uma boa idéia.

Apagou o cigarro no muro e o enfiou de volta no maço. Não

podia demorar muito, tinha saído do bar para um pequeno serviço e Nicola, naquela manhã, tinha acordado um tanto azedo.

Os dois jovens pareciam incansáveis e não paravam de mexer ao redor do caminhão. Pelo pouco que sabia, quem trabalhava com Ettore tinha um passado de *partigiano* e aqueles dois deviam ter pegado em armas antes dos 18 anos. Os mais antigos vinham da Stella Rossa^[57], os outros foram chegando depois. Gás dizia que eram uns quinze ao todo. O chefe era Bianco, mas agora estava doente e acompanhava os negócios de longe, enquanto Ettore o substituíria no local de trabalho.

Os dois que estavam estudando os papéis levantaram a voz. Tom e palavras de briga. Os carregadores pararam a meio caminho entre o caminhão e a parede, lançando um olhar naquela direção. Um dos dois tinha agarrado o outro pelo paletó e gritava na cara dele:

— Você me paga, filho-da-puta, me paga tudo e já!

Os tambores rolaram pelo chão, o barulho chegou até o teto.

O que estava preso pelo paletó conseguiu se soltar. Os jovens chegaram ao lado dele. Na mão do outro apareceu um revólver.

— Digam ao seu amigo que venha aqui também — Pierre o ouviu dizer. Não esperou mais nada, saiu voando na direção do caminhão e entrou debaixo dele, arrastando-se nos cotovelos para a saída.

Quando reapareceu, agarrado ao pára-lama dianteiro, encontrou diante dele duas pernas e um revólver apontado. Sentiu uma pressão como a do soco de um peso-pesado na altura do coração e escondeu a cabeça debaixo dos braços.

— Saia devagar — sussurrou uma voz. — Não faça nenhuma bobagem.

Pierre obedeceu, duro feito um bacalhau. A voz falou outra vez. Não entendeu a ordem, mas teve a impressão de que conhecia o timbre e levantou a cabeça.

— Ah, é você — disse então Ettore. Depois dobrou o indicador fazendo o sinal de aproximação. — O que está acontecendo lá dentro?

— Não entendi nada — respondeu Pierre, ofegante — tem um sujeito querendo um pagamento que sacou um revólver.

— Um só?

— É.

— Onde ele está?

— Do outro lado, lá pro fundo.

Ettore virou a palma para o chão, pedindo que esperasse ali, e desapareceu atrás do canto. Não se passaram nem dois minutos e Pierre ouviu a voz ressoar no galpão, depois um tiro. Dois.

Um instante depois viu uma cabeça saindo de baixo do caminhão. Não era Ettore, nem um dos rapazes e tinha um revólver na mão. Não havia tempo para tentar descobrir quem era. Deu-lhe um pontapé no meio da cara, com tanta força que quase caiu. Ouviu de novo a voz de Ettore, desta vez atrás dele, calma como sempre.

— Muito bem, Pierre. Só espero que você não tenha matado ele.

Passou o revólver ao outro e olhou sob o caminhão. A cara do fulano que queria receber parecia uma melancia rachada. Sangrava na sobrancelha e na boca, o nariz tinha ido parar na bochecha direita. A esquerda estava ficando roxa. Respirava.

— Palmo, Beppe, levem ele embora — ordenou Ettore. — Esperem que se reanime e façam ele entender que não fazemos mais negócios com ele, que não quero mais ver ele aqui. — Depois sorriu, dirigindo-se a Pierre: — Ah, em que belo momento você foi chegar! Venha, vamos dar uma volta de carro.

A 1400 estava estacionada em diagonal debaixo de uma acácia. Entraram. Ettore deu a partida e saiu derrapando um pouco nos pedriscos. Tomou a direção de uma zona da cidade dominada por trilhos, quartéis, depósitos e hortas. Naquele ponto, a expansão urbana para a planície parecia truncada e escorria em dois rios de asfalto e tijolos ao lado da ferrovia, paralela à Via Emilia de um lado, e para fora da Porta Lame, do outro.

— Tenho boas notícias — começou Ettore com o cigarro pendurado no lábio. — Achei quem pode te levar até a Iugoslávia. Tem uma carga que deve sair lá pelo fim do mês, de Ravenna.

— De Ravenna? — o olhar de Pierre desviou para o motorista.

— Pelo mar?

— É, de barco é mais seguro e mais rápido.

— Por quê?

— Por terra agora é arriscado, as relações entre os guardas de fronteira italianos e a alfândega eslovena não são tão boas quanto antigamente, logo depois da guerra, quando eles também eram comunistas ou, pelo menos, amigos dos comunistas daqui. — Parou um pouco para abrir o vidro. — De barco é diferente, quem se encarrega da carga, cuida de você também como se fosse um caixote, te descarrega num lugar seguro, talvez ofereça uma carona até o lugarejo mais próximo, depois adeus.

— E quanto pode custar?

— Sem desconto, quase 200 mil. Mas, do jeito que as coisas andam, posso dar um jeito pra que caia pela metade, incluindo os documentos.

Pierre soltou um assobio e voltou a olhar para fora. Uma lambreta estacionada perto de um arbusto, no meio do nada, declarava a reabertura da temporada do amor na grama. Se ele também tivesse uma lambreta como aquela, ele e Angela poderiam se divertir bastante, sem fazer tudo aos sussurros, com medo dos transeuntes e dos vizinhos. Mas a condição dele não permitia ter uma lambreta, nem pagar uma viagem tão cara.

Passou a mão na boca:

— Onde vou conseguir 100 mil liras? — sussurrou para si mesmo.

— O que é que você está dizendo aí?

— Cem mil liras é demais: raspando até o fundo do tacho, chego, quando muito, a 50 mil.

— Cinquenta mil? — Ettore arregalou os olhos e rechaçou a idéia com um gesto nervoso. — E você pensou em atravessar o Adriático por tão pouco? Quem te disse isso, aquele bobo do Gás?

— Não, o Gás não tem nada com isso, eu só pensei...

Sentiu aquele amargo na boca, o mesmo de quando era pequeno e o faziam engolir aquele óleo nojento, de fígado de bacalhau, e depois não adiantava jogar mel por cima, o gosto não saía da língua e, pior ainda, nem o cheiro do nariz. O silêncio zunia

na cabeça dele como um avião. Depois de alguns minutos, Ettore tornou a falar.

— Veja, tem um jeito de baixar o preço.

— Pode falar.

— O seu bar tem um porão espaçoso, não é? Bom. Vamos dizer que quando voltar da viagem, você me aluga ele por uns seis meses. Espera, me deixa terminar. Isso não quer dizer que você não vai poder usar, pra mim basta o espaço pra algumas caixas, em um lugar onde ninguém vá xeretar. Só isso. O que você acha?

— Depende. Sendo assim, quanto eu teria que pagar?

— Vamos ver, bom, as suas 50 mil seriam suficientes.

— E o que tem nas caixas?

Ettore desengatou a marcha e encarou Pierre para decidir se ele tinha o direito de fazer aquela pergunta.

— Cigarros — respondeu, no fim.

— Bom. Se meu irmão descobrir, ele me mata, mas vou pensar. Está certo.

O silêncio que se seguiu foi muito diferente do anterior. Pierre apoiou o cotovelo na janela, que estava de vidro abaixado, deslizou a bunda para frente e fechou os olhos para se concentrar. Se aceitasse, teria que dar um jeito para que Nicola não desconfiasse de nada. Nunca. Senão, adeus Iugoslávia, adeus dinheiro, adeus tudo. Um trem que passava impediu que pensasse um pouco mais.

— Estamos dando uma volta só pra acertar tudo ou vamos a algum lugar? — perguntou, assim que os trilhos ficaram novamente tranqüilos.

— Levo você até o Ghigo, aquele que cuida dos documentos. Ele te arruma um passaporte falso com o visto de entrada na Iugoslávia. É um sujeito competente, ele mexe com relógios.

— Relógios?

— Nada que preste, só bugiganga. — Deu uma tragada e jogou fora o cigarro. O último golpe de Ghigo merecia ser contado.

— Ele é o rei das bugigangas — continuou rindo. — Na semana passada, enrolou um sujeito com uma técnica genial.

A atenção de Pierre já tinha sido atraída.

— Ele pára o pato na rua e diz: “Desculpe, tenho aqui uma

mala cheia de relógios valiosos que não têm todos os documentos alfandegários. O senhor sabe onde posso acertar a documentação?”. E faz uma cara de tonto, enquanto um cúmplice dele chega perto e diz: “Ouvi que estavam falando de relógios. Estou exatamente precisando de um, posso ver?” Então Ghigo abre a maleta pra mostrar e o amigo finge que é um entendido no assunto, que aquelas são peças muito boas. “Valem um olho da cara”, diz Ghigo, “mas, como não paguei a taxa na alfândega, posso manter o preço baixo: 50 mil”. O outro faz que vai pagar, mas não tem dinheiro suficiente. Então vira para o pato: “O senhor me empresta 30 mil liras? Eu vou com este senhor até o banco e volto logo. Como garantia, lhe deixo o relógio, que vale 50 mil. Está certo?” A mulher do otário tenta detê-lo, mas ele diz que o outro parece uma pessoa séria. empresta as 30 mil, eles vão embora e não voltam mais.

— E quanto valia o relógio? — perguntou Pierre, divertido.

— Não mais que mil liras. Acho que são feitos na Bulgária ou por aqueles lados.

Pierre sorriu. Na pior das hipóteses, um meio de conseguir as 50 mil ele tinha descoberto.

Capítulo 31

Moscou, palácio Lubianka, 1º de abril

O general Ivan Aleksandrovich Serov experimentou a poltrona do grande escritório. A luz da tarde era filtrada pela janela, a primavera moscovita custava a se impor ao gelo: o inverno tinha sido duro.

Ainda não se sentia à vontade. Em primeiro lugar, não entendia a necessidade de um escritório tão grande para uma pessoa só. Um ambiente elegante. Elegante até demais, pensou. Ele eliminaria parte da decoração. As pesadas cortinas, por exemplo, poderiam aquecer homens em vez de ficarem acumulando poeira na janela. Os enfeites de mesa, então, seriam os primeiros a sumir, ele sempre os detestou, coisas inúteis, que atrapalham. Com todo aquele ferro seria possível forjar armas para defender a revolução e a madeira poderia queimar nos bivaques dos soldados. E os vasos de porcelana? A porcelana também poderia ser aproveitada de um jeito melhor.

No fundo, era por isso que o tinham colocado aí. Restabelecer a ordem e fazer uma limpeza. Começaria pelas coisas pequenas. Bibelôs e quinquilharias.

A visão "econômica" das coisas era o ponto alto de sua carreira e de sua formação política. O máximo de praticidade posta a serviço dos ideais. Se o ideal fosse a dinamite, o sentido prático seria o estopim. Apesar de anos no Ministério, nunca se habituou ao

trabalho de “retaguarda”.

Criado em campos de batalha, conhecia o frio bielorusso e polonês e o chumbo nazista. Ele não apelou para falsas aparências para comandar as deportações do Cáucaso, trancar os bolsões brancos de resistência na Polônia, coordenar a atividade do Ministério na Alemanha Oriental.

Observou os quadros nas paredes. Lenin fitava um ponto indefinido no horizonte. O olhar determinado inspirava uma profunda confiança no destino humano. Só tinha conseguido vê-lo pessoalmente uma vez, quando, aos 18 anos, marchou com o seu regimento na Praça Vermelha.

Primeiro de maio de 1922: virou a cabeça para o palanque, com todos os seus companheiros, e o viu, pequeno com o colbaque protegendo a calvície, e ao lado do traidor Trotsky e do camarada Stalin.

Agora Stalin olhava para ele do alto da parede em frente, com expressão “divertida”. Os bigodes escondiam a boca, impossível perceber se estava sorrindo, mas ele achou que sim: o sorriso tranqüilo, sábio, de quem já entendeu tudo. Lembrou-se do dia do funeral, o povo gritando, as mulheres rasgando as próprias roupas e batendo na cabeça.

Ele também tinha chorado. Pela primeira vez em muitos anos. Nem em Berlim, na primavera de 45, vendo a bandeira vermelha hasteada no Reichstag, tinha derramado uma única lágrima, apesar de estar comovido. A vitória coroava anos de sacrifícios, de fome e de morte. E ele carregaria consigo aquele momento, a grande bandeira agitada pelo vento, até o fim dos seus dias. E o funeral de Stalin também. Imensa sensação de perda, vaga sensação de pânico: o Guia já não estava com eles. Naquele dia, a pergunta aflorou do fundo da mente, a mesma dos membros do Comitê Central: “E agora?”

“Agora.” O general Serov entendeu logo o que aconteceria. Só os mais fortes sobrevivem. E os pacientes. Lição aprendida lutando contra Hitler: um bom general tem que saber qual é o momento da retirada, de deixar o inimigo avançar, se cansar, para então atacá-lo sem piedade até o aniquilamento. Naquele dia, enquanto olhava

para o túmulo de Stalin, deixou de lado as lágrimas e começou a pensar.

Isso só tinha acontecido havia um ano, tempo suficiente para fazer as contas e decidir quem prosseguiria e quem seria deixado para trás.

A guerra de sucessão foi resolvida em poucos meses. O "delfim de Stalin", Malenkov, contra o "grande amigo de Stalin", Beria. Ele soube esperar e escolher na hora certa. Quem tinha tomado a dianteira para desbaratar os adversários e vencer de qualquer jeito estava afundado na lama. Mesmo erro de Hitler: *blitzkrieg*, guerra relâmpago. Uma estratégia que não se mantém a longo prazo. Todo russo de respeito deveria saber disso.

Beria pensou em mudar tudo no Ministério do Interior, pisando no cadáver ainda quente de Stalin. Louco maldito. Desde o primeiro momento, quando foi convocado para receber as novas ordens ("Chega de expurgar o Partido de judeus, chega de processos, vai ser preciso refazer tudo desde o começo"), o general entendeu que aquele tolo não iria longe. Ficou de lado, observando, enquanto os lobos o dilaceravam. Na chefia da matilha ele encontrou seu homem, o mais astuto, aquele que despedaçaria todos os outros: o futuro secretário do Partido, Nikita Khrushchev. O general não pensou duas vezes para entrar na conspiração que eliminaria Beria e o núcleo "caucasiano". Questão de sobrevivência.

Fácil de imaginar que o vice de Beria no Interior, Sergei Kruglov, se venderia por dois rublos para tomar o lugar do chefe. Mas o general não se entregou a ele para se manter na sela. Era certo que, antes de entrar em ação, Khrushchev tratou de assegurar o apoio do exército. Mandou então um sinal explícito ao marechal Zhukov, vice-ministro da Defesa e velho camarada dos tempos de Berlim. Entrou assim na roda dos conspiradores.

Em junho, Khrushchev conquistou o apoio de Malenkov. O fim do "caucasiano" estava próximo.

Quando Khrushchev deu a ordem para prender Lavrenti Pavlovitch Beria, acusado de "degradação moral" e "espionagem a serviço de potências estrangeiras", a polícia moscovita se insurgiu em sua defesa. O marechal Zhukov soltou os tanques na cidade, a

fim de restabelecer a ordem. Naquele dia, pouco faltou para que estourasse uma guerra civil. O general permaneceu em seu escritório no Ministério, aguardando o resultado dos acontecimentos.

O traidor Beria foi executado e o general se deu conta que em poucos meses Khrushchev tomaria conta de tudo. No dia seguinte à eliminação de Beria, Khrushchev entregou o Ministério a Kruglov: a recompensa por ter liquidado o chefe.

Kruglov era um burocrata arrivista, alocado ali para tornar inoperantes os Serviços enquanto as cartas eram redistribuídas. O general entendeu que tinha chegado sua grande oportunidade. Aos 49 anos, poderia chegar ao topo. Era pegar ou largar. Precisava correr o risco.

Desmoralizar Kruglov foi a manobra mais ousada de sua carreira.

Na qualidade de braço direito, o general tinha acesso às informações sobre as residências no exterior. Foi suficiente espalhar a notícia de um próximo expurgo entre os agentes deslocados para países “quentes”. Os ianques, solícitos como sempre, fizeram o resto.

Em janeiro, o residente de Tóquio desertou; em fevereiro, o de Viena. No mesmo mês, o agente encarregado de uma importante missão na Alemanha Ocidental debandou para a CIA assim que atravessou a fronteira da zona soviética.

Kruglov percebeu que já estava aposentado, sem entender o que tinha acontecido.

O resto veio por si só. História recente.

No início de março, depois das celebrações do primeiro aniversário da morte de Stalin, Malenkov tinha desvinculado os Serviços do Ministério do Interior, para reconstituí-los como órgãos autônomos diretamente subordinados ao Conselho dos Ministros. KGB — Comitê de Segurança do Estado. Para dirigi-lo, o fiel e incorruptível general Serov.

Estava na cúpula.

Sentado à escrivaninha, em solidão absoluta, podia apostar que, mais cedo ou mais tarde, aquele mujique rude chamado Khrushchev daria um jeito em Malenkov também.

Melhor se concentrar no trabalho. Abriu a pasta: documentos em papel timbrado recentemente impresso. A insígnia sobressaía nítida: o escudo, para defender a revolução, e a espada, para enfrentar os inimigos do país. As três letras no alto da folha, maiúsculas, sólidas e essenciais, em perfeita sintonia com a sua visão das coisas.

KGB.

A fotografia mostrava um homem jovem, quase calvo, queixo pontudo e maxilar forte. O general leu os dados com atenção.

Andrey Vassilievitch Zhulianov; nascido em Kiev em 1924, em uma família de negociantes; definido pela escola de segundo grau como estudante particularmente dotado para as línguas e encaminhado ao Instituto de Línguas Estrangeiras de Kiev; serviço militar na Segunda Divisão Desanniki de 1942 a 1945; chegou a suboficial; medalha por méritos no campo; inscrito no PCUS desde 1945; atuou no Serviço de Informações Militares com patente de capitão de 1945 a 1948; louvor especial em três operações sob cobertura em Berlim Ocidental entre 1946 e 1948; acolhido na Escola Superior para os Serviços do Ministério do Interior em 1948; perfeito domínio do inglês, alemão, francês e servo-croata, conhecimentos básicos do italiano; entrou em serviço junto ao Comitê de Segurança do Estado em 1953. Características pessoais: inteligência acima da média; excepcional dedicação ao Partido; boa cultura geral; ótimo conhecimento dos clássicos do socialismo científico; solteiro, pratica judô e tiro ao alvo com pistola.

Um candidato interessante, sem dúvida.

* * *

Andrey Vassilievitch Zhulianov se olhou no espelho do banheiro para conferir todos os detalhes. Um metro e oitenta e cinco, 90 quilos, ombros quadrados, peito largo. Verificou se as unhas estavam limpas. Vestia um paletó de lã e a gravata combinando. Tinham avisado que o general era um exímio observador, era necessário estar em ordem e sem nada de supérfluo. O único adorno que ousava exibir era o alfinete do Partido na lapela do paletó. Com a manga deu brilho à foice e ao martelo dourados, deu um longo suspiro e saiu para o corredor.

Ser convocado pelo chefe da recém-criada KGB não era algo que acontecia todos os dias. As grandes mudanças na cúpula, ocorridas nas últimas semanas, traziam novidades para todos. Um tinha sumido e agora lidava com papéis em obscuros escritórios da periferia. Outros tinham aproveitado a oportunidade para colocar à prova longos anos de estudo. As poucas mulheres atuantes no Ministério tinham sido excluídas de todo e qualquer cargo operacional. Aquela foi a primeira ordem do chefe do Comitê. A ação das mulheres em campo ficaria limitada ao papel de "iscas" para arrancar informações e desmascarar infiltrados ou agentes duplos. Mas nenhuma rede confiaria em agentes do sexo feminino. A desconfiança do general pelas mulheres era bem conhecida. A mesma falta de sorte tiveram os judeus.

Enquanto subia as escadas do palácio, pensamentos banais lhe vinham à mente: "Se minha mãe me visse" ... Tratava imediatamente de afastá-los e se concentrar.

Todos no Ministério sabiam que uma convocação pessoal do presidente do Comitê significava perspectiva de um bom cargo. O diretor do departamento tinha dado a entender: está cheirando a promoção.

Depois do fim da guerra, as oportunidades de aparecer tinham sido poucas. Ele as tinha aproveitado da melhor forma. Em Berlim, quando a fama do general Serov já incutia temor reverencial, tinha obtido os louvores do seu coronel. A contra-espionagem militar

estava satisfeita com seu modo de atuar em pelo menos duas ocasiões. Mas seus dotes na aprendizagem das línguas o tinham afastado do serviço ativo e transferido para a Escola Superior do Ministério. Seis anos se passaram, durante os quais tinha acima de tudo estudado, aperfeiçoado o conhecimento das línguas e aprimorado a memória.

A memória. Como pôde constatar desde que havia sido transferido, a maior parte da atividade do Ministério era voltada para o acúmulo de informações. Centenas de milhares de dossiês, fichas, perfis, dados pessoais. Sobre tudo e todos. Obter e armazenar informações, esse era o verdadeiro poder do Ministério, hoje KGB.

O secretário o recebeu sem sorrisos, analisou a carteirinha e pediu que ficasse na sala de espera, para depois desaparecer atrás de uma porta e deixá-lo sozinho.

Esperou cinco minutos até que o secretário saísse e o convidasse a entrar.

Um cômodo amplo e mal iluminado. Cortinas pesadas que impediam a entrada da luz. Num primeiro momento, só distinguiu uma silhueta escura atrás da escrivaninha de mogno preto. Uma luminária de mesa espalhava luz sobre as mãos de um homem.

O general Serov disse:

— Entre, camarada.

Zhulianov chegou perto da mesa, bateu os saltos e fez a saudação militar, em homenagem aos velhos tempos berlinenses.

O general não retribuiu:

— Sente-se.

De perto, dava medo. Apesar de não parecer, pelo corpo esbelto, cabelos levemente grisalhos e os traços do rosto duros, como se fossem esculpidos na rocha, tinha 50 anos. Mas o que impressionava eram os olhos. Cinzentos, impassíveis. Deu com eles cravados em seu rosto. Lembrou-se do conselho do chefe do departamento e não desviou o olhar.

Os dois homens permaneceram calados por longos instantes. Zhulianov se mantinha imóvel, nem um gesto para relaxar a tensão, evitou até engolir. A prova já tinha começado.

Depois o general disse:

— Camarada Zhulianov, a partir de agora você está transferido para a Primeira Direção Central, Subdiretoria S.

Os “ilegais”, pensou Zhulianov, segurando a emoção.

— Você foi escolhido para uma missão de nível quatro. Com base em seu currículo, posso considerá-lo o mais indicado para o tipo de empenho exigido. Trata-se de uma tarefa de extremo risco e importância. Você não tem obrigação de aceitar, mas a sua dedicação ao Partido e ao país me faz supor que não recusará.

Zhulianov assimilou as informações, procurando manter a calma. Uma grande oportunidade estava se delineando.

O general prosseguiu, sem desviar o olhar do seu rosto para poder registrar qualquer reação:

— O nível quatro prevê a possibilidade de perder a liberdade e a vida. Os mesmos riscos que já correu lutando contra os invasores alemães e se infiltrando em Berlim Ocidental depois da guerra. O sucesso da missão contribuirá para a manutenção da paz e para defender a União Soviética de seus inimigos. — Uma pausa. — Acredito que não precise de mais informações para tomar uma decisão.

Novo silêncio. Zhulianov esperou. A expressão do general não mudou. Acrescentou:

— Você tem 24 horas para decidir.

Zhulianov entendeu o que ele queria dizer.

— Não serão necessárias, camarada general. Aceito sem reservas a incumbência que quiser me designar, de acordo com o interesse da União Soviética.

— Muito bem. Vai encontrar os detalhes da missão em uma pasta que lhe será entregue no fim desta conversa. Você terá que decorá-los. Saiba desde já que deverá ir a um país inimigo e resgatar uma pessoa, contra a vontade dela. A integridade física dessa pessoa deverá ser garantida, a custo da sua própria vida. Caso as contingências se revelem demasiadamente perigosas para a integridade física dessa pessoa, você deverá suspender a operação. Mas o Comitê cuidará para que isso não aconteça.

Outro silêncio. Zhulianov sentia o orgulho fazer inflar o seu peito, mas se esforçou para que isso não transparecesse.

O presidente da KGB entregou a ele uma pasta azul.

— Tornaremos a nos encontrar na próxima terça-feira, quando já deverá ter decorado o conteúdo da pasta. — Nenhum sinal de despedida. — O Comitê confia em você, companheiro Zhulianov. Pode ir.

Capítulo 32

Bolonha, 2 de abril

O *crombie* cinza mal cobria os joelhos e o diferenciava de todos aqueles bolonheses que passeavam com longos sobretudos ou capas de dupla abotoadura e cinto bem apertado. Havia também muitos idosos de capinha preta, mas aqueles não contavam.

Fanti usava luvas de pelica preta e um característico e superbritânico *bowler hat*. Calças cinza de veludo encorpado e, nos pés, um par de botinhas. Na cidade, ninguém se vestia como o professor, fato que não bastava para que o considerassem excêntrico, pelo menos não aos olhos de quem não conhecia o seu *way of life*. Ele poderia ser identificado como um distinto estrangeiro de passagem ou, quem sabe, até um oficial aliado à paisana. Mas, quando subia para o pombal todo elegante, e você o via no telhado, da rua ou do prédio em frente, entrar na gaiola com o casaco inglês, expor aos excrementos o chapéu caro, enfiar a mão na caixa da ração com aquelas luvas de pelo menos 5 mil libras, aí sim, você pensaria que se tratava de *an odd geezer*, um tipo esquisito.

O inverno tinha acabado e não era mais necessário quebrar a fina camada de gelo para que os pombos pudessem beber. O professor transferiu os bichos do quartinho à gaiola, abriu a portinhola, soltou o bando e começou a agitar a bandeirola para dirigi-los na revoada, com movimentos de maestro em *andante*

maestoso.

Que espetáculo! Nos volteios, cada pombo põe à mostra antes o dorso e depois o ventre, que têm cores completamente diferentes. Multiplicando o efeito por dezenas e dezenas de exemplares, temos uma leve onda furta-cor, na qual a luz se parte em centelhas que ricocheteiam em mil direções. No bando havia plumagens puras e brilhantes, pretas, vermelhas, “pedra-escura”, “pedra-mármore”, castanho, “grão-de-bico”...

Fanti amava os pombos, era um dos mais de 3 mil columbófilos da Emilia Romagna. Tinha cinquenta exemplares, com espécies desenvolvidas em Módena, pombos de famílias eleitas (seleções *Manicardi* e *Corradini*) e pombos-correio. Eles eram alimentados diariamente com um quilo de forragem misturada a trigo e milho.

Tinha essa paixão desde criança. Ao se mudar para a Inglaterra, não renunciou ao seu hobby, pelo contrário, tornou-se um importante membro da Federação Internacional do Pombo-Correio, fundada no longínquo ano de 1881.

Na última exposição-feira de Bolonha, tinha cometido uma verdadeira loucura, gastando 300 mil liras para comprar uma fêmea delgada, de costas de um tom cinza-claro que tendia para o azul. Elegante. Chamava-se Eloisa, e tinha percorrido o trecho Indochina-Itália em dois meses. 200 km ao dia, *a remarkable accomplishment*. Isso aconteceu em 6 de fevereiro — isto é, a compra, não a travessia aérea, que ocorreu alguns meses antes. Fanti mantinha correspondência via *homing pigeon* com vários amigos da Inglaterra, França e Irlanda, mas ainda não tinha testado Eloisa.

Quando estava no pombal, Fanti se rendia a uma espécie de transe. Ao lado dele, no telhado, estava Robespierre Capponi. Aluno promissor, irrequieto... Estava dizendo alguma coisa... *Zara... bicicleta...* Até Zara de bicicleta? Não, imagine... *o relógio... 10 milhas...* Não, “10 mil”. Fanti concordava, emitia alguns “hum-hum”, de vez em quando, mas pensava em outras coisas: olhos levemente fechados, observava um pontinho preto a noroeste, no meio de uma fresta de céu não ocupada pelo bando. Um objeto pequeno, silhueta arredondada, chegando aos poucos, ficando maior e revelando uma

forma em arco. *Emprestar-me*. O objeto se aproximando era Bertram, um dos seus pombos-correio. Pierre se calou. Fanti estendeu as mãos e a ave se deixou pegar.

Como é que os pombos voltam para casa? Muitos acham que eles se guiam de algum modo pelo sol, mas eles voltam sem problemas também em dias nublados ou com neblina. Segundo alguns, o pombo é sensível aos campos geomagnéticos, ao quais recorre para se orientar quando o céu está encoberto. Uma hipótese interessante. Provavelmente uma combinação de magnetismo, posição do sol e paisagens familiares. *Pretty impressive for such a small bird, don't you think?*

Uma mensagem do amigo McCulloch, que o convida para passar o verão em sua residência de Arklow, Irlanda, no canal de São Jorge.

Pierre recomeça a falar, duas frases, novo silêncio. Fanti capta o ponto de interrogação lançado por Pierre, que se prende como um gancho às divagações celtas em que estava perdido.

— Perdão?

— Eu estava dizendo: já que o senhor concorda, aliás me aconselha a ir embora, me empresta as 30 mil libras? Devolvo aos poucos, *little by little*, mas devolvo.

— Aconselhei você a fazer o quê? — Fanti pensou ter falado em voz alta, ou que Pierre não tivesse interpretado corretamente o seu *stream of consciousness*, imaginando que estaria relacionado àquilo que estava dizendo.

— Como a fazer o quê, professor? A viajar pra Iugoslávia, procurar o meu pai! O senhor acabou de dizer que é importante ousar, partir, se libertar e, se necessário, “quebrar a neblina com o pescoço” pra chegar ao destino. Vendi a bicicleta e o relógio, economizei 10 mil libras. Agora faltam 30 mil pra chegar do outro lado do Adriático. O senhor ouviu o que eu falei?

Fanti suspirou, tirou o chapéu e arrumou os cabelos. Recolheu os pombos e fechou a porta da gaiola, virou-se para Pierre, com as mãos no bolso e expressão pensativa:

— Tenha paciência, meu filho. Terá que explicar tudo outra vez. Vamos descer lá pra casa. *Fancy a cup of tea?*

Capítulo 33

Moscou, quartel-general da Primeira Diretoria Central da KGB, 3 de abril

As informações chegavam sempre ao Ministério em primeira mão. O Comitê tinha herdado a rede inteira.

Poucos anos antes, tinham descoberto as toupeiras que desde os anos 30 trabalhavam dentro do serviço secreto britânico. Boatos diziam que alguns deles tinham “voltado” para Moscou e os que permaneciam “fora” tinham tomado precauções e remanejado as próprias atividades. Mas, em todo caso, eram pessoas de gabarito, que tinham feito carreira dentro das fileiras inimigas, renunciando ao amor à pátria para servir à causa do socialismo. Ninguém, além dos grandes chefes, sabia quem eram eles, mas Zhulianov os admirava muito. Agora ele também assumia um papel nessa meticulosa engrenagem.

O material que tinha em mãos vinha de Londres. Dez pastas datilografadas com as informações de que necessitava.

Não era o caso de raptar um agente inimigo, um cientista que queria virar casaca ou um residente que precisava voltar. Não era nada disso.

A pessoa a ser removida era um famoso ator norte-americano, na verdade um inglês naturalizado. Zhulianov se lembrava de todos os filmes a que tinha assistido para aperfeiçoar o sotaque: dezenas,

centenas de filmes em que a burguesia norte-americana colocava em cena sem pudor a própria decadência e corrupção moral. Dramas familiares, traições, comédias sobre equívocos, ostentação do luxo. E os esquálidos filmes de guerra em que os russos nunca apareciam. Como se não tivessem sido eles os primeiros a barrar Hitler, enquanto os anglo-americanos brincavam de batalha naval. Os primeiros a entrar em Berlim, quando os Aliados ainda estavam atolados nos pântanos do Reno.

Os atores, porém, não tinham culpa. Engrenagens da grande máquina publicitária americana, assalariados de luxo que barganhavam a dignidade em troca de glória e dinheiro. Na União Soviética o cinema estava a serviço do povo. Nos países capitalistas o povo estava a serviço do cinema. Milhões de trabalhadores eram aturdidos pelas comédias hollywoodianas para que se esquecessem das condições de explorados e corressem para gastar o dinheiro nas bilheterias.

A fotografia de Cary Grant se destacava na documentação, junto com a descrição física e sinais particulares. As diretrizes eram claras: iria comandar uma equipe de quatro pessoas, militares preparados e motivados. Tratava-se de identificar o objetivo, interceptá-lo e transferi-lo para um navio cargueiro búlgaro de viagem para Malta. O refém deveria permanecer a bordo por 72 horas e depois seria deixado em frente ao comando da Military Intelligence em La Valletta.

Andrey Zhulianov pensou em sua velha mãe, em Kiev. Teria orgulho dele.

* * *

Moscou, palácio Lubianka

O general olhou para fora da enorme janela. Os carros atravessavam a praça na frente do palácio, sob uma chuva fina.

Aquela missão era mais um passo adiante na carreira. A confiança de Khrushchev estava bem depositada. Começava a

entender como raciocinava aquele ucraniano corpulento: muitas coisas estavam mudando e a política externa da União Soviética não seria mais a mesma. Havia necessidade de gente prática e de confiança. Gente como ele. Abriu um leve sorriso enquanto olhava as luzes brilhando na noite moscovita.

Khrushchev queria reatar com Tito. A Iugoslávia era um país estratégico, coração dos Bálcãs, encostado no Ocidente, com centenas de quilômetros de litoral. Mas Khrushchev também sabia que Tito estava pronto a aceitar a melhor oferta. Era preciso fazer com que entendesse onde estava a conveniência para a Iugoslávia: com a União Soviética e os países irmãos. A queda de Djilas, ainda mais crítico que Tito em relação a Moscou, parecia um primeiro sinal de reaproximação. Precisava insistir.

Após ter lido o relatório de Londres, o general Serov teve o cuidado de colocar imediatamente o secretário e o primeiro-ministro a par do assunto. O MI6 incomodava um dos maiores atores de Hollywood para convencer aquele filho-da-puta do Tito a se tornar amigo dos ocidentais. Tinham se transformado em empresários cinematográficos: um filme sobre a luta pela libertação da Iugoslávia! Teriam vendido a bunda da mãe só para ficar um passo à frente da URSS. Mas eles estavam fazendo seus planos sem considerar Nikita Khrushchev, o lobo em pele de cordeiro, nem o general Ivan Serov.

O desaparecimento de Cary Grant surtirá nos serviços secretos ocidentais o efeito de um terremoto e desmoralizará os iugoslavos, transformando o sonho em pesadelo. Não dá para imaginar a cara deles quando perderem o contato com o "embaixador artístico". Troca de acusações, insultos, cabeças rolando, talvez até ameaças de guerra. Setenta e duas horas de puro pânico. O que será que vão inventar? Talvez nada: a missão de Cary Grant é uma operação secreta, aqueles ineptos não terão como justificar. Depois, de repente, Mr. Grant reaparece são e salvo em Malta, com saudações da KGB. Mensagem forte e clara para os ouvidos do MI6 e da CIA.

Não tentem outra vez.

Ao velho marechal Tito só restará esboçar o melhor sorriso e apertar a mão de Nikita Khrushchev.

Deixar que o inimigo avance, para depois atacá-lo sem piedade até a aniquilação.

Capítulo 34

Bolonha, 15 de abril

Caro Nicola,

fui embora. Estou indo para a Iugoslávia, procurar o papai.

Sei o que você pensa. Papai foi cuidar da vida dele e nós temos que cuidar da nossa. O que você não perdoa é o fato de ele estar ao lado de Tito. Você o recrimina por ter nos deixado aqui, quando eu tinha 13 anos e você 21. Você também sabe que, voltando para cá, ele se expõe a uma dura condenação. E você não aceita também o fato de ele ter se casado novamente, só disse isso uma vez, mas eu ainda me lembro, "é como se mamãe tivesse morrido outra vez".

Também não o fato de papai ter ficado lá. Se ele se casou, é problema dele, não temos nada com isso, e acho que, se ele não voltou, esse Tito não pode ser um delinqüente, porque o nosso pai não era um delinqüente. Sinto falta dele, ainda que só o tenha visto uma vez em catorze anos. Aliás, é exatamente por isso que sinto saudade dele. Nós ouvíamos juntos os boletins da frente eslava, no rádio escangalhado da tia Iolanda. Depois, um dia, você também foi embora, e eu fiquei com a titia, esperando por vocês dois. Quero encontrá-

lo, faço isso por nós dois, sei que debaixo dessa casca dura você também quer saber o que aconteceu.

Não se preocupe. Tenho os documentos com o carimbo da fronteira, estou com gente que sabe o que faz. Se tudo correr bem, estarei de volta daqui a um mês.

Seu irmão,

Pierre

Capítulo 35

Pinheiral de Ravenna, 15 de abril

A cabana era iluminada por uma lanterna a querosene. O cheiro não incomodava Pierre, era o mesmo das bombas de gasolina, que se misturava ao ar salsuginoso que impregnava o pinheiral.

Tivera que chegar a pé e esperava que fosse o lugar certo, porque suas pernas doíam e a noite estava fria.

Como foi viver na cidade, tinha perdido a familiaridade com os ruídos do campo. Percebeu que se sobressaltava com o ruído de animais correndo sob os pinheiros. Mas era tensão também.

O canal escorria escuro e plácido. Os holofotes apareciam no alto da barragem, todos enfileirados, como grandes barrigas estendidas sobre o vazio. Tirou a camisa limpa da mochila de viagem e a enrolou na cabeça, para não ser comido vivo pelos pernilongos que não paravam de voar ao redor, à procura de uma brecha.

Os passos ressoavam no cascalho da estradinha.

A porta se abriu com um rangido e apareceu uma figura escura, mal iluminada pela lanterna. Parecia estar apoiada a uma bengala.

— Quem é?

O tom não parecia amigável.

Pierre parou:

— Amigos.

- O que deseja?
- Estou procurando Robinson.
- Venha perto da luz.

Pierre tirou a camisa do rosto e chegou diante da porta.

O homem era baixo e magro, olhos negros e nariz adunco. Usava um chapéu de feltro rasgado e um paletó de caçador. Não estava apoiado a uma bengala, mas a uma espingarda de cano duplo.

- Você é o tal de Bolonha?

Pierre tentou inutilmente afastar a nuvem de pernilongos que o estavam atacando:

- É, sou eu. Você é o Robinson?

O homem emitiu um grunhido, que Pierre interpretou como confirmação.

- Esperava você duas horas atrás.

— Não pensei que fosse tão longe. Tive que vir a pé de Ravenna.

O homem soprou entre os dentes e disse:

- Pra vocês que têm bondes, a vida é muito cômoda.

Pierre notou que o homem era totalmente imune aos pernilongos.

- Por que eles não picam você?

O outro nem se mexeu:

— Sangue amargo, do vale. Eles gostam de sangue doce da cidade.

- Posso entrar? Estão acabando comigo.

Robinson o analisou por mais alguns instantes, depois o convidou a entrar.

O interior era despojado: cama de armar, mesa, três cadeiras, caldeirão no fogo e rolos de redes de pesca nos cantos.

- O dinheiro.

- Ettore não disse que precisaria pagar adiantado.

A expressão do rosto não mudou:

- É você quem quer ir.

Pierre concluiu que não tinha muita escolha. Abriu a bolsa e entregou o dinheiro.

Quando acabou de contar, o contrabandista o enfiou no bolso do casacão.

Pierre sentiu cãibras no estômago:

— Você não tem nada pra comer? Estou morrendo de fome.

O outro o olhou como se ele tivesse dito alguma merda, depois lhe passou um prato que tinha todo o jeito de ser o único que havia ali.

Pierre se serviu do caldeirão: pedaços de uma coisa escura indefinível.

— O que é?

— Enguia.

Tinha gosto de lama, mas a fome era muito grande para deixar de comer.

Robinson começou a mexer em alguns tambores de gasolina, ignorando-o completamente.

Quando Pierre acabou a enguia, Robinson recolheu o prato e disse:

— Vamos embora daqui a duas horas. — Indicou a cama de armar. — Você pode dormir um pouco. Esta noite tem baile.

— Quanto tempo vai levar?

Encolheu os ombros:

— Vamos chegar amanhã à noite. Durante o dia é perigoso. Se chegarmos antes, teremos que esperar até escurecer.

Era a frase mais longa que tinha pronunciado. Parecia aborrecido por ter que usar tantas palavras.

Pierre se deitou na cama e sentiu os músculos das pernas se estenderem até arrancar-lhe um gemido. Mas sabia que não dormiria, estava agitado demais, o coração batia forte.

O pai dele também tinha atravessado aquele mar, muitos anos antes, para nunca mais voltar. E ele ia procurá-lo.

Estava agitado, mas satisfeito. Ia tentar a maior façanha da sua vida. Deixar o país, ir a um lugar desconhecido, entre gente desconhecida, mas com um objetivo. De qualquer forma, aquela viagem teria um sentido. Fanti dizia que as viagens são mudanças. E se ele, que tinha viajado tanto, dizia isso...

Sentia-se diferente, no meio daquele pinheiral e dos

pernilongos, com aquele Robinson de aspecto truculento. Ettore tinha dito que ele fazia contrabando entre a Itália e a Iugoslávia. Contrabando do quê? Cigarros? Gasolina? Talvez estivesse se metendo numa encrenca da qual nunca mais sairia. Não importava. Sentia-se vivo, pela primeira vez, fora do bar, do salão de baile, da vida que levava.

Tinha se despedido de todos os que considerava importantes. Angela tinha pedido para que ele não fosse. “Você é louco, Pierre, se for preso lá, não vai ser solto nunca mais.” Tinha lembrado do congresso de Odoacre, daqueles quinze dias só para eles, no fim de abril. “Você tinha que decidir ir embora justo agora?” Mas não conseguiu dar uma boa razão para impedi-lo de ir. Não podia, encrencada como estava na vida: o marido de um lado, o irmão do outro. E ele no meio. “Gosto de você, Pierre. Vou gostar sempre. Mesmo se decidir não me ver mais.” Não vê-la mais. Estava apaixonado por Angela. Quando pensava em acabar com tudo, sentia um aperto no peito e não conseguia fazer nada.

“Vocês homens são uns sonhadores e por causa da ilusão acabam estragando tudo. Não posso deixar meu marido, você sabe. O amor é um luxo para ricos. Eu e você não somos ricos, Pierre.” Mas quem sabe se as coisas não mudariam? Depois da viagem ele seria uma pessoa diferente. Mais forte. Talvez até tivesse coragem de dizer adeus a Angela. Enquanto se mexia na cama imunda, Pierre pensava que aquela viagem lhe daria forças para resolver a situação.

Não era uma fuga. Era como na *Odisséia*, que o pai lhe contava quando era criança, nas longas noites diante da lareira. O pai dele era Ulisses, que tinha ido embora muitos anos antes para lutar a contragosto em uma guerra, e não tinha voltado. Ele era Telêmaco. A história começava assim: um filho partia à procura do pai que não chegou a conhecer.

Assustou-se com a sacudida.

— Hora de ir embora.

Robinson tinha duas armas a tiracolo: a espingarda de cano

duplo e uma metralhadora Thompson, igual à que Nicola tinha na cantina.

Pierre se levantou de um salto e recolheu a bagagem.

Robinson ergueu um dos dois tambores:

— Pegue o outro.

Estava pesado, mas fingiu que não era nada. Seguiu o outro para fora da cabana.

Andaram pela escuridão espessa, por uma trilha que atravessava o pinheiral.

Quando Robinson parou, por pouco Pierre não trombou com ele, com todo o peso. Manteve o equilíbrio e conseguiu entrever uma pequena enseada do canal, exatamente onde se abria para se juntar ao mar.

O barco era menor do que tinha imaginado. Teve medo e quase confessou que não sabia nadar. Mas se conteve. Não era o caso de mostrar que estava com medo. Entraram. Enquanto Robinson ligava o motor, Pierre olhou na direção do mar. A noite não o deixava ver absolutamente nada.

Capítulo 36

Mar Adriático, 16 de abril

Nada.

Os espasmos contraíam o estômago e a garganta, mas não saía mais nada.

Robinson, firme no motor, nem ligava, os respingos o lambiam enquanto subia e descia acompanhando o ritmo das ondas, mas continuava apertando o timão. De vez em quando consultava a bússola, depois voltava a olhar para a frente, como se pudesse ver a rota.

Pierre enxugou a boca com a manga do casaco e pensou que, superada aquela travessia, todo o resto seria um passeio. Cerrou os dentes e se segurou firme no assento.

Queria conversar, para se esquecer um pouco do enjôo, mas o guia não era a pessoa certa para isso.

Decidiu tentar assim mesmo, esforçando-se para superar o ruído do vento:

— Por que chamam você de Robinson?

Silêncio.

Pensou que ele não tivesse ouvido, mas quando já ia levantar a voz, veio a resposta da popa:

— Porque fico na minha, como Robinson Crusoe.

O tom era menos mal-humorado que o normal. Talvez

Robinson também estivesse entediado.

Pierre decidiu tentar novamente:

— Ettore disse que você também foi um *partigiano*. Estava na 28ª?

— Não. Mas dei uma mão pro Bulow.

— Você participou da Batalha dos Vales?

A resposta chegou seca:

— Eu levei eles aos vales.

— Sério? E ganhou uma medalha?

O vento encobriu a resposta.

— Como?

Robinson levantou a voz:

— Pra que eu vou querer uma medalha?

Pierre não soube o que responder. Disse:

— Meu irmão também foi *partigiano*. Acima de Ímola, na 36ª. Ele recebeu uma medalha, de prata. — Silêncio. — Você matou algum alemão?

Robinson levantou a mão com quatro dedos para cima. Falar fazia bem para ele, tinha melhorado do enjôo.

— E como foi?

Mais silêncio. Por um instante, Pierre pensou ter feito a pergunta errada.

Mas o outro disse:

— Tinham matado meu irmão.

— E você atirou com aquela ali? — Indicou a Thompson encapada no fundo do barco.

Robinson fez sinal negativo com a cabeça. Procurou debaixo do paletó, depois alguma coisa passou feito um raio no meio deles e acabou encravada no banco, ao lado de Pierre.

— Com isso — disse Robinson passando o polegar pelo pescoço.

Pierre se arrepiou e tirou a faca da madeira, fingindo indiferença: o estômago contraído, mas não pelo enjôo. Uma daquelas facas para limpar e cortar peixe.

Matar um homem a sangue-frio. Uma vez, quando criança, tinha visto matarem um porco. Berrava como um ser humano, e

foram necessários cinco para segurá-lo. O espetáculo mais impressionante que tinha assistido. Talvez a morte fosse a diferença entre ele e aqueles da idade de Robinson e de seu irmão: ter precisado matar e ver morrer.

Apertou-se no capote e fez de tudo para afastar a imagem dos quatro alemães que berravam como porcos enquanto Robinson os degolava um depois do outro. Decidiu se concentrar no próprio estômago.

* * *

— Está vendo aquelas luzes?

— Estou. É um povoado?

Robinson confirmou.

Estava muito escuro. Pierre pensou que, se houvesse rochedos, arrebentariam o barco.

Num dado momento, viu alguma coisa. Era a linha da costa, ali, a poucos metros.

Robinson desligou o motor e continuou com os remos.

Quando as luzes do povoado já tinham passado, ligou novamente o motor, dirigindo-se para o sul.

O motor foi desligado outra vez. Pierre viu uma faixa mais clara ao longo da costa, talvez uma praia. Uma luz brilhou na margem, acendeu e apagou duas vezes.

Robinson respondeu com uma lanterna elétrica, depois prendeu os remos nos espigões e se pôs a remar com toda força, até a quilha roçar a areia.

Era uma prainha encravada entre os rochedos. O paredão do morro descia a pique para o mar. Pierre se sentiu minúsculo.

Calçou as botas de borracha que Robinson lhe ofereceu e pulou. Ficou molhado até o meio da perna.

Três homens se aproximaram para tirar o barco da água.

Quando já estavam todos em terra, Robinson trocou algumas palavras com os contrabandistas que Pierre não conseguiu entender. Depois viu que abriam uma caixa e iluminavam o conteúdo com as

lanternas: cigarros. Pacotes de todas as marcas.

Enquanto carregavam as caixas no barco, Robinson ordenou:

— Venha dar uma mão.

Pierre recolheu uma, ajudado por um dos escravos, e a colocou a bordo.

Quando terminou, Robinson lançou a bolsa de Pierre na areia seca. Passou um envelope aos escravos, depois tirou a tampa do galão de gasolina e encheu o tanque.

Um dos homens ofereceu um cigarro a Pierre e ele aceitou. Gosto fortíssimo, de fumo preto.

A voz de Robinson o forçou a se virar:

— Eles vão te levar lá pra cima, no povoado. Pode falar italiano, eles entendem. Volto daqui a exatamente um mês. Se eu não chegar, encontre um lugar por perto e por três noites volte pra esta praia. Se na terceira noite eu não aparecer, vá embora e volte depois de um mês na mesma data.

— Não tenho dinheiro suficiente pra ficar aqui por dois meses!

O outro encolheu os ombros:

— O que você me deu não é suficiente pra arriscar a minha pele.

Não soube o que responder. Agora que já estava ali, era pegar ou largar.

Ajudou a empurrar novamente o barco para o mar.

Ficou olhando enquanto remava ao largo. A noite o absorveu pouco a pouco, como uma mancha de tinta.

Capítulo 37

Nápoles, 16 de abril

O porto de Nápoles era um imenso estacionamento de navios militares. O Comando da OTAN na Europa meridional: de lá partiam as ordens para as bases aliadas, de Portugal até a Turquia.

Zollo olhava a cidade afastar-se além do parapeito. A idéia de Luciano tinha sido boa: escolher aquela cidade como “porto seguro”. Quem imaginaria que a maior rede de tráfico de drogas do mundo tivesse o seu centro de operações exatamente debaixo do nariz das forças armadas aliadas? E o curioso era que por Nápoles não passava nem um grama de heroína. Pelo menos não por atacado. Chegava do Oriente através dos Bálcãs. De lá, ia para a Sicília e Marselha para refino e primeiro corte. Depois Nova York, a América.

Luciano, o cabeça, o grande chefe, não tocava nem via nada. Cobrava e recebia de vez em quando os emissários das famílias norte-americanas. O hipódromo era como um escritório para as relações públicas com um exército de contínuos registrados.

Além disso, havia a roda de apostas e os cigarros, mas esses eram trocados. Extras. Luciano vendia eletrodomésticos.

Os tempos de Nova York já faziam parte do passado, quando um dândi alinhado, com um cãozinho no colo, fazia chover doces sobre as crianças pobres do bairro. Os tempos do *racket* e dos bordéis: putas para todos os bolsos, desde o pobretão ao agente de

Wall Street. *Lucky*, o sortudo que em uma só noite tinha eliminado a concorrência com rajadas de metralhadora. Mas transformar o exílio em um dos comércios mais rentáveis do mundo era uma façanha de mestre. Talvez a mais astuta de toda sua carreira. Zollo era só admiração quando se tratava da velha raposa.

Transformar a desventura em algo positivo. Ressurgir. Era um exemplo a ser seguido.

A balsa manobrou entre caça-torpedeiros e encouraçados, dirigindo-se para o mar aberto.

A viagem à Sicília seria instrutiva, apesar de se prenciar como um passeio ao zoológico. A ilha natal dos seus pais era habitada por gente das cavernas, mas tinha os refinamentos mais eficientes da praça. Ia inspecioná-los. A viagem prosseguia para a Iugoslávia: compra de mercadorias. No fim, Marselha.

O plano começava a tomar forma. Luciano lhe tinha confiado a tarefa de supervisionar as bases sicilianas e cuidar da venda de heroína: sinal de absoluta confiança. Zollo contava com isso para garantir uma aposentadoria em grande estilo.

Enquanto se preparava para descer do convés aberto, repassou os detalhes do plano. Questão de prazos e quantidades. Nas viagens anteriores já havia juntado 12 quilos. Tinha achado um lugar seguro para escondê-los. Mesmo se alguém encontrasse, não teria como ligar a mercadoria a ele. Senão, Luciano teria feito patê do fígado dele. A oportunidade tinha aparecido por acaso: ninguém tinha achado os pacotes escondidos. Um desvio meticulosamente calculado: mais ou menos 1 quilo a cada 50. Tinha feito tudo direitinho. Mais um carregamento, o último, o mais consistente, e teria garantido uísque, sol e mulheres até o fim dos seus dias. Aí largaria tudo e sumiria de verdade, adeus Steve Cimento. Tinha até pensado na forma de simular a própria morte: um sensacional acidente automobilístico. Lugares para se esconder não faltavam.

Tinha contatado os compradores, na França. Com aquela última viagem seriam 15 quilos. Uma mão habilidosa conseguiria fazer deles o dobro e transformá-los em um monte de dinheiro.

E quem desconfiaria dele? Steve, o "faz tudo" de dom Salvatore Lucania, de nome artístico Lucky Luciano. Steve

Impecável. Steve Trabalho Limpo. Não, ninguém imagina que alguém faria Luciano de bobo estando lado a lado com ele, debaixo de suas asas. Se desconfiassem de alguma coisa, a culpa cairia sobre aqueles escravos criadores de ovelhas.

Desceu até o restaurante. Enquanto o garçom lhe servia uísque, contemplou a própria imagem refletida no espelho atrás do balcão. Os olhos eram buracos pretos no rosto pálido: o olhar dizia que ninguém poderia detê-lo. Ergueu o copo e brindou sozinho a um futuro melhor.

Capítulo 38

Gramovac (Split), 17 de abril

Gramovac. Povoado em miniatura nas colinas perto de Split, oito quilômetros da capital, estrada que Vittorio Capponi percorria todas as manhãs de bicicleta. Pierre foi a pé, uma hora e meia, através de pastagens, vinhedos e oliveiras contorcidas.

Era como o pai tinha descrito. Casas pobres, mas dignas, no máximo vinte, cobertas de telhas vermelhas e de janelas verdes. A igreja, minúscula, de pedra clara, com um simples arco suspendendo dois sinos no alto da fachada. Do outro lado da pracinha, um único sinal de vida: dois velhos sentados ao lado da porta. Vozes distraídas pela rua. O lugar parece moradia de alguém, uma mistura de bar e venda do povoado. Em cima da porta, um letreiro vermelho.

Pierre teria se instalado com prazer debaixo do carvalho que dava sombra à pracinha e teria dormido muitas horas seguidas, depois da noite em claro, exausto pela viagem, o estômago ainda mareado. Mas a tensão não lhe dava sossego.

Enquanto isso, os velhos observavam. Um homem apareceu à porta, arrumando o boné. Com o fundo musical certo e um par de revólveres, seria possível rodar ali o filme *Matar ou Morrer*. Mas já tinha passado do meio-dia havia muito tempo, e o único motivo para que Pierre se sentisse inseguro era o idioma, apesar de o professor Fanti ter assegurado que em Split todos entendiam o idioma italiano.

No entanto, parecia estranho se dirigir àquelas pessoas como a um transeunte qualquer sob o pórtico do Pavaglione. Não que tivessem alguma coisa diferente: camisa, calças, sapatos, tudo normal, talvez de um corte que em Bolonha faria sorrir. No entanto, o céu parecia de um azul diferente, e era como se o ar trouxesse sabe-se lá quais odores.

— Olá — disse finalmente, depois de atravessar a pracinha. — Estou procurando Vittorio Capponi...

No rosto bronzeado do homem, as rugas ficaram mais profundas. Sobrancelhas, cabeça, ombros e braços: o corpo todo comunicava que não, aquele nome não significava nada.

— Como disse? — perguntou um dos velhos.

Não conhece? Vinte casas no povoado e as pessoas não se conhecem? O velho entendia o italiano, mas certamente estava um pouco enferrujado. Ou talvez fosse de algum outro lugarejo por perto, onde não tinham nem bar, e vinha até aí para trocar duas palavras e nunca tinha visto Vittorio Capponi. O pai dele trabalhava em Split, não ficava no bar o dia todo sem fazer porra nenhuma. Pierre procurou no paletó e tirou o papel com o endereço.

— Onde? *Where?* Onde? — perguntou batendo a mão no papel e entregando-o ao homem de boné. Aquele fez sinal de acompanhá-lo e seguiu sob o sol. Um rebanho de ovelhas, torrente branca e veloz, cortou a rua principal, empurrado pelos gritos de dois meninos sujos, e entrou por uma ruazinha lateral estreita. O homem de boné parou no cruzamento seguinte e indicou uma casa na metade da viela. Pierre agradeceu com a voz e com os olhos, o homem resmungou alguma coisa, afundou as mãos nos bolsos e voltou para a venda.

Não tinha ninguém em casa. Naturalmente: àquela hora, todos deviam estar trabalhando. Menos mal, esperaria, precisava se sentar, enfim, na terra ou pedra, tanto fazia, precisava só ficar parado e imóvel.

Apoiou as costas ao muro, abraçou os joelhos. Em poucos minutos o queixo bateu várias vezes no peito, olhos fechados e cérebro apagado.

Não comia nada desde a noite anterior. Os contrabandistas

eslavos tinham trocado algum dinheiro, mas Pierre tinha pensado só na forma mais rápida de chegar até ali, a pé, depois alguns ônibus, depois novamente a pé. Ainda tinha algum dinheiro, duas ou três mil liras e o estômago reclamava, porque não havia mais vômito, náuseas nem tensão para distraí-lo. Na venda com certeza haveria algo para comer, mas preferia não se afastar, agora estava ali, diante da casa do pai, e preferia esperar. Em pouco tempo veria o pai surgir no cruzamento em cima da bicicleta.

Uma hora se passou, talvez mais. Um anoitecer cheio de nuvens e névoa. A sombra no início da viela podia ser qualquer um. Nada de bicicleta, mas era um detalhe insignificante. Pierre ficou em pé num pulo, mais pela impossibilidade de se conter do que para ser visto. O homem trazia a tiracolo uma grande sacola e na mão um molho de chaves. Olhou de relance o forasteiro, passou por ele e parou na porta seguinte.

— Desculpe — Pierre se aproximou dois passos. — Desculpe. Fala italiano? Procuro Vittorio Capponi, mora aqui, o senhor conhece?

— Capponi? Não, não *saber, desculpar* — respondeu o outro com um estranho embaraço —, moro aqui há pouco, conheço pouco.

Pierre indicou a casa com ambas as mãos:

— Aqui, casa dele, Vittorio Capponi.

— Não, *desculpar, não saber* — o homem com a sacola empurrou a porta e escorregou para dentro. Pierre nem teve tempo de esticar a perna e a porta se fechou. Bateu duas, três vezes: — Oh, desculpe, só um instante.

Na luz fraca do único lampião, três rostos apareceram em três janelas diferentes. Um se afastou assim que Pierre levantou os olhos. Os outros ficaram.

— Desculpem, sabem onde está Vittorio Capponi? *Where is Vittorio Capponi?* Mora aqui?

As cabeças abanaram em uníssonos, como bonecos de um relógio animado. Depois a segunda também se retirou. Pierre dirigiu-

se à última, uma mulher.

— Vittorio...

Nem deu tempo de acabar, e a mulher abanou novamente a cabeça.

Pierre sentiu a raiva crescendo por dentro, virou-se de repente e deu um soco na porta. Blasfemou. Voltou a se sentar, desconsolado, mas não conseguia ficar parado, começou a andar de um lado para o outro feito bicho na jaula. As juntas dos dedos sangravam. Cada minuto era uma eternidade.

Chegou a noite, o frio e outra sombra. Aquela também lançou um olhar e rumou para o fundo da viela.

Pierre a alcançou e a tocou no ombro. A mulher se virou, assustada.

— Desculpe, senhora, procuro Vittorio Capponi, ele mora aqui?

— Não aqui — respondeu a mulher. — Ele *partir*.

— Partiu? Para onde?

A mulher voltou a andar depressa.

— Onde não *saber*. Ele *partir*.

— E quando? Quando partiu? — Pierre percebeu que a estava segurando por um braço e largou.

— Dois, três *mês*.

— Por quê? O que aconteceu?

A mulher parou e cruzou as mãos no peito.

— *Desculpe*, isto não *saber*. — Continuou andando e Pierre desistiu de segui-la.

Voltou para a casa, enquanto uma onda de pensamentos varria a sua mente.

Partiu.

Pierre decidiu pôr as idéias em ordem, juntar as informações, pensar no que fazer. Tornou a se sentar numa pedra, tentando se acalmar, mas não agüentou por muito tempo. Novamente em pé, para cima e para baixo diante da porta, os ossos gelados e a cabeça em chamas. Uma carta que volta ao remetente, a partida de um povoado, o silêncio eloqüente dos vizinhos. Partiu há dois meses. Janeiro: a expulsão de Djilas da Liga dos Comunistas Iugoslavos. As contas eram essas. Mas Vittorio Capponi não dava sinais de vida

havia mais tempo, desde março e, mesmo naquela época, só duas linhas sobre a morte de Milena, depois mais nada. O que tinha acontecido? Só havia um jeito de descobrir: ficando em Gramovac, perguntando por aí incansavelmente, juntando um pedaço aqui e outro aí, compondo o mosaico, encontrando alguma informação nas reticências depois de muitas perguntas, súplicas, até ameaças. Podia tentar entrar na casa, forçar a porta, ou uma janela, procurar alguma coisa que o ajudasse a entender, um endereço anotado em algum lugar, um indício qualquer. Mas precisava tomar cuidado. Se o pai tinha problemas com a polícia, toda precaução seria pouco. Não podia exagerar, fazer um escândalo, sentar-se diante da porta por tempo demais e assustar alguém. Atrair a atenção era um grande risco para um italiano com passaporte e carimbo de fronteira falsos.

Por uma noite, até que já tinha aparecido bastante. Tentar entrar logo na casa não era a melhor idéia. As janelas ocultavam muitos olhares. Tinha a impressão de senti-los. Decidiu se acomodar por aí e tentar dormir, porque já não dormia havia 36 horas, e o cansaço não ajudava em nada. Sentou-se, esticou as pernas no calçamento, a mala enfiada entre as costas e o muro. Esforçou-se para respirar cada vez mais profundamente.

— O que é?

Os olhos logo arregalados, a boca também, foi acordado por uma mão que puxava o seu paletó.

— Sou amigo de Vittorio Capponi. E você, quem é? — sussurrou a sombra de cabelos brancos.

Pierre passou várias vezes as mãos no rosto, como se o lavasse com água.

— Sou filho dele — disse finalmente.

— Filho? É mesmo? Você é Nicola?

— Não, sou Robespierre.

— Ah, Robespierre, claro. Bom, Robespierre. *É* prazer *de* conhecê-lo. Vem, vem.

Quase o arrastou debaixo da capa, na direção da lâmina de luz

que cortava o calçamento alguns metros mais adiante.

— Entra logo. *Esta minha casa*. Pode entrar. — Ofereceu-lhe uma cadeira e o fez se sentar. Uma lâmpada fraca iluminava a mesa. O cômodo era pequeno, na penumbra: um guarda-comida, um lavabo, o bujão de gás, a cama.

— Pega, toma — o homem pôs um copo na mesa e o empurrou para Pierre. — Bebe, faz bem, contra frio.

Era uma grapa forte e amarga. Pierre a virou de um gole e o copo foi enchido novamente. O homem era mais velho que o pai dele, devia ter mais de 60. Quando virou para servir a grapa, Pierre viu que tinha metade do rosto desfigurado por uma queimadura.

— Lembrança da guerra — disse, tocando as cicatrizes com os dedos. — Lembrança feia. Eu sou Darko, conheço seu pai bem, *nós grandes amigos*, veja.

Abriu uma gaveta atrás dele e, depois de ter remexido um pouco, tirou uma foto. Aquele sem cicatriz, abraçado a Darko, diante da carcaça de um cervo, era o pai dele.

— Você pode me dizer onde está, por que foi embora? — perguntou Pierre para espantar a mágoa da garganta.

— Ele *precisa* ir embora. Problema de *idéia* políticas, entende?

— É, entendi, mas onde está agora? Como posso encontrá-lo?

— Calma, Robespierre, eu *explicar* tudo. Ele agora está em Šipan, perto de Dubrovnik, a 200 quilômetros daqui.

— E como posso chegar lá? Tem um ônibus, uma balsa?

Darko serviu o terceiro copo, depois se virou de novo e na mesa apareceu um pedaço de queijo, meia forma de pão e algumas azeitonas pretas.

— *Uzmi jedi, moj sine*. Coma!

Pierre não se fez de rogado, esticou as mãos para o pão e repetiu a pergunta:

— Como faço pra ir a Šipan?

— Espera, Robespierre, *deixa* pensar — bebeu a grapa em pequenos goles, como se buscasse inspiração. — Escuta, esta noite você *poder* dormir aqui, está bem? Amanhã, bem cedo, eu *deve* descer para Split, com meu veículo. Se nós *tomar* cuidado, posso levar você. No mercado de Split, perguntamos *amigo de caminhão*

se vai para Dubrovnik, isto muito melhor que ônibus. Depois de Dubrovnik pergunta alguém, algum pescador, levar você para Šipan, que não tem navio, entende?

— Entendo — disse Pierre e o estômago reclamou só de pensar em outra travessia. — Obrigado, Darko. Não sei como agradecer. Todos os outros aqui estavam com medo de falar. Você não. Por que isso?

— *Se um procurava eu*, Vittorio fazia igual. Vi você perguntar e entendi que era amigo. Depois quando falou filho, preciso ajudar.

Pierre atacou o queijo e algumas azeitonas. Ficou se perguntando se Šipan seria a meta ou somente uma outra etapa da viagem. Devorou tudo até a última migalha, depois ainda perguntou:

— O que mais você pode contar do meu pai? Não tenho notícias dele há muitos meses. Não escreve há um ano, e a última carta minha foi devolvida.

Darko levantou outra vez, desapareceu pela porta dos fundos e voltou um segundo depois com uma caixa de madeira nas mãos. Abriu na mesa e tirou alguns recortes de jornal, que ia arrumando como leque diante de Pierre. Ele lhe entregou o último nas mãos. Estava escrito em italiano. Assinado por Vittorio Capponi.

— Artigo do seu pai para o jornal italiano de Zadar. Estes dois também do seu pai, para outro jornal, em eslavo. E estes outros, são de Milovan Djilas, para o *Borba*, jornal do Partido. Você *conhecer* Milovan Djilas?

Pierre desviou o olhar do artigo:

— Sei que é um dissidente, que foi expulso por Tito.

— Certo — retomou Darko. — Em outubro *de ano atrás* começa escrever estes artigos. Em dezembro eleito presidente de Skupstina. Quinze dias depois, começa processo contra ele. *Não expulso*, isso é coisas de Stalin, e Tito não quer, mas forçado a autocrítica.

— E o meu pai?

— Seu pai *escrever* que Djilas diz muitas coisas *verdade*. Outras não, mas muitas certas. Então lá *pela fim* janeiro vem e levam para Split. Nada processo para ele: dizem que *expulso*, chega com trabalho, não mais dizer suas idéias, melhor se vai embora,

longe, onde ninguém conhece. Eles *tratar* melhor Djilas que outros menos *importante*. Djilas famoso demais, precisa tomar cuidado. Por sorte ele fez autocrítica senão para seus companheiros muito pior.

Pierre voltou a ler algumas linhas. Uma tradução em italiano do artigo de Djilas *Novos conteúdos*, acrescida de um breve comentário. Chegou ao fim, enquanto Darko colocava na mesa um outro pedaço de queijo e mais pão.

— E depois, o que aconteceu? — perguntou Pierre uma vez terminada a leitura.

— Depois? Seu pai ficou sozinho, as pessoas não *cumprimentava* mais. Nada trabalho, e em Split ninguém queria ele. Tinha medo que *levavam* para Goli Otok, campo de prisioneiros para amigos de Stalin. Um dia *dizer mim* que queria morrer. Mas partiu. Pesca, cria ovelhas e com aposentadoria de *partizane* pode viver. Mas não sei muito, ele *telefonar* uma vez, depois chega.

Darko abaixou a cabeça e passou o dorso da mão no olho.

— Ele era meu *só* amigo — falou apressado. Tentou prosseguir, mas só conseguiu dizer: — Desculpa.

Depois juntou os artigos, fechou rapidamente a caixa e desapareceu novamente pela porta dos fundos.

Capítulo 39

Nápoles, 17 de abril

Andar pela rua, à luz do sol, entre o falatório das pessoas, as cotoveladas e os gritos era um alívio. Depois de três meses de cadeia, Salvatore Pagano, vulgo Kociss, só tinha vontade de correr. Por três meses o mantiveram lá dentro! Naquela cadeia imunda, nojenta, cheia de assassinos fedidos, e o delegado Cinquegrana que o bombardeava de perguntas, e o televisor, e o dinheiro, e dom Luciano, e isto e aquilo. Agora finalmente respirava, olhava o céu, e as mulheres. Pensava em tudo que ia fazer. Três meses para recuperar. O dinheiro estava com ele, não tiveram como tirá-lo. Ganho justamente. Com o que tinha dava para garantir um presente para Lisetta, um bom presente, porque aí ela daria pra ele, com certeza, e em bandeja de prata até. Porque enfim ele nem tinha dado o nome dela ao delegado, não. Nada de nomes. Estava para nascer o policial que fizesse Kociss de bobo. Mas bem que ele ficou com medo, naquele esgoto. E muito. Parecia que queriam saber tudo dele, como se fosse uma pessoa importante, como se soubesse das coisas. Mudo. Ele não tinha falado nada. Porque se o delegado soubesse que naquela noite... que freiras e beneficência que nada. Oh, Deus, bom, ele tinha ido distribuir presentes aos órfãos também, depois tinha montado na bicicleta, aquela com a prancha na frente, e tinha ido ver Lisetta. Que mulher aquela!

Parou na frente da vitrine de uma loja de roupas e viu um belíssimo vestido vermelho. Com aquele ela ficaria linda. Olhou para a sua imagem refletida no vidro: ele também precisava de roupas novas, porque aqueles trapos... Mas isso ficaria para depois. Antes precisava arrumar a coisa mais importante, senão toda a trabalhadeira teria sido inútil. Mas a lembrança de Lisetta não o deixava em paz um minuto, teria gostado de parar alguém pela rua e explicar como ela era, e se depois o sujeito ficasse aborrecido, pronto, daria para ele uma das notas do dom Luciano, calminha amigo, eu pago pelo seu tempo.

Ah, Lisetta. Como gostava dela. Não fosse aquela profissão dela, mas fazer o quê, ninguém é perfeito. Quando ela pedia um favor, com os olhos verdes e todos aqueles cabelos, e a boca, e assim por diante, ele não conseguia dizer não. Como naquela noite em que fazia muito frio, e ela tinha pedido que a acompanhasse até a base americana. Então deixe os órfãos pra lá, pegue a bicicleta e vá buscar Lisetta. E pedala, com todo aquele perfume e os cabelos batendo no seu rosto, pedala, e faltou pouco para que não morressem numa curva, e a saia que escorrega e a perna que aparece na prancha. Ele estava enlouquecendo mesmo. Não adiantava. Lisetta era Lisetta.

Atravessou a rua sem olhar e alguém buzinou, Pagano respondeu xingando em alto e bom som, como um homem livre, e continuou andando.

Naquela noite ele sabia aonde ela estava indo. Fazer amor com aquele oficial americano, aquele para quem bastava ela piscar os olhos e ele soltava logo os dólares, como se fosse o Rei da Catalunha. Ele tinha direito a alguma coisa também, pela viagem e pela canseira. Mas, quanto ao ressarcimento, ele tinha providenciado por conta própria. Porque ao chegar à base, com toda aquela viagem e o perfume e as pernas e os cabelos, e aquilo que a Lisetta ia fazer, ele tinha dito: "Kociss, você precisa de um brinde pelo esforço e também pelo coração partido". E, enquanto pensava nisso, o brinde apareceu, bem ali na frente dele, como se a Nossa Senhora tivesse lido seu pensamento.

Era um trambolho que não tinha tamanho, será que caberia

em cima da prancha? Ou será que o derrubaria com bicicleta e tudo? E se chegasse a *Militarpóllice*? Seria fuzilado? Nada de pensar em bobagens. Precisava ser rápido. Podia chegar alguém. Teriam fodido a bunda dele.

No fim, quem acabou com o medo dele foi um senhor vestido de general, que estava pendurado no muro, em uma foto, bem na sua frente. Sorria. E fazia um gesto com o polegar, como quem diz: "Ok, fique tranqüilo!". Tinha razão, eles tinham que pagar. Ele o pegou. Por Lisetta.

O cheiro de merda era o mesmo de sempre. Mas estava feliz por senti-lo. As cocheiras de Agnano eram a casa dele. Ouvia a voz dos tratadores que o saudavam: "Kociss, si' turnat'!", "Guaglio' a ro' si stat?", "Che fin' hai fatt'?"^[58], mas não escutava de fato. Cumprimentava, mas a cabeça e as pernas o levavam direto para o fundo das cocheiras, no depósito dos acabamentos. Uma idéia fixa: o ressarcimento. Atravessou o prédio e saiu por uma pequena porta dos fundos, que dava para um caminho de serviço. O barracão estava coberto de trepadeiras e a porta quase não aparecia. Estava fechada com um cadeado de aço, e o coração dele disparou. Invocou alguns santos. Antes só tinha um ferrolho enferrujado. A idéia que alguém lhe tivesse afanado o ressarcimento o fez suar frio. Começou a andar em volta da construção à procura de uma brecha: caralho, quem, teria entrado aí? Só tinha porcarias e teias de aranha!

Nada, nem uma janelinha. Só restava arrombar o cadeado. Voltou para o depósito, pegou uma baliza, um martelo e foi para a porta do barracão. Um olhar em volta: ninguém. Vá. Quatro golpes secos, precisos. Caiu ao chão com um baque.

Entrou, deixando que a luz filtrasse o suficiente para reconhecer os objetos.

Viu o monte de selas velhas ainda intacto. Sentiu que renascia. Desmanchou a montanha de couro. Alguém tinha deslocado o encerado. Mas embaixo, graças à Nossa Senhora, o televisor estava

inteirinho. Bem ali onde ele tinha deixado.

Era só limpá-lo um pouco e ficaria novinho em folha.

Ele renderia dinheiro, um bom dinheiro. Pau no cu do Cinquegrana e do exército americano.

O problema era transportá-lo. Sabe-se lá que fim teria levado a bicicleta. Um carrinho de mão todo enferrujado, que no passado tinha transportado toneladas de merda, era o único meio à disposição. Colocou o encerado em cima e agarrou o televisor. Pesava um absurdo! Parecia o dobro de quando o tinha trazido. A cadeia o tinha enfraquecido, que nojo. Agora ele daria um jeito de se recuperar. Precisava vendê-lo logo. Já tinha causado problemas demais. Mas o ressarcimento estava ali. Faltava apenas um último esforço: os quilômetros empurrando o trambolho até o Gigino, no Vico Vasto.

Capítulo 40

Slano, Dalmácia, 18 de abril

Na névoa da tarde, Pierre distinguiu um trecho do horizonte mais escuro.

Apontou com o dedo e perguntou:

— Šipan?

O homem ergueu o olhar do emaranhado de redes de pesca e confirmou mexendo a cabeça.

De manhã, quando Darko o tinha acordado, ainda estava escuro. Na mesa, fumegava uma xícara de leite com mel. Pierre, depois de se esquecer do sono na água fria da bacia, tinha se vestido rapidamente.

A carga já estava arrumada, coberta por uma velha lona militar. Queijos, a julgar pelo cheiro.

Os solavancos tinham embalado Pierre durante todo o trajeto. Chegando em Split, Darko teve que acordá-lo mais uma vez.

A viagem tinha durado menos de uma hora.

Pierre apertou os olhos e observou mais uma vez. O reflexo do sol

na água cegava. Lamentou nunca ter aprendido a nadar, porque a ilha parecia perto. Mas talvez fosse só impressão.

Inclinou-se para o pescador e tocou no ombro dele:

— Você fala italiano?

A cabeça do homem balançou da direita para a esquerda. Pôs o peito para a frente e indicou alguém, sentado no cais, um pouco mais adiante.

O nome do caminhoneiro era Stjepan e estava indo a Mostar com um carregamento de peixe. A bifurcação para Mostar era na estrada litorânea, noventa quilômetros ao norte de Dubrovnik.

Darko tinha proposto uma alternativa:

— Você *esperar* amanhã e *ir* com Milos, ele *não* problema porque tem que chegar até Albânia, ou parte já com Stjepan, depois procura outro.

Pierre não queria esperar: abraçou Darko e entrou no caminhão.

Na meia hora seguinte não tirou os olhos da janela. A estrada corria paralela à costa, entre uma cadeia de montanhas imponentes, a pique sobre o mar, e o perfil embaçado de uma ilha. Nunca tinha visto algo assim.

— Vem da Itália? — a voz de Stjepan tinha rompido o silêncio. Falava italiano mais ou menos como Darko. — Aprendido na guerra — informou.

Em seu batalhão de *partigiani* dálmatas lutavam doze desertores italianos.

— Vittorio Capponi? — Uma pausa para remexer na memória. — Não, não lembro.

O segundo pescador também estava ocupado com uma rede.

— Você fala italiano? — perguntou mais uma vez Pierre.

A resposta foi mais que afirmativa.

— *Sou* italiano, de Rovigno.

Pierre sorriu.

— Ah, bom. Eu venho de Bolonha, meu nome é Robespierre.

Procuro uma carona para a ilha Šipan.

— Você é turista? — o olhar era desconfiado.

— Não, preciso encontrar um parente que não vejo há anos.

— Não queria ser explícito demais quanto ao caso do pai. Um vago “parente distante” já bastava para acalmar os ânimos.

O pescador o estudou por um instante, depois se levantou com dificuldade, e apontou para o chão:

— Venha. Vou te levar a uma pessoa que mora ali.

O lugar lembrava os vales de Comacchio, porém mais selvagem e cheio de árvores. Um labirinto de água e terra. Lagos, canais, enseadas escondidas. Pântano salobro e rio.

Na frente, sempre o mar, e a enésima ilha para movimentar o horizonte.

— *Neretva rijeka*, rio Neretva — respondeu Stjepan ao olhar de Pierre. — Eu *nascido* perto, povoado Bacina. Você sabe, na guerra, aqui tinha fascistas. Eles *quer* levar minha família para *lager*. Um italiano *salva nós*.

Pierre não precisou insistir para ouvir a história do “Demônio”, militar na Abissínia, Albânia, Grécia e, enfim, em Bacina, no presídio do exército italiano.

— Ele ajudava todos. Era espião dos nossos *partizani*. Dizia quando você tinha que ir para *lager*. Trazia bombas e arma.

No fim, ele foi descoberto e preso. Então Stjepan e outros tinham embriagado o guarda, e ele tinha fugido descalço, os pulsos amarrados, alcançando os rebeldes na manhã seguinte.

— *Smrt fašizmu... Sloboda narodu!* — tinha concluído o caminhoneiro, encostando à direita.

A estrada se ramificava. Os cartazes diziam Dubrovnik 94, Mostar 57, Sarajevo 193.

A viagem tinha durado cerca de duas horas.

Os dois resmungaram alguma coisa entre si.

O de Ístria disse:

— Frane parte às oito para Šipanaka Luka. Ele pode te levar. Você tem dinheiro?

Pierre remexeu nos bolsos.

— Não muito — respondeu e tirou um rolo de dinares, ainda intacto do dia anterior.

— Metade disso já está bom — comentou o de Ístria.

Cerca de mil liras.

— Certo.

Passada uma hora, Pierre se pôs a caminho.

Os caminhões estavam com pressa, não davam sinal de parar e três a cada cinco tinham tomado o caminho para Mostar. Carros, só passaram dois, um da polícia, por sorte Pierre percebeu isso a tempo: baixou os braços e se sentou à beira da estrada com ar indiferente. Motos, nem sombra. As bicicletas passavam carregadas feito mulas, sacolas cheias penduradas no guidão e freqüentemente um passageiro sentado torto em cima do quadro. E tinha também os que se viravam a pé.

Andando, Pierre percorria cinco ou seis quilômetros por hora. Tinha calculado o tempo em anos passados, no trecho Bolonha-Ímola, ao longo da Via Emília. Uma aposta perdida com os mosqueteiros e aqueles trinta quilômetros em pagamento. Eles atrás, no carro de um amigo, zombando do novo Zatopek^[59].

Em dois dias, poderia chegar a Dubrovnik.

Deviam ser umas dez horas. O sol, recém-saído de trás das montanhas, começava a aquecer.

Pierre voltou ao cais às sete e quarenta e cinco. Tinha comido e dormido, estendido em um campo próximo, fora do povoado.

Frane o viu e agitou o braço. Ajeitou os últimos nós e levantou âncora. O pesqueiro verde-azulado estava pronto para partir.

Haviam se passado mais duas horas, três caminhões, dois tratores e uma carrocinha de um bosta que não quis parar. Os gestos de Pierre eram cada vez mais desinteressados e menos efusivos.

O terceiro carro da manhã parou assim mesmo.

— *Gruss Gott* — cumprimentou a mulher. — *Wohin gehst du dann?*

Pierre não sabia uma só palavra de alemão, mas respondeu:

— Dubrovnik — o que não lhe pareceu tão ruim.

A mulher disse alguma coisa e o convidou a entrar.

— *Wartest du hier schon lange?* — perguntou o marido com um amplo sorriso. Aí, Pierre se sentiu na obrigação de explicar:

— *Sorry, I don't speak German.*

Mas os austríacos falavam inglês.

Turistas em viagem de lua-de-mel. De Viena à Grécia. Duas pessoas gentis e um tanto excêntricas.

Pierre contou a história do parente afastado, acrescentando algum detalhe, e os dois noivos ficaram entusiasmados. Também porque Pierre, na confusão do momento, tinha falado em *parents*, ou seja, pais.

Chegando em Slano, a mulher abriu um mapa e mostrou a Pierre que a ilha Šipan estava a um tiro de espingarda, muito mais acessível que de Dubrovnik. Se pretendia pedir carona, era melhor se informar ali.

Pierre se convenceu, apesar de Darko ter falado em Dubrovnik. Pediu que o esperassem e foi na direção de um pescador idoso que arrumava as redes.

Os sinos de uma igreja dobraram uma vez.

A viagem tinha durado meia hora.

Pierre ouviu o ruído da partida do motor. Acompanhou com os olhos o rastro do barco, até à costa que se afastava devagar.

Na metade da travessia, teve a impressão de que já tinham se passado algumas horas. Mas estavam no mar havia apenas quinze minutos.

A sensação se reverteu logo em seguida. As luzes de algumas casas foram invadindo a escuridão do mar e do céu. Por um instante, se esqueceu de tudo, de Gramovac, Darko, Stjepan e dos dois austríacos. Esqueceu-se das visões de água e de terra que o tinham acompanhado até aí. Esqueceu-se de Frane.

Telêmaco ia ao encontro de Ulisses.

Capítulo 41

Sipanaka Luka, Šipan, 19 de abril

O vendedor de queijos sorriu. Atrás dele, o da banca dos peixes repetiu o gesto fatiando o ar com a faca na mão:

— *Ah, talijanski drug!*

A mulher das hortaliças bateu o dedo na têmpora com uma expressão estranha. Finalmente, um cliente fez com a cabeça sinal de concordar, pagou rapidamente, o levou para fora. Indicou uma viela calçada que subia para a igreja e a colina que dominava a baía. Movimentou várias vezes a mão para cima e para baixo, como se estivesse acariciando o cume do morro. Pierre deduziu que “o italiano” morava no lado oposto. Com gesto análogo, do dedo pulando um obstáculo, quis se certificar de que tinha entendido bem. O homem confirmou e repetiu as indicações desde o início.

Depois da primeira curva, a viela se tornava uma trilha. Subia íngreme entre as últimas casas de pedra clara, passava pelos muros que cercavam minúsculas hortas e mergulhava no verde-escuro das giestas.

Pierre começou a suar. A mala não era a bagagem mais cômoda de arrastar lá para cima. Trocou de mão sem parar e enxugou a testa com o punho da camisa. A noite passada no cais tinha deixado uma lembrança pegajosa pelo corpo inteiro. Pelo que tinha dormido, poderia ter iniciado sua marcha logo ao chegar, mas

o povoado estava deserto e foi obrigado a esperar.

Sua mente estava vazia. Os olhos enxergavam sem perceber a beleza da vista do mar. Procuravam uma casa no meio dos cactos como os do faroeste e das moitas de aroeira. Não distinguia os sons, nos ouvidos uma misturada só, acordes dissonantes de pássaros, cigarras e vento. Trocou novamente a mala de mão. Respirou fundo. Não sentia os cheiros. Só o peso da mala nos dedos, suor em bicas atrás das orelhas e dor nos pés espremidos pelo couro.

A trilha chegou ao cume. Pierre viu o verde da mata descendo ininterruptamente até o mar. Viu as ruínas de uma construção que fora uma igreja. Viu zonas mais áridas pontilhadas do branco das cabras. Viu um campinho mais claro no meio das moitas e das azinheiras e uma casa de pedra na beira do campo.

Mudou a bagagem de mão e se jogou pela descida.

Não ouviu uma pessoa que gritava:

— *Stoj!*

Ouviu só uma pancada, de repente, como um tiro. Uma nuvem de poeira levantou diante dele.

— *Stoj!*

Pierre dirigiu o olhar para as ruínas, para o rebanho, para a casa. Não viu ninguém. Ficou parado por um instante. Depois largou a mala, deu alguns passos, agitou os braços sobre a cabeça e berrou:

— Não atire, não atire!

A poeira levantou um palmo à direita da sua perna e de uma moita pularam tiras de casca de árvore.

— Sou Robespierre Capponi, sou filho de Vittorio Capponi, não atire! Procuro Vittorio Capponi!

Agarrou a mala e continuou a descida. Ninguém atirou.

A voz chegou por trás um minuto depois, junto com o cano do fuzil Mauser que tinha saudado a sua chegada.

— Levante as mãos. Não se vire.

Pierre obedeceu sem respirar.

Uma mão tirou a mala dele. Ouviu um zíper abrindo, o cano do Mauser sempre no mesmo lugar.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou a voz.

— Procuo Vittorio Capponi — falou pausadamente Pierre. — Sou filho dele.

— Não banque o espertinho, meu filho está na Itália, diga o que está fazendo aqui. — O cano do fuzil nas costas deixou clara a importância da resposta.

Pierre não tinha imaginado assim o encontro entre Telêmaco e Ulisses.

— Sou eu, papai — disse finalmente em tom desesperado — sou mesmo Robespierre. — Ia se virar, mas o Mauser respondeu que não era o momento. — Vim pra te procurar, não sabia onde tinha ido, estava preocupado com você, verdade, se não acredita, faça perguntas, alguma coisa que só você e eu sabemos, o que quiser.

— Não estou com vontade de brincar. Sabe lá quantas coisas vocês aprenderam a meu respeito. Certo?

— Não, papai, vamos, por favor... Escute...

— Está bem — interrompeu Vittorio — a nossa canção. A que eu cantava pra te fazer dormir.

Pierre era desafinado como poucos. Fanti dizia que ele não tinha ouvido, mas era só questão de treino. Angela tapava sempre as orelhas.

Começou a cantar. Uma música simples, de criança, e as palavras em dialeto.

Depois das duas primeiras estrofes, entendeu que podia virar.

Vittorio Capponi segurava o fuzil com as duas mãos. Dirigiu os olhos aos de Pierre e não deu um passo. A barba grisalha sobressaía no rosto bronzeado. Os cabelos eram compridos, até os ombros. Tinha o olhar duro e os olhos brilhantes. Parecia um ermitão, o rei pastor de alguma tribo perdida dos Bálcãs.

Pierre parou de cantar.

Não tinha imaginado assim Ulisses e Telêmaco.

Abriu os braços e se jogou à frente, apertando o pai em um longo abraço, esperado por nove anos.

Vittorio Capponi tirou a mão do cano do Mauser e a ergueu acima dos ombros do filho, e ficou assim, sem saber onde apoiá-lo.

* * *

— ... depois um pescador me deu uma carona até aqui, dormi sob a cobertura do mercado e assim que acordei perguntei por aí se sabiam onde você morava.

Pierre tinha feito toda a viagem em poucos minutos. As lembranças corriam velozes como em um filme, de Ravenna a Šipan, os acordos com Ettore, a carta para Nicola, o encontro com Darko. Tudo.

O pai ouviu sem interromper, mascarando erva-doce do mato e com um olho nas cabras. Com uma mão continuava segurando o Mauser, com a outra alisava a barba.

Estavam sentados ali, pouco afastados da trilha, sob um pinheiro de tronco contorcido. Havia cheiro de resina e grama seca. Pierre esperava que fosse acolhido na casa. Uma mesa, uma cadeira, alguma coisa para comer, mas, depois dos tiros, nada mais poderia surpreendê-lo. Saber ficar com os outros é também questão de treinamento. Certamente as visitas não deviam ser freqüentes por esses lados. Vittorio Capponi vivia em Šipan havia quase três meses. Um pouco de civilidade ele devia ter perdido.

Pierre tentou encher o silêncio e balizar os pensamentos.

— Decidi de repente. Bom, já estava pensando no assunto há muito tempo, mas sempre apareciam problemas. Pareciam insuperáveis, e talvez nunca os tivesse mesmo superado, se não fosse a carta que nunca chegava, e a última que mandei, para o endereço antigo, e foi devolvida.

Pierre olhou novamente para o pai, como se esperasse uma resposta à pergunta não formulada. Sentia lá embaixo, na garganta, uma consciência recém-adquirida, esmagada até aquele momento pelo afã da procura. *Por que parou de escrever, papai? Por que não tenho notícias suas há mais de um ano? Por quê?*

Os pensamentos corriam pela mente mais velozes que a cadência dos segundos. Reviu os olhos do pai, assim como os tinha visto na última vez, no porão do Ítalo, à luz fraca da vela. Altivos, determinados, prontos para tudo. Escurecidos mais ainda pela aba

do boné. Capazes de dizer adeus e permanecer dentro de você para sempre.

Reviu Nicola, os olhos dele também estavam mudados. Agora, nas poucas vezes em que falava do pai, não dava para entender que luz eles assumiam. Desviava o olhar e o dirigia para o chão, um pouco de lado.

Esticou a mão sobre o ombro do pai, e escolheu a mais fácil, entre mil perguntas:

— O que você tem, papai, não está bem? Não está feliz em me ver? O que foi, aconteceu alguma coisa?

Vittorio Capponi balançou a cabeça, respirou fundo e depois olhou para Pierre diretamente no rosto.

Nove anos depois, em uma ilha perdida da Dalmácia, reencontrava aqueles olhos.

Cheios de exílio e resignação.

Capítulo 42

Šipan, um minuto depois

— Claro que estou feliz em te ver, Robespierre — começou Vittorio sem sorrir. — Mas seria melhor se tivesse ficado em casa sem ter que passar por tudo isso.

— Isso o quê? — insistiu Pierre.

Vittorio procurou as palavras. A forma de se expressar e a pronúncia traíam o longo hábito a uma língua estrangeira.

— Esta nojeira — disse finalmente. — Esta pedra onde sou obrigado a viver, isso de atirar no primeiro que aparece, este coitado que eu virei.

— Mas por que, papai, o que foi que aconteceu, você não quer contar? Por que nos deixou sem notícias por tanto tempo?

— E o que mais tinha pra te dizer? — o olhar de Vittorio ficou ainda mais melancólico. — No ano passado enterrei a segunda companheira da minha vida, morreu na minha frente, bem devagar... Preciso dizer mais?

Pierre se levantou, para não responder logo.

— Podia ter enviado duas linhas — disse de uma só vez —, só isso, duas linhas. Depois que a Milena morreu, eu te escrevi duas vezes: você nunca respondeu.

— Já não causei mal demais? Vim viver longe de vocês, não consegui voltar mais, escrevia duas vezes por ano, e ainda ia fazer

vocês sentirem o peso de problemas? Alguma coisa você sabia, não? A política ia mal, a vida ia mal, a cabeça também ia mal, mas um pai não chora no ombro do filho.

— Por isso deve parar de dar notícias por mais de um ano? — disse Pierre. Depois se arrependeu. Mas era tarde demais para voltar atrás.

— É como se eu não estivesse mais vivo, Robespierre. Quer que eu conte tudo? Está bem. Me sinto morto. Pensei que seria melhor pra você esquecer, então. A morte é contagiosa, as cartas de um morto fazem morrer por dentro.

Pierre sentiu o golpe. Engoliu a saliva para reprimir as lágrimas, mas não se saiu bem em nenhuma das duas operações. Vittorio pareceu fazer a mesma coisa, depois voltou a falar. Pierre o escutou em silêncio, sem parar de andar, devagar, ao redor de uma pedra branca circundada de grama.

A situação ficou complicada no início dos anos 50, com as primeiras eleições dos conselhos operários nas fábricas. Pelo que Pierre conseguira entender, era ainda uma experiência, mas, em suma, o Estado concedia aos trabalhadores a possibilidade de tomar as rédeas das empresas em que trabalhavam. O pai tinha se entusiasmado com o projeto. Dizia que a autogestão era o único caminho para o verdadeiro socialismo. Por isso, como membro do sindicato, teria gostado de se candidatar para o conselho operário da sua fábrica.

— Eles sabiam que eu queria isso, mas jogaram sujo: me deram uma promoção, um cargo que não me interessava, num escritório em Split. Tinha que aceitar e renunciar à eleição. Aquele foi o começo.

Desde então, uma sucessão de pequenos sinais. O “companheiro italiano” começava a incomodar: nos compatriotas pesava a acusação de serem espiões do Cominform, as relações com a Itália ficavam cada vez mais tensas por causa de Trieste, e uma boa dose de racismo completava o cenário. A guerra partidária era

uma lembrança desbotada. O “Herói do povo” Vittorio Capponi voltava a ser um estrangeiro, enquanto o internacionalismo operário ia para o espaço.

— Não, Djilas não me ajudou muito. Amigos? Escrevi que éramos amigos? Bom, não exatamente, era só pra que você entendesse. O fato é que algumas idéias dele me agradavam, especialmente quando atacava os burocratas do Partido e acusava o Comitê Central de ser pouco democrático e muito, como é que se diz, mafioso, certo? O problema é que ele era um dos quatro homens mais importantes do país, andava por aí de Mercedes com motorista, freqüentava belos salões, caça, grandes cerimônias. Sonhava em se ocupar só de teoria e literatura, mas tinha cargos políticos importantes, e em seus artigos no jornal era como se atacasse a si próprio também.

Milena tinha partido em março do ano anterior. Uma morte lenta, uma doença terrível. Pierre entendeu que a doença havia sido fatal para o pai também. Tinha pensado em se reerguer, jogando-se de cabeça na política. Milovan Djilas escrevia os seus artigos críticos para o jornal do Partido e Vittorio o havia seguido em alguns diários locais ou em língua italiana. Foram dias de esperança e entusiasmo. Depois, rápida como um raio, a paulada. Djilas foi destituído de todos os cargos e forçado à autocritica. Os seguidores, no melhor dos casos, precisaram deixar o trabalho e a política. Na maioria das vezes tiveram que se afastar dos seus povoados, dos amigos, dos parentes.

— Mas pra eles isso não basta. Estão de olho na gente. Circulam boatos que, mais dia, menos dia, quando a imprensa ocidental deixar de se interessar, eles nos levam pros campos de concentração para *cominformistas*, ou acabam com a gente de um jeito qualquer. É por isso que deixo o Mauser dar a primeira saudação a quem aparece na trilha, lá em cima. Estou só esperando a vinda deles. Todos os dias. Mas não é possível viver assim. Sempre de prontidão. Sempre ansioso. Está vendo, não posso confiar mais em ninguém e tive que cortar as relações com os amigos, para que eles não sejam envolvidos em problemas também.

— Com Darko também, certo? — interveio Pierre dando um

pontapé em uma pinha.

— Com ele também. Estou sozinho. Na vila pensam que sou louco. São bem ignorantes pra não entender as razões que me trouxeram aqui. Eles compram o meu queijo, têm medo do Mauser e dos cachorros. As nossas relações são essas. Nada mais.

Vittorio ficou em pé. Pôs uma mão na altura dos rins e endireitou a espinha.

— A umidade está acabando comigo — comentou, resignado. Depois colocou dois dedos entre os lábios e assobiou forte. De uma moita baixa saiu um cão pastor que Pierre ainda não tinha notado. Correu pela descida em grandes lances e parou diante de Vittorio, oferecendo o focinho aos afagos. O dono o agradeceu, depois estendeu o braço diante do seu maxilar e deixou que o mordesse brincando. Recolheu a sacola de couro e a colocou a tiracolo. Assim que virou as costas, o cão voltou para o rebanho, latindo para reunir as cabras.

— Qual é o nome dele? — perguntou Pierre, atraído pela habilidade do cão em dirigir o rebanho.

— Radko — respondeu o pai, enquanto batia palmas para fazer um carneiro avermelhado voltar para trás.

Radko pareceu entender que estavam falando dele e chegou perto para cheirar o recém-chegado.

— Com os estranhos ele parece ser mais sociável que você — comentou Pierre vendo o cão abanar o rabo fazendo festa.

— É. Mas precisa ver como ele fica se tentar levantar a voz comigo.

Pierre quis experimentar. Radko começou logo a rosnar, mostrou as presas, agachado nas patas e pronto para atacar.

— Está bem, está bem, estava só brincando.

Ergueu os braços, para declarar a própria inocência.

Radko alcançou o dono, que já estava andando pelo pó da trilha. Ficou ao lado dele, para se lançar só de vez em quando em breves corridas à frente.

Pierre os observou enquanto seguiam, à luz do meio-dia, com o mar agitado servindo de pano de fundo.

Capítulo 43

Nápoles, 19 de abril

Alguma coisa tinha mudado, por dentro. Sentia-se transtornado, cheio, sem perspectiva. Cego. E mudo também. Mas surdo não, ainda ouvia muito bem. Talvez a umidade acumulada naquele buraco imundo, ou mesmo o pó, ou até as mãos rudes daquele fulano que o tinham sacudido. Talvez os efeitos de um estado de depressão causado pelo descaso com que era tratado. Mas, arrumando as coisas, teria voltado a funcionar. Ter saído daquele lugar insalubre e indigno do seu valor: isso é o que contava, precisava ter confiança. E pronto.

O que é que o presidente dizia sempre aos seus homens? “Nas asas dos nossos produtos e do progresso da técnica as fronteiras deixarão de existir: Estarão em Suas Casas no Mundo Inteiro!”

É isso. Assim é que seria. Mesmo levando em conta, é lógico, o atraso dos povos que receberiam os novos modelos. Seria questão de tempo, de hábito.

Sentia-se um pioneiro. A rota dos Pais Peregrinos^[60] percorrida em sentido contrário para divulgar a nova Palavra, mostrar a nova maravilha. Arriscar um pouco a própria incolumidade nas mãos incautas de quatro trogloditas seria o mínimo para uma façanha tão importante.

Bem que o presidente dizia: “Quando circularem pelo mundo, sintam o orgulho de serem ocidentais. Levem altivos a mensagem do seu país. Encontrarão o seu lugar”.

Ele era um McGuffin. Tinha uma missão.

— Gigino, o Ciro Stecchino passou por aqui dizendo que a namorada dele morre de vontade de ter uma, que volta amanhã pra falar de dinheiro, guarde, guarde pra ele, que ele quer de qualquer jeito.

Viu?

Capítulo 44

Nos arredores de Colchester, Essex, Reino Unido, 24 de abril

Estava de péssimo humor.

Não tinha dormido um só minuto. O avião militar que o tinha tirado dos Estados Unidos era a carcaça mais incômoda na qual tivera a oportunidade de viajar: mal pressurizada, ruidosa, gelada. Aterrissou no aeroporto militar perto de Londres, o tempo de uma mijada e logo tivera que retomar a viagem. Desta vez um Bentley com todo o conforto, direto para o coração de Essex, na mansão de campo de sir Charles Tilston Bright. Esperava poder ao menos tomar um banho.

A paisagem inglesa conciliava o sono. Cary não concordava com os que a definiam como enfadonha. Claro, não tinha a variedade de um panorama de montanha e nem o toque romântico de uma costa a pique sobre o mar, mas querendo, era possível encontrar um encanto também nos campos arados, casas rústicas e fileiras de árvores. Respirava-se a possibilidade de qualquer acontecimento, especialmente quando descia a neblina, como a fumaça de gelo seco que os mágicos usam para tornar mais espetaculares as suas apresentações. Da cartola poderia sair todo tipo de situação, incluindo o encontro secreto entre o famoso ator de Hollywood e um chefe da inteligência inglesa interessado em um filme sobre o marechal Tito.

Foi acordado pelo ruído do carro dando seta e viu o focinho do Bentley se dirigir para um portão metálico e entrar no terreno de uma pequena mansão de estilo vitoriano.

Um vento mortal varria o campo, investindo contra as portas do carro e contra o chapéu, que Cary quase lhe entregou, para simular um acidente e se livrar dele.

Levantou a gola do casaco e seguiu o motorista para os fundos da casa. A porta principal estava trancada.

Atravessaram alguns cômodos de onde não se filtrava o mínimo raio de luz, até que o motorista abriu uma porta e, permanecendo na soleira, empertigado, anunciou o hóspede.

— Mr. Kaplan chegou, sir Charles.

Cary deu alguns passos. O cômodo era mobiliado com muito bom gosto e estava impregnado de um cheiro agradável de madeira e tabaco. Um homem que devia ser sir Tilston Bright veio ao seu encontro, estendendo-lhe a mão. Cary o examinou e teve que admitir que o homem tinha um certo estilo. Andar desenvolvido, sorriso sincero, olhos claros e profundos, vestia uma roupa clássica de fim de semana no campo, sem abrir mão de um lenço de pescoço que sobressaía elegante do pulôver.

— Bem-vindo a Wilford, Mr. Grant. E também à Inglaterra. Estava fora há muito tempo?

— Desde a última vez que visitei minha mãe — cortou logo Cary. Não estava com disposição para comentários nostálgicos sobre a velha ilha. Discursos de coronéis aposentados.

Enquanto se acomodavam nos pequenos sofás, sir Charles apenas tossiu:

— Desculpe, mas não revelamos ao motorista a sua identidade. A não ser eu e meus colaboradores mais próximos, todos acreditam estar lidando com George Kaplan, um agente voltando dos Estados Unidos com notícias importantes a relatar.

— Precaução justa — respondeu Cary — e meus cumprimentos pela sua casa, sir Charles, encantadora mesmo. Ainda

que, para ser sincero, depois de dez horas naquele avião infernal, eu acharia até uma garagem acolhedora.

Sir Charles riu alto, talvez pelo embaraço, talvez por não estar habituado com esse tipo de humor.

— Obrigado, Mr. Grant, a casa pertence à minha família há mais de cem anos e eu me esforço para mantê-la acolhedora. Agora deixo ao senhor a escolha: imagino que esteja cansado da viagem. Se quiser subir para o quarto, é só pedir, ou então podemos discutir logo o que nos interessa e deixar o descanso para mais tarde.

Cary observou mais um pouco o homem diante dele. Passou a mão no queixo áspero e afrouxou o nó da gravata. Melhor saber logo qual seria o seu infortúnio desta vez.

— Já que estamos aqui, sir Charles, prefiro esclarecer os detalhes da viagem. Depois que souber, ficará mais fácil dormir.

O outro colocou três dedos de *scotch* em dois finos copos e ofereceu um ao ator.

— Bom, Mr. Grant — disse depois, cheirando a bebida. — Sei que o senhor quer visitar a sua mãe em Bristol, mas imagino que haja outros desejos seus que eu desconheço. Vamos fazer o seguinte, então. Antes vou lhe expor os detalhes da viagem, depois veremos como satisfazer seus pedidos.

Com um sinal da cabeça, Cary o convidou a prosseguir.

— Quanto à visita à sua mãe, é preciso muito cuidado. O senhor é muito conhecido em Bristol, sua mãe também, e os jornalistas locais estão sempre à procura de notícias.

— Quanto a isso — interrompeu Cary — gostaria de tranquilizá-lo. Para evitar assédios, estabeleci um acordo com a imprensa local. Eles me deixam em paz e eu, em troca, antes de voltar para a América convoco sempre os jornalistas interessados. Naturalmente não é minha intenção fazer isso desta vez, mas a casa da minha mãe não será cercada por fotógrafos.

— Isso facilita tudo, Mr. Grant. Tínhamos pensado em organizar o encontro em um hotel, mas pelo visto não será necessário.

— Por favor: a minha mãe não suportaria se encontrar comigo em lugar estranho, ficaria nervosa ao extremo.

Sir Charles reacendeu o cachimbo com longas pitadas e ofereceu um charuto a Cary. A distância de Betsie se fez sentir imediatamente. O ex-fumante de três maços ao dia, que tinha parado com a ajuda da esposa, cedeu logo à tentação. Na língua o gosto forte do charuto casou com o aroma da bebida.

— Infelizmente não teremos como evitar a viagem de carro até Bristol. Não podemos utilizar o aeroporto civil, e o militar não é muito perto. O senhor pensa ser possível pedir à sua mãe que não fale com ninguém sobre sua visita, sem explicar muitos detalhes?

— Não acho que será um problema. Se eu começasse a falar do marechal Tito e dos interesses anglo-americanos na Iugoslávia, ela mandaria parar depois das primeiras três palavras. Vou encontrar uma forma de satisfazer a curiosidade dela sem revelar nada sobre a missão.

— Bom — sorriu sir Charles com entusiasmo. — Muito bom. Vamos ao resto, então. O importante, Mr. Grant, é que o senhor chegue a Trieste no fim do mês. Com isso assegurado, poderá organizar o seu tempo como quiser, contanto que nos informe sempre dos seus programas e evite lugares e transportes públicos. Nos próximos dias, será instruído sobre os detalhes da missão. Partirá para Trieste do mesmo aeroporto em que aterrissou esta manhã. Chegando lá, será escoltado por um carro até a fronteira, onde estará à sua espera um dos nossos funcionários que o acompanhará até Dubrovnik. De lá, os iugoslavos o conduzirão à residência secreta de Tito, sobre a qual não sei muito: um lugar agradável, certamente uma ilha, no sul do país. Obviamente um dos nossos agentes ficará sempre com o senhor, o nosso melhor homem, o qual conhecerá amanhã. Isso é tudo.

— Está bem, sir Charles — respondeu Cary. — Se para o senhor não for problema, partiria com prazer para Bristol amanhã. Passaria a noite lá e voltaria para cá no dia seguinte.

Talvez Archie estivesse falando. Talvez fosse a proximidade com a aventura, com o desconhecido. Archie Leach, tão perto de casa, querendo sair.

— E agora — prosseguiu Cary ficando em pé — se não houver mais nada, gostaria mesmo de ir descansar.

Ofereceu a mão a sir Charles, que lhe retribuiu o aperto. O motorista, reaparecendo à porta, perguntou a Cary quais eram as malas que deveria descarregar.

Saíram, o vento estava mais calmo, mas em compensação começava a descer a neblina de sempre. Cary pediu para descarregar uma pequena valise, só o necessário para trocar de roupa. Depois se esticou para o banco da frente, onde tinha deixado a pasta de couro com o enredo de Hitch.

Enquanto se movimentava perto do painel, notou um livro estranho. Nove corações sangrando ao redor do título, em letras douradas sobre cartão marrom. *Casino Royale* de Ian Fleming. Pegou o livro e fechou a porta.

— É seu? — perguntou ao motorista.

— É, está interessado? Pode levar, acabei de ler enquanto estava à sua espera no aeroporto.

— Obrigado, não trouxe nada para ler, a não ser de trabalho. É um bom livro?

O motorista encolheu os ombros:

— Ele me deixou com raiva. Se a nossa vida fosse mesmo assim: belas mulheres, aventuras e brigas. E dizer que o autor é um dos nossos. Comandante do *Naval Intelligence Department*, está escrito aí atrás. De qualquer forma, pra passar o tempo...

Cary sorriu. O romance de um ex-agente secreto. A literatura mais adequada que poderia ter encontrado.

Capítulo 45

Viena, Setor Soviético, 25 de abril

Eu e o general Serov combatemos juntos, sabia disso, camarada Zhulianov? Leve a ele minhas saudações quando voltar para Moscou. Cigarro? À vontade.

O chefe do serviço secreto militar em Viena mantinha um tom gentil, de fachada, o suficiente para não passar uma má impressão.

Como responsável pelo setor oriental da cidade, devo dizer que não é aconselhável andar por aí. Aqui é como se ainda estivéssemos na frente de combate, há espiões por toda parte, com americanos sempre tentando se infiltrar. Para a sua segurança e sigilo da sua missão, é melhor que permaneça no hotel, camarada Zhulianov.

Percebeu logo que quando passava os olhares baixavam, para depois se transformarem em espiadas pelas costas. Todos o olhavam, mas era a sombra do general Serov que viam refletida na parede.

Farei com que não lhe falte nada. Para qualquer coisa que precisar, o meu atendente estará à sua disposição.

O hotel era um velho edifício *jugendstil* requisitado pelo exército. No andar em que estava hospedado, viviam os oficiais e o corpo diplomático.

Questão de segurança, camarada, como você pode entender.

Não podia censurar aquela cautela, mas ao mesmo tempo não se sentia à vontade, imaginava todos com os ouvidos colados à parede do quarto ao lado. E isso, talvez, não fosse tão diferente da realidade, porque o novo residente tinha marcado encontro em um café na Schwindsüchtigstrasse. Lembrou do que o professor da Escola Especial dizia: “Só os amigos têm orelhas maiores que os inimigos”.

Arrumou as poucas roupas no armário, trocou de camisa e desceu.

Encontrou o outro já sentado à espera dele. Apertaram as mãos. O outro se apresentou como Kaminsky. Pediram dois cafés.

Parecia um funcionário dos Correios. Gordinho, careca, óculos de armação grossa. Os agentes secretos eram assim. Naquela profissão, quanto menos você chama a atenção, melhor para todos. Zhulianov tinha conhecido alguns em Berlim. “Manchas comuns numa paisagem urbana”, assim os definia seu coronel. Existências pálidas, aparentemente inúteis, que nunca despertariam suspeitas. Nenhuma ligação sentimental, nenhuma relação além de atitudes de boa vizinhança, passeios no parque, jantares requentados e o armário cheio de enlatados.

Kaminsky falou em voz baixa, destacando as palavras e sem tirar os olhos da xícara fumegante.

— Fui incumbido de lhe entregar as ordens cifradas — passou por debaixo da mesa um envelope amarelo grande e lacrado. — Aí dentro estão também os novos documentos, uma passagem de trem e um cartão de embarque. Precisa chegar em Veneza de trem. De lá, embarcará como simples marinheiro no *Varna*, um navio mercantil búlgaro. Em Moscou lhe deram uma senha?

— Deram.

— Deverá usá-la só no momento do embarque, com o comandante do navio. Ele vai pedir, enquanto estiver lhe entregando o segundo envelope. Se outra pessoa fizer isso, qualquer outra, mate-a e considere a missão cancelada.

Disse isso com toda a calma, quase com indiferença.

— Está tudo claro?

Zhulianov concordou.

— Muito bem. O meu trabalho acaba aqui. Até logo e boa sorte.

Levantou, apertou-lhe a mão e se afastou em passadas curtas e rápidas.

Nem chegou a tocar no café.

Passou a noite fechado no quarto, estudando. Precisava decorar tudo: novo nome, data de nascimento, esboço da biografia, detalhes da viagem. Levou duas horas. No navio búlgaro, encontraria os outros componentes da missão: três exilados iugoslavos conhecedores da região. Uns durões que tinham fugido em 49 de Goli Otok, onde estavam presos por serem *cominformistas*. Estavam asilados na Bulgária e o Ministério os tinha admitido imediatamente. Para memorizar as biografias, precisou de outras duas horas. Os anos de treinamento na Escola Especial facilitaram a tarefa.

Ainda faltavam os detalhes da ação. Deviam estar com certeza no envelope que o comandante do navio lhe entregaria.

Reuniu toda a documentação e foi queimá-la na lareira, uma folha depois da outra.

Tirou a roupa, fez uma série de cinquenta flexões no tapete, e foi dormir.

Na manhã seguinte, enfrentaria uma longa viagem de trem.

Capítulo 46

Bristol, 25 de abril

A maior densidade de folículos pilosos por centímetro quadrado de rosto fica acima do lábio superior. A menor, na bochecha. O tipo de barba e a frequência com que é necessário raspá-la depende, em parte, de fatores antropométricos. Em termos mais simples, algumas raças são mais peludas que outras. Os caucasóides, vulgarmente chamados de “brancos”, são os que têm a barba mais cerrada. Neles, ela atinge a máxima densidade ao redor dos 35 anos.

Até onde o espectador pode se lembrar, Cary Grant nunca tinha exibido uma barba maior que um milímetro. Nos quase sessenta filmes que interpretou, aqueles em que aparecia não perfeitamente barbeado podiam ser contados nos dedos. Cada um coincidia com uma volta de Archie Leach e do seu dilacerante sarcasmo proletário. Traumas difíceis de administrar, enquanto estava ocupado em espionar os nazistas de Hollywood.

Em *E a Vida Continua*, de 1942, o caucasóide Grant — no auge da própria produção pilosa — interpretava Leopold Dilg, sindicalista vítima de uma farsa, injustamente acusado de homicídio, que fugiu e se escondeu na casa de um austero professor de direito.

E em *Apenas um Coração*, de 1944, praticamente uma sessão de auto-terapia. Choque frontal entre Cary e Archie, sob a direção de Clifford Odets. A história do desempregado *cockney* Ernie Mott, e

da amarga e tardia reconciliação com a mãe após anos de afastamento. (“Você amava o meu pai?”, “O amor não é para os pobres, meu filho. Não dá tempo.”)

E agora, na pouco risonha cidade de Bristol, escoltados por servidores de Sua Majestade de terno cinza, eram novamente dois.

Dois, porque é você, “Mr. Grant”, o forçado a se camuflar para que ninguém o reconheça, mas é você, Archibald Alexander Leach, o paradoxalmente livre das camuflagens, autorizado a respirar, é você que com a voz da mente vai cantarolando *Anything Goes*.

*The world has gone mad today,
And good's bad today,
And black's white today,
And day's night today...*

É você quem percorre as ruas da sua cidade natal, prestes a encontrar com Elsie.

Sua mãe.

Elsie, que continua a chamá-lo de “Archie”.

Elsie que falava sozinha, lavava as mãos centenas de vezes, tirava camadas e camadas de epiderme com uma escova dura, perguntava a todos e a ninguém onde estavam as sapatilhas de dança dela.

Elsie, que seu pai Elias internou em uma clínica psiquiátrica, sem que você soubesse. The Country Home for Mental Defectives, no decadente subúrbio de Fishponds, ponto final de uma linha de bonde de Bristol.

Você tinha 9 anos. “Ela foi à praia, em Weston-super-Mare, passar uns dias de férias.”

Quando você percebeu que ela não voltaria? Exatamente quando chegou à conclusão de que seus pais estavam separados, que sua mãe o tinha abandonado? ... *Archie?*

Elsie, uma única libra esterlina ao ano para mantê-la em um lugar imundo, sem higiene, com enfermeiras grosseiras.

Elsie, 21 libras no total, até a morte do marido e a carta enviada por um advogado inglês.

Elsie, viva, com 57 anos.

Dezembro de 1935.

Dores de cabeça, pesadelos, o fantasma do pai de vocês, procurando justificar-se, inábil. Maldito. Hálito fétido, vermes na garganta daquele que morreu de cirrose hepática. "Não pode pedir aos outros que sejam transparentes, Archie. Você também não é."

Fugir dos jornalistas. Poucos meses antes, no funeral do pai de vocês, chegaram às vias de fato com alguns repórteres. Depois, o encontro:

— Mãe. Estou aqui.

Ela se lembra de você de calças curtas, *Archie*.

Ela não conhece você, *Cary*. Não sabe que é um ator famoso. É preciso resumir vinte anos conturbados para uma morta viva.

"Archie, meu filho... É você mesmo? Sentiu falta da sua mãe?"

Uma pensão vitalícia. Dinheiro administrado pelo escritório Davies, Kirby & Karath de Londres. Uma casa só para Elsie, onde pudesse visitá-la. Mas nada de empregados:

— Posso muito bem cuidar disso sozinha, querido, não quero ninguém ao meu redor, dizendo o que devo fazer. Além disso, a atividade me mantém viva, querido.

E agora estão aqui, 1954, em Bristol, nos dias mais estranhos da vida de vocês, abrem as portas, e vêem a mulherzinha sentada no fundo do corredor. Ela reconhecerá vocês, sob aquela barba comprida um centímetro, enfiados nesse casacão cinza? Quando vocês tiram o chapéu (*Cary detesta os chapéus!*) o rosto da velha mãe se ilumina com a surpresa. Levanta com um leve impulso, ergue os braços e grita:

— Archie! Meu filho! Como estou feliz em vê-lo!

The world has gone mad today.

* * *

Poucas horas depois de se despedir da velha mãe, Cary — hospedado com o nome de “George Kaplan” em um pequeno hotel de Swindon, com os quartos dos seguranças no mesmo andar — tentava conciliar o sono lendo o romance daquele tal de Fleming. O protagonista era um agente secreto audacioso e arrogante, em missão na pequena cidade francesa Royale-les-eaux. O MI6 tinha colocado à disposição dele um orçamento em aberto: estratosféricas apostas no bacará, generosíssimas gorjetas distribuídas aos empregados do hotel, litros e litros de bebidas alcoólicas engolidos com *nonchalance*.

... Bond permaneceu imóvel por alguns instantes, contemplando a extensão de mar escuro além da janela, depois escondeu o maço de dinheiro sob o travesseiro da cama de solteiro, escovou os dentes, apagou a luz e enfiou-se tranqüilamente entre os ásperos lençóis franceses. Por uns dez minutos permaneceu virado sobre o lado esquerdo, pensando nos acontecimentos do dia. Depois mudou de posição e deixou os pensamentos vagarem na direção do túnel do sono.

Cary olhou ao redor: em seu quarto, papel de parede mal aplicado e amarelado. O ar tinha formado bolhas que distorciam aviões e mulherzinhas sorridentes. O travesseiro tinha um pequeno rasgo, quase invisível. De vez em quando, saía uma pena. A luz da lâmpada era demasiadamente fraca. A única janela dava para uma viela sem nada interessante. Lá fora, chovia.

O enredo girava em torno de espionagem e jogos de azar. A questão era investir contra um equívoco agente comunista, Le Chiffre, através de uma armadilha no cassino de Royale.

O café-da-manhã de Bond era sempre muito abundante... bebeu um grande copo de suco de laranja gelado, seguido de três ovos com presunto e duas boas xícaras de café preto sem açúcar. No fim acendeu o primeiro cigarro do dia, uma mistura de tabacos turcos e gregos especialmente preparada para ele pela Morland da Grosvenor Street...

Parágrafos inteiros de detalhes inúteis, para descrever um estilo de vida que Cary julgava excessivo, de elegância fingida: *O carro de Bond era seu único hobby pessoal... Era um dos últimos*

Bentley de um galão e um quarto, dotado de compressor Amherst Villiers... Era um enorme conversível — mas conversível mesmo — de cor cinza-escuro, que podia tranqüilamente atingir a velocidade de...

Cary fechou o livro, apagou a luz e “deixou vagar os pensamentos na direção do túnel do sono”.

Frances Farmer chegou às duas da manhã. Archie e Cary sonharam com ela trancada no manicômio de Fishponds, sendo estuprada por paramédicos americanos, cem por cento *rednecks*^[61], sem gritar, depois sozinha, os joelhos em uma poça de urina em que boiavam cusparadas e tocos de cigarro.

“Archie, meu filho... Sentiu falta da sua mãe?”

Como se fosse uma única voz, a multidão gritou: uma criança de 9 anos volta para casa e a mãe não está; um ator famoso reencontra a mãe depois de 21 anos de separação; um proletário inglês está aprisionado no corpo e no mito do homem mais elegante do mundo; um ex-ator despedaçado pelas dúvidas sobre o futuro; o sócio de um certo Jean-Jacques Bondurant; um caucasóide que sente saudade do invento de King C. Gillette; um agente secreto envolvido em uma bizarra aventura diplomática; um paranóico esquizofrênico perseguido por fantasmas; finalmente, um certo “George Kaplan”.

O pequeno hotel se encheu de vozes e confusão. Os seguranças, em mangas de camisa, escancararam a porta, mantendo-se fora do vão, jogaram-se ao chão do quarto apontando revólveres, depois viram que Cary estava (aparentemente) sozinho, levantaram-se, e um deles perguntou:

— Está tudo bem, Mr. Kaplan?

Cary, de pijama de seda azul-marinho, sobre o qual duas ou três penas brancas pousavam, barba de quase 3 centímetros, olhou para eles e respondeu:

— Sim... Foi só um pesadelo. Peço desculpas.

Quando se despediram, Cary se levantou, escovou o pijama, pegou agulha e linha do bolso do paletó e remendou o rasgo do travesseiro. Sentou-se na cama e abriu novamente o livro de

Fleming. O título do sexto capítulo era: "Dois homens de chapéu de palha".

Capítulo 47

Em vôo sobre o Mancha, 26 de abril

Os agentes comunistas eram descritos como perfeitos imbecis, incompetentes, de comportamento equívoco, reconhecíveis a 100 metros de distância.

James Bond anda pela calçada. Do outro lado da avenida arborizada, duas estranhas figuras apoiadas a um plátano, vestidas do mesmo jeito: terno escuro “de tecido pesado” (como seria possível não perceber um detalhe assim, a apenas 100 metros de distância?) e chapéu de palha com fita preta. Cada um dos dois tem uma máquina fotográfica a tiracolo, se bem que uma dentro de um estojo vermelho, e a outra em um estojo azul. Bond vai até eles perguntando a si mesmo de qual tipo de ataque terá que se defender. O Estojo Vermelho faz um sinal ao Estojo Azul, que tira a máquina para fora, dobra nos joelhos... e é estraçalhado por uma terrível explosão. O baque derruba Bond, as duas árvores mais próximas caem, as outras ganham só uns chamuscados nas copas. Ao redor, cheiro de “bode assado”. Das duas figuras só sobraram farrapos ensangüentados. Depois de alguns capítulos, a explicação: dois facínoras búlgaros. As instruções deles: do estojo azul teria saído uma cortina de fumaça, o vermelho era uma bomba a ser lançada contra Bond. Protegidos pela fumaça, os autores do atentado fugiriam sem problemas. Na verdade, *os dois* estojos eram

bombas, a finalidade era eliminar Bond com a certeza de não deixar testemunhas.

Incrédulo, coçando o pêlo espesso das bochechas, Cary tinha lido novamente todo o trecho em voz alta, com a escolta acompanhando atenta.

— Quem este Fleming está querendo enganar? Em primeiro lugar, não é verdade que na Europa Ocidental haja atentados materialmente executados por agentes soviéticos. Em segundo, uma dinâmica dessas é inverossímil; enfim, se cada operação do inimigo incluísse a eliminação dos executores, não existiria mais inimigo!

— Falou bem, além disso, os agentes soviéticos não são assim, e nem os dos serviços de Sua Majestade: esse Bond é um mulherengo e a conduta dele durante a missão é reprovável. Além disso, o MI6 nunca sobrecarregaria as finanças da Commonwealth com as despesas de uma missão tão extravagante, que se desenrola no mundo dos jogos de azar.

Chatos como um congresso de podólogos flamengos.

Isso tinha acontecido dentro do furgão que os levava para o pequeno aeroporto militar, do qual tinham decolado com destino ao Território Livre de Trieste.

No avião, Cary deixou de lado o romance e se concentrou nos dossiês.

Um compêndio da guerra de libertação iugoslava que se detinha, ao longo de muitas pastas, sobre a Quinta Ofensiva alemã contra o exército de Tito (cerco dos territórios libertados de Montenegro e da Herzegóvina, maio-junho de 1943).

As forças do Eixo enfileiram oito divisões com um total de 120 mil homens bem treinados, entre os quais grupos de artilharia e divisões couraçadas, mais uma esquadrilha de bombardeiros da Luftwaffe. Tito pode contar com quinze mil homens mal armados, exaustos e desnutridos, mais 4.500 feridos nos hospitais de campanha, muitos dos quais permanecem com ferimentos descobertos porque não há ataduras suficientes. Os *partigiani* — até os feridos — lutam desesperadamente, sempre no corpo-a-corpo, correndo com sapatos rasgados em íngremes trilhas de montanha. No fim, rompem as linhas com o que resta de duas divisões,

sacrificando quase dois terços do efetivo, incluindo alguns dos melhores oficiais.

A Quinta Ofensiva tinha falhado. Uma das páginas mais épicas e incríveis de toda a guerra. O fato de quererem descrever o episódio em um filme não surpreendia, mas Cary estava perplexo com o papel que lhe caberia interpretar.

O material falava em “participação de britânicos” no rompimento das linhas inimigas. Cary achou a tal “participação” pouco importante, pelo menos do ponto de vista militar. A missão inglesa era constituída de seis pessoas, entre as quais o major William Stuart e o major W. F. Deakin (só constavam as iniciais). Tinham descido de pára-quadras no quartel-general de Tito na noite entre 27 e 28 de maio.

À pergunta de Stuart “Onde é o campo de batalha?”, Tito havia respondido: “Onde houver alemães”. Stuart tinha rebatido: “E onde estão os alemães?”, e Tito, “Em todo lugar”.

Em 9 de junho, durante um bombardeio alemão, Stuart morreu e Deakin foi ferido no pé. Na mesma oportunidade, uma lasca de granada tinha ferido Tito no braço esquerdo e outra tinha matado o seu cão Lux.

Qual seria a proposta, que ele interpretasse Stuart ou Deakin? Nos dois casos, havia pouco caminho a percorrer, a menos que os roteiristas fantasiassem bastante. Quem sabe, talvez quisessem introduzir um personagem imaginário, para preencher e enfeitar a “participação britânica”. A idéia lhe pareceu sensata...

... Até chegar à longa ficha histórico-biográfica de Josip Broz, também conhecido como “Walter”, “Zagorac”, “Novak”, “Rudi”, “Kostanjsek”, “Slavko Babic”, “Spiridon Mekas” e, especialmente... Tito. Pseudônimos e nomes falsos adotados nos longos períodos de clandestinidade.

Junto com as setenta pastas, havia várias fotografias. Naquelas tiradas durante a guerra, Tito estava sempre de uniforme. Olhar firme, feições esculpidas no mármore. Empertigado, também em seu papel. De braço enfaixado.

Pensativo e fumando um cachimbo *Bent Army*, fino e encurvado. De óculos, estudando mapas topográficos. Em reunião

com seu estado-maior. Com Winston Churchill em Nápoles, em 1944. Com Stalin, no ano seguinte.

As fotos do pós-revolução eram muito diferentes: Tito era quase sempre retratado na paz das suas residências espalhadas pelo país.

Na ilha Brioni, junho de 1952: enquadrado de meio-busto. Terno claro (bege, talvez; linho, como era possível intuir) de gola estreita, muito provavelmente com dois botões. Camisa mais clara com *tab collar*, gravata de bolas grandes e nó apertado triangular (com certeza sem passante, porque usava um prendedor de gravata de metal). Na cabeça, um inconfundível panamá. Sorriso confiante, olhar satisfeito direto para a objetiva. Cigarro fumado com longa piteira. Lembrava um pouco um gângster, mas tinha um certo estilo.

O que dizia o documento: o líder do comunismo iugoslavo sentia orgulho por ter conseguido sozinho. Nunca teria autorizado estratégias narrativas que diminuíssem um décimo os méritos dele e dos seus soldados.

O que Cary pensou depois da leitura: Josip Broz lhe era simpático.

A conclusão dele depois de uma hora de livres associações: ele e Tito tinham muito em comum.

Primeiramente, o evidente interesse pelos assuntos de elegância e de costura. Segundo o dossiê, Tito tinha desenhado pessoalmente o uniforme do exército nacional iugoslavo. Existia uma anedota também: em 25 de maio de 1944, um pouco antes do desembarque na Normandia, o *Oberkommando* alemão tinha desferido o último ataque ao estado-maior de Tito, aquartelado em Drvar, na Bósnia. O estado-maior estava a salvo, mas os alemães tinham roubado um elegante uniforme confeccionado para Tito, a ser usado no dia da vitória. As altas patentes do Reich deviam saber do dandismo do arquiinimigo, a ponto de expor o uniforme como troféu de guerra em uma sala de Viena.

Além disso, os dois eram conhecidos pelo sotaque indefinível.

Cary nasceu em Bristol e passou a adolescência girando por toda a Inglaterra. Após o desembarque em Nova York (convivendo com gente de todo canto), rodou os Estados Unidos em longas

turnês teatrais e, finalmente, se mudou para Hollywood, no centro de uma comunidade multinacional de artistas desarraigados, refugiados, apátridas de espírito. Tudo isso antes de completar 30 anos. A cadência com que falava inglês era uma síntese de todas aquelas experiências.

Tito era doze anos mais velho e nativo da Croácia, mas foi oficial do exército austro-húngaro, na frente de batalha russa, e aprisionado em 1915. Depois da Revolução, passando para o lado dos bolcheviques, combateu contra o Exército Branco. Voltando à Croácia em 1920, desenvolveu atividade política clandestina. Entre 1928 e 1934, esteve preso. Passou os anos seguintes principalmente em Moscou, na época dos grandes “expurgos”, dos quais sobreviveu por sorte. Depois, a volta à Iugoslávia, a guerra de libertação e a tomada do poder. Portanto, falava uma estranha mistura de croata, sérvio e russo. Falava muito bem o alemão e se virava com o francês e o inglês.

Mas a característica que mais fascinava Cary era a constante tendência à independência pessoal, além da nacional. Nos dias da Quinta Ofensiva, quando o major Stuart anunciou que nenhum avião da RAF iria dar cobertura ao ataque, Tito respondeu: “Melhor assim. Vamos conseguir sozinhos, e depois da vitória não teremos dívidas com ninguém”. Em seguida, rompeu com Stalin e a União Soviética, provocando um verdadeiro cisma no campo comunista.

Cary, de sua parte, foi o primeiro ator *freelance* de Hollywood. Desde os anos 30 libertou-se dos todo-poderosos Estúdios. O primeiro ator que conseguiu ganhar dez por cento sobre os lucros. Cary discutia os contratos pessoalmente, mesmo tendo um agente e um advogado-administrador.

Pensava em tudo isso no banco traseiro de um carro da Câmara do GMA, enquanto a nova escolta (a substituição ocorreu depois da aterrissagem no minúsculo aeroporto) lhe mostrava a cidade de Trieste, única distração concedida antes de passar pela fronteira e encontrar um tal major Alexander Dyle. O pacote incluía uma ficha dele também, mas ele ainda não a tinha...

— Um momento, senhores! — exclamou Cary, lendo o seu nome em uma manchete de jornal. O jornal era o *Daily Telegraph*,

que o segurança sentado ao lado do motorista estava folheando.

— Alguma coisa errada, sir?

— O senhor pode me emprestar o jornal um minuto?

“Entrevista exclusiva com CARY GRANT: *Agora sou um homem feliz!*” era a manchete. Os vários subtítulos compunham essa mensagem: *Um ano depois do seu afastamento do cinema, dirigimos algumas perguntas ao mais famoso ator britânico do mundo — Em sua residência de Palm Springs: “Estou me dedicando à minha esposa” — Mas tem gente jurando: ele vai voltar logo às telas.*

Por algumas frações de segundo, Cary pensou no pior: Bondurant às voltas com um jornalista! Raymond e Betsy tinham permitido uma coisa dessas? Lendo, percebeu que o artigo e a tal de “entrevista exclusiva” eram uma colagem de velhas declarações, com repetição de incorreções que na época haviam sido retificadas. O cronista, um tal Paul Moorish, não tinha ido à casa dele (não a descrevia) nem tinha encontrado o sócia. Uma façanha que cheirava a MI6 da primeira à última linha. Tinha até uma foto...

— Por favor! Quero entrar imediatamente em contato com seus superiores! — explodiu ao constatar que a foto era de Bondurant, sorriso solícito e gravata errada.

Uma gravata *regimental!* Não se deve *nunca* usar gravatas de tipo *regimental*, a menos que se pertença ao clube ou à instituição “declarados” por aquelas cores. A foto era em preto e branco, mas a gravata parecia uma Royal Pioneer Corps. Típica gafe de ianques simplórios. Em um diário inglês. A cara “dele”!

Foi assim que, por um tempo, Cary parou de pensar em Tito e se dedicou a repreender por telefone os servidores de Sua Majestade, subindo a escala hierárquica em pulos de três degraus, até chegar a sir Lewis em pessoa e ameaçou abandonar a missão se acontecesse outro rebaixamento de estilo daquele tipo.

Capítulo 48

Bolonha, Villa Azzurra, 26 de abril

Lá fora chove há horas.

Ele gosta demais do cheiro de grama molhada e de barro e de ar úmido e do asfalto que brilha onde é mais liso e você pode se espelhar. Gosta demais: as pessoas passam com o guarda-chuva baixo como vampiros, a água escorre pela calha e a luz dos lampiões goteja na rua.

Ele gostaria de se levantar, agora, abrir a janela, deixar entrar todo aquele cheiro gostoso e empurrar para fora o lisofórmio, bah!, terrível, você cheira duas gotas e parece que tem 2 litros dentro do estômago.

Além disso, o lisofórmio faz lembrar de coisas ruins, aquelas em que você nunca deveria pensar, não, é melhor não pensar, vamos, vamos dar uma volta. Isso, isso, uma volta. Você quer um cigarro? É porque quando você era criança a mamãe — que já se foi — jogava o lisofórmio lá dentro do buraco, para afogar o monstro que pula pra fora e vem morder o seu pintinho. Morra, bicho feio e malvado!

Precisaria mesmo abrir a janela, para jogar os monstros para fora. Mas, desculpe, se o lisofórmio derrete os monstros, então não é possível que estejam aqui, no quarto do lisofórmio, de jeito nenhum. E então, onde estão? Bom, deixe pra lá, tem monstros aqui

dentro, melhor não falar nisso.

Você gostaria de levantar, mas não pode. Por que não? É, você sabe que quando fica agitado tem que ficar na cama. Mas não aconteceu nada, não é? Diga, diga: não aconteceu nada. Nããã, o que poderia ter acontecido! Está um pouco agitado, só isso, de vez em quando acontece, agora ele vai tomar este remédio especial e pronto.

Ele de vez em quando fica agitado, sabe? Mas nunca tinha quebrado o nariz de um enfermeiro. Você acha? Desde que suspenderam o remédio dele, não fica mais tão tranqüilo.

Pode quebrar o nariz de um enfermeiro? Pode tomar café de noite? O que me diz um amigo se eu tiro o lanche dele? O que acontece que tenho esses impulsos? Dê um exemplo. Bom, você sabe que não pode tirar o lanche do Giorgio, você sabe.

Quer um cigarro?

A gente não tira o lanche dos outros. Não mesmo. De noite a gente dorme, não levanta e não vai até a cozinha para fazer café que, aliás, lhe faz muito mal. Não pode dar cigarros ao Davide, aos outros pode, mas ao Davide não, de jeito nenhum. Muita água fria faz mal e, se você vai tomar mais e tão depressa, eu não lhe dou nunca mais. Aqui tem regras, você sabe.

Está bem, as regras, não aconteceu nada. Mas agora vocês me deixam levantar que eu mando os monstros embora?

O enfermeiro caminhava rapidamente, incitado pela batida nervosa dos saltos atrás dele.

Depois de 45 minutos de conversa com o substituto do marido, Angela não estava nem um pouco tranqüila, e muito menos satisfeita com o relatório sintético que a forçaram a engolir:

— Foi de repente, não esperávamos mesmo, até anteontem estava tudo muito bem...

Teria gostado de falar com Marco, que conhecia Fefe havia muito tempo e entendia suas reações mais que qualquer outro. Mas Marco estava de licença nupcial e só voltaria depois de uma semana.

Enquanto avançavam pelo corredor, Angela procurava assumir uma calma impossível, unhas fincadas no couro da bolsa, lisofórmio respirado em grande quantidade.

Ferruccio estava em um quarto diferente, no terceiro andar, um quarto só para ele. Angela sabia o que isso significava. Odoacre, por telefone, de Roma tinha avisado para evitar surpresas desagradáveis. “É só por hoje, eles me asseguraram. Acima de tudo, é para evitar que ele se machuque...”

Odoacre é quem tinha dado a notícia. O fato de o terem avisado antes a deixou irritada, sentia-se uma inútil. Tudo bem, ele era o médico responsável pela clínica, acompanhava pessoalmente a terapia de Ferruccio, era o chefe da família e todo o resto, mas que diabo, a irmã tem o direito de saber antes, não é?

Por isso, quando o marido tinha prometido voltar para casa naquela mesma noite, largando o congresso e os ilustres colegas, Angela teve um impulso de orgulho:

— Pode ficar em Roma — tinha insistido —, você não precisa se incomodar, sou bem capaz de cuidar do meu irmão sozinha.

Depois, tinha repensado. Conhecia Odoacre, sabia quanto se preocupava com o trabalho e Fefe não estava tão mal assim. Se queria voltar, era para ficar ao lado dela. Seria por ela, não por Ferruccio.

— Bom dia, senhora Montroni. Entre, entre.

O velho servente espremeu o pano de chão que depois jogou no balde, e fez uma leve reverência.

— Bom dia, Sante — respondeu Angela em tom distraído.

— Soube do seu irmão e sinto muito, viu?

— Bem, vamos esperar que seja uma coisa passageira. — Angela odiava essas conversas cerimoniais, mas Sante era sempre gentil com Fefe, sempre disponível e paciente, e o interesse era sincero.

— Tomara que sim, já faz algum tempo que ele anda esquisito, imagine que segunda-feira ele não trouxe cigarros.

— Então devia estar mesmo em crise! — tentou brincar Angela, mas não se saiu muito bem.

Logo antes da última porta, o enfermeiro se virou para ela:

— Senhora... — disse em tom compadecido.

Angela fez que sim com a cabeça, um sinal exagerado, insistente, para não ouvir o resto:

— Pode deixar, obrigada, conheço o procedimento. — Depois escondeu o rosto com as mãos, porque “conhecer o procedimento” não lhe oferecia conforto algum.

A porta se abriu. Ferruccio estava deitado na cama, o olhar parado, o cobertor bem estendido. Mal dava para ver as três correias: no peito, na cintura e nas canelas. Angela se esforçou para não pensar naquilo, para tirar da mente as más recordações e ir ao encontro dele com um sorriso.

— Olá, Fefe, trouxe bombas de creme.

— Bom. Mas você pode abrir um pouco aquela janela? Os monstros precisam sair.

— Que monstros, Fefe?

— Ah, deixa pra lá, ele tem os monstros aqui dentro, sabe? Melhor deixar pra lá.

Falava sempre em terceira pessoa de si mesmo, quando não estava bem, e repetia feito papagaio as frases que tinha ouvido a respeito dele. Angela cheirou o ar e entendeu logo o que estava incomodando.

— Você não sente frio, com a janela aberta?

— Não, não! — gritou Ferruccio enquanto concentrava todas as forças do corpo para sacudir a cabeça. — Que frio, que nada. Vamos abrir, vamos abrir.

— Está bem — concordou Angela, enquanto atravessava o quarto recém-limpo para chegar à janela.

— Não aconteceu nada, não? — perguntou Ferruccio e, sem esperar pela resposta, prosseguiu: — Não, imagine, nada mesmo! Está só um pouco agitado, de vez em quando acontece, mas o nariz de um enfermeiro... você acha? Desde que suspenderam aquele remédio ele não fica mais tão tranqüilo. De jeito nenhum.

O saquinho da doceira estava intacto no criado-mudo.

— Fefe, não vai comer a bomba? Comprei pra você! — Ferruccio virou para olhá-la, Angela chamou a si própria de cretina mil vezes, enquanto se aproximava da cama para colocá-la na boca

dele.

— Vá devagar, certo? Não tão depressa!

— O que diz o Marco quando como muito depressa? Eh, Ferruccio, assim não está bom, você vai inchar, se não parar com isso, eu vou tirar de você.

Apesar da regra, Fefe devorou a bomba com três dentadas.

Angela olhou para o relógio. Quase meio-dia. Resolveu ficar mais cinco minutos. Ferruccio não podia se cansar muito.

No táxi, procurou segurar as lágrimas. Mas não podia impedir que os pensamentos se contorcessem em sua cabeça como serpentes. Esforçou-se de novo, um longo suspiro. Abraçar Pierre teria sido bom, até falar com ele por telefone. Pro inferno ele e o capricho de ir à Iugoslávia, de procurar o pai, de ver o mundo! Teriam sido os famosos “quinze dias sem o Odoacre”. Quinze dias só para eles. Agora, com a recaída de Ferruccio, Pierre poderia estar ao lado dela. Mas teria começado a reclamar contra a má sorte, teria blasfemado contra a incapacidade de fazer alguma coisa, a pobreza, o caso deles sem futuro. Não, pensando bem, Pierre não teria ajudado muito, a não ser para aliviar em uma noite a tristeza que carregava por dentro.

Percebeu que pensava nele como em uma criança. Era fascinante, lindo, lembrava ainda da primeira vez em que seus olhares se cruzaram, no salão de baile. Ele tinha aquele sorriso apenas esboçado, de astro de cinema, a mão enfiada no bolso da calça, o topete cheio de brilhantina que ondulava enquanto rodopiava na pista. O Rei da *Filuzzi*. De repente achou tudo ridículo. Inútil.

O buraco negro dos pensamentos se tornou um turbilhão. Sentiu-se envelhecida, como se tivesse vivido em dobro. Era a mãe de Ferruccio, sem dúvida. Era a mãe de Pierre, órfão também, à caça de aventuras para mostrar-se à altura de um pai misterioso. Talvez fosse mais velha que Odoacre também, que não tinha conhecido a fome e a miséria, que não tinha criado um irmão louco,

sem um tostão, sem nada. Por isso ele a tinha tirado da rua, dando-lhe de presente um futuro decente. Arrependeu-se logo de ter pensado uma coisa assim. Odoacre tinha saído do congresso e estava voltando para ficar ao lado dela. Ele a amava de verdade, e ela o traía. Sentiu-se mal, o remorso apertou o seu estômago, um arrepio a sacudiu. Com o fôlego que restava, pediu ao motorista que parasse. Abriu a porta e vomitou no asfalto.

Capítulo 49

Entre Trieste e Dubrovnik, 28 de abril

Na altura de Jablanac, Cary teve a certeza: o major Dyle era um cretino.

Claro, pelo que o dossiê do MI6 dizia dele, não dava para formar uma boa impressão. Só um cretino importante poderia segurar um currículo daqueles sem afundar. Mas depois apareceram outros fatores, em primeiro lugar a roupa, depois a pronúncia afetada de milordinho, que conseguia estreitando a boca até se parecer com cu de galinha e um grande esforço da faringe. Insuportável.

Por outro lado, a culpa não era toda do major se, naqueles dias de abril, Cary estava meio de saco cheio. Ele tinha partido esperando que Archibald Leach e Frances Farmer o deixassem em paz por uns tempos.

Mas, em surdina, algumas chateações já estavam se formando.

Só no trajeto de Trieste até a fronteira, o carro colocado à disposição pelo GMA teve pneu furado, quase atropelou um ciclista e evitou por milagre uma batida de frente com um caminhão. Nas desordenadas estradas italianas, Cary descobriu, aos 50 anos, que ler no carro lhe dava enjôo. Tinha revirado as tripas em um riacho fedido, sem conseguir salvar os sapatos do barro e do vômito.

Naquele exato momento, ficou definitivamente de saco cheio.

Tinha começado a leitura do dossiê Dyle um dia antes, na calma acolhedora de um café triestino, diante de uma xícara de chá preto fumegante. Ele os tinha convencido a deixá-lo sozinho por algumas horas, o tempo de dar uma volta, que ficassem tranqüilos, desarrumado daquele jeito ninguém o reconheceria. Concordaram em vigiá-lo discretamente à distância. Afastados, mas não muito. Os espelhos refinados devolviam nítida a imagem dos dois ingleses encarregados de acompanhá-lo em todo lugar, ocupados bebendo cerveja às três da tarde.

Em 1947, ao tempo de uma insurreição comunista lá pela Grécia, o major Alexander Dyle se empenhou em obter do Marechal Tito o fechamento da fronteira macedônica. Nenhum comunista devia escapar da repressão. Uma matança, fuzilamentos em massa a mando de Churchill. O tipo de solução que Cary considerava deprimente. Não precisava ser comunista para julgá-la uma bestialidade. Quando você venceu, venceu, não precisa tripudiar. Como é que diziam os antigos romanos? *Est modus in rebus*, ou alguma coisa assim.

Tinha degustado o chá Assam Blend, decidido a expor aquele parecer ao major em pessoa, assim que o encontrasse pela frente. E o encontrou no dia seguinte, na fronteira entre a Zona A e B do Território Livre de Trieste. O major Dyle, funcionário britânico em solo iugoslavo, veio receber Cary para conduzi-lo a Dubrovnik.

Tinha na cabeça um velho *headcoat* de dar pena, viseira na frente e atrás, tecido tweed cinza-rato.

Tinha bigodes ridículos.

Fumava com afetação um cachimbo encurvado feito saxofone.

Falou durante dez minutos seguidos sem parar e depois, com pausas mínimas, por outras três horas.

Cary não era um perito em fisionomias. Afirmar que os traços do rosto podem revelar o caráter de uma pessoa lhe parecia hipótese exagerada, afirmada por muitos idiotas com cara de idiota e desmentida por demasiados delinqüentes com jeito de *gentlemen*. Ele tinha, no entanto, uma técnica para reconhecer os imbecis. Mais que uma técnica, um sexto sentido. Infalível. Baseado em um

conceito um pouco ampliado de “aspecto exterior”, ou seja, que não se limitava ao rosto, mas incluía o modo de falar, a escolha da roupa, o inflamar-se. Só por consideração ao próximo, evitava atribuir ao diagnóstico cem por cento de probabilidade.

Com Dyle, ele deixou por setenta.

As informações do dossiê acrescentavam vinte pontos percentuais.

Cento e cinquenta quilômetros, 180 minutos e milhares de palavras foram mais que suficientes para os outros dez.

A enésima confirmação. Um cretino.

Por sorte, graças àquele talento, Cary intuiu imediatamente o terrível erro que teria cometido se tocasse no assunto dos comunistas gregos, Tito, e o estilo dos vencedores.

No quilômetro 160, depois de passar por Jablanac, Cary fingiu ter adormecido, mas o estratagema, infantil demais, não serviu para calar o major. Só desviou o fluxo da logorréia na direção do motorista, vítima inocente de retumbantes avaliações de política internacional.

Enquanto isso, Grant estava com o saco mais cheio do que nunca.

Cary pensou com tristeza nos cursos de meditação aconselhados por Betsy, nos quais nunca passou da aula de teste. Mesmo sem conseguir dormir, teria fechado os olhos, respirado profundamente, relaxado os membros. E, dirigindo o olho da mente para um ponto acima do lábio, onde o ar que sai do nariz encosta na pele, teria evitado de se afogar naquela torrente lamacenta de besteiras que saíam da boca do major.

Aquela zona do corpo, logo acima do lábio, ponto de encontro *et cetera*, estava no momento coberta de cerdas incômodas. Raymond tinha ousado propor-lhe uma barba postiça (“Mr. Raymond, deixei de ser um saltimbanco há trinta anos e não tenho a intenção de recomeçar agora”).

Teria dado todo o dinheiro que tinha na carteira para conseguir se concentrar no meio da confusão.

Por reflexo condicionado, Cary esticou a mão sonâmbula para apalpar o capote, no lugar do bolso onde...

Vazio. Nenhuma confortável protuberância.

A mão foi aos pulos na direção do outro bolso e procurou. Os dedos agarraram um pedaço de papel.

Cary arregalou os olhos com um sobressalto e abriu a folha diante do nariz.

O major Dyle parou de falar.

Cary virou a folha para ler. Uma língua incompreensível. Italiano. Um título grande, no meio, letras de forma. Depois, uma linha debaixo da outra, alguma coisa como os versos de uma poesia, alguns garranchos, palavras apagadas por um risco de caneta.

— O que acontece, Mr. Kaplan? O senhor parece transtornado.

— Estou, major. Ao que parece, este *não* é o meu capote.

— Não é o seu? — exclamou Dyle, com uma interpretação muito além do nível de bobo alegre. — E de quem é, então?

— Não tenho idéia. Este papel significa alguma coisa?

O major colocou um *pince-nez* e se concentrou na letra esvoaçante. Era daqueles que acentuam qualquer reação, como comediantes de segunda categoria. Se a situação exigisse espanto, Dyle era o homem mais espantado do mundo; se fosse necessária concentração, as rugas da testa formariam logo cinco ou seis lombadas; se precisasse ser afável, a única forma de desativar o sorriso satisfeito seria fazê-lo engolir os dentes.

— Poderíamos afirmar que é italiano — disse depois de um longo esforço. — O título diz: “Povera Patria”, Pobre Pátria. Isso sugere alguma coisa?

— Sugere que alguém deve ter trocado o meu capote com o dele, e isso aconteceu em Trieste, naquele café do centro, como se chamava?

Cary se lembrava muito bem de ter entrado no lugar, pedido o chá e pagado imediatamente, claro, e que o garçom tinha tirado o capote da cadeira, onde estava pendurado, para colocá-lo no cabide. Depois? Depois nada, não usou mais a carteira: nenhum outro pagamento e tinha passado pelas alfândegas no carro do corpo diplomático.

— Pare no primeiro povoado, Howard — ordenou o major Dyle —, e procure um telefone.

Depois se dirigiu a Cary, sempre o chamando de Kaplan, por causa do motorista:

— Poderia descrever o seu capote, Mr. Kaplan?

Cary franziu os lábios:

— O meu capote é i-dên-ti-co a este, major, a troca ocorreu exatamente por causa da semelhança, não acha?

— Oh, claro, Mr. Kaplan, elementar. — O Sherlock Holmes resmungou alguma coisa, depois retomou: — E a sua carteira? Pode descrever? Lembra o que continha?

— Uma simples carteira de couro, comprida e chata. Dentro: o passaporte, duas notas de cem dólares, alguns trocados em liras, e... não me lembro de mais nada, major.

— Bom, mister Kaplan, pode esquecer o incidente. Com a ajuda dos nossos agentes em Trieste, será como se nunca tivesse perdido aquela carteira. E sabe, não digo isso por orgulho nacional ou para tranquilizá-lo inutilmente, veja...

— O senhor me passaria aquele papel? — perguntou Cary bem em tempo. Se o deixasse entrar naquele terreno, seria o fim, pelo menos meia hora de falação sobre a eficiência dos agentes de Sua Majestade. Além disso, ele tinha percebido alguma coisa. No verso, alguém tinha reproduzido uma assinatura dezenas de vezes. A caligrafia parecia a mesma do poema. As assinaturas eram quase idênticas, com pequenas variações aqui e ali, como se fosse um ensaio.

Cary apertou os olhos e tentou decifrar a conjectura. Depois pediu confirmação.

— Este é um dado interessante, major. Seus amigos vão gostar de ter um nome logo de saída, não é? O que o senhor lê?

Dyle observou a folha como se fosse a Pedra de Roseta^[62].

— Hum, vejamos, Carlo... Carlo Alberto Rizzi, eu diria, é, isso mesmo, Carlo Alberto Rizzi. Sem dúvida. As coisas estão melhorando, Mr. Kaplan. Até a noite teremos a carteira.

Enquanto isso, o poeta triestino Carlo Alberto Rizzi procurava

inutilmente um poema patriótico nos bolsos do capote, encontrando em seu lugar uma carteira de couro, duzentos dólares e o passaporte inglês do senhor George Kaplan.

Capítulo 50

Porto de Bar, Montenegro, 28 de abril

Uma mistura de peixe, diesel e suor. O cheiro dos portos. Tinha crescido nesse meio desde que conseguira andar pelas docas, para tirar alguns centavos dos carregadores e ouvir aquelas mentiras fantásticas dos marinheiros. Cheiro de homens truculentos e fanfarrões, barcos pesqueiros, moluscos incrustados nos pilares da ponte. O mesmo de quando trepou pela primeira vez, com a puta mais jovem que pôde conseguir. E o cheiro estava lá também, enquanto ancorava os pés no meio daqueles cristos, surdo às súplicas e às promessas de todas as riquezas do mundo.

Desceu do navio com náusea. Não era enjôo pelo mar, era nojo dos infinitos serviços de merda que tinha prestado na vida. De descobrir que o melhor trabalho dele era o de acertar as contas deixadas por outros, em troca de um bom pagamento, um terno limpo e uma gravata combinando. Uma volta pelas refinarias sicilianas tinha sido o bastante para remexer o rancor na barriga: agora era a vez de uma portinhola piolhenta, freqüentada pela pior bosta que o buraco do cu do mundo pudesse cagar na terra. Um outro trabalho para Steve Cimento.

Só uma coisa o mantinha lúcido: a determinação. Um último carregamento e estaria feito. Toni o lionês o esperava em Cannes, para negociar a droga *dele*.

Encaminhando-se para os três vultos no fundo do cais, lembrou das palavras de Luciano: “Preste atenção, Steve, faça tudo como das outras vezes. E se tentarem baixar o preço, mande-os tomar no cu junto com as mães deles. *And take care, ok?*”

O rosto dos três era uma coleção completa daquilo que uma arma branca pode produzir em um rosto humano. Só os bigodes pendentes escondiam em parte o estrago. Vestiam casacos fedidos e gorros de marinheiro de lã podre. Emanavam *aquele cheiro*.

Parou diante deles, encarando-os sem piscar.

— Bulatovic.

O do meio fez o sinal de acompanhá-los. Zollo foi atrás deles.

Levaram-no até uma taverna de onde saíam música e risadas. Dentro, uns trinta homens, no canto do fundo um velho arranhava um acordeão. Alguns freqüentadores eram militares, barbas compridas e uniformes desabotoados por causa do calor. A fumaça de cigarros e narguilé criava uma densa névoa, além da qual Zollo entreviu aquele que deveria ser seu homem. Nas viagens anteriores tinha tratado com intermediários, mas desta vez o lote de heroína era muito grande: o chefe em pessoa tinha decidido recebê-lo.

Mikhail Mehmet Bulatovic estava sentado a uma das mesas enfumaçadas. Dois brutamontes estavam em pé atrás dele. Em comparação, os três sujeitos de antes eram *simpáticos*.

Bulatovic usava um terno fora de moda havia mais ou menos vinte anos e estava mal barbeado, como se a pele dura tivesse oferecido muita resistência à lâmina. O tipo de gente que Zollo detestava profundamente. Um caipira megalomaniaco que se considerava o Czar de todas as Rússias, só porque mantinha alguns oficiais no bolso e comercializava droga chefiando um bando de cortadores de garganta. Nenhuma regra.

Era gente assim que movia a roda do narcotráfico mundial. Dezenas, talvez centenas de pequenos césaes provincianos em busca de dinheiro e glória. Reprimiu a vontade de cuspir.

Bulatovic o convidou a se sentar diante dele. Olhos de assassino, cinzentos e inexpressivos. Zollo já tinha visto muitos assim. Apertou a mão áspera e se acomodou. Ofereceram aguardente, ele deu apenas uma bicada.

Um dos fulanos do porto disse:

— Mikhail no fala taliano, diz que é língua de fascista. Eu sim, fiz guerra contra *talianos*. Você fala, eu traduzir.

— Quero saber onde devo retirar a mercadoria e fazer o pagamento.

A tradução foi rápida.

Bulatovic pronunciou algumas palavras.

— Diz depois de amanhã em Dubrovnik. No porto. Você controla mercadoria, depois paga.

Zollo concordou.

— Diz também que você muito perigo aqui. Mikhail tem muito inimigo, gente que quer pôr as mãos em seus negócios. Entende? Ele precisa manter todos no lugar. Gasta dinheiro pra pagar soldados e pra defender vida de você. Se ele não controla tudo, inimigos dele te matam pra estragar negócios dele.

A mesma merda de história de sempre. O rei pastor tinha se adiantado só para esticar a corda.

Zollo levantou.

— Diga que o preço é o mesmo das outras vezes. Quanto à minha pele, pode deixar que eu me cuido. Ok.

O sujeito traduziu e Bulatovic ficou olhando para ele por alguns segundos, como se estivesse avaliando alguma coisa.

Zollo se sentiu como um soldado norte-americano que defende o escalpo dos índios.

Virou nos calcanhares, mesmo não gostando da idéia de dar as costas para aquela gente. Antes de sair, cuspiu no chão.

Enquanto rumava para o navio, ficou se perguntando em quanto tempo começariam a segui-lo. A porta da taberna bateu atrás dele.

Aí vêm eles.

Parou e acendeu um cigarro com toda a calma.

Eram os dois guarda-costas.

Ficou observando enquanto se aproximavam, fumando.

Empunhavam umas Luger 45. Ferragens boas para limar.

Não gostava de provas de força. Eram apenas gestos retóricos para ver quem tinha mais colhões. Mas aquela gente era assim,

falava uma língua antiga.

Tirou a Smith & Wesson com silenciador e acertou os dois no joelho esquerdo, antes que tivessem tempo de fazer pontaria.

O resto ele fez a pontapés e com o canivete que trazia no bolso.

Quando voltou à taverna, tinha o paletó amarrotado e uma mancha de sangue na manga. Bulatovic e o intérprete ficaram paralisados à mesa, da mesma cor, como se fizessem parte de uma única escultura em madeira.

Zollo se aproximou com a mesma expressão de quando tinha saído.

O traficante ouviu um *pluf* dentro do copo que estava à sua frente.

Enquanto a aguardente ia ficando vermelha, viu duas orelhas boiando.

Zollo murmurou:

— Agora você sabe quem é o pior de nós dois.

Dirigiu-se ao intérprete:

— A gente se vê em Dubrovnik.

Desta vez saiu olhando para trás.

Capítulo 51

Mljet, 29 de abril

Aconteceu cinco anos atrás. Kardeli, que naquela noite tinha jantado comigo, sustentava a necessidade de definir os termos da teoria leninista na Iugoslávia e rechaçar as acusações de trotskismo vindas de Moscou. Do fundo do corredor o espelho nos espionava, os *doppelgänger* seguiam nossos movimentos, talvez prontos para nos reprimir. E aqui estamos, bem nutridos e arrumados, tão diferentes dos dias da *konspiracija*. Era só a vaidade que indicava a opção que nos entregaria à História? Descobrimos (quando a noite avança, isso é inevitável) que os espelhos têm algo de monstruoso. Kardeli disse que o espelho é uma máquina infernal, porque separa o indivíduo da comunidade, estimulando o seu narcisismo de pequeno-burguês. Respondi:

— E como você apara seus bigodes, no reflexo das poças d'água? — Acrescentei que, pelo contrário, o espelho *integra* o indivíduo à comunidade, e a sua entrada nas casas dos proletários selou o orgulho de classe, aquele sentido do decoro jogado na cara dos patrões, “Nós não somos nada, e queremos ser tudo! Podemos ser, e somos, mais elegantes que vocês!”. É graças àquele decoro, àquele orgulho, que a guerra foi ganha.

E aqui estou. Daqui a uma semana completo 62 anos. Têmperas grisalhas, leve sinal de queixo duplo, mas ainda me viro,

tenho uma mulher jovem e bonita. Stalin morreu, eu estou vivo. E não sou mais um *ilegalac*. Quando me olho no espelho, aqueles dias não me fazem falta. Como poderiam? Duas guerras, cadeias, surras, fugas e privações. Lepoglava, Maribor... Não tive mais tanto tempo para ler. Ainda me lembro do cheiro de cada livro, o papel de cor e gramatura diferentes, cada exemplar que recebi na cadeia. Lia usando óculos do tipo *pince-nez* que me deixavam com jeito de intelectual. Eu, operário, filho de camponeses paupérrimos.

Hoje estou na direção da nova Iugoslávia, ostento um panamá novo e daqui a vinte minutos vou receber Cary Grant. A cafeteira assobia, o café está pronto. Será um daqueles que esticam o mindinho enquanto seguram a xícara? E se quiser chá? Não, agora ele é americano, os americanos tomam café. O primeiro americano que conheci... quando foi? No Lux, debaixo do chuveiro, já se passaram quase trinta anos. Será que conto para ele?

Roupa branca, camisa azul-clara, gravata azul-escura, combinando com as meias.

Aquela entrevista na *Life*, quando fomos à ONU. Belas fotografias, mas Bebler e Djilas disseram que eu parecia um "ditador sul-americano", que devia "ostentar" menos ou iria contrariar a opinião pública ocidental. Curioso, algumas semanas antes eu falei de espelhos com Kardeli.

Cabeças-duras, não querem entender. Eles nunca economizaram para comprar o chapéu enfeitado de penas da associação de ginástica. Em Kamnik (quando foi, em 1911?) e em Viena, a escola de dança, aquela de esgrima, o esqui. Precisa olhar todo detalhe, melhorar sempre o jeito de fazer as coisas. Em 1913, fui o campeão de esgrima do regimento, fui admitido naquele grande torneio, peguei o segundo lugar e impressionei tanto que me mandaram para o curso de suboficiais. Pequenos passos pela estrada que me levou a ver a Revolução de Outubro e me tornar bolchevique. Eu poderia ter conduzido a *nossa* revolução se não tivesse um porte à altura do cargo? Pequenos passos, aquele chapéu também.

Um dia Djilas também vai entender: a Liga dos Comunistas Iugoslavos governa esta república com o consenso dos povos que a

fundaram, um mosaico de raças, cultos, tradições. Na cúpula, são necessários rituais e funções certas. Sem rituais e símbolos em comum, sem uma garantia da coesão da comunidade, estaríamos acabados. Cada detalhe da minha imagem pública é um símbolo, precisa transmitir a mensagem: “*Eu sou tudo e vocês são tudo junto comigo!*” O corte perfeito do meu uniforme torna concreto o orgulho dos trabalhadores.

Stalin parecia enforcado pela gola do casaco. Na primeira vez que o vi, ele me passou uma triste impressão de ser desajeitado. Causei boa impressão no Palácio de Buckingham também, um verdadeiro homem entre janotas esvaídos e velhos caducos. Levar um sopro da revolução e do novo mundo para o Palácio de Buckingham. Essa não é também uma façanha titânica?

Stalin. Sou o único que pode afirmar que o refutou em público. Claro, outros também fizeram isso. Só que não podem contar. “E o que fazemos agora, hein?”, me perguntam todos. De Moscou, depois de muito tempo, estão chegando alguns sinais tímidos. Djilas está levantando muita poeira. Espiões de Serov em todo canto, provavelmente. Os ingleses me propõem um filme. Muito engraçado. Uma forma bizarra de mostrar ao Ocidente o nosso socialismo. Então eu digo: me tragam Cary Grant.

Faltam dez minutos?

Será que a fumaça o incomoda?

Enter Cary. Barba feita, finalmente, e um terno enviado de Palm Springs para a ocasião. É o Cary Grant que todos conhecem, que Tito pensa conhecer, nervos de aço ocupados em desbaratar uma rede de nazistas em *Interlúdio*. Tito se comunica em um inglês razoável, deixando de lado alguns deslizes: diz *anemic* em vez de *enemy*. Cary não o corrige. Como é hábito toda vez que recebe alguém, Tito prepara o café pessoalmente. Cary o observa entretido. Alguma menção a Trieste, o casaco recuperado rapidamente pelos agentes do GMA. E esse Rizzi, quem será? Um poeta. Ah. Tito fala de sua primeira visita a Trieste. Tinha 18 anos, chegou a pé, 80

quilômetros de Lubiana. As dimensões do porto o aniquilaram. Sentiu-se perdido.

Grant pergunta a Tito sobre a ruptura com Stalin, acrescentando: "Precisou ter coragem, o homem parecia um dos vilões dos filmes de Walt Disney!" Tito ri e pensa na rainha má de *Branca de Neve* interrogando o espelho. Pensa em Kardeli, em Djilas, em decisões tão difíceis de tomar. Pensa em Moscou, nos expurgos, nos andares cada vez mais vazios do Hotel Lux. Depois recompensa o hóspede com algumas anedotas. Logo depois da guerra, chegou aqui uma equipe cinematográfica russa, eles também queriam fazer um filme sobre a nossa Resistência. Na verdade, era uma turma de charlatões, beberrões e prostitutas, se embebedavam o dia inteiro e à noite também, brigavam por tolices, muitas vezes a nossa polícia teve que resolver os problemas que causavam. O filme era uma porcaria. A nossa guerra aparecia como um conflito secundário, uma distração para manter ocupado o Eixo enquanto o Exército Vermelho fazia o verdadeiro trabalho. Mas não foi assim, aqui nós começamos dobrando o Duce e depois os alemães. O Churchill de vocês entendeu isso depois da Quinta Ofensiva, mas poderia ter entendido antes e muitos companheiros ainda estariam vivos. Ah, é verdade, o senhor não é mais inglês, quer dizer, é inglês, mas nacionalizado americano. Ele devia ter dito "naturalizado", mas Cary não o corrige. Ele se sente bem.

Hoje temos elementos para afirmar que naquela equipe havia espiões de Stalin. Era uma primeira tentativa de desestabilização. Eles sempre nos temeram. Tito conclui, assim, só por falar, com uma referência ao saber se virar sozinho, mesmo que não fosse preciso. Porque é melhor não dever nada a ninguém. Grant toma o café, ótimo, e conta ao interlocutor detalhes da conquista da sua independência artística e econômica. Tito está admirado, de verdade. E este filme, então? Tito sorri, acende um cigarro, levanta as sobrancelhas, interrogativo. Não, não me incomoda. Sabe, eu parei, graças à minha esposa. Eu fumava, e como. Graças à sua

esposa? E o que ela fez, se me permite a pergunta? Ameaçou não...? Os dois homens riem. Não, não, ela me hipnotizou. Sério? E funciona? Posso assegurar. Sua esposa é hipnotizadora? Bom, ela tentou e conseguiu. Sabe, ela segue uma daquelas disciplinas orientais que estão na moda na Califórnia, não creio que seja assim na Iugoslávia. Tito sopra um anel de fumaça. Vou pedir aos médicos que façam uma pesquisa. Se eles confirmarem que funciona, um dia a hipnose será incluída no plano de saúde pública. Se existe, o povo tem direito. Cary arqueia a sobrancelha. No fim das contas, *estamos* no Oriente.

Sabe onde conheci um cidadão norte-americano pela primeira vez? Em Moscou, debaixo do chuveiro. No Hotel Lux, onde moravam os comunistas estrangeiros. Não era sempre que tinha água quente e, quando tinha, acabava logo. Moscou não é Palm Springs, fazia um frio do cão. Para conseguir tomar banho, entrávamos dois por vez debaixo do chuveiro. Assim conheci Earl Browder, grande líder do comunismo americano. Ele se candidatou à presidência, se não me engano. Não sei que fim levou, mas certamente não está em boa situação, com aquele ignorante do McCarthy. Oh, Stalin cuidou dele. O quê? Acabaram com ele? Não fisicamente, mas em 44 ele declarou que o capitalismo e o comunismo não podiam conviver, e foi destituído do cargo de Secretário do Partido. Dois anos depois o Cominform o declarou "revisionista", e o expulsou. Não sei do que ele vive hoje. Eu o vejo como um precursor daquilo que estamos tentando. Browder procurava um caminho norte-americano para o socialismo.

Eu vi o senhor naquele filme em que se vestia de mulher. Qual, aquele com o leopardo, ou aquele do noivo de guerra? O noivo de guerra. Bem divertido. E aquele com o porão dos nazistas. *Interlúdio*. Terrível. Sabe, meu serviço secreto me entregou um dossiê sobre o senhor. Não se preocupe, nada comprometedor a

meu ver, pelo contrário. O senhor serviu seu país e a causa antifascista em uma área de importância capital como o entretenimento. Cary prende a respiração. O que eu quero dizer é: nas fotografias o senhor usa roupas de corte excepcional. Eu também gosto, sabe. Nós, filhos de proletários precisamos conquistá-la, a elegância. Com firmeza. Sempre atentos, como se estivéssemos no campo de batalha. Afinal, esta também é uma guerra. Cary está quase comovido. Pensa na infância em Bristol. Pensa na mãe que julgava morta e que voltou do túmulo dos vivos. Pensa em quando se fazia de homem-sanduíche em cima de pernas de pau, em Nova York. Isto é para dizer que não é uma pergunta fútil. O senhor não usa cinto. Não usa suspensórios. Não tem barriga. Como diabo segura as calças? Cary ri. Tito ri.

Falam da alfaiataria italiana que usa o nome da ilha Brioni. Curioso, não? Não sei por quê. Sabe, acho que temos muito em comum. Sei que parece esquisito, tivemos duas vidas completamente diferentes, no entanto... Cary expõe seu ponto de vista. Tito o surpreende: a *konspiracija* e o cinema obrigam a adoção de várias identidades. Por que não tentamos contá-las? Eu fui Josip Broz, Georgijevic, Rudi, John Alexander Carlson, Oto, Viktor, Timo, Jiricek, Tomanek, Ivan Kostanjsek, Slavko Babic, Spiridon Mekas, Walter e finalmente Tito. Eu fui, só para citar alguns: Archibald Alexander Leach, "Rubber Legs", o mago Knowall Leach, Max Gunewald, Cary Lockwood, Jimmy Monkley, Jerry Warriner, o paleontólogo David Huxley, o sargento Archibald Cutter, o piloto de aviões Jeff Carter, o diretor de jornal Walter Burns, Leopold Dilg, Ernie Mott, Joe Adams, o bilionário C.K. Dexter Haven, Johnnie Aysgarth, Mortimer Brewster, Cole Porter, o agente Devlin em *Interlúdio*, o senhor Blandings, que queria construir a casa dele... Para chegar aqui, assumi a identidade de "George Kaplan". O que eu não sei é: quem terei que interpretar no eventual filme. Por que decidiu abandonar o cinema, Mr. Grant?

Discutem como velhos amigos. Parou também de beber? Claro que não. Então vou mandar trazer uma aguardente destas ilhas, um

aperitivo. Hoje o senhor vai jantar aqui, foi avisado sobre isso?

Cary percebe que Tito não tem o mínimo interesse na proposta maluca do MI6. O jogo dele é ganhar tempo, ver o que acontece em Moscou, manter o pé em dois estribos. No jantar com Sua Majestade, o herege Djilas imolado no altar de Moscou. Estrategista, animal político que segue o rastro, sente o cheiro da morte: cada vez que se menciona Stalin, o olhar se perde por meio segundo. Sente alguma coisa. Movimento de pés que dançam sobre o túmulo do tirano? De qualquer jeito, a idéia do filme é uma besteira. Ou uma grande brincadeira. Tito e Cary Grant conversam amigavelmente. É possível pensar em cena mais surreal? Nada tem sentido, a não ser o fato de que estou aqui e me sinto bem. O quê? Desculpem, estava pensando em voz alta.

Olhos traiçoeiros acompanham sorrisos e tapinhas nas costas. Quem pode saber que não haverá filme? Longe daí, estão à espera de relatórios.

Capítulo 52

Entre Mljet e Šipan, 30 de abril

Duas da manhã. O presidente Tito deixou Mljet há menos de quatro horas. O jardim da mansão está tão silencioso que é possível ouvir, ao longe, o ruído da ressaca.

A sombra sai furtiva da entrada dos fundos. Passa por moitas de buxo e palmeiras e se agacha entre a cerca e a estátua de Hermes, cercada por trepadeiras.

Nos joelhos, uma maleta. Abre com cuidado. Extrai um fone de ouvido e o coloca. Dedos competentes removem cursores e rodinhas. Do fone, um leve chiado. Olhos atentos se fixam em ponteiros tremulantes e decifram toda oscilação. Uma mão trabalha nos detalhes de orientar a antena em arco e a telescópica. A outra pega um microfone e o leva à boca.

— Mar piscoso, Varna, mar piscoso...

O agudo das ondas longas perfura os tímpanos. A sombra insiste:

— Mar piscoso, Varna.

Palavras cortadas. Assobios. Ruído como o do vento em um microfone. A mão ajusta a antena em arco. Frases indistintas. Polegar e indicador acariciam uma rodinha.

A sombra sussurra ao microfone:

— O pescueiro não precisa vir até aqui. O mar é mais piscoso

em Šipan, repito, Šipan, zona sul, desabitada, margem oposta ao continente. Amanhã, horário indefinido, no mínimo três peixes-espada, talvez quatro. O atum migrou, só acerinas e peixes-espada. Desligo.

A sombra joga a cabeça para trás e sopra na direção das estrelas um suspiro de tensão.

Tira o fone de ouvido, fecha a maleta e atravessa novamente o jardim com passo leve.

A proa do barco pneumático desliza sobre a areia, impulsionada pelo último golpe de remos. Quatro homens pulam na água e a erguem para deitá-la na praia.

Andrey Zhulianov olha ao redor, nervoso. Nunca gostou de mudar os planos *in extremis*. Mesmo quando as mudanças parecem tornar tudo mais fácil. Prefere um grande risco calculado nos mínimos detalhes a uma ação linear cheia de imprevistos. Mljet era um grande risco, Šipan parece mais simples, mas tudo terá que ser improvisado.

O mapa do lugar, encontrado no *Varna*, não ajuda muito. Uma carta hidrográfica da Dalmácia meridional. É como procurar um restaurante no planisfério.

Zhulianov dá uma olhada no relógio. Quatro horas. Melhor agir logo.

Em primeiro lugar, descarregar o barco.

Depois sumir com ele.

Por fim, achar um bom ponto de observação, para avistar o iate que está chegando de Mljet.

— Não façam confusão com isso aí. Em uma mochila, todo o equipamento de mergulho. Na outra, binóculos e telescópio. Na terceira, o armamento. Não esqueçam nada, vou procurar um lugar pra esconder o barco.

Três horas mais tarde, a alguns metros da praia e um pouco mais

para o leste, Pierre acorda na cama do pai depois de uma noite agitada. O primeiro sol da manhã inundará o quarto, com a promessa de um dia quente, ideal para um banho.

Pierre chegará à janela descalço. Não poderá deixar de pensar em Bolonha, o dia da partida, ainda fria, úmida, envolvida nas últimas neblinas, molhada de chuvas finas, céu esbranquiçado escondendo o sol.

Ouvirá os ruídos do pai, no outro quarto, e chegará à porta, encostando-se ao umbral.

— Quanto ao clima e à paisagem, você não pode se queixar, papai. Estamos no fim de abril e parece verão. Em casa eu me levanto, abro a janela, e toda manhã vejo a calçada, duas ou três bicicletas e alguma velha com uma sacola de compras. Você tem rochedos, mar, ilhas...

— Sim, é verdade — responderá Vittorio com meio sorriso. — Mas exatamente por isso é pior, não? Pequenos prazeres em vez de grandes sonhos. Uma vista bonita, sol e a melhor ricota do mundo.

— Era pra ver o lado bom das coisas.

— O lado bom? Existe, é claro. Aqui você se sente bem, se quiser. Mas eu não quero. Quero outra coisa, você entende?

Pierre abanará a cabeça e se virará em silêncio, decidido a não permitir que o deixem de mau humor. Não existe fortaleza mais inexpugnável que o pessimismo a todo custo.

Melhor deixar pra lá e ir logo à praia.

O iate particular do presidente Tito cavalga as ondas em velocidade consoante. Cary, sentado na proa, coloca as mãos para fora e colhe os respingos para molhar a cabeça, tão livre de pensamentos quanto o céu de nuvens.

Única chateação: os três seguranças, observando todo movimento, sempre atentos, sempre armados. Nunca um segundo para relaxar.

Relaxar. Nadar, ler, tomar sol, passear na praia. A programação do dia é só isso, uma panacéia antes do cansaço de uma nova,

longa viagem. Antes de voltar a Palm Springs e encontrar Hitch e Grace Kelly na Côte d'Azur. Melhor que ficar em casa, aposentado de luxo, ioga, massagens orientais e as piadinhas de David Niven.

Mas Cary tinha decidido não pensar no assunto, e quer manter a palavra.

Põe os óculos escuros, depois se ajeita e abre o livro no capítulo 23.

A lente do binóculo enquadra a cena.

Zhulianov regula o foco e vê o iate lançar a âncora a cem metros da praia. O bote auxiliar desce na água com três homens a bordo. Os seguranças estão de uniforme militar. Grant veste uma camisa pólo azul e short da mesma cor. Usa óculos escuros e segura alguma coisa na mão. Talvez um livro.

O nome delas é Elafitas, uma dezena de pequenas ilhas entre a extremidade oriental de Mljet e o porto de Dubrovnik. O nome tem relação com os cervos, mas não é possível saber se é por causa da presença desses animais, que hoje não existem por ali, ou do aspecto do arquipélago que lembra, como uma constelação, a figura de um cervo.

Šipan, Lopud e Koločep são as únicas habitadas. Em Šipan, a maior, existem dois povoados, Šipanaka Luka e Sudurad, na encosta oposta.

Na metade do caminho entre os dois povoados, escondida entre rochas e moitas, uma casa em condições precárias domina do alto um trecho desabitado e inóspito da costa.

Talvez seja por essa razão que Vittorio Capponi, que vive ali há uns dois meses, nunca tenha visto ninguém lançar âncora por aqueles lados. No máximo um pescador de passagem, de manhã cedo, ou à noite, ao largo, para pescar lulas com a lanterna. Mas um iate daquele tamanho, nunca. Tão grande que carrega, erguida na popa e sobre duas roldanas, uma lancha a motor para quatro

pessoas.

Turistas? Difícil. Você acha que alguém com um barco daqueles vem tomar banho ali, no lugar mais deserto de toda a ilha? Aquilo é coisa de ricos, isso sim, de se mostrar por aí, nos lugares da moda, nas praias famosas, não no meio do caminho entre Šipanaka Luka e Sudurad, no meio das cabras e pescadores de lulas.

No entanto... Vittorio espreme os olhos, leva a mão à testa para se proteger do sol. Mas é isso mesmo, Radko, veja. Colocam a lancha no mar, na direção da praia.

Não são uniformes militares, aqueles?

Putá merda! Vieram me buscar!

Pierre está aproveitando o sol da primavera deitado na areia, peito nu e calças arregaçadas até os joelhos. Pensa em Angela, no que estará fazendo naquele momento, no que dirá na sua volta à Itália. O perfume, os cabelos e infinitos detalhes do corpo surgem de repente em sua cabeça. Uma espécie de arrepio percorre seu corpo dos pés à cabeça. Pensa no que gostaria de dizer ao pai, o nó que gostaria de desatar de uma vez por todas.

Decide se levantar, para não ficar muito queimado. Pernas derretidas pelo calor e vapores no cérebro.

Sacode a areia e chega até a beira do mar com passo gíngado.

Molha a bunda na água transparente e lamenta não ter aprendido a nadar. Tia Iolanda tinha tentado convencê-lo muitas vezes, mas ele nunca quis. Não entendia toda aquela canseira, só pelo gosto de atravessar o Santerno, a poça onde tomava banho no verão. A água era fresca ali na beira também e bastava ficar sentado para ter água até o pescoço.

Mas o mar é outra coisa. Ali sim, dá vontade de nadar, olhar para a praia de diferentes perspectivas, ir longe, ao encontro das ondas, das gaivotas.

Ao ouvir o barulho do motor se agita. Vai até os rochedos que o separam da outra praia e espia de trás de uma pedra. Três homens arrastam para fora da água um grande barco. O quarto é

um senhor desembaraçado, que olha ao redor como se admirasse a paisagem, depois senta na areia e abre um livro.

Um turista ficaria fascinado pelo fundo rochoso, recoberto de anêmonas e posidônia.

Com uma batida de pé-de-pato seguiria um cardume de pequenos peixes nas viradas conjuntas e repentinas.

Talvez resolvesse ir mais ao fundo, à procura de uma estrela-do-mar ou do olho de uma lula que desponta da areia.

Apanharia a faca amarrada ao tornozelo para soltar marisco das pedras.

Um turista exultaria ao ver a tartaruga mediterrânea, rara nestas águas.

Mas Ivo Radelek não é um turista.

A única coisa que lhe interessa ver está diante dele: o casco branco do iate particular do presidente Tito. Enquanto se aproxima, procura não pensar nos meses passados em Goli Otok, o inferno dos *cominformistas*, onde Tito o trancafiou para que se esquecessem de sua existência. Agora está aí para dar o troco e precisa estar lúcido e ser eficaz. Agarrado à passarela que já foi levantada, ergue-se devagar sobre a popa.

Ajusta com calma a pontaria e só quando tem a certeza de atingir o alvo, sopra na zarabatana.

O vigia leva a mão à nuca e só consegue gorgolejar alguma coisa antes que o narcótico atinja o cérebro e o ponha estendido na ponte.

O mergulhador tira a roupa, despe o vigia e veste o uniforme dele. Depois tira um *walkie-talkie* da bolsa impermeabilizada.

— Rede baixada. Repito: rede baixada. Agir.

— Vamos — sussurra Zhulianov aos outros dois.

Caminho definido. Podem chegar à praia sem serem vistos.

Os dois guarda-costas mantêm distância de Grant. Protegidos

do sol, uniformizados, logo abaixo da escarpa.

Três homens-lagartixas deslizam silenciosos, escondidos pelas moitas. Param, imóveis.

Vinte metros do objetivo.

Andou pela beira, na areia limpa e compacta, até o hotel desaparecer da vista. Então tirou o paletó do pijama, deu uma corrida e mergulhou rapidamente no mar apenas ondulado. Era uma praia de tombo. Bond permaneceu debaixo d'água...

Cary percebe um baque à direita e abaixa o livro. Um dos vigias está estendido no chão, e com certeza não é para pegar uma cor. Reflexo condicionado por milhares de claquetes: uma expressão que espectadores do mundo inteiro admiraram dezenas de vezes.

Frações de segundo. O outro se joga em cima dele, para servir de escudo, mas tem dardo para esse também. Cary se vê esmagado pelo peso morto do brutamontes e deixa escapar um palavrão.

Consegue se libertar e, com uma pirueta digna de Archie Leach, levanta-se e começa a correr na direção do penhasco.

Só o tempo de dar uma olhada para trás: três homens de roupa escura o estão perseguindo.

São quatro.

Um na frente, um no meio, os outros atrás.

Nada de uniformes agora, mas turistas também não são. Estão correndo. Para a barreira que separa as duas enseadas. A enseada em que estão ancorados daquela em que está Robespierre.

Vittorio aperta as mandíbulas. Coberto de suor, exceto a mão que empunha o Mauser e o dedo encostado no gatilho.

Abaixa a cabeça, olho alinhado ao cano, e faz pontaria.

O senhor desembaraçado é o primeiro a sair das pedras. Corre em grandes passadas, estilo de velocista. Os outros três o seguem com

dificuldade.

Conforme vão se aproximando, Pierre percebe a expressão. Tensa, assustada. Não parece um esportista treinando. Tem mais o jeito de alguém fugindo. E tem um rosto extremamente familiar.

O disparo surte para ele o efeito da partida para os 100 metros rasos.

Então sai em disparada na direção do declive, levantando uma nuvem de areia.

A segunda bala acerta o eslavo bem acima do tornozelo, e ele cai como um cervo abatido. O terceiro tiro assobia a poucos centímetros da orelha direita de Zhulianov, que solta um palavrão. Não estava previsto. Chega até o ferido e o ajuda a levantar, arrastando-o para fora do alcance dos disparos. Aciona o *walkie-talkie* e fala determinado:

— Largar o cesto! Repito: Largar o cesto! Mar agitado, recuar imediatamente.

Pula por cima dos corpos ainda adormecidos dos guarda-costas de Grant, ajudando o eslavo a se manter em pé. Entram na trilha entre as rochas.

O ópio da frustração e a adrenalina da fuga se alternam.

Não devemos subestimar o inimigo.

Há uma espécie de gruta, no limiar da praia, pouco profunda, só uma entrada nas rochas. Pierre a tinha notado enquanto descia, e agora entra nela, correndo.

O senhor desembaraçado vem logo atrás. Escorrega ao lado dele e desaba, costas contra a parede, para retomar fôlego.

Pierre se vira, ainda eletrizado pela corrida.

Os dois se olham.

Pierre não pensa nem por um momento que está tendo visões. Estudou muito aqueles traços nas fotografias e na tela grande, centímetro por centímetro, para extrair o segredo do estilo perfeito.

— Nossa, Cary Grant!

A emoção entorpece o cérebro, faz um apelo ao seu inglês. A boca se recusa a fechar.

O que dizer? O que dizer?

— *This is a film... ins't it?* — Um astro de Hollywood, em uma praia perdida da Dalmácia, perseguido por três sujeitos daqueles. O que pode ser senão um filme?

Grant espia para além das rochas:

— *I'm afraid not.*

Not? E que porra é essa, então?

Mais um esforço, sem parar de olhá-lo.

— *What's... happening, Mr. Grant?*

Expressão a meio caminho entre preocupada e auto-irônica:

— *Believe me, I don't have a clue!*

Glue? Cola? O que tem a ver? Vamos tentar de novo.

— *You don't know... who are... these men?*

Se Fanti pudesse vê-lo naquele momento, conversando em inglês com Cary Grant!

— *Absolutely not. And you? Where have you sprung from? Who are you?*

Mesmo entendendo só a metade da última pergunta, Pierre pesca alguma coisa da primeira aula de Fanti e esboça:

— *Nice to meet you. My name is Robespierre Capponi. I'm twentytwo and I'm from Bologna, Italy.*

O homem mais elegante do mundo observa a mão estendida do rapaz, com um certo desconcerto. Aperta-a rapidamente, e volta a direcionar seu olhar para a praia.

— *Robespierre... We might as well call Napoleon and Lafayette to save our hide.*

— Como? *What?*

As vozes vêm da gruta.

Os tiros puseram três para correr. O quarto deve ter capturado Robespierre. Agora o está interrogando.

Vittorio anda descalço, tomando cuidado para não fazer barulho. Avança encostando à parede que chega à gruta, pára a um metro da embocadura. Fica concentrado por um minuto, depois pula, Mauser apontado, pronto para atirar.

— *Stoj!*

O berro ressoa e o eco se mistura à voz de Robespierre:

— Não atire, papai, estou com Cary Grant, não atire!

Quando chegaram à outra praia, os seguranças ainda estavam lá, estendidos.

Cary escuta com paciência as perguntas do italiano com nome francês, um jovem simpático que viu um monte de filmes dele e que gostaria de sorrir como ele.

O pai, rude e mal-arrumado, insiste para que ele traduza uma pergunta, mas o rapaz não lhe dá muita corda.

Mas, enfim, mal-arrumado ou não, foi ele quem atirou e afugentou os perseguidores.

Cary é quem lhe oferece a mão, em sinal de agradecimento. O rapaz pede que não informe os policiais sobre a presença deles na ilha.

— *Cross my heart!* — respondeu Cary, apontando um dedo para o coração.

Atrás dele, um *bodyguard* estava tentando acordar.

Braços pesados, vista embaçada. O capitão Franko Spiliak tenta se levantar, mas os músculos não respondem bem. Vozes. Três homens, mas talvez seja um só, multiplicado pela alucinação narcótica.

Realmente, quando consegue ficar sobre as pernas e regular o cristalino, o homem é um só.

Cary Grant, são e salvo, sentado mais ou menos na mesma posição de antes, mesmos óculos escuros, mesma camisa pólo e nada de livro na mão.

Sete horas mais tarde, ainda muito confuso, Pierre descerá à praia para uma inspeção.

— Está certo — dirá o pai. — Ele não sabia quem era aquela gente. Mas você perguntou o que *e/e* estava fazendo por aqui?

— É, papai, já expliquei. Querem fazer um filme sobre Tito e Cary Grant veio se encontrar com ele. É isso, nada de estranho.

— E aqueles outros, quem eram? Chegam, põem a nocaute os seguranças, correm atrás do americano e fogem depois de três tiros. Tudo isso, e *e/e* está aqui só para o filme. Não, Robespierre, alguma coisa está errada.

— De qualquer jeito, pode ficar tranqüilo. Não foi por sua causa que eles vieram, certo?

— Você nunca pode saber. Isso é uma coisa que chama a atenção. Amanhã podem aparecer soldados aqui. É preciso pensar bem no que fazer.

A poucos passos da gruta, o cão afundará o nariz na areia e começará a raspar.

— Radko, vamos ver, o que você achou? — Pierre esticará a mão sob o focinho do animal.

Um livro. Nove corações sangrando ao redor do título, letras douradas sobre um cartão marrom. *Casino Royale*, de um tal Ian Fleming. Em inglês.

Ele o virará nas mãos com devoção. Amaldiçoará a rapidez dos eventos e a confusão das línguas que impediram o prolongamento do encontro.

Era como ganhar na loteria e perder o bilhete.

Desfolhará as páginas na esperança de encontrar algum sinal do proprietário, um pequeno substituto de um verdadeiro autógrafo.

Mas Cary Grant não terá escrito nada: nem na folha de rosto, nem no fundo: em lugar nenhum.

Capítulo 53

Šipan, 1º de maio

— Estive pensando numa coisa: nesta ilha perdida encontrei o meu ator preferido e você salvou a vida dele. Já parou pra pensar nisso?

— Pode até ser famoso, mas não parecia muito esperto. Você diz que as mulheres o amam?

— Tá brincando? Todas as mulheres! E eu nem pedi o autógrafo dele! Ninguém vai acreditar!

— Você fez bem, Robespierre. Ele ia mandar você à merda. Em inglês, mas mandaria você à merda se tivesse pedido o autógrafo.

Riram e a tensão do adeus aliviou por um instante.

Vittorio deu a Pierre uma sacola de couro.

— Coloquei queijo e pão. Para a viagem.

Depois de tantos anos sem falar italiano, as semanas passadas com o filho serviram para relembrar.

— Obrigado.

Pierre fechou a mala. O amanhecer era apenas um esboço detrás da colina, no céu ainda havia muitas estrelas.

— Então está tudo claro? Vá até Dubrovnik de ônibus. No porto, vá à taberna Petar. Tem um letreiro famoso, todo mundo conhece, com um... como é que você diz? Um pombo. Um pombo-correio, certo? — Pierre concordou. — Lá, procure por Dragan Petrovic, não esquece, Dragan é um sujeito alto, bem forte, sem

dois dedos da mão direita. Ele os perdeu na guerra, quando lutávamos juntos. Você diz que eu te mandei, que é meu filho e que precisa voltar pra Itália. Certo?

— Você tem certeza de que ele não vai me denunciar?

Vittorio abanou a cabeça:

— Salvei a vida dele uma vez, na guerra. Escuta: através dele você pode me mandar um recado.

— Como?

— Dragan tem pombos-correio.

— Ele é columbófilo!

Vittorio se esforçou para entender o significado do termo e, quando achou que tinha conseguido, fez que sim com a cabeça:

— Ele pode te dar um pombo numa gaiola. Você o leva até a Itália e, quando o soltar, ele voltará. Depois o Dragan me conta. Assim eu vou saber que você chegou em casa e está tudo bem.

A excepcional coincidência arrancou um sorriso de Pierre, enquanto pensava em Renato Fanti, empoleirado no telhado da casa entre os pombais.

Disse:

— Perfeito. E você, o que vai fazer?

Vittorio acariciou o cano do Mauser apoiado à soleira:

— O que você quer que eu faça? Também vou embora. Depois do que aconteceu, virão até a ilha e, se descobrirem que estou aqui, vão achar um jeito de me mandar para Goli Otok.

— Venha para Dubrovnik comigo, então.

— Não. Vou pras montanhas. — Lançou um olhar para o horizonte tingido de rosa. — Conheço a montanha. Lutei lá. Vou dizer ao Dragan onde estou, nele eu confio, assim, quando a sua mensagem chegar, ele me avisa.

— Você não pode continuar assim. Sempre escondido, sempre se arriscando a ser pego. Você precisa fazer alguma coisa, precisa ir embora!

— Pra onde? Na Itália eu seria preso. Além disso, não querem alguém que foi amigo de Tito. E lá eu faria o quê? O que faço aqui. Estou velho demais, Pierre, e as derrotas são como um peso que você vai carregando e que puxa você pra baixo.

Ficaram em silêncio, cada um absorto nos próprios pensamentos, à procura de palavras.

Pierre entendeu que a derrota que o pai sentia não era só a de ter perdido a causa na qual acreditava.

Tinha pensado muito nisso naquelas semanas. Muitas vezes esteve prestes a falar com ele, para desatar o nó que sentia no fundo do estômago. Mas todas as vezes sentiu medo. Medo de não saber como se explicar. Medo de que o pai não quisesse discutir o assunto. Percebeu que não poderia ir embora assim, sem dizer nada. Não tinha enfrentado aquela viagem só para saber o que tinha acontecido. Apenas pela aventura.

Abriu a boca, procurando ainda as melhores palavras, mas foi Vittorio quem começou, como se entre pai e filho tivesse surgido uma espécie de telepatia.

— Eu não fui um bom pai pra vocês. Um bom pai teria ficado ao lado dos filhos, mesmo correndo o risco de ir pra cadeia. Ele teria voltado à Itália para enfrentar um processo. Mas o que posso dizer, Robespierre? Fiz o que eu achei que era certo fazer. Ajudar este povo a construir o socialismo. É por isso que lutei. E agora eu acho que talvez não tenha valido a pena. Tudo está indo por água abaixo. Sou como um exilado. Não tenho mais a Milena e fico sozinho feito cachorro, sem filhos, sem companheira, sem país e sem socialismo. E sabe o que mais lamento? — Era uma pergunta sincera, que revelava surpresa. — Que não consiga me arrepender. Não consigo achar que estava errado. Era justo tentar e, se você quiser que eu seja sincero até o fundo, digo que não é errado nem agora que Tito é como Stalin. Talvez eu esteja enganado, Robespierre. Sei que não foi justo pra você e pro Nicola, sei que mereciam um pai mais normal, que se sacrificasse por vocês. Mas aqui eu tinha a Milena, tinha lutado ao lado dela, nos amávamos. Havia um país a ser feito, havia o socialismo, a revolução, você entende? Uma sociedade nova. Na Itália não. Se voltasse, teria lamentado pelo resto da vida não ter feito a minha parte aqui. É isso, falei com sinceridade e talvez agora você me odeie mais que o Nicola. Mas é a verdade e agora que você está crescendo, pode entender. Se eu pudesse voltar no tempo, faria a mesma escolha.

Pierre se lembrou de quando estava no porão do Italo, aos 13 anos, ao lado de Nicola, 21 anos, magro e anguloso. O pai era uma imagem escura, indistinta, de voz profunda. Durante os anos da guerra, ele tinha sido um personagem de fábulas, uma presença que o visitava à noite, antes de adormecer, nas histórias de tia Iolanda e nas fantasias infantis. Imaginava que estivesse lutando contra inimigos cruéis e numerosíssimos, nas montanhas de uma terra estrangeira, como um guerreiro antigo. A última lembrança guardada era o cheiro do casaco de couro preto, daquela noite. Cheiro de curtido. “Nicola, Robespierre, escutem bem. Eu não posso ficar com vocês. Voltei aqui clandestinamente, entendem? Escondido. Porque, se descobrirem que voltei à Itália, me põem na cadeia. Preciso ir embora. A tia Iolanda cuidará de vocês, ela gosta de vocês como se fossem filhos. Escreverei sempre. E um dia vocês irão viver na Iugoslávia, um país melhor, onde o povo é livre e feliz. Mas agora não, não é possível, é perigoso demais. Voltei para lhes dizer isso. Nicola, cuide do seu irmão, entendeu? Você é o chefe da família agora.”

A consciência de Pierre despertou como se acordasse de um sonho e então ele entendeu com clareza tudo o que por dias havia carregado dentro de si sem chegar a uma conclusão. Olhou para Vittorio, sentado na cama, envolvido na mesma penumbra daquele dia. Mas não havia mais nenhuma aura mítica ao redor dele. Era só um homem. E era seu pai.

— Papai, o Nicola não odeia você. Foi a decepção que o deixou desse jeito. Ele admirava você demais e se sentiu traído. Entende? Ele foi pras montanhas com os *partigiani* porque você o tinha ensinado a ser antifascista. Você nos fez crescer assim. Ele foi pra brigada por você também. E queria que você o visse, o admirasse. Mas levou aquela bala na perna e quando a guerra acabou você decidiu ficar aqui. Ele queria que você demonstrasse orgulho pelo que ele tinha feito. Você era o nosso herói. Era aquele que nunca tinha abaixado a cabeça diante dos fascistas. Aquele que tinha desertado pra não ter que matar gente inocente. Aquele que tinha ido a um país estrangeiro pra fazer a revolução que na Itália não podia ser feita. Mas era também o nosso pai, pelo amor de Deus! E,

se como herói você era perfeito, como pai tinha nos abandonado. Foram anos difíceis. A tia Iolanda se desdobrou pra sobreviver. Por sorte chegou a oportunidade do bar. Foi o Partido que nos tirou da merda, não você. Você estava longe. Longe como Ulisses. Os pais, a gente não pode escolher. E não temos como não gostar deles. Ou odiá-los quando nos abandonam.

Vittorio Capponi olhava para o filho. Era uma lição que ele procurava, uma lição de vida de um homem que tinha menos da metade da sua idade e que um dia ele tinha abandonado para seguir sua própria natureza combativa. Naquele momento, teria aceitado qualquer coisa, todo o ódio do mundo. Estava pronto, talvez estivesse havia dez anos.

Pierre contraiu o rosto, se esforçou, mas entendeu que precisava deixar as palavras fluírem.

— Mas os pais, antes de serem pais, são pessoas. É o que eu acho, gastei muito tempo pensando nisso. Talvez tenha vindo aqui exatamente pra dizer isso. Por muitos anos desejei ter um pai como todos os outros. Um pai que nos tivesse ajudado, que tivesse cuidado de nós mesmo se arriscando a ir pra cadeia. Mas a verdade é que, se você tivesse feito aquela escolha, não seria mais você. Teria renunciado ao que achava certo fazer. E isso teria feito de você um derrotado. Derrotado como pessoa, quero dizer. Com a sua escolha, você falhou como pai, mas seguiu suas idéias, o que sentia. Assim nos ensinou que viver significa acreditar na justiça e construir o próprio destino, não deixar que outros o imponham a nós. E por isso, apesar de tudo, você é uma pessoa melhor do que muitas que vejo no bar, que têm uma casa, uma moto, o *L'Unità* no bolso, as conversas com os amigos, e que não querem mais fazer escolhas. Os filhos deles talvez sejam diplomados e formados hoje, e têm um bom trabalho, mas nunca vão saber o que eu sei.

Tinha lágrimas presas nos cílios. Ficavam ali, equilibradas, não desciam nem secavam. O pai permanecia imóvel, talvez sentisse a mesma vontade de chorar.

Pierre continuou:

— É por isso que vim falar com você. O que aconteceu não pode ser apagado, mas é tarde demais pra te odiar e pra que você

continue se sentindo culpado. Não adianta nada.

Cerrou os dentes, Pierre odiava o sentimentalismo, que só é aceitável em relação às mulheres, não entre homens, não entre pai e filho.

Levantou-se, pegou a mala e abriu a porta da casa. Radko escapou para fora, entusiasmado pelo ar matinal.

Na soleira os dois homens se olharam por um momento, constrangidos pela intimidade das palavras.

— Você disse coisas importantes, Robespierre.

— Eu disse a verdade, papai.

Vittorio tirou dois envelopes do bolso da camisa e os entregou ao filho.

— Uma carta pro Nicola e uma pra Iolanda. Tenho dificuldade para escrever em italiano, mas acho que eles vão conseguir ler assim mesmo. Fale com o seu irmão e diga que gosto dele.

Pierre concordou, sem mais palavras.

Apertaram as mãos como velhos amigos.

— Boa sorte.

— Pra você também.

No fim, se abraçaram.

Quando chegou ao alto da colina acima da casa, o assobio do pai chamou Radko, que o tinha acompanhado até aquele ponto.

Pierre se virou e o viu em pé na porta, o velho *partigiano* comunista desgastado pela vida. Não era compaixão o que sentia. Não seria justo, Vittorio tinha feito sua escolha e não estava arrependido. Entendeu que não tinha falado tudo, que tinha guardado alguma coisa, e por um instante sentiu o impulso de descer de volta pelo morro.

Você me contagiou com a sua doença. Fiz papéis falsos para chegar aqui. Eu também não consigo aceitar o destino que querem me impor. Tenho um trabalho, um talento para a dança, uma amante, e nenhuma perspectiva. Posso continuar sendo garçom, dançar enquanto tiver fôlego, encontrar escondido a minha mulher,

até quando ela quiser. É só isso? Não tem nada mais? Isso basta para mim? Não, papai, não basta, preciso de alguma coisa a mais, talvez em outro lugar, talvez em outro mundo, como foi para você. Talvez seja por isso também que nunca consegui odiá-lo. Porque sou como você. Eu também não consigo me satisfazer com as conversas de bar.

Apertou a alça da mala, levantou o braço em sinal de saudação e enveredou pela trilha.

Capítulo 54

Bolonha, 1º de maio, Dia do Trabalho

A clássica cusparada de velho acertou em cheio o olho do honorável Giorgio Almirante. Um metro mais e um rasgo monstruoso partia em dois o rosto do seu gêmeo.

— Precisa ter muita coragem — reclamou Garibaldi enquanto raspava a garganta e elaborava novas munições. — Um fascista como aquele vem falar com a gente em Bolonha, no Dia do Trabalho. Mas será possível?

— Veja — o outro emendou. — É bom falar que nós somos contra a bomba atômica e todas aquelas engenhocas, mas se derem pra mim uma bela bombinha, e disserem que se for jogada em cima de Washington os americanos vão se assustar, coitadinhos, e vão parar de dizer pra nós o que fazer, pode ter certeza que eu aperto o botão, pouco me importam as mulheres e crianças, eu aperto e pronto, porque entre duas desgraças, precisa escolher a menos pior.

— Deixa pra lá, vamos, não vamos mais falar nisso. Já estamos atrasados.

— É, você tem razão, não vamos falar mais: o médico, na última vez, disse umas coisas ruins sobre o meu fígado, é melhor que eu não envenene o meu sangue.

— Você não me contou que estava mal do fígado! — exclamou Garibaldi, surpreso. — Você quer que a gente dê um pedacinho de

cogumelo chinês?

— Quê, cogumelo o quê — Bottone enrugou a cara toda, como se tivessem passado merda debaixo do seu nariz. — Aquela porcaria, nem quero ver.

— Olha que ele faz bem! Não dá trabalho. Você deixa aí, no chá dele, ele vai crescendo devagar, forma um caldinho, você toma três xícaras por dia e pronto.

— Pra mim parece besteira. O tipo de remédio que cura tudo e nada, não é?

— Mas, se os chineses tomam, deve ter um motivo, não?

— Ah, os chineses! — respondeu Bottone ao enésimo Almirante. — Aquele é um povo esquisito, o que faz bem pra eles, não faz para nós. Além disso, escuta, se aquela coisa nojenta vem da China, então eu *nascido no Castelo de São Pedro, plovíncia de Xangai, você não sabia honlado companheiro italiano?*

Bottone deu um sorriso abobado, balançando a cabeça de um lado para o outro, e Garibaldi o mandou bater punheta.

No cruzamento entre a rua Iernerio e a rua Independência, já se ouvia o barulho e sob os pórticos o fluxo das pessoas seguia uma só direção, a da praça dos Mártires, de onde sairia o desfile para os Jardins Margherita.

Sobre a cabeça das pessoas, bandeiras vermelhas da Câmara do Trabalho, cuja sede era a dois passos e organizava toda a festa, com barracas de alimentação, diversões nos Jardins e comício de Montagnana à tarde.

Ao lado das bandeiras, e cada vez mais numerosos, apareciam também cartazes e faixas.

— Garibaldi, você que ainda tem vista boa, consegue ler o que está escrito aí?

Garibaldi puxou o canto dos olhos com os dedos, para focalizar melhor.

— Lamentavelmente, *honlado companheiro, eu chinês, eu não entende nada.*

Bottone o convidou, sem meias-palavras, a se dedicar à sodomia.

— Está escrito: “Não à Itália na CED”, “CED = SS”, “Dólares &

Bombas: Receita para novos nazistas”.

— Bom — Bottone esfregou as mãos com entusiasmo —, vamos achar logo os outros, que daqui a pouco começa a rumba.

— Bottone, o que você quis dizer?

— Você não sabe? A polícia proibiu os cartazes contra o governo, a bomba atômica *et cetera* e tal. É o Dia do Trabalho, eles disseram, falem de trabalho e não encham o saco quanto ao resto. Bom, vai ver que agora começa a pancadaria.

Bottone tinha visto muitas manifestações públicas. A primeira vez foi em 1911, um desfile contra Giolitti e a guerra na Líbia. A coronha da espingarda, porém, ele experimentou só oito anos depois, nos dias da revolta contra o aumento dos preços e o saque das lojas. Acabou no hospital, com a cabeça rachada. Ficou lá quase uma semana, mas a cicatriz debaixo dos cabelos nunca desapareceu.

A experiência permitiu que ele desenvolvesse a habilidade de interpretar os humores do povo e dos policiais e de entender quando e onde o estopim seria aceso. Agarrou Garibaldi pelo braço e o arrastou para o meio da rua, abrindo caminho com os cotovelos para chegar ao outro lado da praça.

Na frente do desfile, na rua Dei Mille, estavam os figurões dos sindicatos, alguns conselheiros comunais e até o senador Zanardi. A polícia nunca agiria naquele ponto. Nem pelos arredores da rua Marconi, onde era a sede do CDL, porque lá correria o risco de apanhar um bocado. Por essa razão, Bottone calculou que o ataque viria do lado ou detrás da estação. Mas excluiu a última hipótese, porque lá no fundo os cartazes proibidos eram bem poucos e os milicos precisariam de um pretexto para a investida.

De fato, no cruzamento escolhido, encontraram-se diante do cenário clássico: rifles de um lado, bandeiras vermelhas do outro, e no meio uma fossa invisível e magnética, como quando tentamos aproximar os pólos iguais de dois ímãs.

— Este é o último aviso. Entreguem os cartazes não autorizados ou seremos obrigados a dissolver a manifestação à força!

A resposta foi um grito unânime e centenas de punhos

levantados contra o céu:

— Scelba, seu porco, você vai acabar mal!

Depois alguém entoou também a Internacional, enquanto Bottone e Garibaldi iam sendo sugados para as primeiras fileiras.

Foi então que aconteceu o imprevisto. Segundo o *script* habitual, haveria mais um minuto, talvez dois, de confrontação, depois o chefe da polícia daria a ordem de atacar e iniciaria o primeiro *round*. Mas, nas últimas notas do Hino dos Trabalhadores, um indivíduo solitário, logo identificado por alguns como Giuseppe Zanasi, ex-pugilista amador, saiu do cordão dos companheiros, deu quatro passos e se posicionou bem no meio do campo magnético.

Depois de um instante de hesitação nas fileiras de milicos, um deles avançou na direção de Zanasi com o fuzil apontado, intimando que saísse dali.

Mas ele não deu um passo, os braços ao longo do corpo, o olhar firme nos sapatos. O milico chegou mais perto e, com uma pancada no ombro, quis convencê-lo a sair. A mão do ex-pugilista agarrou o cano da espingarda e obrigou o policial a abaixá-la. Os dois ficaram se encarando por um longo instante. Zanasi disse alguma coisa que muitos, mais tarde, juraram ter ouvido perfeitamente.

— Ele disse “Guarda isso, é uma coisa desagradável”.

— Não, não, eu ouvi muito bem, ele disse “E agora, o que vai fazer? Vai atirar em mim?”.

— Mas é pra mim que vocês vem contar isso? Ouvi direitinho ele falar “Isso vai ficar melhor no seu cu”. Foi isso mesmo, e pronto.

Bottone e Garibaldi não estavam perto o suficiente para poder dar opinião. Nem ouviram a ordem de atacar, mas isso porque, na confusão do momento, ela nem foi dada. Bottone nem viu quando o soco partiu. Garibaldi viu: era mais alto e enxergava melhor. Zanasi quase nem levantou os olhos, como se o instinto de pugilista sugerisse o ponto a ser atingido. O milico caiu feito entulho. Depois foram envolvidos no choque.

Zanasi foi detido com outro que só tinha apanhado, dois milicos acabaram no hospital, e cinco cartazes foram recolhidos.

Bottone chegou aos Jardins mancando, por um pontapé que

tinha levado do chefe de polícia em pessoa, Garibaldi rasgou a camisa no meio da pancadaria e Walterún, para consolá-lo, pagou um copo para ele na barraca de bebidas. Mas não adiantava, não ia ter como explicar e só pensava que à noite a mulher ia dar um sermão daqueles.

Capítulo 55

Entre Dubrovnik e Bari, 1º de maio

Enfim, até que ele gostava do mar. Sem exageros, bem entendido, mas até que se sentia bem com ele. Claro, o cheiro dos portos lhe dava enjôo, detestava o sal na pele e os bilionários apaixonados por veleiros. Apesar disso, quando sonhava com o lugar onde viveria seus últimos anos, sem querer voltava sempre para lá, aquecendo a bunda e com o mar nos olhos. Não era uma escolha consciente: critérios bem mais importantes dirigiam a seleção.

Primeiro, um lugar onde Luciano não tivesse contatos. Isso excluía uma boa parte do planeta: no mínimo os Estados Unidos por inteiro, uma boa fatia da América Central e os países mais civilizados do Velho Mundo.

Segundo, nada de cabeças quentes por perto, tranqüilidade política e leis muito compreensivas quanto aos cidadãos dedicados ao álcool, jogo de azar e fudas. Países muçulmanos, soviéticos e colônias rebeladas já estavam fora de cogitação, sem pensar duas vezes.

Terceiro, pelo menos um lugar no raio de cinco quilômetros onde o garçom não servisse *bourbon* em vez de *scotch* e tivesse condições de preparar um bom *manhattan*. Então a África Central não seria uma boa escolha, muito menos a Índia, talvez nem o Japão.

Quarto, no período mais frio do ano uma malha de lã deveria ser o bastante. Portanto, saíram da disputa a Escandinávia, o Canadá e a Inglaterra.

Então, o mar não entrava nos requisitos fundamentais. No entanto, aparecia sempre. Talvez porque Steve tivesse aprendido geografia de marinheiros e contramestres e não conhecia nenhuma cidade que não se debruçasse pelo menos sobre um oceano.

Ou talvez por ter sempre vivido em cidades marítimas, ainda que em Nova York algumas crianças do Queens nunca chegassem até Coney Island ou a Orchard Beach, e não soubessem que além do Estreito de Verrazzano começa o oceano. Porque, no fim das contas, a Baía de Hudson parece uma lagoa, e com certeza o sujeito que dirige a balsa para Staten Island não saberia pilotar um barco em mar aberto.

Então, recapitulando: Montevidéu? Lá chove italiano. Sem contar o inverno, que deve ser frio. Bahamas? Muitos malditos americanos. E Sidney? Não Steve, em Sidney também tem italianos demais. Quem sabe a Nova Zelândia, do outro lado do mundo. Talvez muito do outro lado, ali também deve fazer frio de vez em quando. Hong Kong? Singapura? Será que em Singapura sabem fazer um bom *manhattan*?

O marinheiro tinha pedido que ficasse quieto lá dentro e evitasse andar pelo barco. O capitão não tinha nenhum interesse em denunciá-lo depois da chegada, mas era melhor não se indispor com ele. Não era um tipo compreensivo.

Nas duas primeiras horas da viagem, Pierre foi fiel ao aviso. Encolhido em seu buraco, com a gaiola entre os joelhos e a sacola de couro debaixo do braço, fez de tudo para adormecer, a única forma de dar uma trégua ao estômago. Mas nem um faquir teria conseguido pegar no sono naquelas condições. O calor era infernal, o ar, pesado, emplastro de sal e óleo diesel na pele, peixe estragado na boca e no nariz. O queixo apoiado no joelho. Pierre não perdia de vista o seu companheiro de viagem, angustiado pela idéia de que

pudesse morrer de uma hora para outra.

Sabia que não agüentaria por muito tempo.

Precisava sair. Enfiar dois dedos na garganta e pronto. Senão, arriscava botar tudo para fora em um momento de descontrole e afogar o pombo. Triste fim.

A silhueta das montanhas se desfez no horizonte, ao redor nada mais que água. Zollo se dirigiu à estiva para o controle que sempre fazia na metade da viagem. Com uma carga daquelas, todo o cuidado era pouco. Lançou o toco do cigarro por sobre o parapeito e foi pelas escadas que levavam à ponte de baixo.

Chegando lá, antes da escotilha, um ruído à direita chamou a sua atenção. Era alguma coisa humana, parecia muito com o último apelo que J. J. Clancy tinha lançado ao mundo antes de morrer com a traquéia afundada pelos polegares de Steve Cimento. Zollo se debruçou para fora da base de uma gigantesca empilhadeira, e viu um sujeito de costas, dobrado em dois, uma mão na parede e outra apertando as tripas. No meio das pernas abertas, um pombo olhava para ele pelas grades de uma gaiola.

— Quem é você? — perguntou Zollo ao sujeito do pombo, assim que as convulsões pararam.

O sujeito virou só a cabeça, sem sair da posição. Um jovem. Gaguejou alguma coisa incompreensível, depois conseguiu articular:

— *Wh-what?*

Com os guardas de Bolonha, o truque do inglês funcionava sempre. Servia para ganhar alguns minutos, o tempo de inventar alguma coisa. Pierre precisava disso, sem dúvida alguma. O sujeito com sotaque siciliano na frente dele era bem grande e, a julgar pela vestimenta, não era nenhum matuto.

— *You're not in the crew, ain't you? Who are you?*

Como já havia acontecido com Cary Grant, Pierre só conseguiu entender a última parte da pergunta. O fulano sabia inglês melhor que ele. Com os guardas de Bolonha, nunca tinha acontecido isso. Melhor não enrolar muito.

— Meu nome é Robespierre Capponi, senhor. Embarquei em Dubrovnik.

— Ah, é? E como você embarcou?

O marinheiro tinha falado claramente: se descobrirem você, nem mencione o meu nome. Não vão lhe fazer nada, não querem problemas com a alfândega. Mas eu perderia o emprego.

A resposta já estava pronta:

— Ontem à noite, enquanto estavam carregando, eu me escondi entre as caixas e embarquei.

— Você fez uma puta de uma merda. Motivo?

— Ia voltar com um amigo, mas tive um contratempo, tive que voltar logo...

— Que tipo de contratempo?

Pierre balançou a cabeça:

— Se eu contar, o senhor não vai acreditar.

Zollo chegou perto do rapaz com um olhar que teria feito um lobo se cagar todo.

— Ouça bem, rapaz. Estou pouco me fodendo com o que te aconteceu. Agora vai me contar tudo sem fazer nenhuma gracinha, ok? — Era uma das frases mais longas que tinha dirigido a um estranho.

— Está bem — respondeu Pierre, sentindo o sangue congelar.

— Vou contar desde o início: eu estava numa ilha, visitando o meu pai e enquanto estávamos cuidando da nossa vida, alguém tentou raptar Cary Grant, que também estava na ilha, sei que é incrível, mas é isso aí, eu juro, então meu pai atirou e os raptadores fugiram...

— *Bullshit!* — interrompeu Zollo. — O que o Cary Grant tem a ver com a história? Ontem à noite saiu o *ferry* para Bari. Se estava com pressa, podia ter tomado aquele.

— Como? E o dinheiro, onde eu ia arranjar?

— Entendi. O problema é dinheiro.

— É... isto é, enfim, eu falei: aquilo que aconteceu... — Pierre não repetiu o nome do artista, para evitar que o outro ficasse nervoso. — Espere, olhe isso, tenho provas — procurou no bolso e tirou o exemplar de *Casino Royale*. — Está vendo este livro? Em inglês? Na Itália não tem. Ele me deu, bom, ele esqueceu na praia e

eu...

Zollo se viu segurando o livro de Ian Fleming e instintivamente se pôs a folhear.

— Sinto muito — continuou Pierre chegando ao lado dele — não tem nada que demonstre que pertence a ele. Os grifos a lápis são todos meus, palavras que preciso procurar no dicionário, está vendo?

— *Shut the fuck up!* — exclamou Zollo. — Reze pra que nenhum vigia te ache e eu deixo pra lá. Mas se te vejo andando pelo navio, se arrumar problema pra nós, jogo você pra fora com uma âncora nos pés.

— Certo — respondeu Pierre, engolindo. — Não vou causar problema.

Zollo ficou olhando por um longo momento, deu meia-volta sobre os calcanhares, passou pela empilhadeira e quando se virou para perguntar que porra de pombo era aquele, o rapaz e a gaiola tinham desaparecido.

Voltou à ponte superior. Gostava do ar fresco da noite. O rapaz com a gaiola devia ser um coitado qualquer, provavelmente um louco. Como era aquela bobeira do Cary Grant? A gente encontra cada maluco. Mas nada que pudesse incomodar. Não agora que as coisas estavam tomando o rumo certo. A sobra do último carregamento era de 3 quilos. Com aqueles que já tinha separado formaria a aposentadoria antecipada do Steve "Son-of-a-bitch" Cimento. Chegando a Nápoles, teria colocado os 3 quilos em segurança junto ao resto, aguardando o encontro com Toni, o lionês. Precisava tomar cuidado. Luciano ia mandá-lo para Marselha para tratar do lote maior. Nada de besteiras. Steve "Cautela" Cimento em ação. Encontrar compradores para a droga *dele*. A viagem à França por conta de Luciano era a melhor cobertura do mundo. Steve, o Fiel, vende a heroína dele e, sem que ninguém perceba, vende também a própria. Nenhum deslize. Tudo regular. Só restava decidir onde desaparecer.

Zollo olhou para o toco de cigarro incandescente girar para além do casco, fazer uma parábola perfeita e se apagar entre as ondas. Extraiu do bolso a garrafinha e deu um gole de consolação.

Capítulo 56

Nápoles, 2 de maio

Chegou chacoalhando dentro de um furgãozinho anônimo, depois de uma viagem nem um pouco agradável. Solavancos e sacudidas deviam tê-lo danificado, mas não podia pretender que aqueles matutos lhe dispensassem as precauções que merecia. O sujeito de mãos grandes e boné nos olhos o carregou no ombro com um meio gemido. A porta abriu diante deles: mal dava para passar.

Um homenzarrão grande e escuro, com um palito na boca, indicou um móvel, bom no máximo para o modelo padrão. Com quem pensavam que estavam lidando, aqueles trogloditas? Um McGuffin Electric Deluxe não é um acessório qualquer, mas parte integrante da decoração de uma casa moderna: largura de nada menos que 18 polegadas por 24 de altura, com cinescópio retangular de 17, disponível em várias cores para a melhor adaptação aos seus móveis. Mãos Grandes teve que empurrar muito, auxiliado por Palito, mas é claro que não cabia, e por sorte perceberam, dez blasfêmias depois, antes que acabassem arranhando o gabinete que imitava madeira, ótima combinação para aparadores de noqueira, completamente destoante na fórmica azul.

No fim, deixaram-no sobre duas cadeiras encostadas. Palito recuou três passos, contemplou-o com a cabeça inclinada, como se tivesse dado o último retoque no *Moisés*, aproximou-se novamente

para inserir a tomada, depois gritou um nome tipo Concetta duas, três vezes, até que apareceu uma gordona de avental que começou logo a criticar as dimensões do recém-chegado. *God*, quanta ignorância!

Palito olhava para o chão, de lado, tentando desesperadamente se controlar, um esforço titânico que não obteve sucesso:

— Cala a boca — explodiu alguns minutos depois. — *Mannaggia la maronna*^[63], fica quieta!

Obtido o silêncio, o homem esfregou as mãos várias vezes, como se quisesse carregá-las de um poder taumatúrgico. Avançou cerimonioso, apontou com o indicador os vários botões, escolheu um. Voltou quase correndo para o lado da mulher, pôs a mão no queixo, inclinou a cabeça para o lado, esperou. McGuffin não dava sinais de reação. Repetiu tudo desde o começo, incluindo a esfregação das mãos. Escolheu o botão ao lado do anterior, mas, por um desarranjo elétrico, no lugar do televisor, ele tinha ligado a mulher.

— Bela porcaria empurraram pra você — grasnou a megera.

Palito não desanimou. Tentou todas as soluções, chegando a esbofetear o pobre McGuffin como se fosse um filho desobediente. Enquanto o marido agitava o punho diante da tela com frases ameaçadoras, a mulher se aproximou do precioso aparelho, certa de que poderia dar uma contribuição essencial.

Mas não tinha jeito, infelizmente. Ele estava estragado, isso era evidente. Jogado à direita e à esquerda dentro de um furgão, sem um cobertor ao redor, em um caminho irregular, cheio de buracos, o que esperavam? Ele era sólido, mas não indestrutível. E o conserto teria custado uma nota.

O nariz da bruxa encostou na grade do alto-falante. Tinha percebido alguma coisa.

— É isso — declarou radiante. — Agora está tudo explicado.

— O que está dizendo? — perguntou Palito, encaixado entre o televisor e o muro.

— Olha isso aqui: tá vendo que tem coisa escrita? Isto é

americano, certo?

— É, e daí? O que isso quer dizer?

— E daí? Está muito claro, não? Este aparelho só pega transmissões americanas, que ainda não têm na Itália. Você não se lembra da Maria, quando comprou aquela geladeira americana que com a eletricidade daqui não funcionava? É a mesma coisa. Estamos na Itália, e o aparelho precisa ser italiano.

O olhar perplexo do Palito percorreu duas ou três vezes a distância entre o rosto da mulher e a tela inanimada do McGuffin. Leu e releu o que estava escrito, ligou e desligou a tomada, se desdobrou para achar algum defeito, tentou os botões restantes, e no fim se rendeu pensando que o velho ditado italiano que diz “mulheres e bois têm que ser escolhidos entre conterrâneos” devia incluir os televisores também.

Marisa era uma bela mulher. Um desperdício ficar com um tipo como aquele, que não cuspiu o palito nem para beijar. Ela devia ter um bom motivo para corneiar o marido com um indivíduo tão desgrenhado. Claro, presentes como um McGuffin Electric Deluxe, valor comercial 250 mil, para os mais maliciosos já eram uma boa razão. Mas, pensando bem, devia ter alguma coisa a mais.

Marisa se inclinou para arrumar o sofá, espelhando na tela o generoso decote. Depois virou do outro lado e fez a mesma coisa com a bunda. Só tinha as coxas um pouco grossas, mas, quanto ao resto, nada a dever em relação ao corpo atlético de algumas americanas. Difícil dizer quantos anos tinha, talvez 30, mas muito bem conservados.

Quando o marido voltou, correu para recebê-lo na porta, a fim de aturdi-lo com baboseiras sobre a novidade que estava na sala.

— Sabe aquela rifa da vendinha, aquela que sorteava uma televisão? Lembra que você ficou bravo e disse que dez bilhetes era dinheiro jogado fora? Então, venha e veja o que eu ganhei, e você queria gastar 160 mil por aquele trambolho que a gente viu no outro dia!

O marido entrou na sala e arregalou olhos e boca diante do McGuffin. Vendo aquele meia-foda de olhar abobalhado, de ombros caídos apertados no paletó cinza e uma bolsa de falso couro pendurada na mão, não era difícil encontrar mais um motivo para o adultério de Marisa, porque Palito, ainda que rude, tinha pelo menos uma migalha de fascínio viril.

— Querida — comentou o mussarela arrumando os óculos. — Retiro tudo o que eu disse sobre o dinheiro jogado fora. Enquanto você prepara o jantar, vou ver se consigo ligar o aparelho.

A mulher estalou um beijo traidor no rosto pálido e sumiu. O mussarela soltou o nó da gravata, tirou o paletó, arregaçou as mangas e, sentindo-se um pequeno Einstein, entrou em um corpo a corpo com a tecnologia.

Dez minutos depois, enquanto as lulas crepitavam no vinho branco, Marisa ouviu os primeiros ataques. Quando estava juntando as ervilhas, as nossas senhoras já estavam descendo à Terra. Giuliano não era um tipo paciente: os nervos dele explodiam logo de saída, depois ficava intratável, levantava as mãos e se tornava vulgar. Essa era talvez a razão mais profunda pela qual a mulher não o suportava e preferia aquele Ciro, que pelo menos mantinha as mãos no lugar e, mesmo quando nervoso, não tinha voz estridente de bicha.

Enquanto o tomate era acrescido aos outros ingredientes na panela, Marisa ouviu que a estavam chamando em tom raivoso:

— Marisa, puta que o pariu, já te foderam outra vez!

A mulher estremeceu. Lulas e companhia inundaram o fogão. Como é que ele tinha descoberto? Será que o sofá não estava arrumado? Seria possível que o televisor funcionasse também como filmadora? Ou será que Ciro tinha falado com as pessoas erradas, gente que trabalhava na TV?

— Marisa, que prêmio que nada! — insistiu a voz cada vez mais estridente. — Esta merda não funciona!

— Como é? Não funciona? — A mulher levou uma mão ao peito, fechou os olhos e soltou um profundo suspiro. Ainda bem.

Ficou parada um pouco, para depois trocar confidências em voz baixa com as lulas, enquanto com a colher de madeira as

obrigava a voltar para a panela.

Vincenzo Donadio fechou a porta da oficina depois das sete. Tinha perdido mais de uma hora tentando consertar um telefone quebrado e não tinha sobrado tempo para pôr as mãos naquele trambolho. Além disso, ele nem entendia muito desses aparelhos. Eram coisas novas, complicadas, especialmente para quem, como ele, era especializado em motos *scooters*. Mas a Vespa e a Lambreta tinham saído fazia pouco tempo, não havia muitas por ali, e se quisesse ganhar a vida, teria que ampliar o campo: rádios, televisores, toca-discos, para o Vince' qualquer coisa servia.

Fechou o grosso cadeado ao redor do anel de ferro e foi se afastando assobiando "Viale d'autunno".

Não tinham se passado seis horas quando, na rua escura e deserta, animada só pelas brigas dos gatos, apareceu uma sombra furtiva, que se agachou perto do mesmo cadeado, armada de um molho de chaves falsas. Tentou umas dez, com os nervos firmes, até encontrar a certa. Levantou a porta o suficiente para escorregar para dentro, enquanto no fundo da rua apareciam os faróis de um pequeno caminhão.

O McGuffin estava em cima da bancada de trabalho. Não por acaso, o arrombamento acontecia exatamente naquela noite. A chegada dele não tinha passado despercebida.

Depois de deslizar para a rua uma boa quantidade de pequenos rádios, o homem enfiou a cabeça debaixo da porta, conferiu se estava tudo tranqüilo, trocou algumas palavras com alguém lá fora e, com extrema cautela, enrolou a porta de ferro até à metade.

Conduziu para fora, segurada pelos chifres, a primeira Lambretta. Ajudou o compadre a carregá-la. Voltou e agarrou uma segunda *scooter*, carregou aquela também. Se fosse torcida, a camiseta dele teria enchido um copo. Quando esticou as mãos, estavam molhadas. Mas não era o caso de bancar o enjoado: aquela interferência providencial salvaria McGuffin do pretensioso conserto

do Donadio, que teria comprometido para sempre os seus delicados mecanismos.

— Caralho, uma TV americana! — exclamou o motorista assim que o viu. — Quem sabe se não podemos assistir aos programas americanos, certo, Nené?

— Não fala besteira, Peppino. Pega o cobertor, vai!

Enrolaram muito bem e o encaixaram entre a Lambretta e um rádio de móvel, para evitar que sofresse traumas.

Até que enfim um tratamento que poderia ser considerado adequado. Até que enfim alguém parecia entender o grande valor de um McGuffin Electric Deluxe, ainda que um pouco danificado, com acabamento em madeira e tela de 17 polegadas.

Fecharam o baú. O caminhão derrapou sobre o calçamento assustando dois gatos, depois sumiu como um sopro na noite de Nápoles.

Capítulo 57

Moscú, Palácio Lubianka, 2 de maio

O general Serov colocou a documentação sobre a escrivãzinha, as folhas perfeitamente alinhadas. O dossiê "Leach-Grant" já constituía um bom número de pastas datilografadas. O relatório de Zhulianov era meticuloso. Assim como as comunicações internas do MI6 recém-chegadas de Londres.

O serviço secreto inglês tinha passado os piores quinze minutos desde quando os *Stukas*^[64] de Hitler tinham sobrevoado Westminster. Apesar de o rapto de Cary Grant ter falhado, o objetivo havia sido atingido. Tito tinha quebrado a cara diante dos ingleses; os ingleses tinham quebrado a cara diante de Grant e dos americanos. As fontes informavam que o comentário conclusivo do ator, ao encontrar o contato do MI6, havia sido: "Senhores, vão todos se foder". O dossiê descrevia ainda o embaraço de Dyle: "Estou desolado. Há algo que possamos fazer pelo senhor, Mr. Grant?" e a lacônica resposta: "Claro. Chamar um táxi para o aeroporto".

O general deu uma risada debochada, imaginando a cena.

O projeto cinematográfico do MI6 acabava na lixeira da História, antes de ver a luz.

Ele podia se considerar satisfeito.

Talvez eles insistissem, mas se o perfil do caráter de Grant estava correto, ele apostaria as próprias patentes que o ator não se deixaria mais levar por aqueles tratantes.

Precisava acompanhar os próximos deslocamentos de Grant. Fez anotações em uma folha e voltou a se concentrar nas questões cruciais daqueles dias.

Novas ameaças pairavam sobre o mundo. A União Soviética tinha que assumir as próprias responsabilidades. E ele estava aí para fazer a sua parte.

Na Indochina, os comunistas do Vietnã tinham imprensado os senhores coloniais franceses nas cordas. O general Giap dava o aperto final ao assédio de Dien Bien Phu: o grupamento da Legião Estrangeira, sitiado no planalto, estava com os dias contados. Os americanos, cheios de vaidade, estavam prontos para suplantar em toda a área aquela sucata fascista. Não aceitariam em hipótese alguma que a Indochina se tornasse vermelha.

Por outro lado, os chineses estavam prontos para jogar a partida que os tornaria o país líder dos comunistas asiáticos. Tinham se fortalecido e conquistado galões na Coréia e agora queriam opinar também.

Os chineses. Precisava tomar cuidado com os chineses, ele já tinha avisado Khrushchev, quando questionado sobre o assunto. Eles eram muitos, demais, e tinham um líder que, em termos de carisma, não deixava nada a dever a Stalin. E, além disso, não dava para entender como raciocinavam. Ao pensar em chineses, era preciso ordenar as idéias de outra forma. O general não tinha medo de nada, não depois de tudo que tinha visto na vida. Os franceses eram fanfarrões. Pensavam que ainda tinham um império, mas pediam dinheiro emprestado aos americanos para mantê-lo em pé. Eles eram como os aristocratas decaídos, de calças remendadas na bunda, que gritavam coisas assim: "Você sabe com quem está falando?" Os ingleses, bons soldados, com certeza, mas com todos aqueles costumes estúpidos, como o de tomar chá sob os bombardeios. Sem os americanos e os russos, o chá teria que ser servido a Himmler, enquanto no quarto ao lado aquele maníaco do Goebbels torturava a horrível princesinha deles. Que nojo.

E os americanos então. O desembarque na Normandia foi uma das ações de guerra mais caras e absurdas da História. Tudo para chegar a Berlim antes deles. Não tinham idéia de como devia ser conduzida uma guerra. Só poder de fogo. Aquela era a única arma deles, ir ao ataque com grande alarde, bombas atômicas, helicópteros, e agora aquela nova invenção, o napalm... Continuando assim, teriam levado o fim de Custer, levando pontapés na bunda de gente com arco e flecha.

Não, os chineses é que o assustavam. Seiscentos milhões de pessoas enfileiradas na mesma linha de fogo. Tinham conseguido acesso à mesa das negociações em Genebra, para discutir o destino da Indochina. Khrushchev convocou o velho Molotov, tirou-lhe o pó da roupa boa e o despachou à Suíça para fazer o melhor que pudesse. Não tinha certeza se a experiência daquele revolucionário caduco recém-retirado do marasmo seria suficiente para resolver a situação a favor da União Soviética. Provavelmente não.

Ao mesmo tempo, os americanos manobravam na sombra. Tinham abordado Bao Dai, o imperador do Vietnã, enchendo os bolsos dele de dinheiro a fim de convencê-lo a voltar à pátria e servir de fantoche para eles. Centenas de milhares de dólares dos contribuintes americanos entregues de presente a um decadente aristocrata indochinês, que os jogava fora no cassino de Evian. Porque era aquele o lugar em que ele tinha decidido esperar pelo êxito da conferência de Genebra. E seus novos amigos o enchiam de anões e bailarinas, para usá-lo como curinga e instalá-lo de volta no Vietnã. Os americanos eram o povo menos econômico da história.

O general teve um arrepio de raiva. Começou a fazer anotações em uma das folhas. Precisava ativar o residente suíço e aquele francês: qualquer meia frase que tivesse voado pelos corredores de Genebra precisaria estar em sua mesa dentro de uma hora. Não menos importante: manter o máximo de olhos vigiando Bao Dai. Se os americanos pretendiam mesmo recolocar no trono aquele alcoólatra asqueroso, ele teria que saber em tempo real.

No fim se levantou, fez estalar as articulações do pescoço e dos ombros e percorreu os dez passos que o separavam da janela. As cortinas não estavam mais lá. Olhou para fora do vidro e mais

uma vez teve a sensação de pertencer a uma grande engrenagem.
Parte da História.

Capítulo 58

No céu da Califórnia, 2 de maio

Enquanto o avião descia em Los Angeles, Cary ainda sentia aquela energia. Era apenas um arrepio atrás das orelhas, quando na sala de casa lhe haviam proposto a missão na Iugoslávia. Depois tinha virado emoção, mascarada pelo *aplomb*, no momento de encontrar Tito. Em seguida, tinha se transformado em medo, na ilha de Šipan, quando atiraram nele e teve que improvisar uma corrida de 100 metros rasos. E aqueles dois estranhos italianos que o tinham ajudado... Não conseguia entender bem o que eles faziam lá, mas tinham sido gentis, portaram-se à altura de tão bizarra situação.

Olhou para fora da janela a fim de ver as colinas, mas não pôde se orientar. Aterrissariam no campo militar do qual tinha partido. Não tinham acrescentado mais nada, talvez porque ninguém soubesse (ainda era uma operação secreta), e os que sabiam por certo se sentiam envergonhados. Que papelão tinham feito. Não só o serviço secreto de Sua Majestade, mas os americanos também, que tinham apoiado a operação.

E Bondurant, como teria se saído no lugar dele? Quando, finalmente, conseguiu ouvir Betsy por telefone, na linha particular posta à disposição pelos militares, conseguiu captar só umas poucas indicações vagas. O caso da gravata *regimental* já era águas passadas, quase conseguia rir da situação. Tinha realmente

recuperado o bom humor. O entusiasmo pelas coisas, que pensava ter perdido e no qual tinha até parado de pensar, o entusiasmo de sair pelo mundo, que Betsy tentava sem êxito fazer com que recuperasse, tinha crescido dentro dele como uma trepadeira. Não saberia dizer o porquê, mas, voltando para casa, sentia-se regenerado.

Era novamente um ator maduro com saudade de si próprio, mas especialmente dos outros, desejando ser colocado novamente à prova, para demonstrar que o público, aquela imensidão de olhos anônimos, ainda o queria.

Era novamente Archie Leach, um garoto que arrancava o primeiro aplauso e que corria até o velho Pender com a expressão que dizia: "Consegui, viu? Estão batendo palmas para mim".

Archie exigia isso. Era a natureza dele. Demonstrar a si mesmo que ainda era capaz de emocionar a si mesmo e aos outros. Sair da concha e desafiar o mundo para que lhe dissesse na cara, se tivesse coragem, que ele não sabia mais andar sobre as mãos ou fazer malabarismos. Queria enfrentá-lo com a altivez de quem conquistou a vida a muito custo e quer segurá-la firme.

Cary o acompanharia. Mesmo se para ele fosse mais uma questão de narcisismo.

Alguns grupos de casas dos subúrbios apareceram entre as nuvens. O jovem piloto que lhe haviam designado comunicou que faltavam poucos minutos para a aterrissagem.

Cary afivelou o cinto de segurança e relaxou no assento. Podia pensar sobre os anos passados sem rancor. Claro, o tempo de Cary Grant estava se esgotando. Marlon Brando e James Dean conquistavam os olhares e os corações. Bonitos e introvertidos, problemáticos, um pouco fanfarrões e um pouco inseguros. Cary sabia que o fascínio do velho estilo da sua geração teria dado passagem à nova fileira de astros e às suas poses de rebeldes de coração mole. Mas isso não queria dizer nada. Ele ainda estava ali, com os ombros carregados de experiência e cuidadoso no trajar. Nunca teria usado uma regata ou uma jaqueta de couro, mas ainda tinha o que ensinar. Sim, ainda precisavam dele. Do sorriso reconfortante de quem mantém a porta aberta para fazer uma

mulher entrar no quarto. De alguma frase espirituosa feita ou de uma alusão. Da expressão segura e relaxada, para todo homem que queria se espelhar nele e pensar que aquele fascínio não estava fora do alcance. Daquele amante e amigo ideal, que todo mundo gostaria de encontrar no trem, compenetrado na leitura de um bom livro e disposto a conversar amavelmente sobre qualquer assunto.

Concordou com si próprio. Ainda queria conquistar as mulheres. Isso com certeza ele não contaria a Betsy. Mas quando, ao telefonar para Hitch para dizer a ele que toparia, teve a confirmação de que Grace Kelly contracenaria com ele, entendeu que estava diante de um desafio. O velho Hitch sabia como provocá-lo, conhecia-o melhor que qualquer outro. Eles se entenderam desde o primeiro momento: ingleses em solo americano, apaixonados por Hollywood, mas capazes de mudar o jeito como as coisas são feitas por lá, presos às próprias manias, mas fascinados pelas infinitas possibilidades do cinema, intimamente ligados a ele, e de alguma forma inseparáveis havia quase quinze anos.

Grace Kelly era a mulher mais linda do momento. Com o sexo debaixo da pele, não na superfície, como Hitch gostava. O sexo devia ser parte do mistério, não declarado, implícito em um olhar, na fala certa do roteiro, em um detalhe. O sexo era uma alusão sutil entre romantismo e ironia. Algo sob medida para Cary Grant.

Voltar a trabalhar com Hitchcock era o que ele precisava para recomeçar. Com o único sujeito em condições de compreender a paixão dele pelos detalhes, capaz de discutir durante horas sobre o nível do líquido em um copo e, ao mesmo tempo, de entendê-lo através de um simples olhar.

O avião apareceu de trás da cortina com o seu melhor sorriso:

— Mr. Kaplan, chegamos. Já vamos aterrissar.

Ainda aquele pseudônimo ridículo. Como se os pilotos não o tivessem reconhecido. A praxe militar era realmente uma coisa estúpida.

Voltou a pensar nos seus 50 anos e perguntou a si mesmo quanto ainda lhe restava. Cinco, dez anos?

Sorriu para si mesmo, refletido no vidro da janelinha.

E o que importava? Teria jogado a partida até o fôlego permitir. Sem excessos, sem pretender acompanhar o passo dos juvenzinhos, mas sem permitir que o deixassem para escanteio. Em vez de correr, ele caminharia, percorrendo a mesma estrada com elegância impecável. Como sempre. No dia em que resolvesse dizer chega, todos deveriam prender a respiração. Ele os deixaria ficar na vontade, isso sim.

O avião desceu rapidamente e tocou o chão com um leve solavanco que causou um aperto no estômago de Cary. Depois parou e desligou os motores.

Quando a porta do avião militar se abriu para o dia, Cary apertou os olhos, abaixando a cabeça. Depois um sorriso que milhões de pessoas conheciam apareceu no rosto dele. Colocou os óculos escuros, pegou a mala e foi em direção à luz.

No coração, as palavras ecoavam sem parar: "Ei, eu voltei!"

Il Resto del Carlino, 19/04/1954.

O dia de Páscoa em Roma
MENSAGEM DO PONTÍFICE CONDENA
ARMAS ATÔMICAS

Il Resto del Carlino, 26/04/1954.

PRESSÃO COMUNISTA CRESCE EM DIEN
BIEN PHU

Mensagem de Giap às tropas do Viet Minh:
"A hora da vitória chegou"

CONFERÊNCIA ASIÁTICA EM GENEBRA
COMEÇA HOJE

Destino da Coréia e da Indochina ainda
incerto

Il Resto del Carlino, 27/04/1954.

DESTINO DA INDOCHINA DOMINA
NEGOCIAÇÕES NA CONFERÊNCIA DE
GENEBRA

Il Resto del Carlino, 28/04/1954.

INTRANSIGÊNCIA DE TITO TORNA
PROBLEMÁTICA UMA SOLUÇÃO PARA
TRIESTE

L'Unità, 29/04/1954.

EXUMADO CORPO DE WILMA MONTESI

L'Unità, 03/05/1954.

Primeiros ministros asiáticos pedem paz na
Indochina
O RECONHECIMENTO DA CHINA E A
ABOLIÇÃO DAS ARMAS ATÔMICAS

L'Unità, 05/05/1954.

REPRESENTANTES DE HO CHI MINH
CHEGAM A GENEVRA PARA ABRIR AS
NEGOCIAÇÕES DE PAZ NO VIETNÃ

Il Resto del Carlino, 08/05/1954.

DIEN BIEN PHU CAI DEPOIS DE BATALHA DE
VINTE HORAS



**SEGUNDA PARTE
MCGUFFIN
ELECTRIC**

Capítulo 1

Nápoles, Hipódromo de Agnano, 3 de maio

A vida é uma merda. A morte também. Ainda mais morrer com a cara enfiada na bosta de cavalo. Já estou me cagando todo. O que eu faço agora, o quê? Vou gritar, cagar nas calças, implorar pra Sant'Ana que me abandonou, pras Nossas Senhoras que fiz chorar e agora estão se vingando, peço perdão, é, estou mijando nas calças, perdão, perdão, perdão, Virgem Maria e Steve Cimento.

Por que ele vai me fazer sofrer, santa mãe? Vai me fazer até sentir saudade daquela merda de cela gelada. Mas o que foi que eu fiz para a sorte ter nojo de mim, o que foi que eu fiz?

Ele só me deu um bofetão e eu nem sinto mais a orelha esquerda, me dói o olho e a cara está queimando feito herpes. Ele me amarrou nesta cadeira, anda de cá pra lá, virou bicho, solta fumaça pelas ventas como os cavalos aqui ao lado. Jesus! Ele está pensando em como vai acabar comigo.

Que azar, que fim de merda! Salvatore Pagano, vulgo Kociss, que nunca abriu a boca, juro pela minha mãe e por todos os santos, vai saber o que disseram pra ele, algum mentiroso, porque eu juro que não disse nem uma palavra, não sabia de nada, foi aquele desgraçado de merda do delegado Cinquegrana que me fodeu, ele mesmo, malditos sejam os filhos dele até a sétima geração! Aquelas perguntas sobre dom Luciano, Cimento, todos ouviram, me fodeu

aquele porco nojento. Mas eu não falei! Todo mundo sabe que Kociss não fala nem com a polícia, nem com os infames, nem com os fazedores de defuntos.

Gostaria muito de dizer pra irmã Titina, bem agora, pra ela que dizia que eu ia viver pelo menos cem anos porque Jesus Cristo não quer carne ruim, é, irmã Titina, e aí? A senhora não quer dizer isso pro Steve Cimento, ou pedir a Jesus Cristo que desça até aqui, mas tem que ser logo, irmã Titina, já.

Mas ele acha que sou louco por acaso? Ia ficar falando de dom Luciano, eu? Por que está fazendo isso comigo? Não sei de nada, minha Lisetta, eu não falei nada, ainda bem que já comprei o vestido, que azar, e as meias de seda também, você gostou, não chore, não vou sentir mais seu cheiro que me faz perder a cabeça, Jesus, não vou ver mais o cabelo enrolado da Lisetta que se mexe todo quando ela ri, não chore, aquela carinha linda quando ela diz "Salvato', você é bobo mesmo!".

E se ele não estiver tão decidido?

Por que ainda não me matou? Talvez algum malandro de merda, algum bosta tenha falado de mim porque eu estava preso, mas sem dizer "o que eu cantei", assim, só por dizer, talvez. Ou porque ainda não decidiu onde jogar o cadáver, minha mãe, não!

Não, não, pode ser que ele resolva não matar, olhe pra ele, Salvato', está puto feito um *mãessantíssima*, bufa que nem um barco a vapor, mas parece que está pensando em outras coisas, outros negócios.

E pense, pense você também, Salvato', rápido, pense em alguma coisa que possa salvar sua vida, senão, pode esquecer Lisetta e toda esta vida de merda.

Coragem, preciso criar coragem, e falar. Falar e dizer: "Senhor Cimento, é tudo um engano. Salvatore Pagano, vulgo Kociss, é admirador e servidor de dom Luciano e do senhor, e nunca, nunca mesmo poderia dizer nem uma palavra sobre os dois..."

É preciso ter coragem, minha garganta está seca, me dói o

olho, coragem, vamos, hum... estou fedendo também.

— *A-uhm, mister Cimento, lissentumí...*

— *Shut up*, cu de burro! Cadê aquela porra de TV?

A televisão?

— *Mistestiv*, não se preocupe então, vou buscar já, *shur*, *donuórri*, se é só isso, me dá meio dia e trago de volta, *shur!*

A televisão.

Mas é possível que fosse dele?

Capítulo 2

Bolonha, Sétimo Céu, 5 de maio

A fila para entrar no salão de baile chegava até à praça VIII de Agosto.

O Sétimo Céu devia estar lotado.

Os mosqueteiros não se deixaram impressionar e enfrentaram de bicicleta a subida, com Brando na frente, Sticleina e Gigi lado a lado e Pierre por último, na bicicleta que Bortolotti lhe havia emprestado.

— Que diabos fizeram com você na Iugoslávia, lavagem cerebral? Você não parece mais o mesmo! — tinha comentado Brando alguns dias depois da sua volta.

Enquanto pedalava, Pierre pensava que o amigo tinha razão. Sentia alguma coisa estranha: Bolonha não parecia mais a mesma. Mas o que podia ter acontecido na cidade em poucas semanas? Nada, a ladainha de sempre: dois socos no Primeiro de Maio, o piloto das Milhas que atropela um *china* na rua Murri, o bom momento do Bologna... Não, não adianta fingir, ele é que devia estar diferente. Não é o que Fanti sempre dizia, que vendo lugares novos os olhos se renovam?

Pensou no almoço daquele dia, na casa de tia Iolanda, junto com Nicola.

Depois do assado, o irmão tinha saído da mesa com a

desculpa de andar um pouco para fazer a digestão. A verdade é que não queria saber nada sobre a viagem à Iugoslávia. À tia Iolanda ele tinha contado tudo, até o perdão esquisito com que tinha se despedido do pai. Tia Iolanda era uma mulher e tanto, quase uma mãe para ele. Nunca tinha percebido quanto ela se parecia com o irmão Vittorio, os mesmos olhos, o mesmo formato do queixo. Era só um pouco mais nova, mas era sábia, espalhava prodigamente sua sabedoria antiga. Não aquela limitada sabedoria local, não, que é uma espécie de bom senso que se adquire com o passar dos anos, mas a outra, aquela de quem viu a guerra, o mal dos homens, de quem esteve apaixonada e nunca se casou. Quando olhava para trás, para sua infância, Pierre se lembrava dela como uma rocha. A única pessoa que nunca os abandonou, sempre à altura de qualquer situação, até da mais difícil.

Nicola, pelo contrário, não economizava críticas. Enquanto voltavam para Bolonha, na caminhonete, tinha dado seus palpites.

— O Benassi não gostou muito dessa história da Iugoslávia.

— E quem pediu a opinião do Benassi?

— Se o Benassi fala alguma coisa, é recado do Partido. Eles não gostaram muito dessa história de você ter ido à Iugoslávia.

— Fui visitar meu pai. Teria ido mesmo se fosse na Suécia. Se fosse a Suécia não teria problema?

— Deixe de gracinhas. Todos perceberam que você andou fazendo umas coisas estranhas.

— Não tinha outro jeito. E se eles têm alguma coisa pra me dizer, por que não dizem na cara, em vez de mandar recado pelo Benassi?

— Você é um cretino mesmo. Devia agradecer pelos toques que te dão, para que não se meta em caminho errado. Se você fosse um pouco mais ao Comitê Distrital em vez de viver dançando, estaria com os parafusos em ordem na cabeça e até poderia aprender alguma coisa. Mas não, o mocinho tem aulas particulares de inglês com o professor Fanti.

— Você tem razão, eu deveria estudar russo, assim, quando a Frota Soviética chegar, posso servir de intérprete.

— Continue gozando. Mas veja que com essa sua vontade de não fazer porra nenhuma você não vai pra frente. Além disso, aquele Fanti nem é um companheiro. Deve ser liberal ou nem isso.

— Pode ser. Mas eu sou comunista. E daí? Vá dizer ao Benassi que cuide da vida dele, nunca vi o cara apanhando da polícia, enquanto eu, na última vez, precisei de três pontos na testa. Estranho, né? Nessas horas ninguém me critica.

A conversa tinha acabado ali. Nicola se limitou a balançar a cabeça, enquanto dirigia.

Prenderam as bicicletas aos lampiões, ajeitaram as roupas e entraram.

— Na Iugoslávia não existem lugares assim! Certo, Pierre?

— Não sei, eu não vi.

— Ah, vá! — debochou Gigi, enquanto entregava o casaco, depois, em voz baixa: — Viu só os peitos da moça do guarda-volumes?

Pierre parou para comprar cigarros. Brando aproveitou para ficar a sós com ele:

— Você falou com a Angela?

— Não, não deu.

— Bom, já que ninguém falou nada, eu vou contar. Enquanto você ficou fora, o irmão dela teve um ataque. Deu os cinco minutos nele e ficou de cabeça fraca, meteu uns socos num enfermeiro, que parece que saiu machucado. A coisa foi feia.

Pierre teve vontade de ir embora imediatamente, que diabos estava fazendo ali? Ele ali no baile, enquanto Angela talvez estivesse precisando falar, desabafar. Sentiu um aperto no coração, mas Sticleina o pegou pelo braço e o arrastou para as mesas.

Sentaram-se diante duma jarra de vinho, Pierre olhando para os sapatos e os outros três procurando alguma coisa para "faturar".

Ferruccio tinha passado mal. Merda. Angela deve ter sofrido

muito.

— Então? Não viemos aqui pra rezar o terço! Eu e o Gigi vamos dançar. E vocês?

Pierre fez um gesto distraído e acendeu um cigarro.

Os dois se misturaram com a multidão, gritando-lhes:

— Brochas!

— Sobre você e a Angela, já sabe o que eu penso — começou Brando. — Caralho, arrume uma namorada, veja só quantas moças tem aqui!

Mas Pierre estava longe. Lembrava-se das palavras da tia: “É como se estivesse aqui por acaso. Como se isso o incomodasse”. Não conseguia reter os pensamentos, a música da orquestra levava embora tudo o que ele tirava da cabeça e escondia debaixo da bunda.

— Aí, bonito, não olha agora, mas a Ruiva está olhando pra você.

— Quem?

Brando balançou a cabeça:

— Como quem? Gilda, a Ruiva! Gilda Stanzani, você não conhece? Ela é uma que dá, todo mundo sabe disso. Parece com Rita Hayworth e ainda se chama Gilda. Um amigo meu comeu ela no carro. Pelo menos foi o que ele disse. Mas virgem com certeza ela não é. Está olhando pra você, estou dizendo. O que mais você quer?

Pierre levantou os olhos.

No meio de uma rodinha de moças, uma fulana vistosa sorria para ele.

— Bonitinha — comentou Pierre sem pensar.

— *Bonitinha?* O que você está dizendo? Dois peitões daqueles! É mais que *bonitinha!*

— Ela não está olhando pra mim.

— Ah, não? É a terceira vez que ela vira a cabeça! Agora vai até lá e convide a gostosa pra dançar.

— Não estou com vontade.

Brando arregalou os olhos:

— Como é? Dá pra repetir? Acabei de ouvir o Rei da *Filuzzi* dizer que está sem vontade de dançar? — Deu-lhe um pontapé por

baixo da mesa. — Agora você vai e se ela aceitar, vou dar em cima de uma das amigas dela. Se você não fizer isso...

Pierre suspirou profundamente. Olhou para o terno bom, os sapatos brilhantes. Pensou na sua boa aparência, nos seus 22 anos. E no fim plantou o olhar nos olhos da moça. Os olhos das ruivas ou são cor de mel ou verdes. Apostou na cor de mel intensa. Levantou-se, recebeu o tapa de encorajamento de Brando e partiu para o ataque, uma mão no bolso, o andar gingado.

Enquanto se aproximava, algo nela chamou a sua atenção. Não eram os peitos. Era a desenvoltura com que permanecia ali, em pé, olhando para sua representação de Cary Grant. Como se, depois de provocá-lo, debochasse da cena que ele fazia.

Precisou fazer um esforço para manter a cara-de-pau.

Sorriu:

— Boa noite, posso perguntar por que está há meia hora me olhando e rindo?

— Porque você é bonito.

Falou com naturalidade e Pierre enrugou a testa, como se lhe tivessem dado uma má notícia. Não soube o que responder, instintivamente teria voltado à cadeira depois de, talvez, resmungar um “Obrigado pela informação”.

Concentrou-se, invocou o poder e a graça de São Cary e disse:

— Você também. Vamos dançar?

Ela concordou em silêncio e foram para a pista, grudados por causa da multidão.

Cor de mel intensa. Pierre sentiu o seio apertando o seu estômago e lutou para coordenar os movimentos e manter a calma.

Era uma boa dançarina. Quando era apertada contra ele, não se queixava.

— Você é Robespierre Capponi, certo?

— Sou, e você é Gilda Stanzani.

— Dizem que você é o melhor dançarino de Bolonha.

— É o que dizem. E você, vem sempre aqui?

— De vez em quando. Você trabalha no bar Aurora, em San Donato, não é?

— E você é o quê, um agente secreto que sabe de tudo?

Riu, dentes brancos. Pierre sentiu um aperto no estômago.

— Faz tempo que você não aparece nos bailes.

— Estive fora, na Iugoslávia, fui visitar o meu pai.

Pararam para aplaudir a orquestra que tinha terminado o número.

— Estou com sede.

— Eu também, vamos até o bar.

Conseguiram se enfiar entre as pessoas que se empurravam contra o balcão e fizeram os pedidos.

— Como é a Iugoslávia?

— Como a Itália. Eles até falam italiano.

— Por que você voltou?

Pierre sorriu embaraçado:

— Ia ficar lá fazendo o quê?

Gilda, a Ruiva, deu uma olhada em volta:

— Você gosta tanto assim daqui?

— Por quê, você quer ir embora?

— Se eu encontrasse um homem rico que me levasse numa viagem ao redor do mundo, iria com certeza. Há tantos lugares pra conhecer. Mas só fico arrancando bilhetes no hipódromo. Com o que eu ganho não dá pra ir muito longe.

Pierre pensou nas suas 4 liras, nas dívidas com Fanti e com Ettore. O estômago dele se contraiu de novo. Disse:

— Precisa manter os pés no chão.

— Por falar em pés, você me dá uma carona até a minha casa? Moro em Mazzini. Geralmente venho com a minha companheira de quarto que tem uma bicicleta, mas ela foi visitar a família em Molinella.

Não era difícil entender onde ela queria chegar. Para Pierre nunca tinha acontecido tão depressa. Mora sozinha, com uma amiga... Brando tinha razão, era mesmo *fácil*. Caiu do céu para ele. De repente se lembrou de Angela, de Ferruccio que tinha *saiído de órbita*, quem sabe como ela estaria. Não conseguiu tomar outro gole, tinha a impressão que encolhia dentro da roupa.

— Lamento. Mesmo. Mas estou a pé também.

O sorrisinho amargo de Gilda dava a entender muitas coisas:

— Fica pra próxima, então.

— Claro.

Naquele momento, Gigi saiu do meio da confusão e agarrou Pierre pelo paletó:

— Pierre, o remelexo! O remelexo! Vamos!

Enquanto era arrastado para a pista, ouviu o chamado de Gilda.

— Pierre! — Tinha no rosto uma expressão de malícia. — Cuidado, ficando demais com os pés no chão, você pode acabar dando com a cara nele também.

Meio abobalhado, se viu dançando, procurando acompanhar o ritmo veloz da orquestra. Precisava se esforçar, sentia que estava fora de ritmo, mas procurou fazer o melhor possível. Conforme a música ia crescendo, tomou coragem e deixou acontecer, os pés se moviam velocíssimos, é, ainda era o melhor! Deixou que o ritmo o envolvesse, mais solto que nunca, rápido e coordenado, leve como uma pluma, as pessoas aplaudiam...

Aconteceu em uma fração de segundo. Alguém havia deixado cair alguma coisa na pista. Tropeçou com o pé de apoio, perdeu o equilíbrio, tentou instintivamente ficar em pé abrindo os braços, inclinando-se para trás, depois para a frente, mas não conseguiu permanecer na vertical.

Quando levantou a cara do chão, notou algumas gotas de sangue no piso. A dor que sentia no nariz era infernal.

Gigi e Sticleina o ajudaram a se levantar, a orquestra tinha parado de tocar, o acordeonista, do palco, dizia preocupado:

— Está tudo bem, rapaz?

— Não é nada, foi só um tombo — respondeu Pierre, com a mão no nariz.

Olhou em volta, viu todos os olhares em cima dele. Aquilo nunca tinha acontecido. As pessoas manifestavam um sentimento estranho. Pareciam desapontadas e traídas: o soberano tinha caído sozinho do trono, sem a ajuda de ninguém.

— Tratem de limpar direito essa pista! — rosou Gigi, enquanto empurrava Pierre para o banheiro.

Pedi aos amigos para ficar sozinho e eles, como vassalos

fiéis, baixaram com pudor o olhar, afastando-se. Puseram-se diante da porta, como um piquete.

Lavou o rosto com água gelada e ficou se olhando no espelho, a boca e o queixo machucados.

Que diabos estava acontecendo? Era um castigo por ter deixado Angela sozinha? Por que não tinha acompanhado Gilda?

Enquanto se enxugava com o lenço, falou consigo mesmo:

— Isso nunca teria acontecido com Cary Grant.

Depois sentiu uma presença atrás de si, levantou o olhar e viu pelo espelho quem saía de um dos banheiros. Estava elegante, quase alinhado, roupa de qualidade.

— Parece que o rei perdeu a coroa.

A voz de Ettore era macia e significativa.

Lavou as mãos, enxugando-as com cuidado, puxou os bigodes finos e arrumou a gola.

— Voltou antes do previsto. Problemas?

— Meu dinheiro acabou. Voltei de navio.

Ettore concordou com a cabeça.

— Eu e você temos um acordo. Espero que não tenha se esquecido.

Pierre se apoiou contra a pia.

— Eu sei. Não se preocupe.

— Bom. Então vá qualquer dia até o depósito, pra conversar.

Já estava na porta, quando se virou e acrescentou:

— Ah, Pierre, um conselho: deixe a Ruiva pra lá, ela só dá dor de cabeça.

Mais de um já quebrou a cara por causa dela. Estimo as melhoras.

Saiu, fechando a porta.

Pierre ficou olhando para o chão e pensando no quanto a vida pode ficar complicada de um dia para outro.

Capítulo 3

Bolonha, noite entre 5 e 6 de maio

Ettore não andava de bicicleta. Preferia caminhar. “Pedalei quando era *gappista*^[65], agora não pedalo mais”, dizia.

Morava perto da Porta San Felice e também ia ao depósito a pé. Para dançar ou ir ao cinema, colocava uma boa roupa, com um colarinho bem engomado, a gravata certa e os sapatos brilhantes de graxa, preferia caminhar perto da luz dos pórticos, para mostrar o vinco da calça perfeitamente aprumado.

Mesmo com uma mulher, por que levá-la sentada no quadro da bicicleta, com o cano machucando a bunda, em vez de segurá-la pelo braço? Passear, como se no mundo nada pudesse justificar a pressa, nem o namorar.

Era uma reação ao “ofício” dele: sempre para cima e para baixo, para a frente e para trás, não faltar aos encontros, entregar a mercadoria sem atraso, abastecer de combustível o motor, cobrir a máxima distância antes que bata aquela vontade de dormir.

Quando estava livre, não queria saber nem de rodas, nem de correria.

Morava sozinho no centro, e tinha uma cama de casal. As mulheres, ele levava para casa pelo braço, tranqüilamente.

Naquela noite, saindo do Sétimo Céu, Ettore estava sozinho e pensativo.

Tinha 30 anos e uma vaga, mas fundamentada, reputação de “não ser grande coisa”. Foi expulso do Partido e da ANPI^[66] em 49, por “iniqüidade moral”, mas ninguém sabia o verdadeiro motivo. Uns falavam de drogas, outros de prostituição e de outras coisas mais.

Claro que ninguém falava disso na presença dele, para não correr o risco de levar uma tremenda surra.

Ettore Bergamini tinha sido *partigiano* em Monte Sole, nos Apeninos, com a brigada Stella Rossa do major Mario Musolesi, o mítico “Lobo”.

Tinha participado de combates violentíssimos, intermináveis.

Tinha usado explosivos, preparado emboscadas, executado inimigos, combatido ao lado de ingleses, tchecoslovacos, russos, e até de um indiano, Sad. Não um índio, um indiano da Índia, com turbante na cabeça.

Tinha visto Ettore Ventura “Avião” carregar os alemães no lombo de um cavalo branco.

Tinha visto a mãe de Fonso aparecer bem no meio de um combate, sem ligar para as balas, depois de andar por quilômetros para levar ao filho uma tigela de gemada.

— Coitado, está lutando há tantas horas sem comer nada!

Fonso tinha olhado para ela, aturdido, incapaz de acreditar no que via.

Depois tinha tomado a gemada, dizendo:

— Obrigado, mamãe. Mas agora se proteja!

Em 27 de junho, por causa de graves divergências estratégicas e políticas com o Lobo, Sugano Melchiorri tinha formado um novo batalhão de 46 *partigiani*. Ettore estava entre eles.

Depois de mil peripécias, a “Stella Rossa-Sugano” tinha descido das montanhas, juntando-se à Sétima GAP, destacamento de Anzola. Aquelas foram as últimas vezes em que Ettore tinha

usado uma bicicleta. Lá ele tinha conhecido Amleto Benini “Bianco” (porque seus cabelos já eram grisalhos), que mais tarde lhe daria um trabalho. *Aquele* trabalho.

Em outubro de 44, tinham participado também da batalha de Porta Lame, três dias inacreditáveis, o único choque aberto entre alemães e *partigiani* em uma cidade européia.

Em 21 de abril de 45, Ettore tinha libertado Bolonha, ao lado dos outros companheiros.

É, mas libertaram para quem?

Os fascistas, anistiados.

Os *partigiani*, expulsos pela polícia e perseguidos pela lei.

Sugano, vítima de uma farsa judicial, obrigado a fugir para a Tchecoslováquia, como tantos outros companheiros.

Ettore também tinha sido incluído em algumas investigações. Coisas sem importância, suspeitas de extorsão e “roubalheiras”. Foi sempre absolvido, mas ainda tinha alguns processos pendentes.

E o jornal *Carlino*? Com o nome trocado mais de uma vez, continuava publicando mentiras como quando, em 11 de outubro de 44, negou que em Marzabotto tinha acontecido um massacre. Ettore tinha guardado o recorte. De tanto ler, tinha decorado passagens inteiras:

Boatos absurdos, típico produto de fantasias que se alastram rápidas em tempos de guerra, asseguravam até ontem que, durante uma operação da polícia contra um bando de foras-da-lei, 150 pessoas entre mulheres, idosos e crianças tinham sido fuziladas por tropas alemãs em operação de varredura no município de Marzabotto... Estamos, portanto, diante de uma nova manobra dos inconscientes de sempre, destinada a um rápido desmentido e a cair no ridículo diante da autêntica versão dos fatos fornecida por qualquer honesto habitante de Marzabotto, ou mesmo qualquer pessoa vinda daqueles lugares.

Merda.

Dor, lágrimas, medo, ódio. Mas também euforia, vontade de acabar com a guerra e o fascismo, desejo de construir uma nova Itália. A vida tinha sentido, naqueles dias, não era só questão de passar o tempo, de se arrastar de um dia ao outro.

Por que negar? Ettore sabia disso: aqueles meses nas montanhas tinham sido os melhores da sua vida. Depois não tinha acontecido nada *realmente* interessante.

Não pegou o caminho para casa. Virou na rua Lame e chegou à Porta. O céu estava cheio de estrelas, centenas de estrelas, talvez um milhão.

Já tinha feito isso outras vezes, e fez de novo.

Lembrou-se da batalha, tiros e mais tiros.

Tinha neblina, e alguém gritava:

— Garibaldi está lutando!

Ele tinha gritado, com toda a força dos pulmões:

— A *Stella Rossa* vence!

Capítulo 4

Relatório confidencial de Charles Siragusa, District Supervisor, US Bureau of Narcotics para as autoridades italianas, em 6 de maio de 1954.

Ao meu ver Salvatore Lucania, conhecido como Charles "Lucky" Luciano, está enquadrado nos termos do capítulo V do regulamento da Segurança Pública Italiana, quanto ao confinamento policial, e poderia ser enviado à colônia penal de Ústica.

A categoria de enquadramento seria a 3 do art. 181, relativa à pessoa que desenvolve ou pretende desenvolver atividades criminosas nocivas aos interesses nacionais italianos.

Desde sua extradição dos Estados Unidos para a Itália, autoridades da Segurança Pública Italiana e da Receita viram-se obrigadas a desenvolver cuidadosa investigação sobre suas atividades.

Lucania tem mantido contato com os principais criminosos norte-americanos, utilizando vários meios, especialmente visitas de membros de organizações criminosas. Existem provas de que Lucania recebeu desses indivíduos vultosas quantias em dinheiro, entregues em mãos por gângsteres vindos à Itália especificamente para esse fim.

Já foi autuado e multado por contrabandear dólares e um automóvel norte-americano. Seu nome foi citado em várias

investigações importantes promovidas na Itália sobre o tráfico de entorpecentes e o contrabando de grandes quantidades de heroína para os Estados Unidos. Sua atividade chegou a ser tópico discutido pela Comissão de Entorpecentes das Nações Unidas.

Lamentavelmente, os traficantes envolvidos nesses processos nunca prestariam declarações contra Lucania. Isso é até compreensível, em vista do terror que ele difunde no seio da criminalidade italiana. Lucania não foi condenado pelos crimes ligados à venda de entorpecentes, mas isso não significa que ele não esteja envolvido no tráfico. É, aliás, impossível explicar a origem dos rendimentos que permitem seu luxuoso padrão de vida.

Uma pessoa com a experiência dele não se expõe a ser preso por crimes no campo da droga ou similares. Possui extrema habilidade e é cercado de sócios extremamente confiáveis. Isso dificulta o desenvolvimento de uma investigação a seu respeito.

A presença de Lucania macula o prestígio da Itália. Até a imprensa comunista tem feito comentários desagradáveis a respeito. Com o confinamento, o governo italiano poderia neutralizar Lucania e as suas nefastas atividades criminosas internacionais. Seria preferível confiná-lo pelo período máximo estabelecido, ou seja, cinco anos.

Várias.

A Secretaria Geral da Interpol na França distribuiu a cinquenta nações-membros uma carta circular sobre Lucania, como suspeito de tráfico internacional de entorpecentes (vide "Anexo D").

Lucania foi interrogado pela Receita em 5 de maio de 1951 e em 15 de maio de 1951, no processo Frank Callace-Joe Pici, por tráfico de entorpecentes.

Foi interrogado pela Receita também pelo fato de ter

importado ilegalmente um automóvel Sedan Oldsmobile modelo 1948 que lhe foi trazido por um gângster de Nova York, Pasquale Matranga, a mando de um tal Willie Moretti, famoso gângster de Nova Jersey, mais tarde assassinado. Lucania contou isso a um dos meus informantes. Em 7 de junho de 1951, foi julgado o processo relativo a esse automóvel, que foi confiscado, resultando em multa de 32 mil liras para Lucania. Foi em seguida interrogado pela Receita por ter importado ilegalmente US\$ 57 mil. Em 27 de março de 1952, através do decreto n. 4621 D.G.T. 28853/228/7212, o tribunal de Nápoles o julgou culpado e lhe infligiu uma pena pecuniária de 2.500.000 liras.

As autoridades da Segurança Pública acreditam que dois "tenentes" de Lucania estejam envolvidos no homicídio de Umberto Chiofano, modesto delinqüente culpado de ter esbofeteado Lucania em público, no hipódromo de Agnano, em janeiro passado. Trata-se de: Victor Trimane, de 43 anos, expulso dos Estados Unidos em 1949, após uma condenação por *manslaughter* (homicídio doloso por espancamento) e quatro anos de prisão cumpridos em Riker's Island, Estado de Nova York; Stefano Francis Zollo, conhecido como "Steve Concrete", ou seja, "Steve Cimento", de 35 anos, originário de Nova York, que já teve ligações com a família criminosa dos Anastasia. Está na Itália desde 1951. Não consta processo de expulsão contra ele.

Numerosas fontes confidenciais declararam que Lucania manipula os resultados das corridas de cavalos em Nápoles, pagando grandes quantias de dinheiro. Um jóquei, Vittorio Rosa, teria traído Lucania em uma corrida de cavalos. Lucania pagou Rosa para que um determinado cavalo vencesse. Mas Rosa fez o cavalo perder. Lucania teria então ameaçado mandar matar Rosa. Rosa foi para o México. Quando voltou, foi interrogado pelo tenente Oliva em 20 de setembro de 1951.

Entre as pessoas mencionadas por Rosa como envolvidas nas trapanças, está Gennaro Iovene, de 41 anos, veterinário do hipódromo.

Lucania possui, sem aparecer como proprietário, um edifício na rua Tasso, 484, Vomero, Nápoles. Lucania pagou cem milhões de liras pelo imóvel. Ocupa um dos dois apartamentos no último andar, luxuosamente decorado. Figura como testa-de-ferro do proprietário um tal Carlo Scarpaio. Lucania mora nesse endereço desde junho de 1952.

Em março de 1952, uma fonte fidedigna informou que Lucania mantinha em uma mala em sua casa US\$ 100 mil.

Lucania possui também uma propriedade de 2 mil metros quadrados no nº 184 da via Aurelia, em Santa Marinella. Possui também 10 mil metros quadrados de terreno e uma pequena casa perto da ferrovia, ao sul da via Aurelia.

Lucania recebe telefonemas secretos da Itália e dos Estados Unidos no número 20738, do assinante Salvatore Scarpati, via Grandi Grafici, Nápoles. Era a sede de uma empresa de tapetes, no momento fechada.

Dizem que Lucania talvez esteja envolvido também no contrabando de cigarros, de Tanger para a Itália, ou de financiar essa atividade. Em abril de 1951, mantinha encontros com a condessa Iolanda Adorni Camplagnoli, no Hotel London, em Nápoles. A mulher era sócia de Charles Mirenda, cidadão norte-americano, e de Alvey

Sheldon, súdito britânico e proprietário do bem conhecido navio contrabandista *Sayon-Miami-Flo*, dois famosos distribuidores dos cigarros Sol.

Consta que Lucania tem o hábito de fumar cachimbos com ópio.

Capítulo 5

Bolonha, 7 de maio

Dizzy Gillespie enchia o quarto de pequenas chamas azuis da cor do fogo no bico de Bunsen, suspensas a meia altura e descendo rumo ao piso, notas penduradas em minúsculos pára-quedas. *Good Bait*, melodia envolvente, breves solos alternados com a retomada do tema, *and you can't help snapping your fingers*.

Robespierre Capponi tinha acabado de contar sua história, pequena odisséia dálmata enriquecida por cenas dignas de Tom Mix ou Roy Rogers e pela incongruente aparição de Cary Grant. Fanti revirava nas mãos o exemplar de um livro em inglês, *front-cover* em cores fortes, *Casino Royale*. As primeiras cinco páginas cheias de palavras grifadas, como se alguém tivesse decifrado uma mensagem em código.

— São as palavras que tive que procurar no dicionário. Está vendo que eu não inventei tudo, onde poderia encontrar um livro assim? Em Bolonha não tem, e nem na Iugoslávia.

— Acredito em você, Pierre. É uma história desconcertante, esquisita demais pra ter sido inventada. As aulas de inglês começam a dar resultado, pelo que estou vendo.

— *I guess they do.*

Cary Grant na Iugoslávia para um filme sobre Tito. Muito estranho. Ele ia pensar no assunto.

— Mostre esse pombo, Pierre.

O jovem Capponi ergueu a gaiola que segurava entre as pernas. Dentro estava um bichinho de plumagem cinza-escuro. Um pouco magro e depenado, mas um belo exemplar.

— Você deixou o bichinho aí dentro o tempo todo, desde que chegou?

— Tinha medo que ele voltasse logo pra casa, sem mensagem. Sabe, eu não entendo disso. Já sei o que vou escrever ao meu pai, mas não sei de que tamanho precisa ser a folha, nem como prender ao pé dele, pensei que se eu a amarrasse com um cordão poderia cair. O senhor é um columbófilo, então...

— Certo, depois ensino direitinho. Desculpe, mas agora preciso mudar o disco.

Gillespie e seu conjunto tinham acabado o número, a agulha girava em falso no último sulco. Fanti levantou o braço, parou o prato e guardou o disco na capa. O vazio foi preenchido por um trecho mais recente, "23° North and 82° West", da orquestra de Stan Kenton. Latitude e longitude de Havana, capital de Cuba, anunciavam a exploração do Caribe e dos seus ritmos exóticos, cruzamento entre Espanha e África. Vinte e três Norte e 82 Oeste: segundo Kenton, as coordenadas do futuro.

— Pensei que ia encontrar mais gente falando italiano, professor.

— Acho que muitos, mesmo sabendo falar, se recusam. Além disso, pros eslavos era a língua dos invasores, eram obrigados a usá-la durante o programa racista de "italianização": sobrenomes mudados, alunos obrigados a responder em italiano pra não apanhar dos professores fascistas. Não estou surpreso que não queiram mais saber disso. Pra entender o quanto sofreram, basta olhar como se vingaram em Ístria, jogando as pessoas nas chamadas *foibe*.

— Ah, os italianos assassinados e jogados naquelas fossas profundas.

Fanti não respondeu e *olhou* a música. Na batida do baixo, intrincadas frases musicais correram velozmente até o primeiro intervalo. Foi como vê-los mergulhando no mar do alto de um rochedo. Respiração parada. O solo do trompete avançou como uma

chama ao longo do estopim, até a explosão que fez saltar o saxofone, como aqueles foguetes do cine-jornal. Outro intervalo, seção do conjunto de sopros, fraseado furioso até a apoteose final, a orquestra toda, clava colossal cujos golpes *abateram* a canção como um animal levado ao sacrifício. O rufar da bateria foi o último espasmo do corpo antes do golpe fatal. Fim.

— É mesmo endiabrado! O que você acha, Pierre?

— Linda. Parece um mambo, mas é mais complicada. Pra dançar é muito difícil.

— Voltando às *foibe*: o problema deles não era com os italianos propriamente. Com certeza, muitos inocentes foram parar nas fossas, mas a maioria era de fascistas, colaboracionistas, delatores, gente que tinha permitido que os alemães capturassem e torturassem os *partigiani*, promovessem verdadeiros massacres, incendiassem vilas. Depois de 8 de setembro, a região toda foi de fato anexada ao Terceiro Reich, e já não se tratava de tirar os “k” e os “j” dos sobrenomes, ou de bater com vara nas mãos das crianças. Foi o desencadeamento de uma repressão indescritível. Os que colaboram numa matança não podem esperar que os parentes das vítimas sejam clementes caso consigam pôr as mãos em cima deles. Lá pelos seus lados também, em Ímola, os responsáveis pelo massacre do Pozzo Becca foram linchados pelo povo.

— Sei. Naquele dia, meu irmão também estava na praça.

Fanti tomou um gole de Lung Ching, Poço do Dragão, doce sabor residual de alcaçuz. Falaram um pouco de Tito, de Djilas, de Trieste, da linha do PCI quanto à Iugoslávia, depois Fanti olhou para o pombo e se perdeu em fantasias sobre viagens feitas e outras ainda por fazer, acompanhadas das recordações de sua vida com a mulher, dos anos passados na Inglaterra. O pensamento aterrissou além do canal da Mancha, os tímpanos nas Antilhas.

Pierre não interrompeu o devaneio, continuou bebendo chá e marcando o ritmo de Stan Kenton na coxa esquerda, até a música acabar.

Fanti voltou a si, resmungou uma frase de desculpas, levantou-se e trocou o disco. A refinada “Sure Thing”, de Bud Powell, lhe fez companhia enquanto tirava o roupão e vestia o paletó.

— Vamos até o pombal. Vou lhe mostrar como funciona o fantástico correio através de pombos.

E foi assim que Josip III, herdeiro de uma estirpe de intrépidos, neto de um heróico mensageiro da guerra *partigiana*, empreendeu a viagem de volta para Dubrovnik.

Capítulo 6

Palm Springs, Califórnia, 7 de maio

Cary contou tudo, até a troca dos casacos. Betsy teve uma preocupação anacrônica. Arroz integral e alimentos macrobióticos, seja bem-vindo de volta. Meu querido, você podia ter se machucado, morrido... Mas estou vivo, estou bem. Se eu soubesse... O que teria feito? Teria aconselhado a não... Já acabou, Betsy, estou bem. Liguei para o Hitch. Vou fazer o filme. Estou me sentindo esquisita, querido... Sei, sei, eu também me sentiria, se soubesse que você quase... Nem sei do quê estive quase perto... Mas se acontecesse um acidente ferroviário ou, sei lá, um naufrágio e você... Não diga isso, nem brincando, dá azar. Mudando de assunto: o que Mr. Bondurant aprontou na minha ausência? Betsy informa Cary sobre a fotografia enviada aos jornais. Uma "falha". Mas Mr. Raymond pensou que seria um reforço pra credibilidade... E de onde veio a gravata *regimental*? Mr. Bondurant comprou, coitado... Fazia tanta questão. Ficou chateado quando soube que você ficou bravo. Vou lhe mandar um telegrama de desculpas e agradecimentos. Você vai fazer isso? Claro! Sabe, ele é uma boa pessoa, simples e honesta. Já deve ter voltado à vida de sempre. Ele foi Cary Grant e não pode contar a ninguém. Mas pense, terá material para as suas imitações, material *genuíno*, não como aqueles que imitam você e dizem "Judy, Judy, Judy..." naquele tom odioso. Você nunca disse aquela frase.

Em nenhum filme. Em nenhum espetáculo radiofônico.
Deixe que façam. Eu sou Cary Grant, eles não.

* * *

Prezado Mr. Bondurant,

Peço-lhe que aceite minhas desculpas (fui um pouco duro com o senhor), e quero agradecer seu empenho. Desejo manifestar todo meu reconhecimento e estima, e não tenho dúvidas que outros, em posição mais elevada que a minha, demonstrarão também seu apreço.

Ficaram em minha casa os dois ternos sob medida confeccionados por Quintino. Eles, para todos os efeitos, pertencem ao senhor, presente da Commonwealth. Cuidarei para que lhe sejam enviados através de Mr. Raymond.

Espero voltar a encontrá-lo, *Au revoir*.

Cary Grant

* * *

Apreciam o anoitecer à beira da piscina, Cary e o velho amigo.

James David Graham Niven. Bigodes bem cuidados, *aplomb* estilo império em declínio, anos passados na Infantaria de Sua Majestade. O mais típico *inglês*, o ator *britânico* por excelência. Seu sucesso. Sua maldição. Papéis estereotipados. Sotaque fascinante, causa de discriminação. Trabalha aceitando os papéis que Cary recusa por serem demasiadamente *ingleses*.

O que Cary tem e David inveja: é inglês, americano e cidadão do mundo. David não: basta ele aparecer e você ouve gaitas de foles, lembra-se dos romances de Kipling, do "fardo do homem branco", da troca da guarda no palácio de Buckingham. A alma das festas. Espirituoso, sagaz e surpreendente. Para sempre: *o Inglês*.

O que David tem que Cary inveja (*invejava?*): medalhas e

homenagens. Todos sabem que ele participou de combates. Quando voltou aos Estados Unidos, Ike em pessoa o nomeou Legionário da *Order of Merit*, a mais alta distinção para um cidadão estrangeiro.

Ofereceram para mim o papel de Phileas Phogg em *A Volta ao Mundo em 80 Dias*. Mais um papel de perfeito cavalheiro inglês. Você aceitou? Normalmente aceito. Você aceita demais. Ouça os críticos. As vacas emagrecem, meu caro. Daqui a pouco vou me rebaixar fazendo televisão. Cary pensa em *sua* quase viagem ao redor do mundo. Enfim, o que você fez nos últimos dois meses? Vi você num jornal e me pareceu estranho, tinha alguma coisa errada. Cary inventa uma versão conveniente, estive ocupado, estou preparando minha volta às telas *etc.* Estou de partida pra Côte d'Azur. É onde se passa *Ladrão de Casaca*. A história não é ruim. Um pouco fraca, pelo padrão Hitchcock. É. Por falar em histórias, li um livro chato, ridículo, escrito por um tal Fleming. O protagonista é um agente do MI6 chamado James Bond. Algumas citações. Sem sentido, falso. Esse é um livro que nunca vai virar filme! Risadas.

A realidade é que não tem sentido, meu caro. Joe McCarthy na TV todas as noites, com o dedo em riste contra isto e contra aquilo! Acho que está exagerando, aponta cada vez mais pro alto, alguém vai reagir. *Precisa* reagir. E nós, reagimos? Somos só atores. Você se lembra da Frances Farmer? Não só me lembro como li um artigo sobre ela, faz pouco tempo. O quê? Momentos de perplexidade. E que fim levou? Voltou pra Seattle. Trabalha como caixa num cinema, se é que eu me lembro bem. Curioso, era sobre ela, mas só a mãe falava. Vai se casar. Deve ser coisa arranjada. A mãe tem rabo de palha. *Nós todos* temos rabo de palha. Sabe o que lhe fizeram? É, as vozes circulam. Choque elétrico, *hidroterapia*. Obrigam você a ficar numa banheira de água gelada. Nu. Ouvi dizer que os enfermeiros a ofereciam aos soldados de folga, depois cobravam. Será que é verdade? Dizem que fizeram lobotomia nela. Não me pareceu lobotomizada. Claro, tinha cara de quem passou por muitas coisas, mas... Anos de manicômio. Como minha mãe. Às vezes este país me assusta: cria beleza, proclama ideais de liberdade... e põe no palco alguém como McCarthy. Parece que Ike o detesta. Precisamos confiar nele. A você eu posso dizer: votei nele. E você? Sou cidadão

britânico, esqueceu? Com quem o McCarthy está implicando agora? Com o exército. Incrível. Você se lembra da história da Adam Hat Company? Ele cismava com o programa de rádio de Drew Pearson, atacou o patrocinador dizendo: "Quem comprar aqueles chapéus estará contribuindo pra causa do comunismo". A empresa tirou o patrocínio. E o dinheiro que recebe dos cidadãos? Alguns lhe mandam notas de 5 ou 10, mas ouvi dizer que outros enviam 5, até 10 mil dólares. Ouvi dizer que ele respondia a todos pessoalmente, então lhe enviei uma nota de 5 e coloquei o nome da minha empregada como remetente. Ele respondeu agradecendo e pedindo *mais dinheiro* para ajudar "a dura e dispendiosa luta contra o comunismo". E pra onde vai esse dinheiro? Fontes confiáveis dizem que ele gasta tudo no hipódromo. Charlatão safado! E o jeito como ele se veste? Desleixado. Parece que dormiu dentro daqueles ternos mal cortados. Aparece na TV com a gravata suja de molho, eu vi com meus próprios olhos.

Vozes de dentro da casa, a empregada, o senhor não pode entrar aqui, como se atreve? Vá tomar no cu, sou um agente federal, sou do FBI! Onde está o dono? O senhor está bêbado, não tem direito... Aparece no jardim. A empregada se desculpa: senhor, tentei detê-lo, mas... Cary e David levantam das espreguiçadeiras. Cary o reconhece: Bill Brown. Agente do FBI. Bêbado. Roupas pretas, meias brancas, camisa branca, gravata preta. Sem chapéu. Caralho, bem que me disseram que você estava de volta. Não ia dar um chute na minha bunda? Como você se atreve a dizer que Mr. Hoover é um veado? A bunda de quem você vai chutar, hein? David, quero lhe apresentar o agente William Brown, do *Federal Bureau of Investigations*. Não acredito: *este aqui?* Você tem algum mandado, Brown? Isto é violação de domicílio. Amigo dos comunistas, você nem é americano! Mr. Brown, o que o senhor está fazendo vai contra todas as regras de procedimento do *Bureau*. Começo a duvidar que o senhor seja *mesmo* um agente federal. Ordeno que saia da minha propriedade, ou juro que desta vez chegarei às vias de fato sem mais avisos. O que você quer, porra... A direita de Cary esmigalha o maxilar de Brown. Brown vacila, escorrega, cai na piscina. Está desacordado, pode se afogar. David pula dentro da água. Dez

minutos depois chega a ambulância. Sou testemunha que foi em legítima defesa, amigo. Não, David. Fui eu que bati primeiro. E daí? Foi bem feito. O agente tem maxilar de vidro. Puxa vida, me arrisquei a quebrar a mão bem na véspera da minha viagem! Melhor enfiá-la num saco de gelo. Isto deixará Hoover muito bravo. Imagine as manchetes dos jornais amanhã! Não, não vai sair nada. Hoover vai pôr uma mordaca nos repórteres. Mesmo assim, é bom que você vá logo embora pra Côte d'Azur. Um dia vou escrever um livro. Vou contar todas as histórias esquisitas de Hollywood. Bom, esta é melhor não escrever. Certo, amigo. A lua já apareceu. Veja, Cary. A lua é um holofote. Tudo não passa de um grande estúdio cinematográfico. Faça Francis Farmer acreditar nisso. Suspiro de David. Você está certo. A lua *parece* mais um holofote.

Cary pensa em outras coisas, a mão no balde, perto da garrafa de champanhe.

O que você acha da Grace Kelly?

Capítulo 7

Bolonha, bar Aurora, 8 de maio

Vamos esclarecer: nós do bar Aurora não somos daqueles velhos que olham sempre o prato dos outros porque nos nossos só restaram os ossos. Claro, não temos grandes histórias pra contar, mas mesmo sem isso, temos muito o que dizer, e não temos pressa, porque o tempo está uma merda, por causa dos *experimentos* nucleares, e porque o Bologna está uma merda porque o Viani só fica na retranca, e o Legnano é a mesma coisa, e a Itália está uma merda porque os padres é que mandam.

Depois tem sempre alguém que tem um amigo com problemas e, quando acontece, é normal que a gente fale, às vezes entra também um pouco de fofoca, mas no fim é sempre pra achar um jeito de ajudar. E se o tal amigo é alguém que anima as noites e quando fica de cara amarrada contagia todo mundo, então os problemas dele viram problemas de todos, precisam ser resolvidos em conjunto.

Quem não frequenta um bar talvez não consiga entender direito isso, mas não tem nada pior que um gerente mal-humorado. Não dá pra brincar com nada, não tem como beber fiado, precisa tomar cuidado pra não escutar sermão e até o café parece feito com um pó qualquer.

Enfim, já faz quase um mês que Capponi parece uma mosca

presa no fundo de uma garrafa, sempre resmungando. Desde que o irmão voltou, ficou pior, os dois quase não se falam, a não ser quando um pede ao outro pra pegar alguma coisa. O pior é que não é possível falar deste problema assim, como se fosse coisa à-toa, eles não podem ouvir e, já que estamos no bar deles, a coisa fica complicada. O único jeito é juntar todos numa mesa, com o *L'Unità* no meio, fingir que estamos lendo e ficar comentando. De vez em quando Bottone lê um título em voz alta e, se Capponi vem nesta direção, Garibaldi começa a falar da Indochina.

— Ouçam esta: “Desfraldada sobre Dien Bien Phu a bandeira do Vietnã livre. O último ataque durou poucas horas...”

O periscópio Walterún emerge do mar de cabeças brancas e carecas. Ninguém à vista. Gaggia é o primeiro a disparar:

— Acho que a culpa é do Pierre. Levanta acampamento como se fosse sozinho no mundo!

— E daí? — acrescenta logo Bottone. — Seu filho não fez a mesma coisa? Porque se ele tivesse ido dizer pra mãe dele: vou no *Cansiglio* atirar nos nazistas, ela trataria de amarrá-lo na cama, ou não?

— Me desculpem — intervém Garibaldi —, mas o que importa de quem é a culpa? Pra mim, os dois já encheram o saco: agora vamos chamá-los aqui pra uma boa conversa, eles precisam botar as coisas pra fora de uma vez por todas, se for preciso a gente até manda os dois praquele lugar, mas precisam parar com toda esta palhaçada.

— “Cerimônias fúnebres aos 37 operários retirados mortos da mina Montecatini. Cinqüenta mil italianos no funeral das vítimas de Ribolla...”

— Sou da opinião de que o Pierre não contou a história direito. Ele acha que a gente não percebe que aí tem coisa? Se o pai dele estivesse bem mesmo, como ele diz, não teria por que ficar com aquela cara.

Bottone lambe o dedo e vira a página.

— Onde é que entra o pai no negócio? O caso é entre os irmãos, nós não podemos fazer nada, vocês vão ver que mais uns dias e isso passa.

— Ah, passa sim! Até parece que você não conhece o Nicola Capponi, o “Urso”.

— Por isso mesmo! Pau que nasce torto morre torto!

Garibaldi segura firme a mão de Bottone e estica a cabeça para ler.

— “Asti, 7. Faleceu hoje, por volta das 16 horas, em sua residência na rua Cavour, 20, em nossa cidade, o popularíssimo ex-campeão de ciclismo Giovanni Gerbi, conhecido por todos os fãs como o Diabo Vermelho.”

— É mesmo? Mas quantos anos ele tinha?

— Não era velho. Quando será que parou de correr, em 1910? Lembro dele direitinho.

— Por falar em ciclismo, ouçam essa: “Volta da Itália, noticiário ao vivo ao fim de cada uma das etapas, nas cidades onde for possível fazer conexão com a TV”.

O anúncio arranca mais suspiros e resmungos que os abusos da Montecatini. O fato é que no bar Franco, aqui perto, acabaram de comprar um televisor e, desde anteontem, o quarteirão inteiro zomba deles, porque o aparelho pode ser um milagre, mas nunca há nada para ver, então os caras do bar Franco tinham feito papel de bocós, jogando fora um monte de dinheiro só para aparecer. Depois aconteceu que Bortolotti, no dia da Milão-Sanremo, não apareceu pra ouvir o rádio, e no dia seguinte veio contar que a chegada, vista na tela, é emocionante. E ainda lembrou que em junho começa a Copa do Mundo e os jogos vão ser televisionados, e disse que Franco só naquele mês vai recuperar o gasto com o aparelho, com dez liras de acréscimo no café e cinqüenta nas bebidas alcoólicas.

Nicola, atrás do balcão, resmungou alguma coisa e aquilo bastou para entendermos que ele não quer nem saber dessa história. Além disso, com ele daquele jeito, poderíamos até dizer que a Marinha Soviética está entrincheirada em Budrio, que ele não daria a mínima.

— E se fizéssemos uma vaquinha? — diz Walterún de repente.

— Uma vaquinha?

— É, um pouco cada um, porque se depender de ganhar na loteria esportiva, vamos ficar ouvindo o rádio até o dia de São

Nunca. Mas, se todos colaborarmos, podemos juntar as 150 mil, ou estou errado?

— É, antes fosse — comenta Bottone em voz baixa. — Boa estratégia comunista, Walterún, o problema é que precisa dinheiro pra antena, pra assinatura, no fim o negócio fica em mais de 300 mil.

— Sabe o que eu acho? Vaquinha nada: o verdadeiro comunismo é pedir ao dono que libere a grana. O Benassi é quem tem que pagar a televisão. Não é ele quem vai ganhar, no fim das contas?

— “A quarta bomba H já explodiu em Bikini?” Gaggia, isto é do seu interesse: “Piero Piccioni e Montagna serão em breve interrogados por Sepe. Hoje em Genebra a conferência sobre a Indochina”.

Assim que Capponi se afasta, o grupo se divide. Há os que se colocam contra a propriedade privada, os que querem organizar uma rifa, quem defende que façam greve, suspendam o cafezinho depois do almoço até que Benassi abra as pernas, e quem proponha perguntar a Gás se ele tem algum modelo disponível.

— O quê? — explode Garibaldi. — Não, não e não! Vocês podem até se deixar enganar por ele, mas nem pensem no meu dinheiro.

— Vamos, Garibaldi, você acha que ele vai empurrar alguma tralha pra nós? Será que por acaso não sabemos onde ele mora, hein?

— É uma questão de princípios, eu...

Pierre toca nas costas de Bottone. Está com uma bandeja na mão. Continua de cabeça baixa, queixo encostado no peito.

— *Orra!* Até o Pierre, olha só que tromba!

Aproveitando que Pierre está no outro cômodo, Bortolotti larga o bilhar e se chega à nossa mesa.

— Vocês viram a cara do Pierre? Me contaram que no outro dia, no Sétimo Céu, as coisas não saíram como das outras vezes.

— Ah, vai ver ele esqueceu o remelexo na Iugoslávia! Então não é nada grave, mande ele pra cá, que vamos tentar consertar aquele humor.

— Esqueça, Walterún, acho que hoje é dia de São Carrancudo, não vai adiantar.

Bortolotti tem razão, nessas horas é melhor deixar aqueles dois para lá e pensar no televisor, porque a Copa do Mundo está chegando e a Itália não vai ser grande coisa, mas fez 3 a 1 contra os franceses e o Cappello vai jogar, é um dos nossos, um do Bologna, como nos tempos do Schiavio. Enfim, vai valer a pena, e depois, quem sabe se os dois irmãos de cara amarrada, com a surpresa da TV, não se deixam levar pela euforia?

Pelo menos é o que esperamos.

Capítulo 8

Nos arredores de Afragola, 7 de maio

— Já estou com o saco cheio. Essa gente aqui de Nápoles, da *bassitalia*^[67], berra o tempo todo, por que eles berram tanto assim? Gritam o quê? E as crianças? Nem vale a pena falar das crianças, são uns bichos, que se danem todas elas, eu queria mesmo era meter uns pontapés na boca de todas elas! E as ruas, terríveis, um buraco só... E eu que tenho hemorróidas! Uma é do tamanho de uma bola de bilhar, assim, ó, você não vê que preciso sempre carregar um creme comigo? Um creme gorduroso e fedido!

— Palmo, se você continuar enfiando os dedos no meu nariz enquanto eu dirijo, mando você de volta pra Portomaggiore movido a pontapés na bunda. E, se eu perceber que antes de metê-los na minha cara você mexeu na tal bola de bilhar, arranco ela fora!

— Olha que seria um favor. Pelo menos sangraria até morrer e não pensaria mais nisso! *Tut i mes su e zó, su e zó*^[68] e ainda vai quando achamos um quarto, mas quando temos que dormir no caminhão, me dá uma dor nas costas! Tenho 33 anos e, se não tomar cuidado, antes dos 34 estou bom pra jogar fora. Não podemos pedir pra esse Bianco mudar a nossa rota? Já faz alguns meses que vamos e voltamos de Nápoles, já encheu, sempre arriscando que a polícia ou a alfândega cheire que as caixas têm

fundo falso, que tem meio metro entre a parede e a cabina. Porque não vamos e voltamos da França? Seria só trocar com o Spanézz!

— Palmo, eu não tenho os documentos em ordem pra sair do país e estou com umas pendências. Aquele percurso seria mais arriscado ainda. Spanézz não tem nenhuma pendência.

— E não tem por quê? Ele não transporta as mesmas coisas, relógios, cigarros, isqueiros...?

— Palmo, você tem mesmo a cabeça bem dura, não? A gente diz “pendências” quando foi indiciado em processo, mas ainda não foi condenado. Tenho umas duas ou três coisinhas que o juiz não quer deixar pra lá, e então nada de visto de saída, pelo menos até o advogado Martelloni resolver a situação.

— E eu, tenho pendências?

— Não, nada disso, você não foi *partigiano*! E, quanto ao contrabando, não precisa se preocupar, contanto que o Bianco continue molhando as mãos certas.

— Tá, mas não entendo por que é que o Spanézz não tem problemas. Ele também foi *partigiano*, não foi?

— Por que todas essas perguntas? Quando eu dirijo você fica sempre mudo como um peixe, chega a me dar sono, mas hoje você parece o Ministério Público!

— Vamos, Ettore, sei que você também já cansou de ir sempre pra *bassitalia*. Vamos pedir ao Bianco pra mudar o itinerário, o que tem isso?

— Tem que eu preciso cuidar dos negócios em Nápoles, certo? Os outros não têm paciência, os caras lá de baixo não são tranquilos, se alguém perde a paciência, eles sacam as facas e, de um momento pro outro, você está comendo capim pela raiz. Além disso, Spanézz estava na brigada dos socialistas e deve ter dado, quando muito, um único tiro. Eu estava com o comandante Musolesi, onde a guerra era de verdade, quer comparar? Se você quiser ir com o Spanézz, fique à vontade, ninguém está segurando você.

— Spanézz é um otário e um pentelho do caralho, ele me corrige toda vez que abro a boca, ri até quando falo coisa séria, depois diz: “Você é mesmo um sujeito de Ferrara”. Um dia desses, quebro a cara dele.

— Então chega. O Spanézz vai pelo caminho dele, nós pelo nosso.

— É isso aí, ele que vá tomar no cu. Mas por que estamos falando dele?

— Você puxou o assunto. Estava reclamando que não gosta dos *marroquinos*^[69].

— Por que, você gosta?

— Tem alguns sérios. O americano, Trimane, é sério.

— Esse aí me arrepiá os pêlos das costas! É sério, sim, sério como a morte! E o outro, aquele que ele ameaça chamar se a gente não anda direito?

— O "*Cimento*", esse é o apelido dele. Eu nunca vi. Vai ver que nem existe, é como o bicho-papão pras crianças.

— Então, o que vamos carregar hoje?

— Coisas de farmácia, tipo analgésicos, não sei quantas caixas. Dez ou doze de lâminas de barbear *vilchinson*. Isqueiros. Cigarros franceses. O cara de Frosinone falou que tem também um daqueles negócios, uma televisão.

— Como será essa coisa, dizem que é como um cinema, mas pequeno, cabe dentro de casa. Você sabe pra quem vai vender?

— Nós não vamos vender, nem levar pra Bolonha, deixamos pra um sujeito perto de Roma, que vai nos pagar por sairmos do nosso caminho.

— Se ele vai pagar, quer dizer que o dinheiro é nosso, ou temos que dar ao Bianco?

— Não, é nosso. Ele paga 15 mil. Rachamos nós dois, apesar de hoje você ter me enchido o saco.

— Deve ser uma televisão roubada.

— Isso não é problema nosso.

— É mesmo.

— É.

— E que pendências são essas que você diz que tem?

— Vai passar o creme na bola de bilhar, vai.

Capítulo 9

Nápoles, 9 de maio

— Dom Vicie', o senhor precisa contar tudo direitinho, entendeu? É um assunto importante, dom Vincenzo, e aconteceram coisas que não podiam ter acontecido.

Vincenzo Donadio, mãos apoiadas na bancada, ouvia perplexo a voz aflita de Salvatore Pagano. Mas, na verdade, quem preocupava os cento e tantos quilos em pouco mais de um metro e setenta de dom Vincenzo era o homem grande ao lado do rapaz, mudo, com o nó da gravata saliente e as mãos pousadas na altura dos ombros.

— Meu jovem, você sabe quantas coisas não deviam ter acontecido, começando pela guerra e chegando até aqui? Não dá nem pra dizer! E sabe por quê? Porque aqui, nesta terra maldita e esquecida, sempre acontece o que não deveria acontecer, nem se devia falar nisso! É inútil descer de manhã cedo, abrir a loja, trabalhar, suar a camisa, que se fodam todos, falando com todo o respeito, só os patifes têm chance, sem contar a bunda das mulheres, sempre com todo o respeito.

— Dom Vincenzo, a televisão...

— E o que estou dizendo? Você não faz idéia da praga que fui pegar! Nem era pra mim, aquele trambolho pesava pra burro, você não faz idéia, era um presente que eu queria dar a um compadre da minha sobrinha, sabe, dizem que vai ter uns jogos de futebol, mas

ela não funcionava, fiquei de olhar dentro pra ver se dava pra consertar, senão que raio de presente eu ia dar pro compadre? Coloquei o negócio em cima da bancada, é, bem aqui do lado, ele pesava uns 100 quilos, você não imagina.

— Hum... E o senhor consertou? — quis saber o mudo.

Dom Vincenzo achou aquela pergunta bobá, mas o tom e o tamanho do interlocutor inspiravam respeito máximo.

— Claro que não, claro que não, senhor. Eu o coloquei aí em cima no sábado à noite, *positivamente* com a intenção de me dedicar a ele no domingo, dia de descanso. E no domingo de manhã cedo, vieram me chamar, Dom Vicie', corra, arrombaram sua loja, a porta está arrebentada e eu corri o que podem correr estas pernas com tudo que têm que carregar, claro, mas tinham levado o aparelho, aqueles filhos da mãe! Talvez se eu tivesse posto um cartaz dizendo "Quebrado", quem sabe?

— Dom Vicie', mas o senhor não tem idéia de quem pode ter sido? Sei lá, alguém que não gosta do senhor, sei lá, algum malandro que não tem como viver, faça um esforço, dom Vince', por favor!

Salvatore Pagano persuadia. Salvatore Pagano pedia. Salvatore Pagano implorava.

— Mas... o que eu posso dizer? Vincenzo Donadio não tem inimigos, nem grandes, nem pequenos. Você respeita e é respeitado. Não se intromete. Não põe a polícia no meio. Estes são os mandamentos de Vincenzo Donadio. Veja bem, aqui ladrões e malandros são como os gafanhotos do Evangelho! Só nesta rua tem quatro ou cinco: Capucchiella, o Coreano, Peppino Puxa-Saco...

Salvatore Pagano sorriu, esperançoso.

Ao entardecer, Vincenzo Donadio, sentado à mesa, enxugava o suor com um grande lenço dobrado na palma da mão. De vez em quando bufava, depois tomava mais um gole de Gragnano. Não conseguia deixar de pensar que aquele touro de paletó de dupla abotoadura que o rapaz chamava de *Mistestív* era um demônio, mas isso não

tinha servido para nada. E ficava provado que ele tinha razão. Em menos da metade de um dia, todos os malandros da rua tinham sido apanhados como cogumelos depois da chuva, o bairro foi todo revirado. Ver aquele nojento ignorante do Peppino Puxa-Saco chorar, pedir perdão e jurar pela própria mãe, que o tinha repudiado havia muito tempo, foi um prazer. Mas, quanto ao aparelho, nada. Peppino tinha caguetado um outro malandro sócio dele, o Nené, e ainda outro, que pelo visto não tinha nada a ver com o caso. *Mistestív*, o americano, deixou todos apavorados, mas nada. O aparelho já tinha sido despachado por umas poucas mil liras, cagando de medo, num posto lá pelos lados de San Giovanni ao Teduccio. Para Latina, Formia, Frosinone, até Roma ou mais além. Os caminhoneiros iam para aqueles lados, ou mais para cima. Nada. Adeus aparelho. Não valia a pena se aborrecer. As coisas seguiam o caminho delas e pronto. Além disso, pensava dom Vincenzo, se o encontrassem, o que aconteceria? Não, porque ele tinha comprado, usado... mas deixa pra lá. Mais um pouco de Gragnano. Ainda podia ouvir a voz de *Mistestív* antes de ir embora naquele luxuoso carro americano, dizendo ao rapaz:

— Entra aí, Cabeça-de-merda!

Tinha mais é que pensar na vida dele.

Capítulo 10

Bolonha, San Luca, 9 de maio

Ela tinha certeza? Não, mas isso não importava. A história deles tinha chegado ao fim. Sempre souberam que isso ia acontecer. Talvez por isso mesmo tenha sido tão linda, dando sabor a cada minuto roubado da vida normal, daquilo que eles eram: o Rei da *Filuzzi* e a senhora Montroni. A princesa e o bailarino. Agora tinha chegado o momento de um dizer isso ao outro. De interromper o curso.

Viu Pierre que a esperava na estação de chegada do funicular.

Angela esperou que todos descessem. Depois colocou o pé no chão.

Pierre entendeu logo. Pelo olhar. Pela atitude. Nem tentou abraçá-la.

Disse:

— Soube o que aconteceu com seu irmão. Sinto muito.

Seu tom era de embaraço.

Ela ficou um pouco afastada, baixou o olhar:

— Ele já melhorou. E como foi na Iugoslávia? Viu o seu pai?

— Vi.

Ficaram calados. Os dois sabiam, mas não tinham coragem de dizer.

No fim, Pierre disse com um fio de voz:

— Acabou, não?

Angela concordou, a expressão séria.

— A gente não vive de contos de fadas, Pierre.

— Nem quando as fadas trazem felicidade?

Ela procurou as palavras.

— Fomos felizes, é verdade. Mas a vida é feita de outras coisas também.

— Seu marido, seu irmão. É o que você quer dizer? Já falou tantas vezes...

— Não é só isso.

Uma folha trazida pelo vento se prendeu nos cabelos dela e Pierre a tirou com naturalidade. Eram macios.

— O que é, então?

— Você tem 22 anos e não gosta do que tem, não é o bastante pra você. Foi pra Iugoslávia, viveu a sua aventura, viu seu pai de novo. Mas isso não vai ser suficiente. Você é como uma criança, Pierre. Precisa encontrar o seu caminho. O meu, eu já encontrei.

Pierre queria rebater, mas Angela prosseguiu:

— Talvez o meu caminho tenha sido uma imposição do destino, mas é preciso cerrar os dentes e agüentar firme. Já não sou mais uma jovencinha, tenho quase 30 anos. Era pobre, agora não me falta nada. Meu irmão estava acabado, destruído. Agora tem quem cuide dele. Encontre o seu caminho, Pierre. Desejo pra você toda a sorte do mundo. Vamos acabar com isso de uma vez.

Não soube o que acrescentar. Mais dia, menos dia, teria que acontecer. A viagem dele e a recaída do irmão mexeram com alguma coisa lá dentro dela. Talvez devesse demonstrar raiva, desespero, mas só conseguia se sentir atordoado, submerso naquelas palavras, naquela calma. Sofreria feito cachorro depois. Bateria a cabeça no muro. Mas não agora, não ali.

Sua visão ficou turva. Sentiu o beijo no rosto e quando conseguiu focalizá-la outra vez, Angela já se afastava.

Isso, tinha acabado. Assim. Um golpe seco. Como engolir, de estômago vazio, um cálice de grapa num gole só.

Bolonha cochilava aos pés da colina.

Tentou dar um passo, precisava ir embora, não suportava mais aquele lugar, aquela visão, que odiaria para sempre. Não conseguiu se mexer. Sentou-se, a cabeça entre os joelhos, o cérebro tomado por uma avalanche de palavras.

Capítulo 11

Roma, 9 de maio

O televisor não funcionava nem a tapa, mas ele agora não estava ligando mais.

Agora, porque no começo tinha ficado nervoso. Tinha logo telefonado para Frosinone, dizendo que devolvessem todo o dinheiro, ou dessem um jeito de consertar o aparelho.

Aqueles lá, como já se previa, tiraram o corpo fora. Disseram que não era culpa do televisor, coisa americana, de primeiríssima qualidade, revisado pelo único entendido do assunto em toda Nápoles, e que estava ok, como quando saiu da fábrica.

Uma ova.

Mas, espere, ele tinha antena? Tinha assinatura? Então é claro que não dava para ver. As imagens não pegavam bem em todo lugar e, até às cinco e meia da tarde, nada, não tinha programação. Antes de dizer que a TV não funcionava, precisava se certificar de que a antena estivesse bem instalada, a assinatura em ordem, a zona coberta pelo sinal e as transmissões em andamento. Imagine, podia até levar um mês, mas uma oportunidade assim, aquele fantástico televisor de marca americana, tela de luminosidade fisiológica de 17 polegadas, nunca mais. Melhor segurar, ouvir o conselho e, se no fim ficasse provado que o aparelho estava quebrado, eles devolveriam o dinheiro com juros.

“Juros, pois é, ficar livre de outras encheções já seria o suficiente”, tinha pensado Carmine.

Enquanto desligava o telefone, teve a idéia.

Que o televisor funcionasse ou não, já não seria mais problema.

Foi esperá-la na saída da escola. Limpo, na estica, como se fosse sair à noite. A cada meio cigarro, o pente passava com cuidado nas têmporas cheias de brilhantina. Ele ofereceria uma carona na *scooter* e colocaria o plano em ação.

Olhou ao redor, para ter certeza que aquele coitado do Nosé não apareceria por ali. Não era o caso. Pensaria nele mais tarde.

Giuseppe Orlandi, vulgo Nosé, era um bosta qualquer, porteiro de condomínio em Garbatella, sempre mal vestido, no inverno andava com um casaco virado e refeito do avesso, no verão, com os sapatos de lona remendados. Não tinha nem ao menos uma lira, quase não tomava banho, no entanto Marisa tinha grande consideração por ele, porque era um *existencialista*, passava horas à mesa do bar Le Rose, fingindo meditar e ler. A verdade era que o vinho na garrafa ia baixando sempre, ao passo que o livro, sempre o mesmo, parecia nunca chegar ao fim. Era o *La nosé di Gianpolsàr*, como ele dizia, mas na capa estava escrito *La nausea*, e talvez fosse isso o que ele de fato provocava.

Os pais de Marisa eram boas pessoas, sem dúvida, o pai não deixava faltar nada às mulheres e a mãe era uma ótima dona de casa. Conheciam Carmine e nunca pensaram em cuspir nele. Mas conheciam também aquele bobalhão do Nosé e, mesmo sabendo que não tinha um tostão, deixavam que a filha saísse freqüentemente com ele, muito mais do que com Carmine. A mãe o considerava um rapaz “inócuo”, o pai desconfiava que fosse bicha. O caso é que sair com Carmine, andar em sua 1100, deixar que pagasse a entrada nos salões de baile, eram coisas de *senhorita*, vagabunda atrás de dinheiro, excitada pelo tamanho de uma carteira. Proibido. Salvo se, quem sabe, pensar em casamento.

Tomar um sorvete com Nosé e seus amigos piolhentos, ir à Villa Borghese olhar as estrelas, ou até mesmo ir à casa dele para devolver o último livro do último bosta, tudo isso podia, contanto que limpasse o batom antes de entrar em casa e nunca fizesse referência a ele como futuro genro. Enquanto aquele Carmine, por outro lado, tão jeitoso...

Que se fodam o casamento e a senadora que queria fechar a zona.

O bedel abriu o portão. Carmine jogou fora o cigarro, arrumou a gravata, e ensaiou a frase assassina de lábios fechados.

Os pais concordaram.

Nosé ficou surpreso com o convite.

Ela aceitou feliz.

Depois do jantar, ficariam na casa de Carmine para assistir *a Per favore, dica lei*^[70]. Alguns amigos, a música certa, Nosé que vai buscar Marisa, Nosé que a leva de volta para casa.

O plano de Carmine previa champanha e uns pós para misturar à bebida do existencialista. Três, quatro copos. Para Marisa, dose mais leve, ela precisava continuar capaz de reagir. Os convidados, todos amigos, prontos para sair de cena na hora certa ou para assistir discretamente. O babaca fora de combate em uma hora. Tentativa de fazer o televisor funcionar. Frase brilhante para sondar o terreno: "Marisa, não faça essa cara, o convite não foi pra ver a TV? Está aí, pode olhar quanto quiser, não vá dizer que não cumpri a minha palavra, he, he". Frase introdutória para ir ao ataque: "Mas que azar, esta tarde funcionava tão bem! Bom, Marisa, não vamos deixar que essa coisa feia estrague a nossa noite".

Tudo calculado. Não tinha como não dar certo.

Depois, daria o televisor de presente à irmã, para humilhar aquele morto de fome do cunhado, antes de levar o aparelho de volta para Frosinone. Se o cretino viesse com onda, ele ainda o pisaria mais. E você tem antena? Pagou a assinatura? Ligou depois das cinco e meia? Verificou se recebe o sinal? E ainda quer que

funcione? Só um selvagem seria capaz de pensar que era só ligar na tomada.

O cara ia ficar ofendido e devolveria o presente. Ele o levaria de volta para Frosinone, e receberia o dinheiro de volta. A irmã poderia mais uma vez perceber com que tipo de imbecil tinha se casado.

Tudo sem gastar um tostão.

Capítulo 12

Bolonha, Villa Azzurra, 16 de maio

— Sua amiga Teresa também não veio hoje — disse Ferruccio, em tom de queixa.

Estava sentado na cama, as costas apoiadas em dois travesseiros e vestia o pijama azul que ela havia dado de presente no Natal.

Angela arrumou o cabelo despenteado:

— Pode ser que deixe de vir por uns tempos.

Ele franziu a testa, um tique quase imperceptível atravessava o seu pescoço.

— Vocês brigaram?

— Não, Fefe, não se preocupe, é que ela está ocupada.

— E você, o que faz? Fica sozinha.

— Venho visitar você.

Ele agitou a cabeça com força:

— Não, não, você fica sozinha.

Angela sorriu para ele e o acariciou. Ferruccio tinha entendido que entre ela e Pierre tinha acontecido alguma coisa e não queria aceitar a idéia.

— Não, Fefe, não estou sozinha. Tenho você e o Odoacre. Vocês gostam de mim.

Ferruccio suspirou, olhou ao redor, depois voltou a encará-la.

— Não, não.

— Não o quê? Você não gosta de mim?

— Gosto — respondeu o irmão, sem acrescentar mais nada.

— Odoacre também. E ele também gosta de você. Quando você passou mal, ele voltou às pressas de Roma, porque ficou preocupado. Foi um belo susto, sabe? Ele ficará sempre ao nosso lado.

Ferruccio cerrou o maxilar e apertou os punhos nos lençóis.

— Por que a Teresa não veio?

Odoacre dizia que não era bom Ferruccio insistir em um assunto, que isso lhe fazia mal, que se tornaria obsessivo.

— Ouça, como vai com o novo remédio? Você parece melhor.

— Dá mau hálito.

— Escove os dentes, quantas vezes tenho que repetir que precisa escovar os dentes, senão o dentista vai sair muito caro?

Ferruccio concordou, olhando para o outro lado.

— Me dá medo. Pelo buraco saem monstros.

Angela o abraçou.

— Mas o que está dizendo? Você sempre com esses monstros.

Naquele momento bateram à porta e entrou Marco, o enfermeiro, um sorriso simpático no rosto redondo.

— Aqui estou, bom dia, senhora.

— Bom dia, Marco.

— Está na hora do remédio.

Ferruccio estava de cara fechada. Depois se virou para o enfermeiro e disse:

— Por que você sumiu?

Marco preparou os comprimidos e colocou água no copo.

— Tirei uma licença pra casar. Casei, Fefe.

— É mesmo? E como está a sua esposa? — perguntou Angela.

— Estamos bem, obrigado. Montamos casa em Corticella. Seu marido foi muito gentil, me deu uma semana a mais de licença. Agradeça a ele por mim mais uma vez. Infelizmente, Ferruccio passou mal e eu só fiquei sabendo quando voltei. Vamos, Fefe, engula tudo de uma vez.

Ferruccio obedeceu, depois enxugou a boca com o lençol.

— Era melhor sem você aqui.

Angela o repreendeu:

— Fefe, mas o que está dizendo?

Marco abanou a cabeça:

— Não era melhor. Você bancou o louco, lembra disso?

— Não precisava escovar os dentes. Nada de remédios, nada de buraco da pia.

— Deixe de falar besteiras — disse Angela, ajudando-o a colocar a camiseta. — Agora ponha a roupa, que vamos dar uma volta.

* * *

Angela dirigiu um olhar nervoso para o telefone.

Incapaz de se decidir. Só ficar roendo as unhas e repetindo as palavras: nada de remédios.

Estranho o cérebro: antes o zero absoluto. Depois obsessão. Melaço espalmado em cada gesto. Pendura o chapéu. Nada de remédios. Apóia as chaves. Nada de remédios. Entra no corredor. Nada de remédios.

Odoacre não gosta de certas perguntas. Ele diz sempre: você não é médico. Diz: certas coisas aos *leigos* parecem estranhas, mas o médico sabe o que faz. Deixe que ele faça o trabalho.

A falta de confiança no médico faz piorar. O Evangelho segundo Odoacre Montroni.

Não gosta de certas perguntas: procura antecipá-las. Conta tudo. Nunca deixa lacunas, nenhum equívoco.

Confiança. Odoacre em Roma. Marco, de férias. Um descuido e Fefe perde a cabeça.

Agora, pegue o telefone e chame Marco.

Lembra-se de Fefe, esta manhã, dizendo que, quando você não estava, ele não tomava o remédio novo? Bom, veja, falei com meu marido. Não. Péssima idéia. Falou com o médico responsável: o que você quer mais?

Um erro? Impossível, ele disse. Teriam me avisado. Se não

imediatamente, na minha volta.

Isso. Exato. Na sua volta já estava tudo resolvido e o substituto não quis falar nada. Normal.

Jesus Cristo Montroni tinha falado por meio de parábolas. Quando você derruba sal na toalha, basta jogá-lo por cima do ombro, para afastar desgraças. Nenhum dano, nenhum problema. Mas na prática da medicina não. Se você esconde o dano, o problema piora. Contraria a ética profissional. Meu substituto é um médico de primeira. Merece toda a minha confiança.

Você nem conhece esse substituto. É possível confiar em alguém por procuração?

Está bem. Talvez Fefe tenha se enganado. O que você quer, ele é um "deficiente". Pensa que os monstros sobem pela pia, imagine se vai se lembrar dos remédios que tomou. Você tem razão, Odoacre, que boba eu sou, acreditar no que aquele bobo do meu irmão diz.

Resposta de sempre: ninguém disse que seu irmão é bobo. Mas ele também não é médico. Junta coisas que não têm relação: mau hálito e remédio. Na terapia dele não entra nada que provoque halitose. A não ser quando há misturas. Sei lá: talvez o café. Marco é uma ótima pessoa, mas deixa sempre um pouco de café para o Fefe, e não deveria. Portanto a relação correta é: nada de Marco, nada de café, nada de mau hálito. Fefe não pode saber disso. Não olha que comprimidos lhe dão. Engole e pronto. Acredite. Deve ter sido isso. Amanhã eu verifico.

Tranqüilizante.

Convincente.

Então, por que você não está tranqüila? Não confia no seu marido? Como não, confio, ele deve estar mesmo certo. Mas Fefe é meu irmão. Passa mal e avisam Odoacre. Vou à praia com ele por uma semana e o responsável é Odoacre. Diz uma coisa estranha e quem dá explicações é Odoacre.

Deve ter sido assim, sem dúvida. Amanhã vou verificar.

Angela tirou os olhos do telefone.

Nada de remédios.

Capítulo 13

Bolonha, 21 de maio

Esperar o deixava nervoso.

Desde pequeno. Não fazia nada sem perguntar o que vinha depois.

Precisa ter paciência na vida, tia Iolanda dizia sempre. Aprenda a esperar.

Paciência ou não, tinha aprendido.

Ritual do cigarro, canto escuro do quintal interno, olhando a rua fora do portão aberto.

Cerimonial perfeito. Só faltava o relógio. O gesto permaneceu. Pulso esticado, dedos na manga, olhar para baixo. Quatro mil liras por um Lorenz. De graça, segundo o Sticleina.

Esperar.

Suado de *filuzzi*, calor primaveril e quilômetros de caminhada rápida. Nada de bicicleta, vendida também.

Apagou o cigarro na poeira, chegou ao portão, recuou. Noite límpida. Estrelas por todo lado e chamados de gatas no cio.

Quase uma corrida, do Florida ao bar Aurora. Tinha dito às duas, pontualmente. Depois de meia hora, ninguém tinha aparecido.

A chama do isqueiro iluminou o molho de chaves. Experimentou a fechadura por desencargo de consciência. Se você não toma cuidado, leva na cabeça. Precisava puxar um pouco para trás, mas abria.

Outra olhada para a rua, outro cigarro. O último. Com a gorjeta da manhã, só deu para comprar seis.

Esperar. Havia sido forçado a aprender.

Não tinha feito outra coisa.

O pai, as cartas, Angela. E o caso da Ruiva, aquela que topava dar? Mesma coisa. A revolução? É, rapaz, precisa esperar, não chegou a hora, vai acabar sendo igual ao que aconteceu na Grécia. Conhecia a frase de cor. Metade dos que a repetiam não faziam a menor idéia do que tinha acontecido na Grécia, ali a coisa ferveu, pergunte a Benfenati, se não acredita.

Quando o companheiro Benfenati falava em lutar dentro dos limites das instituições, Garibaldi era o único que dava palpites. Como em 21, quando os chefes recomendavam não aceitar provocações, não partir para a violência, enquanto os grupos fascistas desciam o cacete e faziam ainda mais. Foram necessários vinte anos para mandá-los para casa. — Lutávamos dentro dos limites institucionais — rebatia — e, enquanto isso, nossos camaradas só apanhavam.

A gata miou mais alto. O tom parecia de lamento, mas prestando atenção era possível perceber que ela estava se divertindo. Sem dúvida. Sem alternativa. Só o instinto correto. Fanti dizia que a inteligência do homem está nas alternativas ao instinto. Mas se nenhuma alternativa convence, ou não aparece absolutamente ninguém, para que fingir que a espera é uma estratégia? Besteiras, desculpa para abandonar a busca. Um pugilista decadente pode se considerar um grande estrategista, mas não tem como evitar que acabe na lona. E, quando o rádio anuncia que Mitri espera o adversário, não dá para imaginá-lo de guarda baixa, pensando em xoxota, mas concentrado na mínima distração, pronto para explodir.

Na enésima olhada Pierre notou luz do outro lado da rua. Puta merda, o padeiro. Que problema. O padeiro parecia não ter o que

fazer, sempre na porta, bisbilhotando tudo, sabendo da vida de todo mundo, sempre fazendo perguntas aos transeuntes, fingindo cordialidade.

A gata silenciou de repente.

Ruído de carro enchendo o silêncio.

Três piscadas de farol. Pierre agarrou-se ao portão. A caminhonete passou por ele, para ficar de ré em frente ao quintal. A porta do padeiro estava fechada.

Palmo desligou o motor e pulou para fora.

— Você está atrasado — disse Pierre.

— O importante é que você está aqui — respondeu o outro sem se abalar. — Vamos, abra caminho.

Eram seis caixas. Palmo carregou três. Nas escadas, por pouco não perdeu o equilíbrio, enquanto Pierre iluminava os degraus com uma vela. Tinha deixado um espaço atrás dos sacos de carvão. Ninguém mexeria ali até o inverno do ano seguinte.

As caixas chegariam uma vez por mês. Não mais de cinco ou seis, vinte pacotes cada uma. A maior parte do carregamento seria distribuída em poucos dias, eram encomendas, mas sempre sobrava alguma coisa e não era conveniente manter o que sobrava no galpão. Alguém usava o truque de despachar a mercadoria pelo correio, como se fossem presentes para representantes. Mas aí precisava ficar de olho no endereço e, dez minutos depois de o pacote ter sido entregue, apresentar-se como funcionário do correio, pedir desculpas pelo engano e pedir a devolução da caixa. Arriscado demais, já tinham apanhado alguns com aquele método.

Palmo levou as outras caixas e quis verificar o esconderijo. Ettore devia ter pedido que fizesse isso. Parece que os sacos de carvão acabaram convencendo.

Quanto ao padeiro, tudo tranqüilo. Afinal, as velhas do bairro não se queixavam sempre que o pão não era mais o mesmo desde que Gino tinha parado de levantar de madrugada e passado a tarefa aos filhos? Gualtiero e Lorenzo não eram problema.

Pierre cumprimentou com um aceno de mão e foi para as escadas. Esforçou-se para não fazer barulho, como sempre, para não acordar Nicola. O motor do furgão era muito mais ruidoso que

os sapatos dele.

— Quem trouxe você pra casa? — perguntou o irmão, mexendo-se na cama.

— Como? Ninguém. Quem haveria de me trazer?

— Você não voltou de carro?

— Não.

— Ouvi um carro...

— Voltei a pé.

— Duvido, sem bicicleta é dureza. Mas você quis vender, agora precisa pedir favor aos que têm carro, que belo resultado.

Pierre mordeu a língua e permaneceu calado. O “vai cagar” soou com força no cérebro. Dobrou a roupa na cadeira, puxou uma ponta de lençol e pensou em Angela, sem muita convicção.

Capítulo 14

Evian, margem francesa do Lago de Genebra, 21 de maio

O parque estava cheio de avós e babás manobrando carrinhos com mijões de 0 a 8 anos.

Patos e cisnes limpavam as plumas com cuidado, na beira da lagoa artificial.

O homem abriu um saquinho de papel e lançou um punhado de milho para dentro da cerca.

Multidão desordenada de palmípedes. Até alguns pombos intrometidos.

Algun idoso sozinho, quando muito conduzido por um cachorro, para que pudesse ver um pouco de mundo e verificar as condições meteorológicas da tarde.

O homem louvou a paciência daqueles animais. Também compraria um cachorro algum dia. Um bicho que quer que você o observe enquanto caga.

O homem era alto, desenvolvido, cabelos louro-grisalhos e olhos azuis.

O homem tinha 45 anos. Usava uma capa de chuva bege. Estava sentado em um banco de madeira, as pernas cruzadas.

Outro punhado de grãos. Batidas de asas e de bicos para disputar a primeira fila.

Os cisnes esticavam o pescoço. Os patos empurravam por

baixo. Os pombos davam saltos nas laterais tentando achar uma brecha.

As aves eram gordas e sem graça.

* * *

O patinho nadou para a beira. Era um ponto amarelo no meio do verde da lagoa. Uma sombra cinza se abriu debaixo dele e por um instante o bichinho desapareceu sob a água. Emergiu, encharcado e ofegante.

— Ele não vai agüentar.

— Acho que vai. É muito grande, não tem como engolir de uma vez só.

— Como não? Aqueles bichos lá embaixo assustam. Nem sei o que são.

O pequeno nadou para o centro do lago, estava desorientado de medo. A sombra foi atrás e o puxou novamente para baixo.

Desta vez demorou um pouco mais. Reapareceu.

— Não vai agüentar.

— Quinhentos francos que agüenta.

— Certo. Que horas são?

— Quinze para as cinco.

— Se às cinco para as cinco ainda estiver boiando, você venceu.

— Certo, dez minutos então.

O patinho continuava nadando, mas começava a ficar cansado.

O peixe o puxou para baixo pela terceira vez.

Os dois espectadores, em cima da ponte, seguraram a respiração.

O patinho reapareceu.

O patinho não tinha mais fôlego.

— Ele não agüenta mais.

— É muito grande, o outro não consegue comer.

— Não importa. Ele puxa pra baixo, afoga e depois come aos poucos.

— Não é simples como você imagina.

— Eu sei, o peixe é que não sabe. Ele só está com fome. Conto com a ignorância dele. Além disso, é enorme, está vendo só a sombra?

— A água deforma os tamanhos, tudo parece maior. E o tempo está passando.

— Por falar nisso, a que hora é o encontro?

— Às cinco.

— Banco?

— Banco.

A força do patinho estava se esgotando.

Começava a ficar cansado demais para nadar.

O peixe o puxou mais uma vez, e ele demorou muito para emergir. Tinha engolido mais água que o Titanic.

O patinho vomitou, tentou bater asas, mas não conseguiu emitir nenhum som.

Tinha uma pata meio comida.

O patinho começava a ficar cansado demais para viver.

— Um minuto e você perdeu.

— Espere.

Uma sombra gigantesca, muito maior que a outra, emergiu como uma mancha de tinta do fundo da lagoa. Uma boca impressionante se abriu sob a ave e a engoliu com um repuxo sinistro.

— Ganhei!

— De jeito nenhum.

— Que história é essa?

— Você apostou em outro peixe.

— Que porra é essa!? Você apostou no pato, e o pato já era, foi atacado e afundado. Paga e não reclama.

— Apostei no pato. Você apostou no peixe. Você disse que contava com a ignorância dele. Seu peixe perdeu, assim como meu pato. Então empatou. Ninguém ganha.

— Você é um picareta.

— Tive um bom professor. Já é tarde! Vamos, senão ele vai embora.

O homem viu dois sujeitos se aproximando. Depois notou os ternos espalhafatosos, as orquídeas na lapela, as gravatas-borboleta de cores vivas. Enfeites *à la Wilde*, citações literárias baratas. Tinha sido avisado que esse era o estilo dos dois ítalo-franceses.

Sentaram-se ao lado dele, no banco, olhando para os cisnes.

— Boa tarde. As roupas foram escolhidas pra não chamar a atenção?

— Pelo contrário, *monsieur Verne*, serve pra sermos reconhecidos.

— O senhor deve ser *monsieur Azzoni*.

— Em carne e osso.

— E o senhor, *monsieur Mariani*.

— Como é que adivinhou? Belo nome, Verne, escolheu pensando em alguma obra em particular? *Vinte mil léguas submarinas? Da Terra à Lua?* O senhor acha que algum dia chegaremos à Lua? Quem será que vai chegar primeiro, nós ou eles? E no centro da Terra?

— Gostaria de falar de trabalho, não de literatura, se não se importa.

— Claro, é o que estou fazendo, *monsieur Verne*. O senhor conhece *Esperando Godot*, daquele gênio irlandês, Samuel Beckett? Eu e Jean assistimos à peça em Paris, há dois anos. Uma obra-prima!

O homem não parou de olhar para a lagoa:

— Não consigo acompanhar seu raciocínio, *monsieur Mariani*.

— Nem o senhor, nem ninguém, por sorte. Veja, apesar das origens italianas, eu e meu sócio somos um tanto como aqueles dois personagens. Vladimir e Estragon, que esperam e esperam alguém que nunca chega.

— Já tinham me avisado sobre suas excentricidades, *monsieur Mariani*.

— Informaram também o custo dos nossos serviços? — interveio o outro.

— Assim o senhor faz com que pareça mera prostituição, *monsieur* Azzoni.

— E o que seria, se não isso?

— Tinham me assegurado de que os senhores não eram estranhos aos nossos ideais.

— Veja, *monsieur* Verne, o que o meu amigo Lucien quis dizer é que nos fez esperar demais, daí nossas esperanças num mundo igualitário acabaram, como posso dizer, adormecendo um pouco. É verdade que a esperança é a última que morre, mas, enquanto isso, é preciso viver. E é melhor viver bem. Então, no ponto em que estamos, é mais fácil agir por dinheiro que por paixão. Isso oferece maiores garantias também para o senhor, aliás. Um mercenário não pode ficar desiludido, porque não tem ilusões. O senhor nunca vai nos desiludir, Stalin já cuidou disso. O que eu e o meu amigo vamos fazer, é por dinheiro. Fazemos questão de deixar isso bem claro.

— Todo apoio, Jean.

— Obrigado, Lucien.

O homem riu com desdém e jogou outro punhado de grãos aos patos.

— É bom esclarecer os mal-entendidos, *monsieur* Azzoni. Serão pagos pontualmente.

Mariani lhe entregou um pedaço de papel.

— Nesta conta corrente em Genebra, por favor.

— Muito bem. Como pretendem agir?

Mariani, com um gesto teatral, cedeu a palavra ao amigo.

— O imperador já está em nossos braços. Nós o abordamos no cassino, foi mais fácil que com uma puta de quarta categoria, se nos permite a expressão. O imperador joga alto. O imperador perde muito. Não se importa, o dinheiro não é dele mesmo. São impostos dos contribuintes americanos que rolam no pano verde. Ele tem também uma corte de prostitutas que sustenta com uma conta da CIA chamada "grupo cinematográfico imperial". E depois, deixe-me pensar: dois anões, uma matilha de cães que mijam e cagam em todo lugar, quatro guarda-costas que parecem lutadores de sumô, três cozinheiros, um provador de comida pra prevenir envenenamento, dois motoristas, um mordomo, um encarregado da

roupa, um costureiro... Estou me esquecendo de alguém, Lucien?

— A massagista e o homem mascarado.

— É. E agora, nós dois também.

O homem tirou as sementes da roupa:

— Acham que ele simpatiza com vocês?

— Se simpatiza? Muito mais que isso. Somos seus humoristas prediletos. Não nos larga um minuto. Até acha que Lucien lhe dá sorte no *chemin de fer*.

— E Jean na roleta.

— E o que o imperador pensa da conferência de Genebra?

— O imperador acorda às duas da tarde, toma café, pede que leiam pra ele as manchetes dos jornais, toma banho, faz sexo das três às cinco, leva os cachorros pra mijar, volta às seis e meia, joga uma partida de xadrez com uma das putas, janta às oito e meia, às dez aparece pontualmente no cassino e fica até o amanhecer. Quando vai encontrar tempo pra pensar na conferência?

— Vocês notaram movimentos estranhos ao redor dele? Os americanos tentaram alguma aproximação?

— Por enquanto, não. Só continuam depositando o dinheiro num banco em Berna.

— Qualquer informação pode ser valiosa.

Azzoni esfregou o polegar no indicador:

— Vocês pagam, nós informamos. A primeira novidade é que o imperador vai sair de Evian.

O homem mexeu a cabeça involuntariamente:

— Não estava previsto que saísse da cidade antes do fim da conferência.

— Sabemos disso. Mas Bao morre de vontade de enriquecer os cassinos da Côte d'Azur. Vai partir daqui a poucos dias, e vamos com ele.

— Como pretendem manter contato comigo?

Mariani interveio:

— O que o senhor me diz dos pombos-correio, *monsieur Verne*? Sempre achei fascinante o modo como conseguem se orientar. Me pergunto se eles só sabem voltar pra casa, ou podem também fazer o caminho inverso.

Azzoni fez com que se calasse:

— Informaremos nossos deslocamentos por telefone, com o código que o senhor usou para nos contatar. Sem deixar de conferir antes os depósitos em nossa conta corrente, é claro.

— É claro — repetiu o homem.

Mariani fez uma meia saudação militar, levando a mão ao chapéu de palha:

— Agentes Vladimir e Estragon, competentes e arrolados.

O homem sorriu, não ia ser fácil redigir o relatório sobre aqueles dois sujeitos.

O general Serov não aprovaria.

Levantou-se, passou a mão na roupa para limpá-la, amassou o saquinho.

— É uma pena que não acreditem mais na História, senhores. Porque estão lutando no lado certo. Se tivessem consciência disso, trabalhariam melhor e poderiam ficar orgulhosos.

Azzoni tirou o chapéu e o colocou em cima do coração:

— Você ouviu, Lucien, quero que escrevam isso no meu túmulo: “Aqui jaz um tolo, que lutou no lado certo, sem nunca saber disso”.

O amigo repetiu o gesto e, com ar triste, quase chorando, disse:

— Pobre Jean, esperando Godot ganhou um monte de dinheiro e nunca soube a razão. Morreu triste e esgotado, sem uma causa pela qual lutar. E nem foi sepultado no Kremlin.

O homem não soube se devia rir ou mandá-los para o inferno.

— Até logo, senhores. Bom dia.

Os dois agitaram os chapéus em unísono.

Mariani ainda disse, com voz afetada:

— Leve nossas saudações ao Comitê Central e aconselhe a todos os companheiros um autor imperdível, o nome dele é *Charles Marx*, não se esqueça!

O homem não olhou para trás.

O general Serov não aprovaria.

Capítulo 15

Arquivo KGB, relatório no 22227.

Classificado: nível 1.

Código criptografado: 43.

De: residente 04, "Jules Verne", Genebra, Suíça Data: 22/05/54

Objeto: recrutamento de informantes.

Comunico que o recrutamento dos informantes para a operação "Indochina" ocorreu conforme as ordens recebidas.

Os sujeitos em questão são dois.

JEAN AZZONI, nascido em Lion em 14/02/1920, de mãe francesa e pai italiano, nível superior, solteiro, profissão declarada: ator.

De família comunista, assim sempre se declarou, sem nunca se inscrever no Partido Comunista Francês, nem em outras organizações de esquerda. Em mais de uma oportunidade manifestou seu desacordo com a política da União Soviética. Estudou três anos na Academia de Arte Dramática de Paris (1937-40). No momento da invasão nazista, fugiu para o sul e sobreviveu de pequenos trabalhos até entrar na luta armada contra a ocupação. Entre 1942 e 1944 foi protagonista de algumas operações de espionagem acobertadas pela Resistência. Participou de outras operações do mesmo tipo trabalhando como ator em um teatro popular

parisiense entre 1947 e 1953. A aversão pública contra a ocupação colonial francesa na Indochina é sincera e comprovada. Declara-se admirador de Ho Chi Minh e equipara a Legião Estrangeira às SS de Hitler. Em 1952, foi contatado pelo residente francês no 03 e demonstrou interesse em trabalhar para nós. Aproveitou-se habilmente da atração que exerceu sobre uma jovem admiradora, funcionária do Ministério do Interior francês, para extrair informações e passá-las ao nosso residente em troca de uma compensação monetária estabelecida. Atualmente, vive do contrabando e trapanças contra ricos negociantes e empresários parisienses.

LUCIEN MARIANI, nascido em Nantes em 22/05/1921, de pais italianos, autodidata, solteiro, profissão declarada: ator.

De tendências licenciosas e devassas, declara-se "comunista e libertário". Passou dezoito meses em um reformatório por furto (1937-38). Em 1940, foi arrolado no exército francês. Diante do desastre da linha Maginot^[71], desertou e tornou-se foragido. Sob a ocupação nazista sobreviveu por alguns meses roubando os vendedores do mercado negro. Em seguida, foi para o sul e entrou na Resistência, entre as fileiras dos "maquis"^[72], onde conheceu J. A. Juntos, praticaram algumas operações de sabotagem contra o exército alemão, demonstrando grande habilidade e esperteza. Razoável conhecedor de explosivos, conhecido pela facilidade de expressão e modos excêntricos, entre 1948 e 1952 conseguiu se manter exibindo-se como figura exótica em um local de fama duvidosa na capital francesa, freqüentado por intelectuais e artistas decadentes. A sua irreverente imitação do marechal De Gaulle lhe valeu um processo. Desde 1952, é associado a J. A. nas mesmas atividades "paralegais". L. M. também nutre um profundo ódio pela política francesa na Indochina.

Recentemente, os dois homens foram responsáveis por um episódio de sabotagem contra a Legião Estrangeira, na região de Marselha, vendendo um lote de caixas de feijões estragados a um navio de transporte militar de saída para Saigon. A disenteria dizimou a tripulação, forçando o navio a desembarcar boa parte das tropas em Suez, para internação em hospital.

Temos bem claro que são ambos sujeitos duvidosos, encrenqueiros sem nenhum princípio ético. É exatamente por essa razão que os consideramos perfeitos para a tarefa da qual foram incumbidos. Prova disso é a extrema facilidade com que conseguiram participar do *entourage* do imperador Bao Dai. A experiência pessoal dos dois deverá garantir o sucesso da operação e ainda nos permitir o prolongamento de uma observação constante e total do imperador, pelo menos até que se encerrem os trabalhos da conferência.

J. A. (nas próximas comunicações "Vladimir") e L. M. (nas próximas comunicações "Estragon") acompanharão Bao Dai em todos os deslocamentos, apresentando relatório semanal ao abaixo assinado. Os pagamentos serão efetuados em conta anônima de banco de Genebra (vide "Anexo 1").

Capítulo 16

Bolonha, bar Aurora, 23 de maio

— Vamos lá, vamos começar — a colher bate na garrafa e a voz áspera de Capponi acaba com o falatório, impõe silêncio. Hungria 7, Inglaterra 1, notícia fresca do rádio. Difícil pensar em outra coisa.

— Falei hoje de manhã com o Benassi, esta é a proposta: ele paga a assinatura, nós o aparelho e a antena. — Levanta logo a mão e detém as reclamações. — Chega! Não estamos na feira! Ouçam: como o companheiro Bortolotti sugeriu, nas ocasiões importantes os preços vão subir. Benassi propõe que esse dinheiro seja destinado a cobrir a vaquinha, até que cada um de nós receba sua parte.

Domingo. Abertura extraordinária. Ausentes sem justificação: nenhum. De reuniões iguais a esta, no bar Aurora, nos lembramos de no máximo outras duas. A primeira em 45, para decidir se o bar devia reassumir o velho nome glorioso ou achar um novo, mais moderno. E a segunda, nos dias do atentado contra Togliatti, por questões um pouco mais delicadas.

A greve do cafezinho, defendida por Garibaldi e acompanhada mais ou menos por todos, deu alguns resultados: assembleia dos frequentadores e primeira proposta de conciliação do companheiro Benassi.

Melega, porém, não se deixa encantar:

— Desculpe, Capponi, como é a história? Nós pagamos o

televisor do nosso bolso. Vindo aqui pra vê-lo, pagamos a sobretaxa do café e com aquela sobretaxa, que é sempre dinheiro nosso, Benassi nos cobre o gasto? Não sei os outros, mas acho isso uma enganação.

Uma dezena de cabeças concorda convencida.

— Melega está certo!

— É enganação mesmo!

— Quem está querendo enrolar, aquele Benassi?

Entusiasmado com o apoio, Melega abre as pernas fazendo pose de Pecos Bill:

— Das duas uma: ou ele paga, e então põe um preço extra para cobrir o gasto, ou nós pagamos e nada de sobretaxa.

Capponi bate na garrafa como se fosse uma bigorna. A contraproposta de Bottone não demora a chegar.

— Está certo então: nós pagamos. Mas — conta nos dedos — nada de sobretaxa para os que contribuíram, e o lucro excedente vai todo pro caixa comum por pelo menos três anos, pra gastar, sei lá, alugando um pebolim ou pagando nossa entrada no estádio.

Olhares de apoio.

Alguém insiste em contribuir às prestações:

— Gente, se vocês me pedirem as 5 mil agora, tudo de uma vez, vou ter que dar pra trás, porque em agosto vou sair de férias com a família, dez dias em Torre Pedrera e são 40 mil só de pensão de terceira categoria. Diga, onde vou arrumar o dinheiro da vaquinha? Não tenho um tostão sobrando.

— Vá, vá, Marmioli — comenta, azedo, outro —, você aperta o cinto o ano inteiro pra ir à praia? Vê se dá mais comida aos seus filhos, que são secos feito dois bacalhaus.

Nicola já gastou a garganta e deixa que o irmão responda:

— A idéia das prestações não é ruim, mas talvez seja melhor aceitar a proposta do Gás: pagamento à vista e desconto de quase 80 mil liras para um modelo de luxo.

A careca de Gás, recém-raspada, brilha como nunca. A maior parte dos olhares, porém, procura por Garibaldi, que abre os braços desconsolado e solta um sorriso, assumindo a concordância.

— Está bem, está bem, estão me olhando assim por quê? —

Depois, num impulso de orgulho, pula em pé e aponta para o careca. — Mas você que se cuide, entendeu?

Deve ter muita confiança no que está fazendo, o nosso pesquisador de negócios. Não diz uma só palavra. Dá uma longa pitada no charuto e solta a fumaça com muito sossego. Aceitou o desafio.

— Bom, então — continua Pierre — vai custar mais ou menos 250 mil. A vaquinha indo bem, chegamos a 200. Precisa pensar em outras iniciativas pra conseguir o resto. O tempo é curto, na metade de junho começa o Campeonato Mundial. Bottone, e o torneio de carteados?

— Vamos ganhar, tranqüilo. Primeiro prêmio: um belo presunto de Langhirano, já temos um comprador e ganhamos umas sete, oito mil liras. Benfenati vai agora nos informar quanto vai ser a contribuição do Comitê Distrital.

O silêncio desce sem que seja preciso bater na garrafa. Primeiro, porque está em jogo uma participação de, pelo menos, 20 mil liras, segundo, porque já se sabe que o problema foi muito debatido no Comitê do Partido, especialmente por razões ideológicas, e todos nós esperamos um parecer político definitivo, terceiro, porque Benfenati é daqueles capazes de mijar na cama e dizer que transpirou e, sobre essa intervenção dele, diga o que disser, haverá muito falatório no futuro.

— Fiquei muito contente em saber que Benassi pagará pessoalmente a taxa da RAI^[73]. Porque nós seríamos obrigados a recusar. — A voz sobressai de repente do murmúrio geral. — Sabem o que descobrimos, com os outros companheiros, lendo cuidadosamente o texto da convenção? Ouçam isto: — remexe no bolso da camisa e tira um papel — “Cláusula 16: Em caso de informações de caráter financeiro ou econômico relevante, enfim, notícias de interesse geral, o Órgão concessionário seguirá as instruções do presidente do Conselho”. Simpático, não? Só pra não esquecer com quem estamos lidando.

A leitura de surpresa desencadeia os comentários. No meio dos “Que coisa”, “Ouvii só?”, “Fascistas!” a voz de Walterún dirige-se

ao vizinho:

— Garibaldi, não entendi: pagam ou não pagam?

Benfenati, como bom professor de primeiro grau, tem radar nos ouvidos, e retoma tranquilamente.

— O companheiro Santagata pergunta justamente se pagaremos. Vamos aos fatos, então. Hoje não sabemos muito da televisão, mas, como qualquer novidade da técnica, sabemos que será útil se usada com moderação, em outro caso poderá ser perigosa. Vejam o rádio. Utilíssimo, todos concordam. Mas já tentaram ligar na terça-feira à noite? Já ouviram aquele almofadinho *made in USA* que atende pelo nome de Mike Bongiorno? “Qual é a sua idade? É casado? Qual é a sua profissão? Bom, senhor Grimaldi, diga para nós, por 450 mil liras, de que líquido estamos falando nesta propaganda”.

— Eh, quem dera! — resmunga Gaggia. — Se ele telefonasse pra nós, resolvia o problema.

— Companheiro, o que está dizendo?! É nisso exatamente que querem que você acredite: que nada custa sacrifício, que a vida é uma beleza se você der importância às coisas certas, aprendendo de cor o texto de *Voa pombinha branca*, estudando profundamente a vida daquela princesinha ou se interessando pelas fantásticas propriedades da brilhantina Colgate. Se aquele cara me telefonasse, eu é que faria uma pergunta pra ele, isso sim: “Diga, senhor Bongiorno, por 400 mil liras, como é que o meu irmão rachou as costas nos campos e agora tem que viver com as 4 mil liras da aposentadoria mínima? Em sua opinião, como é que ele faz?” São essas perguntas que precisa fazer. De qualquer forma, pra encurtar, exatamente por causa da ambigüidade do novo instrumento, pensamos em não assumir uma posição unitária e decidimos que cada um devia pagar de acordo com sua consciência. Cada um por si, cada um com a sua cota.

Sentou-se. Acabou. Decisão salomônica? Ninguém quis ser o primeiro a comentar.

— Nasce um frade! — sentencia Garibaldi, repetindo o que dizemos quando acontece um silêncio inesperado. A tensão se desfaz e as camadas de fumaça, conversas e fedor de chulé voltam

a se acomodar no ambiente.

— Bom, eu já vou — despede-se Brando —, amanhã não venho, tenho muito o que fazer. A gente se vê na terça.

— Se ainda estivermos no mundo — rebateu Pierre com uma risada de escárnio.

— Quê?

— Não ouviu falar? Um pessoal anda dizendo que, no dia 24 de maio, à meia-noite, o mundo acaba. Até o padre Pio, aquele que converteu o Macário. É certeza: a Terra será consumida pelo fogo.

— Ah, não enche, vá dizer a ele que não acabe consumindo a si mesmo, de tanto bater punheta. Passar bem.

Capítulo 17

Bolonha, Villa Azzurra, 31 de maio

Cansado e enferrujado, o balanço chiava ao lado do poço. Nem um litro de óleo seria capaz de aliviar aquela artrose. Era como um cão na igreja, ou no canteiro de rosas e petúnias. Os parentes em visita perguntavam sempre para que servia aquele trambolho, e alguns iam logo pondo a mão na carteira, caso fosse necessária uma contribuição. Mas não era esse o caso.

Enquanto ele estiver aqui, senhora, não podemos removê-lo. Já tentamos, não é, Fefe? Precisava ouvir como se pôs a berrar. Está certo berrar à noite? Você sabe que não. Dê um exemplo. O que diz Marco se começo a berrar à noite? Ei, Fefe, quantas vezes já avisei, se precisar de mim, desça para me chamar.

Ele gosta demais deste balanço. Não tem importância que esteja velho e quebrado. Fica rangendo para lá e para cá e lhe faz companhia. A cadeira debaixo dos ciprestes também é muito ok, mas ela não lhe diz nada, continua calada, boa para um cochilo. Não é verdade que o cochilo à tarde é bom? Diga, diga: Fefe, vá cochilar na cadeira.

Você quer um cigarro? Não, não, nada de cigarros, fazem

muito mal ao Davide, você não pode oferecer para ele. Por que hoje eu queria sair pelado? Explique. Pode sair pelado? De jeito nenhum! Olha que assim você não ganha bolo. A Mimma fez aquele bolo delicioso com cenouras. Vamos, coloque as calças ou não vai ganhar nem um pedaço.

Mas não aconteceu nada. O que significa pelado?

Ele queria sair assim, entendeu? Então não ia comer bolo de cenouras, além disso, o Giorgio foi até a cozinha e comeu tudo sozinho. Pode comer o bolo inteiro? Não, Fefe, não pode, agora o Giorgio fica uma semana sem café.

Quando viu que não tinha mais bolo, primeiro ficou chateado. Depois subiu para o quarto, tirou tudo e saiu. Com aquele badalo se reanimando, quase fez a senhora Maffei desmaiar. Nem conto o espetáculo. Aconteceu alguma coisa? Não, não aconteceu nada. Diga, diga. Marco vai me dizer o quê, se faço isso outra vez? Ele fica puto.

Fica muito puto!

— Fefe, o que está berrando? — Angela, atrás dele, passos silenciosos na grama. — Não diga palavrões.

— Não, não. Vá embora! Por que você veio?

— Oh, obrigada pela recepção calorosa. Hoje vamos ser bastante cordiais, pelo jeito.

Sentou-se no balanço diante dele, o braço esticado acariciando sua cabeça. Ele continuava de cara amarrada.

— Sua amiga não vem mais. Eu gostava muito dela e ela não vem mais.

— Tenha paciência, Fefe. Ela anda muito ocupada, mas com certeza vai voltar.

— Se o Giorgio não tivesse comido o bolo, eu não teria saído. O que quer dizer pelado?

Angela sorriu, procurando na bolsa a bomba de chocolate de sempre.

— Eh, bonitinho, não se faça de desentendido. Marco já

contou. Deu espetáculo de novo.

— Não mereço o doce? Não tinha mais bolo e eu saí.

— Precisava sair pelado?

— Mas não tinha mais bolo! É por sua culpa que a sua amiga não vem mais. Você precisa parar de vir. Você tem muito que fazer, tem muitos compromissos. Peça a ela que venha.

“Tem muitos compromissos.” Angela sabia que Fefe sabia. Dirigiu o olhar para um rasgo no toldo sobre o balanço. Nuvens carregadas se engalfinhavam, esbarravam umas nas outras.

— E como estão os dentes? Você tem escovado?

— Marco diz que é culpa do café, que ele não pode me dar mais. Agora vou arrancar os dentes, assim o Marco me dá café de novo. É como foi com o bolo.

— Vamos, Fefe, não diga isso nem por brincadeira.

— Então você não venha mais aqui. Mande a sua amiga.

Bingo, Fefe estava com idéia fixa.

— Vamos mudar de assunto? Por favor.

De repente, Fefe começou a bater na própria cabeça.

— Não! Não venha mais aqui, nunca mais!

— Calma, Fefe, chega.

Não se acalmava. Angela tentou parar o braço dele. Ele escapou com um grito, aborrecido. Pulou em pé, dois passos para trás. Sem parar de bater na própria cabeça, fitou os olhos da irmã:

— Precisaríamos jogar fora aquele balanço. É feio, velho, fica rangendo o dia inteiro. Já encheu o saco! Se tem bolo, você não pode sair. Mas sem bolo você faz qualquer merda que vem à sua cabeça! Diga!

Não era bom sinal quando Fefe começava a dizer palavrões. Precisava parar com isso já, ou correria o risco de ter algum ataque.

— Essas palavras não se dizem. — Angela endureceu o olhar, censurando-o seriamente. Em geral, isso bastava.

— Por que não se dizem? Dê um exemplo.

— Nada de exemplos. São palavras feias, não vou repetir nenhuma e estou ficando brava.

— Pode ficar, assim da próxima vez você manda a sua amiga.

— De jeito nenhum. Se continuar se comportando desta

maneira, Teresa fica muito melhor na casa dela.

— Bom, então se despeça dela por mim. Adeus, Teresa. Adeus, Angela. Adeus, velho balanço. Vamos jogar fora: está quebrado e ninguém gosta dele. Adeus, Fefe.

Virou as costas decidido, caminhando pelo atalho de pedrisco. Angela o seguiu com o olhar, depois foi atrás, a uns dois metros de distância. Para que se acalmasse precisava deixá-lo um pouco sozinho.

Marco tinha avisado: o tempo instável o deixa sempre agitado.

Odoacre tinha avisado: são os resquícios da crise, é normal.

Lá fora estava se armando um temporal de verão, e Fefe não gostava nada dessas tempestades. Os trovões faziam lembrar os bombardeios, a morte da mãe, o medo.

Mas o estado de Fefe já não era mais como antes. Mais nervoso, as idéias fixas, menos tranquilo.

Não era só isso que a preocupava.

Fefe falava em uma linguagem particular, mas havia sentido nas palavras que guardava em sua cabeça. Angela conseguia captar esse sentido. Perceber referências e decifrar informações. Mesmo que não houvesse nexos e a colagem parecesse casual. Uma vaga impressão aflorava sempre.

Como dizia Odoacre: na maioria das vezes espelhamos a nós mesmos no incompreensível. Mas, além das sofisticções e dos magnetismos, Angela entendia Fefe melhor que qualquer outra pessoa.

O encontro daquela tarde a tinha deixado mais inquieta que nunca.

“Vá embora”, ele dizia com freqüência. Significava “não se preocupe comigo”.

As pancadas na cabeça, não era a primeira vez. Autolesão, era assim que Odoacre chamava isso.

Que gostava de sair nu, não era novidade. De vez em quando tentava, mas bastavam chantagens como a do bolo para segurá-lo.

Tudo aquilo já tinha acontecido. Qual era, então, o motivo para aquele aperto na garganta? A frase sobre o balanço?

O primeiro trovão fez estremecer as janelas.

Gotas grossas como bolas de gude ricocheteavam no peitoril. O branco sujo do céu esmagava tetos e colinas. Angela correu para recolher a roupa estendida e colocá-la na bacia. Levou a mão ao peito, quase para impedir que o coração pulasse para fora. Um relâmpago.

Quem sabe como estará Fefe. Desde os primeiros estrondos punha na cabeça que precisava sair do prédio, ir para o ar livre. Temia sempre que o teto caísse sobre ele. O temporal, por si só, não o preocupava muito. Pelo contrário, dizia que gostava da chuva, do cheiro do gramado molhado, do "mundo limpo", nas palavras dele. Eles o fechavam no quarto, oficialmente "para evitar que adoecesse". Na verdade, nos meses mais quentes não corria o risco de apanhar uma pneumonia, e desabafar um pouco debaixo d'água não lhe faria mal algum. É que depois seria preciso despi-lo, enxugá-lo, tornar a vesti-lo. Marco também preferia evitar tudo isso com uma bela volta de chave. Coitado do Fefe.

A imagem do irmão encolhido debaixo da cama, apertando o travesseiro nos ouvidos, piorou muito o estado de ânimo de Angela.

Rajadas de água e granizo se abateram sobre os vidros das janelas. Cinco minutos assim e a chuva começaria a se infiltrar. Mas ela ficaria encharcada dos ombros para cima só de se debruçar para pegar as venezianas e encostá-las.

Uma nova pancada encobriu o toque do telefone.

Quando ouviu a voz de Odoacre, a náusea lhe cortou a respiração. Estava ligando da clínica.

Fefe. Uma coisa horrível. Uma desgraça.

Capítulo 18

Nápoles, 31 de maio

Uma quinta à noite, *that's right*, quando a vi pela primeira vez, no clube, devia ser quinta à noite. Eu me lembro, porque na quinta Frankie "The Cockroach" Pistocchio levava as mulheres novas, para mostrá-las, ver se serviam para o trabalho. Ele as colocava enfileiradas, olhava, mexia na bunda e nos peitos delas. Elas não gostavam: Frankie era repugnante, pensava com o pau, que estava sempre duro, um animal, e se não fosse primo distante do Joe Bananas, não colocaria nem um pé no clube, quanto mais trabalhar. A mãe dele o chamava "Scravagghiu"^[74], porque quando era pequeno e ia jogar futebol voltava para casa pretinho de tudo, tão imundo que parecia coberto de merda e mijo. Quando era pequeno e quem sabe depois que ficou grande também. Um animal. Mas isso de ele raciocinar com o pau era conveniente, parecia ter uma antena na cabeça que, como um rádio, captava se, na cama, a mulher era puta mesmo ou era um cabo de vassoura. Uma olhada e entendia logo se ela era ou não uma boa foda, se deixaria você entrar pela porta dos fundos, se gostava ou não de chupar um pau. Um gênio, o Frankie.

Ela era uma beleza: morena, alta, olhos pretos e lábios para os quais você ficaria quinze minutos olhando. Peitos, bunda, coxas, não

Ihe faltava nada. Não me lembro da roupa, porque via através dela, como o Super-Homem. Eu estava atrás da cortina e olhava pela fresta. Ela não podia me ver, mas olhava na minha direção. Sabia que eu estava lá e não tinha medo. Frankie apalpou os peitos dela com aquelas mãos que pareciam pás e ela deu um sorriso, como se quisesse desafiá-lo. Frankie a fez levantar a saia, para ver como era lá embaixo, e ela deu uma risadinha. Frankie estava todo suado e fedido, parecia mesmo uma barata, e perguntou por que ela estava rindo. Depois pegou a mão dela e a pôs sobre o volume. Ela não tirou a mão, deu outra risadinha parecida com o zumbido de um pernilongo indo embora cheio de sangue depois de ter picado, aí ela disse bem alto: "Is that it?", olhando na direção do meu olho no meio da fresta, mesmo sem poder vê-lo.

Frankie fez que ia lhe dar uma bofetada, mas antes que fizesse essa grande besteira, de quebrar a cara da melhor puta que caíra nas nossas mãos, eu gritei: "Stop!", depois saí e me dirigi à moça: "Desculpe, *miss*, mas esse meu empregado, às vezes me pergunto que diabos tem na cabeça". Com um gesto mandei Frankie embora, e ele foi com cara de quem tivesse levado a bofetada, depois eu disse: "Ouça, *miss*, a senhorita é perfeita para operar no nosso ramo. Qual é o seu nome?"

Ela olhava para a minha cicatriz, o meu olho direito mais baixo que o outro, depois fez uma coisa que ninguém fazia, nunca. Aliás, duas. Primeira, não responder logo à minha pergunta e, segunda, indagar: "*What happened to your right cheek, sir?*"

A minha bochecha direita. Fiz uma coisa que também nunca fazia, contei como fui agredido em 29. Depois perguntei mais uma vez qual era o nome dela.

Era Mona, que lá no Veneto significa aquela coisa mesmo. Mas nenhum pai do Veneto colocaria esse nome na filha: ela era de pai irlandês e mãe meio italiana, da região de Abruzzi. Pedi que voltasse na noite seguinte, que *friday night* é dia de foda, porque eles recebem o salário, levam um pouco para casa e o resto gastam com mulheres e bebida. Isto é, não falei desse jeito, só pedi para voltar na noite seguinte. Mas pensei logo que Mona não era carne para jogar num bordel, trabalhar seis noites por semana. Coisa de luxo,

de oferecer para a alta roda. Foi o que aconteceu. Era um vulcão que fazia ferver o badalo de todos os clientes.

Estranho, esta noite sonhei com Mona. Pô, que falta sinto dela. Bons tempos, trabalhávamos direitinho com as corridas, com os jogos de azar e, principalmente, com as putas. Trepávamos duas vezes ao dia com duas mulheres diferentes, porque o olho podia estar caído, mas a vara se mantinha bem alta e reta. Até hoje, apesar de não ser mais jovem, ainda sou um *cocksman* de respeito. Faturó uma boa boceta ao dia, e não fico só três minutos.

Bons tempos, é, depois entra aquele grande corno e chupeteiro, o procurador Dewey, conhecido como Tom Honesto, e o que acontece? As putas perjuram no tribunal dizendo que eu sou o maior explorador das Américas e tenho aqueles negócios em todo lugar, Deus devia fulminá-las. Entre elas vejo Mona, a quem sempre trouxe na palma da mão, dei um monte de dinheiro e fiz trepar só com gente que não tinha doenças. Mas eu não ligo, porque a gente sabe que as mulheres são todas putas na alma, não só no meio das pernas.

Estranho que esta noite tenha sonhado com Mona. Parece impossível que a gente acabe na cadeia só por uma questão de xoxota.

Estranho que, em vez disso, não tenha sonhado com o embarque. Em 46 os meus advogados estavam quase provando que Tom Honesto corrompeu, ameaçou e chantageou as testemunhas, aí então eles me liberaram numa boa e me despacharam aqui pra Itália, para se livrarem de mim. Tom Honesto quer se candidatar à presidência e é melhor para todos que eu vá pra onde Judas perdeu as botas. Mas, já que ia parecer estranho "o maior *boss* dos *bosses*" ser libertado assim, da noite para o dia, eles espalham que eu prestei serviços ao País, falando com os *picciotti* locais para facilitar o desembarque dos Aliados na Sicília, por isso me gratificaram com a liberdade e a repatriação. Uma besteira pela qual os almirantes me mandam tomar no cu até hoje.

Agora este compatriota, Siragusa, quer que eu seja confinado, enche o saco também por causa do carro, e onde entra o carro? Eu

deveria andar por aí numa bosta de Topolino^[75], como um pé-de-chinelo qualquer? Aí, nada de pedidos de autógrafos, só receberia *pernacchie*^[76] dos dois lados da rua! Ele põe a polícia bufando sem parar no meu cangote, aquele filho-da-puta!

E o outro, o jornalista que veio no outono passado, quer escrever um livro a meu respeito. Sem a minha permissão.

A liberdade de imprensa é uma coisa boa, mas seria melhor se não existisse.

Agora o Steve Cimento vai para Marselha, assim acabamos também esta operação e paramos um pouco para pensar, porque aqui as coisas podem ficar diferentes. Ele anda meio estranho ultimamente. Eu entendo, está *homesick*, o *picciotto*, sente falta de Manhattan e Brooklyn, talvez até sinta saudade daqueles servicinhos de sapateiro que prestava no cais. Aqui, no máximo, uma chave inglesa na cabeça do último infeliz. Alguém com a competência dele não tem como se destacar. Bom rapaz, mas esquisito, quase não fala mais e dizem que leva sempre grudado aquele menino que chamam de Kociss.

E estão acontecendo coisas que não entendo, mas ainda vou entender, porque fico aqui na minha, levo uma boa vida, banco o aposentado, mas tenho olhos e ouvidos em toda parte, até no pau.

Capítulo 19

Entre Roma e Frosinone, 31 de maio

Foram erros demais. Steve “Caralho” Zollo.

Você sabe como acaba quando começam as merdas. Dispensa o funeral.

Passagem de nível. Colleferro, km 10. Um outro lugarejo de grosseiros e criadores de ovelhas como o que acabamos de passar. Frosinone, um buraco no oceano. Outra rodada. Zero.

Duas semanas atrás de um rastro que nos levasse ao cristo que pôs as mãos na TV, com o chefe que se agitava por causa dos negócios e dos bordéis. Os marselheses, o filho-da-puta do Siragusa, a Sicília. Dom Luciano, apreensivo e insuportável em certas ocasiões. Outra fogueira debaixo da minha bunda já queimada.

Último rastro: Antonio Cammarota, comerciante de vinhos no atacado, Frosinone. Ele deveria ser o comprador, e era, mas o televisor não estava lá. Na casa dele não estava. Não tinha ninguém, nem o televisor. No depósito de vinho as notícias de merda que tive foi do sócio do Cammarota, um tal de Paride. Antonio está fora fazendo entregas e não volta antes do anoitecer. É verdade que comprou um televisor caro, de segunda mão. Ele ia vender a um fulano de Roma, fora de Roma, enfim, perto de Roma, ele não se lembrava ao certo.

O televisor não tinha passado por Frosinone, porque Antonio

conhece os sujeitos do caminhão que iam levá-lo até Roma.

O motorista e o ajudante chamavam, talvez, Ernesto, ou Ettore, ele não se lembrava, e o outro Palmiro, mas era Antonio quem os conhecia melhor.

Zero. Colleferro, quilômetro 10. Passagem de nível do caralho.

— Tenho certeza de que vamos achar, Stiv. Uma coisa daquele tamanho não pode desaparecer.

— Cala a boca! Cala a boca, entendeu? Você quer continuar assim a viagem toda? Estou pensando!

Não pode ser verdade.

Estou indo para a França, para a Côte d'Azur.

Ao encontro dos marseheses, para a organização, para dom Luciano. Dom Luciano acha que a viagem está bem mais adiantada. Dom Luciano está agitado.

Ao encontro de Toni o lionês. Por conta de Steve "Caralho" Zollo e do seu novo sócio, Cabeça-de-merda, o rei de Agnano. Vou ter que comprar roupa para ele. Não podia largá-lo por aí. Agora está grudado no meu saco.

A última rodada está destruindo sua aposentadoria, Steve. Desculpe, Toni, perdi doze quilos de heroína pura dentro de um televisor, mas vou achar, pode ter certeza. O Cabeça-de-merda aqui, rei de Agnano, está me ajudando.

Não.

Tenho uma amostra. Três quilos já. O resto daqui a um mês, Toni. O resto quando você quiser, *oui, avec plaisir*. O resto pro inferno, Toni, *I'm sorry*. Você traz o dinheiro, a mercadoria existe. Daqui a um mês, *oui*. A aposentadoria. A mercadoria existe. Funeral dispensado. Pro inferno, Toni.

Desde que estava com os italianos, o McGuffin não tinha paz.

Jogado de cá para lá por gente mal-educada, levando bofetões, alvo de lançamento de objetos, obrigado a refletir brigas e ofensas, furtado, escoriado, violentado com chave de fenda, abandonado por horas na umidade de um porão, depois a escuridão escaldante debaixo da lona do caminhão, os solavancos nas crateras do asfalto, cascalho, terra queimada, camadas e placas de estradas antigas, para cima e para baixo, sem parar, até sentia saudade da primeira viagem, na bicicleta daquele jovem, o encerado ardente e o cheiro de cocheira e de couro.

Agora outra vez em marcha, há pelo menos uma hora. Certamente estava saindo de Roma.

Destino cruel! Acostumado a agradar o público com imagens tranqüilizadoras, agora era uma testemunha muda de situações miseráveis e violentas. Sem ter como se opor. Vazio diante do vazio.

A inútil tela de 17 polegadas parecia refletir ainda as últimas cenas, consumidas sem pudor diante do seu olho arregalado.

O homem tinha logo perdido a paciência. Antes do previsto, antes de tentar. Antes de tudo. Entrando em casa, tinha apontado para o McGuffin, explodindo:

— Que diabo é isso?

Sem esperar pela resposta à primeira pergunta, tinha formulado a segunda:

— Quem trouxe isso pra cá?

Que sorte infame! Acostumado a acolhidas mais calorosas, crianças festejando com os pequenos braços estendidos, mulheres animadas, parentes fazendo visita para homenagear o recém-chegado, o que tinha que agüentar agora? Desprezo, ferros inseridos em suas partes íntimas, socos, até uma cuspida.

— É um presente do Carmine — tinha respondido a mulher.

E o homem, assumindo uma coloração cinzenta de raiva:

— Uma televisão? Nem temos água em casa e o cara nos dá uma televisão? Muito bem!

Agora essa! Desculpe, mas o que tem de errado? Se alguém não tem água em casa, precisa ficar pensando nas suas desgraças? Melhor se distrair em vez de estragar o fígado. E o que pode ser melhor para distrair que um belo televisor McGuffin Electric Deluxe,

que com sua tela de luminosidade fisiológica nem cansa a vista?

O carro parou com um solavanco. As vibrações do motor sacudiam McGuffin como um ataque de *delirium tremens*.

— Ele quer me espezinhar, como sempre, quer que eu me sinta um pobre inútil, certo? *Mortacci sua*^[77] ele podia nos dar algumas liras para o aluguel deste buraco, em vez de jogar dinheiro fora com besteiras.

Claro que a discussão não tinha começado com o pé direito. Mas ainda dava para voltar a um nível racional. Velha sabedoria popular, bem simples, aquela que diz que não se olham os dentes de cavalo dado. Devia existir algum problema prévio entre os dois. Alguma coisa tinha acontecido nos capítulos anteriores e um pequeno resumo teria facilitado muito o entendimento. O *timing* da discussão, de toda forma, estava completamente errado.

O ruído das rodas do trem sobre os trilhos abafou qualquer outro som. O carro partiu novamente com um solavanco.

— De quem são os *mortacci*? Repita, de quem?

— Não me provoque, Giulia! Vamos devolver este troço e acabar com isso.

— Quem são os *mortacci*? Vamos, diga, os *mortacci sua* de quem? — Uma jovem orgulhosa, sem dúvida. Um pouco carente de conteúdo, mas orgulhosa.

— Giulia, isto vai acabar mal, estou avisando. Não me faça repetir. Diga ao seu irmão que venha buscá-lo, senão o levo para vender em *Porta Portese*^[78].

A maçã tinha acertado o olho dele, junto com os insultos.

— Os *mortacci* do Carmine são meus também!

McGuffin chegou a ficar com medo. O provérbio diz que, quando dois brigam, o terceiro se diverte, mas esse caso parecia querer chegar a um resultado bem diferente. Além disso, entre marido e mulher não se mete a colher, imagine então uma tela de 17 polegadas. E o homem tinha passado por cima dele, enquanto ela se jogava na direção da porta.

Tarde demais.

O que aconteceu depois nenhum canal de televisão norte-

americano pensaria em transmitir por inteiro. Basta dizer que, no fim, quatro mãos agarraram o McGuffin para tirá-lo do cemitério de cacos e pratos quebrados que tinham passado ao lado dele assobiando feito granadas.

Ele tinha um olho roxo, ela mais que um.

Que desfecho engraçado! Eles o devolveram sem perceber que não funcionava.

Capítulo 20

Entre Grenoble e Cannes, 30 de maio

— Merda! Você cuspiu pra fora um pedaço de pulmão!

— O que está dizendo, Sueco? Cof! Cof! Avise logo se pretende ficar dizendo besteiras a viagem toda, que eu largo você aqui e pode voltar a Paris de ônibus.

— Não estou dizendo nenhuma besteira. Veja aí no painel, é um grumo de alguma coisa, está vendo? Tem até uma gotinha de sangue.

— Isso aí? Não é nada, cof! É catarro com um pouco de sangue. Você passa o lenço e sai, viu?

— É, mas com o *seu* lenço, veja, tem toda uma gosma vermelha! Não seja porco, depois não sai mais! Vamos chegar desse jeito no litoral?

— Como é que não sai, é coisa à-toa, está vendo?

— Não com a manga! Você quer se apresentar no cassino de Cannes com a roupa suja de sangue? Quer que nos reconheçam logo? Eles não vão deixar a gente entrar assim!

— Sueco, você é pior que um dedo enfiado no cu. Fique calmo, temos muitas horas de estrada pela frente. Faz meses que todos me encham, para que eu vá pro sul, ao mar, às montanhas, que faz bem para os, cof! Cof! Cof, faz bem pra, cof! FAZ BEM PRA ESSAS PORRAS DE PULMÕES, e assim por diante, mas se era pra ir

com alguém fazendo sermão na minha orelha, preferia ter ficado em Paris.

— Toni, eu me preocupo, um: que você não morra, dois: que você não morra *agora*, porque eu nunca vi esse tal de Zollo, três: que a gente não pareça um moribundo e o amigo que vai junto pronto pra chamar o padre. Se os marseheses ficarem sabendo desse negócio, racham a nossa bunda, e bem rachada. Pior ainda com os sicilianos, e o filho-da-puta que vende máquinas de lavar roupa em Nápoles. Já temos muitos problemas, não podemos chamar a atenção, certo? Precisa ter estilo! Como Jean Gabin em *Grisbi, o Ouro Maldito*.

— De novo com esse filme. Quantas vezes você já viu?

— E o que tem isso agora? Entendeu ou não o que eu falei?

— Claro, o que você quer mais, que eu jure por Deus Pai e toda a turma lá de cima?

— Toni, você está se largando. Procure se recuperar, nós estamos falando nisso há meses. A TBC não é brincadeira.

— Depois deste negócio, damos o golpe das jóias e aí eu tiro um descanso.

— É, e talvez você possa se operar.

— Fazer plástica no pulmão? O caralho! Não vou deixar que serrem minhas costelas pra andar estropiado pelo resto da vida. Aquele professor, o Blafard, faz tratamentos "alternativos". Já marquei consulta com ele.

— Tomara que dê certo. Enquanto isso, você ouviu o organizador?

— Ouvi, o plano é genial, não tem o que criticar. Mas ele gosta um pouco demais de putas, isso é arriscado quando você está preparando um golpe, cof! Cof! As putas falam e fazem você falar.

— Diga pra ele manter o passarinho na gaiola, então. Já estamos correndo riscos demais. Por falar nisso, como é o tal Zollo? Podemos confiar nele? Ou será que ele vai querer foder a gente?

— Não, eu sei quando alguém é bom, o cara é um filho-da-puta que parece um mastodonte, aliás é o mamute dos filhos-da-puta, grande e frio como um bloco de gelo.

— Sabe que em mongol "mammuth" quer dizer "filho da

terra”?

— ...? E daí?

— Era só pra lhe passar uma informação.

— Ah, então obrigado. Não sei como seria sem você que pra falar best... Cof! Cof! Cof! Cof!

— Então tente me convencer de que isso aí não é um pedaço de pulmão!

Capítulo 21

Marselha, 1º de junho

O garoto tinha sentido um ar de casa. Ar de respeito e perigo. Tinha parado de fazer perguntas. Parecia concentrado, à vontade. Parecia entender as palavras e as exclamações incompreensíveis que ricocheteavam da rua. Tinha entendido que não devia falar.

Zollo podia finalmente desfrutar de um café grande e escaldante. Por quantas horas tinha dirigido sem parar?

Os pés queimavam, as pernas pareciam mármore.

Detalhes irrelevantes, diante do que o aguardava. Diante dos que ia encontrar. Diante de onde estava. A *taverne* ficava na Rue du Refuge. O taberneiro dizia se chamar Dedé. Tinha passado para eles um maço de cigarros onde estava marcado o lugar do encontro. O bairro era o Panier, fossa de descarga da *Guerinitown*. O paraíso de *nabos, babis*, corsos e da escória variada do resto dos quatro continentes, benignamente reunidos por uma tarefa comum: dominar o porto e o tráfico de Marselha. Pagos por Antoine e Barthelemy Guerini, senhores e donos do *milieu*^[79], com a bênção terrestre de Gaston Defferre, prefeito socialista da cidade. Gente decidida. Grandes negócios nos quatro cantos do planeta. Sólidas relações políticas. Condições claras e carta branca. Um maná para Luciano. A aranha tecia incansavelmente. A teia estava envolvendo o

mundo inteiro. O caminho saía diretamente de Marselha e seguia por quase 20 mil quilômetros, até Saigon, o Laos, a Tailândia. Indochina: a rota do ópio, do pó, das armas. Os franceses farreavam por lá havia um século. Agora já era terra de ninguém. Mata que mata, degola que degola, fode que fode. Perfeitas condições para prosperar.

Os Guerini tinham idéias bem claras.

O intermediário naquelas bandas era um tal Jean-Philippe Mesplède, da Legião, que trabalhava também com os americanos. Parece que tinha escravos, plantações e alianças com as tribos locais. Tudo o que era necessário para uma atividade rentável e de perspectivas seguras. De lá saía o material bruto, disponibilidade ilimitada, ou já tratado, ou semipronto, mas em quantidade e qualidade inferiores. Esse era o problema. Clima úmido demais. Equipamentos e química de baixa qualidade. Trabalhadores sem motivação. De vez em quando alguém tentava fugir. Precisava ser morto. Outros morriam de fome ou cansaço. Era necessário substituí-los por parentes.

Luciano e os Guerini estavam resolvendo o problema. Modernos e eficientes laboratórios na Sicília e em Marselha. Matéria-prima excelente. Químicos de confiança. Tampas de aço. Pó branco e *brown* de ótima qualidade podia voltar para o Oriente, para os bordéis das frentes de batalha; para o Ocidente, a América.

As putas gostavam.

Os amarelos gostavam.

Os negros gostavam.

Aqueles depravados, bichas, artistas músicos comunistas também gostavam.

Em resumo, agradava. Pagavam por ela. Pagavam bem. Queriam todos os dias.

Zollo mandou para dentro o último gole de café e puxou um Gauloise do maço que o taberneiro tinha entregado. O rapaz mantinha a cara grudada no vidro, olhava para a rua lá fora. Tinha um meio sorriso estampado no rosto.

Zollo levantou. Estava na hora. Os Guerini não gostavam de esperar. A programação do dia era: visita à lavanderia novinha em

folha, os cumprimentos, a confirmação dos acordos.

Depois, cuidar da vida dele.

— Salvatore. Vou até o velho porto. Sozinho. As pessoas que vou encontrar não gostam de caras novas.

— Você vai encontrar gente importante, certo, Stiv?

— É.

— E são nossos amigos?

— São amigos de dom Luciano.

— Minha nossa, Stiv! Gostaria mesmo de ir com você, mas entendi. Eles não gostam de caras novas.

* * *

O galpão era velho, grande e caindo aos pedaços. O fedor repugnante de peixe entrava até pelo buraco do cu.

O nome do *chaperon* era Charles Zucca. Vestia um conjunto azul por cima de uma vistosa gravata amarela e sapatos brilhantes de verniz preto. Mais ou menos 30 anos, contador e advogado da organização, filho de Pascal Zucca, advogado de renome, benemérito da Resistência Francesa e conselheiro estratégico das desinibidas operações do prefeito Defferre.

Fábrica para produção de sardinhas em lata.

Charles Zucca seguia à frente de Zollo com passo firme, abrindo caminho em silêncio, mantendo um lenço apertado na boca e nariz. Perto do fundo da estrutura, chegou a uma pequena porta meio escondida por montes de caixas de madeira podre. Dava para uma estreita escada de metal em caracol. Enquanto desciam, o bafo de peixe foi aos poucos sendo substituído por outro odor, não menos intenso, fruto de uma mistura de vários agentes químicos, adocicado, denso, pungente.

Bem-vindos às Indústrias Farmacêuticas Guerini.

— Para nós é muito importante que *M'sieur* Luciano seja informado sobre o grande salto de qualidade proporcionado pelos novos equipamentos. No longínquo Oriente, *M'sieur* Zollo, as coisas não estão muito boas para as nossas heróicas forças armadas. Mas

para os bons negócios há sempre espaço. Precisa investir, modernizar, ser independente. Temos químicos do mais alto nível. Produzimos as melhores pastas de heroína e morfina. Podemos negociar grandes quantidades. As bases de fornecimento estão no Laos, perto da fronteira com o Vietnã. Os campos de Ba Na Key. É uma zona com muito calcário, indispensável para o cultivo da papoula. Dezenas e dezenas de grandes plantações. Temos outras, em Saravan, mais para o sul e mais afastadas dos bordéis. Transportamos o material bruto em navios cargueiros que se dirigem à Europa. Claro que ocupa mais espaço que a mercadoria já refinada, e talvez seja também mais arriscado, mas a qualidade e os ganhos são mais que decuplicados.

Zollo olhou ao redor: sacos de cal, fogareiros, tambores, filtros, provetas. O pó de cal cobria tudo. Cheiro de sedimentos e agentes cáusticos. Dezenas, talvez centenas de embalagens empilhadas e etiquetadas: amoníaco, clorofórmio, ácido clorídrico, sais de sulfato. Tudo o que era preciso para refinar linfa de papoula e obter pasta de morfina. Tudo o que era preciso para refinar a pasta de morfina e extrair a heroína.

O paraíso das drogas. Zollo percebeu uma pequena sensação de náusea.

Zollo disse:

— Dom Luciano vai gostar muito de saber do nível atingido pela organização. Na Sicília também é assim. Ele também fala sempre de independência e investimento em modernos equipamentos. Repete freqüentemente que aí está o segredo dos negócios bem-sucedidos. Manda saudações e recomendações à família Guerini, e pergunta se aquela proibição quanto às cidades de vocês continua em pé.

A resposta de Zucca não se fez esperar:

— Com certeza absoluta. A família Guerini se mantém firme neste ponto. Conhecemos bem os efeitos e as conseqüências dessa coisa. Antoine e Meme Guerini fazem questão de confirmar que, enquanto eles estiverem presentes, Marselha e o resto da França não verão mortos-vivos andando pelas ruas. Os negócios estão acima de tudo, mas o pó não deve amolecer o cérebro e os

músculos dos nossos jovens. Espero que *M'sieur* Luciano entenda e não leve a mal.

— Sem problemas. Dom Luciano vai entender. Ele também não suporta drogados, só queria ter certeza se as regras dos amigos franceses continuavam as mesmas. Pra quando o próximo carregamento?

— Antes do fim do verão — Zucca raspou a garganta. — Um grande carregamento. Dois navios. Um seguirá para Palermo. Em seu devido tempo esclareceremos todos os detalhes. A família Guerini faz questão de informar que negociar com ela é sinônimo de segurança absoluta e lucros garantidos. Sobre isso queremos confirmar a *M'sieur* Luciano que meio milhão de francos já estão a caminho de Genebra. Até amanhã, no máximo, mãos de confiança farão o depósito na conta que nos foi informada, com os cumprimentos e agradecimentos dos irmãos Guerini.

— Don Luciano também vai ficar agradecido.

— *M'sieur* Zollo, peço que transmita minhas saudações também àquele que considero um dos homens de maior qualidade e inteligência deste planeta.

— Sem dúvida, Mr. Zucca. Farei isso.

Capítulo 22

Bolonha, 2 de junho

Preto.

Escuro.

Um canto escuro. Para sumir dentro dele.

Concentrar-se só nos passos, um pé diante do outro. Nada mais.

Não é possível sobreviver à dor. É injusto. Ficar para sofrer.

Ficar.

O redemoinho suga gestos, pensamentos, respiração.

Respirar. Quase impossível.

Pensar. Pensar que Fefe não existe mais. Você não *pode* acreditar. A vida não pode ser. Não pode nem pensar.

Preto. Escuro. Um pé diante do outro.

O cão morde por dentro, morde o coração, um pedaço por vez. Depois deixa você retomar o fôlego, para que consiga andar.

Imaginar os últimos instantes. Quando quebrou a janela.

Pensar no terror dos trovões, do gelo que o deve ter envolvido.

Pensar no momento *anterior*. Pensar no que ele pensava. *Antes* do vazio, *antes* do chão. Terror. Você tinha que sair de lá, Fefe, precisava fugir, fora, onde o teto não poderia cair na sua cabeça, como naquele dia há muitos anos, abraçado ao cadáver da

nossa mãe, sob os escombros, por horas.

O cão crava os dentes mais fundo. Você pára. Está angustiada. Espera que passe, que ele largue a presa. Outro fragmento.

Preto. O inferno é um canto escuro do coração.

Não existe mais nada. Nada mais tem serventia.

Você tem os bolsos cheios de coisas *dele*. Coisas inúteis. Cacarecos. Relíquias. Não pode perder nada, nem o menor pedaço de pano, nem um lenço ou uma escova de dente. Precisa conservar tudo.

Ele precisa ser conservado. O que ele deixou. O que resta.

Morto. Morreu. Não existe mais.

Os joelhos *querem* ceder. Mas você não vai cair. Ninguém deve tocá-la. Você não quer ninguém. As mãos que tocam seu corpo, que o restituem a você e lhe dizem que está viva. Lembram que precisa comer, beber, tomar banho. Ainda. Agora também. Amanhã também. Não. Você não *pode* acreditar. Não pode viver com um buraco no lugar do coração e o estômago menor que um punho.

Preto. Apaguem tudo. Apaguem o dia. Apaguem as velas da igreja. Apaguem os olhos. Deixem que eu fique no escuro.

Estou aqui e ando. Mas não sou eu.

Não estou mais *viva*. Não estarei.

Fefe, vamos, levante-se. Não fique aí estendido. Levante-se, por favor. Levante-se e vamos embora.

O que dizer a ela? O que fazer? Você não pode abraçá-la, não pode apertá-la. Não pode fazer o que pedem os impulsos espontâneos. Não poderia nem olhar para ela, mas quem está se importando? Olhe assim mesmo. Você procura os olhos dela, olhos pretos que o queimam por dentro desde a primeira vez que os viu e que agora desaparecem atrás das lentes escuras. Angela, estou aqui, está me vendo? Sou eu, Pierre. Angela, olhe para mim. Deixe que a abrace, que a embale, que a acaricie. Mesmo que você não me queira mais, mesmo que tenha acabado, um abraço é um abraço. Um abraço não se nega a ninguém. Não se nega nem a si mesmo. Conceda-o a

você, por favor. Mesmo que seja pela última vez, sou sempre eu, sou Pierre. Nós já nos amamos e quem sabe se não continuamos nos amando.

Mas você não está aqui, está em outro lugar, você também morreu.

Odeio funerais. Não deveríamos ir a funerais. Não deveríamos pôr os pés em um velório. Vê-lo ali, no caixão. É esta a última imagem que você vai carregar por dentro? Não é justo. Angela, você não deveria ter vindo.

Aí está o seu marido, o grande Odoacre Montroni. Incorruptível, extremamente íntegro. Pêssimas, procissão de figuras negras curvando as costas. Sofre em silêncio, sofrimento recatado, grave, de homem por inteiro. Tem fila para apertar sua mão, como se fosse ele quem tivesse perdido um irmão, não você. Você é uma mulher, pode sofrer e se deixar levar pela dor. É preciso deixar você quieta, basta o abraço de Teresa, que você afasta sem repugnância, ninguém deve tocar você.

Ele percebeu o jeito que eu estou olhando para você, mas não me importa. Angela, quero que você se vire, que leia nos meus olhos, que leia a vontade que tenho de ficar ao seu lado.

Vê como olho para você.

Sente como estou tremendo.

Ele me crucifica com os olhos.

Está me dizendo: não se aproxime. Não faça isso. Você não *pode*.

Ele me odeia Ele entendeu.

Ele sabe.

— Senhora... Senhora Montroni...

Angela virou só a cabeça. Era Marco, o enfermeiro, o amigo de Fefe. Arrasado, os olhos vermelhos e o rosto marcado, parecia ter envelhecido dez anos. Tinha um peso dentro dele, era visível, estava dobrado debaixo dele, não sabia onde descarregá-lo.

Angela não disse nada.

— Senhora, eu preciso lhe dizer... — Marco engoliu ar e soluços. — Talvez não tenha nada a ver, mas não posso deixar de lhe dizer, não quero lhe dar mais um desgosto, mas se eu me

segurar, não terei condições de seguir vivendo.

Ela esperou que ele encontrasse forças para falar. Não lhe parecia possível ser capaz de ouvir uma pessoa, fazer o cérebro aceitar uma informação que não fosse a ausência de Fefe pelo resto da vida. Marco manteve os olhos baixos e falou:

— Há um mês aconteceu um erro, um terrível erro. O tratamento de Ferruccio com aquele remédio novo não podia ser interrompido de repente. A dosagem devia ser reduzida aos poucos, senão o paciente poderia ter crises. Foi por isso que Ferruccio teve aquela recaída e o seu marido teve que voltar às pressas de Roma. Foi um erro — passou as mãos no rosto, sentindo-se culpado. — Lamento, eu não estava, estava de licença. Se eu estivesse lá, quem sabe... — Não conseguiu terminar a frase, os soluços a interromperam.

Angela ouviu a própria voz murmurar:

— Então era verdade, Fefe falava a verdade. Tinham suspenso o tratamento.

— É, o Sante contou ter ouvido o Dall'Oglio mandar suspender o remédio. Não sei por quê, talvez isso não tenha nada a ver, quero dizer, passou algum tempo, depois ele tinha retomado o tratamento. Mas eu precisava contar, não podia...

Angela tocou o rosto dele:

— Que importância pode ter, agora, Marco? Você não tem culpa. Você gostava dele.

Conseguiu abraçá-lo, como se ele precisasse ser consolado.

Afastou-se e o deixou ali, em pé, uma carcaça encaçada entre os túmulos.

Enquanto se afastava do cemitério da Certosa, ao longo da rua Andrea Costa, Pierre não conseguia tirar da cabeça o olhar de Montroni. Dava medo. Era de gelo, isso, na cabeça dele vinha a imagem do gelo, um cubo deslizando pelas costas. Ninguém nunca tinha olhado para ele daquele jeito. Merda! Aquele bosta *sabia*. Sabia dele e Angela, deu para ver isso em seus olhos. Mas como é

que ele tinha descoberto? Quanto a isso, não tinha dúvida, poderia pôr a mão no fogo. Aquele não era um olhar de alguém que se perguntava *por que* estavam olhando a mulher dele. Era o olhar de alguém que *sabia* o porquê.

Vá tomar no cu, Montroni. O cunhado morreu e ele preocupado com os cornos!

Coitado do Fefe. Pobre Angela. O mundo estava caindo sobre ela. O irmão suicida e o marido que talvez tivesse descoberto a traição. Estava na merda. Estava acabada. E ele não podia fazer nada.

Apertou os punhos no guidão, tenso, a raiva contraiu seus músculos, derrapou, retomou o controle, um carro buzinou, *Pau d'água!*

Pedalou mais forte, cabeça baixa, como Coppi, queria se cansar, chegar em casa morrendo de cansaço, jogar-se na cama para adormecer. Dormir era a única coisa que queria. Ficar inconsciente. Não pensar. Não queria mais nada. Os problemas dele eram brincadeira perto dos de Angela. Mas ele também estava descarrilando. Na reta, instintivamente testou os freios. Como se precisasse reduzir a marcha na beira do abismo.

Capítulo 23

Cannes, 2 de junho

O Cassino Municipal era uma festa de luzes artificiais.

Cary vestia um *smoking* azul-escuro. Mais preto que o preto. Efeito da luz artificial. Quem percebeu primeiro foi o homem mais elegante do mundo (ao lado de Cary e Fred Astaire), um homem do qual Cary tinha sido súdito.

O duque de Windsor. Ex-monarca do Império Britânico sob o nome de Eduardo VIII. Aquele tinha *realmente* renunciado.

Cary, pelo contrário, não tinha conseguido abdicar. Não queria *mesmo*. Agora ele sabia. Sorria.

Tranquilo. Como sempre, quando trabalhava com Alfred Hitchcock.

Hitch.

Durante as filmagens de *Suspeita* e *Interlúdio*, Cary aparecia no *set* assobiando.

O entendimento com Hitch era perfeito. Telepático. Desta vez também seria assim.

Estava de volta.

Uma vez Cary, lendo uma entrevista de Hitch, tinha explodido em gargalhadas por causa da frase: "O senhor acha que se fosse possível escolher um corpo para nascer, eu teria escolhido *este*? Se dependesse de mim, neste momento eu seria Cary Grant!"

Não, Hitch. Neste momento você seria Archibald Alexander Leach. Não se nasce Cary Grant. A gente se torna Cary Grant. Cary Grant é um presente para o mundo. *Estou de volta.*

Hitch estava ao lado dele. Silhueta mais do que célebre, barriga proeminente, cabeça pelada. Olhar que transbordava sarcasmo. Cada centímetro cúbico do corpo entretido em dirigir a cena. Hitch era um lento estômago antropomorfo. O sarcasmo era ácido clorídrico, a imaginação um jogo de enzimas, Hitch *digeria* as formas de vida ao redor, proteínas e vitaminas para o *corpus* das suas obras.

Grace também estava lá. Vestido de noite azul-escuro, mais preto que o preto.

Cary a conhecera havia poucos dias. Ele já a admirava a distância, agora a admirava de perto. Concentrada sem renunciar à leveza. Provocante sem ser agressiva. Bela e loira sem ser vistosa. Bela e loira.

Uma sensação de *déjà vu*. Só por um instante.

Não via a hora de começar as filmagens.

Três costas viradas no bar do cassino, três sorrisos e seis olhos, a variedade humana que começava a fervilhar.

Vinte e uma horas. Ponteiros a noventa graus.

Com reverências de idêntica angulação, os porteiros em libré saudaram a entrada da comitiva imperial.

Na primeira fila, seis moças de mais ou menos 20 anos, decotes e aberturas das saias que pareciam se juntar. Andar igual ao dos desfiles, apesar dos saltos altos e finos. Dezenas de olhares masculinos abrindo espaço no salão, para pousar sobre a melhor. Mas não o de Mr. Hitchcock, capturado por frutos silvestres e creme chantilly. Nem o de Mr. Grant, ou talvez de relance, para não ofender Grace Kelly.

O mesmo número de senhoras, que de chamativo só tinham as jóias, seguia as primeiras com andar menos ousado.

Logo depois, cinco rapazes elegantes, risca de giz, chapéu e

charuto, levavam a passeio outros tantos campeões de raça canina. Um galgo afegão de cor champanha, um dálmata, um fila preto, um *dobermann* chamado Anubi e um labrador irrequieto.

As regras do cassino proibiam a entrada de cães. Assim que transpuseram a soleira, de fato, passaram as guias às mãos de alguns empregados, pagos especificamente para cuidar das mijadas deles. Mais sábio e econômico teria sido deixá-los correr pelo parque *du Chateau de Torenc*, mas o imperador não pensava assim.

Depois do time cinófilo entraram quatro seguranças, que tiveram dificuldade em passar juntos pela porta. Sob amparo daqueles ombros, três homens excêntricos avançavam falando intensamente. Aqueles com o *tight* azul e as orquídeas na lapela eram os conselheiros particulares do imperador. No meio deles, Bao Dai distribuía cumprimentos, sorrisos e notas de cem francos. O paletó coreano lhe dava um ar de estadista sério, tipo Nehru, mas junto com o cachecol lilás que despontava entre os últimos botões, parecia mais o último achado de um *flâneur* parisiense.

Exceção feita aos cães, depois do trio a série se repetia simetricamente: imponentes gorilas, jovens elegantes, senhoras cheias de jóias, modelos *seminus*. Assim que a porta do cassino engoliu a última bunda marmórea, vinte portas de carros diferentes, todos pertencentes à coleção do imperador, bateram em uníssono, e os motoristas ligaram os motores.

Frases em voz alta, bisbilhotices à meia-voz, pensamentos indizíveis e olhares eloqüentes fervilhavam ao redor da comitiva como óleo de fritura. Toda noite, o imperador Bao Dai tentava colher uma frase do ramallete, auxiliado pelos conselheiros particulares Azzoni e Mariani. Todas aquelas atenções o deliciavam, mas o que ele mais gostava era rebater os comentários malévolos.

Um homem de cerca de 40 anos, que não tinha parado de babar sobre as pernas bronzeadas de uma moça, errou o tom de voz ao se dirigir ao amigo:

— Belas moças, Henri, mas todas putas.

Mariani enfiou o cotovelo nas costas do imperador. Quase todos tinham ouvido o comentário. Os outros foram informados em um segundo.

Bao Dai parou, abriu os braços, dirigiu os olhos para o fulano que tinha falado. Bao Dai inclinou a cabeça e levantou o queixo. Bao Dai disse:

— O senhor está enganado — com um gesto acariciou todas as acompanhantes. — Estas que está vendo, meu caro, não são putas. — A mão dele bateu no próprio peito. — A puta sou eu.

Cary sorriu. Bom *timing*. Boa saída. Alguém iniciou um aplauso.

A comitiva chegou à mesa de *chemin*. Bao Dai tomou seu lugar. Os lábios de Azzoni e Mariani colaram no ouvido do imperador. Atrás se formou o muro de cabeças, pescoços e peitos de seguranças. Bao Dai rabiscou um cheque e o entregou ao funcionário. Um carrinho de fichas ia ser descarregado na mesa verde.

— Você ouviu, Stiv? Quinze!

Palavras pronunciadas por Salvatore Pagano no exato momento em que, por causa do fabuloso mas, coitado dele, pontudo e indócil calçado, tropeçava em uma beirada de tapete e decolava em um vôo de estréia, como cartão de visita em pessoa, no saguão do cassino.

Não era certamente um problema de “vestimenta”. Kociss estava deslumbrante: 20 anos, pele morena, olhos de sarraceno brilhantes sobre o *smoking* certo, alugado por Zollo com os complementos necessários. Se Lisetta pudesse vê-lo, aquele príncipe libanês, teria pulado de imediato em cima dele. Steve não tinha se esquecido de nenhum detalhe. Ao aluguel do *smoking* tinha acrescentado a compra de roupa decente e uma dose maciça de aulas de frases curtas, truncadas, e acima de tudo intimações para calar, calar, calar.

Não, era questão de “porte”, de postura, de controle da gesticulação. Era como selar um cavalo selvagem. Muita mão de obra, poucos resultados.

A pequena apresentação do tipo *O Gordo e o Magro* atraiu a

atenção de todos. Zollo, em dúvida se deveria matá-lo ali mesmo ou fazer isso com calma, mais tarde, optou por uma terceira solução, que aliás lhe parecia a mais arriscada.

Abrir um sorriso de amigão, chegar até o Cabeça-de-merda de barriga para baixo no centro do salão de entrada, iluminado como a Times Square na passagem de ano, ajudá-lo a se levantar, recompô-lo, continuar sorrindo, batidinhas nas costas, “Sal, o que está aprontando? Ainda não bebeu nada e já está caído no chão? Vamos até o bar!” esmagando-lhe o braço esquerdo com a mão.

— Salvatore, chega de fazer merda.

— Desculpe, Stiv, sinto muito, mas parece que estou com nadadeiras nos pés.

— *Shut up!* Chega de fazer merda, entendeu?

— Entendi, Stiv — arriscou Kociss, massageando o braço.

— Eu preciso trabalhar. Tenho que ver gente importante. Já falei. Não faça nenhuma merda. Fique por aqui. No bar. Perca algumas fichas nas máquinas. Não vá até as mesas. Entendeu? Nada de mesas. Faça com que eu não me arrependa de ter trazido você. Vou levar uma hora no máximo. Espere por mim aqui.

— Certo, Stiv, fique tranquilo.

— Salvatore. Não faça nenhuma merda.

Assim, Salvatore Pagano, vulgo Kociss, braço esquerdo como se estivesse dentro de um formigueiro, ficou sozinho naquele lugar incrível.

Mulheres para deixar qualquer um maluco. Vestidos absurdos. Luzes que faziam Piedigrotta parecer uma coisinha. Mas aquela, era de ouro? Não podia acreditar. E aquelas que tinha visto antes, nem se fala. Tinha tropeçado por culpa delas. Minha Nossa, cada mulher! Depois, um monte de tipos esquisitos, com um zoológico de cães que não acabava mais, quinze, ele tinha contado, com aquele chinês no meio que cumprimentava à direita e à esquerda como o Papa, só que com todas aquelas mulheres fantásticas ao redor, que deixariam o Papa sem graça.

Bem recheado de visões, luzes e cores, Kociss vagou por alguns minutos no primeiro grande salão, com a zona central ocupada por quatro grandes mesas de roleta, ao norte e ao sul as do *blackjack* e, ao longo das paredes, uma longa fileira de cromadas, brilhantes *slot machines*.

Aquele êxtase dos sentidos, a anestesia de todo instinto animal, quebrou diante de uma das mesas de roleta, não muito cheia.

Tinha nas mãos as fichas de Steve. Nada de mesas. As máquinas.

Mas ali pelo menos tinha gente. Com medidas sensacionais! Quer comparar com as máquinas?

Como dizia o chefe que jogava a bolinha. Nada mais?

E quem é que está ligando para as máquinas.

Uma ficha. Os cachorros do chinês. Quinze.

Como é óbvio, Kociss não conteve um grito de alegria e surpresa, quando o *croupier*, naquela língua que não entendia mas intuía, indicou que a bolinha tinha parado exatamente na casa do 15, Preto, Ímpar.

O mesmo *croupier*, o chefe, depositou um consistente volume de fichas bem ao lado da dele, na casa vencedora do quinze.

Eram dele, podia pegar, aliás, devia. Mas não seria grosseria pegar todas, lá no meio daqueles ricaços que cuspiam no dinheiro de tanto que tinham? Kociss fez um grande gesto: deixou ali um pouco menos da metade como gorjeta, que morra a avareza, se Kociss ganha, todos ganham, e que se foda. Mas aquele chefe tonto as deixou lá, sem mexer, no quinze, e jogou de novo a bolinha.

Quinze.

— *Pas mal, le garçon!*

— Puxa!

Naquele momento houve um certo alvoroço e ouviu-se bem claro um “Que rabo”, porque sem dúvida o jovem tinha feito uma grande jogada. Dois acertos consecutivos em cheio. Com o mesmo número. Decuplicando o jogo na segunda tentativa.

Kociss ficou roxo quando viu que o chefe lhe depositava, desta vez bem na frente, uma verdadeira montanha de fichas, enquanto

todos lhe davam tapinhas nas costas e sorriam.

Mas quanto valiam aquelas fichas? Eram dele. Que máquinas, que nada, Stiv!

Enquanto dois sujeitos o ajudavam a colocar toda aquela maravilha colorida em saquinhos de pano, chegou a visão.

— Italiano menino sortudo — disse com um sotaque que não sabia de onde. Era linda. A pele parecia de ouro. Tinha os cabelos ruivos como Lisetta. Sorria e tocava o braço esquerdo dele, que tinha parado de formigar.

Ele a acompanhou sem hesitar.

Eram dois.

Zollo sentou à mesa e plantou os olhos na cara do Toni.

— Pensei que viesse sozinho.

O lionês apagou calmamente o cigarro no cinzeiro, depois indicou o amigo sentado ao lado.

— Jo, apresento-lhe Stefano Zollo, profissionalmente Steve “Cimento”

Zollo, este é Jo, vulgo “Sueco”, *mon associé*. Eu e Jo somos velhos demais para lembrar quando nos conhecemos.

Jo fez um sinal com a cabeça ao qual Zollo não respondeu. Toni o lionês estava ainda mais esquelético que da última vez em que o tinha visto, em Marselha, um monte de ossos envolvidos em uma fina camada de pele. Impressionava, tinha alguma coisa arrepiante no olhar, algo que lembrava muito a morte.

O amigo era um fulano loiro e de boa aparência, o terno usado com uma certa classe e um jeito jovial, apesar de já ter passado dos 40.

Um *séparé* isolava a mesa reservada do resto do ambiente. Ninguém podia ouvir a conversa deles.

— Tudo bem? — perguntou Toni, acendendo outro cigarro.

Zollo já tinha preparado a própria atuação.

— Claro. Só falta você me dizer quando e onde encontro os compradores.

— *Garçon, s'il vous plaît* — disse Toni, interceptando o garçom.
— O que você toma?

— Jack Daniel's. *On the rocks, please.*

Toni falou com o garçom, que desapareceu na direção do bar.

— Amanhã. Na praia — disse o lionês. — Tem um pequeno bistrô, o Le grisbì. Você acha fácil, qualquer um conhece.

O outro disse alguma coisa em francês. Toni sorriu e Zollo esperou que traduzisse.

— Jo está perguntando se você viu o filme com Jean Gabin, *Grisbi, o Ouro Maldito*.

— Só conheço filmes americanos.

— Que pena. Estamos na capital do cinema. Até Hitchcock está rodando um filme em Cannes.

Zollo não mexeu um único músculo, não estava ali para conversar.

Toni entendeu e cortou logo:

— O encontro é às onze da manhã, quando tem mais gente.

O loiro disse mais alguma coisa.

— Jo está perguntando se você tem roupa de banho. De terno você chamaria um pouco a atenção.

Zollo lançou um olhar inexpressivo ao loiro.

Depois disse:

— Diga que não tenho roupa de banho. Irei vestido de imperador do Japão.

Toni traduziu e Jo riu com prazer.

— Você tem a amostra para experimentar, imagino — disse Toni.

— Os primeiros 3 quilos.

— Não é que não confie em você, *mon ami*, mas sou o intermediário neste negócio e gostaria de controlar a qualidade da mercadoria. Entende?

O garçom interrompeu a discussão, colocando os copos na mesa.

Zollo agarrou o de Toni, colocou alguma coisa embaixo e o empurrou para a frente dele.

O lionês pegou o envelopinho, experimentou com o dedo e o

passou ao sócio, que fez a mesma coisa.

— *Ça va*. Se estiver bom pra eles, pagam os 3 quilos. Pro lote inteiro, vocês combinam.

— Eu também quero uma garantia.

Toni entendeu:

— *Pas d'problèmes, Zollò*. Você pode vir desarmado. Somos todos homens de negócios e Cannes é uma cidade *trop belle* para ficarmos aborrecidos.

— Quantos são eles?

— Só um. *Monsieur Alain*.

— Como vou reconhecê-lo?

— É um gordo de terno branco. Estaremos sentados a uma mesa ali perto.

— Como vai ser?

— Veja se está bom assim: vocês falam a sós, quando acabarem, você levanta e vai pela beira-mar à direita. Cem metros adiante entra no restaurante La provençalle. Eu sugiro pato, é uma especialidade da casa. Alcanço você lá, pra saber como foi.

Zollo concordou. Acabou com o uísque em um só gole e se levantou.

— Quem é o garoto? — perguntou Toni.

— Que garoto?

— O que entrou com você.

— Não é ninguém.

Toni olhou para ele, acenou concordando.

Zollo fez um sinal de despedida para os dois e voltou ao salão.

— Justine, você é esplêndida! Não imaginava que entre tantas qualidades com que a natureza a privilegiou, existisse também tão viva perspicácia! Saber reconhecer no meio de uma multidão um *parvenu* de sucesso. E ainda por cima italiano e possuidor de um considerável amontoado de fichas. Baixo a cabeça diante de quem demonstra tais talentos ocultos. Apresente-me sem hesitação!

Jean Azzoni não tinha perdido tempo. Em poucos minutos, e

apesar do retraimento inicial, tinha abordado, envolvido, enfim, conquistado e dobrado aos seus propósitos um Salvatore Pagano ainda conturbado, *shakerado*, entusiasmado pelo grande ganho e pelos eflúvios celestiais da sereia de pele dourada. No lado oposto da mesa verde, Lucien Mariani tinha piscado, começando a enrolar Bao Dai com uma fina camada de besteiras.

Azzoni trabalhou com facilidade, também por causa de sua origem e do perfeito conhecimento do italiano, mas, sem dúvida, sua capacidade de identificar protagonistas para explosivas *pièces* teatrais beirava a excelência.

O garoto poderia tornar a noite me-mo-rá-vel. Desde que os mestres de cerimônia Azzoni & Mariani a oficiassem.

Isso não era problema. Para isso estavam ali. E também pelo precioso caviar soviético para passar nas torradas.

Trataram de apresentar ao garoto as regras do jogo da “ferrovia”: é jogado contra a banca, você recebe duas cartas, pode pedir mais uma, a finalidade do jogo é fazer oito ou nove, ou mais pontos que o adversário. Quando você ganha, além da aposta, fica também com a banca, precisa ter frieza, rabo, memória e intuição.

— É como sete e meio, eu sei jogar! — comentou orgulhoso Kociss.

Jean Azzoni não se opôs à única e irrevogável condição imposta por Salvatore à irmandade recém-criada: que Justine, aquela deusa, ficasse grudada nele, como xícara e colher, senão nada, nem se fala.

— Quando Justine descobre uma presa, não há nenhuma chance de ela escapar — sussurrou Jean “Piscando” Azzoni em seu ouvido.

Trocou o pacote ganho na roleta por outro equivalente em fichas bem mais caras da mesa de *chemin*, reduzindo bastante o volume. Esperou pelo momento certo para entrar no jogo. Uma fase de cansaço da mesa, uma banca pouco cobiçada. Bao Dai envolvido em anedotas, citações inesperadas, ataques fingidos à genitália e musiquinhas pretensamente em inglês.

O garoto não decepcionou. Oito no primeiro golpe. Vitória e banca à disposição.

Irradiava confiança.

Azzoni era a sombra, atrás dele dando conselhos. Justine, a fada que transformava o sapo em príncipe. Mariani, a cobra que encantava a presa.

Na quarta rodada vencedora consecutiva a coisa ficou interessante. Para Azzoni, o espetáculo começava naquele momento.

Lucien Mariani terminou a longa baboseira sobre o significado oculto dos gestos esconjuratórios do azar habituais nos italianos, fazendo especial referência ao toque nas bolas. Deixou que Bao Dai aproveitasse tranqüilamente a última jogada. O garoto ganhava forte. Cruzava indicador e médio. Pedia que Justine pusesse as mãos. Agitava os cornos. Protegia o escroto contra os dardos do mau-olhado.

Uma mãozinha imperial bateu delicadamente na mesa verde: Bao Dai aceitava o desafio.

O discutido, escarnecido, mal-falado, odiado, bem-abastecido, enganado ricaço asiático contra o menino italiano com um rabo que dava até gosto.

Todos os olhares se concentraram rapidamente na mesa e no jogo. Inclinem-se ao talento e à sábia direção de Jean Azzoni & Lucien Mariani.

— Você conhece o chinês, certo?

Oito mãos ganhas depois, dois oito e dois nove, todos tinham entendido que a mão imperial era a do garoto.

Na nona, na mesa do Municipal tinha dinheiro suficiente para resolver os problemas não só de Kociss, mas de todo o bairro portuário.

Bao Dai, obviamente, nem piscou. Pediu banca.

Mariani ficou radiante. Azzoni sorriu. Justine acariciou a nuca de Kociss, que estava em transe.

Ao redor, uma verdadeira multidão não queria perder a disputa mais excitante dos últimos meses.

O *croupier* tirou duas cartas do *sabot*. Ofereceu ao imperador.

Outras duas a Pagano.

Bao Dai observou, um leve tremor da pálpebra direita, e poucos segundos depois deitou as duas cartas cobertas sobre a mesa. Carta.

O *croupier* lhe entregou um nove de espada. Era a vez de Pagano. Observou e cobriu as suas cartas. Um rei de ouros e um três de copas. Azzoni cochichou atrás dele:

— Mão difícil. Temos que pedir carta.

— Até agora não precisamos — foi a resposta e, antes que Jean Azzoni pudesse fazer alguma coisa, ouviu-se novamente a voz de Kociss pronunciar uma palavra louca de três letras.

— *Sto*.

O silêncio ao redor se transformou em murmúrio de surpresa e desaprovação. A pálpebra de Bao Dai se mexeu novamente, enquanto virava as duas cartas ainda cobertas. Dama de paus e dois de espadas. Com o nove já fora, o ponto do imperador era um.

O três de Pagano era mais que suficiente.

— A banca vence. — O *croupier* não conseguiu conter completamente um sorriso de surpresa, ou talvez de sincero apreço.

Pagano gritou.

O público aplaudiu.

Justine tocou primeiro a bunda de Kociss, depois a do incrédulo, amortecido, feliz Jean Azzoni.

Lucien Mariani prorrompeu em um canto de celebração, há dias entalado na garganta.

— Como disse Napoleão — começou — só grandes homens cometem grandes erros. E eu acrescento: é justamente por esses erros que podemos reconhecê-los. Atualmente tudo pode ser comprado. Um plebeu pode se cercar duma comitiva imperial, contanto que tenha dinheiro pra pagar por ela. Um caipira pode adquirir um castelo imperial. Até o trono e o título de imperador são objeto de um comércio que nada tem de nobre. O que, então, distingue o verdadeiro imperador? Aquilo que o dinheiro não pode comprar e nenhum preceptor nunca poderá ensinar? Não a maneira imperial de andar, nem a de falar, por mais difíceis que sejam. Não o cerimonial de corte. Não. Nem a alma que, como ensina Fausto,

pode ser comprada pelo mais hábil dos negociadores. — Fez uma pausa abanando a cabeça. Correu os olhos em volta e parou sobre Bao Dai. — A forma de perder, aí está algo que não depende somente das posses do indivíduo, mas da serenidade com que renuncia a elas, mesmo que sejam seus últimos trocados, exatamente porque o rico sem dinheiro se transforma em pobre coitado, mas o imperador sem dinheiro continua sendo imperador. É, meus senhores: eu afirmo que Waterloo consagrou Napoleão mais que suas muitas vitórias, das quais, na verdade, não lembro nem as datas nem os lugares. Quanto ao senhor, majestade, demonstrou hoje que o seu modo de perder é, sem dúvida alguma, realmente imperial.

Cary, Hitch e Grace *viram* os murmúrios e as risadas se erguendo como ondas de maremoto, atravessar o salão, varrer toda conversa à meia-voz, forçar cabeças a virar sobre os pescoços e finalmente resvalar nas paredes do cassino. Todos, mas todos mesmo, olharam para as mesas do *chemin*.

— É o imperador! Sentado ao lado dele está um garoto italiano di-ver-ti-dís-si-mo! — disse um senhor calvo, soltando em falsete ridículo as duas últimas sílabas, depois de acompanhar toda a frase com gestos de maestro.

— Bao Dai? — perguntou Cary.

— É — respondeu Hitch.

— Vamos vê-lo em ação, este imperador! — disse Grace sorrindo, e depois rumou para a mesa de onde vinha o clamor.

Cary olhou para a encantadora *leading lady*, o modo de andar, a cabeça que flutuava elegantemente sobre um pescoço magnífico... e de novo o *déjà vu* como uma labareda. Colocou um pé diante do outro, e enquanto isso se perguntava o que...

— Mais que um imperador, é uma figura curiosa — resmungou Hitch. — E os acompanhantes dele, você viu? Bizarros como ele, e até mais vistosos.

— Os dois *dandies*? Sem dúvida, meu velho — rebateu Cary.

— Mas eles têm uma certa, sarcástica e coerente elegância.

O garoto italiano, pelo contrário, parecia ter um estilo *alheio*. Alguém (a namorada? os pais?) deve tê-lo vestido e arrumado, a roupa parecia uma prótese, usada mais com entusiasmo do que com desenvoltura. Bufava, exultava, fazia estranhos esconjuros, passava o lenço na testa, pedia a um dos dois acompanhantes de Bao Dai, que ele chamava de “*Signor Azzoni*”, que traduzisse os comentários dos presentes.

Azzoni bufava, exultava, fazia estranhos esconjuros, passava o lenço na testa.

O imperador bufava, fazia estranhos esconjuros, passava o lenço na testa e pedia ao segundo acompanhante, que chamava de “*Monsieur Mariani*”, que traduzisse os comentários do garoto.

Mariani bufava, ria dos esconjuros de Azzoni e passava o lenço na testa.

O garoto ganhava e ria, arregalando os olhos. O imperador perdia e distribuía sorrisos gentis.

As putas mandavam beijos às vezes para um, às vezes para o outro.

A cada mão ganha, o garoto levantava e abraçava as putas, que o adoravam. Azzoni o arrastava para a mesa.

Salvatore Pagano, *alias* Kociss, *alias* Totore 'a Maronna, *alias* Cabeça-de-merda virou-se para Jean Azzoni e perguntou:

— Aquele lá não é um ator americano? Não é Gary Cooper?

— Não, *paisá*... Aquele lá é o maior, posso assegurar. É Cary Grant, antes de pronunciar o nome dele, deveríamos todos lavar a boca com sabão.

— E a loira, quem é? Marilyn Monroe?

— Não, meu ignorante e tolo amigo: o nome dela é Grace Kelly. Falam muito dela.

— E o baixote? É Winston Churchill?

Azzoni ficou calado por dois segundos.

— É, ele mesmo.

— A sorte do italiano é incrível. Até quando ele vai ganhar? — perguntou Cary a Hitch.

— A noite toda, eu acho.

— Mas não é possível...

— Vamos apostar que ele não perde uma mão até que o imperador pare?

— Imagine!

— É sério. Se eu ganhar, ofereço a ele uma ponta no filme, e você usará chapéu numa cena. Aceita?

— Aceito. Uma ponta em que cena?

— Do mercado de flores.

— Brilhante. E o chapéu?

— John Robie foragido, sentado no cais. Fingindo ser pescador.

— Boa saída. Mas fique tranquilo, não vai ganhar, é questão de probabilidades, além disso, Deus não quer me ver com um chapéu na cabeça, ele sabe que não me cai bem!

Meia hora depois, Azzoni e Mariani estavam quase bêbados e cada vez mais desleixados. Incitavam os jogadores como se estivessem em uma corrida, berravam comentários em um *argot* incompreensível, despertavam o riso dos presentes.

Azzoni dava fortes tapas nas costas do seu protegido.

Mariani consolava o imperador, dizendo que o dinheiro não era dele mesmo.

O imperador ria e dizia:

— *J'en ai rien à foutre! J'en ai rien à foutre!*

Cary e Grace riam. Hitch digeriu a cena.

Cary se inclinou sobre Hitch e perguntou:

— O que o imperador está dizendo?

— O conselheiro diz que o dinheiro não é dele mesmo, não sei bem ao quê está se referindo. O imperador confirma e repete: é por isso que estou pouco me fodendo.

— Veja como fala, meu velho! O que diria Sua Majestade?

— Mas ele pode dizer uma coisa assim? — perguntou Grace, voz um pouco alta demais.

— *He's the fucking emperor, madam, and he may say whatever the fuck he pleases, if you'll excuse my saying so!* — gritou Mariani em um inglês plebeu mas aceitável, os olhos reduzidos a duas pequenas frestas por um sorriso incontrolável.

Grace ficou vermelha e sorriu. Azzoni e o garoto italiano lhe dirigiram um aplauso.

Cary desatou a rir e os encorajou erguendo o cálice, como símbolo de um brinde.

O garoto retribuiu o gesto e berrou:

— *I washing my mouth with the soap, mister Grent!*

— O que ele quer dizer? — Cary perguntou a Hitch.

— Não faço a menor idéia.

Zollo voltou para o salão e ouviu, clara, a palavra "fuck".

Em um lugar como este? Seria possível? Depois aplausos, gargalhadas. E a voz de Pagano! Quer ver que o grandessíssimo cabeça dura...

— Stiiiiiv! — ouviu berrar. Vinha das mesas do *chemin*. Sentiu o sangue ferver e assobiar nas orelhas, como uma panela de pressão.

Não vá às mesas. Entendeu? Nada de mesas. Faça com que eu não me arrependa. Vou levar uma hora no máximo.

— Stiiiiiv! Venha ver quanto dinheiro eu ganhei! — e um outro aplauso.

Deu alguns passos na direção do *chemin de fer*.

Cary Grant. Ele mesmo.

E Alfred Hitchcock.

E a loirinha de *Janela Indiscreta*.

Sentado, cercado pela corte de putas de laquê, aquele anão oriental de merda.

Em pé, punhos sobre a cabeça tripudiando, Cabeça-de-merda.

Diante dele, uma montanha de fichas.

— Veja, Stiv! Ganhei um caminhão de dinheiro! O chinês se rendeu, e Winston Churchill me quer em um filme dele!

Winston Churchill? Mas que merda!

* * *

— Jo, o que você acha do italiano?

— Não sei. Ele tem colhões. Vamos ver.

— Em que você está pensando?

— Fiquei um pouco triste, Toni. Isso acontece quando vejo fogos de artifício. Olhe só que maravilha, lá no mar.

— Eu também gosto, cof! Cof! Cof! Cof! Voam para o alto, ninguém pode pará-los, depois explodem e tingem o céu, todos olham. Um belo modo de acabar com tudo: voar e tingir o céu. Sabe de uma coisa, Jo?

— O quê?

— Não quero morrer de tuberculose.

— O que está dizendo? Você só precisa de cuidados e descanso.

— Descanso é pro pau do seu pai. Quem estamos querendo enganar? Quase não tenho mais pulmões, minha boca está sempre cheia de sangue. A doença está me consumindo. Não quero morrer assim. Quero morrer em ação.

— Em ação?

— É, Santo Cristo, em ação. Contra os *flics*, contra os terracotas, contra os marselheses ou os italianos, contra qualquer um, o que importa? Mas quero morrer como uma porra de um fogo de artifício, compadre. Não escolhi esta vida pra depois ir desmilingüindo feito vela, não fiquei anos na cadeia pra morrer como um babaca.

— Quer morrer como Jean Fraiger? Invadir uma delegacia, jogar-se sozinho contra uma muralha de policiais?

— Cristo, Jean Fraiger! Cof! Cof! Aquele sim era um ladrão caralhudo. Faz tempo que não ouço falar dele. Quando foi, em 49?

— É, ele entrou sozinho em uma delegacia e abriu fogo sobre os policiais, berrando: “Atirem neste caralho!” E eles atenderam, acertaram no pau dele duas ou três vezes.

— Mas por que ele fez isso?

— Negócio de mulher, história comprida e complicada. Me contaram nos mínimos detalhes, mas esqueci. Enfim, Toni, você quer que acertem você no caralho, como fizeram com o Fraiger?

— Bom, no caralho mesmo, não. Mas quero morrer como um fogo de artifício.

* * *

Aquela sensação de *déjà vu...* Aquele pensamento que você não conseguiu agarrar. Frances. Frances Stevens. A personagem interpretada por Grace. Uma loira chamada Frances. Frances Farmer. O fantasma que atormenta você e Archie. Seu amigo Clifford. Joe McCarthy. A guerra fria. Uma missão. Sua mãe. Sua mãe no manicômio. Frances Farmer no manicômio. Bristol. De passagem por Bristol. Indo para a Iugoslávia. Tito. A ilha. O tiroteio. *The world has gone mad today*. Não se faça muitas perguntas, Cary. Não faça muitas perguntas, Archie. Não fique remoendo. Você voltou, Cary. O sono já vai cobrir tudo e amanhã tem o filme. Você vai para o *set* assobiando. Essa Frances não é aquela Frances. Esse Cary não é aquele Cary. Este mundo está mudando, mas quer você com ele. Os estrondos do último espetáculo pirotécnico, remotos, aquietados. O sono já vai cobrir tudo. Você voltou.

Capítulo 24

3 de junho

Foi acordado ao amanhecer, era normal antes de uma longa viagem. O sol bocejava no Oriente. Virou a cabeça e deixou que a luz escorregasse por seu corpo.

Um vento sujo de areia tinha varrido as nuvens. Tinha gosto de grama queimada e argila. Milhares de outros cheiros lhe enchiam as narinas e alguns deles, de pólen e fruta, não eram novidade. Os mesmos que, em casa, sopravam do sol no começo da manhã.

Gulliver sabia que precisava partir. O céu estava limpo.
Cheirou o ar mais uma vez e sentiu que agüentaria.

* * *

Quando Garibaldi lhe deu a primeira sacudidela, quase não percebeu. Só na segunda levantou a cabeça e lhe dirigiu um olhar ausente.

— *Di' ban sò, ragazôl, cus'el cal grôgn?*

— Como?

— Digo: que cara é essa? Seu gato morreu?

Pierre fez um gesto vago com a mão, deixando o outro pensar o que quisesse.

Garibaldi se sentou lentamente, apoiando o copo de vinho com cuidado e empurrando-o para ele.

— Quando alguém está com uma cara dessas, só pode ser uma coisa: mulher.

Pierre lhe dirigiu um sorrisinho leve, era o melhor que podia fazer.

— Quer me dar alguns velhos e sábios conselhos?

Garibaldi abriu os braços:

— Pelo amor de Deus! Nem penso nisso. Eu, na minha idade, ainda não consegui entender as mulheres, imagine se tenho conselhos pra dar.

— Belo consolo.

— Mas isto quer dizer alguma coisa, não?

Pierre voltou a apoiar a cabeça na mão:

— E é o quê?

Garibaldi baixou a voz e se inclinou sobre a mesa, como se quisesse confessar um segredo:

— Que nós não somos tão inteligentes.

Desta vez Pierre sorriu mesmo.

— Garibaldi, como a gente faz pra tirar uma mulher da cabeça?

O velho deu um longo suspiro e disse, sério:

— Você quer mesmo saber?

— Se você souber, conte!

O velho procurou as palavras:

— O tempo. O tempo é a única cura. Na sua idade, você não acredita que seja possível, porque acha que tem que fazer tudo depressa, tudo já, pra que nada escape das suas mãos. Depois, aos poucos, começa a entender. Que o tempo é a prova dos nozes pra tudo. E o tempo é tudo, garoto. Agora você não acha, mas quando chegar à minha idade e olhar pra trás, perceberá todo o tempo que passou e tudo que aconteceu, então entenderá por si. Que o tempo é o único capital que temos.

Pierre franziu a testa e endireitou um pouco a cabeça:

— Estou me sentindo mal agora, sei lá o que vai acontecer amanhã.

— Acredito que você esteja se sentindo mal. E vai ficar assim, porque ainda não inventaram um remédio pra isso. Mas só vou lhe dar um conselho: não se deixe levar pela afobação.

— Afobação? — perguntou Pierre, sem entender.

O velho confirmou:

— É. No mundo existem duas coisas que não têm solução: a morte e a xoxota. Ainda bem que elas não podem vir juntas. Quando você morre, as mulheres param de complicar a sua vida. Então você precisa aprender a dar tempo ao tempo. Se você se afobar, se procurar uma solução pra tudo, porque está se sentindo muito mal, então acaba se enrolando mais ainda e aí você se dana.

— Estou saindo dos eixos, Garibaldi. Tenho medo de perder tudo, tenho medo de fazer coisas erradas, não consigo pensar — disse Pierre, com a voz rouca.

O outro apoiou as costas no encosto da cadeira:

— E não faça nada. Sabe o que diz Mao Zedong? Há momentos em que o revolucionário precisa se sentar à beira do rio e esperar que passe o cadáver do inimigo.

— Bom, se o presidente Mao diz isso...

— Veja que ele não é de brincadeira: antes de tudo é comunista, e chinês também. E, como todos sabem, os chineses são o povo mais sábio do mundo.

Pierre conseguiu rir novamente. Estava deprimido e confuso, mas de uma coisa tinha certeza. Não esmoreceria, não pararia de cuidar da própria aparência, não começaria a beber. Se o fato de ter encontrado Cary Grant tinha um sentido, era exatamente esse. Imaginava que Cary punha a mão em seu ombro e dizia: “Não esmoreça, Robespierre. O importante não é ganhar ou perder, mas permanecer impecável. E é esta a coisa difícil, porque temos que sujar as mãos pra viver”.

Pierre cerrou os dentes, arrumou a barra do paletó, estalou o pescoço. Difícil demais?

“Estilo é demonstrar a nós mesmos que sempre estamos à altura da situação.”

Sorriu torto, o mais amargo sorriso que já tinha visto ao espelho.

* * *

Depois de dez horas de viagem, Gulliver estava exausto. Nunca tinha sentido um cansaço assim. Uma forte corrente contrária lhe criara dificuldades por um bom tempo. Tinha sido, talvez, o seu empreendimento mais difícil.

Mas agora começava a reconhecer os lugares, não podia esmorecer. Já tinha passado por aqueles lugares durante o treinamento. Lembrava-se bem do traçado do rio, da geometria dos ciprestes, do prédio degradado no alto do morro. Cada metro lhe custava uma pontada nas costas, mas tinha conseguido. Estava voltando para casa.

Viu a torre branca no meio do cinza forte do campo.

Viu as pontes esticadas sobre o rio.

Viu os telhados e as chaminés das casas. Conhecia cada telha, naquele ponto.

Viu Tommaso, que gesticulava com a bandeira na mão. Dobrou as asas em um último esforço e planou sobre o pombal.

Foi acolhido por uma mistura de alegria e surpresa, troca de sorrisos e batidas nas costas.

— Viu como voltou? Não existe outro como Gulliver!

— Amanhã vamos fazer Sasha partir, certo?

— Pena que seja o último. Vai demorar, antes de fazer outra troca com Dubrovnik.

Tommaso tirou o tubo da pata do pombo e leu a mensagem para todos:

Caros amigos,

Esperamos que Gulliver tenha voltado bem para casa. O nosso Pale chegou sem problemas. É a primeira vez que um animal nosso viaja mais de 700 km. Estamos muito felizes. Com este, encontrarão uma mensagem para enviar a ROBESPIERRE CAPPONI, a/c bar Aurora, San Donato, Bolonha. Avisem essa

pessoa que ela poderá mandar a resposta por Sasha. Depois, não o deixem partir. Esperem o fim do mês.

Até logo.

Stane e todos os amigos do clube "Brez Meja",
Dubrovnik.

Capítulo 25

Nice, 3 de junho

No trecho entre Cannes e Nice, Zollo repassava as últimas 48 horas.

Era como se ele tivesse entrado em um bate-bate de parque de diversões em que ele era obrigado a dirigir e ao mesmo tempo acertar argolas no pescoço dos patos.

Difícil entender qual seria o rumo dos acontecimentos. Fazia só dois dias que tinham corrido até Marselha por conta de Luciano. Depois a parte mais difícil: o encontro com Toni o lionês no cassino de Cannes. Tratar do lote de droga *dele*. A droga de Stefano Zollo em passeio pela Itália dentro de um televisor. Um blefe perigoso. Muito perigoso.

O Cabeça-de-merda tinha se dado bem aprontando aquela com o chinês. Ganhou um caminhão de dinheiro, que agora estava seguro dentro do estepe. Aquele Pagano cabeça de bagre. Todos os olhos em cima deles: até os de Cary Grant, Alfred Hitchcock e daquela grande dona, Grace Kelly. E ele que não queria chamar a atenção. Caralho, loiras assim ele tinha visto poucas. Dois olhos que fulminavam. Se conseguisse recuperar a heroína, escolheria uma assim. Não lhe deixaria faltar nada, iria acostumá-la com o que há de melhor. Iria conduzi-la pela ponta dos dedos e amá-la até enlouquecer. Chega de ordens ou de bostas para levar por aí de carro, chega de porcarias, só bons restaurantes e sol na pele. A

aposentadoria de Steve Cimento. Um nome novo, uma vida nova, até uma cara nova, se necessário. Com dinheiro se faz de tudo. *Precisava* achar aquele televisor.

Fechou muito a curva, acabou com duas rodas no pedrisco, virou o volante e voltou à pista. Estava com pressa. *Precisava* recolher rapidamente o Cabeça-de-merda, antes que aprontasse mais alguma.

Tinha concordado com a história de ele atuar no filme, só porque aquela era a manhã do encontro com *monsieur* Alain e não o queria por perto.

O comprador da droga *dele* era um gordo importante. Uma baleia suada de terno branco. "Moby Dick", assim era conhecido na área. Toni tinha contado. Modos afetados de veado com dinheiro. Interesse sincero. Tinha experimentado. Tinha gostado. *C'est bon*, fechamos. Zollo tinha dito: "Um mês".

Não mais que isso. *Precisava* recuperar a TV. *Precisava* trabalhar para Luciano. Um mês e voltaria com todo o lote.

Tinha apertado aquela mão suada. Tinha ido ao restaurante. Tinha encontrado Toni e combinado a comissão.

Depois, embora, para Nice, resgatar a nova promessa do cinema.

— Por favor, quer explicar ao rapaz que não precisa bater de verdade?

O diretor de elenco acabou de tamponar o nariz do ator e o entregou à maquiagem para que sumisse com o vermelhão.

— O rapaz está dizendo que só se defendeu — disse o intérprete.

— Se defendeu? Deu uma cabeçada no nariz dele! Explique que a cena tem que ser realista, não real!

— Falei, chefe, mas o rapaz diz que estava sendo sufocado e que precisou atacar pra se soltar.

O diretor de elenco enxugou o suor sob o chapéu e dirigiu o olhar para Hitchcock, que estava calmamente sentado atrás da

câmera cinematográfica com ar divertido.

De que estaria rindo?

Aproximou-se:

— Mr. Hitchcock, aquele italiano é um selvagem, quase acabou com um dos atores.

— Bom, bom. A cena ficou perfeita.

— Como? Não vamos repetir?

— Vamos, melhor ter mais que uma, mas pra mim estava ótima. O rapaz é ágil. Viu só que pulo? Fantástico!

— Mas...

Hitchcock afastou o diretor de elenco com um gesto feio. Fez sinal ao ator principal, cujos cabelos estavam sendo retocados.

Grant se levantou e foi até ele.

— Então, o que você acha, fazemos de novo?

— Por que não? É a cena mais divertida do filme.

Hitchcock se dirigiu ao diretor de elenco:

— Mais flores, quero mais flores, eles precisam afundar nas flores, entendeu? E fale pra velha colocar energia naqueles golpes. Ela está furiosa, acabaram de virar a banca dela.

Grant lançou um olhar para ele:

— Quer esconder um taco de beisebol naquele maço de flores, meu velho? Se racharem a minha cabeça, quem acaba o seu filme?

— Não se queixe. As pessoas vão estourar de tanto rir, você vai ver. Numa cena como esta tem de tudo: de Gordo e Magro a Carlitos, de Keaton a Douglas Fairbanks. Mas acima de tudo tem o Cary Grant original, o acrobata, sua alma de bufão. É o seu retorno, provaremos a todos aqueles jovenzinhos que ainda somos um par formidável.

— Minhas lágrimas não param de escorrer, meu velho — comentou Grant, com um sorriso irônico.

— Ao trabalho, antes que diminua a luz! E digam ao rapaz que vá devagar.

A cena era conturbada, uma briga entre as flores. Surgia a cabeça e

meio corpo de Cary Grant, camiseta listrada, lenço vermelho no pescoço.

Uma velha começou a gritar alguma coisa em francês e bater nele com um buquê.

Zollo chegou bem na hora de ver Salvatore Pagano, vulgo Kociss, entrar correndo, com outros dois fulanos, na confusão.

Pagano amarrota o adversário sem cerimônias.

— *Stop!* Perfeito. Chega, já está bom, alguém diga ao italiano que pode parar, ei você aí, pare! A tomada acabou! Quer largar ou não? Jesus Cristo, chamem o intérprete!

O ator saiu do aperto de Kociss e se afastou tossindo.

Zollo se dirigiu ao diretor de elenco:

— Posso levá-lo embora?

— O senhor *precisa* levá-lo embora, amigo. Ele quase acabou com o meu ator. Sabe qual é o prejuízo do seguro?

Zollo não ficou para ouvir, chegou até Pagano e lhe colocou a mão no ombro.

— Vamos embora.

— Stiv! Você precisava ver, Stiv! Aquele animal queria me estrangular e eu dei uma cabeçada nele.

— Tá, tá, agora junte seus trapos, e rápido.

— Preciso receber o pagamento. O cara quase me enforca e vai ficar de graça? Espere...

Zollo começava a perder a paciência. Até Nápoles, era uma puxada. Quantos quilômetros tinha percorrido naqueles dois dias? Dirigir. Merda, com o dinheiro no bolso, a primeira coisa que faria seria rasgar a carta de motorista. Não queria mais ver um volante na vida.

Acendeu um cigarro e observou Grant, que repassava o *script*.

Aquilo é que era classe. Bastava olhar o vinco das calças, nem tinham amarrotado. E não usava cinto, elas não caíam. Dava a impressão de que não havia nada que lhe custasse algum sacrifício. Tinha lido alguma coisa no barbeiro, em uma revista, sobre o filme que Hitchcock estava rodando. A história de um ladrão aposentado, obrigado a voltar à ativa porque alguém está querendo armar para cima dele usando uma técnica igual à dele nos furtos. Uma bela

metáfora da volta de Cary Grant à grande tela.

Aproximou-se.

— Posso cumprimentá-lo, Mr. Grant?

Cary levantou os olhos das folhas e apertou a mão de Zollo.

— Ah, o senhor é o acompanhante daquele simpático garoto italiano. Estava no cassino ontem à noite.

— Stefano Zollo, é um prazer conhecê-lo. E ver que decidiu não abandonar tudo.

— Como?

— Vê-lo novamente em ação. Diziam que o senhor ia deixar o cinema.

Grant deu um sorriso:

— Bem que andei pensando nisso.

— Fez muito bem em mudar de idéia. Sem o senhor, Hollywood não seria mais a mesma, pode crer. O senhor mantém o nível alto.

— Bom, agradeço, são coisas boas de ouvir.

— Fiz questão de lhe dizer isso. Não deixe que aqueles valentões de meia tigela, que fazem as menininhas delirar, passem o senhor pra trás. Dean e Brando, nos ombros dos respectivos pais, não chegariam à altura de conseguir beijar a sua bunda, com todo o respeito.

Grant ficou vermelho e riu com prazer.

— O conceito é bem claro, Mr. Zollo. Eu não teria conseguido achar palavras melhores. Mas não posso falar mal dos colegas.

— Claro, tem estilo demais pra isso. Mas nós dois sabemos que Dean é um drogado. E Brando é um gordão. Quando chegar à sua idade, terá passado, e muito, dos 100 quilos.

Grant riu mais uma vez.

— O senhor é um tipo incrível, amigo.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro.

— Já estive na Iugoslávia?

O ator teve um sobressalto, tossiu e lhe lançou um olhar estranho.

— Iugoslávia? Não, diria com certeza que não. Mas por que

pergunta?

— Eu sabia. É que encontrei um sujeito que dizia que o conheceu numa ilha da costa iugoslava. Queria até me convencer de que o senhor lhe deu um livro de presente. Deve ser um louco.

Grant controlou o embaraço:

— Ou um tipo que inventa coisas e estava brincando. Está de partida?

— É, vamos voltar à Itália. Não vou incomodá-lo mais, Mr. Grant. Foi um prazer conhecê-lo. Lembre do que lhe falei: não desista.

Apertaram as mãos.

Grant olhou para Zollo que se afastava, chegava até o garoto que, em um inglês improvisado, estava discutindo com o diretor de elenco sobre o pagamento do dia, o pegava pelo braço e o arrastava com ele.

A voz de Hitch o tirou das reflexões sobre as coincidências absurdas da vida.

— Cary, está pronto? Estamos à sua espera!

L'Unità, 02/06/1954.

HOJE EM GENEBRA AS PRIMEIRAS
NEGOCIAÇÕES PARA TRÉGUA NA
INDOCHINA

Il Resto del Carlino, 04/06/1954.

Greve agrícola no Cavarzerano
AGENTES DA POLÍCIA FERIDOS POR
MANIFESTANTES
Bloqueios nas estradas, poços envenenados
e palheiros em chamas

Il Resto del Carlino, 06/06/1954.

Agrava-se a agitação sindical
AGENTES DA ORDEM FERIDOS POR
GREVISTAS NO FERRARESE
Tentativa de ação de intimidação para
impedir a entrada dos operários nas fábricas
Denúncias e detenções

L'Unità, 09/06/1954.

Os três pontos da infame permuta que
prejudica os povos da Ístria
ANGLO-AMERICANOS COMUNICAM O PLANO
DE DIVISÃO DO TERRITÓRIO LIVRE DE
TRIESTE

Declarando que as conversações de Genebra
já se estenderam demais
SECRETÁRIO DE ESTADO AMERICANO
AMEAÇA COM GUERRA NA ÁSIA E QUER
"ACABAR" COM A GUATEMALA
Marines americanos em torno da América
Central prontos para desembarcar em
Honduras a fim de reprimir greve que já dura
trinta dias contra a United Fruit Company e
apoiar um golpe contra a Guatemala

L'Unità, 16/06/1954.

RELÂMPAGOS SOBRE A GUATEMALA
Como uma grande companhia norte-
americana pode influir no destino de um
pequeno país

Capítulo 26

Bolonha, 5 de junho

Os afrescos do forro lhe davam medo. Cupidos gordos e inverossímeis. Os sorrisos pareciam esconder uma crueldade infinita.

Impossível virar de lado. Fechar os olhos também. O rosto de Fefe reaparecia da escuridão profunda. Cada centímetro do corpo, em contato com a cama, parecia estar suspenso no quarto. Seu corpo, ainda jovem, já estava esgotado, seu corpo sem filhos.

As lágrimas acabaram. Secaram.

Odoacre era um estranho que ia da clínica ao escritório no fundo do corredor quase sem falar. Não entendia se era respeito à dor ou medo de não poder partilhá-la da mesma forma.

A dor não pode ser dividida com ninguém. A dor é uma coisa *sua*.

Podemos sentir ciúme da nossa dor. Podemos transformá-la, fazer dela uma alavanca.

Fefe tinha entendido. Sabia que entre ela e Pierre estava tudo acabado.

Fefe se sentia culpado.

Fefe sentia que era *a causa*.

Alguma coisa tinha surgido dentro dele, dizendo: suma e ela estará *livre*.

A culpa foi se acumulando no decorrer dos anos, tinha crescido

dentro dele como um câncer. A culpa tinha virado medo. Medo dos trovões e da infelicidade.

Fefe não podia suportá-lo.

Fefe tinha *decidido* fazê-lo.

Afastou o pensamento com dificuldade.

O olhar de Sante era uma mistura de pena e acanhamento. O acanhamento que sentimos diante de uma dor grande demais para ser compreendida. Medo do desconhecido, feitiçaria, embaraço pelo “antes ele do que eu” que une instintivamente os espectadores de uma tragédia.

Tinha mantido os olhos baixos o tempo todo, como se aquele pensamento involuntário o tivesse envergonhado.

— Senhora, eu estava bem atrás dessa porta aí. O doutor Dall’Oglio estava falando com o responsável e dizia que deviam suspender o remédio do Fefe por dez dias. Isso quando o seu marido viajou pra Roma.

Dall’Oglio tinha conseguido olhá-la nos olhos, atrás das grossas lentes. Era um médico, estava acostumado ao sofrimento. Sabia enfrentar a dor dos outros sem embaraço. Ele a tinha recebido como se recebe um refugiado, com toda a compreensão de que era capaz e o jeito de quem explica o óbvio às vítimas da própria ignorância.

— Não mandei o responsável suspender o remédio de repente. Mas diminuir a dosagem gradualmente. Veja, senhora Montroni, o remédio que o pobre Ferruccio tomava é muito forte, cria dependência. Precisa controlá-lo de vez em quando, senão o organismo padece e podem aparecer efeitos colaterais muito desagradáveis, como perda de memória, labirintite. Esse era o risco que seu irmão corria. Pedi que diminuíssem a dosagem aos poucos.

Dall’Oglio tinha confirmado:

— Claro que seu marido sabia disso. Estabelecemos juntos a diminuição da medicação.

Dall'Oglio tinha suspirado.

— Fique tranqüila, senhora. O ato de seu irmão não foi resultado da alteração da terapia.

No táxi que a levava para casa, teve vontade de chorar. Mas as lágrimas tinham acabado. Estava vazia. Completamente vazia.

Os cupidos do forro pouco se lixavam para a dor dela. Debochavam daquelas tímidas tentativas de achar outra explicação. Procurar um motivo incidental para o suicídio de Fefe era só uma forma de se justificar. Para afastar a idéia de que ele tinha feito aquilo por causa dela, por se considerar um peso do qual queria livrá-la e deixá-la viver, escolher.

Não podia suportar *aquela* culpa. Não *queria* fazer isso. A obsessão era a única coisa à qual podia se agarrar para permanecer lúcida. A loucura *dela* substituiria a de Fefe. E seria aceita. A irmã de um louco, louca de dor.

Marco tinha dito que não podia brincar com as dosagens, porque era um remédio forte.

Não é possível viver com a suspeita. A última tentativa de dar um sentido ao que tinha acontecido.

O telefone tocou.

Não se mexeu. Insistiram até que ela, como um autômato, conseguisse levantar.

O armário embutido.

A porta.

O corredor.

O telefone.

— Alô.

Uma voz rouca:

— Angela, é o Pierre.

— Oi.

— Sei que o Odoacre está no trabalho. Preciso falar com você. Quero vê-la, nem que seja por cinco minutos, por favor.

— Não, não estou muito disposta, lamento. Não quero ver

ninguém.

— Angela, eu... — ouviu que ele se amaldiçoava em voz baixa.

— Tenho um milhão de coisas pra falar.

— Não posso ouvir nada, Pierre. Não agüento.

— Tem razão, a verdade é que gostaria de abraçá-la bem forte

e...

— E o quê, Pierre? Me consolar?

Percebeu o silêncio embaraçado do outro lado do fio.

— Preciso desligar, Pierre. Quem sabe um dia a gente possa se

ver.

— Espere. Tem uma coisa que você precisa saber. — A respiração ficou muito acelerada. — Acho que o seu marido sabe de nós dois. No funeral de Fefe, ele me olhava de um jeito, Angela, eu sinto, eu sei. Ele entendeu tudo, estava escrito no rosto dele, como num papel branco.

Ela desligou.

O telefone começou a tocar novamente.

Angela cerrou os punhos, enfiando as unhas na carne.

Capítulo 27

Nápoles, 5 de junho Ata do interrogatório de Stefano Zollo, cidadão norte-americano, nascido em Nova York em 20 de abril de 1919, residente em Nápoles, na avenida Vittorio Emanuele, 250, realizado pelo Delegado de S. P. Pasquale Cinquegrana, em data 5 de junho, redigido pelo agente Francesco Di Gennaro. O interrogado não solicitou a presença de um funcionário do consulado norte-americano.

— Senhor Zollo, o senhor é conhecido também pelo apelido “Steve Cimento”, certo?

— Às suas ordens.

— E a que se deve tal apelido?

— Delegado, com todo o respeito, não é da sua conta.

— É verdade que o senhor é o motorista de Salvatore Lucania, mais conhecido como Charles “Lucky” Luciano?

— É.

— Em que consiste seu cargo de motorista?

— Dirigir o carro. Levar o senhor Luciano por aí.

— Está à disposição dele o dia todo?

— Menos às quartas, que é meu dia de folga.

— Poderia definir pra mim a atividade do senhor Luciano?

— Tem uma loja de eletrodomésticos.

— Conhece o senhor Victor Trimane?

- Conheço, é um amigo meu, um americano.
- Senhor Zollo, onde estava no dia 3 de janeiro passado?
- No hipódromo.
- Que boa memória. Como é que o senhor se lembra tão bem?
- Por causa do grande prêmio.
- E estava lá com o senhor Luciano?
- Isso mesmo.
- Algumas testemunhas dizem que viram um jovem de estatura média, bem vestido, chapéu, cachecol e casaco, aproximar-se de Luciano e dar-lhe uma bofetada. O senhor assistiu à cena?
- Estava lá, assisti.
- E não interveio?
- Pra fazer o quê?
- Pra impedir que Luciano fosse agredido.
- Não deu tempo.
- E tem idéia da razão que levou o sujeito a agredir Luciano?
- Não.
- Já lhe digo. Foi um desafio. Parece que ele apostou com um amigo que teria coragem de esbofetear em público “dom Luciano”. Não quer saber o nome daquele cabeça quente?
- Não.
- Vou dizer assim mesmo. Umberto Chiofano. Um mês depois, foi encontrado com a cabeça rachada diante da policlínica. Parece que foi largado lá por um carro conversível. Agora está no cemitério. Onde o senhor estava em 30 de janeiro passado?
- Não me lembro.
- Não estava nos arredores do haras de Marcianise, entre Nápoles e Caserta?
- Não.
- Senhor Zollo, podemos dizer que o senhor vê todas as pessoas que Luciano encontra no hipódromo?
- Não reparo em todos.
- Alguns meses atrás, Luciano recebeu a visita de alguns amigos americanos, de Nova York?
- Recebeu. Ele os levou para um passeio em Pompéia.

- O senhor dirigiu o carro naquele dia?
- Dirigi.
- Sobre o quê falou Luciano com aqueles americanos?
- Sobre várias coisas.
- Poderia ser mais preciso?
- Sobre mulheres. Sobre a Itália e a América. Muitas coisas.
- Não se lembra de mais nada?
- Não presto atenção nas conversas dos outros.
- Senhor Zollo, o senhor foi à Sicília no último mês de abril?
- Fui.
- A trabalho ou a passeio?
- Passeio.
- Ou seja?
- Fui visitar a família da minha mãe, que nasceu em Prizzi, província de Palermo.
- E ficou em Prizzi durante toda sua permanência na ilha?
- Não. Nunca tinha ido à Sicília. Passeei.
- E não encontrou outras pessoas, além dos parentes da sua mãe?
- Não.
- Saiu outras vezes do continente depois que voltou da Sicília?
- Não.
- Senhor Zollo, o senhor nunca visitou a costa dálmata?
- Como?
- Dálmata, da Dalmácia, senhor Zollo, a costa iugoslava.
- Nunca estive na Iugoslávia.
- E em Marselha? Já estive em Marselha?
- Também não.
- Senhor Zollo, o senhor lê os jornais? Sabe quem é Charles Siragusa?
- Um policial ítalo-americano que quer aparecer. Diz que Luciano é um traficante de droga.
- Diz que alguém suja as mãos por conta de Luciano. E que, se esse alguém aparecesse, seria possível chegar à cúpula da organização. Ou seja, o próprio Luciano.

— Tem gente que acredita em discos voadores também.

— O senhor sabe que há quem afirme que, em 1943, Luciano entrou em contato com a máfia para facilitar o desembarque dos Aliados na Sicília?

— Lá pelos nossos lados todos sabem que um procurador de Nova York inventou essa história por motivos políticos.

— Poderia ser mais claro?

— Sinto muito, não conheço bem a história.

— Mas parece muito seguro quando exclui Luciano de qualquer envolvimento em negócios ilícitos.

— Luciano bom, Luciano mau. Luciano servidor da América, Luciano gângster. Tudo coisa de políticos. As pessoas acreditam naquilo que querem. A Interpol diz drogas? O povo acredita. Não tenho mais nada a dizer.

— Uma observação interessante. Vou transmiti-la a Siragusa, junto com uma cópia da ata deste interrogatório.

— Se acabou com as perguntas, gostaria de ir embora.

— Lamento, senhor Zollo, mas acho que vai ficar aqui por uns tempos.

— Deixe de brincadeiras, delegado. Estou com muita pressa.

— Não é brincadeira: tenho o testemunho de algumas pessoas que ouviram um tal de Victor Trimane afirmar que “o trabalhinho meu e do meu compadre Steve Cimento fará passar a todos a vontade de esbofetear dom Luciano”. O senhor vai entender que, antes de liberá-lo, precisamos verificar cuidadosamente estas acusações.

— Não podem fazer isso, sou cidadão americano, não podem me prender sem uma acusação consistente.

— O senhor é suspeito de homicídio, senhor Zollo. E trabalha pra uma pessoa sobre a qual recaem fortes suspeitas. Imagino que o consulado americano fará com prazer uma exceção num caso como o seu.

Capítulo 28

Bolonha, 7 de junho

Nos momentos vazios, Angela não pensava em outra coisa.

Desde o desaparecimento de Fefe, os momentos vazios pareciam multiplicados. Angela não entendia se o cupim tinha escavado o buraco, devorando a madeira tenra dos seus dias, ou se eles eram já um tronco oco que tinha sido esmagado por um peso tão grande.

Esperava que Odoacre mencionasse o encontro com Dall'Oglio. Ele sabia, com certeza. Esperava o sermão sobre a confiança. Mas nada. Esperava frases esclarecedoras sobre a relação médico-paciente. Nem uma palavra.

Não queria ser a primeira a puxar o assunto.

Anteontem vi Dall'Oglio. Você tem razão em confiar nele, você o conhece, mas eu queria olhá-lo no rosto, queria que ele dissesse: não suspendi o tratamento do Ferruccio. Não contei a você, porque sabia que não concordaria, mas eu precisava, Odoacre, tinha que falar com ele ou enlouqueceria. Ele disse que o remédio só foi diminuído por causa da dependência, da labirintite, não sei, disse que você estava ciente. E eu? Por que eu não sabia de nada? Você sempre contou tudo sobre o Ferruccio, até quantas vezes ia ao banheiro. Por que desta vez não? É verdade que você sabia?

Ele tinha acabado de temperar a alface. Tranquilo. Um pouco

de azeite, pitada de sal, um tantinho de mostarda. Você fez bem em falar com ele. Eu não teria impedido, se isso fizesse você se sentir melhor. Ficou melhor? O que Dall'Oglio disse é verdade. Decidimos juntos diminuir as doses gradativamente. É a praxe com aquele remédio. Partimos de uma dosagem um pouco alta, depois descemos, até encontrar a quantidade certa, que faça efeito sem agredir o organismo. Pensei que tivesse explicado isso quando começamos a terapia. Por isso, depois, não toquei mais no assunto. Não era notícia, não era novidade, nem era uma coisa estranha. É assim que a gente faz. É praxe.

Praxe. E Sante então? Sante estava atrás da porta e tinha ouvido. Podia estar errado? Podia haver um equívoco? Fefe tinha dito *nada de remédio*. Aquele também era um erro? O delírio de um pobre louco?

Angela juntou a louça na pia. A água estava quente e cheia de espuma.

Por que Odoacre estava tão tranquilo? Por que excluía o erro de Dall'Oglio ou de um enfermeiro? Para não deixá-la agitada? É a conduta habitual do médico com os parentes de um paciente morto?

Os dedos apertaram a beirada do prato. O sabão anulou o atrito. A água amorteceu a queda. Salvo. Não passava um dia sem que Angela fizesse algum estrago. Enfeites quebrados, dedos picados por agulhas, roupa branca manchada de azul ou rosa, cortes nas mãos, lenços queimados. Pegou uma xícara e voltou a enxaguar.

Doutor Montroni se saía melhor que Odoacre.

Ele saiu do banheiro e entrou no escritório. Angela sentiu um breve arrepio passando pelos ombros. Há uns dias remexia os papéis dele e abria as gavetas, até as fechadas a chave, usando um grampo. Olhava atrás dos quadros, nos fichários, folheava os livros, tirava do lugar. Fechou a água, a frigideira nas mãos, ouvindo. *Din*. Leve toque de campainha. Odoacre estava ao telefone, no aparelho do escritório.

Tinha aprendido a reconhecer aquele som. Percorrer o corredor em silêncio, descalça. Encostar o ouvido na porta de madeira escura. Segurar a respiração e respirar sem fazer ruído. Ficar imóvel.

— Quantas caixas você disse? Não, veja, não vamos esperar mais, avise a polícia. Como? É, sei que quanto mais esperarmos... claro, a acusação piora, o fato é que não podemos esperar mais. Escute: você pensou no irmão? Mas de jeito nenhum, ele não pode ser envolvido, é um bom companheiro, precisa que tudo recaia sobre aquele delinqüente. É, eu sei, depois o cara assume toda a culpa, mas a polícia não pode acreditar nele, a rigor o responsável pelo barraco é o irmão mais velho. E o proprietário também tem que ficar de fora, por favor, é, é um companheiro também. Tirar umas fotos? Quanto precisa para... Não. Não. É tempo demais. Vamos fazer assim e pronto. Amanhã você vai até a polícia... no máximo a gente acha alguém que o tenha visto, um que more perto do bar, ou apelamos pra história da Iugoslávia, um jeito a gente acha... Certo, está bom. Até amanhã.

Permanecendo agachada, Angela chegou até o banheiro na ponta dos pés. Virou a chave e sentou na beira da banheira. Precisava repetir aquilo que tinha ouvido. Precisava entender melhor, destrinchar cada palavra. Precisava se lembrar de tudo.

A polícia.

O irmão e o proprietário precisavam ficar de fora. Tudo precisa recair sobre aquele delinqüente.

O responsável pelo barraco é o irmão mais velho.

Depois, é, as caixas. Caixas de quê?

E a Iugoslávia. Apelamos para a história da Iugoslávia.

Ou alguém que more perto do bar.

Uma luz se acendeu em sua cabeça: Pierre estava em perigo.

O telefonema dele, a ladainha dos últimos dias: "Acho que o seu marido sabe de nós dois. Ele entendeu tudo, estava escrito na cara dele ..."

Capítulo 29

Bolonha, 8 de junho

O bar dos vermelhos era o primeiro da lista. Manhã cedo, antes que enchesse.

O roubo no açougue tinha atrapalhado o dia. Duas horas de perseguição, depois o caminhão tinha entrado mal na curva, lá pelos lados de Castel Guelfi. Quartos de boi deitados no asfalto e frangos mortos espalhados na grama. O ladrão tinha afundado o pára-brisa com a cara. Morto na hora.

Tirar os bois da pista, redigir um B.O., esperar o guincho, deixar tudo na mão da Rodoviária. Uma matilha de cães fazia um banquete com uma carcaça. Moscas famintas se ocupavam do resto. A matilha humana colhia frangos como se fossem batatas.

Pouco depois das onze, de volta a Bolonha.

— Sabe onde fica esse bar Aurora? — perguntou Sacchetti.

— Sei, vire à direita, que é mais rápido.

Tagliavini cheirou os dedos. Cheiro de sangue. Vinte anos de polícia, a guerra, e ainda não era capaz de suportá-lo.

— Então, Sacchetti — perguntou paternal —, a morte impressiona sempre, né? Coisa feia.

O outro concordou.

— É. Vai ver que na guerra a gente acabou acostumando, mas agora é diferente, né? Imagine que daqui a alguns anos seus

colegas jovens vão chegar sem ter visto ninguém morrer. Nada de bombardeios, fuzilamentos, minas, atentados. Acho que pra eles vai ser pior ainda.

Sacchetti não era do tipo que fala muito. Na verdade, não dizia quase nada. Ideal para quando você precisa relaxar os nervos depois de uma perseguição. Tagliavini não queria parecer tenso. Acima de tudo, queria ter certeza que de o rapaz estivesse tranqüilo. Com os vermelhos, a gente nunca sabe.

— É este, não é? — perguntou Sacchetti.

— É, encoste.

Não parecia muito freqüentado. As cadeiras na calçada estavam vazias. Tagliavini espiou dentro. Velhos com cartas na mão, um fulano no balcão. Apenas suficientes para opor resistência. Atravessaram a rua. Um instante antes de mexer na porta, caras enrugadas desviaram do jogo, uma xícara de café ficou a meio caminho, o esfregão parou no copo.

Puro faroeste. O caçador de recompensas que veio de longe, entra no *saloon* para colher informações. A música pára, os relógios também.

— É o senhor Nicola Capponi? — perguntou o agente no silêncio total.

— O que querem?

Tagliavini escolheu o tom informal:

— Precisamos dar uma olhada no seu porão, senhor Capponi.

O homem olhou para eles, um por vez. Passou a língua nos lábios. Tagliavini pensou que lia o pensamento dele. Media as forças no campo. Avaliava as estratégias.

Uma dezena de sexagenários deixou as mesas para se empoleirar no balcão. Ninguém fingia estar ocupado com outra coisa. Ninguém escutava disfarçadamente. Olhos e ouvidos na direção dos uniformes.

A voz do gerente era um velho disco empoeirado:

— Hoje tenho muito o que fazer. Voltem amanhã, certo?

Sacchetti teve um sobressalto:

— He, você não deve... — Uma mão apertou o ombro dele: calado.

— Tem que ser agora, senhor Capponi, mas, se o senhor colaborar, é questão de meia hora — inflexível e conciliador em uma só frase. Uma obra-prima.

Dos fundos, apareceu um jovem. Interrogou a pequena multidão com o olhar. Dirigiu-se ao outro:

— Que foi, Nicola?

Tagliavini aproveitou a oportunidade:

— Desconfiamos que o porão deste bar seja usado como depósito de mercadoria ilegal. É preciso fazer uma verificação. — Tom burocrático, agora. O público deixou escapar os primeiros sussurros. O jovem interveio com segurança:

— Vamos verificar, então. Não temos nada pra esconder, certo Nicola?

Uma olhadela atravessada foi a única resposta.

— Muito bem, então — Tagliavini abriu um amplo sorriso. Pareciam ter intenção de não fazer besteiras. — Quanto antes nos acompanharem, mais depressa acabamos com isso.

Enquanto Capponi saía de trás do balcão, um dos aposentados saiu da porta e outros dois foram atrás.

Tagliavini pegou um guardanapo de papel. Enxugou o suor da testa, depois o esfregou nos dedos. O cheiro de bife cru despertava o apetite.

Gaggia estava pregando uma proteção de ferro no salto de um sapato. Bottone entrou afobado. Garibaldi e Walterún logo atrás.

Pelas caras, ele entendeu que não estavam ali para brincadeiras.

— Capponi está encrencado.

— Dois policiais no bar Aurora.

— Querem vasculhar o porão.

Foi só um instante para entender a situação. O porão do bar Aurora. O nicho atrás do armário das louças. A caixa escondida lá, depois de julho de 48.

— Certeza? — perguntou, alisando as costeletas.

- Estávamos lá do lado e ouvimos muito bem.
- Inventaram uma verificação por causa de mercadoria ilegal.
- Besteira. Sabemos o que procuram.

Gaggia apoiou sapato e ferramentas. Um preguinho ficou pendurado no lábio. Era possível que alguém tivesse falado? Não eram só uns cinco ou seis que sabiam do nicho atrás do armário?

— E o Capponi, como reagiu?

— Ficou puto, como sempre. Mas no fim vai levá-los lá embaixo.

— Acho que ele não devia ter cedido — intrometeu-se Garibaldi. — Bastava chamar mais alguém.

— Ele fez bem — aprovou Gaggia. — Eu ficaria tranqüilo: tem o armário, que é bem pesado, para empurrar precisaria esvaziá-lo todo, depois tem a folha de compensado pregada no muro, com o rádio velho apoiado. Fizemos tudo direitinho, ou eles sabem onde procurar, o que eu acho difícil, ou não vão achar nada.

— Eu chamaria o Benfenati — propôs Walterún.

— Benfenati? O que ele tem com isso?

— Bom, o Partido não dá sempre uma mão em situações assim? Se não fosse pelo Benfenati, a esta hora estaríamos levando laranjas ao Anselmo Lunardi.

— É, mas ele tinha dado um fim em três ou quatro, é diferente. Ouça o que eu digo: só avisamos o Benfenati se acontecer o pior. Senão, é melhor que ele não saiba de nada e amanhã sumimos com tudo.

— Enquanto isso, não vamos dar uma olhada? — perguntou Bottone.

— Vamos.

Saíram deixando para trás um cheiro de couro e borracha. Gaggia desceu a porta da loja. O bar estava vazio. Do quintal do fundo vinha um vozerio intenso. Opiniões e comentários passavam por cima de fileiras de roupas estendidas, trepavam nos prédios e terraços, ricocheteavam pela rua, subiam e desciam as escadas dos porões, voavam de um portão ao outro nas pernas dos garotos, regavam couves-flores e melões do mercado do bairro.

Quem chegasse naquele momento, entenderia que Capponi

tinha sido detido, que o tinham envolvido, claro, entregando alguma coisa suja junto com as compras de sempre, só para prejudicá-lo, para enlamear um verdadeiro companheiro, um herói da 36ª e de Monte Battaglia, não, de Ca' de Malanca, ou talvez de Purocielo. Era uma provocação. Era uma verdadeira afronta. Clássico estilo Scelba. Não era possível ficar só olhando.

Os quatro do carteadado abriram passagem nas escadas usando os cotovelos e a idade. Pelas frestas, perto do forro, passava pouca luz. Algumas velas contribuíaam.

Para quem o conhecia bem, Nicola estava um tanto tenso. Mesma expressão séria, mas músculos da mandíbula contraídos e dedos tamborilando na coxa.

Pierre parecia mais tranqüilo. Andava pelo cômodo com passo de dançarino. Deslocava encerados, abria caixas, iluminava os cantos escondidos.

— Quer olhar aqui atrás, agente? Pode olhar, pronto, só teias de aranha, viu?

Gaggia se lembrou.

Pierre não sabia de nada.

Gaggia entendeu.

Eis o que preocupava Capponi. Não o esconderijo, certamente. Se os guardas não o tinham encontrado logo, é porque não sabiam onde procurar. E, se não sabiam, não iam achar. A não ser que Pierre, com tanto entusiasmo, aquela maneira gentil de filho-da-puta, pusesse tudo a perder. Precisava reconhecer que levava jeito: tranqüilo, impecável, até solícito. A melhor forma de enganar. Sem dúvida ele estava gozando. E assim gozava também a maioria dos presentes, murmúrios de satisfação acompanhavam toda gentileza afetada, cada "por favor, agente", "quer ajuda?", "e esta caixa, não vamos examinar?", "temos que fazer tudo direito, agora que tiveram o trabalho, vamos remexer tudo, pra que não fique nenhuma dúvida".

Nicola o fuzilava com o olhar. Pierre nem percebia: um pouco a penumbra, um pouco a excitação. Além disso, mesmo se tivesse notado...

Gaggia olhou para os outros.

Garibaldi gotejava suor, apesar do ar fresco do porão. Bottone tinha subido quase correndo. Walterún repetia obcecado que era melhor chamar Benfenati.

Eles também tinham chegado.

O agente mais idoso levantou a vela, inclinando-se sobre uma pilha de mesas e cadeiras. Deslocou algumas, levantou, pareceu satisfeito.

Pierre abriu o armário. Pierre indicou as latas nas estantes. Pierre disse:

— Esta é a louça: copos, xícaras, talheres, pratos. Dois jogos de reserva. Vamos ver se tem alguma coisa suja?

Bottone empurrava na escada para reconquistar a posição. Gaggia parecia paralisado. Garibaldi pensava no tesouro: duas Bren, três metralhadoras de cano furado, dez carregadores de balas, oito granadas. Walterún perguntou se não era o caso de avisar Benfenati.

— Vamos — insistia Pierre. — O que procuram? Cocaína? Ópio?

O agente mais jovem ficou roxo:

— Economize fôlego pra quando for chamado na delegacia — sentenciou.

O público se insurgiu. As primeiras filas informaram aqueles atrás, estes os que estavam na escada, depois quem passeava no quintal, os garotos do bairro e enfim as quitadeiras. Patife! Provocador! Delinqüente! Não acharam nada e estão forçando uma agressão!

Capponi, surpreendentemente, ficou do lado do guarda:

— Ele tem razão. Fique quieto agora.

Pierre nem teve tempo de se rebelar. O agente idoso estendeu a mão para se despedir:

— Muito bem. Está tudo em ordem. Já estamos indo.

A multidão se abriu como um pequeno Mar Vermelho. Mas não o suficiente para garantir aos guardiões da lei uma saída de cena rápida e indolor.

Pequenos empurrões, cotoveladas, pisadas nos pés e insultos escancarados.

Garibaldi se apoiou no ombro de Walterún com um espasmo de perigo superado. Capponi olhou Pierre com gelo nos olhos e a promessa de enésima explosão. Bottone e Gaggia se encaminharam para a escada, logo depois dos guardas.

— Veja, Gaggia — sussurrou Bottone pondo a mão no nariz. — É verdade que eles fedem a carniça.

Capítulo 30

*Documento confidencial redigido por Charles Siragusa, District Supervisor, US Bureau of Narcotics, em 13 de junho de 1954.
Aos cuidados do delegado Pasquale Cinquegrana, com referência à detenção e ao interrogatório de Stefano Zollo.*

Prezado delegado,

Estou recebendo do Consulado norte-americano o documento anexo, pelo qual sou informado, quanto à situação de Stefano Zollo, que as autoridades dos Estados Unidos da América não podem aguardar mais e se, até o dia 16 do corrente, a investigação sobre o homicídio Chiovano não apresentar novos elementos, serão forçadas a intervir para a soltura do acima mencionado, como já solicitou várias vezes o advogado Schifanoia, visto que os testemunhos contra seu cliente se revelaram infundados.

Todavia, novos elementos contra Zollo permitiriam prorrogar sua detenção, fato que considero essencial na fase atual da Operação Luciano.

A esse respeito, examinei cuidadosamente as declarações prestadas pelo informante Gennaro Abbatemaggio, de 85 anos, sobre o chamado "caso Montesi",

com particular referência às presenças em Nápoles do suspeito Ugo Montagna e às ligações com a delinqüência local e o tráfico de entorpecentes.

Entre os nomes citados por Abbatemaggio, nenhum pode ser diretamente relacionado a Luciano.

Para mim, o assunto pareceu um tanto estranho e, por essa razão, exatamente ontem, obtive das autoridades da S. P. permissão de interrogar Abbatemaggio.

Pareceu-me imediatamente evidente que a "lacuna" na declaração anterior era produto de reticências, e especialmente do medo que a imagem de Luciano desperta.

Tranqüilizado quanto à proteção que lhe será assegurada, mais ainda que nos tempos do processo Cuocolo, e às vantagens da colaboração, Abbatemaggio forneceu preciosas informações sobre as ligações que os tenentes de Luciano mantêm na capital, e especialmente com o "marquês" Montagna (vide "Anexo nº 2").

Abbatemaggio declarou-se disposto a prestar declaração oficial a esse respeito.

Considero portanto possível interrogar Abbatemaggio entre hoje e amanhã, e apresentar a Stefano Zollo, até o dia 16 do corrente, as novas acusações sobre as quais será interrogado.

Atenciosamente,

Charles Siragusa

Capítulo 31

Bolonha, 13 de junho

Tinha perdido o bonde, depois de cinqüenta metros de suor inútil.

Decidiu ir a pé até o ponto seguinte. O encontro com Ettore era às sete. Dava tempo.

Ettore. Como faria para pagar a dívida?

Montroni tinha atraído a polícia. Angela tinha avisado. Palmo tinha retirado as caixas bem a tempo.

Montroni queria comprometê-lo. Angela tinha dito: ele sabe da Iugoslávia também. Nicola não falava mais com ele: depois do show do porão tinha virado bicho.

Montroni sabia.

Para piorar a situação, naquela manhã, uma carta de Pisa. Remetente: Grupo columbófilo "Asas do Tirreno". Dentro: duas linhas de explicação e uma mensagem de Vittorio Capponi.

O pai dele. Escondido em um estábulo abandonado nas montanhas da fronteira com a Albânia. O pai dele, poucas palavras. *Desisti da Iugoslávia. Informe-se sobre as condições para uma volta à Itália. Abraço. Vittorio.*

Pierre viu as horas no pulso de um transeunte. Calor abafado e oprimente. O sol, estendido na via Emília, batia à Porta San Felice.

Precisava quitar a dívida com Ettore.

Precisava pensar na volta do pai.

Precisava compensar Angela por tê-lo tirado do aperto.

Precisava fazer muita coisa para gente demais.

Angela tinha levantado uma suspeita. Penso que a morte de Fefe tenha relação com um remédio. Devia ser diminuído, mas foi suspenso. Perguntei ao Odoacre, ele diz que não é verdade, mas não me convenceu. Acho que ele está com medo. Medo de admitir que Fefe pode ter morrido por causa daquilo. Medo de que eu o odeie pelo resto da vida. Medo de que nós dois possamos voltar a nos encontrar.

O bate-estacas rachou os tímpanos dele. Os trabalhos do novo hospital prosseguiram. Barulho ensurdecedor: o bonde passou e ele não ouviu. Desistiu de correr.

Quem poderia ajudar o pai dele? Geralmente, coisas assim eram resolvidas pelo Partido. Mas Vittorio Capponi tinha ficado com Tito quando Moscou e os outros companheiros o tinham deixado de lado. E agora que Tito e a União Soviética estavam se reaproximando, ele estava com Djilas. Assim, só restava pedir ajuda ao filho Pierre, que não tinha um tostão, que tinha dívidas e não sabia como fazer, que tinha sido abandonado pela mulher, e que tinha o marido dessa mulher, um sujeito importante da Federação de Bolonha, atrás dele. E voltaria à Itália para fazer o quê? Cinqüenta anos passados, duas vezes viúvo, cheirando a cadeia, sem um ofício, taxado de "titofascista". Bela perspectiva.

Pierre atravessou os trilhos e entrou pelo atalho no meio do mato. O galpão era coberto pelas árvores. Viu o caminhão. Estavam descarregando.

Passou por um depósito improvisado de entulho e pneus. Arrumou os cabelos e apareceu no pátio empoeirado. Ettore apareceu de trás da caçamba e fez sinal de entrar. Um forno de quatrocentos metros quadrados.

Alisou os bigodes e não perdeu tempo com saudações:

— E aí, conte do porão.

— Nada, Ettore. Nos pegaram.

— Isso eu já sei. Como?

Abriu os braços.

— Não sei. Delataram?

— Alguém viu vocês descarregando?

— Pode ser.

— Nós estamos tranqüilos. Aqui não apareceu ninguém.

Pierre acendeu um cigarro e ofereceu o maço:

— Não acredito que seja alguma coisa grande. Acho que vai ficar só no bar Aurora.

— Também acho — sorriu Ettore. — E acho que você não está me contando tudo.

— Como assim?

— Você entendeu.

Pierre ergueu as mãos sobre a cabeça, palmas para a frente:

— Certo, certo: o padeiro do outro lado da rua. É uma velha questão de mulheres. Pensei que ele tivesse esquecido, mas acho que ainda tem bronca de mim.

O silêncio que ficou sugeria que a palavra ainda estava com Pierre. Ele perguntou:

— Então, Ettore, o que fazemos agora?

— É, o que fazemos?

— Estou na merda, veja: não sei onde conseguir todo esse dinheiro.

— Nunca pensou em sair roubando?

— Acho que não saberia, mas daqui a pouco não vou ter muita escolha.

— Ainda existe uma alternativa. Temos muitos pedidos, nesta época. Três ou quatro viagens para uma empresa de combustível agrícola diferenciado, mais as muambas de sempre. Vamos ter que recusar as do combustível, mas se tivéssemos uns braços a mais, poderíamos aceitar. O que você acha?

Virar contrabandista, era só o que faltava. Bom, talvez fosse melhor aceitar: pior do que estava... Respondeu que pensaria. Depois acrescentou:

— Quatro viagens não é muito? Pra ir à Iugoslávia só fiz uma.

Ettore sorriu.

Pierre apertou a mão dele.

Capítulo 32

Ata do interrogatório de Stefano Zollo, realizado pelo delegado de S. P. Pasquale Cinquegrana, em 15 de junho, redigido pelo agente Francesco Di Gennaro para uso exclusivo de Charles Siragusa, US Bureau of Narcotics.

— Senhor Zollo, é verdade que...

— Um momento, delegado, já começou com as perguntas! O advogado Schifanoia disse que as acusações pelo homicídio daquele fulano eram infundadas, mas que há novas acusações, mais graves. Quer explicar do que se trata?

— Em seu devido tempo, senhor Zollo. Antes responda às perguntas, depois será informado. Posso continuar?

— Só responderei na presença do meu advogado.

— Senhor Zollo, esteve em Roma, neste ano?

— Já falei que não...

— Encontrou, em Nápoles ou outro lugar, o senhor Ugo Montagna?

— Delegado, mas que merda...

— Senhor Zollo, seu serviço de motorista do senhor Luciano inclui também a distribuição de drogas?

— Ouça, delegado...

— Não, ouça o senhor, senhor Zollo. A sua situação não é boa, se estivesse na sua pele, eu me esforçaria em colaborar: as

acusações pelo homicídio de Chiofano não tiveram êxito, é verdade, mas eu estou bastante convencido de que o senhor matou o coitado e, sendo assim, prometo que farei todo o possível pra colocá-lo na cadeia. Além disso, o senhor é acusado de ter fornecido ao falso marquês Ugo Montagna grande quantidade de heroína, entre fevereiro e abril de 1953. Pois bem: sabemos que o cérebro do tráfico é o seu empregador, o senhor Luciano. Tenha certeza de que, mais dia menos dia, vamos pegá-lo. No momento, porém, não temos provas suficientes, e ficaríamos muito agradecidos se uma pessoa razoável, que quisesse se livrar de uma grande confusão, nos esclarecesse sobre algumas situações.

— Não sei do que está falando. Ache essa pessoa e me deixe em paz.

— Mas o senhor não percebe, senhor Zollo? O barco está afundando: entre neste bote salva-vidas enquanto é tempo, deixe o almirante seguir seu próprio destino. No fundo, o senhor é um simples marinheiro.

— Simples marinheiro é o seu avô. Já falei que respondo amanhã, quando trouxerem meu advogado. Só me interessa saber de que estou sendo acusado. Heroína vendida a esse Montagna? Pode se aprontar pra me soltar, delegado.

Capítulo 33

Bolonha, 17 de junho

Quando a viu, o coração dele passou a bater na garganta.

Ela estava esperando no outro lado da rua. Saia preta, blusa branca, óculos escuros.

Estava linda. Pierre fechou o cadeado da porta do bar e foi encontrá-la.

— Angela...

— Olá.

Estava correndo um grande risco, aparecendo ali. Não sabia o que dizer. Um simples “como você está?” soaria estúpido, provocador. Como deveria estar?

Por sorte, ela falou.

— Preciso lhe pedir um favor. Não tenho mais ninguém a quem pedir.

— Claro — murmurou Pierre —, vamos sentar em algum lugar?

* * *

Pulou no escuro, aterrissando na grama úmida. Os regadores tinham sido desligados naquele momento. O gramado da Villa Azzurra era sempre bem cuidado, à inglesa: tão verde que parecia artificial.

Pierre se arrastou até o muro, mantendo-se fora do alcance das luminárias.

Os dois enfermeiros que faziam a vigilância estavam sempre na guarita da entrada. Tinham garrafa térmica de café, sanduíches e revistas em abundância. A cada duas horas davam uma volta pelos corredores, para verificar se os loucos dormiam tranquilos.

Não tinha outro jeito de entrar. Depois do suicídio de Ferruccio, Montroni tinha mandado colocar grades em todas as janelas. Agora os loucos estavam como na gaiola. Na verdade, as grades já existiam antes, mas só em certos corredores, os dos pacientes mais graves. O mergulho de Fefe tinha modificado tudo. Pierre olhou para o prédio imerso na sombra e ficou arrepiado. Poderia ser uma cadeia, ou um quartel.

Aproximou-se beirando o muro até a porta e espiou além do canto.

Um dos enfermeiros repousava a cabeça sobre os braços cruzados, e Pierre teve a impressão de ouvir um leve ronco.

O outro folheava um jornal.

Pierre ficou de quatro e avançou até o balcão da recepção.

Respirava devagar e se mexia lentamente. Bastava o estalo de um osso para traí-lo.

Os escritórios ficavam no fundo do corredor. Pelo menos uns seis ou sete metros para percorrer sem cobertura.

Pierre se lembrou de quando, ainda criança, se escondia de tia Iolanda para não tomar banho na tina. Procuravam em todo lugar. Ele tentava se convencer de que, se não olhasse para eles, eles também não o veriam. Deitava-se em um canto, entre os engradados dos frangos, e abaixava a cabeça. Depois esperava, imóvel. Estratégia de avestruz.

Deitou-se no chão e começou a se arrastar devagar. Um centímetro por vez. Se os seus movimentos fossem imperceptíveis, talvez não chamassem a atenção do vigia com o jornal. Se o olhar do enfermeiro permanecesse firme nas páginas, não notaria a massa escura no piso.

Prosseguiu assim, com o nariz no chão, como uma lombriga.

Dobrou-se para beirar o canto, sem acelerar, contorcendo-se e

puxando as pernas só no fim.

Tinha passado.

Levantou-se, incrédulo, e chegou à porta do escritório.

Abriu, empurrando o peso para cima, para evitar que as dobradiças chiassem, apenas o bastante para entrar, e a fechou atrás de si.

Tirou a lanterna e começou a procurar no fichário.

Malvasi... Malossi... Mambrini... Manaresi.

Manaresi, Ferruccio.

O feixe de luz iluminou a ficha clínica. Uma longa lista de remédios, prescrição e dosagem. Ao lado, a assinatura dos médicos.

Na cabeça, a voz de Angela sugeria o que devia procurar: "Verifique o período em que Odoacre foi a Roma. Veja se antes de viajar ele suspendeu o remédio do Ferruccio, e quando voltou a ministrá-lo".

Pierre teve um sobressalto.

As datas coincidiam.

As assinaturas do doutor Montroni também.

Pierre entendeu.

Pierre sentiu a pele se arrepiando sob a roupa.

Pierre ficou mal por causa de Angela.

No dia anterior à viagem a Roma, Montroni tinha suspendido o tratamento de Ferruccio.

A "recaída" de Fefe.

Montroni larga o congresso e volta para cuidar da família.

O bom pai Montroni resolve as coisas.

O marido atencioso salva o irmãozinho da mulher.

A mulher infiel lhe põe os chifres com um dançarino de *filuzzi*.

A mulher se sente culpada e entende que sem Odoacre, o Magnífico, não pode ficar.

Outro choque de arrepios. Suor frio. Gotas no nariz.

Fefe tinha entendido.

O jogo sujo de Montroni. Fefe *não podia* contar. Fefe era *louco*. Fefe não era confiável. Fefe estava encrencado. Aliás, Angela estava encrencada. Fefe era a arma na mão do marido corno.

Fefe não podia aceitar isso. Amava a irmã. Não queria ser a

causa da infelicidade dela.

Putá merda!

Pierre estremeceu, segurou um acesso de tosse.

Sentiu a náusea subir do estômago.

Sentiu o nojo na garganta e as vertigens.

Fefe não quis *participar*.

Fefe não conseguia agüentar.

Fefe tinha *decidido* se vingar do cunhado.

Da única forma possível.

Tirando a arma de suas mãos.

Capítulo 34

Lago San Giovanni Incarico, 18 de junho

Está dormindo.

Diz que está muito cansada, que *trabalhou* até tarde.

Puxa vida, mas o que um cristão precisa fazer?

Você vai buscá-la com um baita carrão que mais parece uma lancha. O carro de Stiv, aquele grande homem, emprestado especialmente para a ocasião. Isto é, não exatamente para sair com Lisetta, aliás, se ele ficar sabendo que levei companhia, é capaz de me dar um tiro. Ainda está no meu bolso o bilhete que ele mandou com as chaves, coitado do Stiv, assim tenho certeza que não vou esquecer de nada.

Salvatore, não vá me fazer nenhuma merda. Estas são as chaves do *meu* carro. Está no quintal de casa, na avenida Vittorio Emanuele. Você pega. Vai até Frosinone, direto, encontra Cammarota, pergunta pelo televisor e volta logo. Vá sozinho. Não fale com ninguém. Mudo. Saio daqui uns dias. Se você fizer um arranhão no carro, pode esquecer a grana do cassino. Não vá me fazer nenhuma merda, ok?

Lisetta quando dorme é uma beleza mesmo. Minha nossa, melhor manter a cabeça ocupada, não quero chatear Lisetta, de verdade.

Mas o carro só fez efeito nos cinco primeiros minutos.

— Totore! Aonde vamos com este carrão?

— Dar uma volta, eu já falei.

— Uma volta? Vestido assim?

Nada. Nem o paletó de linho fez efeito, ora! Se fosse a roupa que usei no cassino, que chamou a atenção até da deusa de pele de ouro, então estaria feito, nem me dava tempo de abrir a boca. Mas aquela, o Stiv só tinha alugado, nem pude reclamar, sei lá quanto custava, em compensação ele me comprou esta, coisa de luxo, que pode se dizer que paguei, com aquela grana. Nada: Lisetta só deu umas risadas porque, enfeitado deste jeito, ia levá-la até Frosinone.

— E o que vamos fazer em Frosinone? O que tem de bom lá?

— Não sei. Agora vamos ver.

— Desculpe, Totore, porque não paramos na praia? Está um calor!

— Lisetta, tenho negócios pra resolver em Frosinone, tá certo? Depois vamos aonde você quiser.

O carro anda que nem um trem, você até limpou e lustrou, e se vestiu melhor que no dia da Primeira Comunhão. Mas ela, Lisetta, pensa no calor. Pensa no mar. Pensa que Frosinone é longe demais.

Então você começa a falar daqueles dias incríveis com Stiv, grande homem, só de ficar do lado dele aconteceram coisas nunca nem sonhadas na vida. Um montão de dinheiro, você nem sabe quanto, um jogo esquisito, a ferrovia, em que é preciso fazer sempre nove, e aquele chinês, que perdia, perdia, sem fazer nenhuma careta, e que os chineses eram ricos assim, você nunca tinha ouvido falar, devia ser, no mínimo, o rei do Sião.

— Você ganhou um montão de dinheiro e não me trouxe nem um presente?

— Como? Não, Lisetta, o que está dizendo, é que aquele dinheiro, veja, agora mesmo não posso usar. É meu, claro, mas o

meu amigo Stiv pegou, pra esconder, porque sabe o que acontece se a notícia se espalha, Salvatore Pagano tem um monte de dinheiro, logo algum mal-intencionado fica com vontade de roubar, ou pior, de cortar a garganta deste Pagano, ou então seqüestrar alguém que ele gosta, entende, sabe como são essas coisas, sou órfão, não tenho ninguém, mas imagine se alguém nos viu juntos, alguma vez, se alguém pensa que você é minha namorada, a idéia que possam fazer mal a você...

Você chega em Formia, pega a estrada de dentro, tira o paletó, a gravata, desabotoa a camisa, que só serve para dar mais calor. Lisetta está de cara feia, vocês acabaram de sair do litoral e o mar ficou para trás. Você joga a última cartada, o cinema, a cena da briga nas flores, aquele famoso ator americano, um filme importante, que vai passar na Itália toda, no mundo, e então quem sabe quantos outros diretores de cinema virem aquele rapaz robusto, aquele pulo de atleta, aquelas pancadas tão reais. A gente começa assim, depois vira ator famoso, essas são as oportunidades que abrem as portas da *Cinecittà*, sim senhor, Salvatore Pagano, aquele da briga nas flores, eu mesmo, uma cena épica, inesquecível, histórica.

Desta vez ela olha de um jeito diferente. Acho que você deu uma dentro.

— E qual é o título desse filme famoso?

— Ah, Lisetta, você sabe que não tenho memória pra nomes, e ainda por cima era um nome americano, complicado, e aqui na Itália tenho certeza que vão pôr um nome diferente, mas eu pedi pra escrever num papel, o título e o nome do ator principal, o maior de todos, um que antes de falar nele precisa enxaguar a boca com sabão, e estava lá, bem do meu lado, entende? E o diretor, você não vai acreditar, era Winston Churchill, imagine...

— Churchill? Totore, mas que... ? É, e eu ainda fiquei prestando atenção, vá!

Lisetta ficou outra vez de cara feia. Pôxa, vai ver que você errou tudo. Você tinha que ir para Frosinone sozinho, depois passava lá e a pegava para levá-la à praia, então teria funcionado, mesmo se o carro, bonito, brilhante, de luxo, não era bem seu, a roupa não era a certa para um passeio, o dinheiro do cassino estava com Stiv e o filme você não se lembrava do título e só vai passar daqui a um ano. Mas o que vai fazer?

É, com certeza teria sido melhor.

Chegando a Frosinone, Lisetta cismou que não queria ficar no carro, nem por meia hora, e que naquele lugar de gente grossa não tem nada para ver e que se você não a levar junto, é um caipira grosso também.

Por sorte, você encontrou logo Cammarota e sem muita onda contou tudo do televisor: que o bolonhês tinha levado, um tal de Ettore, o mesmo que tinha levado o aparelho para Roma, um que tinha caminhão e transportava mercadorias entre Nápoles e o norte. E isso foi lá pelo dia 2 ou 3 de junho. Ele levaria com prazer, tinha falado, porque sabia quem ia querer, em Bolonha talvez, ou em Milão.

Muito bem, Cammarota. Muito bem, Kociss. Ettore, o bolonhês. Stiv vai ficar contente.

— Que história é essa de televisor?

— Quê? O televisor? Bom, sei tanto quanto você, é um assunto do meu amigo Stiv, que agora está muito ocupado, então me pediu o favor de cuidar disso, porque sabe que pode confiar em mim.

— E você acha normal que alguém mande um amigo até Frosinone pra perguntar por um televisor?

— Sei lá! Ele me pediu um favor, eu fiz, não vou ficar perguntando isto e aquilo, senão, vai me desculpar, não é favor nenhum, né?

— Salvato', você é bobo mesmo!

Depois de Cerpano, um quilômetro antes de San Giovanni Incarico, você vê esta lagoa, as árvores, a sombra. Liga a seta, entra na estrada de terra e chega bem na costa. São quase sete horas, o calor diminuiu, vai ser um pôr-do-sol espetacular entre água e

nuvens.

Desliga o motor. Lisetta boceja. Você tira os sapatos e molha os pés. Lisetta boceja. Você molha a testa, repassa o nome do fulano do caminhão. Ettore, de Bolonha, não pode esquecer. Lisetta boceja. Está cansada. Trabalhou até tarde. Adormece.

Está dormindo.

Vai ser um pôr-do-sol espetacular. Vira de um lado, as pernas ficam descobertas, um terremoto de carne. Está sem sutiã. Coisa de enlouquecer.

Você nunca aborreceria Lisetta, nunca. Mas um beijo, assim, de relance, só para acalmar um pouco, para não querer mais nada. Um beijo, pequeno assim, nada de importante. Lisetta, você me deixa louco.

Pronto. Um beijo.

— Salvato', mas o que é isso?

Capítulo 35

Bolonha, bar Aurora, 20 de junho

Silêncio repentino. Quase mágico.

Corações e fôlegos flutuam suspensos entre fumaça e teto.

As bocas arredondaram, soam enfiadas de suspiros. Ooooh. Veja, veja só que trabalho!

Chega de Rocky Marciano contra Ezzard Charles. Esses negros, mesmo velhos, são sempre uns animais.

Chega de Guatemala, de reforma agrária, do ataque desprezível dos Estados Unidos em defesa dos interesses da United Fruit.

Chega de Ethel Rosenberg, que já faz um ano. Já faz um ano? Minha nossa, como passa...

Chega de falar que o ciclismo acabou, que alguém deveria intervir, precisaria tirar os "ases" das corridas, da greve no Bernina, que eles ganham demais, de Coppi que virou um babaca e o *Carlino* diz que ele tem uma amante, o *L'Unità* não, deve ser coisa do clero para atacar um desportista de esquerda, mas, de qualquer forma, ele já não é mais o mesmo, de Bartali, que tem 40 anos e se empenha mais, chega de "escândalos".

Agora Benfenati parou de falar.

Carregado pelos irmãos Capponi, como um faraó antigo, o aparelho entra na sala do trono.

O bar Aurora nunca esteve tão cheio. Estão todos aqui. Aqueles que não apareciam há meses. Aqueles cuja mulher não deixa sair de casa. Aqueles que não torcem pelo Bologna. Aqueles que têm dívidas, é, mas amanhã a gente paga. Aqueles que, na época do motor, acham coisa de louco ficar sentado na frente de um móvel. A gente pensa se não vai aparecer também Anselmo Lunardi, chamado Baldi, um incógnito de Praga, e talvez Vecchio, gente boa, diretamente da Certosa, para depois dizer à mulher, quando voltar para junto dela, "Argia, o que você perdeu!".

No momento de colocá-lo no móvel, todos querem ajudar, mexer, participar. "Eu estava lá!", vão contar aos netos.

Sobe! Um pouco mais à direita, isso, incline um pouco mais, vamos que está bom, quanta onda. Nossa, como pesa! Nossa, que grande! Nossa!

É fato que esta é a grande novidade, mas é bom dizer também que toda esta boa gente não veio só para ver um televisor, mesmo porque, mais ou menos, todos sabemos como ele é. E muitos, semana passada, estavam no bar do Franco, curtindo a chegada de Coppi a Bolzano, única etapa em que ele se empenhou de verdade, sem fingir, só para mostrar a todos que ainda é o Super-Campeão. Mas, o que você quer, o ciclismo não é tão interessante, você vê a linha de chegada, vê o povo, vê Coppi aparecendo, não viu como foi nas montanhas, isto é, você só sabe como foi, mas no rádio não é a mesma coisa. Ver o jogo de futebol *l'è un èter quel*, é outro discurso, especialmente se a Itália está jogando a partida decisiva do Campeonato Mundial. Ou a gente ganha da Bélgica ou volta para casa. E depois precisa torcer para que a Inglaterra liquide os suíços, uns amadores de nada que, de acordo com Czeizler, só são mais fracos que os húngaros. Na quinta-feira, lá no Franco, muitos de nós nem foram, já que pagar sobretaxa do café só para ver Itália e Suíça não valia a pena. Mas fomos mal. Certo que o juiz anulou o gol de Lorenzi por causa de uma falta que nunca existiu, mas no fim o que conta é o resultado: 2 a 1 e pronto.

— E esta tomada, onde vai? O que é, a antena?

Acima de tudo, porém, nos emociona o fato de que o televisor foi comprado por nós, para o nosso bar. Um televisor americano,

coisa de luxo. E de hoje em diante não vamos mais precisar emigrar, ir a outro lugar, onde a bebida é mais cara, o café não é o de costume e até o sotaque das pessoas parece diferente. Você se sente emprestado, fora de seu lugar, não tem jeito. Em resumo, é como se fosse um acontecimento dentro do acontecimento, a partida da Itália e o televisor do bar Aurora, instalado entre a manchete do *L'Unità* sobre a morte de Stalin e a medalha do Capponi.

— Tem um pedaço de papel aí? A gente põe por baixo pra equilibrar.

Benfenati ataca com uma pequena aula sobre futebol. Está quieto há dez minutos, não pode desperdiçar o tempo da propaganda:

— Esses jogadores ganham demais.

Gaggia tenta chamar a atenção sobre o assunto da Montesi. Até Alida Valli já entrou na história, por causa de um telefonema a Piero Piccioni.

— Já estou de saco cheio! — comenta Bottone sem esperar que ele acabe. — Não dá pra entender nada, é uma história complicada demais. Escute, se aparecer alguma coisa mais clara, você conta, certo? — Levanta a voz. — Agora vamos fazer funcionar esse troço, vá, que daqui a dez minutos começa o jogo.

Os lugares já estão marcados. Os velhos na frente, os jovens atrás, alguns em pé. Pierre começa a mexer nos botões.

Faltam *menos* de dez minutos. Transmissão direta de Lugano. Itália e Bélgica, locutor Niccolò Carosio. Campeonato Mundial.

— Vão dar uma mão ao rei da *Filuzzi*, parece que ele não está indo muito bem.

— Pode deixar que ele sabe, fique calmo.

No estádio de Lugano, a Itália entra em campo com Ghezzi, Magnini e Giacomazzi; Neri, Tognon e Nesti; Lorenzi, Pandolfini e Galli; Cappello — Aquele do Bologna? Beleza! — e Frignani.

Nicola se aproxima. Pierre abre os braços e abana a cabeça.

— Não podiam ter montado antes? — pergunta Bottone.

— Bem que eu avisei, não? Não digam que não avisei — quase num sussurro, como em oração, o comentário aflora aos lábios de

Garibaldi.

Cinco minutos. Uma olhada no *Sport Illustrato* para diminuir a tensão. *Nesti: Combativo e decidido, aplicou na luta todo seu potencial, brilhou pela persistência e eficácia...*

— Oh! Até logo pra vocês, vou até o Franco pra ver o primeiro tempo, depois volto aqui.

— Vou com você, quem sabe ainda tem lugar.

— O que foi que eu falei? Dá para confiar naquele careca? — o tom do Garibaldi se torna pesado.

... Tentou várias vezes subir ao ataque e passou muitas bolas à linha de frente, com bons passes...

— E aí?

— Quero minhas 5 mil de volta, que palhaçada é esta?

— Não adianta falar! — Garibaldi fica agitado. — É culpa daquele salafrário lá — indica Gás, perto da porta. — Ele nos enganou.

Quatro horas em ponto. Agora. Vai começar agora.

— Onde é que eu entro? Como eu ia saber? Agora vão pôr a culpa em mim?

Melega agarra o perito em negócios pelo nó da gravata, empurra-o contra o muro.

Garibaldi gruda na cara dele, ou melhor, no queixo dele, e começa a berrar:

— É sempre assim! Só enganação, até com os amigos, até sua mãe você levaria no bico. Delinqüente! Vagabundo!

O bar Aurora esvazia. Alguns saem indignados, ou escondidos, ou correndo, ou abanando a cabeça. Poucos permanecem, incapazes de decidir se vale mais a pena assistir a Itália e Bélgica ou ver Gás apanhando.

Capponi abre caminho entre as cadeiras, o irmão atrás. Putos da vida.

— Gás, você não devia ter feito isso. Viu quanta gente tinha aqui? Você vai agora falar com o Benassi?

— Falar? — interveio Bortolotti. — Falar o quê! Capponi, se eu fosse você, pediria o dinheiro de volta. E o rapaz aqui, que dê um jeito de achar logo outro televisor.

— Outro? — protesta Gás. — E onde vou achar, por esse preço? Era uma oferta especial, um preço extraordinário.

— Pois trate de achar — o dedo de Melega quase entra em um olho dele. — Senão nós é que achamos você.

E, sobrepondo-se à ameaça do nosso *cowboy*, sai do rádio a voz do locutor, impondo uma trégua.

Capítulo 36

Bolonha, 22 de junho

— *I regret to be a bad student* — comentou Pierre, depois do enésimo erro.

Fanti sorriu, tomou um pouco de chá e corrigiu o erro ene mais um:

— Não seria melhor dizer: *I regret I'm a bad student?*

Pierre escondeu o rosto nas mãos:

— Questão de coerência, professor: não posso acertar a frase em que confesso ser um péssimo aluno.

— Certo. Mas eu seria um péssimo professor se não entendesse que hoje você não está num bom dia.

— Infelizmente não é questão de dia, professor...

Com o *savoir faire* de sempre, Fanti evitava perguntas diretas. Limitava-se a servir o chá, cheirá-lo, e bebê-lo com olhar distante. Conseguia colocar você à vontade com os gestos mais simples e banais, nunca saindo da linha. Se você quisesse falar, ele estava pronto a ouvir. Se quisesse um conselho, não recusaria. Desde que o silêncio fosse domesticado pelos faquires do *jazz* e não houvesse pombal para limpar e pombos para cuidar.

O chá *wulong*, com seu gosto de avelã, agradava o paladar. A orquestra *swing* agradava os ouvidos. Os pensamentos de Pierre iam ressecando. O pai, Ettore, Montroni, Angela. Não tinha falado com

ninguém, nem com os mosqueteiros, que tinham desistido de arrastá-lo para os bailes. Não achava que alguém pudesse entender uma situação tão complicada. Seria, no máximo, assunto de um bate-papo no bar, e só. Não poderiam ajudá-lo. Não gostava de falar dos seus problemas por aí, e pronto. Angela dizia que ele era muito orgulhoso. Pierre chamava isso de dignidade. Tudo bem, uma pontinha de orgulho, mas não só isso. É que sabia, noventa vezes em cem, qual seria a reação de cada um: alguém fica com pena, aí você se arrepende por não ter ficado calado; outro sugere distrações, mulheres, vinho, farras, sem entender que quando você está pronto para isso, ou já está melhor, ou se encontra no último estágio, e que é na fase intermediária que você fica mal; outro ainda começa a contar os problemas dele e você não tem cabeça para ficar ouvindo; os piores mesmo são os que dizem que não é nada, ou acham que você é bobo se não reconhecer como são geniais os conselhos deles.

Portanto, até que seria bom aliviar a mágoa, se aparecesse a pessoa certa. O difícil seria decidir por onde começar.

— Meu pai quer voltar pra Itália — falou finalmente, dirigindo-se à xícara. — Me pediu pra pensar nisso, mas eu não acho que seja boa idéia. O que eu posso fazer por ele? Há dois meses me acontece uma atrás da outra. Se pudesse, até eu gostaria de mudar de ares.

Parou por um instante, deu uma olhadela para as flores do terraço. Precisava de outro ponto de partida.

Recomeçou por Angela. Explicou sobre Fefe e Montroni, sem omitir nada, como se estivesse na frente de um espelho. Como se Fanti tivesse sumido entre as notas de Woody Herman e os vapores da chaleira.

— E não acaba aí, tem mais: pra pagar os que me levaram até a Iugoslávia, assumi o compromisso de deixar que usassem o porão do bar como depósito de cigarros americanos, entendeu? É isso mesmo, contrabando. O marido da Angela ficou sabendo, porque estava me vigiando e queria que a polícia me pegasse. Só que ela ouviu, enquanto ele falava ao telefone, e veio me contar. Foi só o tempo de arrumar tudo. Depois Angela me pediu um grande favor, eu não podia negar. Queria que eu fosse escondido até a clínica do

Montroni, pra ver se no arquivo tinha por acaso a assinatura dele na ordem que dizia que o Ferruccio precisava parar de tomar aquele famoso remédio. Fui, e vi a assinatura. Agora ela vai brigar feio com o marido e ele vai ficar bravo comigo, por ciúme, parece que ele sabe da Iugoslávia e vai saber o que mais ele pode descobrir, ele é uma pessoa importante no Partido e o que ele disser, mesmo se for mentira, as pessoas vão acreditar.

Apesar de tudo, a expressão de Fanti deixava transparecer uma certa surpresa. Um pouco pelo que tinha ouvido e um pouco porque não sabia se tinha entendido todas as passagens. Ficou com o queixo na mão, quase imóvel, até ter certeza de que Pierre não tinha mais nada a acrescentar.

— Seu pai decidiu voltar no pior momento.

— É, e ele teve bastante tempo pra decidir.

— Certo, mas antes as coisas eram diferentes.

— Pra mim também, professor, com certeza. E, além disso, meu pai não é bobo: se de repente ele me pede pra pensar na volta dele, quer dizer que está na pior, porque sabe que tenho pouco a oferecer.

— Você falou que também gostaria de mudar de ares.

Mais uma vez, Fanti evitava as perguntas diretas. Em vez disso, retomava o que você tinha dito, pedia para explicar e analisar com mais profundidade.

— É, professor, se pudesse, iria embora, pra fora da Itália. O senhor não disse que as viagens são mudanças? Quando está em um beco sem saída, a gente lamenta não poder voar.

— Você não pode?

— Como vou fazer, professor? O senhor viajou, andou por aí, e acha natural que alguém resolva e vá embora. Mas eu tenho mil problemas: não sei pra onde ir, não tenho dinheiro pra ir e o único passaporte que tenho é falso. Além disso, tenho um pai precisando de ajuda, que também não tem um tostão, condenado na Itália e a polícia de Tito nos calcanhares. Isso basta?

— Mudar de país pode ser uma solução pros dois.

Pierre concordou resignado. A idéia já tinha passado pela cabeça dele, mas parecia criar ainda mais problemas que os que já

tinha. Podia pedir a Ettore que o contratasse pelo tempo necessário para ganhar duas novas expatriações clandestinas. Mas quanto tempo levaria isso? Quanto tempo levaria Montroni para mandá-lo para a cadeia com uma acusação mais grave? Como viveriam no exterior?

— Como disse, professor?

— Disse que seria bom pra você. Os parentes da minha mulher moram na Inglaterra, são pessoas gentis, ajudariam com prazer nos primeiros meses. — Sorriu: — Seria útil pra melhorar sua pronúncia, não?

— Bom, não sei...

— Pense nisso. Sem cerimônias, mesmo. É gente abastada, tem uma casa grande e estão acostumados a receber hóspedes.

— Verdade? Obrigado, professor. Muito obrigado. Vou pensar.

Pierre teria gostado de acrescentar alguma coisa mais sensata, mas não era fácil. Não tinha palavras para retribuir horas e horas de aulas gratuitas, litros de chá para clarear as idéias, quilos de biscoitos com uva passa, pilhas de livros aconselhados e fornecidos, Stan Kenton e Dizzy Gillespie, a viagem do primeiro pombo à Iugoslávia, 30 mil libras nunca devolvidas, longas discussões de política, conselhos dados sem custo, Kurosawa, as frases certas para falar com Cary Grant.

E agora a Inglaterra. Os parentes da mulher. A hospitalidade.

Não seria a solução para todos os problemas, mas suficiente para abrir uma brecha.

Capítulo 37

Relatório confidencial de Charles Siragusa, District Supervisor, US Bureau of Narcotics, para as autoridades italianas, de 24/06/54. Addendum.

Em aditamento às informações do relatório anterior, recebo com prazer a notícia de que ontem foi retirado e anulado o passaporte italiano de Lucania, no 3243602, emitido em Nápoles em 10 de outubro de 1950.

À espera do decreto de confinamento pelo prazo de cinco anos, que considero urgentíssimo, sugiro tomar providências para limitar cada vez mais a liberdade de deslocamento de Lucania, impondo que:

— apresente-se à delegacia em intervalos regulares para prova de residência; — fique recolhido em seu apartamento a partir das 23 horas, sem sair antes das sete; — não frequente locais públicos de entretenimento por várias noites consecutivas, para que não possa fazer deles pontos de tráfico.

Informo também que o já mencionado Stefano Zollo foi detido e interrogado pelas autoridades de S. P. em 6 de junho, sobre o homicídio de Umberto Chiofano. Antes daquela data, por algumas

semanas, não foi possível localizá-lo nos lugares habituais. Suspeitamos que estava "em missão" fora da cidade, por conta de Lucania.

Stefano Zollo permanece detido pelas autoridades de S. P. A detenção foi prorrogada porque surgiram novas acusações contra ele, desta vez relacionadas às revelações de Gennaro Abbatemaggio quanto às ligações entre Ugo Montagna e a criminalidade napolitana.

Capítulo 38

Nápoles, 26 de junho

— Steve, Steve, Steve. Meu amigo, entre, sente, sente na poltrona, vamos tomar um drinque. Quanta paciência precisa, Steve! Você tem que me perdoar, espero que faça isso, porque é só pela amizade que tem por mim, por sua dedicação sincera, que um cidadão americano livre pode ser tratado desta forma em solo aliado por milicos pés-de-chinelo e miseráveis que não sabem nada e falam e falam, mais os jornais e alguns políticos de quem chupam o pau. Como trataram você, Steve, naquela privada embolorada de Poggio Reale? Alguém tomou liberdades?

— Dom Luciano, ninguém tomou liberdades, a não ser de enviar ao senhor saudações e agradecimentos, não se preocupe, foi só uma temporada por conta deste lixo de estado italiano.

— Estado italiano! Isso mesmo, Steve, este é um belo assunto. O que é o estado italiano? Onde está? É... você falou bem: o estado italiano é um lixo. Mas muita gente não sabe disso, não é mesmo? Veja, venha, Steve, olhe. Olhe à sua frente. Nápoles, a baía, o Vesúvio, o porto... Está vendo o porto? Você conhece bem o porto, certo, Steve? Agora está quase como os *docks*, não é mesmo?

— Com todo o respeito, dom Luciano, perto dos *docks* de Nova York, o porto de Nápoles é uma banheira.

— Claro que é! A banheira de Steve Cimento. Deixe eu lhe

dizer uma coisa. Sabe quem manda nesta cidade? Quem é o chefe, *the Mayor*, o Prefeito, o Fiorello La Guardia de Nápoles? É o Achille Lauro, vice-rei, sabe o que faz? Constrói navios, é armador, dono dos jornais, do time de futebol e dos votos do povo. Mas o mar, os barcos, os portos, são o ofício dele, a fortuna dele. Você sabe onde ele constrói navios, onde estão os estaleiros desse rei de Nápoles? Em Gênova, em La Spezia. Não acha esquisito? É como se você fosse prefeito de Nova York e resolvesse abrir um *night-club* com putas em Chicago, não é mesmo? Mas você já tinha entendido tudo, certo, Steve? O porto de Nápoles é uma banheira, e sabe quem tem que tomar banho nela? A Sexta Frota Americana, e nós, modestamente digo. Ficamos um pouco apertados, mas nem é preciso pisar nos pés de ninguém, a gente dá um jeito em tudo, certo? Não tem lugar pro comércio, pros navios de passageiros, pra tanques de carenagem, trabalhos de ampliação. A banheira servia pra nós e ainda serve. Esse Lauro era assim com o Mussolini, depois, quando chegamos nós, os libertadores, foi detido, por uns dias, pra tomar pé na situação, encontrar um *business* pra todos, e dom Achille se revelou um homem inteligente, como podemos perceber, vendo que por seus próprios méritos tornou-se armador. Os estaleiros e os navios foram parar em Gênova, dom Achille mantém o povo afastado dos comunistas, e nós e a Sexta Frota tomamos banho todos os dias pra continuarmos cheirosos. Agora diga uma coisa, Steve: você daqui vê o estado italiano?

— Entendi, dom Salvatore.

— Eh, Steve, pra você não precisa mais que duas palavras, pega tudo no ar. Steve Cimento, seguro: forte como um touro e nada bobo, de confiança como nenhum outro e mudo feito um túmulo. Mas até com o pau do touro você ficou? Desculpe, Steve, não consigo me conter, mas me deixe acabar o discurso e beba mais um pouco, que a abstinência acabou! Será que os *picciotti* de Palermo e os moleques de Alcamo sabem o que é o estado italiano? E todos os ricos e pobretões que gostariam que a Sicília entrasse na federação dos *States*? O que é o estado italiano? Alguma coisa pra comer? Em Milão e Palermo, em Turim e em Reggio Calabria nem falam a mesma língua, nem se entendem, você já percebeu? O

estado italiano faz, diz e pensa o que se decide em Washington DC. E como Washington está cheia de politiquinhos e juizes filhos-da-puta e chupadores que falam besteiras e contam mentiras e bancam os paladinos da justiça, agora aqui também, como se diz em Nápoles, "até as pulgas têm tosse", e começam a encher o saco. Agora inventam que nós fornecíamos a droga para aqueles pervertidos de Roma fazerem festas, orgias, porque vai ver que o pau deles não funciona sem ela. Que tinha políticos e outras pessoas importantes, que comem e matam as moças, depois jogam os corpos na praia. Que o tal do Montagna vinha pra Nápoles buscar a droga, de mim! Tudo coisa inventada, mentiras, histórias de moleques, boas pros jornais. E sabe quem é que inventa essas merdas, Steve? Um filho-da-puta americano como eu e você! Aquele tal Charlie Siragusa, miserável falido que está tentando fazer carreira vindo aqui dar aulas à polícia. Steve, pense nos policiais italianos. Gordos, preguiçosos, suados e cagões. O filho-da-puta do Charles está lutando uma batalha perdida. Mas até nas batalhas ganhas morre algum soldado do exército mais forte. 'Stu Siragusa 'un vali nada, Steve, nada. Enche um pouco o nosso saco, mas é um falido. Só com infames, com delatores, é que podem ir adiante, mas eles têm que arranjar uns bons, não Abbatemaggio, esse velho louco. Tem *uttant'anni* e há *quaranta* é um desprezível! Não sabe de nada. Não se preocupe, Steve, eles ainda vão nos pedir desculpas de chapéu na mão, que devem tudo a nós, somos importantes demais, nós os modernizamos, não é mesmo, Cip? Coma um biscoitinho, querido do papai. Todas as pessoas importantes, de dinheiro e que têm temor a Deus vêm e continuarão vindo à minha loja negociar uma lavadora ou o último modelo americano de TV, né, Steve? Agora todos estão atrás dela, todos querem essa nova maravilha do progresso. Uma porcaria que os faz esquecer das dívidas, dos cornos, dos problemas e do fato de serem uns bostas, você concorda, Steve? Agora todos babam por um aparelho de TV, e quem não tem condições arruma mais dívidas. Eles se preocupam tanto com os comunistas, mas o comunismo, Steve, nunca vai entrar aqui, eu lhe asseguro, não é só porque nós estamos aqui, é porque os italianos são preguiçosos demais, gostam de vender o futuro pra

ajeitar o presente, ganhar só pro dia e engravidar todas as mulheres em que colocam as mãos. Não, Steve, nada de comunismo por aqui. É cansativo demais.

— Nada de comunismo, dom Salvatore.

— Satisfaça uma curiosidade minha, Steve, esse garoto que você leva grudado, é de confiança? Vocês têm algum negócio juntos, a mãe dele alisa o seu pau todos os dias, faça-me entender.

— Dom Luciano, o garoto é um dos que levam as apostas no hipódromo. Como dizem aqui, é um bom *guaglione*. Esperto também. Mas não tem experiência. Acabou na cadeia no começo do ano por um furto e, enquanto estava preso, o arrombado do delegado, que agora não me larga, lhe fez muitas perguntas sobre os nossos assuntos e sobre mim. Quando saiu, estava assustado, veio me procurar, contar tudo, que não era um infame, que estava à disposição. Então pensei que era melhor ficar com ele por uns tempos, assim ninguém podia lhe fazer outras perguntas ou propostas esquisitas. Mas, dom Salvatore, o rapaz está sob a minha responsabilidade. Não se preocupe.

— Está certo, Steve, cuide dele, mas não deixe que faça besteiras, você já tem problemas de sobra, certo? Aproveitando, mais uma coisa, Steve, no fim do mês vou sair por uns dias, vou para Meta di Sorrento, na residência daquele “Cavaliere del lavoro”^[80] respirar um pouco de ar bom e tomar aquelas maravilhosas raspadinhas de limão. Uma semana, dez dias no máximo. Gostaria que você ficasse na cidade até a minha volta: venha dar uma olhada na casa, vá até os rapazes no porto, algumas cobranças, peça ajuda ao Vic.

— Na verdade, dom Luciano, estou um pouco cansado. Gostaria de pedir uns dias de descanso.

— Claro, Steve! Como não! E não sei que até Steve Cimento é um homem de carne e osso? É a primeira vez que ouço você pedir algo assim, sabe? Mas eu já tinha pensado nisso. Quando eu voltar, você tira um mês inteiro, vai aonde quiser, Steve, faturar uma puta depois da outra. Sei que aqui você sofre, não demonstra por respeito, mas sente falta de Nova York como do oxigênio. Já falei

com Albert Anastasia: no fim do ano você volta pra eles. Imagino a cara que fizeram! Quem não gostaria de ter o Cimento cuidando dos seus negócios?

— Obrigado, dom Luciano. Pra mim foi uma honra ficar à sua disposição. Ainda que não visse Nova York nunca mais.

— Não, Steve, você merece toda consideração, já estou preocupado pensando no tempo em que não estará mais comigo.

Capítulo 39

Gênova, 27 de junho

— Tem certeza que este é o caminho certo?

— Claro, já estive aqui antes.

Fora da janela, um labirinto de vielas e galpões corria sempre igual.

— Quando acaba este porto?

— Nunca. Por isso é um bom lugar pro contrabando. Quando é que os policiais vão encontrar a mercadoria nesta zona!?

Estacionaram o caminhão. Ettore e Pierre desceram e ficaram ao lado de navios imponentes, exibindo bandeiras de metade do mundo.

Pierre foi atrás do compadre olhando para cima. Os guindastes trabalhavam sem parar, os estivadores jogavam sacos de 50 quilos nas costas como se fossem bolas de futebol. Ettore deu-lhe uma cotovelada e estendeu os bíceps, rindo por debaixo dos bigodes.

— Como você disse que chama o navio?

— *Querida*. Vem da Venezuela.

— Como é a bandeira da Venezuela?

— Sei lá.

— Dá pra confiar nesse tal de Paolino?

— De olhos fechados. Foi *partigiano*, dos durões. Durante a guerra as SS o torturaram, quebraram-lhe todos os dentes e ele não

soltou um pio.

As letras pretas apareciam no costado cinza: *Querida* e embaixo, menores, *Caracas*.

— Aqui está.

Ettore se aproximou de um grupo de estivadores, trocou algumas palavras e eles lhe indicaram a passarela.

Um homem enorme a ocupava por inteiro. Usava uma camiseta listrada de mangas curtas e um chapéu de marinheiro. Os braços eram azuis de tantas tatuagens: sereias e dragões que se perseguiam ao longo dos músculos. Um toco de cigarro quase apagado pendia dos seus lábios, como parte integrante da cara curtida pelo sol. Impossível imaginar sua idade.

Sua boca torceu-se naquilo que deveria ser um sorriso: os nazistas não tinham deixado muita coisa lá dentro.

— Olá, Ettore. Faz tempo...

— Uns dois anos.

— Quem é o rapaz?

— Um dos meus.

Paolino indicou um dos depósitos:

— Acabamos de descarregar os tonéis.

— Bom — disse Ettore acendendo um cigarro. — Conte aí, como é a Venezuela?

— Quente.

Quando acabaram de carregar os tonéis de diesel no caminhão, Paolino quis oferecer uma bebida.

— Você viaja muito? — perguntou Pierre, depois de experimentar o vinho.

— Sempre.

— Deve ser interessante viajar pelo mundo.

O outro olhou para ele como quem olha para um monte de merda na calçada:

— Os portos são todos iguais. Mesmas putas. Mesmas caras de condenados — selou a frase com uma escarrada escura no chão

da taberna.

Nenhum dos fregueses ficou escandalizado.

Pierre se encolheu, mas não desistiu.

— Será que tem vaga num desses navios?

O marinheiro sorriu:

— Pra ir até onde?

— Só ir embora. Não importa pra onde.

O sorriso dele se abriu:

— De vez em quando aparece alguém que quer ir embora por causa de problemas com a justiça. Mas têm que ser dos nossos e precisam pagar. Os contatos existem. Na América do Sul conheço um monte de gente.

— Quando você vai embora? — perguntou Ettore, tentando cortar a conversa.

— Bom, vamos descer até Nápoles, na volta paramos em Civitavecchia e Livorno. Depois subimos novamente. Daqui a duas semanas voltamos pra América do Sul. E vamos ficar lá por um bom tempo.

— O combustível é fácil de vender. Posso negociar quanto você quiser.

— Vou lembrar disso.

— Agora é melhor ir andando. Precisamos chegar a Bolonha até a noite. Adeus, Paolino.

— Adeus, velho, até a próxima.

— Que foi, o gato comeu sua língua? — perguntou Ettore enquanto saíam da cidade.

— Como...?

— Está pensando em mulher ou pegou no sono? Olho na estrada.

Abaixo deles, via-se todo o panorama do porto. Daquela distância os navios pareciam brinquedos, mas Pierre acreditava ser capaz de se lembrar do nome de todos.

Albatros, Marseille. Fathers Blessing, Monrovia. Saint George,

Plymouth. *Catarina*, Buenos Aires. *El Loro*, La Habana. *Querida*, Caracas.

— Preciso de dinheiro, Ettore. Quer dizer, além daquele que lhe devo.

O amigo lhe lançou um olhar estranho:

— Pra ir à América do Sul?

— Se aparecer algum trabalho grande, lembre de mim. Não tenho medo do risco.

Ettore riu:

— Vai aparecer uma oportunidade boa pra você também.

O arco da baía de Gênova se abria para o mar. Os navios eram flechas apontando para mil direções.

Capítulo 40

Hollywood, Califórnia, 28 de junho

*If I should suddenly start to sing
or stand on my head or anything
don't think that I've lost my senses
it's just that my happiness finally commences.*

George e Ira Gershwin. “*Things Are Looking Up.*” Um bom sinal. A voz de Grace, do camarim. Hitch sorriu.

— Como é que ninguém nunca fala de Luís XV?

— E por que haveriam de falar, desculpe?

— Quero dizer: sempre fazem referência ao Luís XIV, ou seja, o Rei Sol, ou ao Luís XVI, que os revolucionários mandaram pra guilhotina, mas nunca falam nada daquele que estava no meio. Não existe um estilo Luís XV, que eu saiba. Estou certa?

— A respeito do quê?

— Do estilo Luís XV. Já ouviu falar nele?

— Pra dizer a verdade, nunca.

— Será que pularam o número?

— Quem?

- Dos Luíses.
- E por que faziam isso?
- Bom... Será que na França o quinze dá azar?
- Nem desconfio.
- Já sei! Vai ver que o herdeiro de Luís XIV não se chamava Luís. É como os Papas!
- Como assim?
- É que o novo Papa não precisa usar o nome do seu antecessor. Quem sabe se entre os dois Luíses teve um, sei lá, um João.
- Sou obrigado a dizer que você me pegou desprevenido, querida.
- Talvez eu esteja errada. Luís XVI não teria se chamado assim se não houvesse antes um de número XV.
- Do que estamos falando mesmo?
- Quando tivermos um filho, você não vai querer que ele se chame Cary, certo?
- Você acha que este é o momento de...
- Está certo, está certo. Ainda não é o dia. Ouça, tenho de ir à minha reunião de *Power Zazen*, a gente se vê mais tarde.

Em Hollywood, nos estúdios da Paramount, Cary e Betsy assistiam aos preparativos da grandiosa e brilhante cena final de *Ladrão de Casaca*: o baile à fantasia, a noite dos imbróglis. Hitch se exibia entre admiradoras visitantes e perucas gigantescas, espartilhos racha-costelas e papagaios de passeio, máscaras exóticas, panos e brocados... Betsy tinha perguntado se o estilo das fantasias era Luís XIV ou Luís XVI. Cary não sabia distinguir só de ver, mas tudo lhe parecia muito barroco, portanto mais XIV que XVI. Cary pensava em outra coisa. Pensava nos sonhos das últimas duas semanas. Pensava no senador McCarthy que, depois de ter acusado o Pentágono de ser um covil de comunistas, se deu conta de que tinha atirado alto demais. Os observadores políticos diziam que sua carreira de caçador de bruxas duraria até o Natal. O FBI também parecia ter

sido pego de surpresa, sem palavras nem estratégias: por mais poderoso que Hoover fosse, o Exército era o Exército. O fim de um pesadelo, em todos os sentidos.

Frances Farmer tinha vindo visitá-lo. Usava as roupas de Grace e dizia frases de Elsie. Chamava-o de Archie. Falava muito de McCarthy.

Archie, nem sei onde estou hoje. Em algum lugar da América. Quem me vê, cutuca o amigo e diz: "Ela já foi comunista, veja em que estado a gente fica!" Hoje o amigo poderia responder: "Você vê comunistas por toda parte". Não é uma desforra, ninguém nunca me vingará. É um paradoxo. Os cavaleiros mercenários entram em Toledo e acabam com a Inquisição, mas para mim é tarde demais: não há mais espaço entre uma parede e outra. O caçador de bruxas dará seu nome a esta época. Será o contrário, qualquer lembrança minha desaparecerá tão profundamente que nenhum médium será capaz de invocar meu espírito. Nem você poderá fazer isso.

Vim encontrá-lo tantas vezes, Archie. Não procurei Clifford. Não procurei outras pessoas muito mais culpadas que você. Não visitei mais ninguém. Vim até você, porque você precisava de mim. Isso mesmo. O destino é um diretor hábil e irônico, Archie. Eu, estrela cadente, saí de sua vida no momento em que sua mãe retornava a ela, cometa anunciando renascimentos. Ao mesmo tempo que uma mulher considerada morta ressurgia dos porões dos manicômios, outra mergulhava neles, e hoje parecem acreditar que está viva.

No mundo não há um Orfeu para cada Eurídice. Mas você é Orfeu, é o Acrobata cujos saltos encantam as feras, paralisam rios e ventos. É o homem que revelou os mistérios dos ritos aos plebeus, por isso os demônios o odeiam e as bacantes querem fazê-lo em pedaços. Você atravessou o Mundo Subterrâneo à procura do meu fantasma, à procura de si próprio, do seu desdobrimento e de sua mãe. Você cumpriu seu dever contra o Borrador de telas, atravessou correndo os desertos, as colinas iluminadas pelas fogueiras da caça

às bruxas, perseguido por cães, escapou das emboscadas para encontrar o Homem do Oriente, e não está ofegante.

Archie, você é o burro de que Apuleio falou. É a palingênese. Não precisa se sentir culpado, nem por mim, nem por você mesmo, nem por Cary. Cada homem tem uma missão diferente para cumprir. Há mais de uma maneira de salvar as bruxas. "Things Are Looking Up". Vamos brindar ao fim do Inquisidor.

*Bitter was my cup
but no more will I be the mourner
for I've certainly turned the corner.
Oh things are looking up
since love looked up at me.*

Grace saiu do camarim, pronta para interpretar "Frances" pela última vez, feliz e sem saber o que estava acontecendo, mortes presumidas e renascimentos, palingenesia e descidas ao Mundo Subterrâneo.

A canção não queria sair da cabeça e dos lábios.

Capítulo 41

Bolonha, 29 de junho

Itália eliminada.

Levou quatro no desempate com a Suíça. Todos de volta para casa.

Gás tinha se iludido. Além do campeonato mundial, o verão televisivo não oferecia grande coisa. Era o caso de voltar a falar no assunto no outono, com mais calma. Mas não. Melega e Bortolotti tinham ido visitá-lo. Precisava arrumar logo o novo televisor. Queriam ver o programa dominical *Anche oggi è domenica*.

Um programa ignóbil. Os ouvintes enviam cartas. Declaram seus desejos. Eles escolhem dez para atender.

Um velho de 90 anos tinha ido a Roma quando pequeno. Tinha jogado uma moeda na água da fonte de Trevi. A lenda diz que aquele gesto assegura uma segunda visita, mas o velho nunca mais voltou a Roma. É possível resistir à dupla tentação de salvar uma antiga lenda e satisfazer o sonho de um moribundo? Não. *Anche oggi è domenica* atende ao desejo. O velho sorria diante da fonte. O povo se comove.

Um imigrado italiano nas minas da Bélgica se casou por procuração com uma moça da Calábria. Nunca se viram. Ele não tem dinheiro para a viagem. Quem vai tornar possível o encontro? Certo.

Uma menina de Florença ganhou uma bicicleta do pai. No

mesmo dia ela foi roubada. Agora o pai não pode comprar outra. Tranqüila, pequenina: *Anche oggi è domenica*. Uma bicicleta idêntica chega até a menina sob o olhar satisfeito das câmeras de televisão.

Gás fez uma gracinha: por que vocês também não escrevem para eles? Juntamos todas as nossas economias para comprar uma TV, mas um raio caiu sobre a antena e acabou com ela. Agora as nossas crianças choram porque não podem assistir ao seu programa. Pedimos ajuda.

Gás escapou por pouco de levar uma bofetada.

— Escreva você, a cartinha.

— Os caras percebem se você aparece com mentiras — tinha insistido Bortolotti. — E depois denunciam.

Gás tinha prometido e tinha se esforçado. Achou um trouxa disposto a ficar com o McGuffin em troca de um Phonola. Menor, mas sempre luxuoso.

O relógio da cozinha marcava cinco horas. Precisava andar logo. Enfiou os dedos nas ranhuras laterais do bicho e o levantou da mesa com grande esforço. A ciática pediu mais respeito.

Dirigiu-se à porta.

O gato se enroscou nos seus pés, atrás de uma bolinha.

Perdeu o equilíbrio. Acabou no chão. Encolheu o cotovelo que tinha batido no piso.

Levantou os olhos e tornou a fechá-los. Não queria ver.

Putá merda!

A tela estava rachada. A placa de trás tinha soltado. O gato remexia dentro, à procura da porra da bolinha.

Deu-lhe um chute para que fosse embora. Ajoelhou-se atrás do aparelho para ver se era possível recolocar a placa. Problema menor, considerando as condições da tela.

Logo de cara, não entendeu.

Que diabos estavam fazendo aqueles tijolinhos brancos dentro do televisor?

Em seguida, entendeu metade.

Eis por que aquele troço não funcionava. O problema era esse. Tinham tirado o mecanismo dele e recheado para que não notassem a diferença. Engenhoso.

No terceiro momento, entendeu três quartos.

Tijolos esquisitos. Não podiam ter colocado pedras?

Esticou a mão. Verificou o peso. Desenrolou o papel celofane.

Pó branco.

Puta merda!

Tinha entendido.

Ia pôr a mão nos cabelos, mas só conseguiu alisar a cabeça pelada. Ele nunca tinha nem *visto* aquilo. O que era? Cocaína, heroína, morfina? Quem é que tinha posto aquilo ali, dentro do televisor? O pacote parecia estar em brasa.

Tentou se acalmar. Bom, velho, você tem aí quanto? Dez quilos? Vinte? Do quê? Heroína? Cocaína? Tudo indica que você está, teoricamente, rico.

Teoricamente: não conhece ninguém que possa dizer o que é. Ninguém que possa dizer o quanto vale. Ninguém capaz de comprar aquilo. Ninguém.

Tentou se acalmar. Por enquanto, tem que dar um jeito de esconder a coisa. Depois vai telefonar a Fattori para dizer que não vai mais vender o aparelho. Depois acha uma tela nova e coloca dentro tijolos de verdade, vende. Mas, por enquanto, precisa esconder isso.

Teoricamente, você está muito rico.

Capítulo 42

Nápoles, 30 de junho, 13 horas, durante o eclipse parcial do sol

O navio de turistas que fazia a travessia Gênova-Nápoles naufraga. Não tem botes salva-vidas nem bóias, e os passageiros se jogam ao mar. A costa está longe e todos se esforçam para vencer a distância a nado. Mas, para surpresa das pessoas à espera na praia, só dois napolitanos que estão voltando para casa se salvam. Quando chegam à praia, alguém pergunta:

— Como vocês conseguiram? Devem estar exaustos!

Eles respondem, como sempre, gesticulando:

— Não, tranqüilo, só viemos *parlando, parlando...*

O rapaz tinha contado essa. Na longa viagem de volta da França. Não tinha parado de falar. Cabeça-de-merda. Coisa de loucos, era só o que faltava. Salvatore.

O que podia fazer? Ficar livre, sumir com ele?

Não.

Steve, você ficou velho?

O rapaz sabia quase tudo. Demais, sem dúvida. Tinha uma vocação natural para arrumar encrencas, mas irradiava energia, vida, de cada centímetro de pele.

O instinto dizia: o problema não é o rapaz. Você tem outros.

“E agora todos a procuram, todos a querem, esta nova maravilha do progresso, não é mesmo, Steve?”

Merda. Será que o velho sabia de tudo? Será que falava só para ventilar aquela boca do caralho?

Cuidado, Steve. A bolinha está rodando.

Rien ne va plus.

O número jogado, sempre o mesmo. Quinze. Os quilos afanados do Luciano. A aposentadoria. Três já entregues, mais doze dentro do McGuffin. O televisor. Em Bolonha. Caralho.

“Stiiiv! Você não tem idéia, nem pode imaginar o que fizemos, eu e a Lisetta. Também com a ajuda do seu carro, claro. Tente adivinhar, Stiv, tente. Não? Tá bom, eu digo: achamos. Está em Bolonha”.

Certo, ok, Bolonha. Podia ter razão. Mas na mão de quem? E além disso, depois de tanto tempo, o pó ainda estaria lá dentro?

Quase impossível.

O *rendez-vous* além fronteira estava para acontecer. Toni Cabeça-de-defunto estava ansioso para receber sua última comissão. *Monsieur* Alain mantinha em cima dele o bafo fedido dos seus amigos parisienses: pseudo-artistas, exploradores do meretrício, músicos decaídos.

“Falei com Albert Anastasia: no fim do ano você volta para eles. Para Nova York. Já estou pensando no tempo em que não estará mais comigo.”

Luciano, o bastardo mais filho-da-puta da Terra. Olho apagado que enxergava longe. Atrás dos cantos, atrás dos muros. Dentro dos hipódromos, dentro dos televisores. Por isso estava vivo ainda. E ainda era o chefe.

Que chance teria? Pergunta inútil, agora.

Precisava se mexer. *Rien ne va plus.* Tentar. O salto mortal triplo de Cimento Zollo.

Bolonha. O caminhoneiro.

Além fronteira, Alain o gordo. Com ou sem o pó: esquemas diferentes, mesmo resultado.

Paris. Aeroporto.

Para onde? Será que existia um cu que o pau do Luciano não conseguisse arrombar?

“Enquanto estavam rodando o filme, Stiv, tinha dois sujeitos, italianos também, que falavam com um ricaço daqueles lados lá, um tipo de imperador chinês, que comprou um diamante enorme, uma coisa assim que custa nem sei quantos milhões. Diziam que se chama Durban. O diamante. E que vem da Cidade do Cabo, que é na África do Sul. E que na África do Sul, naquele lugar, está cheio, entendeu Stiv, cheio daqueles diamantes. Tanto que eu até pensei: mas por que não vamos pra lá, Stiv, vamos procurar, compramos e voltamos aqui pra vender, hein, Stiv? Com tantos podres de ricos que gostam muito dessas coisas. Claro, antes teríamos que falar com aquele chefe da cidade. Senão ele vai ficar puto, ou não, Stiv?”

Durban.

Cidade do Cabo.

América do Sul. Por que não?

Longe. Quente. Mar. Negócios.

Improvisar, podia ser a solução.

Cidade do Cabo. Por que não?

O menino tinha rabo. Já tinha demonstrado. Indicava o caminho.

Iria com ele. Em Nápoles é que não podia ficar. Depois decidiria.

A bolinha está rodando, Steve.

Uma sombra está escondendo o sol.

Não é possível ser Cimento a vida toda.

Capítulo 43

Bolonha, 30 de junho, pouco depois do eclipse

O Certosa estava quase deserto. Não era dia de visitar os mortos. No verão as pessoas querem pensar na vida, além disso quase todos estavam na praça ou nas colinas observando o eclipse.

Não ficava triste nos cemitérios. Quando eventualmente ia, ficava lendo os nomes nas lápides, com as datas, as fotos, as frases em latim, e pensava em cada vida escondida num túmulo, em como teria sido. Imaginava existências truncadas subitamente, ou consumidas aos poucos, até a última gota. Pensava nos parentes e amigos que aquelas pessoas tinham deixado.

Como estava adiantado, gastou o tempo daquela maneira. Andou lá pelo meio, com as flores na mão. Quando o coração começou a bater forte, soube que ela tinha chegado. Levantou os olhos, lá estava ela.

Não foi ao seu encontro, caminhou pela alameda até o túmulo, parando para esperá-la ali em frente.

Angela também tinha levado flores. Lírios brancos.

Pierre pensou que aquela mulher tinha mais classe que muitas filhas de burgueses. Era algo inato, talvez. Ou simplesmente era gosto, observação dos detalhes, estar no mundo com graça.

A foto retratava Fefe sorridente.

Precisava contar para ela. Tinha tanto para dizer, nem sabia

por onde começar.

Ela olhou para ele. Suas feições estavam menos tensas, tinha uma estranha luz nos olhos.

Pierre quase se assustou.

Ela colocou as flores no vaso.

— Queria te dizer que decidi ir embora.

Ele recebeu a frase como um soco no estômago.

Só conseguiu murmurar:

— Pra onde?

— Não sei ainda. Tenho um pouco de dinheiro guardado. Mas aqui não posso ficar mais.

Ele precisava tentar, agora ou nunca mais.

— Vamos juntos. Eu também quero ir embora. Não agüento mais isso tudo.

Angela olhou para ele quase com um sorriso, o primeiro depois de semanas.

— Não, Pierre. Vou embora sozinha.

As palavras ficaram atravessadas na garganta dele.

Pierre sentiu que havia um mal profundo dentro dela, alguma coisa que a marcaria para sempre, uma barreira de ódio e dor levantada contra o mundo.

Ela dirigiu o olhar para o túmulo.

— É a única maneira de dar um sentido ao que aconteceu. Para que Fefe não tenha morrido em vão. Ele queria que eu fosse livre.

— Queria que você fosse feliz, Angela.

— Quando ele entendeu que eu não podia ser, decidiu me libertar. Ele nos deu uma lição, Pierre, a todos nós. Era fraco demais para se rebelar. E eu agora estou triste demais. Em toda a minha vida, nunca pude escolher. Alguém sempre escolheu por mim. A necessidade, a má sorte. Agora estou sozinha. Quero recomeçar do início, em outro lugar. Aqui só existem más recordações.

Pierre teve vontade de chorar, mas se conteve.

— Eu também sou uma dessas más recordações?

Aquele meio sorriso outra vez:

— Não. Mas você também precisa decidir sozinho. Não pode

continuar na incerteza. O que você tem não basta, e o que você quer, eu não posso dar.

— Eu quero você.

— Não é verdade. Nenhum de nós sabe o que quer. Só sabemos que aqui não temos futuro. Por isso precisamos ir embora, cada um pelo seu caminho.

Angela lhe parecia gigantesca, como se sempre a tivesse subestimado, como se a pessoa que tinha amado agora fosse outra, mil vezes mais dura e forte que ele. Depois que a dor a feriu profundamente, era agora feita de ferro.

Encostou a mão no rosto dele.

— Gosto de você, Pierre. Mas você não pode partilhar minha dor. Ninguém pode.

Pierre ouviu novamente a batida daquela porta que se fechava, deixando-o no escuro.

Não conseguia pensar em nenhuma frase brilhante, salvadora. De nada valia a expressão do rosto ou o olhar certo. Ficou ali, imóvel, enquanto ela lhe dizia adeus.

— Posso pelo menos pedir um último abraço?

— Não. Melhor não.

— Um abraço não se nega a ninguém.

Ela o olhou como se olha uma criança, detendo-se na camiseta justa e nas calças apertadas.

— Parece um pugilista pronto pra pular em alguém.

Disse isso com ternura. Gostava dele. Mesmo.

— Adeus, Pierre.

Pierre engoliu a vontade de chorar. Era assim que acabava tudo? Era assim que a deixava ir embora?

Nada de lágrimas. Nada de voz embargada. Permanecer à altura da situação.

Cerrou os dentes, correu até ela, colocou-lhe um papel na mão.

Angela olhou, perplexa, para ele.

— É o endereço de uma família inglesa. Fanti me deu e nele eu confio: é gente boa. Fanti vai escrever para eles, vão ajudar você. Vá procurá-los, Angela.

Por um instante viu brilhar nos olhos dela a mesma luz pela qual tinha se apaixonado.

Entendeu que isso lhe bastaria. Pela vida toda, se necessário.

Capítulo 44

Bolonha, 1º de julho

Dez horas dirigindo, três cafés, dois comprimidos de *Simpamina*^[81].

O amanhecer perto de Siena. Florença, outro comprimido, Bolonha.

Estacionar o carro. Instruir o Cabeça-de-merda. Separar-se, cada um para um lado.

Manhã de investigação.

Os bares, as praças principais, os pontos de táxi. Os taxistas sabem tudo de todos. Rodam, ouvem, vêem. Os taxistas circulam pelo mercado negro. Transportes do varejo e contatos.

O sol das oito esquentando a praça. Um pombo se fartando com uma casca de pão. Grupinhos se formando sob uma espécie de castelo.

São criadores. São camponeses. Discutem a compra de vacas, toneladas de beterrabas, batatas e bezerros. Mas onde você foi parar? Na Idade Média?

Você joga a pergunta. Um tal de Ettore, um tal caminhão. Obtém olhares ausentes. O retrato falado se espalha como um eco. Um que faz transportes entre Nápoles e aqui. Ouve grunhidos indecifráveis e cabeças oscilando. Último enquadramento: o bronco em primeiro plano tem os bigodes tipo guidão mais incríveis que já

apareceram.

Você vê um bar no outro lado da rua.

— Stiiiiiv!

Corre para você agitando os braços e berrando. Você congela os olhos e aperta o indicador entre nariz e queixo. Quando vai aprender a ficar calado?

Chega perto. Você agarra no ombro dele, arrasta-o para o muro.

— Que diabos está berrando?

Fala baixo, *agora*. Você mal entende o que ele diz.

— Achei, Stiv, está contente? Ele tem um galpão bem atrás do hospital novo, reto por aqui.

O hospital novo é um enorme canteiro empoeirado. O homem pára a escavadeira e indica, além dos andaimes, a zona dos galpões.

Depósitos de material de construção, pátios de ferrovias, amontoados de sucatas. Puxa o freio de mão, desce, pergunta. Sai, entra outra vez, dá a partida.

O sono esmaga a cabeça. A *Simpamina* o devolve ao remetente. Acerto na quarta tentativa. Um fulano com cara de babaca.

— Ettore não está. Foi fazer entregas.

— Não faz mal, talvez você possa me ajudar. Estou procurando um televisor. O senhor Cammarota, de Frosinone, disse que vocês...

O babaca interrompe:

— Um televisor? Ah, sim, acho que eu lembro. Um televisor bonito, grande?

— É, bem brande.

— Então é esse mesmo. Nós entregamos num bar em San Donato.

Bar Aurora. Chegamos.

Empurra a porta, olha ao redor. Os velhos levantam a cabeça

das cartas. Nada de televisores, mas no outro cômodo, no fundo, o estalo de bolas no bilhar. Uma esperança.

— Pois não?

— Só uma informação: procuro um televisor, grande, de marca americana, disseram que vocês têm um aqui.

— Tínhamos.

Shit! Tirem o ímã do zero. Toni, prepare o canhão, nós vamos ter que cobrar sem a mercadoria.

— Então vocês tinham?

Um dos velhos vira na cadeira:

— Era uma porcaria, não funcionava. Então pedimos ao sujeito que vendeu que o trocasse, e já passaram dez dias e aquele ordinário não aparece.

— Estão falando do Ettore?

— Não, não. É do Gás, quer dizer, do Castelvetri. Gaggia, você que tem memória, qual é o nome dele?

— Adelmo.

— Adelmo Castelvetri? Vocês sabem onde ele mora? Posso pagar bem por aquele televisor.

— Acho que na rua Mondo, certo, Gaggia?

O quinquagésimo cigarro desde o início da viagem acaba na boca, sem que você perceba. A voz do velho:

— Quando encontrar com ele, poderia dar duas ou três bofetadas nele por nossa conta?

O portão está aberto.

— Chegamos, hein, Stiv? Está contente?

Você não tem mais força para ficar bravo.

— Olhe os nomes nas campainhas, vamos.

Primeiro andar: Galassi... Mazzanti... Zaccheroni... Segundo andar: Alvisi... Monari...

Castelvetri.

— Quem é?

— Encomenda do bar Aurora.

Abre. Cabeça de couro engraxada. Reflexo condicionado: um pé contra a porta.

— Disseram que o senhor tem um televisor para vender.

— Um televisor? — o fulano fica branco do queixo à nuca.

— Informaram errado, não tenho nenhum televisor. Até logo.

Empurra a porta sem conseguir fechá-la. Um golpe de antebraço a escancara novamente.

No instante em que você o agarra pelo cinto, a voz do garoto:

— Stiv, olhe, o televisor!

Está no chão, debaixo do cabide. Rachaduras em forma de teia de aranha enfeitam a tela. Está desviscerado.

Você fica cego. Cérebro FORA DE SERVIÇO. Você só vê uma mancha luminosa. Berra como um urso ferido. O soco o atinge bem acima da nuca. Ele tomba ao chão. Você o vira com um chute, se joga no peito dele. Som de costelas quebradas.

— Cadê, vamos cadê?

Você lhe dá uns tapas. Ida e volta. Lambe um dente para fora e tenta falar.

— O-o-o quê?

A mão debaixo da mandíbula, como se fosse tirar a rolha de uma garrafa de champanhe. Um brinde para Steve Cimento.

— Aquilo que estava no televisor, *asshole*. Entregue já. Vamos. Salvatore, revire a casa.

Pânico em nível estelar:

— Não tinha nada dentro, eu juro.

— O caralho, seu bosta. Você estava com pressa demais, na porta.

— Eu juro.

Cuidado, se perder o controle agora, você o mata. Nada de lances inúteis. Controle. Estilo cimentífero.

Procura em um bolso. Faz saltar a lâmina da faca. Você a abana debaixo do nariz dele.

— Onde?

O vômito não o deixa falar. Deve ter cagado nas calças também.

— Na cama. De-dentro do travesseiro. Não me mate, por

favor.

Você corre para quarto. Destripa o travesseiro.

Rien ne va plus.

Quinze.

Capítulo 45

Paris, 1º de julho

Na esquina com a *Rue des Abbesses*, um acesso de tosse lhe cortou a respiração. Apoiou uma mão no muro e a outra contra o peito, dobrado em dois pelos espasmos. Passada a crise, encostou a testa em um cartaz do 14 de Julho e permaneceu assim para recobrar o fôlego. Um homem lhe perguntou se precisava de ajuda. Tinha mais ou menos a idade dele. Devia achar que ele era um octogenário doente.

Recomeçou a andar. As atribulações dos últimos dias tinham feito com que envelhecesse dez anos. A tuberculose fazia o resto. Duas ou três vezes ao dia tinha ataques de ficar estirado. Depois olhava ao redor e decidia que não, não era um lugar digno para bater com as dez. Banheiros públicos, escadas do metrô, uma calçada anônima salpicada de merda. Começava a achar que não conseguiria ir embora à moda dele. Seria por isso que tinha decidido dar um tempo? Se o golpe da joalheria desse certo, partiria. Destino: Martinica. A última viagem do velho guerreiro indiano que escolhe uma bela montanha para morrer em paz.

Não, besteira. Coisa de selvagens, espiritual demais. Aquele Toni de tempos atrás teria dado risada só de pensar. Morrer de bem com o mundo! Melhor cuspir na cara dele a última migalha de pulmão. O atual Toni tinha idéias mais confusas.

Assim que entrou no local, o porco suado lhe fez um sinal de trás do balcão.

— Diga, Joël.

— Ligou um tal de Zollo. Diz que é urgente. Deixou este número.

Toni pegou o papel, pediu um Pernod e foi para o telefone.

Pelas costas, os pés-frios de sempre murmuravam “fantasma”, “irreconhecível”, “caveira”.

Pediu linha. Falou com um desconhecido. Esperou.

— Toni?

— Até que enfim. Já estava ficando preocupado.

— Onde e quando.

— Sospel, logo depois da fronteira, no estacionamento da velha estação. Amanhã de madrugada, lá pelas três.

— Certo. Dentro de 24 horas você terá o resto da sua porcentagem.

— Você é um cavalheiro, Zollo. Foi um prazer trabalhar com você.

— O prazer foi meu. E vê se curte suas férias agora.

Capítulo 46

Nápoles, 2 de julho

E assim, Steve Cimento não está mais em Nápoles. Ninguém sabe por onde ele anda. Trimane diz que ele viajou com o garoto de Agnano. No começo eu fiquei com raiva, depois me acalmei, porque Salvatore Lucania conhece os *picciotti*, ele até os entende, e sabe que não foi culpa dele, é que este país de merda embrulhou o estômago dele como um vinho barato, como um vinho dos *niggers* do Harlem, e eu entendo Steve, porque estômago eu também tenho. Mas Salvatore Lucania precisa ter confiança, saber que um *dog* não vai ficar mijando dentro de casa, saber que um *dog* não tem pulgas nem sarna.

Esse corno do Siragusa queria me enrabar direitinho e o Steve Cimento poderia ser a vaselina, os porcos jogaram par ou ímpar, fizeram uma armação pra ver se Steve Cimento cantava, como um moleque desta bosta ou um infame integrante da camorra do tempo em que aqui tinha dinossauros. E pensavam o quê, que estavam fazendo um festival, onde ganha quem canta melhor? É, e pensavam que Salvatore Lucania é um ricoço, uma babaca de merda, que gosta de levar no cu?

Mas Steve é um bom *picciotto*, no fim das contas. Ele não cantou.

Só que agora o *dog* está com sarna.

Capítulo 47

Bolonha, 2 de julho

— Fuck it!

Zollo fechou o capô com um baque de assustar.

Pagano se encolheu no banco. Prato do dia: ovos virados.

Zollo sentou na direção e acendeu um cigarro. Estava com sono, não dormia havia dois dias e parecia que tinha um tijolo no lugar do cérebro.

— O carburador já era — disse, soltando a fumaça.

Pagano arriscou:

— Vamos procurar um mecânico.

— Este é um carro americano, Cabeça-de-merda, aqui não tem peças de reposição.

Zollo estava furioso, cansado, exausto, mas *precisava* pensar. Naquela noite esperavam por ele além da fronteira. Se não chegasse a tempo, o negócio minguava e adeus, tinha que sair com os pacotes na mala e procurar um comprador sabe-se lá onde. Arriscado demais. Nessas alturas, Luciano devia ter percebido a fuga. O tempo à disposição estava acabando, não tinha mais margem de manobra, precisava pular fora *agora*. As coisas têm um prazo limitado. Sair dele significa se expor. Tinha ficado exposto por tempo demais. A sorte o tinha ajudado a encontrar a heroína. Não podia lhe pedir mais nada. Agora só precisava de uma idéia e uma

corrida final. Com o fôlego que lhe restava.

Pense, Steve, pense. Terá o resto da vida para dormir o quanto quiser. Agora precisa acabar a partida.

Abriu o fundo falso sob o banco e tirou a Smith & Wesson.

Pagano se cagou todo:

— Eh, Stiv, eu sou seu amigo!

Zollo olhou para ele atravessado, colocou o revólver no cinto e abotoou o paletó. Depois enfiou no bolso o carregador de reserva.

Desceu do carro, abriu o porta-malas, pegou a bolsa com as coisas e a enfiou na frente.

Soltou a roda sobressalente e a apoiou no banco traseiro. Com a faca, rasgou a câmara de ar e transferiu os maços de francos para a mala. Antes de fechá-la, colocou alguns no bolso.

— Desça.

Pagano não se fez de rogado. Ficou em pé ao lado do carro, vacilante.

Viu Zollo rasgar os documentos do carro e tirar do porta-luvas todas as besteiras que ele tinha enfiado lá dentro: fichas de lembrança, papéis, mapas rodoviários, cartões-postais.

Rasgou tudo e deixou que o vento levasse embora os pedaços.

As fichas e a chapa foram parar em uma boca-de-lobo.

Uma última olhada: tudo vazio.

— *Let's go.*

Zollo foi andando pela calçada.

Pagano ficou parado, coçando a cabeça.

— Como, Stiv? Aonde vamos?

Zollo parou.

Estava com aquele olhar que dava caganeira.

— Vamos voltar pra França.

— Como? De trem?

Steve Cimento chacoalhou o dinheiro.

— Com isto. Vê se me acompanha, porque, se fizer besteiras, meto um tiro em você.

Estava sério. Seriíssimo.

Pagano correu para alcançá-lo.

O depósito estava imerso no mormaço de verão. Ettore, sentado na cadeira de balanço, deixou que os dois fulanos se aproximassem. Que eram de fora dava para perceber logo.

Quando começaram a falar, ficou confirmado.

— O senhor é aquele que trouxe o televisor americano de Frosinone até aqui, certo?

Ettore balançou a cabeça para não desperdiçar fôlego.

Em tantos anos de tráfico e contrabando, tinha aprendido a enquadrar os homens na primeira olhada. O fulano à sua frente era da categoria dele. Podia reconhecer pelo cheiro. Aqueles que não são nem patrões, nem empregados.

— E o senhor deve ser aquele que estava à procura dele.

Zollo confirmou.

— Preciso estar na França até às três da madrugada. Sem passar pela fronteira.

Ettore alisou os bigodes.

Não era da polícia. Aqueles também ele reconhecia com o nariz. Era um cão encurralado como tantos. E geralmente quem tem aquela pressa está disposto a pagar bem.

— A França é grande.

— Só quero passar pela fronteira.

— Menton?

— Sospel.

— É procurado pela polícia ou pelos sócios que passou pra trás?

Zollo ignorou a pergunta, extraiu uns maços de notas do bolso, que jogou no colo de Ettore.

— Tem outro tanto, quando chegarmos.

O outro contou o dinheiro:

— Francos franceses. Limpos?

— Ganhos no cassino.

— Pra viagem é o suficiente. Levam outra mercadoria? Preciso saber dos riscos que estou correndo.

Zollo hesitou.

— Os riscos são altos. Por isso vou pagar bem. Se não estiver interessado, procuro outro.

Ettore olhou para a sacola que Zollo segurava firme.

— A bagagem é só essa?

— É. Somos dois. O rapaz também vai.

Pagano fez um sinal de saudação que acabou saindo completamente ridículo.

Ettore pesou os prós e os contras. Era um bom dinheiro. Ir e voltar. Conhecia o caminho do povo que mora perto da fronteira, já tinha passado por ele outras vezes. Chegar a Sospel era ainda mais fácil que chegar a Menton.

Nem mencionaria o fato ao Bianco. O titular não aprovava transportes no escuro: arriscado demais. Isso excluía também os outros rapazes da empresa. Não era prudente enfrentar a viagem sozinho, sem ninguém na retaguarda. Aquele fulano cheio de dinheiro tinha jeito de quem está metido em encrenca. daquelas sérias. Melhor tomar umas precauções.

Levantou-se e foi até o telefone.

— Alô, Robespierre? Preciso de você esta noite... Venha logo até o galpão, saímos dentro de uma hora... Não me interessa o bar, não era você que queria ganhar dinheiro? Tem bastante, dá pra liquidar a sua dívida e ainda sobra.

Voltamos amanhã. Certo, vê se anda logo.

Ettore saiu da gaiola que servia de escritório e ficou plantado na frente de Zollo que, por sua vez, já tinha acendido o enésimo cigarro.

— Negócio fechado. Partimos em uma hora.

Foi para os fundos e abriu o cadeado de uma caixa de ferro.

Tirou uma Thompson e duas Luger, que enrolou em um cobertor.

Antes de fechar a caixa hesitou um instante, depois pegou também duas granadas.

A vida lhe tinha ensinado a dar ouvidos aos pressentimentos.

Capítulo 48

Bolonha, 2 de julho

O bonde estava meio vazio. Pierre foi sentar no fundo e abriu a janelinha.

Bastante dinheiro, Ettore tinha dito. Quanto?

Uma viagem arriscada. Onde? O quê?

Pierre tinha resolvido atender ao chamado sem fazer muitas perguntas, mas, antes de entrar no caminhão, ia querer algumas respostas.

Risco significava: mercadoria muito quente ou grandes probabilidades de controle, por exemplo, na passagem pela alfândega.

Muito dinheiro, suficiente para saldar a dívida e com uma sobra. Cem mil? Seria três vezes o ordenado mensal dele.

Hipótese sem sentido. O jeito era esperar.

O cérebro, desocupado, acolheu um novo inquilino.

Quem sabe se Angela já tinha falado com Montroni. Quem sabe o que eles diriam. Pierre a imaginava fria, determinada, como a tinha visto depois da morte de Fefe. O que ela diria sobre a ficha clínica? Montroni teria suspeitado dele? Ia querer se vingar? Sem dúvida. A partida de Angela era um pontapé na bunda das suas incertezas. O inimigo não daria mais trégua. O inimigo era muito poderoso. A viagem para Gênova tinha chegado na hora certa. O

dinheiro de Ettore, mais ainda. As primeiras coisas certas no momento certo que aconteciam desde o começo do ano. Talvez fosse um bom sinal. Uma mudança da maré da sorte. Melhor não criar ilusões.

Angela. É estranho pensar em uma pessoa tão próxima que talvez nunca mais volte a ver. Você sente um vazio se abrindo, mas não no rumo do futuro, que quase sempre é vazio. É o passado que parece afundar, desaparecer de uma vez por todas, tornar-se fotografia.

Mesmo antes de encontrá-la no Certosa, Pierre sabia que Angela queria partir. Ele tinha dado o contato de Fanti na Inglaterra.

Fez isso porque era ela quem mais precisava. Mesmo sendo forte, era uma mulher sozinha, adúltera, sem trabalho, sem um lugar para ir.

Mas fez também por ele próprio. Para manter um elo que os unisse, o único que ela não cortaria imediatamente. Se decidisse ir a Londres, saberia onde encontrá-la. Fanti traria notícias dela. Ele poderia escrever.

Uma brecada brusca interrompeu os pensamentos. Precisava descer.

Encontrou Ettore, que levava dois galões de combustível até o caminhão.

— Cheguei.

— Muito bem. Ajude a abastecer que já vamos.

Pierre agarrou um dos tonéis e o grande funil.

— Aonde vamos?

— França. Logo depois da fronteira.

Hipótese acertada.

— E quanto nos pagam?

— Ainda não fiz as contas. Pra você são mais ou menos 80 mil.

— Bom. Ajudo a carregar?

— Não, não precisa.

— Não precisa? O que é que estamos levando?

Ettore indicou um fulano grande que se aproximava.

— Ele.

Pierre olhou com mais atenção. Havia algo familiar nele.
Onde já o tinha visto?

... O cretino com o pombo!

Zollo parou diante dos olhos incrédulos de Pierre.

A mente do americano foi atravessada pela imagem do rapaz dobrado em dois pelo vômito, no navio que voltava da Iugoslávia. Entre as pernas, a gaiola com a ave. Os pensamentos lhe entupiram o funil da mente.

Zollo não gostava de coincidências. Não formulou nenhuma hipótese. Não *queria* fazer isso.

Só encrespou as sobancelhas. Deu um passo à frente.

Disse:

— Cary Grant nunca esteve na Iugoslávia na vida dele. Você nunca falou com ele. Ele pessoalmente me disse isso. Você é um idiota.

Foi para o caminhão.

Ettore estava acabando de calibrar os pneus:

— Vamos fazer uma longa viagem, é melhor que haja um nome.

O americano concordou:

— Zollo.

— Bergamini.

Apertaram as mãos.

— Aquele cara vai com a gente? — perguntou Zollo, indicando Pierre.

— Vai. É o meu ajudante.

— É de confiança?

Ettore indicou o depósito, onde Pagano tentava recuperar o bico do ar comprimido que ele tinha acionado sem querer, como se lutasse contra uma cobra.

— E o seu? — rebateu Ettore.

Não teve como acrescentar mais nada.

Os dois passageiros subiram atrás, no baú, onde tinham improvisado assentos com sacos e cobertas.

Ettore assumiu a direção, Pierre ao lado.

Quando o focinho do caminhão adentrou a viela, Pierre sentiu um arrepio nas costas. Não saberia dizer por que, mas teve o instinto de virar para trás e dar uma olhada no depósito.

— Você conhece aquele cara? — perguntou Ettore.

— Estava no navio em que voltei da Iugoslávia. Era um dos que mandavam.

— E ele transportava o quê?

— Não sei. Não vi passageiros a bordo.

— E onde entra o Cary Grant?

— Não, Ettore, é uma história comprida demais, e estou começando a pensar que foi um sonho.

Toda vez que entrava no caminhão ao lado de Ettore, Pierre revia, como do alto de uma torre, os caminhos tortuosos que o tinham levado até ali, cada vez mais afastado da vida "normal", daquilo que as pessoas de bem consideram *lícito*. Um expatriado clandestino, sem documentos, no barco de um contrabandista, depois o porão do bar transformado em depósito de cigarros americanos, depois Gênova, o furto no arquivo da Villa Azzurra e agora esta viagem que o próprio Ettore definia como "arriscada". E, ainda por cima, constante como a artrose, a carteira vazia. O James Bond dos pobretões.

— Vou lhe fazer uma pergunta: como é que você acabou nessa profissão? — perguntou Pierre, enquanto o caminhão descia aos solavancos de Pontelungo, extremo ocidental da cidade.

— Era a única escolha entre assaltar bancos e trabalhar na fábrica — Ettore respondeu, dirigindo-se ao pára-brisa.

Ficou em silêncio até Borgo Panigale, filou um cigarro e

retomou o assunto:

— Na verdade, tentei outra profissão, mas não servia pra mim. Tinha aprendido a dirigir caminhões, quando soldado, e depois da guerra comecei a trabalhar nisso. Tudo bem, mas o patrão pagava mal e eu, pra juntar mais algum, combinava com umas empresas e usava o caminhão pros meus transportes. Um dia o patrão me pegou e me mandou embora. Então decidi: *a fâg da par me*. Vou por conta própria. Tinha um dinheirinho guardado, peguei mais algum emprestado e comprei um furgão.

— E trabalhava sozinho?

— É, especialmente pra umas cooperativas. Aquele foi o problema. Em 49 me chutaram do Partido e adeus cooperativas. Então apareceu o Bianco, um velho companheiro de brigada: “Se quiser, arrumo um trabalho pra você”.

— E como é que eles entraram no contrabando?

Ettore sorriu.

— Eu fiz a mesma pergunta. Bianco me disse: “Ettore, escute o que eu digo: a Itália é uma bota, nós tentamos dar-lhe uma engraxada, mas o lugar de uma bota é sempre o barro. Antigamente, pelo menos, as coisas eram claras: todos sabiam que se você não tinha a carteirinha não podia trabalhar e ainda apanhava. Agora, com a democracia, a sujeira é maior. A lei não é igual para todos. Se você tem amigos, se faz uns trabalhos por aí, pode fazer os seus negócios, fica rico e ninguém diz nada. Senão, azar seu. Isto não pode fazer, isto também não. Enquanto isso, os verdadeiros criminosos faturam milhões. Então eu digo que a minha guerra, agora que não se pode matar mais ninguém, é pôr na bunda daqueles criminosos, dos amigos deles e daqueles que os defendem, ganhar dinheiro mesmo que eles não queiram”.

— Até que ele tinha razão — comentou Pierre, animado.

— De fato, ele me convenceu.

Pierre teria gostado de saber alguma coisa sobre a expulsão de Ettore do Partido. Depois achou que já tinha feito muitas perguntas. A viagem ia ser longa. Podia guardar alguma coisa para mais tarde.

— Stiv, e agora, o que eu faço?

A voz de Pagano chegou até ele de outra dimensão, acima do ruído do motor.

Não era uma viagem cômoda, o baú estava sujo e os sacos em que estavam sentados eram duros.

— Você ouviu, Stiv? Agora eu... — enfatizou o que disse colocando o indicador no peito — ... *c'aggia fa'*. O que eu faço ?

O rapaz estava com uma cara esquisita, parecia conformado com um futuro trágico.

— Stiv, acho que você quer me matar como se matam os cachorros com sarna. Claro que você não me contaria, mas esperaria que eu dormisse ou então ia pedir, "Cabeça-de-merda, pegue aquele cobertor pra mim", eu viro, e *pffft* com o seu revólver que não faz barulho. Depois me joga num córrego quando o caminhão diminuir a marcha.

Zollo não disse nada, acendeu um cigarro sem olhar para ele.

— Enfim, Stiv, queria dizer que eu entendo, isto é, não gosto da idéia de morrer, tenho nojo mesmo e morro de medo, mas sei que você não pode me largar por aí. Já entendi em que pé estão as coisas. Você não pode voltar atrás. Você pôs naquele lugar do dom Luciano — Pagano se benzeu como se tivesse falado no diabo —, e, se ele manda você matar por causa de um tapa, imagine pela droga. Ele nos esfolava vivos, os dois, e usa o nosso couro para limpar os sapatos. E você não pode confiar em mim, porque sou um desgraçado e um inconsciente — encolheu os ombros, baixando a cabeça. — Sabe, Stiv, eu me diverti procurando o televisor. Andamos por aí, vimos um monte de lugares, corremos de carro, eu até dirigi quando você estava na cadeia, fomos pro exterior, no cassino, ganhei todo aquele dinheiro do chinês e ainda fiz um filme, um filme americano, que quando passar no cinema do bairro, todos vão ficar calados e abaixar a cabeça diante do Kociss. — Sorriu. — Enfim, acho que se vivesse noventa anos, Salvatore Pagano não conseguiria fazer mais que isso tudo. Precisava dizer isso, e digo porque pensei muito. Se você decidir atirar em mim, não posso culpá-lo. Eu vendi o televisor, eu coloquei você nesta enrascada.

Ficou em silêncio como se esperasse uma resposta.

Depois, em voz baixa:

— Então, Stiv, o que vai fazer? Vai atirar em mim?

— Ouça bem — disse Zollo, massageando as têmporas — não quero mais ouvir uma mosca voando, entendeu? Preciso pensar. Se continuar falando, não consigo. Quando passarmos a fronteira, você terá a sua parte e irá embora pra onde quiser. Contanto que seja longe de mim, ok?

Pagano arregalou os olhos, enquanto uma curva o jogava para trás:

— Obrigado, Stiv, eu sabia que você era um amigo. Não acreditava de verdade que você quisesse me matar, falei por falar, porque, enfim, bom, se por acaso, digo: por acaso você quisesse me matar, eu teria entendido, não vou dizer que perdoaria, mas...

Zollo sacou a S&W e a encostou debaixo do nariz dele:

— Se não calar a boca, pode ser que eu mude de idéia.

Pagano pediu desculpas, cruzou os braços e ficou quieto.

Zollo sentiu o estômago queimando: café, *Simpamina* e cigarros não era refeição de campeões.

Pense, Steve, pense.

O garoto não era problema. Só precisava mantê-lo longe enquanto fazia a troca. Depois entregaria o dinheiro dele e até logo.

O problema era outro. Toni tinha garantido por todos, e em Toni dava para confiar. Mas poderiam surgir muitos imprevistos. Naquela hora Luciano já devia ter desconfiado. Não podia dar aquele salto no escuro sozinho, precisava de uma cobertura. Alguém que vigiasse as costas dele o tempo necessário para pegar o dinheiro e cair fora. Sospel era um lugarejo de quatro casas, ele precisaria chegar até uma cidade, com uma estação de trem ou de ônibus e de lá seguir para Paris. E de Paris para a África do Sul.

Como é que tinha dito uma vez o velho Sam Giampa, enquanto quebrava os braços dos fura-greves do cais? “O profissionalismo, Steve, é render o máximo até nas piores condições.”

Precisava de um meio de transporte e de um compadre determinado. Lançou um olhar para a cabina: talvez o destino tivesse colocado à sua disposição a pessoa certa.

Última corrida, Steve, última reta. Últimos detalhes de um plano improvisado que está milagrosamente dando certo.

Em poucas tudo estaria acabado. Steve Cimento sumiria para sempre.

Cerre os dentes, Steve, você está perto.

Bateu três vezes na parede do fundo e sentiu o veículo reduzindo a marcha.

Zollo fez sinal a Pierre que viesse para trás, ao baú. O rapaz desceu. Não conseguiu se conter.

— Sir... Quero dizer uma... Pode até não acreditar, mas eu encontrei mesmo Cary Grant.

Na Iugoslávia.

Zollo o mediu da cabeça aos pés:

— Quando esta história acabar, você me explica o que estava fazendo no navio com aquele pombo.

Foi se sentar ao lado do Ettore.

Quando o caminhão partiu novamente, os dois ficaram em silêncio, um concentrado na estrada, o outro na noite que os rodeava.

Zollo não podia se orientar, não conhecia aquele caminho. Parecia que avançavam no meio do nada, Ettore seguia pela escura noite de verão como se tivesse um radar no cérebro. Mas lá fora não havia nada, campos talvez, casas. Raramente cruzavam com os faróis de um carro. Tirando isso, poderiam se considerar os últimos quatro homens na face da Terra.

— E então? — perguntou Ettore acendendo um cigarro. Zollo fez a mesma coisa, nem os contava mais.

— Tenho um problema.

Ettore adiantou:

— Sei. Está sozinho.

Zollo sentiu uma pontada na base do crânio, o aviso que acendia quando os pressentimentos sobre uma pessoa se revelavam acertados.

Fez a proposta:

— Se cobrir minha retaguarda, tem um monte de dinheiro pra você também.

— O que vamos fazer?

— Uma troca.

— Do quê?

Precisava dizer: alguém que põe a vida em jogo, quer saber porque está fazendo isso.

— Droga por dinheiro.

Ettore nem se abalou, os olhos fixos na estrada.

— Quanto?

— O suficiente pra largar essa vida e mudar pra um lugar quente.

Novo silêncio.

— Quem está à sua espera?

— Os compradores. Não devem aprontar nada. Mas nunca se sabe. Outras pessoas também podem estar atrás de mim.

Ettore concordou, tinha entendido que, com aquela pressa toda, o americano devia ter metido na bunda de alguém. Alguém que devia estar muito putô.

— A droga não é sua, certo?

Zollo não respondeu, não precisava.

— Como é que nós vamos confiar um no outro? — perguntou Ettore.

Zollo se deteve sobre o nada da planície do rio Pó, fora da janela. Não havia muitos argumentos à disposição.

— Quantas pessoas você matou? — perguntou à queimadura.

— Não sei. Na guerra você não conta.

— Então estamos empatados. E empatados partimos pro jogo.

Ettore pensou que a resposta era boa. Os dois sabiam que era preciso jogar fora os escrúpulos, deixando só o caminhão seguir adiante. Sabiam que eram sujeitos perigosos. Única garantia: a determinação.

— De acordo.

Zollo abriu a mala e tirou outros maços de francos.

— Um segundo adiantamento.

Ettore só lhe dirigiu um olhar:

— Pode guardar. Acertamos as contas no fim.

Zollo sentiu novamente aquela pontada na base do crânio.

Indicou o baú:

— E os rapazes?

Ettore disse:

— Ficam no caminhão. Terão a parte deles. Mas, se preciso cobrir você, quero o campo livre. Tenho um par de velhas Luger que vão servir.

O caminhão disparou. Os olhos ainda não estavam habituados à escuridão. Perdeu o equilíbrio e foi cair entre os braços do napolitano.

Uma voz perguntou:

— O que está fazendo em cima de mim?

Pierre virou para o lado, sorriu e ofereceu a mão na escuridão:

— Sou Robespierre Capponi, desculpe.

— Sou Salvatore Pagano, conhecido como Kociss, como o futebolista e o chefe indiano. Pode repetir o seu, que não entendi nada?

— Robespierre. É um nome francês. Robespierre era um revolucionário francês. Mas todos me chamam de Pierre.

Kociss continuou sem entender. *Rove* oquê? Bom, o apelido bastava: Pier. Deus, será que ele é bicha? A gente sabe que os nomes franceses... Perto da minha casa morava um que era famoso, um que ensinava o ofício aos *mulherzinhas*, e todos o chamavam de "Sgiacc", mesmo se ele se chamasse Antonio. Enfim, com tanto nome que existe, precisa ir procurar um francês? Quem sabe ele não era bicha. Quem sabe era só francês.

— Você nasceu na França?

— Não, perto de Bolonha. Nunca estive na França.

— Sério? Você *nunca* esteve na França? Pena que a gente vai ficar pouco tempo, Pier. Porque a França é mesmo um grande país.

Tem cada mulher que você nem imagina. Falo por experiência própria: estive na França um mês atrás, rodando um filme.

— Um filme? — O que será que ele entendia por “filme”?

— Acha esquisito, né? Agora porque estamos no escuro, mas tenho certeza que se você me olhasse melhor na luz, me reconheceria. Certamente você já me viu, tenho uma cara que marca. Por isso os diretores me chamam.

— De que filme você participou na França? — Uma ponta de sarcasmo atravessava a pergunta.

Kociss pegou o topete com a mão:

— Pô, nunca me lembro do nome, é um nome americano e não consigo guardar na cabeça. Mas posso dizer como se chamava um dos atores, o melhor de todos, um que antes de falar nele, precisa enxaguar a boca com sabão, espere, espere, Gary Grent?

— *Cary Grant* — corrigiu Pierre, certo de que o napolitano estivesse brincando com ele. Certamente tinha combinado com o outro, o Mister Rocha, que tinha perguntado a Grant *pessoalmente* se por acaso tinha ido à Iugoslávia. Certamente na parada seguinte Ettore contaria que Cary Grant fazia os contatos entre a Stella rossa e o Comando Aliado. Aquela era a coisa que mais o aborrecia. Ter conhecido *um mito* e não poder contar. Como a história do naufrago e de Marilyn Monroe na ilha deserta. Ela se apaixonou loucamente. No quinto dia de sexo desenfreado, ele diz: “Marilyn, se você me ama de verdade, vista roupa de homem e a gente se encontra do outro lado da ilha”. Ela pensa que é um jogo erótico. Mas, assim que eles se encontram, ele pisca, enfia o cotovelo nas costelas dela e diz: “Gianni, você não imagina o que me aconteceu! Incrível: há quatro dias estou comendo a Marilyn Monroe”.

— Você não acredita, certo? — disse Kociss, desconsolado. — Claro: você encontra um cara no baú de um caminhão e ele diz que fez um filme com Cary Grant e Winston Churchill. Mas quem ele está querendo enganar? Até entendo, mas quando o filme sair, olhe bem pra briga no meio das flores. Aquele de camisa marrom.

— Eu acredito — interrompeu Pierre. — Acredito porque eu também encontrei Cary Grant e, quando tentei contar, todos riram da minha cara.

Houve um instante de silêncio.

— Então você também fez um filme com Cary Grant!

— Não, encontrei com ele na Iugoslávia. Um grupo de pessoas estavam atirando nele e eu e o meu pai o salvamos.

— Ah, certo, certo.

Mas o que era aquilo, estava tirando sarro dele? Era um modo de dizer que não acreditava em uma só palavra? Ou quando alguém diz uma coisa que parece uma mentira, e o outro sai com uma maior ainda. Como o fulano com três bolas que no bonde chega perto de alguém e diz:

— Sabe que eu e você, juntos, temos cinco bolas?

E o outro:

— Oh, coitado, você só tem uma?

Kociss cruzou as mãos atrás da cabeça e se largou sobre os sacos. Pierre fez mais ou menos a mesma coisa, embalado pelos solavancos e pelo motor. Um instante antes de adormecer, conseguiu captar o início de um longo monólogo.

— Sabe, *cumpa'*, conheci Cary Grant mesmo, de verdade. E o filme, não é bobeira, não, exagerei sobre ser ator, porque, enfim, estou no começo, foi um caso, foi só uma ponta, mas todos falaram que eu me saí muito bem, eles me pagaram até e tenho certeza que algum diretor italiano... Oh, Pier, você não está ouvindo?

Na guerra, você não conta.

Na verdade, tinha gente que contava, com entalhes na coronha do fuzil.

Nos confrontos no meio dos bosques, era difícil entender quem matava quem.

Em Porta Lame também foi difícil. Tinha neblina. Tinha fumaça. Ettore tinha certeza de ter matado pelo menos quinze, atirando com a Thompson e lançando granadas.

Éramos muitos, em Bolonha. Mais de cem *partigiani*, entre o monte das ruínas do Hospital Maior e aquele outro, no palacete da rua do Matadouro. Ao amanhecer de 7 de novembro, os alemães

tinham cercado o palacete e capturado alguns guardas. A batalha começou às sete. Os alemães, ao lado das Brigadas Negras, tinham fuzis, metralhadoras, alguns pequenos canhões e dois grandes. Atiravam também dos telhados dos prédios ao redor. Do outro lado, só armas automáticas, fuzis e granadas. Depois de cinco ou seis horas de luta, com o palacete praticamente no chão, os *partigiani* conseguiram sair dali e se abrigar em outro prédio.

Os alemães chamaram um tanque e, quando este entrou no pátio, eles começaram a gritar: "Rendam-se! Rendam-se!". Mas os *partigiani* tinham achado uma via de escape à la Houdini (o mágico, não o quitandeiro da Cirenaica): uma vez derrubado o muro, tinham fugido pelo lado do canal, lançando bombas de fumaça para encobrir a retirada e se separando em pequenos grupos. Tinham conseguido até remover os feridos. No fim da tarde, chegaram reforços de um destacamento da Resistência. Alemães e fascistas, colhidos de surpresa, fugiram deixando para trás 216 mortos, vários feridos e veículos carregados de munições.

Os *partigiani* saíram com doze baixas.

Nunca tinha feito um trabalho assim. Mas o jogo valia a pena. Tinha dinheiro. E tinha o frio na espinha. Havia muitos anos, demais, não arriscava a pele. A vida dele agora era monótona. Nenhuma grande alegria, nenhuma grande dor, nenhuma grande raiva. Muitas mulheres, mas nenhuma relação importante. Casos de uma noite. Horas e horas passadas com Palmo, um retardado.

Se tivesse morrido em Porta Lame, ou nas montanhas, agora a minha cara estaria no sacrário, na praça do Netuno. Com meus amigos, para sempre. Com os do grupo Valanga que tombaram, com Dubat, que se suicidou em uma caverna para não cair nas mãos dos alemães, com Carioca, Ettore Bruni, Edoardo, Ribino, Aldo, Ferro, Silenzio, Renato. Com Stelio, torturado por 36 horas na rua Siepelunga, como Irma Bandiera, como Sante Vincenzi na noite antes da Libertação. Stelio desfigurado, dilacerado, enforcado na rua Venezian. "A Justiça foi feita", foi a manchete do *Carlino*.

Mas se eu morrer esta noite, que ficará de mim? Que era um contrabandista, um malfeitor. Fui expulso de todo lugar, não tenho o direito de ser lembrado como *partigiano*.

O que será que vai sair no *Carlino* se eu morrer esta noite?

Devia ter morrido em Porta Lame. Mas estou aqui, encarregado de proteger alguém que transporta droga. Um tipo que dá medo. Quem sabe se não é amigo daquele famoso Steve Cimento, aquele que mencionavam para assustar os pivetes.

Mas acho que, naquele tipo de ambiente, ninguém é amigo de ninguém.

Capítulo 49

Sospel, 3 de julho

Horas 2:40 da madrugada. Sospel. Quatro casas e um cruzamento. Ambiente tenso. Ao redor, bosques e montanhas.

Para a frente, devagar. Os faróis descobrem um cartaz: “Relais l’Etape, 500 m”. A estrada branca sobe entre castanheiras.

Zollo faz sinal a Ettore. *Chegamos.*

O caminhão encosta no cruzamento. Ettore agarra o arsenal e pula para fora. Thompson, granadas e um lança-foguetes de sinalização. Como em Porta Lame.

Repassa os papéis:

— Então, os rapazes vigiando o caminhão. Vou me ajeitar. Você chega às três em ponto.

Zollo confirma. *Rien ne va plus.* Dá umas batidas no baú:

— Vamos, desçam um pouco.

Os dois aparecem depois de alguns minutos. Têm a cara amassada de quem acabou de acordar. Precisa reanimá-los. Dois comprimidos de *Simpamina* para sua dor de cabeça e dois contra o sono deles. Ettore prefere a dialética.

— Rapazes, ouçam bem. Se fizermos tudo direito, daqui a menos de meia hora vamos embora felizes. Pra fazer as coisas certas, precisa ficar esperto. Cada um de vocês fica com um revólver, oito tiros. Usem só em caso de necessidade. O dever de

vocês é cuidar do caminhão. Se o caminhão for atacado, não saímos mais daqui. Tudo claro?

Zollo olha para o ex-combatente. *Ele sabe agir.*

Pierre revirou o revólver nas mãos, como se fosse um cocô de marciano. Ettore lhe deu algumas instruções de uso, depois entrou no bosque.

O lugarejo parecia fechado em uma bola de vidro e silêncio. De um momento para outro, uma mão gigantesca poderia virá-la e fazer cair neve de mentira. Pierre se encostou no baú. Documentos falsos, expatriado clandestino, depósito de mercadoria ilegal, contrabando. Quer o usasse quer não, aquele revólver era a cereja em cima do bolo.

O americano fez sinal de entrar. Os três na cabina. Pierre agarrou o volante e engrenou a marcha.

Kociss parecia hipnotizado. Olhos arregalados e olhar fixo. Pelo movimento dos lábios, você diria que estava rezando.

Mister Rocha calado. De vez em quando girava o pescoço e dava uma arrumada no revólver enfiado nas calças.

Vai correr tudo bem, Steve, força.

Precauções não significam paranóia. A época das besteiras acabou. Começou a era do diamante.

Tony tinha garantido, Moby Dick é um filho-da-puta direito.

O defeito no carro tinha impedido a última besteira. Aparecer sozinho no encontro, com 12 quilos de heroína e o Rei de Agnano protegendo sua retaguarda. Enredo de Steve "Carvalho" Zollo.

O *Relais l'Etape* não servia *soupe de pistou* havia pelo menos dez anos. O cartaz que enaltecia qualidade e preço estava todo descascado. O caminhão girou em volta do prédio. Zollo olhou pela vidraça: nenhuma mesa, nenhuma cadeira. Vazio.

O estacionamento estava mal iluminado. Velhas luminárias penduradas por um fio. Um sinal de luz saudou a entrada do

caminhão.

— Pare aqui.

Pierre estacionou à direita, ao lado de uma mureta.

Zollo agarrou a bolsa e pulou para fora. O cano do revólver o deixava gelado da virilha aos ombros. Contrariando os bons costumes, usava a camisa para fora, como um panaca havaiano. Só para cobrir o armamento.

Deu dois passos na poeira, enfiou a mão sob a camisa, apoiou a bolsa entre as pernas.

Força. Vê se não me deixam nervoso. Tratem de se comportar como se deve.

Moby Dick estava com o terno branco de sempre. Os dois guarda-costas eram pretos da cabeça aos pés. Pareciam teclas de um piano.

Zollo avançou. Moby Dick segurava uma maleta na mão.

Os tiros partiram do telhado do restaurante.

A baleia e os dois tubarões caíram quase no mesmo instante. Zollo não teve tempo de se jogar ao chão. A bala o acertou no braço direito. Sentiu o osso partindo. Caiu. Arrastou-se na poeira enquanto outros dois tiros resvalavam no terreno. Chegou até o carro dos franceses. Escorregou atrás. O braço estava se despedindo dele. Enfiou a sacola debaixo da barriga e agarrou o revólver com a esquerda.

Estão atirando do alto. Do telhado.

Como os alemães e as Brigadas Negras.

Como em Porta Lame.

Abrir uma brecha. Retirar os feridos. Para fazer isso: matar os atiradores. Para matar os atiradores: vê-los. Para vê-los: iluminá-los. Lança-foguetes de sinalização. Acessório de linha de frente, para casos de emergência. Usá-lo. *Stoompf! fiiiiiiiiiiiiiiii...*

O fogo de artifício desce e ilumina dois rostos atordoados: alemães emboscados no telhado vertente, caem telhas, cai um capacete, um dos dois está amarrado à chaminé com um

suspensório improvisado. O outro fica em pé, tropeça e escorrega para a beirada, berra, ofuscado, levanta os braços para cobrir o rosto. O outro tenta voltar à chaminé, desliza, caem outras telhas. Pego a Thompson, ele atira. Acertei. Despenca desajeitado, os tiros desviam a queda. *Crash*. Ruído de ossos se despedaçando. Atiro mais uma vez. Acertei. Cabeça que explode. Corpo morto pendurado pela corda. Jogar-se ao chão.

Outros tiros, de trás da mureta que delimita o estacionamento. No fundo, invisíveis a não ser durante os clarões da metralhadora. Brigadas Negras. Três, talvez quatro. Os torturadores de Irma Bandiera, Stenio Polisch e tantos outros patriotas. Traidores e assassinos, têm que morrer.

O companheiro atingido está vivo, responde ao fogo. Mas agora eles investem contra mim. Buracos em uma porta do caminhão. Isso requer uma ação ousada. Isso requer coração.

Éramos criticados porque atacávamos sempre. O comandante era assim, ousava, aumentava o nível do desafio aos alemães, fazia incursões que aos outros pareciam fanfarronadas.

Eu também preciso ousar, ou não saímos mais daqui. Defender os companheiros. Vingar os que tombaram. Eu mesmo. Dar um sentido a tudo isto.

Se necessário, morrer.

Stiv ainda está vivo. Vi que estava atirando.

O que eu faço agora? Minha nossa, que medo!

Todos atirando.

Será que isto também é um filme?

Eles acabam com a gente. Estes são os capangas de dom Luciano. Minha nossa, Stiv, atire, atire!

Agora estão atirando no bolonhês. É uma zona como nunca vi.

Não acredito no que estou vendo.

O que eu faço com este revólver? Atiro? Daqui não dá para ver porra nenhuma. São todos gorilas pretos.

Entrego ao Stiv? Mas como?

Bastardos infames assassinos, Stiv, vamos embora!
Começou a se arrastar.
O bolonhês é um diabo enfurecido. Mate-os. Todos eles.

Pierre tinha deitado nos bancos e de vez em quando espiava por cima do painel.

A gente não pode estar à altura de *qualquer* situação.

O pára-brisa tinha explodido. Um estilhaço tinha passado raspando pela perna dele.

Mais uma vez estava no meio de um tiroteio, sem que soubesse quem era aquele pessoal.

Não conseguia respirar direito. Engolia o ar em aspirações irregulares. Garganta azeda. Cratera no estômago. Intestino sob pressão. Parecia estar suando merda.

Levantou a cabeça.

Olhou para fora do vidro estourado.

Viu Ettore sair para o descampado.

Viu Ettore correndo feito louco.

Ouviu os tiros.

Sentiu o medo derretendo suas entranhas.

— Stella rossa veeeeenceeeeeee!

Major Mario, olhe para mim agora. Sugano, se você estivesse aqui para me ver! O berro e a corrida colhem os outros de surpresa mais que o fogo de artifício. Estão se perguntando que diabos estou fazendo. Alguns segundos. Os dois segundos de que preciso.

Tiroatravadagranadaumdoislançoemejogonochão-BOOOOUM!

Pedaços de tijolos, sangue, um par de óculos cai na minha mão.

Agora atiram de outro ponto, à direita. Rolo para a frente. A Brigada Negra sai em campo aberto, bang!, cai. Quem atirou foi o companheiro ferido, ou talvez um dos rapazes.

Cochichos agitados, passos de corrida na escuridão. Preciso

ser o primeiro a agir. Stella rossa vence. Tiro a trava, fico de joelhos, umdoislançoBOO-OOOM! Ouço que berram...

Acertaram Ettore com uma rajada nas costas. Zollo o viu tombar e ficou inclinado, esperando que os bastardos saíssem para o descampado.

Ettore tinha colhões, pensou Zollo, que tinha surrado e matado, mas não tinha feito a guerra. Os contatos dos Anastasia o tinham livrado. Mas Ettore tinha participado, ele chegou a contar. Tinha colhões. Entre os *picciotti*, nunca tinha visto alguém como ele.

Tinha salvado a vida dele, com aquela idéia do foguete.

Precisava matar os bastardos.

Não só para salvar a própria pele.

Pierre levantou novamente a cabeça depois das duas explosões. Os ouvidos não estavam funcionando mais. Os músculos das costas doíam por causa da tensão. Percebeu que mantinha os punhos fechados e os dentes cerrados.

Olhou para a clareira diante dele. Ettore não estava mais lá.

Abaixou a cabeça, respirou, olhou de novo.

Ettore estava no chão. Imóvel. O sangue encharcava a poeira ao redor.

Pierre sentiu a pele se eriçando. Deixou que os calafrios o sacudissem, incapaz de detê-los. Os dentes batiam feito castanholas.

Viu dois homens saindo de uma vidraça despedaçada atrás de Ettore.

Um deles esticou o braço e o acertou na cabeça. O outro foi avançando cauteloso para o carro dos franceses.

Pierre apertou o revólver. Abaixou, tomou fôlego, tentou apontar.

Tremia. Ofegava. Nunca tinha atirado.

Não conseguiria acertar, nem a um terço da distância.

Não com um revólver.

Largou a arma, escorregou para a direção, deu a partida.
Não dá para ficar sempre só olhando.

Abaixou para o lado, o rosto encostado no volante e apertou o acelerador.

O caminhão pulou para a frente em uma nuvem de poeira. Deslizou para a direita. Deslizou para a esquerda.

Pierre sentiu o impacto contra o pára-lama, uma massa escura foi atirada para além do focinho do caminhão. Pierre ouviu a explosão de pelo menos quatro tiros. Continuou a corrida e foi parar ao lado do carro dos franceses.

Pagano ouviu o caminhão saindo.

Aproveitou a confusão e a poeira e decidiu.

Na mão dele, o revólver não servia para nada.

Na mão do Stiv era outra coisa. As balas dele podiam ter acabado. Havia muito tempo não estava atirando.

Talvez estivesse morto. Mas não, nem queria pensar nisso.

Entornou um tambor, pulou para fora e correu, com as costas quase paralelas ao chão.

Perdeu o equilíbrio. Fez os últimos cinco metros rolando.

Stiv não estava morto. Caralho. Era Cimento.

— Pegue, Stiv.

O garoto. A Luger.

Você agarra a pistola.

Um instante depois, o bosta não atira mais. O último.

O caminhão breca ali do lado. O outro rapaz lhe oferece a mão:

— Vamos, suba, vamos!

Zollo não falou nada. Zollo ficou esperando. Zollo escutou em silêncio.

Era mesmo o último bosta?

— Me ajude a levantar, Salvatore.

Zollo se segurou na porta:

— Vá pegar a maleta do francês, agora. Rápido.

O garoto correu. O outro ajudou Zollo a subir.

— Manobre e vá devagar pra saída.

Pelo espelho lateral, Zollo controlou a recuperação da maleta.

Pagano a pegou. Correu atrás do caminhão. Jogou-a no baú.

Zollo abriu a porta e esticou a mão.

Pagano a agarrou.

Dois tiros. O garoto soltou a mão e rolou pelo chão.

Zollo quase arrancou a alavanca do freio de mão. O caminhão se desgovernou.

Zollo desceu. Chegou até o corpo do garoto. As balas tinha perfurado seus pulmões.

Inclinou-se sobre ele.

— Stiv... — o sangue subiu pela garganta, tentou cuspi-lo com uma golfada, a mão firme na gola do paletó de Zollo. — Stiv... você ia me levar junto?

Zollo segurou aquela mão, até sentir o aperto relaxar e ver os olhos de Pagano ficando vidrados.

A voz de Pierre chegou do caminhão:

— Ele morreu?

— Morreu.

Pierre soltou o freio e engrenou a marcha:

— Vamos embora! Vamos, vamos! Eles vão matar a gente também!

Zollo olhou o cadáver do garoto. Levantou os olhos, lentamente. Viu o vulto que o esperava no fundo da clareira.

O último bosta. Vic Trimane.

Um teste de confiança para ele também. “Mate o Steve Cimento, Vic. Mate o seu amigo.”

Não se foge de Lucky Luciano. Não se escapa de suas garras.

Ouviu ainda Pierre que o chamava:

— Suba logo! Vamos!

Zollo se levantou e começou a andar com calma, um passo depois do outro, para o vulto que estava chegando. Não tinha mais pressa alguma.

Viu Vic levantando o revólver.

Zollo mirou e esvaziou o carregador sem parar.

O terceiro tiro acertou em cheio: viu o cérebro de Vic espirrar pelos ares. Adeus, *goombah*.

Caiu de joelhos.

O sangue encharcava a camisa. Quantos ele tinha levado? Dois, três? Vic era um bom atirador. Percebeu que olhava as últimas estrelas se apagando lá em cima.

Pierre tinha abaixado novamente no assento. Pôs a cabeça para fora da janela.

Mister Rocha estava no chão, imóvel, crucificado.

O napolitano estava no chão, transformado em uma poça de sangue.

Ettore estava no chão, a cabeça desmanchada na poeira.

Outros corpos estavam no chão. Mortos.

Ele estava vivo.

Entrou na estrada a toda a velocidade.

Nada de aposentadoria, Steve. Nada de diamantes. Nada de África do Sul. Que pena, você quase conseguiu. Lamento, verdade, depois de todo este trabalho. Inútil tentar levantar a cabeça, você é como a madeira. A bala deve ter entrado na espinha. A perna, uma mão, os músculos do rosto. Cimento.

O salto mortal triplo de Stefano Zollo parou na segunda cambalhota. Era um belo salto.

Não dá para ser cimento a vida toda.

Último giro da roleta. Último olhar para a mulher que você teria amado.

Como é, Steve? Linda, sem dúvida. Verdade, ela não sabe o que perdeu.

Que *gran finale*. Já pensou, Steve? Cidade do Cabo, sol, campos verdes e um manhattan sempre debaixo do nariz. Será que

sabem fazer um manhattan na Cidade do Cabo? Compadre, você tentou. Não ligue, acabou do jeito que acabou.

Pronto, a bolinha está parada.

Quinze. Ímpar. Preto.

Capítulo 50

Bolonha, 3 de julho

Dobrou a camisa e a apoiou sobre as outras. O táxi já estava chegando.

Contou o dinheiro que tinha trocado, fechou a mala e apertou o cinto mais que o necessário.

Olhou-se no espelho, soltou os cabelos e retocou a maquiagem.

A campainha tocou.

Tinha pegado tudo.

Arrastou as malas até a porta.

— Já vou descer — sussurrou no interfone.

O corredor parecia mais comprido que o normal. No fundo, atrás da porta do escritório, Odoacre.

Angela não entrou no cômodo. Sentiu que não podia, que devia manter distância, tinha certeza daquilo que precisava fazer.

Olhou dentro dos olhos dele, enquanto lhe dava de presente aquelas últimas palavras:

— Você não passa de um bosta. Nós dois sabemos o porquê.
Adeus.

Não tinha mais nada a dizer. Não precisava. Ficou em frente à porta somente tempo o bastante para gravar na mente aquele olhar. Depois fechou a porta.

O corredor tinha encurtado novamente.

Capítulo 51

Da França à Itália, 3, 4 e 5 de julho

*Merdamerdamerdamerda... Pierre, mala na mão, pulava córregos tropeçava em pedras enlameava a barra das calças, de vez em quando parava para vomitar e depois embora! embora! embora! afastar-se do matadouro *mas quem eram aqueles lá, onde eu fui parar? De onde saíram?* Espíritos malignos vindos dos bosques, Ettore e o outro sujeito tinham respondido ao fogo, Ettore tinha atirado granadas, como quando era *partigiano*, Ettore morreu em combate, tinha salvado o rabo dele, Pierre, que agora ia embora com uma mala cheia de *pilla, money, argent, diñero*, dinheiro, ele tinha visto, maços e maços, dólares e francos. E ainda saquinhos de pó branco. Droga. Sem dúvida. *Perigoso demais, merda!* Tinha jogado fora, tinha achado um buraco no chão, debaixo de uma árvore meio desenraizada, e os tinha enfiado embaixo, cobertos de qualquer jeito. Tinha que ir embora depressa, cruzar novamente a fronteira, sabe lá se tinha mais alguns daqueles demônios por aí. Quem eram Kociss e Mister Rocha? Por que estava no mesmo navio de volta da Iugoslávia? Onde entrava o Cary Grant? Quem eram os que tentaram raptá-lo na pequena ilha? Tinha alguma ligação? Não entendia nada. *É o segundo tiroteio em que você se enfia em menos de três meses. Nas duas vezes, quem salvou o seu rabo foram os partigiani. Agora você tem dinheiro, Pierre. Se sair vivo deste bosque**

e conseguir tomar um trem ou um ônibus, chegar a Gênova, você fica escondido por uns tempos, toma um navio para... Para onde? Você pergunta a Paolino, o estivador. E o que Paolino vai dizer, quando você chegar sem Ettore? Preciso contar que... Não, caralho, não vai dizer nada! Só que quero ir embora logo. E o caminhão? O caminhão, segui com ele uns 200, 300 metros, e larguei lá no meio do bosque. Aviso Palmó que deixei o caminhão lá? Não, devo ter vomitado o cérebro também para fora, puta merda, o caminhão vai ser achado pela polícia francesa depois que virem todos aqueles corpos e vasculharem as redondezas. E não vou ver Palmó nunca mais. Não vou voltar para Bolonha nunca mais. Nicola... não vou rever nunca mais... O bar... Os mosqueteiros... O professor Fanti... A tia Iolanda... Angela. Não vou revê-la nunca mais. Meu pai.

Não vou rever mais ninguém.

Sou um fugitivo.

Mas tenho dinheiro, e um navio no qual vou embarcar.

Vou para onde Paolino me arrumar um lugar, depois entro em contato com o papai e digo para ele vir também.

Um fugitivo.

Pierre parou para vomitar. Jurou que nunca mais vomitaria na vida.

Não enxergava nada. Quando é que o sol ia nascer?

* * *

Dez horas de trem.

Gênova.

Paolino não perguntou nada. Arrumou a casa de um amigo dele e de Ettore para me abrigar. Quem sabe se não intuiu alguma coisa, talvez ele saiba.

O rádio deu as primeiras e confusas notícias sobre uma carnificina pouco depois da fronteira.

Tem um navio para o México, zarpa depois de amanhã.

O dinheiro abre todas as portas, as vigias e escotilhas dos navios. O dinheiro faz você comprar a casca de noz na qual você

instala uma vela de papel, um palito como mastro, e vai embora seguindo o Cruzeiro do Sul.

O México, Veracruz.

Em um papel amassado, tenho o endereço de um companheiro que está na Cidade do México. Ele lutou na guerra da Espanha. Quem sabe, talvez tenha conhecido alguém do bar.

Está vendo, Angela? Também vou conseguir ir embora.

Você vai para o frio, eu para o calor.

Você vai para o norte, eu para o sul.

Você vai além do canal da Mancha, eu além das colunas de Hércules.

No fundo, foi sempre assim. Você de um lado, eu do outro.

Sinto muito.

Tenho dinheiro.

Depois de dois mares, está o México.

O que eu sei sobre o México? Nada.

Afinal, nem sei de onde vem esta grana. Não sei nada de nada.

Mas estou vivo.

* * *

— Alô.

— Alô, Nicola, sou eu, Pierre. Escute, não vou dizer onde estou, mas...

— A polícia está atrás de você?

— Como é?

— Saiu no *Carlino*. Primeira página.

— Merda.

— Diz que morreu gente, perto da fronteira com a França. Dez, quinze mortos. Um era um contrabandista bolonhês, Ettore Bergamini, um "ex-partigiano que enveredou pelo caminho do crime", disse o jornal. Um que foi expulso do Partido e da ANPI, alguns anos atrás. Lembro dele.

— Nicola...

— O veículo dele foi encontrado lá perto. Tinha mafiosos também no meio. Tem as fotografias. Um deles passou aqui pelo bar alguns dias atrás e perguntou do televisor.

— Nicola, ouça...

— Não, ouça você, Pierre, você acha que sou algum babaca? Pensou que eu não tinha percebido seus negócios? Não sei em que zona você se meteu e nem quero saber. Mas se está na merda, a culpa é só sua e não pense que vou ficar segurando as pontas.

— Nicola, por Deus, me deixe falar! Vou embora da Itália, pra sempre! Já está tudo arrumado. Não posso ficar aqui, é perigoso, preciso ir, vou partir esta noite.

— Mas que beleza, escolheu a hora certa.

— Como é?

— O papai acabou de chegar aqui.

Capítulo 52

Gênova, noite entre 5 e 6 de julho

Reconheceu o furgão do bar Aurora assim que o viu despontar no cais. Avançava devagar, ele tinha dado indicações exatas, mas no labirinto do porto não era fácil se orientar. Estava escuro, a única luz vinha das grandes luminárias, altíssimas, que lançavam claridade sobre galpões, mercadorias prontas para serem estivadas e guindastes imóveis.

Paolino falou em voz baixa:

— São eles?

— São — respondeu Pierre, saindo do canto e fazendo sinal para o furgão.

Desligaram o motor e os passageiros desceram.

Viu que se aproximavam. Os Capponi reunidos daquela forma. Clandestinos, para se separar mais uma vez. Nunca havia imaginado algo assim.

Dois homens que avançavam um pouco afastados, separados talvez pela distância que o tempo tinha imposto, mais o embaraço e a dificuldade daquela situação.

Aqui estamos, pensou Pierre, os últimos sobreviventes do meio século passado. Os Capponi. *Partigiani*, revolucionários, combatentes, isto sim, sem dúvida, derrotados, talvez desiludidos, contrabandistas até, dissidentes e cabeças-duras. Vittorio, o herói,

Nicola, o duro, e Robespierre, o bailarino. *Aqui estamos, talvez pela última vez, para dizer adeus e tudo o que não dissemos em todos esses anos.* Estava pronto? Sim, já tivera seu tempo de preparação. Além disso, não tinha mais nada a perder, precisava ir ao encontro do destino, não importa qual seria, de cabeça erguida. *Um salto no escuro, é o que você queria, Pierre, não é mesmo? Você queria algo mais, queria ir embora, o que tinha não bastava.*

Abraçou o pai.

— Quando você chegou?

— Há dois dias.

— Como?

— A pé. Ainda conheço as picadas do Carso. Não podia ficar escondido nas montanhas, Robespierre. Precisava rever vocês.

— Foi ver a tia Iolanda?

— Ela levou um susto: pensou que eu fosse um fantasma. Conversamos a noite inteira. Ela mandou trazer uma malha e um cachecol pra você. — Vittorio tocou a sacola de viagem que carregava a tiracolo.

— Você falou que íamos embora?

Vittorio confirmou:

— Disse que eu e você somos daqueles Capponi que não conseguem ficar parados, dos que sofrem da doença das viagens, uns desgraçados. Mas ela gosta demais de você.

Pierre pensou que teria dado uma perna por um abraço em Iolanda, por uma despedida como deve ser. Mas as horas estavam contadas. Escreveria para ela, chegando ao destino.

Cruzou o olhar com o de Nicola e ficou surpreso de não encontrar a braveza habitual. Naqueles olhos escuros havia algo parecido com resignação.

— Obrigado por ter trazido o papai.

Um cão despelado atravessou a área iluminada de um dos feixes de luz, uma sombra solitária no deserto do porto. Paolino apareceu de trás das caixas e assobiou:

— Está na hora. Estão baixando a passarela. Vocês precisam subir.

Do flanco do navio ancorado, vinha descendo uma pequena

ponte móvel. Não havia mais tempo.

Pierre sentiu que o emaranhado de pensamentos que estavam em sua cabeça precisava ser desatado.

— Nicola, estou com muito dinheiro. É dinheiro sujo, mas eu não matei ninguém pra consegui-lo. Veio parar na minha mão, assim, acredite ou não. Você pode vir junto. O que vai ficar fazendo aqui?

O irmão olhou para ele e abanou a cabeça. Os olhos tão duros quanto a voz.

— Não, Pierre. Não é assim que funciona. Tem os que partem e os que ficam. Sou dos que ficam.

Nicola olhou para os dois, unindo-os na distância que estava se formando entre eles, mas se dirigiu a Vittorio:

— Não podemos partir sempre. Não podemos partir todos. Alguém precisa ficar. Você foi à Iugoslávia, escolheu fazer a revolução lá, onde os comunistas tinham vencido. Fiquei aqui, mesmo depois de 48, quando as coisas ficaram difíceis, quando tivemos que arregaçar as mangas e defender a democracia centímetro por centímetro, nas fábricas, nas praças. A nossa resistência não acabou quando descemos das montanhas, continua até hoje. E se não estivéssemos aqui, se tivéssemos ido embora todos como você fez, o que seria deste país agora? Não, alguém precisa ficar na própria terra. — Falava determinado, falava muito, como nunca. — Não tenho mais bronca de vocês dois. Nem do pai que nos largou, nem do irmão que não é grande coisa e só me deu dor de cabeça. O fato é que o lugar de vocês não é aqui. — Apertou os lábios e acrescentou: — Não perdôo ninguém, mas também não sinto raiva. Estou contente de ver os dois indo embora juntos, porque vocês são da mesma raça. São dos que partem.

Houve um longo silêncio, interrompido pela voz estrangulada do Paolino:

— Vocês aí, andem logo! Não temos muito tempo, precisam subir!

Pierre abraçou o irmão:

— Preciso lhe pedir um último favor.

Deixou uma sacola de vime aos pés de Nicola e acrescentou:

— Isto é pra você. Pro bar, se preferir. Tenho bastante. Faça o que quiser, queime se não quiser gastar, dê aos pobres. Mas uma parte é para Angela Montroni. Não me pergunte nada, entregue ao professor Fanti, ele fará com que chegue às mãos dela.

Esperou pela resposta. Não imaginava como ele reagiria.

Nicola deixou cair o olhar sobre a sacola.

— Está certo.

— Obrigado.

O estivador gesticulou na sombra:

— Vamos! Subam!

Vittorio se mexeu, abraçou o filho maior. Pierre viu que os olhos do pai estavam mareados, mas o olhar brilhava.

— Nicola. Ouça bem: você é um *partigiano* melhor que eu. Talvez também um comunista melhor. Tenho orgulho de ser seu pai. Nós vamos nos rever. Você virá nos visitar, onde quer que estejamos.

Depois pai e filho caminharam decididos na direção da passarela.

A voz de Nicola chegou até eles, enquanto já estavam nos primeiros degraus.

— Eh, Pierre, no fim você conseguiu, né?

— Consegui o quê? — ele perguntou, apertando o corrimão.

— Sair da merda e arrumar a vida de todos.

Pierre teve a impressão de entrever um meio sorriso na escuridão do cais.

— Você se saiu bem. Um desgraçado, mas se saiu bem.

Pierre retribuiu o sorriso. Com um impulso do corpo, continuou a subida até o parapeito, seguido pelo pai.

L'Unità, 01/07/1954.

Da bomba de Hiroshima ao emprego pacífico
da energia atômica
CENTRAL ATÔMICA SOVIÉTICA ABRE UMA
NOVA FASE DO PROGRESSO HUMANO

COM A ASSINATURA DA RENDIÇÃO VOLTA
NA GUATEMALA A LEI DO TERROR DA
UNITED FRUIT

NUMEROSAS DETENÇÕES EM ROMA E
NÁPOLES ENTRE OS TRAFICANTES DE
ENTORPECENTES

L'Unità, 04/07/1954.

GRAVES LACUNAS DA INVESTIGAÇÃO DO
GOVERNO
SOBRE OS ESCÂNDALOS LIGADOS AO CASO
MONTESI

L'Unità, 06/07/1954.

GRAVES MUTILAÇÕES PREVISTAS PELO
PLANO PARA TRIESTE

DUAS MIL DETENÇÕES NA GUATEMALA
Revogada a lei para a reforma agrária

Il Resto del Carlino, 11/07/1954.

Dias de ansiosa espera
AS BANDEIRAS DE TRIESTE PRONTAS PARA
SEREM DESFRALDADAS NOS TERRAÇOS DAS
CASAS

O CAMINHO DA DROGA

Uma estrada longa e terrível, recheada de sonhos e encharcada de sangue que dispõe na Itália de incontáveis alamedas, vias principais e até pistas de pouso para aviões. Uma longa e rigorosa investigação sobre o tráfico de entorpecentes relacionada também ao processo Montesi foi conduzida por Lamberto Sorrentino que teve contato, durante sua exaustiva investigação, com contrabandistas, traficantes, desocupados, e até passou um período internado em uma clínica para tratamento de viciados a fim de poder oferecer aos leitores do *Resto del Carlino* uma visão abrangente deste angustiante problema

Il Resto del Carlino, 01/08/1954.

ACORDO PARA TRIESTE ENTRE 9 E 15 DE
AGOSTO

L'Unità, 02/08/1954.

TITO APRESENTA NOVAS PRETENSÕES
SOBRE A ZONA A

Il Resto del Carlino, 04/08/1954.

ERGUIDA A TRICOLOR DA ITÁLIA NO
TERRÍVEL CUME DO K2

Il Resto del Carlino, 05/08/1954.

SCELBA DENUNCIA À CÂMARA O PERIGO DE
UMA DITADURA DE ESQUERDA
"A ameaça paira sobre a vida política do
país"

Il Resto del Carlino, 06/08/1954.

NOTÍCIA DO ACORDO PARA TRIESTE DEVE
SER DADA DEPOIS DE 15 DE AGOSTO

L'Unità, 14/08/1954.

MINISTRO DO INTERIOR DE BONN PEDE
PARA SER SUBSTITUÍDO PELO EX-CHEFE
DAS SS DE HITLER, WALDEMAR KRAFT

L'Unità, 19/08/1954.

GRANIZO ATÔMICO SOBRE WASHINGTON
OITENTA HORAS DEPOIS DE UMA
EXPLOSÃO EM NEVADA

Il Resto del Carlino, 20/08/1954.

NAÇÃO DE LUTO PELO FALECIMENTO
REPENTINO DE DE GASPERI

L'Unità, 25/08/1954.

TOUCHEZ PAS AU GRISBI NO FESTIVAL DE
VENEZA
O último Jean Gabin renuncia ao butim

Il Resto del Carlino, 26/08/1954.

NOTÍCIA DO ACORDO PARA TRIESTE
TALVEZ SAIA NA METADE DE SETEMBRO

L'Unità, 26/08/1954.

SEGUNDA-FEIRA FOI INTERROGADO O
"CAÇADOR DE BRUXAS" MCCARTHY POR
"CONDUTA INDIGNA" PERANTE UMA

COMISSÃO DO SENADO

Il Resto del Carlino, 31/08/1954.

UM MISTERIOSO OBSTÁCULO ATRASA A
SOLUÇÃO PARA TRIESTE

L'Unità, 03/09/1954.

EUA JÁ APRONTARAM AS ARMAS PARA
ENTREGAR AOS SOLDADOS DA NOVA
WERMACHT

L'Unità, 10/09/1954.

É preciso quebrar a cadeia da submissão e
esclarecer de vez o caso Montesi
AMPLA PROTEÇÃO DE QUE GOZAM
PROTAGONISTAS DO ESCÂNDALO REAFIRMA
RESPONSABILIDADES POLÍTICAS DOS
HOMENS DO GOVERNO

Il Resto del Carlino, 20/09/1954.

Um discurso do marechal a Celje
MÃO DE TITO ESTENDIDA À URSS
Prognosticada a "normalização" com o Leste

L'Unità, 22/09/1954.

A justiça está a caminho: emitidos dois
mandados de captura
PICCIONI E MONTAGNA NA CADEIA



I

Paris, 14 de julho

Setenta e cinco partes de salitre. Quinze de carvão vegetal, de madeira, com poucos açúcares. Dez de enxofre puro, não ácido; em alternativa substituído ou acompanhado de amido, borracha, açúcar. A composição do pó pírico, ou preto.

Pólvora.

O perclorato de potássio solta oxigênio e gera a combustão.

É quase certeza que foi um monge chinês, do século VIII, que deu início à era *boom-boom* e suas incalculáveis conseqüências. Foi Roger Bacon, filósofo do século XIII, quem nos transmitiu a fórmula como é hoje, nesta parte do mundo, enquanto Berthold Schwarz, monge alemão do século XVI, foi o primeiro a utilizá-la para disparar um projétil.

De toda forma, a arte do fogo é muito antiga, cheia de zonas obscuras e em geral desconhecida. Sempre na China, há notícias de exercícios pirotécnicos desde o II ou III século d.C. São quase inexistentes as publicações detalhadas sobre a matéria: o texto de um italiano do século XVI, Vannoccio Biringuccio, *De la Pirotecnia*, 1540, um tratado de química técnica. Depois mais nada até um denso manual do fim de 1800. Depois disso, quase nada.

Mas a fascinação dos humanos pelas infinitas variantes da arte do fogo permanece imensa, leva até a pensar que isso se deve à

aura de segredo que a acompanha. Só para permanecer no aspecto lúdico e popular, não há saga, festa de santo ou feira, vila de montanha ou metrópole internacional que não tenha seu evento abrilhantado por cintilantes espetáculos pirotécnicos, que encantam as crianças e obtêm a sincera admiração dos adultos.

Paris não podia se subtrair. Ainda mais em uma ocasião como o 14 de Julho^[82], apesar de o orgulho francês estar seriamente abatido por causa dos resultados da guerra na Indochina fazendo os festejos ficarem um pouco acanhados.

Para obter fogos de artifício, é necessário misturar metais aos pós explosivos. Carbonatos e vários óxidos, queimando, dão origem às diferentes tonalidades e cores de cada fogo. Há fogos chamados "alcachofras" ou "turbilhão", que giram sobre si mesmos e disparam para o alto, deixando para trás um rastro luminoso. As "bombas" ou "rojões", pelo contrário, precisam de morteiros de ferro fixados ao chão por estacas de madeira. Cada peça dessas é composta de um cartucho recheado de fogos menores que, ao atingir uma determinada altura, explodem em todas as direções. Modificando a disposição da carga dentro do cartucho principal, é possível obter formas e intensidades diferentes.

Toni sabia disso, porque sempre havia sido admirador dos efeitos pirotécnicos. Tinha procurado se informar, entendia do assunto. Dizia com freqüência que teria gostado de acabar exatamente assim. Um belo estouro multicolorido que enfeitaria o céu. Na época, tinham surgido as Estrelas do Oriente, que eram as suas preferidas. Lágrimas douradas que invadiam o céu. Toni observava o espetáculo sentado no carro, olhando através do pára-brisa.

1954, ano de merda para a França. E quem está se fodendo, pensou Toni.

Pensou que ele os tinha ferrado muito bem. Tinha ferrado duas vezes. Os marseheses. Bastardos.

Eles estavam sendo esperados. O *Olhoapagado* de Nápoles nunca deixava de acertar as contas.

E assim, três deles tinham sido despachados de volta ao

criador. Toni pensou no outro uso, menos estético, menos artístico, do pó preto.

A grande queima de Estrelas do Oriente era o clímax, Toni as via em todo lugar, cada vez mais fora de foco. Sentiu o gosto do sangue invadindo a boca.

Toni não pôde deixar de observar que era diferente do que havia imaginado. Um belo estouro multicolorido que enfeita o céu. Era diferente das figuras geométricas coloridas, o intestino que prorrompia do seu ventre rasgado. E as lágrimas douradas das Estrelas do Oriente que inundavam o céu eram diferentes do sangue que agora enchia a parte dianteira do carro e escorria em abundância para fora, na calçada, tingindo-a de vermelho-escuro. Maldita tuberculose, pensou.

Foi nessas coisas que Toni pensou. Enquanto morria.

II

Periferia Leste de Bolonha, 2 de setembro

McGuffin já tinha mostrado desenhos de gatos que perseguiram ratos.

O rato, chamado Jerry, vivia atrás do rodapé de uma copa espaçosa e bem decorada. Um buraco funcionava como porta. Dentro, uma cama feita de uma pequena lata, e vários móveis reciclados de lixo. Da dona da casa sempre apareciam só os pés, e as gordas panturrilhas.

Com uma vassoura tentava acertar o gato da casa. O gato tinha sujado a copa. O nome do gato era Tom. Passava o dia atrás de Jerry.

Ratos e gatos passeavam ao redor do McGuffin, no alto do morro do lixão. Às vezes, uma gata adormecia dentro do McGuffin. Era muito diferente de Tom.

Os ratos tinham pêlos e rabos compridos, não pareciam com Jerry.

Ao amanhecer, a tela quebrada do McGuffin refletia o sol que surgia.

Ao anoitecer, o espelho quebrado na frente dele refletia o vermelho do pôr-do-sol.

À noite, cantos de grilos e chiados, latidos ao longe, miados insistentes, ruídos de sapatos ou garrafas lançadas aos gatos para

que se calassem.

Uma cadeira desfeita. Botões de aparelhos de rádio. Roupa sem conserto.

McGuffin não tinha como sentir, mas o cheiro era terrível.

McGuffin podia imaginar.

Nunca mais captaria ondas eletromagnéticas para transformar em sonhos ou pesadelos.

Ninguém mais o fitaria com olhar apagado, como os tocos de cigarro que agora estavam ao redor dele.

Mas McGuffin servia para alguma coisa. A gata estava prenha. Daria à luz antes do Natal.

Tinha passado de casa em casa. Agora *era* uma casa. Alguém precisava mesmo dele, até que enfim.

Se tivesse uma boca, um rosto, McGuffin sorriria.

III

Montreal, Quebec, 11 de setembro

O momento de glória. Montreal inteira vinha vê-lo, noite após noite. Amigos e parentes, também os da Ville du Québec.

Esta Vida é um Hospício. Inoxidável *pochade*, história de duas adoráveis velhinhas, um sobrinho louco que pensa ser Teddy Roosevelt, um criminoso fugitivo e um segredo inconfessável. Ele interpretava Mortimer, sobrinho de mente sadia, recém-casado e prestes a partir para a lua-de-mel.

Risadas, sorrisos, até pedidos de autógrafo. Jean-Jacques Bondurant corria, arregalava os olhos, levantava a sobrancelha. Exatamente como Cary na versão cinematográfica. Era perfeito, gêmeo monozigótico do homem mais elegante do mundo. Exceção feita ao fato que representava em francês *quebecóide*.

O público o adorava. Vinte apresentações no Théâtre du Rideau Vert, e as reservas continuavam.

Nada mal para um espetáculo beneficente, interpretado em sua grande maioria por amadores.

Lembrava-se da noite da estréia. Charlotte na primeira fila, feliz, orgulhosa dele.

Nas fotos das revistas, Charlotte e Jean-Jacques tinham os olhos cheios de safiras e esmeraldas. O sócio de Cary Grant e sua esposa. Sorriam para o futuro. Vivos. Fortes.

A cortina já ia se abrir. O murmúrio acelerava o fluxo do sangue. A roupa de Quintino era uma segunda pele.

Guardava um segredo no coração. Trazia sempre consigo um bilhete. No bilhete, poucas linhas e uma despedida de duas palavras. Ricocheteavam de uma parede da caixa craniana à outra.

Au revoir.

O sorriso encheu as bochechas de Jean-Jacques.

Merci beaucoup, monsieur Grant.

IV

Los Angeles, 11 de setembro

Betsy tinha aconselhado Cary que fosse ao doutor Clapas, de quem as amigas falavam muito bem. Os acontecimentos dos últimos meses tinham afastado a depressão, devolvendo Cary Grant ao mundo que exigia sua volta. Agora era preciso entender os motivos da depressão, para impedir que retornasse. O sol não podia escurecer novamente, a mão que guiava o barbeador não podia mais tremer.

Clapas era francês. Barba branca em ponta, óculos com armação de prata. Tinha se mudado para a Califórnia em 49, com 50 anos nas costas.

Na verdade, parecia ter *fugido*, depois de uma experiência no mínimo desagradável, que lhe causou um esgotamento nervoso. Um bandido perigoso o tinha mantido como refém em sua própria casa. Era um paciente, tinha ido para a consulta e a polícia, que já estava atrás dele, tinha cercado a residência. Enquanto o mantinha sob a mira de uma arma, o bandido (ladrão e assassino reincidente, de tendências anarquistas e subversivas) contou a Clapas todas as suas abomináveis ações. A anamnese de Clapas foi igualmente impiedosa e minuciosa, a ponto de levar o delinqüente à loucura e, quando conseguiu fugir, *a suicidar-se* da forma mais grotesca: invadindo de armas em punho uma delegacia e abrindo fogo contra os policiais. A

imprensa divulgou suas últimas palavras: “Atirem no sexo!”, e confirmou que alguns policiais seguiram tal conselho. O doutor Clapas ficou assustado e, temendo uma vingança do crime organizado, deixou o país.

Em Hollywood, ele modificou seu próprio enfoque freudiano rígido, tornando-se mais *à la page* e atraindo a gente do *show biz*. Além dos conceitos extraídos das filosofias e religiões orientais, como carma, chacra ou mantra, testava substâncias psiquicamente ativas que, como dizia, induziam a regressão tópica, como ocorre nos sonhos. Em circunstâncias excepcionais, ministrava aos pacientes um novíssimo composto, a dietilamida de ácido lisérgico, mais conhecida como LSD, substância capaz de “abrir o cofre do Id”.

Cary tinha falado de Archie Leach, da invenção de Cary Grant, de um pai que morreu bêbado, de uma mãe morta e ressuscitada, de dois matrimônios falidos. Cary não teve como falar de espões nazistas, missões por conta do MI6 ou encontros com déspotas socialistas de longínquas terras orientais, mas o que ele havia dito era mais que suficiente. Clapas, sinceramente impressionado, tinha decidido dar-lhe LSD sem informá-lo sobre os efeitos, para não despertar reações de defesa.

— Até amanhã, na mesma hora.

Clapas estava pendurado nos lábios do ator. Clapas suave e apertava o linho das calças na altura dos joelhos. Cary Grant estava completamente transformado, falava com um fortíssimo sotaque britânico, usava expressões idiomáticas aprendidas na Bristol do início do século, e em geral falava, falava, falava. Cary Grant era Archie Leach.

Cary via o próprio passado como se fosse um filme de 35 mm transmitido pela TV, exceção feita às cores vivas, pasmem, vivas como podem as de um incêndio no qual morre sua mãe, um incêndio provocado por seu pai. *Wide screen*, um retângulo mais

largo que o normal entre duas faixas pretas. Os acontecimentos iam desfilando. O matrimônio com Bárbara Hutton, amiga dos amigos de Mussolini, recepções intermináveis e bombardeios sobre Londres (os segundos prováveis conseqüências dos primeiros), Errol Flynn fatura uma menina na carlinga do seu avião Luftwaffe, o MI6 o pega em flagrante e o confina em um manicômio, toda noite Errol pula o muro que separa a ala masculina da feminina, vai trepar com Frances Farmer e Elsie Leach, aqui Cary chora, a mão de Clifford Odets escreve "Aqui Cary chora" e encerra a cena, o senador McCarthy manda para a fogueira todos os que sabem ler e escrever, a Gestapo tenta prender Carlitos, que se defende e os derruba com a bengala de passeio, o MI6 liberta Elsie em troca de uma colaboração, Cary recusa e diz: "Eu não sou James Bond!" ["Quem será James Bond?" pergunta a si mesmo o doutor Clapas], depois aceita, porque Elsie o enche de germe de trigo alucinógeno, assim Cary precisa partir para uma longa viagem, abre o armário embutido e lá dentro está um fulano de Quebec nu, com uma gravata *regimental* no pescoço, o fulano de Quebec é o sócia de Cary e está conversando com Josip Broz, chamado Tito ["O que Tito tem a ver com essa história?" pergunta a si mesmo Clapas], juntos vão ao Hotel Lux de Moscou, no corredor forrado de retratos de Stalin são envolvidos em um tiroteio, chegam os policiais vestidos à la Luís XVI, chega Robespierre que lhes arranca as perucas e diz: "Troquem de roupa ou mando vocês para a guilhotina!", depois se apresenta a Cary que, sabe-se lá por que, veste só uma roupa de banho. Chega o salva-vidas que lhe diz: "*Monsieur Bond, au téléphone!*" Cary repete: "Eu não sou James Bond!". Sir Alfred Hitchcock diz: "*Cut!*" Guilhotinas entram em ação, as cabeças caem em uma única grande cesta. Cary remexe na cesta, agarra uma cabeça: é aquela de Joe McCarthy. Cary nada, ao lado dele nada Frances Farmer, depois Frances Stevens [Clapas anota: "Perguntar de quem se trata"].

Cary relaxa. Cary adormece.

Cary não se lembra de quase nada. Acorda. Sente-se bem. As cores

são vivas. Os movimentos fluem, os ossos estão leves.

— Muito, muuuito interessante, *monsieur* Grant, mas qualquer anamnese seria precipitada. Ministrarei novamente o LSD. Está bem na terça-feira próxima, à mesma hora?

— LSD? Aquelas gotas eram LSD? Por que o senhor me deu uma droga alucinógena?

— Foi um recurso para que voltasse à infância, *monsieur* Grant, sem as inibições da idade adulta, além do princípio da realidade.

— Devo ter falado coisas sem sentido...

— Pelo contrário, *monsieur* Grant. Suas visões foram muito instrutivas. Tenho algumas perguntas pra lhe fazer, mas por enquanto não pense nisso. Até terça-feira.

— Acho que o efeito continua, é como se tudo estivesse... sublinhado. Como se cada objeto piscasse pra mim dizendo: "Estou aqui, e por nada no mundo poderia estar em outro lugar" ...

— Vou anotar essa descrição da percepção lisérgica, *monsieur*. É agradável?

— Posso dizer que sim. É como se tudo tivesse forma acabada, mas não fixa.

— Vai durar algumas horas. Enquanto isso, procure ver e ouvir como nunca viu nem ouviu antes.

Ao ficar sozinho, Clapas escreve:

Primeiras anotações para a anamnese.

O sujeito criou um *alter ego* de sobrenome revelador, o inexistente James Bond. "Bond", ligação. "James Bond" é o super-eu, é Hollywood, é por extensão a sociedade americana na qual o sujeito não está à vontade. De fato, várias vezes se defende com veemência da acusação de ser "James Bond", ou seja, de ter ligações com essa sociedade.

A referência às presumidas perversões e simpatias nacional-socialistas do ator Errol Flynn, que mais tarde copula com a mãe do sujeito e com uma atriz não muito famosa, uma

tal de Frances Farmer, é indicativo da mesma relação conflitante.

O sócia de Quebec no armário, surpreendido falando com o ditador iugoslavo Tito, representa exatamente o temor de não conseguir se conformar (o Quebec representa a anomalia cultural, o estrangeiro em casa), ou até de ser acusado de antiamericanismo e de ter simpatia pelo comunismo. O sócia de Quebec está nu, portanto em um estado de inocência perto da verdade, mas ao mesmo tempo usa uma gravata, sinal de indecisão entre natureza e civilização. Isso poderia significar que o sujeito é realmente criptocomunista, mas que isso lhe causa sentimentos de culpa e escrúpulos. A esse respeito, o paralelo entre Stalin, Robespierre e McCarthy, que culmina com a execução de McCarthy *feita por Robespierre*, indica uma contradição insolúvel: o sujeito sabe que a democracia prevalecerá sobre o totalitarismo, então sente remorso por suas simpatias comunistas, mas suspeita também que a democracia, para vencer, descerá ao nível do inimigo, recorrendo ao Terror. McCarthy demonstrou que isso pode acontecer. Diante dessa realidade inseparável da irrealidade, o sujeito se sente *parcialmente* justificado por sua escolha pelo comunismo. Ainda mais que não existe nenhuma autoridade parental que o recrimine e lhe explique que nem tudo é brincadeira e ficção, palco (vide referência a Clifford Odets) ou *set* cinematográfico (vide referência a Alfred Hitchcock). A nota constante é o rancor por um pai que não só matou a mãe, objeto do desejo edipiano do sujeito, mas também renunciou ao próprio papel de guia, deixando o sujeito em um limbo eterno entre infância e adolescência. As coisas se agravaram com o desdobramento, aliás, *tripartição* esquizóide da personalidade do sujeito, dividido entre a criança Archie Leach (que emergiu graças à repressão tópica induzida, através da fala com forte sotaque britânico), o personagem Cary Grant e o misterioso "James Bond".

O sujeito tripartido está à procura constante de três pais

(talvez o trio Stalin-Robespierre-McCarthy?) e três mães. Talvez por isso teve três esposas? Ou serão Elsie, Frances Farmer e a desconhecida "Frances Stevens"? As últimas duas nadam ao lado dele, clara referência ao líquido amniótico do ventre materno.

Clapas não tinha entendido nada.

De qualquer forma, Cary tinha descoberto como manter afastada a depressão.

Ver e ouvir. Umas poucas gotas e dá para ver cada fio do tecido do mundo.

O inverno da sua desesperança, sob aquele sol lisérgico, tornou-se um glorioso verão.

V

Londres, 20 de setembro

Prezado professor Fanti,

Não sou boa como o senhor para escrever, sempre escrevi pouco na minha vida e, além disso, comecei tarde demais. Mas vou tentar.

Gostaria de lhe dizer que não sei como me desculpar por todo o incômodo que causei e agradecer sua ajuda. O senhor escreveu dizendo que fez isso pela amizade que o une a Pierre, e eu acredito, mas isso não é suficiente para justificar tudo. O senhor é uma boa pessoa, daquelas que raramente encontramos na vida.

A acomodação que me arrumou com a família da sua falecida esposa é das melhores. Tenho muita dificuldade com a língua, mas já consegui arranjar o livro de estudo que me aconselhou e me dedico a ele dia e noite. Por enquanto estou só ajudando em casa, mas a senhora Jean disse que quer me arranjar um trabalho (pelo menos foi o que consegui entender). O dinheiro que me mandou da parte de Pierre, tirando o que precisava para os primeiros gastos, coloquei no banco, para depois decidir o que fazer com ele.

Parece incrível que a minha dor esteja diminuindo. Talvez eu só tenha conseguido contê-la, fechá-la no fundo do coração, para conservá-la junto com as recordações de Ferruccio. Mas talvez isso seja natural. A vida continua, e as coisas que o senhor me escreveu sobre a perda das pessoas queridas são ditas por alguém que passou por um calvário como o meu. Obrigada por isso também. Foram palavras belíssimas.

O senhor me informou que recebeu uma carta de Pierre, do México, e que ele está bem. Estou feliz. Por enquanto peço que o senhor lhe dê notícias minhas, diga que não me falta nada, que estou bem. Que vou guardar o endereço dele e quando tiver condições, escreverei sem falta. México. Qual a distância até o México? Do outro lado do oceano.

Sabe, é estranho, mas não sinto nenhuma saudade da Itália, as más recordações ainda são muito recentes. Deixando de lado o fato de me sentir desambientada, estou contente por estar aqui, onde não conheço ninguém e tenho que refazer tudo desde o início. Sou do tipo que sabe se adaptar. Veja que até comecei a comer ovos e *bacon* no café-da-manhã!

Não sei se tomei a decisão certa. Não sei de nada, para falar a verdade. Talvez só tenha agido por instinto, empurrada pela dor e pelo sentimento de traição. Mas agora não importa mais. Estou aqui e preciso pensar nesta nova vida.

Ainda sou incapaz de encontrar as palavras certas para lhe agradecer por tudo, professor.

Escreva e dê notícias.

Com carinho.

Angela

VI

Bolonha, 2 de outubro

Renato Fanti olhou longamente para o cartãopostal. Uma pirâmide pré-colombiana recortada sobre uma planície de ervas rasteiras.

Atrás, uma letra conhecida.

Cidade do México, 4 de setembro de 1954

Caro Professor,

Há ensinamentos que carregamos para todo lugar, até para o outro lado do mundo.

Há pessoas das quais não podemos nos esquecer.

Creio que a única forma que um aluno tem para demonstrar sua gratidão é enfrentar a vida fazendo uso daquilo que aprendeu.

Espero conseguir fazer isso. Espero que nos encontremos um dia para lhe contar, aliás estou certo que isso vai acontecer.

Seremos os mesmos, mas seremos outros.

Obrigado mesmo, por tudo,

Fanti escondeu a emoção atrás de um meio sorriso. Escolheu o disco certo e o colocou no aparelho. Pegou e encheu o cachimbo com o fumo das grandes ocasiões. Enquanto soltava as primeiras baforadas, observou a fumaça perfumada se erguendo em voltas azuis, misturando-se às notas de Stan Kenton, passando por sobre os livros, os enfeites ingleses dos móveis e os discos de jazz, *23° North and 82° West*. As coordenadas do futuro. La Habana. Os trópicos.

Murmurou:

— Boa sorte, Pierre. Boa sorte.

VII

Bolonha, 4 de outubro, dia de São Petrónio

— Quer ver que o Capponi também foi embora?

Diante da porta abaixada, sem um cartaz, um “Volto logo”, nada, a gente começa a fazer suposições.

— Foi embora? Você acha que ele ia embora assim, sem dizer nada?

— Por que não, se o irmão dele fez a mesma coisa? Pegou suas trouxas e foi pra América do Sul.

— E daí? Pierre tinha que levar o pai embora, ganhou todo aquele dinheiro em Montecarlo e não pensou duas vezes. Mas veja uma coisa, o Capponi não é um vagabundo que nem o irmão!

Gaggia ouve as vozes entrando por debaixo da sua porta e coloca a cabeça para fora, espiando para entender o que acontece.

— Ô, Gaggia, você sabe onde foram parar todos? Fecharam por causa da festa do santo padroeiro?

— Festa do santo? O Benassi nunca fechou por causa disso. E o Capponi nem é de Bolonha, hoje de manhã não vi nem Garibaldi, nem Bottone, nem ele, não dá pra entender aonde foi que se enfiaram.

— Será que morreu alguém?

— O Bottone não estava, de uns tempos pra cá, com problemas no fígado? Sei que ele andava querendo tomar aquele tal

“cogumelo chinês”.

— Que mortos? Que cogumelo chinês? Vamos, vamos falar sério, o que será que aconteceu? Será que a polícia voltou?

A menção aos guardiões da ordem modifica o assunto do discurso. Porque neste início de outono, aqui entre nós, mas na praça também, nas lojas e nos outros bares, qualquer desculpa é boa para falar do Governo Scelba, se vai agüentar ou vai fazer as malas, se outro democrata-cristão vai assumir ou se vamos votar de novo, mas na primavera, porque na Itália, entre junho e abril, não tem como marcar eleições. Algumas pessoas têm certeza de que existe um plano, uma estratégia anticomunista montada pela CIA, mas ninguém é capaz de explicá-la. Outros se satisfazem dizendo que é impossível no verão, porque as pessoas querem é se divertir, no outono e inverno é diferente, o povo está de saco cheio. Com o tempo feio, o frio, o trabalho, ninguém quer pensar em política, cozinhar o fígado, engolir a conversa fiada de sempre, escutar o que os poderosos têm a dizer. Mas na primavera, aaah, é outra coisa, a temperatura melhora um pouco, os dias também, a gente começa a pensar nas férias e o trabalho se torna menos pesado. Segundo Bottone, tudo é uma questão de simpatia: os padres, em 48, venceram na primavera e agora cismaram com aquela data, não tem jeito, se você semear em outra época, a colheita é ruim.

Gaggia já se esqueceu do trabalho, tudo coisa urgente, daqui a pouco começa a chover de verdade e vamos ter que arrumar os sapatos. Por outro lado, como todos sabem, os problemas do Scelba são dois: em primeiro lugar, Trieste, sobre a qual justamente nestes dias, em Londres, estão assinando o tratado. Dizem que será provisório, mas a gente não é trouxa: coube a Tito a parte do leão e a nós italianos a dos carneiros, porque para a América estava bom assim. E a outra questão é aquela da Montesi, um grande escândalo, o ministro Piccioni teve que se demitir, o filho dele foi para a cadeia junto com aquele Montagna, os policiais ficam jogando a responsabilidade uns nos outros, o chefe da polícia de Roma ainda vai acabar preso também. Gaggia, nestes dias, é, no bar, o mais requisitado perito, que Melega e Bortolotti que nada, o campeonato mal começou e, no caso da Montesi, o nosso sapateiro é o único que

sabe de tudo muito bem, porque acompanhou as coisas desde o começo e avisava que, mais dia menos dia, ia aparecer cada uma!

— Não sabem mais onde bater a cabeça, coitados! Não faz nem uma semana que botaram um tio da moça em grandes manchetes: “Giuseppe Montesi acusado do homicídio”, e agora, plof, a bolha já estourou e vão ter que arranjar outra muito maior.

— Ainda bem que essa história com esse pobre tio não funcionou, né, Gaggia? Acho que ele também é companheiro nosso.

A voz se aquece:

— É que eles estão numa fria, tentam salvar o que dá. Mas, desculpe, mesmo que a pobre Wilma tenha sido assassinada pelo tio, ou por outro qualquer, um que queria transar com ela e não tem nada a ver com o Piccioni e o Montagna, muda alguma coisa? Montagna continua sendo um bandido, é amigo de políticos, de vários chefes da polícia que tentaram abafar as investigações... Piccioni, está bem, teria saído limpo, mas o problema não é o Piccioni!

No fundo da rua, sob as tílias que estão perdendo as folhas, aparece uma bicicleta.

— Walterún, Walterún!

Ele pára. Parece irritado.

— Você sabe o que houve com o Capponi?

— O Capponi? Ele não foi para Ímola, com o Garibaldi, o Bortolotti, o Melega? Foram ao enterro daquele *partigiano* famosíssimo, como é que ele se chamava?

— Bob! É mesmo. Luigi Tinti, o Bob. Walterún, claro, você não pode ter conhecido, você fez a guerra em Milão!

Em um instante, Bob tira de cena Scelba, Montesi, Trieste. Os que o conheciam bem, como Capponi, estão todos em Ímola, mas até quem era velho demais, ou jovem demais, sabe de pelo menos um caso, e o menciona, perguntando se o protagonista era ele mesmo, se não estaria havendo confusão. Quase todas são histórias que nos contamos anteontem, quando chegou a notícia ruim e Capponi queria que fôssemos todos para casa, depois decidiu ficar, brindar à saúde do Comandante e lembrar das suas façanhas. No fim, passamos da meia-noite, e o bar estava mais cheio que às seis.

Apareceram também os caras do Comitê do Partido e gente que nunca se viu por aqui. Pela primeira vez desde que o conhecemos, Benfenati não disse uma só palavra, ficou calado, ouvindo as histórias, depois abraçou Capponi e foi para casa.

Hoje os assuntos são mais ou menos os mesmos, mas ninguém se queixa, porque algumas coisas é melhor repetir mais de uma vez, para não arriscar esquecer.

Assim que Walterún se despede, Gaggia verifica se ele está mesmo longe e nos reúne todos, agora que já somos uns vinte, inclina-se para a frente, e começa a falar um pouco à meia-voz, como se nos confiasse um segredo:

— Sabe, talvez seja melhor arrumar outro nome pro Walterún.
— Caras de surpresa, olhares, alguns “por quê?” largados no meio da roda. — Outro dia, ele veio trazer uns chinelos pra consertar. Estava a fim de confidências e explicou direito aquela história dele, em Milão, e do pessoal que o cumprimenta, “Walterún, Walterún”, e ele que fica sem graça. Digo: mas por que você fica chateado? E ele, enfim, explicou que em milânês Walterún não quer dizer Waltão, como nós pensávamos.

— E quer dizer o quê, então?

— Quer dizer “Olhe o terrone”, o meridional, como diríamos aqui, e ele nunca gostou disso, debochavam dele, entenderam? Então, não sei, mas se o chamássemos “Waltão”, ficaria mais contente, assim, sem que ele perceba.

Alguns concordam, outros acham que assim acabamos fazendo com que a coisa pese mais. Cesare Zambelli acha que os apelidos não podem ser mudados: ele se chama *Budlan*, pança, e nem depois que perdeu vinte quilos sonhamos em rebatizá-lo. Fizemos bem, depois de uns seis meses, estava de novo com mais de cem quilos.

Enquanto nos interrogamos sobre a origem de alguns apelidos misteriosos, chegam Capponi e o resto da turma, Garibaldi, Melega, Bortolotti e Bottone.

Alguém reclama da porta fechada de surpresa, sem um bilhete, um aviso. Capponi responde que desde que Benassi lhe vendeu sua metade, é ele quem decide se o bar deve permanecer

fechado. E hoje, nada de bar, precisava ir a Ímola, e ponto final.

— Garibaldi, você que é bom nisso, quanta gente tinha lá?

— No mínimo 15 mil.

— Talvez mais. Estavam os prefeitos de todos os municípios da montanha, estava Bulow, estavam Teo e Piccolo que carregaram o caixão, tinha seções da ANPI da Itália inteira. Estava Bergonzini, que fez discurso junto com o prefeito, tinha tanta gente que não dava pra entrar no cemitério de Piratello, tinha até banda! O que é que eles estavam tocando?

— *A Heróica* de Beethoven.

— É, aquela mesmo. E o Bob foi sepultado junto com os outros mortos da 36ª, num lugar onde está também Andrea Costa e todos os melhores cidadãos de Ímola.

Bottone se afasta do grupo e abana a cabeça:

— Talvez tenha sido bom que morresse tão cedo.

— Oh, Bottone, o que está dizendo?

— Se passassem outros dez anos, adeus, quem mais lembraria do Comandante Bob?

— Você está enganado, Bottone — corrige Garibaldi. — É mais fácil que esqueçam de você enquanto está vivo, quando ainda pode incomodar, depois quando você morre, eh, volta a ser um grande herói, é o momento de tirar as bandeiras na rua, cantar um pouco, dizer que o espírito da Resistência nunca morre. É assim que funciona, vá por mim.

Enquanto isso, Capponi já entrou e pôs para funcionar a nova máquina de café, enquanto Bortolotti se atira em cima do televisor e o liga, agora pegou essa mania, muitos de nós não estão de acordo, precisaria decidir no coletivo, e só se houver alguma coisa interessante, não assim, só por ligar. Mas o que se pode fazer, é o gosto pela novidade, Bortolotti diz que não tem sentido ter uma coisa para não usar. Realmente, agora que também temos pebolim, ele quase parou de jogar bilhar, e está sempre mexendo aqueles homenzinhos. A máquina do café, a televisão, o pebolim, o aquecedor a gás e as luminárias novas: tudo comprado com o dinheiro de Pierre.

— Ô, Brando, mas é verdade mesmo que ele ganhou essa

grana toda no cassino?

Brando não responde, um pouco porque precisa segurar o trio de atacantes de Bortolotti, mas especialmente porque anda deprimido, coitado. Pierre foi embora, Sticleina casou, encontrou um *verdadeiro* emprego de enfermeiro em Piacenza e foi morar lá, Gigi está de namorada nova, louca por mambo, não tem mais vontade de dançar a *filuzzi* com o amigo barbeiro.

Capponi chega perto da parede, onde está o quadro com sua medalha, e prende duas fotografias, bem retas, com percevejos.

Uma é do Comandante Bob, de uniforme, com os cabelos para trás, meio rosto iluminado e meio na sombra. Parece um pouco um santinho, mas é melhor não dizer isso. A outra é mais fora de foco, são dois fulanos, aquele não é Pierre? Oh! O outro, então, deve ser Vittorio. Estão abraçados e sorriem, e em cima, com caneta, está escrito: *Lembranças do Novo Mundo a todos os amigos do bar Aurora.*

— Ô, Capponi, pra onde é que eles foram mesmo? Venezuela?

Depois, em voz baixa:

— O Melega diz que o Pierre não tinha pressa de ir embora só por causa do pai. Parece que tem alguma coisa a ver com a mulher do Montroni, que de fato partiu também mais ou menos nos mesmos dias.

— Ela também foi pra Venezuela?

— E quem é que sabe?

— Pra mim, são mentiras, imagine se a senhora Montroni ia meter os cornos no marido com um garçom!

— Ela não casou com o garçom.

— Eh, as mulheres, as mulheres... — diz Stefanelli na outra sala.

Do aparelho ligado, bem próximo das duas fotos, chega a voz do apresentador, que entrevista alguns personagens de passagem por Roma.

— Mas por que vocês não desligam esse negócio aí?

O pedido de Garibaldi é o único sinal de atenção para o aparelho, desde que Bortolotti o ligou. E pode apostar que será assim até a hora de desligá-lo, porque aqui no bar Aurora, do

grande ator que chegou hoje mesmo em Roma, ou do tal político, nos interessa pouco, e se não fosse pelo futebol e o ciclismo, nem teríamos comprado o televisor. Nós temos Bottone, com as bombas atômicas dele, e Gaggia, que conhece de cor o caso Montesi. Precisamos pensar no apelido de Walterún e entender se Garibaldi pisca o olho porque quer uma carta, ou se a fumaça o está incomodando. As dúvidas sobre a política, Benfenati resolve, e daqueles da Sisal, como o jogo Carrarese e Parma, Melega e Bortolotti cuidam. Todo o resto, é opinião: a mulher de Montroni, o dinheiro de Pierre, o ano mais frio. E Gás, onde será que ele se meteu? Ainda está nos devendo o dinheiro da televisão antiga.

Por isso, no bar Aurora, aquele apresentador nunca terá grande sucesso. Se dependesse de nós, ele voltaria para a América movido a pontapés no traseiro.

VIII

Trieste, Itália, 5 de novembro

O arquiteto e poeta Carlo Alberto Rizzi levantou de manhã cedo e preparou um farto café-da-manhã. À mesa de trabalho, folheou o caderninho com as anotações. Naquela noite, no clube, queria declamar uma poesia sobre o dia 4 de novembro, sobre a comemoração dos mártires, sobre a medalha de ouro oferecida à cidade. Tinha marcado algumas impressões e queria transformá-las em versos.

Manhã tão límpida que anula as distâncias.

Anotação interessante. Poderia aproveitá-la para falar das gentes italianas, distantes mas próximas, na outra margem do Adriático. Era como se a atmosfera estivesse mais leve, naquele 4 de novembro, para aproximar de Trieste as terras não recuperadas, que escusos e secretos interesses separavam da mãe-pátria.

Basta um leve sinal de bora^[83] para fremir as bandeiras, em todos os terraços, em todos os prédios, especialmente duas, enormes, na entrada da praça: a Tricolor e a Alabarda de Trieste.

Celebrações em terra e no mar, na praça da Unità e nos navios atracados em frente, na bacia de San Giusto: o cruzador Duca degli Abruzzi, três caças brancos e um veleiro à moda antiga, todo cabos e mastros, o navio-escola Amerigo Vespucci da Academia Naval de

Livorno.

Soldados e marinheiros perfilados. Povo tomado de esfuziante alegria de uma estação ferroviária à outra. São esperados o presidente Einaudi e Scelba.

O vento e as bandeiras deram ao poeta um frêmito de inspiração. Pegou uma folha em branco e a alisou à sua frente, como se a purificasse com a mão. A caneta escrevia com dificuldade. Soprou levemente na ponta e recomeçou:

O vento que traz o eflúvio amado
do mar que muitas naus hoje acolheu
veio e desalinhou teu penteado
Trieste, orgulho do povo teu!

Bom, este era o vento. E as bandeiras? Não podiam ser deixadas de lado.

Saúda os que se foram e os que vivem
a fileira de casas que altaneiras
nos declives e planícies se exibem
enfeitadas de galões e de bandeiras.

Passou manteiga em uma fatia de pão, depois geléia de laranja, deu uma mordida e voltou a observar o caderninho cheio de migalhas.

Vinte e uma salvas de tiros de canhão erguem revoadas de pombos e de gaivotas da terra e do mar. Chega a comitiva presidencial: dez carros, precedidos da escolta a cavalo.

O presidente passa os soldados em revista. Mulheres e crianças empurram para tocar, saudar, acariciar os uniformes. Gente nas árvores, nos postes de luz: "Itália! Itália!". No mínimo 150 mil pessoas.

As autoridades chegam ao Paço Municipal às 11:35, aparecem

na sacada. O prefeito lembra as gentes irmãs da costa oriental do Adriático. Scelba explica por que o Governo assinou um acordo que não atende às expectativas do povo italiano: Trieste estava esperando havia tempo demais, era necessário resolver a situação a qualquer custo. Tranqüiliza os eslovenos que permaneceram em território italiano quanto ao respeito aos pactos, à vontade de sepultar de fato o passado, estabelecer ambiente de harmonia e colaboração. Se os pactos forem respeitados, as minorias se tornarão motivo de amizade entre os dois países.

"Facilitar qualquer tipo de intercâmbio que seja proveitoso para os dois países." "A Itália e a Iugoslávia precisam colaborar para a defesa da paz e a prosperidade das duas nações."

Rizzi se lembrou das vaias que se ergueram da praça quando o primeiro-ministro pronunciou aquelas frases, favoráveis demais a Tito e a um pacto que agradava a Iugoslávia só para que ela permanecesse afastada de Moscou. Os direitos do povo eram pisoteados pela política: pior que na Coreia e no Vietnã porque lá, pelo menos, falavam a mesma língua, no Norte e no Sul. Os regimes eram diferentes, mas não a cultura, as tradições, o espírito. Se fosse pelos ingleses, Trieste seria uma outra Berlim, dividida em setores, desmembrada. Além disso, no Vietnã tinham falado em *referendum*, em unificação: porque na Zona B ninguém pensava em pedir o parecer do povo? A despeito de Wilson e do princípio de autodeterminação.

Aqueles pensamentos sinistros, a imagem da careca do Scelba na sacada do Paço, distraíam-no dos versos. O que estava faltando? As terras irredentas, deixadas ao estrangeiro, vizinhas na distância. O triunfo alheio e a tristeza. A caneta deslizou na folha:

Trieste, Itália — não é completa a alegria
do coração que pensa naquela gente
que da Pátria o amparo hoje não sente
e que de participar da festa gostaria.

Ótimo. Poderia quase acabar assim. No caderninho só havia algumas linhas:

Einaudi prende a medalha de ouro na bandeira gigantesca que Roma doou à cidade. Os alto-falantes declaram o motivo da honraria: "Existente há séculos para indicar, em nome da Itália, os caminhos da união entre povos de diferentes origens, ativa participante, com seus melhores filhos, da independência e da unidade da Pátria, na longa vigília confirmou, com o sacrifício dos mártires, a vontade de ser italiana. Essa vontade seria selada, com o sangue e o heroísmo dos voluntários, na guerra dos anos 15 a 18. Em condições particularmente difíceis, sob as garras nazistas, demonstrou, lutando e tomando partido, seu grande desejo de justiça e sua aspiração de liberdade, ambas conquistadas expulsando com resolução o opressor. Nos recentes dramáticos acontecimentos e na humilhação da Itália, contra os tratados que a quiseram separada da mãe-pátria, com tenacidade e paixão aliadas à esperança, confirmava e reafirmava para o mundo seu incontestável direito de ser italiana. Exemplo de inestimável fé patriótica, de perseverança contra toda adversidade e de heroísmo".

O dia tinha terminado em San Giusto. A Basílica estava repleta, a praça também, apesar do vento ter começado a soprar. Depois do *Te Deum* de agradecimento, o bispo tinha lembrado da diocese desmembrada, das paróquias de Ístria agora sob Lubiana e Parenzo. Na torre, a bandeira com a medalha tinha saudado o povo, junto com o toque do grande sino.

Rizzi pensou no frio que tinha passado. Deu uma olhada fora da janela: o vento não parava de soprar, gelado. Estava precisando comprar um casaco novo. Quente como o montgomery cinza, que os agentes do GMA tinham tirado dele sem cerimônias. Uma troca de casacos, ao que parecia. Em um café no centro. Mas então, por que não haviam devolvido o dele? Que devolver nada: tinham-no

enchido de pontapés e mandado de volta para casa.

Sua perna ainda doía.

A bunda também já não era como antes.

IX

Moscou, Palácio Lubianka, 21 de novembro

O general Serov colocou a documentação na escrivaninha, as folhas perfeitamente alinhadas.

Informações atualizadas de Saigon, capital do Vietnã do Sul.

Relatório sobre Bao Dai, "imperador" de opereta. Sorriso de imbecil e olhar estúpido no papel moeda e selos. Estava fora da História, se é que um dia tinha entrado.

Relatório sobre o novo primeiro-ministro Ngo Dihn Diem, carola, com uma atração doentia por crucifixos, católico instalado no poder em um país budista. O irmão dele: um louco viciado em ópio com pretensões pseudo-intelectuais, apaixonado por intrigas. A cunhada: uma rameira consumida pelo ódio aos comunistas. Um regime corrupto apoiado pelos Estados Unidos.

Informações atualizadas de Hanói, capital do Vietnã do Norte. Os "amigos", com a China em cima da cabeça e os pés em um pântano de sangue e merda.

Equilíbrio instável. A "paz" não duraria muito.

Informações atualizadas sobre Tito, sobre os italianos que abandonavam Ístria e Dalmácia, sobre aquele escândalo, o "caso Montesi".

Informações sobre a Guatemala, novamente propriedade exclusiva da United Fruit, depois do golpe com que a CIA tinha

derrubado um governo “desagradável”.

A América Latina, “quintal” dos americanos, uma fina camada de terra cobrindo o magma. A nova frente era aquela, Serov teria apostado nisso.

Ofícios provenientes da França e Suíça.

Relatório sobre “Vladimir” e “Estragon”. Localizados em Paris, no *Quartier Latin*. Andavam com artistas, pseudo-revolucionários, mitômanos, pretensos “profetas” de movimentos ainda mais pretensos. Um romeno chamado Isidore Isou. Idiotices. Azzoni e Mariani se divertem naquele meio. Não havia telefoto em que Mariani não risse, dentes à mostra, zigomas e sobancelhas que quase se uniam. Azzoni olhava para a lente fotográfica.

Ele os usaria de novo. Os palhaços se entendem com outros palhaços, e o mundo era agora uma parada de *clowns*.

Informações atualizadas sobre todos e sobre tudo. Que ano agitado. Um ano que mudava a cara do mundo.

O nascimento da KGB. A conferência de Berlim. O rearmamento da Alemanha e a sua entrada na OTAN. A derrota dos franceses na Indochina e a divisão do Vietnã. Tito. A ruína de McCarthy. Tito e Cary Grant. Experiências nucleares nos desertos e no meio dos oceanos. O fim do “pós-guerra”.

O nascimento de aberrações em toda a União Soviética: carneiros de duas cabeças, bezerros sem pernas, uma cabra de um olho só. Havia um prenúncio de acontecimentos terríveis.

Só para variar.

O general Serov se levantou, alongou as articulações do pescoço e dos ombros e percorreu os dez passos que o separavam da janela. Olhou para fora do vidro e mais uma vez, como todo dia, sentiu-se parte de uma grande engrenagem.

Parte da História.

X

Cidade do México, depois de algum tempo

— Sério que vocês não conhecem a história do pau do Rasputin? Bom, compadres, se nunca foram a Moscou, pode ser que não conheçam mesmo. Precisam saber que, quando os que tramavam sua morte foram buscá-lo, no meio da noite, na casa dele, Rasputin, que era um homenzarrão, alto e *fuerte*, conseguiu fugir se jogando no rio por uma janela. Mas era *invierno* e a água estava gelada, então o bosta morreu congelado depois de poucas braçadas. O cadáver foi recuperado e levado à margem, rígido como um bacalhau. O que surpreendeu a todos era o caralho, que estava duro. A empregada e amante, que o tinha servido por muitos anos, tinha verdadeira veneração pelo pau dele. Sabem como são os camponeses russos, supersticiosos e simplórios. E ela achava que salvaria o símbolo do vigor viril e da potência dele. Por isso, cortou o caralho. E parece que era enorme, *más que treinta centímetros!* E escondeu o negócio. *De aquel* momento não se sabe *lo que pasò*, o que aconteceu ao membro. Existem lendas, é, histórias esquisitas sobre a relíquia, mas parece que passou de mão em mão, que foi vendido a peso de ouro, que os Brancos o procuraram por toda parte, para fazer dele um estandarte da contra-revolução. Os bolcheviques também o procuraram, para queimá-lo e espalhar as cinzas ao *viento*. Moral da história, hoje sabemos *donde está* o

caralho do Rasputin. No Museu de História Natural de Moscou. Se olharem na vitrina da foca-monja empalhada poderão ver, embaixo, os filhotes da foca, com o característico capuz. Só que um deles não é um filhote.

León Mantovani encarou as duas pessoas sentadas na outra ponta da mesa. Tinham um ar de perplexidade. Mas estava acostumado, as histórias dele despertavam com frequência aquele efeito. Tinham aparecido ali perguntando por ele. Sabiam que o bar estava à venda e estavam interessados em comprá-lo. Um jovem e um sujeito que podia ter mais ou menos a idade dele. Pai e filho.

Tinha se apresentado:

— Muito prazer, Leonardo Mantovani. *Pero* aqui todos me chamam León, desde que cheguei, em 39, depois da derrota *de España*.

Tinha olhado para eles cuidadosamente. Tinham, parecia, uma história interessante para contar. Quantos assim ele já tinha encontrado na vida? O México era o *refugium peccatorum*, a terra nova e antiga onde os perseguidos e rejeitados chegavam à procura da sorte. O país da primeira revolução do século, a de Villa e Zapata, aquela da qual não se sabia se havia vencido ou se ficara perdida pelo caminho, entre a maior capital do mundo e a *sierra*.

O mais velho dos dois tinha falado de outra revolução. Iugoslávia, os Bálcãs. Outro planeta. O jovem tinha falado de uma revolução que não aconteceu. Em casa, na Itália.

León tinha falado do pau do Rasputin.

— Sabem, uma vez Stalin me disse que não se deve falar mais que o estritamente necessário. *Mejor*, como dizem nos tribunais norte-americanos, cada coisa que disser pode ser usada contra você. *Pero* neste lugar há uma regra não escrita: todos os que passam por aqui têm uma história pra contar. Às vezes é verdadeira, outras, pura fantasia. Não faz muita diferença, se a história é boa. Como todos sabem que sou um bom contador de histórias, alguém de vez em quando tenta me desafiar. Mas ninguém ainda conseguiu me vencer!

— Você conhece Cary Grant, o ator americano? — perguntou o jovem.

O pai tocou o ombro dele, como quem diz “deixe pra lá”.

— Você conheceu mesmo Stalin?

— Angel, *esta cerveza está caliente*. A primeira vez foi em 22, quando o Partido me mandou em missão a Moscou, com uma mala pela metade e uma carta de Gramsci no bolso. Desde então não voltei mais à Itália. Em compensação colecionei condenações em meio mundo. Em Moscou conheci Lenin, depois Trotsky e Stalin, Bukharin e Molotov: um frio, compadres, vocês não podem imaginar o frio que faz em Moscou *en invierno*. Não consegui nunca tirar aquele frio do corpo, não tinha lenha para queimar, não tinha diesel, nada de nada. A revolução mais fria de que me lembro! E você não podia se queixar, era aquecido pela chama revolucionária. *Spasibo* e marchar!

— Quanto tempo você ficou na Rússia? — perguntou o rapaz.

— Vários anos. Levava mensagens a Paris. Vai e volta. Levava as ordens de Togliatti aos companheiros exilados na França. Era perigoso, especialmente depois de 33, quando precisava atravessar a Polônia e a Tchecoslováquia, para chegar à Suíça. Espiões nazistas por todo lado e em Paris os infiltrados do OVRA, *hijos de una gran puta madre*, que queriam nos matar. Mas eu sempre pus no rabo deles, porque me disfarçava, é, sempre com roupa diferente, uma vez até de barba de mentira. Acabei com um do OVRA na privada da *Gare du Nord*. Atirei nele de frente. E como ele me sujou todo de *sangre*, saí da estação nu. Peguei uma pneumonia, mas aquele bosta foi pro cemitério!

Risadas e goles de cerveja.

Da sala ao lado, onde os velhos jogavam dominó, ouvia-se o sotaque exótico do advogado. Um retumbante monte de palavras que deviam soar incompreensíveis aos dois italianos recém-chegados.

Um sinal distraído com a mão para aquele lado. Não deixam ouvir o fim da história, *cabrones*.

— Depois fui transferido definitivamente pra Paris, pra organizar as Brigadas Internacionais. Com Longo, isso mesmo.

Quando cheguei à Espanha, pra defender a República, era uma zona que não dá pra contar. Trabalhávamos dia e noite, era uma reunião só, um tal de consultar mapas, engraxar fuzis, organizar as Brigadas. E a confusão dos idiomas! Caramba, os ingleses entendiam uma coisa, os russos outra, os húngaros entendiam A, os iugoslavos B, depois os americanos, os alemães e nós italianos, os irlandeses, *locos, loquísimos*, puta merda, por isso perdemos a guerra! Ninguém entendia ninguém!

No outro cômodo, o fluxo inesgotável de palavras, lento, marcado, ritmava o raciocínio do advogado. *Eh, mas quando se têm todas aquelas idéias na cabeça...*

Pai e filho esticaram o pescoço para espiar de outro ângulo e ver a quem pertencia aquela voz.

Precisava reconquistar depressa a atenção deles:

— Aí, depois da derrota, o México nos acolheu. Ninguém nos queria. Até construímos um monumento *a los hermanos* mexicanos! Se não fosse por eles... Ah, mas pra Rússia não teria voltado, pra congelar a bunda outra vez, de jeito nenhum. Além disso, as coisas tinham mudado muito. Todos os que eu tinha conhecido nos anos 20 tinham sido liquidados. Traidores, disse Stalin. Que é isso, você faz a revolução e é fuzilado como *enemigo* do povo? Não, obrigado, melhor o México. Tinham me pedido também para ajudá-los a matar Trotsky. Falei não, façam sem mim, *el* camarada Mantovani está caindo fora da confusão. E assim mataram Trotsky com uma picareta e eu abri esta cantina. Depois, uma noite, tentaram acabar comigo também. Estavam à minha espera perto de casa. Eram três. Para enterrá-los no campo foi uma trabalheira.

Fim.

O comício na sala ao lado, pelo contrário, não dava sinais de acabar. León pensou: “Como sempre, toca fechar tarde hoje também”.

O melhor a fazer era relaxar. Pernas esticadas na cadeira:

— Agora quero me aposentar. A cidade não é mais pra mim. Quero ir pra praia, onde faz calor, ficar todo *el día* sem fazer nada. *Por eso* estou vendendo isto aqui. E se estão mesmo interessados, aconselho que aproveitem, porque o preço é bom.

Os dois ouvintes emergiram da história piscando os olhos.

O pai falou:

— Certo, o preço é bom. Mas precisamos de conselhos também.

Naquele momento, o rio de palavras proveniente do outro cômodo tornou-se mais intenso, quase retumbante.

O rapaz não resistiu:

— Quem é que está falando lá dentro?

— O advogado. Uma grande cabeça, um que tem dois *cojones así*. Exilado também, como todos nós.

— Puxa vida! — comentou o rapaz. — Ele está falando há duas horas!

— Aquele lá, no país dele, assaltou um quartel do *ejército*. Grande cérebro e bolas *de hierro, entiendes?* Só que quando começa a falar... — encolhe os ombros. — Aqui tem refugiados de meio mundo. Se ficarem, vão ouvir cada uma. Veja o advogado, por exemplo: procura gente boa pra treinar guerrilheiros. Quer tirar um ditador e libertar a ilha dele! De vez em quando, digo que ele é louco. Como *Don Quijote*, é. Depois lembro que passei toda a minha vida com loucos e não me arrependo.

Uma estranha luz brilhou nos olhos do mais idoso dos dois ouvintes:

— Treinar guerrilheiros?

Era preciso explicar para ele:

— Estamos na América Latina, compadre. Você não pode se surpreender com nada. Pense na coisa mais absurda que vier à sua cabeça: aqui é normal.

Naquele momento, a figura alta e corpulenta do advogado chegou até o balcão. De vez em quando, a garganta dele também secava.

— *Abogado, qué tal? Deje que le presente a mis amigos.*

Vestia um terno preto, elegante, os cabelos curtos ondulados, puxados para trás com brilhantina e o rosto jovial, um pouco gorducho, no qual apareciam os bigodes finos. Parecia não ter mais de trinta anos.

León Mantovani apresentou seus hóspedes:

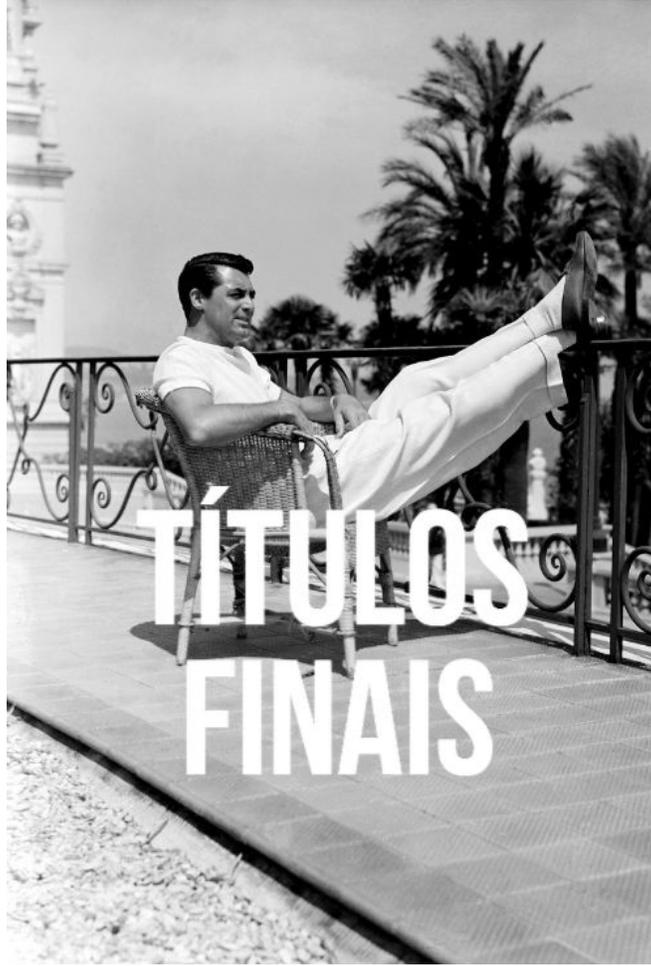
— *Le presento a dos compañeros italianos. Piense que el padre luchó junto al comandante Tito contra la dominación nazifascista. Estuvo en las montañas con la guerrilla...*

O homem apertou a mão do velho *partigliano*.

— *Muy honorado... abogado Castro Ruz.*

Depois fez a mesma coisa com o rapaz, e foi como se lhe transmitisse uma estranha sensação.

Aquela de que a vida, como a História, nunca parava de nos reservar surpresas.



Estes são realmente pensamentos
de todo homem em qualquer tempo e lugar,
não são originais meus;
e se não são de vocês tanto quanto meus
não querem dizer nada
ou quase nada;
e se não são a pergunta
e a resposta à pergunta,
não significam nada;
e se eles não se colocam tão perto
quão distantes parecem,
não valem nada.

Esta é a relva que cresce
onde quer que haja terra e haja água,
este é o ar comum
que banha o globo.

WALT WHITMAN,
Canção de mim mesmo, XVII.^[84]

Sobre Cary Grant

(1904-86)

Cary e Betsy se separaram em 1958 e se divorciaram quatro anos mais tarde. Cary se casou mais duas vezes. Abandonou o cinema em 1966, depois de 72 filmes. Tornou-se diretor da multinacional de cosméticos Fabergé. Morreu em 1986, foi cremado e teve suas cinzas espalhadas ao vento.

“Usei o LSD uma centena de vezes antes que se tornasse ilegal.” (C. G.) Na *web* vive e prospera uma tribo de fãs de Cary Grant. O site mais completo é:

www.carygrant.net

É possível também se inscrever na Warbrides, fórum de discussão entre os fãs:

www.carygrant.net/warbrides.html

Entre as numerosas biografias e obras críticas, aconselhamos decididamente: McCANN, G., *Cary Grant: A Class Apart*, Columbia University Press, 1997.

Imaginem que Cary tenha se divertido colocando nos seus filmes algumas referências ocultas à aventura iugoslava. Boa pesquisa!

Sobre Frances Farmer

(1914-70)

Hollywood tentou corrigir sua própria injustiça dedicando-lhe um filme. *Frances* (1982) é sustentado pela sensacional interpretação de Jessica Lange e descreve muito bem a progressiva decadência e descida aos infernos, apesar de terem forçado algumas situações. *Exempli gratia*, não há provas do fato de que Frances tenha sido submetida a uma lobotomia transorbital. O filme é um mergulho nos últimos vinte anos de vida e "carreira": dois casamentos, pequenos trabalhos, mudanças de Seattle a San Francisco até atracar em Indianápolis, onde dirigiu um show de TV e, antes de morrer de câncer, escreveu sua autobiografia, *Will There Really Be A Morning?*, edição póstuma de 1972.

Frances descansa no Oaklawn Garden Memorial Cemetery de Indianápolis, Indiana.

A banda Nirvana lhe dedicou uma canção, "Frances Farmer Will Have Her Revenge on Seattle", do álbum *In Utero*, 1993: "Ela voltará como chama/ para queimar todos os mentirosos/ e deixará uma cobertura de cinzas/ sobre a Terra".

A filha de Kurt Cobain e Courtney Love se chama Frances.

Sites sobre o assunto:

www.geocities.com/~themistyone/index2.html

www.people.virginia.edu/~pm9k/libsci/FF/francesF.html

Sobre Lucky Luciano

(1897-1962)

Apesar dos esforços de Charles Siragusa e das várias investigações contra ele, Salvatore Lucania *nunca* foi preso. Morreu de infarto no aeroporto de Nápoles em 26 de janeiro de 1962. Está sepultado no St. John's Cemetery do Queens, Nova York.

“Nunca fui um pobretão e nunca serei um pobretão.” (L. L.)

Sobre Wilma Montesi

(1932-53)

Nunca apareceram provas que dessem conta que Wilma Montesi tenha participado de uma festa na propriedade de Capocotta, em Tor Vaianica. A proximidade geográfica entre a propriedade e o trecho de praia onde foi encontrado o cadáver era a única, e bem frágil, ligação com Montagna e seu amigo Piero Piccioni.

Na verdade, a hipótese da acusação era fundamentada somente no histórico de Montagna como espião fascista, bravateiro e (especialmente) fanfarrão, e no fato de que Piccioni era filho do ministro do Exterior, Attilio. O caso foi infestado de falsos testemunhos e “confissões” bombásticas. Anna Maria Moneta Caglio inaugurou a moda da “supertestemunha”, que até hoje figura indispensável em todo teorema judiciário.

O caso foi explorado pela “esquerda” da Democracia Cristã de Amintore Fanfani (com o PCI e os seus órgãos de imprensa agindo como inocentes úteis) para tomar o controle do Partido (havia pouco tempo órfão de Alcide De Gasperi), fazendo a cama da corrente de Piccioni, cuja carreira foi seriamente comprometida pelo escândalo.

Em 27 de maio de 1957, o tribunal de Veneza absolveu todos os acusados. A sentença descreveu Caglio como uma testemunha não confiável e mitômana.

Nos anos 60 e 70, Piero Piccioni tornou-se um grande compositor italiano de trilhas sonoras. Nos anos 90, para sua grande surpresa, viu-se eleito nume tutelar da chamada *lounge music* e da tribo *Exotica & Sixties Revival*.

O caso permanece até hoje sem solução. Quem matou Wilma Montesi?

Sobre Joe McCarthy

(1908-57)

Em sessão de 2 de dezembro de 1954, o Senado dos Estados Unidos condenou oficialmente o trabalho de McCarthy, com uma maioria de 67 a 22. Isso colocou um ponto final na sua carreira de caçador de bruxas. O senador afundou no rancor e no alcoolismo. Morreu de hepatite em 1957. Está sepultado no cemitério católico romano de Appleton, Wisconsin.

Sobre alguns inexplicáveis fenômenos mediúnicos

Steve Cimento pode ser visto nitidamente no filme *Lucky Luciano* de Francesco Rosi (Titanus, 1973, trilha sonora de Piero Piccioni).

Salvatore Pagano, vulgo Kociss, aparece no filme *Ladrão de Casaca* de Alfred Hitchcock (Paramount, 1955).

O filme sobre a Quinta Ofensiva foi realizado em 1973: *Sutjeska* (no Brasil, *A Quinta Ofensiva*), com Richard Burton (no papel de Tito), Irene Papas, Milena Dravic, Ljuba Tadic e Bata Zivojinovic. Cores, 87 min, a mais cara produção cinematográfica iugoslava.

Agradecimentos

Wu Ming 5 (Riccardo Pedrini), pela assistência, o *brainstorming*, a documentação sobre a *Filuzzi* e sobre o pugilismo bolonhês.

Cinzia, pela capa (da edição italiana).

Andrea Olivieri, pela consultoria e traduções em língua triestina.

Marco De Seriis pelas outras consultorias lingüísticas.

Fabrizio Giuliani, pelas informações sobre a KGB. Giuliani traduziu do russo a obra de Evghenji Primakov *Storia del KGB* (3 vols.), Hobby & Work, Milão 1999-2000.

Annamaria Cattaneo, pelo material sobre os pombos.

Instituto Regional Ferruccio Parri, pela história do Movimento de Libertação, rua Castiglione 25, *Bolonha*.

Biblioteca Municipal do Archiginnasio, Praça Galvani 1, *Bolonha*.

Os combatentes *partigiani* Mirco Zappi (36ª Brigada Garibaldi) e Carlo Venturi *Ming* (Brigada Stella Rossa), pelo material fornecido.

Vitaliano Ravagli, pelo *epos* e pela amizade.

Daniele Vitali, Luigi Lepri, Alberto Menarini e Gaetano Marchetti, pela inestimável obra em defesa da língua bolonhesa.

Roberto Santachiara, *hasta siempre comandante!*

54 contém explícitas homenagens aos seguintes antepassados e colegas: Beppe Fenoglio (1922-63), Auguste Le Breton (1913-99), Léo Malet (1909-96), Walter Chiari (1924-91), Jean-Claude Izzo (1945-2000), James Ellroy, Edwin Torres & Brian De Palma. Agradecemos a eles, também.

Obrigado a todos os inscritos em *Giap*, o nosso boletim telemático. É possível também se inscrever em nosso site, www.wumingfoundation.com.

Pedimos licença aos amigos “vampirizados” no romance: Stefano “Zollo” Colombarini; Fabrizio Giuliani; Alberto Rizzi; Leo Mantovani; Maurizio Melega; Giovanni Azzoni; Luca Mariani; Federico Martelloni.

Em nome de Salvatore Pagano, agradecemos:

Ao advogado Carlo Ercolino, pela paciência.

A Capozzoli Salvatore e Staiti Davide, pela companhia e o apoio moral na prisão de Poggioreale.

Iniciado em maio de 1999, durante os bombardeios da Otan sobre Belgrado.

Entregue ao editor em 21 de setembro de 2001, aguardando *escalation*.

Notas

- [1] Como eram chamados os membros da Resistência que desenvolviam ações de guerrilha no território nacional. (N. T.)
- [2] Organização de Vigilância e Repressão ao Antifascismo — serviço secreto da ditadura fascista (N. E.)
- [3] Neste caso, utilizou-se como apelido o nome da região da Itália de onde veio a pessoa. (N. T.)
- [4] Natural da Sardenha. (N. T.)
- [5] A bandeira italiana com suas três cores: branco, vermelho, verde. (N. T.)
- [6] Adepto do irredentismo, movimento italiano de reivindicação, a partir de 1870, dos territórios que tinham permanecido como possessões austríacas. (N. E.)
- [7] Movimento Social Italiano — partido neofascista fundado depois da II Guerra Mundial (N. E.)
- [8] Do sol, em napolitano. (N. T.)
- [9] Vamos, em napolitano. (N. T.)
- [10] Rapazes, em napolitano. (N. T.)
- [11] Botão (N. T.)
- [12] Catedral de Milão (N. T.)
- [13] Bureau de Informação Comunista — órgão criado para funcionar como um elemento de comunicação entre os Partidos Comunistas de todo o mundo. (N. E.)
- [14] Denominação da dança veloz e acrobática, típica de Bolonha na época, e dos que a praticavam. (N. T.)
- [15] Café com algumas gotas de licor, servido especialmente no inverno. (N. T.)
- [16] Personagem fantástica, com aparência de velha, que traz presentes às crianças no dia 6 de janeiro (Epifania). (N. T.)
- [17] Jogo semelhante à bocha, porém praticado em mesa de bilhar. (N. T.)
- [18] Submetralhadora inglesa, de calibre 9 mm, largamente utilizada na Segunda Guerra Mundial. (N. T.)
- [19] Como é chamada a porção meridional da Itália. (N. T.)
- [20] Submetralhadora automática, tornada célebre por ser a arma preferida dos gângsteres norte-americanos nos anos 30. (N. E.)

- [21] Ele o matou!, em napolitano. (N. T.)
- [22] Me larga!, em napolitano. (N. T.)
- [23] Gumbá, “compadre”, com sotaque napolitano. (N. T.)
- [24] Seguidor do movimento que, na segunda metade dos anos 40, via o Estado ideal como puramente administrativo, sem a presença de partidos políticos, mas interpretado em acepção negativa como contrário ao pluripartidarismo. (N. T.)
- [25] Um bom rapaz, em napolitano. (N. T.)
- [26] De Nossa Senhora, em napolitano. (N. T.)
- [27] Comiam as crianças, em napolitano. (N. T.)
- [28] Military Intelligence seção 6 — serviço de espionagem britânico. (N. E.)
- [29] Na Inglaterra, título de nobreza superior ao de cavaleiro e inferior ao de barão. (N. E.)
- [30] Confederação de nações que algum dia já fizeram parte do império britânico. (N. E.)
- [31] O casal Julius e Ethel Rosenberg foi condenado à morte pela Justiça de Nova York em abril de 1951 sob acusação de espionagem contra os Estados Unidos. De acordo com a acusação, os dois forneceram informações sobre a fabricação da bomba atômica aos soviéticos. (N. E.)
- [32] Líder revolucionário vietnamita, que mais tarde se tornou um dos protagonistas da Guerra do Vietnã, liderando as forças do Vietnã do Norte. (N. E.)
- [33] Histórica batalha marítima, ocorrida em 1805, em que os ingleses, liderados pelo célebre almirante Nelson, derrotaram a marinha franco-espanhola, arruinando as pretensões de Napoleão quanto à invasão das Ilhas Britânicas. (N. E.)
- [34] O supremo órgão jurisdicional italiano. (N. T.)
- [35] Corporação que exerce funções de polícia civil, militar e judiciária. A denominação deriva da “carabina” portada no passado por soldados a pé ou a cavalo. (N. T.)
- [36] Salão de baile, em dialeto bolonhês. (N. E.)
- [37] Conjunto de estúdios cinematográficos inaugurado em 1937, com uma área de 140 mil m² estabelecidos na periferia de Roma. (N. T.)
- [38] Metralhadora leve de fabricação inglesa, de calibre 7,7 mm, amplamente utilizada na Segunda Guerra Mundial. (N. E.)
- [39] Harry Houdini (1874-1926) — mágico húngaro famoso por conseguir se libertar das correntes em que se fazia prender. (N. E.)
- [40] Colhões, em napolitano. (N. T.)
- [41] Sabiam disso, em napolitano. (N. T.)

- [42] Lugar onde estão guardadas as reservas em ouro dos EUA. (N. E.)
- [43] Assim, em napolitano. (N. T.)
- [44] Excitantes, provocantes, em napolitano. (N. T.)
- [45] Putas, em napolitano. (N. T.)
- [46] Mulheres, em napolitano. (N. T.)
- [47] Um pouco mais, em napolitano. (N. T.)
- [48] Mães, em napolitano. (N. T.)
- [49] Rapaz; na hierarquia da máfia, o grau mais baixo. (N. T.)
- [50] Como ficaram conhecidos os anos de 1919 e 1920, época de intensa mobilização dos trabalhadores, que fizeram greves e ocuparam fábricas em todo o país. (N. E.)
- [51] Associação política fascista, que utilizava como símbolo o *fascio*, feixe de varetas com machado. (N. T.)
- [52] Um frio do cão, em napolitano. (N. T.)
- [53] Virtus Bologna, uma das equipes mais tradicionais do basquetebol europeu. (N. T.)
- [54] Sociedade que em 46 introduziu na Itália o mercado moderno dos jogos. (N. T.)
- [55] A loteria esportiva italiana. (N. T.)
- [56] Vo Nguyen Giap, herói da guerra dos vietnamitas com franceses e, posteriormente, contra os norte-americanos. (N. T.)
- [57] Estrela vermelha, brigada da Resistência Italiana. (N. T.)
- [58] "Você voltou!", "Rapaz, onde esteve?", "Que fim você levou?", em napolitano. (N. T.)
- [59] Emil Zatopek, maratonista tcheco conhecido como "a locomotiva humana". (N. T.)
- [60] Grupo de puritanos ingleses que foram para a América do Norte em 1620 com o intuito de colonizar a região. (N. E.)
- [61] Como são conhecidos os cidadãos brancos reacionários do sul dos EUA. (N. E.)
- [62] Descoberta arqueológica que permitiu a decifração da escrita egípcia. (N. E.)
- [63] Expressão muito usada na região, como forma atenuada de blasfemar, porque invoca Nossa Senhora sem nomeá-la. (N. T.)
- [64] Aviões de guerra alemães. (N. T.)
- [65] Gappista — membro do GAP, Gruppo di Azione Patriottica, da Resistência italiana, que executava sabotagens e atentados especialmente nas cidades. (N. T.)

- [66] ANPI — Associazione Nazionale Partigiani d'Italia (N. T.)
- [67] Baixa Itália, como é geralmente chamada a Itália do Sul. (N. T.)
- [68] Todos os meses para cima e para baixo. Em bolonhês. (N. T.)
- [69] Referência aos italianos do Sul, por sua proximidade com o Marrocos, mais que com o resto da Europa. (N. T.)
- [70] Por favor, dê a sua opinião. Programa de grande audiência na época. (N. T.)
- [71] Linha de fortificações, tanques e postos de metralhadoras posicionados pela França na região de fronteira com a Alemanha no início da Primeira Guerra Mundial. (N. E.)
- [72] Denominação dos combatentes da Resistência Francesa. (N. E.)
- [73] Radio Audizioni Italiane, hoje RAI-TV, emissora estatal. Na Itália, cobra-se uma taxa para ter acesso às redes oficiais. (N. T.)
- [74] Barata, em napolitano. (N. T.)
- [75] Ratinho, como era chamado o carro popular da Fiat, que teve grande aceitação na época. (N. T.)
- [76] Ruído vulgar emitido pela boca, que expressa desprezo e escárnio. (N. T.)
- [77] Expressão usada pelos romanos para ofender as pessoas, xingando os falecidos antepassados delas. (N. T.)
- [78] Mercado de rua de Roma, onde é possível vender e comprar de tudo, roupas novas e usadas, antiguidades, móveis etc., sem que seja questionada a proveniência. (N. T.)
- [79] A máfia marsehesa. (N. E.)
- [80] Título concedido por méritos de trabalho nos vários setores da economia nacional. (N. T.)
- [81] Nome comercial de remédio estimulante, usado contra o cansaço. (N. T.)
- [82] Data em que se comemora a Queda da Bastilha, um dos principais episódios da Revolução Francesa. (N. T.)
- [83] Vento de Norte-Leste que sopra no golfo de Trieste. (N. T.)
- [84] Tradução de Geir Campos, do livro *Folhas das Folhas de Relva*, Walt Whitman, SP, Brasiliense, 1983, p.29